J. MARQUESI
DUAS VIDAS
SÉRIE RECOMEÇO - LIVRO 1

J. MARQUESI

Sumário

A Léia Campos, minha Liz, que esteve presente em cada ponto dessa história, seja na beleza e força da personagem principal, ou na profissão de fisioterapeuta. Amiga, obrigada por todos os esclarecimentos da área e por ter me aguentado durante essas semanas de consultoria forçada.

A Deus, sempre!

Ao meu marido e filha pelo incondicional apoio que têm me dado e todos os puxões de orelha, incentivando-me quando desanimava.

À minha revisora e editora (in)voluntária, mas principalmente amiga, Analine Borges Cirne, pelo excelente trabalho feito nessa obra.

A Aline Sant'ana pela maravilhosa capa.

A Laizy Shayne (da Layce Design) pela diagramação.

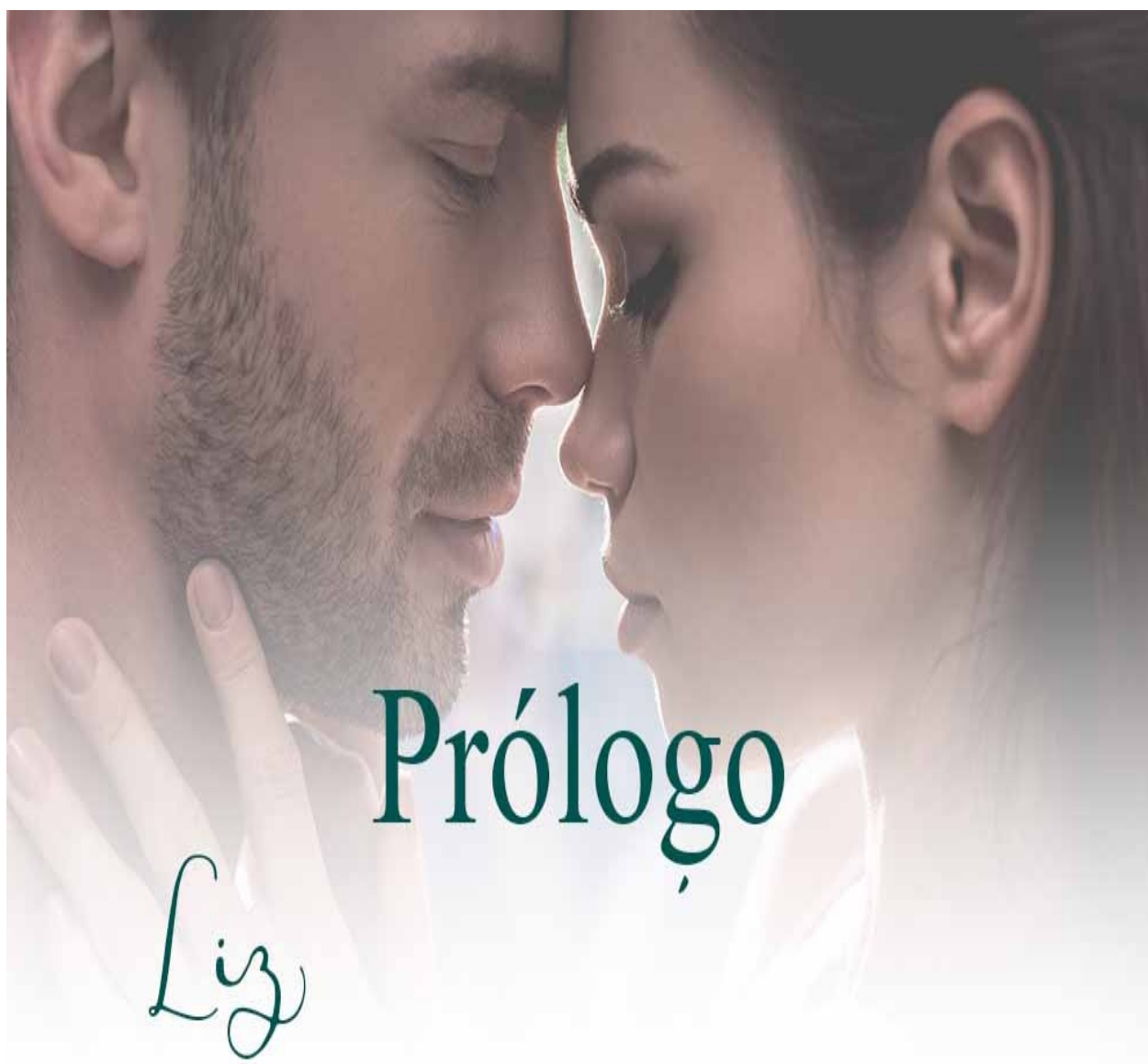
A Wilka Andrade, que se voluntariou a ajudar a divulgar meus livros em uma campanha de um grupo e que, a partir daí, ganhou uma amiga mala e louca.

À autora Ale Silva, que betou o livro desde o início, deu-me toques de como conduzir a trama, ajudou-me a enxergar erros ainda quando estava publicando no *Wattpad* e aguentou todas as minhas loucuras sobre o enredo.

A todas as blogueiras, em especial à Camila Gasana e Débora Favoretto, que abriram as portas para a Família Villazza e que desde o começo vêm me apoiando.

Aos meus amados leitores do *Wattpad*, que acompanharam capítulo por capítulo e que enlouqueceram de curiosidade sobre o gêmeo da história.

E a você, leitor, que está prestes a conhecer mais uma série feita com muito amor e carinho. *Recomeço* trará histórias independentes, porém, com um elemento em comum: a superação. A cada livro iremos conhecer pessoas que precisam renovar suas esperanças, reerguer suas vidas em busca da felicidade.

#GratidãoSempre

Angra dos Reis, 10 anos antes.

Ele está de volta!

Corro para fora da pequena casa onde moro, situada no terreno de uma enorme ilha particular, para avistar, ao longe, o helicóptero da família Palmer baixando no heliponto. Os Palmers não visitavam a ilha há quase um ano, quando todos retornaram de vez para morar nos Estados Unidos.

William David James Palmer, chamado por todos, inclusive por seus empregados, de Bill, é o proprietário deste pedaço de terra cercado por um mar azul e profundo na baía de Ilha Grande, em Angra dos Reis. Eu moro aqui porque meu avô, Paulo, é caseiro e faz-tudo do lugar antes mesmo que o

americano comprasse a ilha de outro estrangeiro.

Minha mãe passou boa parte da infância nesta ilha e ainda jovenzinha saiu daqui para trabalhar em um hotel famoso também situado em uma milionária ilha deste local paradisíaco. E, até onde sei, foi lá que fui concebida, provavelmente fruto de algum encontro clandestino entre ela e um hóspede abastado que nunca lhe olhou uma segunda vez.

Respiro fundo, pensando em minha mãe, Cláudia. Ela não vive aqui conosco, embora venha para cá em alguns finais de semana. Mamãe mora no continente, em Angra, e trabalha para um político, tomando conta de suas filhas. É até engraçado pensar nela como babá, pois nunca, nunca mesmo, foi verdadeiramente minha mãe.

Meus avós me criaram. Vovô Paulo e vovó Cinira foram meus pais, meus apoiadores, aqueles que possibilitaram que eu vivesse. Não, não é drama, é a verdade, e eu sempre soube que a primeira ideia que passou pela cabeça de minha mãe, uma jovem de apenas 16 anos, quando engravidou, foi fazer um aborto, mas meus avós não permitiram.

Cláudia nunca foi muito presente, ou carinhosa, ou atenciosa, mas é minha mãe, e eu a amo mesmo sendo como é. Eu me lembro pouco de minha avó Cinira, que faleceu quando eu ainda era praticamente um bebê.

Quando fiz sete anos, mamãe conseguiu o emprego na casa do deputado para cuidar de sua filha mais velha e recém-nascida, e eu fiquei a cargo de meu avô. Não posso reclamar dele, não mesmo! Eu me sinto sortuda por tê-lo ao meu lado. Cresci livre e moleca, aprendi a nadar como um marujo – e a xingar também, o que ele lamenta até hoje –, a fazer pequenos reparos, inclusive nos barcos da propriedade, e a desbravar a natureza à minha volta.

Eu só vou ao continente para consultas médicas, quando fico doente, e para estudar, pois, depois que terminei o fundamental numa vila de pescadores da Ilha Grande, tive que fazer o ensino médio na cidade e fazia o trajeto diário para lá em uma pequena lancha que meu avô conduzia pelo mar.

Olho novamente para o heliponto, vendo um a um deles descer do veículo e me lembro da primeira vez em que os vi.

Eu tinha 12 anos de idade quando a família Palmer comprou a ilha do senhor Snezek e veio passar o primeiro verão aqui. Nem preciso dizer que fiquei completamente encantada com os novos moradores, afinal, o velho polonês mais alugava a casa do que ficava por aqui e a maioria dos veranistas que apareciam eram formados por grandes grupos de empresários que queriam um local distante e discreto para suas "festinhas" particulares, regadas a mulheres e drogas.

Meu avô sempre me manteve em constante vigilância quando esses grupos

apareciam, mesmo eu sendo ainda uma criança, e eu não entendia por que não podia ir ver as festas que arrancavam tantas gargalhadas das mulheres e que viravam a noite inteira com som alto. No entanto, agora, com quase 18 anos, sei muito bem o motivo dele.

Então, há quase seis anos, em um verão de janeiro, o helicóptero dos Palmers baixou aqui pela primeira vez. Eu me lembro de que estava no mesmo lugar onde estou agora, olhando um a um descer do veículo. Primeiro, o senhor Palmer – que na época já estava um tanto grisalho –, e em seguida, a senhora Mari com a pequena Rebecca, de seis meses de idade.

Então o helicóptero decolou, e a família foi cumprimentar os empregados, que os esperavam em frente à porta principal da casa, sumindo do meu campo de visão. Eu não estava lá com eles, pois, além de não trabalhar aqui, meu avô achara melhor conversar com o senhor Palmer antes de me apresentar – ou mesmo falar sobre mim – ao homem.

Eu entrei em casa e escrevi no meu diário sobre a família, descrevendo pormenorizadamente cada uma das pessoas que ali chegaram, inclusive suas roupas. Meia hora depois, ouvi novamente o barulho das hélices e corri para fora a fim de ver quem chegava.

Foi então que o vi pela primeira vez, embora ainda não soubesse quem era. Um adolescente com cara de poucos amigos, cabelos claros penteados para o lado, branco, alto e magrelo desceu do helicóptero segurando as madeixas para que não saíssem do lugar, olhando tudo à sua volta. Eu sorri ao pensar nele como um “mauricinho”, pois era assim que chamávamos meninos mais arrumados no colégio.

Ele se virou, gritou alguma coisa em direção à aeronave e, de repente, mais um como ele apareceu. Eu arregalei os olhos ao ver dois garotos idênticos praticamente correndo em direção à casa bem no meio da ilha.

Sorri ao pensar que ali ficaria uma família grande, com três crianças, feliz por, enfim, ter companhia.

— Analiz! — o chamado de meu avô me traz de volta à realidade e me faz parar de encarar o helicóptero. — Entra!

Rolo os olhos e bufo, irritada por todos aqui serem tão chatos.

— Vovô, eu só estou olhando para ver se a pequena Becca veio...

— Analiz, eu conheço muito bem você, mocinha, e sei que seu interesse na família Palmer não tem nada a ver com a senhorita Rebecca. — Ele põe as mãos na cintura. — Nós já conversamos sobre isso, filha!

Contenho-me para não discutir com ele, pois sei que um traço que puxei ao vovô é a teimosia. Discutir o irritará e o deixará alerta, e eu não quero nenhuma dessas duas coisas, definitivamente não!

Thomas está de volta depois de um ano longe!

Tento manter o sorriso afastado de meu semblante, mas por dentro estou em festa. Tom voltou! Tom voltou! Tenho vontade de cantar e dançar somente por ele estar aqui.

Olho-me no espelho, conferindo se meu rosto está limpo, pois estava há pouco mexendo na horta atrás da minha casa, e me sinto satisfeita ao perceber que as pavorosas espinhas que cultivava até ano passado desapareceram. Dou um sorriso daqueles bem arreganhados, conferindo se não há nada entre meus dentes e estico o pescoço para ver se vovô já voltou aos seus afazeres de hoje.

— Este ano, Liz, ele verá que você cresceu e já não é mais a menina magrela e cheia de espinhas como ele disse! — Estufo o peito, orgulhosa do volume ganhado pelos meus seios durante esse tempo que ele passou longe, pensando no biquíni que comprei na cidade quando estive por lá fazendo compras com Marisa, a governanta da casa. — Esse ano ele irá perceber que eu sou melhor do que aquela última moça que trouxe aqui!

Pisco o olho para mim mesma, correndo na direção do quarto para colocar o biquíni da sorte e ficar zanzando pela praia, porque sei que, uma hora ou outra, Tom vai para o mar, e eu estarei lá, esperando-o.

A cada passo que escuto, preparo-me para reencontrá-lo, mas nunca é o objeto dos meus sonhos quem aparece. Primeiro foi o Gonçalo, o capitão do iate dos Palmers, que chegou de sua casa no continente para servir aos patrões. Agora quem aparece e se senta ao meu lado é o inconveniente filho dele, Higor.

— Ei, sereia! — diz com seu tom sempre animado. — Há um tempão que não nos vemos. Tudo bem?

Solto o ar devagar, acalmando-me por, mais uma vez, não ser o Tom. Eu já estou há horas vagando sem rumo pela pequena faixa de areia da ilha, mas ele ainda não apareceu como sempre faz quando está aqui.

Desde que nos conhecemos, anos atrás, ele desce para a praia assim que chega, enquanto seu irmão fica dentro de casa estudando. Tom e Eric, apesar de gêmeos, nem parecem ser irmãos. Enquanto Thomas é animado e festeiro, Eric está sempre em casa, enfurnado com seus livros, estudando ou mesmo “se divertindo”, como disse uma vez – referindo-se à leitura.

Eu me lembro de que um dia fiquei olhando para ele como uma doida, sem entender nada da conversa – ele tentava me explicar algo relacionado a um escritor famoso do seu país –, só porque ele me ouviu falar que “no amor e na

guerra vale tudo” para Rita, uma moça do serviço da casa. Eric me deu uma aula sobre um livro do tal autor com título parecido com a frase e, enquanto ele falava, eu ouvia Tom rindo e jogando vôlei com seus amigos.

Enquanto a conversa com seu irmão durava, ouvi Tom várias vezes cantando a palavra *boring*, que, depois de um tempo, descobri que significava *chato*. Porém, adorei sentir os olhos dele em cima de mim enquanto eu fingia interesse no mais velho. Eric nunca foi de conversar comigo, mesmo porque eu nunca lhe dediquei um só olhar, pois todos eles pertenciam ao Thomas, mas naquele dia falou muito, e eu fui dando corda.

No dia seguinte encontrei Eric sentado numa rocha, olhando o mar e escrevendo algo e foi só por isso que eu soube que era ele, pois sempre estava com seu bloco de anotações. Olhei em volta e vi que Tom não estava por perto, então decidi passar rápido e torci para que ele não me percebesse, mas infelizmente o fez.

Naquele dia Eric me entregou um livro – *Hemingway no Amor e na Guerra*[1] – e me disse que gostaria que eu o lesse. Fiquei sem graça por ele estar sendo tão fofo comigo e acabei me sentando ao seu lado, e assim conversamos a tarde toda.

Li a história sobre o primeiro amor do grande romancista americano, que foi uma enfermeira que cuidou dele na Segunda Guerra Mundial, e confesso que, a partir dali, meu amor pelos livros começou. Eu fiquei animada para contar a Eric que havia gostado, mas ele voltou a me ignorar depois da tarde que passamos juntos, tornando a ser o engomadinho chato e antissocial que eu conhecia.

Isso foi há mais de dois anos, porque, no ano passado, apenas Thomas veio para a ilha, e Eric ficou em casa estudando, pois estava fazendo faculdade para ser advogado.

Em vez do irmão engomadinho, Tom trouxe umas loiras magrelas e peitudas com ele, deixando o pai irritado e fazendo com que as férias da família fossem encurtadas, tamanha discussão que arrumavam todos os dias.

— Ei! — Higor estala os dedos na frente do meu rosto. — Terra chamando Analiz!

Rolo os olhos para ele e o encaro, chateada por ele me chamar pelo nome completo.

— Você não tem mais ninguém para aborrecer hoje não? — inquiro, irritada pela presença dele e pela demora de Thomas. — Vai ajudar seu pai lá na marina!

Ele gargalha e chega mais perto.

— Sereia, sereia... o cara é um babaca, eu já te disse!

Balanço a cabeça, recriminando a inveja que ele sente de Thomas. Os dois

nunca se deram, embora sejam quase da mesma idade e gostem praticamente de fazer as mesmas coisas.

Higor tem frequentado a ilha há mais de um ano, desde quando seu pai foi contratado para cuidar dos barcos da família. Ele é engraçado, embora inconveniente, e é um garoto bonito, cabelos escuros e bem curtos, olhos castanhos e um sorriso delicioso, mas... não é o Thomas. Por mais que eu ache um homem bonito, nunca me interesso por nenhum deles por causa de Tom. Eu sei que um dia ficaremos juntos e por isso me guardo para ele.

Sim, eu sou uma das poucas moças com 17 anos ainda virgem! E não só de corpo, de boca também! Eu quero os beijos e os carinhos de Thomas, de ninguém mais. Eu sonho com ele desde meus 12 anos, quando comecei a entender essa coisa de namoro, e nunca aceitarei outro.

— Quanta inveja do filho do patrão, hein, Higor?! — Rio, sarcástica.

Ele gargalha.

— Nem é, sereia! — Finalmente se levanta, limpando a areia de seu short. — É só a verdade, e o digo porque gosto de você e acho triste te ver correndo atrás dele como um cachorrinho sem dono pedindo atenção.

Eu o fuzilo com os olhos, detestando a descrição.

— Eu não faço isso!

— Não?! — Balança a cabeça. — Faz, sim! E o pior, ele sabe e por isso não perde a oportunidade de te exibir para os outros, de mostrar o quanto você é louca por ele! É triste, Liz!

Fungo, tentando não ouvir essas palavras tão injustas. Thomas não faz nada disso, ele apenas é... divertido e gosta de brincar com as pessoas. Eu não consigo entender por que ele é tão incompreendido por todos!

— Você merece mais, Liz! — Eu o encaro. — Mas, infelizmente, o Thomas não tem conteúdo suficiente para dar o que você tanto quer e merece.

— Você não sabe...

— Mas a vida é sua, sereia! — Dá de ombros e se afasta de mim, andando para o outro lado da ilha em direção à pequena marina onde ficam os barcos menores da propriedade.

O sol de meio-dia está castigando minha pele, porque mais uma vez esqueci o protetor solar, então me levanto para retornar à minha casa, porém, antes que eu dê dois passos, vejo-o.

Não é possível que o Thomas esteja ainda mais bonito que no ano passado! Mas sim, ele está. E mais uma vez está acompanhado, dessa vez por dois caras que nunca vi e uma mulher ruiva e linda.

A insegurança ameaça me abater cada vez que fixo meu olhar na moça. Eu, apesar de ser bonita, sou muito comum perto daquela pessoa tão colorida! Sim...

pele branquinha, cabelos ruivos – de um vermelho intenso – e olhos verdes. Colorida demais, e eu sou apenas... morena.

Respiro fundo, tentando não demonstrar o que sinto e os espero na praia. Um dos homens que não conheço é o primeiro a me ver e comenta algo com Tom, que apenas assente e sorri para mim.

— Analiz! — Eu sorrio para ele. — Ora, ora... — Ele dá risadas. — Acabei de ver aquele seu namoradinho saindo daqui. — Abro a boca para negar que Higor seja meu namorado, mas ele continua: — Espero que vocês dois não estejam usando minha praia para fazer safadezas!

Todos riem, e eu sinto meu rosto arder.

A ruiva fala algo em inglês para ele, fazendo-os aumentarem a risada.

— Eu... eu estou apenas pegando sol... — tento justificar.

— Hum... não acha que sua pele já está... escurinha demais não?

O desconhecido que o acompanha olha minuciosamente para meu corpo.

— Não, não, Tom... ela está no ponto!

— Só se for para você, meu amigo. — Ele enlaça a ruiva pela cintura. — Prefiro algo mais fresco, menos curtido.

Meu coração se parte ao vê-lo beijar a moça, e peço licença, querendo correr de volta para casa e chorar em minha cama. Tento manter minha dignidade o quanto posso, mas as lágrimas se empoçam nos meus olhos, então começo a correr.

Ainda consigo ouvir as gargalhadas do grupo e, correndo, fecho os olhos com força, querendo sumir de vergonha. De repente sinto-me trombar com algo, e braços fortes me apertam, transmitindo consolo. A princípio penso se tratar de Higor, mas, como meu amigo não é tão alto quanto quem me abraça, afasto-me.

Eric me encara com seus enormes olhos verdes.

— Eles te trataram mal? — sua voz, embora parecida com a do irmão, é calma e suave.

— Não... Eu apenas acho que tomei sol demais. — Afasto-me dele.

— Tem certeza?

Afirmo, e ele chega para o lado, saindo do meu caminho.

Continuo o trajeto até minha casa, nos fundos da propriedade, dessa vez sem correr, mas ainda me sentindo a pior das criaturas de Deus. Primeiro, por ter visto Tom beijando aquela mulher colorida, e depois, por Eric ter me flagrado tão descompensada... Quanta humilhação!

— O helicóptero está trazendo o senhor Palmer, a senhora Mari e a Rebecca — ouço meu avô conversar com Gonçalo. — Vamos esperar que dessa vez não haja nenhuma confusão porque o senhor Thomas trouxe companhia.

— O pai dele deve estar sabendo, ao que parece, a moça veio de Nova

Iorque com eles.

— Eu queria que apenas o senhor Eric voltasse para cá...

Meu avô me vê e se interrompe, notando meus olhos vermelhos.

— Analiz, o que houve? — pergunta preocupado.

— Eu fiquei muito tempo no sol e estou com dor de cabeça. — Ele parece acreditar no que digo. — Vou me deitar um pouco.

— É uma ótima ideia! — Viro-me para entrar em casa, mas ainda consigo escutá-lo: — Estou pensando em mandá-la para o continente um pouco...

Fecho os olhos, temendo que meu avô me mande para ficar na casa de alguém em Angra e, com isso, afastar-me do Tom.

Eu não quero ir! Não mesmo! Se eu ficar aqui, ainda posso mostrar para ele que sou uma mulher, que sempre o amei e que nós dois juntos podemos viver uma grande história de amor.

— *Quando a chuva passar/quando o tempo abrir/abra a janela e veja eu sou o sol/Eu sou céu e mar/eu sou seu e fim/e o meu amor é imensidão.*

O céu está estrelado, e o clima, quente, por isso peguei meu violão e me sentei na beira da praia para cantar. Eu gosto disso. É uma delícia ficar aqui, só com a lua e as estrelas a iluminar tudo, ouvindo o som das ondas e deixando todo sentimento guardado dentro de mim aflorar através de uma canção.

Aprendi a tocar e a cantar com meu avô. Ele é um musicista maravilhoso, embora o único estilo que toque é o samba. Eu aprendi os outros ritmos sozinha, comprando revistas de cifras e vendo outras pessoas tocarem. Eu amo a MPB! É estranho que uma garota da minha idade goste tanto, mas eu realmente sou apaixonada pela música do meu país.

Toco todos os dias, dentro do meu quarto, mas hoje eu precisava vir aqui e tentar expulsar o desânimo e a tristeza de dentro de mim.

Lembro-me do que passei nos últimos dias.

Durante o tempo em que os Palmers ficaram na ilha, eu mal consegui conversar com Thomas, pois os três amigos dele estavam sempre próximos.

Então, para chamar um pouco a sua atenção, comecei a me pendurar em Higor, e isso surtiu efeito. Thomas ficava me encarando, e eu, dentro do que havia planejado, parei de correr atrás dele apenas para que sentisse como é ruim não ter atenção. Higor estranhou no começo, mas depois acho que acabou por acreditar que eu não estava mais interessada no Tom.

Foi então que chegou a carta. Eu acordei e lá estava ela, presa embaixo da

minha janela de venezianas de madeira. Li o bilhete escrito por Tom, sem poder acreditar nas suas palavras e me sentindo a mulher mais sortuda do mundo!

Meu aniversário seria no dia seguinte, e ele dizia na carta que queria passar um tempo junto comigo e me dar um presente especial. Então marcou um encontro na casa de barcos, do outro lado da ilha.

Eu respondi que iria e deixei o bilhete no mesmo local em que achara o meu, como ele me instruíra a fazer, pois pegaria a resposta.

Passei o dia todo nervosa, pensando no que ele ia me dizer e no que eu diria também. Minutos antes do encontro, tomei banho, arrumei-me, coloquei hidrante para a pele ficar macia e um pouco de perfume.

Fui escondida para lá – disse ao meu avô que iria ajudar a Rita na casa dela –, mas, ao chegar à cabana, a mesma estava vazia. Esperei por algum tempo, temerosa de ter entendido o dia errado, repassando em minha mente palavra por palavra do que ele escrevera.

Um barulho chamou minha atenção e, duas horas depois do horário combinado, Tom apareceu.

— Você veio! — exclamei com um enorme sorriso.

— Eu quase não vim. — Riu sem jeito. — Eu não sei como...

— Deixa que eu fale primeiro! — interrompi-o e me aproximei. — Eu sou louca por você, sabe? Aquilo tudo... minha atenção com o outro é apenas por não saber como mostrar para você o que sinto.

— Analiz... não fala isso!

— É verdade! — Encostei uma de minhas mãos em seu peito. — Eu sempre achei que você me via como uma menina desajeitada, mas eu não sou mais uma menina! Eu sou uma mulher e quero você...

Ele negou, e eu me aproximei.

— Eu quero você, mais ninguém, só você, não leu isso na minha carta?

Ele então me beijou – meu primeiro beijo –, e foi tão bom e intenso como sempre achei que seria. Nós nos agarramos como loucos, desesperados, e ele não parava de me beijar um só segundo.

— Eu achei que ia morrer de ciúmes durante todo esse tempo, mas nunca pensei que... — Beijou-me mais uma vez. — Eu queria me manter longe, por isso meu distanciamento, mas...

Eu o agarrei pelos cabelos, retribuindo a mais e mais beijos e, quando dei por mim, estava praticamente sentada em cima da mesa que Gonçalo usava para apoiar os pequenos motores.

As mãos de Thomas passeavam em todas as partes do meu corpo, e eu me deleitava a cada toque, cada beijo. Sua boca deslizou pelo meu pescoço e entrou pelo decote do meu vestido. Eu mesma abri os primeiros botões dele, deixando

Tom com livre acesso aos meus seios nus, pois eu não havia posto sutiã.

Fui aos céus com a sua boca me chupando, lambendo, mordendo. Deitei-me na mesa quando senti sua mão avançando dentro da minha calcinha, tocando em minha intimidade da mesma forma que eu, havia algum tempo, tinha aprendido a fazer.

Nossas bocas voltaram a se encontrar enquanto seus dedos brincavam com a parte mais sensível do meu corpo, fazendo-me ansiar, arfar e querer.

— Por favor!

— Não! — ele disse, ofegante. — Não posso fazer isso...

— Eu quero! É quase meu aniversário já! — Encostei minha boca em sua orelha e murmurei, rindo: — É o meu presente especial!

Thomas bufou, e eu sabia que havia vencido a resistência dele.

Senti-o puxando minha calcinha para baixo. Eu confesso que estava nervosa, afinal, era minha primeira vez, mas eu não esperava o que ele fez, definitivamente não!

Quando me dei conta, tentei impedi-lo, mas ao sentir seus lábios e sua língua no meio das minhas pernas, simplesmente me entreguei e o deixei seguir me dando um prazer que eu nunca sonhei existir.

Foi mágico!

Então, ainda no ápice do orgasmo, senti algo me preenchendo e uma dor profunda que me fez gritar e me encolher.

— Ah, não! — ele lamentou, e eu o encarei.

Thomas estava com os olhos fechados, as narinas dilatadas e a respiração ofegante.

— Você era virgem... — constatou já se afastando de mim.

Eu, no meu desespero para não perder o contato com ele, segurei-o pelos braços.

— Não pare... por favor!

— Analiz, você tinha que ter me dito que era sua primeira vez e... — Ele passou a mão pelos cabelos. — Eu estou sem proteção. Porra, onde estou com a cabeça?!

— Eu amo você, nada disso importa! — Ele me olhou parecendo culpado, desesperado e se virou de costas para mim, com a cabeça baixa. — Thomas, eu amo você!

Ele emitiu um som que não consegui descrever.

— Eu não acredito nisso! — Riu, sarcástico. — Não, mesmo! Merda!

— Tom? — Sentei-me na mesa.

Ele se virou, olhando-me em desespero, arrumando sua roupa com pressa.

— Eu sinto muito, Analiz. Foi um erro... Eu não podia imaginar que...—

Desci da mesa para ir até ele, mas ele negou. — Não! — Deteve-me antes que eu o tocasse. — Mais tarde conversamos... Eu preciso ir.

E saiu correndo para fora da casa de barcos, deixando-me sozinha, dolorida física e emocionalmente. Recoloquei minha calcinha, arrumei meu vestido e me sentei no chão, chorando como louca, sem entender o que havia acontecido.

Não sei por quanto tempo fiquei por lá, só notei o quão mal eu estava quando Thomas voltou, e eu o agarrei com força, soluçando em desespero.

— Eu não sei o que eu fiz de errado, mas acredita em mim quando digo que amo você! É verdade!

Ele gargalhou e me afastou dos seus braços.

— Droga, Analiz! Você quebrou todo o clima, sabe? — Eu me senti gelada. — Era só uma trepada, garota, não era nenhuma declaração de amor!

Meu corpo inteiro começou a tremer, e eu me recusava a acreditar nas palavras dele.

— Era só diversão e...

— Você disse que se importava comigo... Eu era virgem, Thomas! — declarei baixinho, sentindo-me uma idiota.

— Pior ainda! — Gargalhou de novo. — Além de pobre, feia e burra... ainda era virgem. — Fez uma careta. — Não há tesão que aguente!

— Eu achei que você gostasse de mim...

— Está louca? Você sempre ficou se esfregando em mim, oferecendo esse seu corpo de puta e me enganou, viu? Eu achei realmente que você era uma mulher experiente! Virgem não rola, é sem graça e insossa!

Mesmo humilhada, mesmo com o coração partido por descobrir o que ele fizera comigo, eu ainda tive forças para acertar aquela cara cínica com um belo tapa e depois parti para cima dele com tudo.

— Garota! — Ele segurou meus pulsos com força. — Some daqui! Você não serve nem para diversão, você é tosca!

Ele me soltou, e saí correndo dali tanto quanto meus pés puderam me levar. Passei correndo pela área de lazer – coisa que eu não tinha autorização para fazer – e fui para a parte da ilha toda coberta de mata.

Chorava tanto que sentia meus olhos, nariz e boca inchados, mas não me importava, tudo o que eu queria era sumir daquele lugar. Cheguei à beirada de um precipício, vendo o mar batendo nas pedras lá embaixo.

Revivi cada momento, cada palavra que Thomas, o único garoto por quem eu me apaixonei, me falou e me senti a pior pessoa do mundo por ter me entregado tão facilmente a ele.

— Liz! — ouvi a voz do Higor. — Liz, eu vi você sair da casa de barcos. — Eu solucei. — Olha para mim, Liz. — Virei-me e o encarei. — O que ele fez a

você?

Eu não pude responder e acho mesmo que nem precisava, porque, depois de xingar, Higor me abraçou com força, passando a mão pelos meus cabelos e dizendo palavras doces.

— Me leva embora, Higor. — Ele negou. — Eu não quero mais ficar aqui.

— Seu avô...

— Eu vou dizer a ele que aceito ir à sua casa para ajudar sua mãe com suas irmãs pequenas. — Higor limpou minhas lágrimas. — Eu devia ter obedecido e ido quando ele me mandou.

— Está de noite...

— Mas você está indo para casa agora. Por favor! Meu avô confia em você e no seu pai, me leva!

Ele concordou, e, depois de me acalmar um pouco, fui correndo até em casa, falei com o vovô, e ele me deixou ir. Minutos depois, estava no barco indo para Angra.

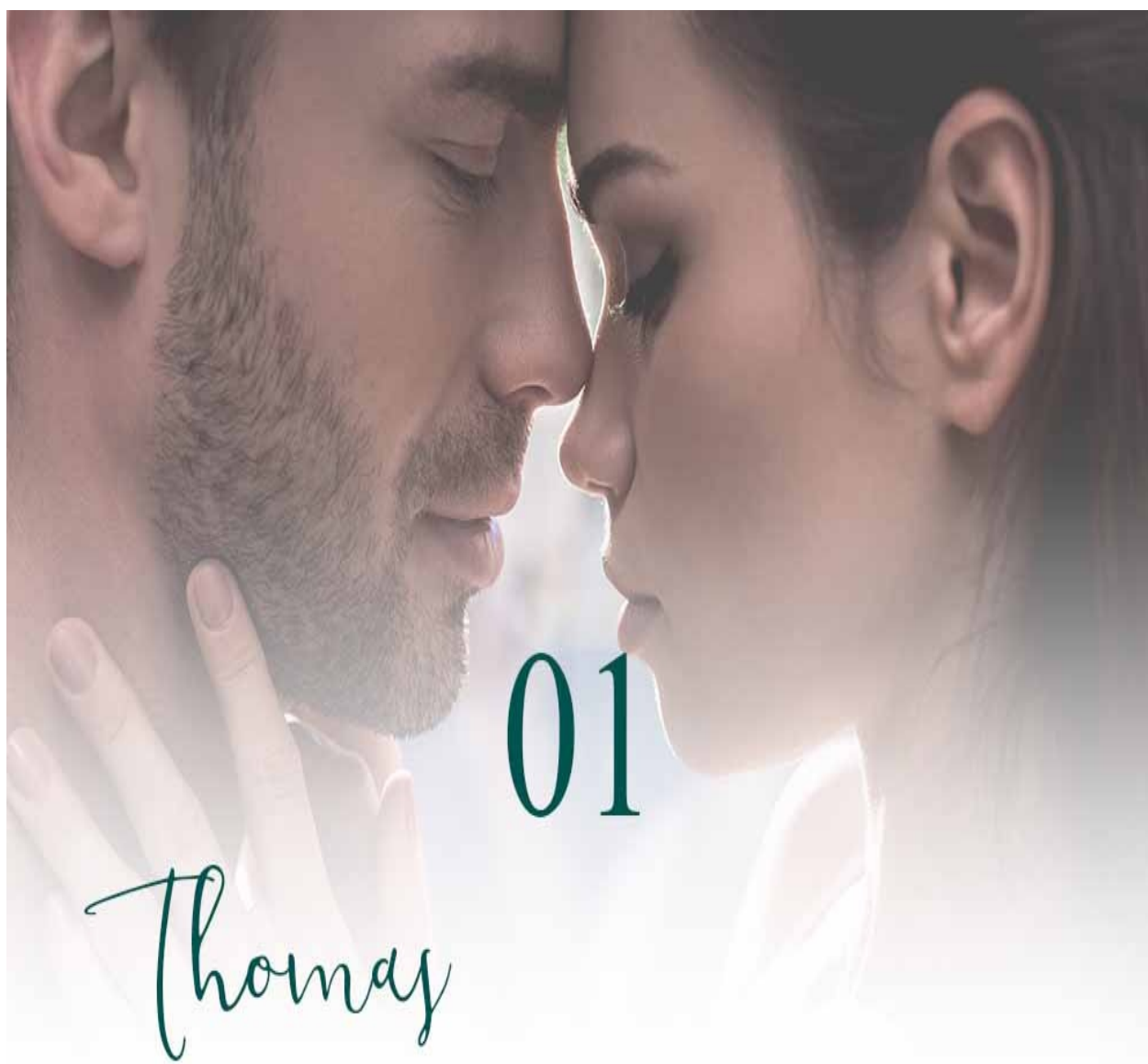
Só voltei para cá hoje, uma semana depois da fatídica noite e já com os Palmers de volta aos Estados Unidos.

Coincidentemente, saiu minha nota no vestibular que prestei no fim do ano, e eu passei com bolsa 100% integral para cursar fisioterapia no Rio de Janeiro, pois em Angra não tem faculdade.

Eu tenho parentes, irmãos do meu avô, que moram no Rio, em Madureira, e eles aceitaram me receber durante o tempo em que eu estiver estudando.

Paro de tocar, colocando meu violão ao meu lado, na areia.

Eu nunca mais vou voltar aqui! Nunca mais quero ver nenhum dos Palmers! Sei que meu avô permanecerá nesta ilha enquanto viver, mas eu não quero mais voltar.

Não, eu nunca mais piso aqui!

Los Angeles, tempos atuais.

A vida não tem como ser mais perfeita!

Levanto meu rosto para o alto, sentindo a brisa fria do começo do inverno, mas sem realmente me importar com isso. Cresci em Nova Iorque, e os 65ºF[2] que fazem agora na Califórnia deixam o clima incrivelmente agradável para a virada de estação.

Sigo meu caminho em direção à minha casa, em Beverly Hills, satisfeito por ter terminado meu último dia de gravação no estúdio e já cheio de planos para as minhas férias de inverno.

Provavelmente irei aceitar o convite do sheik que conheci há alguns meses

e visitarei seu país, no Oriente Médio, aproveitando para passar um tempo nos Emirados Árabes e esbanjar alguns dólares por lá. Após isso seguirei para o Japão, pois, em meados de janeiro, acontecerá a estreia de um dos meus filmes por lá, e depois com certeza irei até a Austrália para curtir o verão.

Sorrio pensando no cachê milionário que acabei de receber nesse último projeto. Eu gosto de atuar, gosto do meu trabalho, mas o melhor que ele me traz é a satisfação de estar ficando mais rico que meu próprio pai e poder esfregar isso em sua cara.

O velho desgraçado sempre me disse que eu seria um encostado, dependente de seu dinheiro. Agora, com a China tomando o espaço das grandes siderúrgicas americanas na venda de aço para o mundo, eu espero em breve tê-lo à minha porta, implorando por dinheiro para salvar suas amadas empresas.

E eu darei, sim, darei! Gargalho, acionando o controle-remoto do portão eletrônico do condomínio onde minha mansão fica.

Vê-lo vir a mim e se humilhar será o suficiente para eu lhe emprestar alguns dólares e lhe jogar isso na cara pelo resto dos seus dias. E o mais gostoso de tudo será lhe dizer que sua salvação veio do filho “cabeça de vento”, do “atorzinho”, e não do filho “íntegro”.

Penso em Eric, sempre o responsável, sempre o menininho do papai, o queridinho da vovó. Meu irmão gêmeo, mais velho do que eu por 17 minutos, é apenas mais um advogado trabalhando como um louco sem vida em Nova Iorque.

Claro que o escritório dele é grande, famoso e com uma cartela de clientes – principalmente grandes indústrias – muito ampla, mas ele demora mais de um ano para ganhar o que eu ganho em um único filme e ainda tem que dividir com seus sócios.

Eu sempre vivi à sombra do grande irmão, era apenas o filho rebelde de Bill Palmer, apenas o garoto problema, enquanto todos vislumbravam um futuro promissor para o meu irmão mais velho.

Todos estavam errados!

Quando eu comecei a me envolver com o teatro, foi apenas por farra e, claro, uma mulher: Sasha. Ela era linda e gostosa, ruiva, olhos enormes e verdes e um corpo curvilíneo e quente. Ficamos juntos por algum tempo, viajamos, curtimos, mas então eu descobri que realmente gostava de atuar, de me tornar outra pessoa, de mudar de pele.

Meu dom é inato!

Com 22 anos, passei no meu primeiro teste, em um espetáculo *off Broadway* ainda, mas, ainda assim, principal. Meu irmão sempre foi o gênio dos pianos, mas eu... eu tenho a voz! Claro que sei que não foi só por ela que

cheguei onde estou, meu rosto, meus contatos e meu corpo ajudaram muito também, e em menos de cinco anos já estava ganhando *Tonys*[3] e recebendo convites para o cinema.

Meus primeiros trabalhos em Hollywood foram em musicais, mas, depois que fiz meu primeiro filme de ação, a indústria foi à loucura, e eu cheguei a ser indicado ao Oscar.

Infelizmente, não o levei! Entretanto, o que eu queria de verdade já fiz. O sonho de estar acima daqueles dois já se concretizou.

Eu sou o famoso da família.

Sou o mais rico – se comparado ao meu querido irmão.

E o que melhor vive a vida, sem dúvida.

Desço da minha Ferrari já dentro da garagem e entro na mansão toda de vidro que construí como minha fortaleza. Tudo dentro dela é branco, valioso, exclusivo e meu. Não há nada aqui dentro desta casa que veio do dinheiro dos Palmers, nada!

Passo pela piscina e vejo as duas mulheres que estão hospedadas comigo curtindo um pouquinho do que resta do sol, sentadas em *chaises* e bebendo algum drinque.

— Tom! — as duas gritam em uníssono, mas eu apenas dou um aceno para elas, seguindo para o segundo andar, onde fica minha suíte.

Minha governanta já se encontra lá, preparando meu banho, pois sabe que sempre venho do estúdio direto para cá. Eu estou cansado, admito. Atuar é bom, o glamour do cinema é maravilhoso, mas há muito trabalho envolvido, muitas horas de preparação, muitas horas de repetição de cenas e de refilmagens.

— Dia longo? — ela pergunta, e eu apenas concordo, jogando-me em cima da cama. — Sua madrasta ligou duas vezes, querendo falar sobre o Natal. — Eu bufo e reviro os olhos. — A senhorita Evans também ligou, mas não deixou recado.

— Ela falou comigo ao celular — respondo seco, lembrando-me da ligação da noiva do meu irmão, com o mesmo assunto da minha madrasta: o Natal. — Depois eu resolvo esse assunto, Pam, ainda faltam alguns dias.

Ela assente e sai do quarto. Eu me levanto e começo a me despir, mas nem mesmo consigo tirar a camisa e sinto dois pares de mãos no meu corpo.

— Nós vamos cuidar de você, Tom! — uma das garotas, que não lembro se é Tiffany ou Lana, diz ao meu ouvido, lambendo-o.

Eu rio e me entrego em suas mãos, pois sei que não há forma melhor de se relaxar nessa vida.

Enquanto uma me despe, a outra avança até a minha mesa de trabalho e tira de lá uma pequena embalagem. Eu sorrio ao vê-la, com seu jeito perfeccionista,

formar duas idênticas carreiras de pó sobre o móvel.

Vejo-a aspirar sua porção e vir, saltitante, trocar de lugar com a amiga, que vai até o local para ter sua parte. Vou para a banheira e, lá, antes de entrar, minha carreira é formada.

A vida não poderia ser melhor!

Sou acordado pelo barulho estridente do meu celular e me amaldiçoo por ter esquecido de desligá-lo. Desenlaço-me do abraço das minhas companheiras e ando até o maldito aparelho, notando, infortunadamente, que é Mari, minha madrasta.

Confiro as horas antes de atender e xingo.

— Mari, você está maluca?! Sabe que horas são, porra?!

Ela ri.

— Sabia que ia te pegar despercebido e que assim, ainda meio sonolento, você iria atender.

— São 8h da manhã! — exclamo incrédulo. — Você tem noção de que eu acabei de dormir?

— Eu sei, embora aqui já seja quase hora do almoço, que você não é matutino. — Ri de novo. — Nunca foi...

— O que você quer?! — Perco a paciência.

— Nossa festa de Natal esse ano será em Newport. — Rolo os olhos. — Seu pai insistiu em sair de Nova Iorque para as festas, então estaremos hospedados por lá até o Ano Novo.

— E daí?

— Como *e daí*? Há dois anos você não aparece no Natal, Thomas James! Dois anos!

— Sentindo saudades de mim, Marilene?

Ouço-a bufar e tenho que me conter para não gargalhar. Minha madrasta odeia ser chamada pelo nome, e eu o faço para irritá-la, pois ela me irrita apenas por existir em nossas vidas.

Minha mãe, Martha Palmer, era uma lady. Eu me lembro bem dela, do seu cheiro, dos seus cabelos loiros e bem-arrumados e de sua voz doce e baixa. Eu era apenas adolescente quando ela morreu, mas tive 13 anos inesquecíveis ao seu lado.

Morávamos no Brasil, pois meu avô tinha comprado uma enorme siderúrgica no Rio de Janeiro, e meu pai, seu filho do meio, assumiu a direção

dela e das outras que posteriormente foram compradas. Foram anos incríveis, de diversão e muito amor, mas ela adoeceu – foi descoberto um câncer no pâncreas –, e nós retornamos aos Estados Unidos para tratamento.

Infelizmente ela só ficou mais seis meses conosco. Voltamos ao Brasil, e, menos de um ano após a sua morte, meu pai já estava assumindo sua amante brasileira, inclusive com direito a um bebê por vir.

Mari e eu sempre nos estranhamos, mas então eu cresci e deixei de brigar e discutir. Sei que ela não vale nada, é péssima mãe para minha irmã mais nova, mas me faço de morto, porque meu pai merece tê-la como esposa.

— Eric e Cassie confirmaram presença... — ela continua com seu discurso. — Parece que finalmente o noivado vai ser oficial, e ele pedirá a mão dela em casamento na véspera de Natal.

Um sorriso se forma em meu rosto. Essa é uma cena que não posso perder!

— Pode confirmar minha presença também, querida *mamãe*! — Ela xinga, e eu gargalho. — Vamos ter um maravilhoso Natal em família! A vovó estará presente também, obviamente, com o netinho predileto se amarrando.

— Claro que sim! Você sabe, não é, *queridinho*, que Eric sempre foi o mais amado dessa família e...

Desligo o telefone e, enraivecido, atiro-o longe. Vou até o aparador de bebidas e encho um copo de uísque, notando vestígio de pó ainda sobre o móvel. Vou até minha escrivaninha procurando por mais, porém, constato que meu estoque acabou.

Sigo para o banheiro, pego algumas pílulas e as tomo com um só gole de uísque, encarando-me no espelho. Olhos vermelhos, ressaltando o verde das íris, um rosto que estampa revistas, pôsteres e outdoors, e ainda assim me sinto uma sombra!

Eu nunca vou ser o suficiente! Eu posso ser podre de rico, famoso, encher-me de prêmios, mas nunca serei tão bom quanto o otário do meu irmão!

Jogo o copo contra o espelho, sentindo-me um perdedor, um inútil. Eric sempre vai ganhar de mim, sempre! Não importa o que eu faça, não importa o que eu conquiste, eu nunca serei ele.

— Tom?

Tiffany aparece, nua e gloriosa, à porta do banheiro, olhando assustada para o vidro quebrado e o espelho espatifado. Olho para ela, comparando-a com a noiva sem sal do meu irmão, percebendo que até as mulheres mais bonitas eu possuo, mas, ainda assim, não estou à altura dele.

— Tudo bem? — Ela volta a falar, e, logo atrás dela, aparece Lana. — Você precisa de alguma coisa?

Não! Eu não preciso de nada, tenho tudo!, quero gritar isso para ela, mas

não o faço, porque, dentro de mim, sei que não é verdade. Eu quero a única coisa no mundo que dinheiro nenhum pode comprar: a vida do meu irmão.

Quero que meu pai olhe para mim como olha para ele. Quero que minha avó sorria e me afague como faz com ele. Quero que todos sintam orgulho de mim como sentem dele!

Penso na celebração do Natal, constatando que, mais uma vez, o foco será Eric. *Esqueçam o nascimento de Cristo, isso não é importante, afinal, Eric Palmer vai ficar noivo!*

E é claro que todos os grandes amigos estarão lá para acompanhar o momento perfeito do filho amado. *Nada pode dar errado! Eric merece um evento perfeito!* Provavelmente é o que meu pai anda alardeando por aí.

Olho para as duas aspirantes a atrizes que estão comigo e me olham assustadas neste momento. Tiffany e Lana estão tentando a sorte em LA, mas, há mais de dez meses, estavam trabalhando como garçonetes e sem nenhum trabalho à vista.

Eu lhes ofereci ajuda quando as conheci, e agora ambas possuem um contrato assinado para estrelarem filmes adultos. Claro que não era o sonho delas, mas, afinal, filme é filme, e a indústria pornográfica é tão glamourosa quanto a tradicional.

Uma ideia surge em minha mente, e eu abro um enorme sorriso para as duas.

— Meninas, vocês têm compromisso para as festas de final de ano? — Elas me olham curiosas e negam. — Ótimo! Vocês ficarão comigo!

— Vai dar uma festa de Natal aqui? — Lana questiona animada.

— Ah, não. — Gargalho. — Será mais animado do que isso. — Aproximo-me e abraço as duas. — Vamos para a casa da minha família!

Nova Iorque, tempos atuais.

O barulho constante do trânsito lá embaixo, na rua, faz-me respirar mais fundo, e meus dedos param o trabalho frenético no teclado do computador. Olho para a tela, lendo mais uma vez a tese de defesa que estou montando desde o momento em que acordei.

Levanto-me e vou até a cozinha me servir um café.

Hoje resolvi não ir para o escritório na parte da manhã. Tenho essa defesa para montar e prefiro estar em casa, quieto, para conseguir ler todas as jurisprudências favoráveis ao assunto para montar minha tese e as desfavoráveis para adequar à defesa.

Encosto-me ao balcão para esperar a máquina terminar de passar o café, e meus olhos são atraídos para a máquina de escrever em cima do aparador da sala, mais um artigo raro de decoração do que um instrumento de trabalho. Suspiro.

Houve uma época da minha vida em que eu pensei que seria escritor, como Hemingway, Gabriel Garcia Márquez ou George Orwell. Comprei minha máquina de escrever quando tinha apenas 13 anos, passei meses juntando mesada, porque queria uma especial, uma que contasse uma história em si, independentemente das que eu contaria.

Essa Remington é do mesmo modelo usado por Orwell para escrever seu famoso *1984*. Não é a máquina do famoso autor, mas ainda assim tem uma história para contar. Eu ficava às vezes me perguntando quem a teria usado e o que foi escrito por ela. Isso me inspirava, e eu a levava comigo para onde quer que fosse.

Quando meu pai reclamava muito do peso da bagagem e da demora no despacho das malas por causa dela, eu a deixava em casa, mas seguia sempre com um bloco de papel e uma caneta. Tudo à minha volta era motivo de inspiração, e eu, de alguma forma, encaixava o que via nas minhas aventuras, dramas e romances.

Todavia, claro que o filho mais velho de Bill Palmer não seria um romancista. Óbvio que não!

Meu pai sempre viu meu amor pela leitura e escrita como um hobby, não como uma profissão. Os homens da família Palmer não são artistas, são empresários, advogados, juízes ou políticos. Eu, desde meu nascimento, tive meu caminho traçado na advocacia, principalmente por ter recebido o nome do meu avô: Eric.

Olho para minha mão esquerda, onde pesa o enorme anel de ouro maciço da Harvard Law School, anel esse que também era do meu avô, assim como meu nome.

Fito a Remington ali naquele móvel, triste, inútil, apenas um artigo antigo e raro parte da decoração e sinto meu coração apertar ao me lembrar da última vez em que a usei, há três anos.

Rio ao pensar no quanto a vida é surpreendente, e o destino, implacável, pois era inimaginável eu me separar dela, e agora mal a noto durante a correria do dia a dia no escritório. Ali, naquela máquina de datilografar, que para muitos é um instrumento arcaico, eu compus poemas, desenvolvi tramas e escrevi cartas, sempre, é claro, aguentando os deboches de Thomas.

Sirvo o café, disposto a mudar o rumo dos meus pensamentos, mas, depois da notícia que tive ontem – de que Thomas participará da minha festa de noivado

no Natal –, meu cérebro parece querer rememorar os anos que, fora a doença e morte de minha mãe, causaram um trauma e uma rachadura na família Palmer.

Na volta para casa após as férias na ilha em Angra dos Reis, no Brasil, há 10 anos, meu pai e Thomas – que nunca se deram bem – passaram a fazer de tudo para provocarem um ao outro.

Minha relação com meu irmão mais novo sempre foi conturbada, de amor e ódio, mas eu sempre fiquei do lado dele quando precisou, afinal, ele era minha família. Quando criança, mamãe praticamente colocou Thomas em uma redoma de vidro, ou uma bolha, e o deixou lá.

Ele nasceu 17 minutos depois de mim, mas estava fraco, seus pulmões não haviam amadurecido o suficiente para o nascimento e ele precisou ficar na incubadora por um tempo. Lá, pegou uma infecção e quase morreu. Depois disso, minha mãe o tratava como se ele fosse se partir à menor queda, ao menor impacto.

Eu me lembro dos meus pais discutindo por isso. Meu pai reclamava muito da maneira como ela nos criava, mas o que mais o incomodava era a sua superproteção para com o Tom.

Mamãe nunca lhe deu ouvidos, e cada vez que Thomas aprontava, ela lhe dava cobertura. Martha Palmer foi uma mãe incrível para nós dois. Mesmo com sua predileção pelo filho menor, eu me sentia amado e querido por ela. Mesmo garoto, eu entendia que tudo o que ela fazia para o Tom era por ele ser mais frágil do que eu. Então foi esse papel que tomei para mim, o de forte. Era eu quem aguentava o peso das expectativas de papai, virando as noites para lhe trazer as melhores notas, participando de torneios de golfe com seus amigos e filhos, embora odiasse o esporte. Fazia de tudo para não o aborrecer, para deixá-lo feliz, pois assim ele não brigava tanto com meu irmão.

Quando mamãe morreu, eu tomei o lugar dela na proteção a Tom, porém, percebi que, quanto mais o protegia, mais revoltado ele ficava. Dois adolescentes tão iguais na aparência, mas tão diferentes em todo o resto. Nós dois ficamos um tempo à deriva, sem saber o que fazer depois que mamãe se foi para sempre. Então, aconteceu a Mari.

Thomas ficou revoltado ao saber que papai iria assumir a amante – que nós sempre desconfiáramos que existia – e que ela nos daria um irmão. Eu confesso que também fiquei magoado, mas já estava tão habituado ao meu papel dentro dessa família – o de sempre forte – que não demonstrei nada do meu desagrado.

Recebi a Mari, lidei com ela, aprendi a conviver. Não posso dizer que ela seja uma pessoa extraordinária e admirável, porque não é, mas a escolha de esposa que meu pai fez é somente responsabilidade dele.

Minha única preocupação é com Rebecca, minha irmã caçula. Meu pai,

como esperado, foi tão ausente em carinho e apoio com ela quanto foi conosco. Ele sempre foi ótimo em cobrar as coisas, mas nunca teve o mesmo empenho para acarinhar e apoiar um filho. E Mari... bem, Mari é a Mari! Não há mais nada na cabeça de minha madrasta além de viagens, festas e compras. Isso é tudo o que ela sempre amou fazer. O seu dom é esse, não a maternidade, então eu acabei assumindo mais um papel: cuidar de Becca.

Sorrio ao pensar na minha irmã linda, sensível, incrível como poucas pessoas no mundo. Rebecca tem um jeito e um coração que não dá para explicar. Ela toca as pessoas com seu jeito meigo, com sua dedicação e seu respeito ao próximo. Eu nunca imaginaria conhecer uma adolescente como minha irmã. Nunca! No ano passado ela se voluntariou e foi para um país caribenho, participar de mutirões. Lá ela auxiliou a construir moradias, ajudou no atendimento médico de crianças e deu aulas de inglês.

Meu pai, claro, apoia e se agrada desses feitos, mas não pelo bem da causa em si, mas pelo marketing futuro que isso trará para Becca, escolhida para representar o ramo político da família.

Eu sinceramente não vejo minha irmã assumindo uma cadeira no Congresso e creio que nem ela mesma se veja assim, mas deixamos nosso pai com suas altas expectativas enquanto ela puder fazer o que gosta e ele estiver apoiando-a.

Eu só espero que ela consiga se livrar das amarras e da pressão dele antes que acabe enveredando por um caminho diverso do que sonha, assim como aconteceu comigo.

Volto a me sentar em frente ao notebook e penso em minha vida hoje. Thomas e eu quase não nos falamos mais, apenas nos vemos e nos suportamos em eventos. Depois de tudo o que aconteceu, uma rachadura enorme se abriu entre nós dois, e ele seguiu em seu caminho, no teatro, e eu, no meu: faculdade, especialização e escritório.

Nossas vidas se separaram pela primeira vez, e, mesmo sentindo que parte de mim se foi com ele, compreendi que era o melhor, pois nossa relação tinha deixado de ser saudável havia muito tempo.

Eu continuei seguindo o que foi traçado para mim e continuo até hoje, porque, muito embora eu não tenha escolhido fazer o que faço, hoje eu já aprendi a gostar do meu trabalho.

Olho para o lado, vejo uma foto de minha noiva, Cassidy, e penso no importante passo que darei daqui a alguns dias. Noivado no Natal e casamento no Dia dos Namorados, em fevereiro, como meus pais fizeram.

Sim, definitivamente minha vida continua seguindo o traçado.

— A nós! — brindamos todos juntos na sala de reuniões após o expediente do dia.

— Bem-vinda ao time, Cassie! — Gracie, minha sócia e esposa do meu melhor amigo – e também sócio – Phill, abraça Cassie.

Sorrio ao ver o quanto as duas se dão bem, contente por saber que nossa amizade será ainda mais fortalecida após meu casamento.

— É, finalmente vocês dois se decidiram! — Phillip comenta comigo, também assistindo à conversa animadas das duas.

A comemoração começou quando minha noiva e eu convidamos os dois para serem nossos padrinhos de casamento. Eu já havia comentado com ele sobre a possibilidade de um enlace iminente, mas depois que anunciamos o noivado e a data do matrimônio, tudo ficou mais real, e eles resolveram comemorar conosco.

Phillip Sanders é meu amigo desde Harvard. Estudamos juntos, aprontamos juntos, e, quando na especialização ele conheceu a Gracie, eu fui aquele que o apoiou a assumir a relação dos dois e que esteve ao seu lado no altar, esperando a entrada de sua futura esposa. E não demorou muito entre uma coisa e outra. Os dois começaram a namorar e se casaram em um espaço de tempo de apenas oito semanas! Porém, fora isso, estão há cinco anos casados e já programando um bebê para breve.

Há três anos conheci a Cassidy em um evento a que fui representando o escritório. O pai dela, Donald, é um magnata do petróleo no Texas, e havia um enorme interesse de nossa firma em conseguir a conta jurídica deles. Eu – ainda que não goste de usar isso – sou filho de Bill Palmer e neto de Eric Palmer, considerados os reis do aço americano, então possuo ascendentes e um sobrenome que conseguem abrir portas, por isso compareci ao evento.

Mal entrei na festa e a vi, linda! Cassidy é a típica beleza americana, alta, loira, magra, com olhos enormes e azuis, mas o que chamou minha atenção foi o seu sorriso. Ela estava sorrindo quando me olhou, e nos encaramos por longos minutos, mas ela não desfez o sorriso. Eu me senti convidado a uma aproximação e o fiz. Desde então, estamos juntos.

Minha noiva é formada em publicidade e trabalha no escritório do pai, aqui em Nova Iorque, bem próximo de onde fica minha firma, no Financial District, ao sul de Manhattan. Contudo, apesar de tão próximos, há uma enorme distância entre a sede da Sanders, Palmer e Stanford LPP, situada na Liberty Street e a da

Evans and Sons Oil – uma extensão de seu escritório de negócios na Wall Street.

Apesar de não estar na mais famosa rua de negócios de Nova Iorque, quiçá do mundo, eu me sinto muito realizado em ter conseguido, sem nenhuma ajuda financeira dos Palmers, instalar minha firma onde estamos.

— É, meu amigo, finalmente vou poder te acompanhar naquele jogo de terça-feira. — Phill ri, pois sabe que odeio jogar pôquer, mas entende minha piada sobre um tempo sozinho depois do casamento.

— Já vou reservar seu lugar, Palmer! — Gargalha e me oferece cerveja, e eu, claro, dispenso a taça de champanhe francês para tomar uma deliciosa *strong ale* americana.

Ainda ficamos conversando por algum tempo, mas depois minha futura noiva e eu vamos para o meu apartamento, no bairro TriBeCa, distante apenas alguns minutos do meu local de trabalho, embora o trânsito esteja pesado e nos faça demorar quase uma hora para chegar.

— Eu estou exausta hoje, Eric! — ela informa me abraçando assim que entramos. — Meu pai e a Aretha estão vindo para o nosso noivado, e minha mãe me informou que não poderá estar presente — ela suspira —, o que é um alívio, pois nem posso imaginar como será ter a todos eles no mesmo espaço.

Eu concordo com ela, pois sei bem que o casamento de Donald e Kristen acabou mal por causa do envolvimento dele com Aretha, uma socialite vinte anos mais nova. Kristen voltou a morar em sua cidade natal – Dublin, na Irlanda –, e desde então mãe e filha só se veem em raras ocasiões.

— Mas sei que você a queria aqui. — Abraço-a. — Não há nada que possamos fazer para convencê-la a vir?

Ela nega, com olhar triste.

— Nem sei como iremos fazer no casamento! Eu não tenho coragem de pedir ao meu pai que não venha com a Aretha, mas e se minha mãe não quiser vir?

— Nós vamos resolver isso, Cassie. — Beijo sua testa. — Você terá a todos em seu casamento!

Ela sorri, mas seu sorriso morre ao ver a máquina de escrever com uma folha dentro.

— Você voltou a escrever?

Eu me assusto com sua pergunta, mas logo nego.

— Não. Eu só estava entediado e um pouco agitado e datilografei coisas a esmo para relaxar. — Retiro a folha e a jogo no lixo. — Já não escrevo mais... Não tem sentido! — Ela assente, mas ainda consigo notar desconfiança em seu semblante. — Esquece isso, Cassie. Vamos falar de outro assunto! O Thomas confirmou presença no nosso noivado.

Ela arregala os olhos, e eu rio, sabendo o quanto ela detesta meu irmão.

— Não acredito! O que ele pretende dessa vez?

Eu tento acalmá-la, mas, desde que meu irmão a jogou no mar, nos Hamptons, ela tem verdadeiro pavor dele.

— Tenho certeza de que ele estará controlado! Thomas já não é mais nenhum garoto e sabe disso. Eu espero que ele tenha amadurecido mais, afinal, já passamos dos 30!

Ela não parece acreditar no meu otimismo, mas tento sempre pensar que ele tenha mudado e que sua necessidade de aparecer e chamar a atenção tenha sido satisfeita depois que ele virou uma celebridade.

— Cassie... ele se comportará bem, eu tenho certeza!

Newport, RI, véspera de Natal.

Finalmente estamos chegando!

Eu saí de Los Angeles há dois dias e fui direto até meu apartamento em West Village, Nova Iorque. Tiffany, Lana e eu aproveitamos para fazer comprinhas de Natal e à noite fomos para as melhores boates da cidade.

A ideia de trazê-las comigo foi brilhante, confesso, pois, além de diversão garantida para mim, eu tenho certeza de que meu pai ficará tão surpreso que provavelmente terá um ataque e o *clima natalino* irá pelos ares, bem como o evento da noite: o noivado de Eric.

Nesses dois dias em que estive na *Big Apple*, até pensei em ir fazer uma

visita cortês ao meu irmão, mas isso tiraria todo o efeito surpresa que estou programando.

Gargalho só ao pensar na reação da linda Cassie.

Será tão engraçado vê-la corar, mas fingir que está tudo bem, mesmo eu estando virtualmente com duas putas em casa... Bem, confesso que sou um gênio sortudo!

Em uma dessas nossas orgias de compras pela cidade, avistei o casalzinho passeando pelas lojas e vi quando meu irmão saiu de uma exclusiva loja de grife com um terno em uma embalagem.

Não perdi tempo e, depois de jogar meu charme à vendedora – além de dar-lhe um amasso no provador –, ela me mostrou o modelo encomendado por ele, e eu comprei um igual para mim, exatamente igual. Eu me divirto só ao pensar na confusão dos convidados, porque somos tão idênticos que, vestidos de forma igual, ninguém vai saber quem é quem.

Claro que nossa família e alguns amigos mais próximos reconhecem-nos, mas ainda assim leva um tempo.

Meu irmão é do tipo tradicional e chato, aquele que sempre usa o mesmo corte de cabelo e o mesmo perfume toda a vida. Eu já troquei de lugar com ele tantas e tantas vezes na infância e nunca fui descoberto, quer dizer, não na maioria.

A única coisa que irá nos diferenciar, com certeza, é o anel de ouro de Harvard – que era do meu avô –, uma peça cara, antiga e que ele teve – como sempre – a honra de portar, mesmo não querendo.

Pobre Eric! O menino certinho que dança conforme o som do capeta – que no caso é o meu pai –, pensando em levar sua alma para o céu. Ele está seguindo a vida que Bill Palmer planejou, mesmo estando insatisfeito e frustrado, porque não tem a coragem que eu tenho, porque é fraco e não sabe enfrentar a tirania do cabeça da nossa família. É um perdedor, sempre foi!

— Tommie, ainda falta muito? — Lana reclama do banco traseiro.

Eu respiro fundo para não estragar meu maravilhoso humor e respondo que falta pouco, apenas alguns minutos e já estaremos na mansão da família Palmer.

Confiro as horas, constatando que chegaremos lá antes do horário do almoço e mais uma vez lamento o fato de a festa ter sido marcada aqui e não em Nova Iorque, mas vai entender Mari e sua necessidade de mostrar cada uma das propriedades de seu marido aos amigos.

Já percorremos 175 das 180 milhas[4] que separam Nova Iorque de Newport, em um tempo de pouco mais de três horas dirigindo sem parar. As duas beldades ao meu lado vieram cantando, bebendo e cheirando durante todo o percurso, mas agora parecem cansadas da algazarra e por terem acordado em horário não

habitual, às 7h da manhã.

O clima aqui é bem diferente de Los Angeles, o que me faz ficar ainda mais atento ao caminho e, por esse motivo, não estou confraternizando com minhas amigas. A interestadual 95 é uma estrada boa, mas o céu está pesado, e o clima – a temperatura não passa dos 37ºF[5] –, bem mais frio ao que estou acostumado ultimamente.

Acabamos de atravessar a ponte, e eu já me sinto mais animado sabendo que faltam poucos minutos para eu rever minha *querida* família, que não vejo há mais de dois anos.

— Meninas, preparem-se para sair, pois já estamos chegando! — anuncio, e elas começam a olhar as belas mansões ao longo da rua onde minha família tem a casa há décadas. Muitas das mansões aqui foram vendidas e transformadas em museus e hotéis, mas minha avó tem um apego sentimental a essa propriedade – velha e sem graça – e por isso meu pai nunca a vendeu, embora passe pouquíssimo tempo nela.

Começo a passar pela enorme grade de ferro fundido e pelos ciprestes, que isolam a casa dos olhares dos passantes. A propriedade é grande, com vasto terreno, quadra de tênis, piscina e todas as comodidades de uma casa de veraneio, embora devo dizer que nunca passamos um só verão aqui, pois minha madrasta prefere ou New Hampton, ou o Brasil.

Paro em frente ao portão de entrada e toco o interfone, pendurando-me pela janela do carro. Um empregado atende e eu me identifico. Ele provavelmente confere quem sou pela câmera apontada para a minha cara e libera a entrada.

As meninas saltitam dentro do carro, animadas, e eu apenas prevejo como elas entrarão no lugar, surtando e dando gritinhos.

Nenhuma das duas está acostumada a esse nível de vida. A casa mais luxuosa que conheceram até agora foi a minha – mais moderna e mais bonita que essa –, porém, ela não tem essa imponência de *grande mansão americana.*

Descemos do veículo, cada uma pega um dos meus braços e subimos os pequenos lances de escada, quando Mari aparece à porta e já me satisfaz com sua primeira reação ao ver as meninas vestidas de forma igual, com casaco de pele cor-de-rosa e calça de couro branca.

— Bom dia, família! — Sorrio para ela, que encara Tiffany e sua cabeleira platinada cacheada e comprida.

— Thomas — ela pronuncia ainda sem poder acreditar no que vê, já encarando Lana e seus cabelos vermelhos, lisos e cortados ao estilo chanel.

As duas estão extremamente maquiadas, como eu pedi, e usam bijuterias brilhantes, além, é claro, das roupas chocantes.

— Meninas, essa é a minha *mamãe*. — Mari me fuzila com seus olhos

castanhos. — Marilene Pereira Palmer.

Dou um sorriso cínico, notando sua cara contrariada por eu ter dito seu nome completo, coisa que ela odeia que eu faça.

— *Encantada por conocerte!* — Lana dispara um cumprimento em espanhol, e eu gargalho, notando a fúria brilhar nos olhos de minha madrasta.

— É melhor vocês entrarem — diz irritada, saindo da porta e me fazendo ver Charles, o mordomo inglês que ela carrega consigo para todos os lugares.

Ele nos conduz com sua expressão impenetrável, ereto e de andar robótico, quase como se não respirasse. Charles não expressa nenhum sentimento nem quando as meninas suspiram ou apontam para algum móvel ou obra de arte, encantadas.

— Senhor Palmer. — Abre a porta do quarto preparado para mim. — Eu pedirei que arrumem a acomodação das jovens...

— Ah, Charles, não precisa, amigão! — Elas entram correndo e pulam na cama. — Elas dormirão comigo! — Ele assente, sério e inexpressivo. — Onde estão os outros membros dessa *amorosa* família?

— O senhor Palmer e seu filho mais velho foram ao clube cumprimentar alguns amigos. — Eu rio ao imaginar exatamente essa cena. — A senhorita Palmer, bem como a senhorita Evans foram ao shopping, e a senhora Willemina está descansando antes do almoço.

Dispenso-o e fecho a porta, ouvindo os gritinhos das meninas pulando na cama, brincando de guerra de travesseiros.

— Por favor, querem calar a boca? — peço irritado, e elas se sentam. — Deixem suas algazarras e gritinhos para quando estivermos junto aos outros. Vou relaxar um pouco no banho, não me incomodem.

— Podemos ir com...

— Não! Não me incomodem.

Fecho a porta do banheiro e, depois que a banheira fica completamente cheia, deito-me nela, rodeado pela água escaldante.

Consigo escutar os gritos do meu pai da escada, que desço silenciosamente, já com um sorriso.

Eu deixei as meninas dormindo porque não estava conseguindo conciliar o sono e não podia ter feito melhor! Eu não ia perder a chance de ver o espetáculo dado pelo ilustre senhor William Palmer.

— Ele só pode estar louco! — a voz potente do meu pai reverbera pela

casa.

Sinto vontade de rir, mas sou impedido pela minha própria imagem, que me olha desconfiada ao pé da escada. Meu irmão.

— Eric David! — sorrio ao cumprimentá-lo. — É um prazer rever essa sua cara bonita, mano!

Ele bufa, sério e tenso como uma corda de violino, e vira as costas, andando em direção à sala.

— O que você pretende, Tom? — pergunta já se servindo de uma dose de uísque.

— Eu? — finjo-me de inocente. — Ora, vim para o Natal e para seu noivado! — Dou um tapinha em suas costas. — Onde está a noiva felizarda?

Eric passa por mim e se senta.

— Mari disse que você chegou acompanhado por duas prostitutas. — Balança a cabeça, recriminando-me. — Quando você vai parar de tentar chamar a atenção para si a todo instante? Cresça, Thomas James!

Gargalho e também me sirvo de uma dose.

— São minhas amigas e eu queria passar as festas com elas. Além disso, não são putas, são atrizes de cinema adulto! — Ele fecha os olhos, ainda me recriminando. — Talvez você até tenha assistido a algum filme delas... sabe? — Dou uma piscadinha para ele.

— Você é inacreditável, Tom!

Um estrondo de porta batendo chega até meus ouvidos e me preparo para o maior embate do dia, com o grande e inestimável Bill Palmer.

— Seu filho da puta irresponsável! — ele grita em minha direção, e eu perco todo o humor sarcástico que estava gastando com meu irmão, sentindo o sangue ferver ante o xingamento dele.

— Lave a boca antes de sequer se referir à minha mãe, ainda mais nesses termos! — grito de volta. — A puta dessa casa nunca foi ela!

Mari, que está atrás dele, arregala os olhos ante o meu insulto, e em instantes o grandalhão de quase dois metros de altura e mais de cem quilos – meu pai – parte para cima de mim, roxo de raiva.

— Seu moleque imprestável! — Não me movo, mas Eric entra na frente – como sempre – e tenta impedi-lo de me tocar. — Como você ousa trazer para essa casa o seu lixo!? Como você ousa ofender sua família, sua avó!?

Rio na cara dele.

— Achei que estava liberado desde que você fez isso!

Eric xinga quando os movimentos do meu pai se tornam mais bruscos, tentando me alcançar de qualquer jeito.

— Pai, para! — Ele tenta acalmá-lo. — Pai... isso é tudo o que ele quer, não

entende? Isso é tudo o que ele quer!

No mesmo instante Bill se contém, respira fundo e me olha.

— Você é e sempre foi uma decepção para essa família, Thomas! — sua voz é baixa e calma. — Sempre teve tudo, não se satisfez com nada. Egoísta, invejoso, debochado... você sempre foi assim. — Olha para meu irmão e balança a cabeça. — Sei que, apesar de tudo o que ele já aprontou contigo, você ainda o ama como irmão, mas eu não quero tê-lo aqui, Eric. Sinto muito!

— Pai, não... — Eric tenta interceder, mas ele o corta.

— Saia dessa casa, Thomas. — Ele ajusta seu paletó, franze o cenho e me encara. — Você não é mais bem-vindo aqui. Pegue suas *amiguinhas* e suma! — dito isso, dá meia volta, pega sua esposa pela mão e sai do cômodo.

— Tom, eu vou conversar com ele...

— Para, porra! — grito com raiva. — Chega de bancar o bonzinho para cima de mim, Eric! Chega! — Rio. — Eu quero mais é que você e seu noivado de merda se fodam!

Marcho de volta para o segundo andar, puto, pensando que, se fosse Eric a aparecer por aqui com suas *amiguinhas*, com certeza o velho iria lhe dar palmadinhas nas costas e rir da virilidade do filho.

— Acordem! — berro, e as garotas se sentam na cama, assustadas. — Vistam-se e peguem as malas.

— Nós já vamos? — Lana questiona confusa.

— Mal acabamos de chegar...

— Faz o que estou mandando, porra! — Tiffany se encolhe e assente. — Vocês têm 10 minutos; se demorarem mais, terão que voltar de carona, pois eu não fico mais do que isso dentro dessa casa.

Eu odeio o meu pai!

Eu odeio a puta da minha madrasta!

Porém, eu odeio ainda mais o meu irmão!

Olho para a janela, vendo meu rosto refletido no vidro, o mesmo rosto que eu odeio de morte.

Quando nossa vida se tornou este inferno? É só o que consigo me questionar, com a cabeça apoiada nas mãos, sentado ainda no sofá da sala depois de mais uma briga intensa entre meu pai e meu irmão.

Quando foi que chegamos a sentir ódio um do outro? Quando foi que essa enorme rachadura se formou entre nós?

Tampo meu rosto com as mãos, sentindo meu coração retumbando e minha cabeça doer. Eu me sinto um inútil, sem poder fazer nada para remendar essa fissura, sem poder ter minha família de volta.

Inspiro o aroma tão característico e familiar desta casa e me lembro de quando vínhamos aqui quando crianças, enquanto mamãe vivia. Thomas e eu fizemos grandes brincadeiras neste enorme quintal, construímos sonhos, criamos

boas memórias.

Entretanto, essa fase terminou há muitos anos, desde que começamos a entrar na puberdade, quando surgiu essa ridícula competição entre nós.

Eu não consigo entender qual foi o propósito de nascermos tão idênticos e tão diferentes. Vê-lo pessoalmente é como me ver refletido no espelho, o mesmo rosto, o mesmo cabelo, os mesmos gestos. A única mudança é na forma de falar. Thomas sempre cultivou um humor ácido, uma provocação, e eu... bem, eu sou comum.

Dói-me, por incrível que pareça, perceber o olhar de desprezo que ele me dá. E, sim, meu pai tem razão ao dizer que, mesmo sabendo o quanto Thomas me odeia, mesmo sabendo de tudo o que ele já fez para me prejudicar, eu ainda sinto amor fraterno por ele.

Fiz uma promessa a minha mãe de cuidar dele e, mesmo sendo eu o alvo de sua ira, ainda tenho que o proteger. Não é fácil sentir na pele o rancor e o desprezo, ouvir seus deboches com relação à minha vida ou mesmo ter aguentado tudo o que ele fez para me ferir, para me deixar mal com os outros e, claro, para machucar meu coração.

— Eric? — Cassie me chama. — Eu ouvi os gritos e imaginei que era o Tom mais uma vez. Está tudo bem com você?

Assinto, mesmo ainda sem olhá-la, transtornado ainda por um momento tão difícil.

— Ele só veio para provocar mais uma vez. — Sinto-me destruído com isso. — Nada mudou, Cassie. Ele tem a vida que sempre sonhou, o dinheiro, o glamour, as mulheres, mas ainda assim parece um adolescente revoltado.

— Eric...

Eu rio triste, encarando-a.

— Ele não veio porque sentiu falta, nem mesmo da Becca. Ele não veio porque uma vez na vida ficou feliz por mim, não! Thomas só veio para atingir nosso pai bem no alvo, sabe?

— Mari?

Concordo, levantando-me, resgatando meu copo de uísque, que deixei sobre o aparador quando a briga começou.

— Cada vez que os dois brigam, ele ofende meu pai por causa de Mari. Hoje foi trazendo essas moças para cá e as comparando com nossa madrasta. — Respiro fundo. — Você sabe como me sinto com relação a ela. Me magoou também a forma como papai a assumiu, e nós sempre soubemos que ela era mais do que sua secretária lá no Brasil, mas eu superei. A escolha foi dele, e eu já deixei de ser um menino birrento e magoado há muito tempo!

— Mas Thomas, não.

— Não. — Dou de ombros, bebendo o líquido ambarino.

— Ele faz isso para atingir vocês dois!

Concordo com ela mais uma vez. Ainda não entendo o motivo de tanto ódio, e isso me entristece de uma maneira que não sei explicar. Eu quero que ele seja feliz, mas, por mais que ele conquiste mais e mais coisas, nunca parece satisfeito.

— Eu acho que ele está descendo. — Cassie se levanta. — Vamos para o quarto. — Estende a mão para mim, mas eu nego. — Eric, ele só vai te magoar mais...

— Ele também está magoado, Cassie. — Olho para a escada, ouvindo as vozes no corredor lá em cima. — Ele faz isso tudo porque está ferido.

— Ele faz tudo isso porque sabe que você pensa assim, sabe que você o perdoa, sabe que você o ama. — Escuto seus passos sobre o assoalho de madeira, mas não a olho. — Você precisa se libertar dele, Eric. Sim, vocês são gêmeos e têm essa ligação estranha, mas, se você continuar mantendo-a, ele pode te puxar para o fundo do poço.

As vozes ficam mais altas, e ela se afasta, deixando-me sozinho para recebê-lo.

— Ah... ficou para assistir minha expulsão do paraíso! — Tom debocha.

— Não. Apenas quero conversar contigo. — Olho para suas companheiras. — Podemos?

Ele pede às duas para o esperarem no carro e se aproxima.

— Peça desculpas a ele, mande as meninas de volta e fique conosco. — Tento tocá-lo, mas ele se afasta. — Eu gostaria de tê-lo aqui. É Natal, além de ser uma data importante para mim, e eu gostaria que meu irmão estivesse próximo. — Ele ri. — Sem você, eu sinto como se faltasse...

— Não seja ridículo, Eric! Não é o Natal que importa para você, mas sim o seu noivado com a *Barbie* que arrumou para agradar ao velho! — Eu prendo a respiração ao ouvir sua voz de desprezo ao falar de Cassie. — Nós dois sabemos que não era bem ela que...

— Tom, não faça isso!

— O quê? Você pode ser o macaco de circo dele, Eric, mas eu não sou! Acha que, se você tivesse seguido o caminho que sonhava seguir, ele iria te apoiar? Não! Você seria o filho ingrato, como eu sou. — Vejo a raiva brilhar em seus olhos. — Você não passa de um merda que faz de tudo para aparecer e cair nas graças dele! Patético!

— Eu não vou discutir com você sobre isso. Você tem sua opinião, respeito isso, mas pense na Becca! Ela estava animada por...

— Você é um saco, sabia? Você me cansa com esse jeitinho de *santo*. Foda-

se a pirralha! Ela só serviu para aquela puta dar o golpe da barriga nessa família...

— Tom, não fala isso da nossa irmã. — Sinto meu sangue ferver. — Ela é doce, te adora e não tem culpa de nada...

— Foda-se, santarrão! Você aceitou a bastarda? Problema seu!

Ele vira as costas e começa a sair.

— Eu queria que as coisas fossem diferentes, Tom. — Ele continua andando. — Eu queria que a gente voltasse a ser como era, amigos, irmãos, parte um do outro.

Ele ri, para e me olha.

— Em que mundo você viveu em que fomos assim? Ah, Eric... você, além de patético, é burro!

Sai e bate a porta.

Bufo, botando para fora toda a raiva que contive nessa conversa. Sim, porque senti raiva das palavras dele, senti cada agressão, mas eu, sinceramente, espero ainda ter o meu irmão de volta e por isso relevo.

O que mais me machuca é a forma como ele vê a Becca. Minha irmã caçula é completamente apaixonada pela ideia que faz do irmão famoso. Rebecca já assistiu a todos os filmes dele, segue sua carreira e tem orgulho do que ele conquistou. Ela não faz ideia do desprezo e do ódio de Thomas e, se depender de mim, nunca irá saber.

— O casamento será no Dia dos Namorados, e nós estamos tão ansiosos, não é, Eric? — Cassie me dá um pequeno puxão para que eu entre na conversa que ela está tendo com um dos grandes executivos da empresa de seu pai.

Eu não sei como os Evans e minha própria família conseguiram reunir todos aqui em plena véspera de Natal, afinal, essa data é familiar e não mais uma para fazer negócios, mas o fato é que nossa celebração íntima passou a ser um evento.

A casa está cheia de convidados, a edícula da piscina também, isso sem contar aqueles que ainda irão voltar para casa – seja onde for – e que vieram somente para assistir ao meu noivado.

O enorme anel de diamantes no meu bolso parece pesar toneladas, e eu bebo mais um gole do uísque em minhas mãos.

Hoje, depois da discussão com meu irmão, eu me peguei mais uma vez procurando Analiz pelas redes sociais. É ridículo agir assim, como um

adolescente que não consegue esquecer seu primeiro amor, mas sempre tive muita curiosidade sobre como ela está agora, depois de tantos anos.

Thomas tem razão em um ponto, fui manipulado, sim, porque, embora eu saiba que aquele sentimento que eu nutria poderia dar em nada, eu fui impedido de pagar para ver. Meu pai nunca aceitaria um relacionamento entre mim e uma moça sem grana, sem status, sem...

— Amor? — Cassie me olha assustada, e eu percebo que acabei apertando seu braço por causa das minhas lembranças.

Merda!

— Com licença. — Saio de perto dela, mas posso sentir seu olhar questionador em minhas costas.

Eu me envolvi com Cassidy porque quis, eu a amo e sou feliz com ela. Meu pai só a conheceu meses depois, quando assumimos a relação. Ele a aceitou tão bem por ser filha de quem é? Sim, mas isso não exclui o fato de eu tê-la conhecido sem nenhuma influência dele.

Thomas, filho da puta!

Subo os degraus e vou para o meu quarto, pegando o celular e entrando no banheiro. Abro o *App* do *Facebook* e a vejo novamente, notando a linda mulher que por anos não saiu da minha cabeça e seu sorriso perfeito, ao lado de um homem que eu não sei o que significa em sua vida.

Lavo meu rosto, excluo a busca que fiz por ela e volto ao quarto, abrindo um dos armários e tirando de dentro dele uma caixa fechada a chave – chave essa que eu não possuo, pois a joguei fora exatamente para evitar de reviver essas memórias que por anos ficaram em mim. Dentro da caixa há cartas, um manuscrito que demorei anos para terminar e uma única foto dela.

Seguro-a por um momento, questionando o motivo pelo qual estou aqui e não lá embaixo, com os convidados de uma festa feita para celebrar um compromisso de duas pessoas que se amam.

— Eu não sei por que te guardei durante tanto tempo, mas prometo que, assim que esta noite terminar, me livro de você para sempre — digo à caixa, mesmo me achando um pouco louco. — É o fim. Fim de uma culpa, fim de um sentimento que já nasceu condenado. Fim de uma história que nunca consegui contar. Você simboliza meus sonhos impossíveis, e eu não estou mais vivendo sonhando, agora quero o que é real, e a vida que tenho hoje o é.

Ponho a caixa de volta no lugar e volto para a festa.

— Onde você estava? Está tudo bem? — Encontro-me com Becca na escada, e ela parece preocupada.

— Fui ao banheiro!

Ela gargalha e agarra meu braço.

— Sua futura noiva está olhando por todos os lados da casa, sabe? Ela tenta disfarçar, mas acho que tem medo de que você fuja!

Eu rio e toco a ponta de seu nariz, como sempre fiz a vida toda.

— Sua diabinha, não está querendo me dividir com a Cassie, não é?

— Eu não sei se você sabe... — ela se aproxima de mim e fala bem baixinho — mas existem dois de você na família.

Eu fico um tempo sério, mas acabo rindo para que ela não perceba minha reticência sobre o assunto, afinal, Becca não faz ideia de que nosso irmão não quer nenhum contato com ela.

— Claro que sou o mais bonito! — brinco.

— Claro que não! — Becca gargalha. — Eu amo você dois, você sabe, não é?

— Sei, sim. — Toco seu nariz de novo, e ela me dá um tapa na mão. — Becca, eu sempre vou estar ao seu lado para o que precisar. Não importa onde eu esteja e nem com quem, se precisar de mim, basta chamar.

O seu sorriso agora é mais contido e mais sincero também. Eu sei o quanto minha irmã se sente sozinha, principalmente depois que ficou somente com seus pais como companhia, e eles nunca dão nenhuma atenção a ela.

Cassie me vê ao lado dela e sorri para mim, mas sinto seus olhos questionando o que há comigo. Eu pisco um olho para ela e a vejo relaxar.

— Ah, meu Deus! — Becca praticamente grita ao meu lado. — Ele veio!

Sigo a direção do seu olhar a tempo de ver meu irmão entrando na casa vestido praticamente igual a mim.

— Tem certeza de que você é mesmo o Eric? — Ela me olha desconfiada, e eu toco seu nariz de novo. — Ah, infelizmente é... Thomas é mais divertido! — Ela se estica e acena para ele. — Ei, Tommy!

Ele abre um sorriso e, após pegar um copo de bebida, vem em nossa direção.

— Olá, pequena rebelde! — cumprimenta Becca e bebe todo o líquido do copo. — Me faz um favor? Pode pegar mais um desses para mim?

Rebecca imediatamente faz o que ele pediu.

— Eu pensei que você houvesse ido embora, Thomas. Mas que bom que ficou.

— É mesmo? — Ele passa a mão pela barba. — Sabe que o velho vai pirar quando me vir aqui. — Ele olha em volta. — Mas, como sempre gostei de aventuras, resolvi arriscar. Segui seu conselho, deixei as meninas no Green[6] e voltei. A essa hora elas estão chegando em Nova Iorque.

— Que bom, Thomas. Eu tenho certeza de que nosso pai vai recebê-lo bem.

— Hum... eu não tenho tanta certeza! — Aponta para o lado, exatamente

onde meu pai se encontra, rosto vermelho e falando rapidamente com minha madrasta, que praticamente o segura.

— Fique à vontade, Thomas. Deixe que eu falo com ele...

— Com certeza, Eric! Sempre o cavaleiro da armadura brilhante.

Saio de perto, encontrando-me com minha irmã voltando com a bebida dele na mão e sorrindo como se tivesse sido o próprio Papai Noel a lhe pedir aquilo. Tento ignorar a sensação de que algo ruim possa acontecer, de que ele possa destratá-la, mas sigo até meu pai para resolver um problema maior: a presença de Thomas nesta casa.

Aproximo-me do meu pai e o toco no braço, fazendo-o me seguir até o escritório, sentindo toda a tensão que ele tenta conter.

— O que ele faz aqui?! — grita assim que entra.

— Pai... eu pedi a ele que voltasse. — Bill me fuzila com os olhos. — Ele é seu filho, é meu irmão, é aqui que deveria estar nesta noite.

— Mas eu...

— Pai. — Toco-o no ombro. — Se o problema eram as garotas que estavam com ele, problema resolvido. Elas estão a caminho de Nova Iorque agora.

Bill Palmer respira fundo, tentando se acalmar.

— Eric, o problema não era a presença das garotas de programa aqui, embora tenha sido um desrespeito, principalmente com sua avó. O problema é o

porquê ele as trouxe. Thomas faz de tudo para afrontar essa família, para me atingir e, o pior, para machucar você.

— Pai...

— E você ainda o defende, como Martha fazia e todas as babás fizeram! E ele, assim como fazia quando era criança, continua se aproveitando disso.

— É véspera de Natal, é um dia importante na minha vida também. Será que não podemos fingir ser uma família normal e feliz por algumas horas?

Ele ri.

— Podemos, sim. Claro que sim! — Olha-me triste. — Basta saber se seu irmão concorda com isso!

— Ele veio em paz, pai. Thomas sabe quando passa do limite.

Bill balança a cabeça sem falar nada, e em seguida saímos do escritório, mas nem damos dois passos para fora, e a cena que vejo me deixa sem fala.

Thomas está conversando com alguns convidados, abraçado a Cassie como se fosse eu.

— Eu te disse...

— Pai, eu resolvo isso!

Vou na direção deles, sorrindo faceiro como ele mesmo o faz e peço licença para falar com meu irmão. Cassie me olha assustada, provavelmente descobrindo que o homem ao seu lado é um grande ator, mas não sou eu.

Puxo-o de lá e o levo para a cozinha, onde o buffet trabalha sem parar.

— Porra, Thomas!

— Ei, calma! — Ele ri e anda até uma bancada, pegando um copo de uísque para si e outro, que traz até onde estou. — Eu só queria saber se ainda conseguíamos enganar a todos!

Tento manter o controle e bebo o uísque de uma só vez.

— A Cassie não gosta desses jogos, então, por favor, contenha-se. — Ele concorda. — Você é bem-vindo para ficar conosco, papai concordou. — Thomas levanta uma sobrancelha, sarcástico. — Por favor, não me faça me arrepender...

— Eu não pedi sua ajuda — rebate.

— Certo. Mas controle-se, ok?

Saio de perto dele, mas ainda consigo ouvi-lo dizer:

— Todo o controle e sangue frio foi dado a um só feto dentro de nossa mãe... e não foi a mim!

Droga! Thomas sempre joga na minha cara o meu jeito de ser, como se fosse um defeito. Eu sou, sim, controlado, racional e tento de todas as formas manter meu sangue frio em situações tensas, mas dificilmente isso é um defeito, pelo contrário!

Se eu fosse passional e descontrolado como meu irmão gêmeo, certamente

um de nós já estaria morto.

A festa continuou sem incidentes depois de minha conversa com Tom dentro da cozinha. Todos os convidados já chegaram, todos os contatos foram renovados e alguns negócios, fechados, e finalmente a hora do jantar chegou.

Cassie está ao meu lado – ela não saiu de perto de mim um minuto sequer depois da brincadeira de mau gosto de Thomas –, e eu espero apenas a chegada de Becca para podermos ir para a sala de jantar, mas aparentemente minha irmãzinha sumiu.

— Meus pais já se acomodaram, Eric. Daqui a pouco a Becca aparece.

— Eu acho que vou até o quarto dela para ver se...

— Amor, está tudo bem. — Ela ri. — A mãe e o pai dela nem deram por sua falta. Talvez ela até avisou a eles que...

Thomas surge no alto da escada, rindo muito e um tanto trôpego, e eu rolo os olhos ante a cena. Decido seguir minha namorada para a sala de jantar, mas então vejo Becca aparecendo completamente bêbada também.

Porra! Subo as escadas como um louco, empurrando Thomas para o lado e pegando-a pelos ombros.

— Rebecca? — Olho para meu irmão, que apenas ri, contagiando-a.

— O que foi, Eric? Eu só estava me... diver... divertindo!

Puta que pariu! A garota está completamente bêbada, ou pior, drogada!

— O que deu a ela, Thomas? — Enfureço-me e o pego pelo colarinho. — Seu bosta, ela tem 16 anos!

— Ei, *Santo Papa*, ela só bebeu um pouco...

— ...e fumei meu primeiro cigarro de maconha! — Becca completa orgulhosa. — Tommy achava que eu não ia... *conxeguir*... mas... — Ela cambaleia. — *...xou* uma rebelde!

— A minha vontade é de te dar umas porradas, Thomas! — Eu o solto e tento pegar Rebecca pelo braço, mas ela se esquiva.

— Ei... para... você não é meu pai, poxa! Seja divertido! — Eu consigo segurá-la, mas ela me dá um empurrão. — Eric, eu *extou* com fome...

— Ah... a larica! — Thomas comemora como se fosse um grande feito.

— Becca, você não pode descer assim!

Tento chamá-la à razão, mas ela não me ouve, indo aos pulos em direção à sala de jantar. Corro atrás dela, mas, antes que consiga alcançá-la, ela tropeça e cai sobre uma mesinha de vidro, fazendo um barulho estrondoso.

Corro até ela, que ri como uma louca, mesmo estando com um corte na mão.

— Becca...

— O que está havendo aqui? — meu pai grita, olhando sua filha caçula caída sobre um monte de cacos de vidro e rindo.

— Pai, foi um pequeno acidente, mas pode deixar comigo, que eu...

— Paiiiiiiiiii! — ela canta e ri.

Mari aparece e, ao ver a filha, corre até nós.

— Ai, meu Deus! Rebecca, você se cortou? Foi no rosto?

— Mãeeeeee! — Ela ri. — Não... não se preocupe... não vou... ficar mais f-feia do que já sou!

Mari arregala os olhos e em seguida vira-se para o marido.

— Ela está bêbada como um gambá!

— O quê?

Bill vem andando em nossa direção e, quando se aproxima, seu olhar me cobra explicações.

— Ela só tomou umas doses...

— Não... — Rebecca tenta se levantar. — Eu bebi toda a garrafa...

Fecho os olhos e ainda tento colocá-la de pé, percebendo que há uma pequena multidão de convidados assistindo à cena deprimente de uma adolescente bêbada na véspera do Natal.

— Vamos, Becca. — Tento tirá-la do centro das atenções.

— Não! — Empurra-me. — Tommy disse que, quando viesse a larica, eu deveria descer para comer!

Sinto meu sangue ferver ao ouvi-la dizer isso e olho para trás, onde meu irmão – de braços cruzados e sorrindo – apenas acompanha a cena.

— O quê? — Mari parece horrorizada. — O que ele te deu, Rebecca?

— Mari, eu vou levá-la para cima e...

Meu pai passa por mim como uma bala, e eu apenas tenho tempo de soltar minha irmã no colo de Mari antes de ir atrás dele.

— Seu desgraçado! — ele grita segurando Thomas pelo paletó. — Você é uma desgraça para essa família! Eu tenho vergonha de ser seu pai!

— Pai, solte-o! — Eu o puxo. — Pai!

— Eric, chega. Eu quero esse depravado imundo fora da minha casa, fora da minha vida para sempre!

Thomas apenas ri.

— Você não presta! Nunca prestou, e sua mãe sempre viu isso e ficava tentando justificar seu mau caráter dizendo que você era carente...

— Pai, não faça isso! — assim que eu acabo de implorar, Thomas, como

um touro, empurra-o para longe e o atinge com um soco no queixo.

— Nunca... nunca mais diga isso da minha mãe! — grita. — Você não é digno de falar o nome dela, ainda mais sujar minhas lembranças! Ela era a única que me amava nessa família de merda!

Dessa vez eu consigo impedir que ele parta para cima de meu pai de novo e o seguro firme. Thomas cheira a bebida, está claramente bêbado, mas ainda assim é forte e tenta de todas as formas se livrar de mim.

— Saia dessa casa agora, Thomas! E dessa vez é para sempre, ouviu? Não adianta seu irmão interceder por você. Chega!

— Eu quero que você se foda! — Thomas me olha. — Me solta agora.

Eu o faço.

— Por favor, Tom...

— Eu não preciso de nenhum de vocês! — grita inclusive para que todos os convidados ouçam. — Vocês são um bando de merdas! Eu tenho nojo de vocês!

Dá-me um último olhar antes de sair correndo.

Ponho as mãos na cabeça, tentando entender como este inferno começou, sentindo-me culpado por não ter conseguido impedir toda essa lamentável cena.

— Amor? — Cassie se aproxima. — Você está bem?

— Rebecca?

— Está tudo bem com ela. Mari a levou para o quarto. — Ela suspira. — Eu sabia que ele iria estragar nossa noite!

— Me perdoe por isso.

— Tudo bem, Eric. Você não é responsável pelo seu irmão! Se ele quer gastar a vida assim...

Lembro-me da minha mãe e da promessa que fiz a ela, de sempre cuidar dele.

— Eu vou atrás de Thomas, Cassie. — Ela arregala os olhos. — Ele está bêbado demais para sair por aí.

Saio, e ela me segue tentando me impedir.

— Eric...

Eu não a escuto e dou graças aos Céus quando vejo o carro dele ainda estacionado, embora ligado. Corro até ele e bato no vidro.

— Sai daí, Tom!

— Foda-se, Eric!

— Você não pode dirigir bêbado como está! Vai acabar se matando, porra!

— Só facilitaria tudo para vocês! — sua voz demonstra mágoa e arrependimento.

Era sempre assim que ele ficava na infância depois de ter feito alguma travessura que não acabava bem. Chorava, encolhia-se, abraçava-me e pedia

perdão mil vezes sem fim.

— Abre a porta!

— Não, Eric. Eu quero sair daqui... — Uma lágrima escorre em seu rosto. — Eu só quero sair daqui!

— Para onde você vai? Está bêbado demais...

— Vou para casa! — Assusto-me pensando que ele se refere a Los Angeles. — Vou para Nova Iorque.

— Não vão te deixar embarcar nesse estado, isso se você conseguir chegar ao aeroporto! Vamos, abre a porta, que eu te levo até o hotel mais próximo...

— Não! Eu vou para casa, Eric! Eu não quero ficar mais aqui...

Merda! Calculo mentalmente o tempo de viagem até Nova Iorque e olho para o relógio, percebendo que chegaremos à madrugada e que é loucura pegar estrada agora, com essa chuva fina caindo e com risco de neve, mas eu sei que ele não vai desistir de ir.

— Eu levo você, Thomas, abre a porra da porta!

Ele a destrava e em seguida se arrasta para o banco do carona. Confiro minha carteira no paletó do terno junto com o anel que eu deveria colocar no dedo de Cassie ainda esta noite.

Viro-me na direção da casa e a vejo lá, na varanda, encolhida e me olhando curiosa. Vou até ela para explicar o que está havendo.

— Vou levá-lo para casa — anuncio.

— Como assim? Onde?

— Nova Iorque. — Ela arregala os olhos, e eu a impeço de falar. — Deixo-o lá e volto no primeiro voo disponível. O clima para a festa de noivado...

— Sim. — Ela ri. — Não adianta insistir para você não ir, não é?

Eu a beijo, pois ela me conhece muito bem.

— De manhã estarei aqui e colocarei o anel no seu dedo. — Pego a caixinha no meu bolso. — Guarde-o contigo.

— Não. — Ri. — Leve-o e volte para me entregar o mais rápido possível, ouviu? Eu amo você, Eric!

— Eu prometo que volto. Também te amo!

Saio correndo de volta e, quando entro no carro, Thomas já está dormindo. Penso em deixá-lo aqui, inconsciente, e voltar para o que restou da festa, mas então ele abre os olhos e ri.

— Você prometeu, irmão mais velho!

Dou a partida e saio da propriedade da família rumo às pontes para acessar a I95 e seguir para Nova Iorque.

— Por que você faz isso? — ele me indaga depois de alguns minutos de estrada.

— Você é meu irmão.

— Porra, Eric... me fale a verdade!

— Mamãe pediu para eu cuidar de você. — Ele se apruma no banco. — Ela me pediu pouco antes de morrer.

— Puta que... para o carro, Eric! — grita de repente.

Olho-o e vejo que ele está prestes a vomitar, então dou seta, mesmo não tendo nenhum outro carro próximo e paro no acostamento. Ele sai apenas vestido com a camisa, porque o paletó dele se perdeu em algum lugar na fatídica festa e vomita como um louco.

Saio do carro e o seguro pelos ombros, lamentando que ele tenha chegado até esse estágio. Sinto-o arrepiar e tremer, assim, tiro meu paletó e o cubro.

Voltamos mudos para o carro e seguimos assim por quase uma hora. Meus olhos estão pesados, além disso, eu também ingeri algum álcool, estou cansado e a neve começou a cair, dificultando um pouco minha visão e me fazendo andar devagar na pista.

Quase não há carros na via, raramente encontramos um, pois o mais óbvio é que estejam todos com suas famílias, comemorando o Natal.

— Eu sou um babaca, Eric. — Eu rio e concordo. — Mas eu sempre me senti à sua sombra... sempre me senti sobrando.

— Claro que não, Thomas! Você e eu somos parte de um todo, ninguém é maior ou menor aqui.

Ele ri.

— Não, para você é fácil falar isso, afinal, sempre foi o queridinho da família. — Abro a boca para negar, mas ele prossegue: — Eu tenho tanto ódio desse jeitinho de santo que você tem.

Sinto a verdade em suas palavras, e isso me fere, imaginar que meu irmão me odeia tanto.

— Eu amo você, Thomas. — Ele ri da minha declaração. — Posso não concordar com as coisas que faz, ficar puto, chateado, mas amo você.

— Para com esse papelzinho clichê, Eric! Estamos só nós dois aqui, pode ser sincero. — Eu dou de ombros e continuo quieto. — Você é ainda mais louco que eu, se o que diz sentir for verdade. — Gargalha. — Cara, eu só fodi sua vida... Você nem tem noção...

— Fodeu nada! Você aprontou uma e outra, mas...

— Eu menti para você sobre ela. — Eu o olho, não entendendo do que ele está falando. — Não aconteceu do jeito que te contei... Eu apenas a usei para te atingir, e nada daquilo que te falei foi verdade...

— Thomas, não faça isso!

— O quê? Te contar a verdade? — Gargalha de novo. — Te dói saber que a

única coisa que você realmente quis nunca teve realmente?

— Cala a boca, Thomas! Isso é passado!

Meu corpo inteiro treme de raiva, e eu acelero o carro, querendo logo que este inferno acabe, que eu cumpra minha parte nesse acordo idiota de levá-lo para Nova Iorque.

Thomas ri em deboche e começa a falar coisas que eu não quero ouvir. Deus! Como ele pôde ter feito tudo o que diz? Eu o encaro apavorado, e em seguida ele arregala os olhos e grita.

Olho para frente e vejo um animal na pista. Piso no freio imediatamente, mas, com a pista escorregadia e a velocidade em que estamos, o carro simplesmente não para.

Não!

O veículo levanta no ar e capota várias e várias vezes, e eu não vejo mais nada.

Só escuridão.

Rio de Janeiro, 26 de dezembro.

Amo meu trabalho, mas ter de chegar às 6h da manhã, ainda de ressaca, e ficar o dia todo me movimentando e movimentando os outros é um desafio e tanto, principalmente para não vomitar.

Entro no hospital particular onde trabalho, um dos melhores da cidade maravilhosa, e ponho meu polegar para marcar o meu horário antes de cumprimentar o Cássio da portaria com um aceno.

— *Tá* destruída, hein, Liz?! — ele debocha aos berros, e eu tampo meus ouvidos.

— Não grite, homem! — repreendo-o.

Ele gargalha, alegando estar falando normalmente, e eu acho que ele deve estar surdo, pois gritou tão alto que quase explodiu minha cabeça... ou talvez eu esteja tão ressacada que um pio parece um estrondo.

Maldita Olívia e sua cerveja barata! Eu fui passar o Natal com minha mãe e meu avô em Angra e, depois do almoço, voltei para cá, mais precisamente para Jacarepaguá, na zona oeste da cidade, onde o namorado da minha amiga de faculdade, de apartamento, de formatura e de vida estava fazendo um churrasco.

Olívia e Diego são meus amigos desde que cheguei aqui, há 10 anos. Eu vim cursar faculdade e fiquei um tempo morando com minha tia-avó, em Madureira, mas, depois de algum tempo, já com meu primeiro emprego – numa loja do Barra Shopping –, comecei a querer morar sozinha.

Claro, o dinheiro nem em sonho dava, foi aí que Olívia se ofereceu para rachar comigo as despesas, e eu aceitei muito feliz.

Eu a conheci na faculdade, embora não estudássemos juntas, pois ela fazia nutrição, e eu, fisioterapia. Construímos uma amizade bem legal e sólida. Encontramos um apartamento e começamos a morar juntas e fazer praticamente tudo em dupla, pois ela, assim como eu, trabalhava na Barra – como secretária em uma clínica –, e à noite íamos juntas para a faculdade, nesse mesmo bairro.

Diego estudava comigo, e fui eu quem os apresentou; instantaneamente os dois se apaixonaram. No começo achei que não ia durar, pois os dois são muito diferentes, mas estão juntos há oito anos e felizes como se tivessem começado a namorar ontem.

Sem dúvida alguma eles são loucos um pelo outro, porque parecem coelhos quando estão juntos! Às vezes preciso lembrá-los que eu também moro naquele pequeno ovo que chamamos de lar.

Entro na sala de fisioterapia e, após ligar os aparelhos e ar-condicionado – porque o calor no Rio é de matar – vou até o banheiro, lavo as mãos e visto meu jaleco.

Sempre gostei de ser a primeira a chegar, de conferir tudo e estar preparada para a árdua rotina do dia, porque, mesmo sendo final de ano, alguns pacientes têm de fazer seus tratamentos continuamente, e por isso a minha agenda continua cheia como em qualquer outro dia do ano.

— Ei! Alguém em casa? — ouço a voz do Fê, o médico gato com quem me divirto de vez em quando, e saio do banheiro com um sorriso, embora ainda tenha uma dorzinha de cabeça me martelando o cérebro.

— Feliz Natal, sumida! — Ele me cumprimenta com um selinho na boca. — Não consegui falar com você nem pelo *WhatsApp*!

Sorrio, feliz pelo cumprimento, mas ignoro o resto, pois nunca fui de dar explicações a ninguém sobre nada, então...

— Feliz Natal! Entrando ou saindo do plantão?

— Saindo! — Ri. — Passei meu Natal aqui, mas faz parte!

Ele olha para a porta e rapidamente me puxa para perto e me dá um beijo delicioso, deixando-me logo acesa. Esse homem é muito gostoso!

— Quando nos vemos? — Ele parece ansioso, e eu gosto disso.

— Eu te ligo. — Afasto-me. — Quais seus dias de folga?

— Hoje e sexta-feira.

Concordo com a cabeça, já indo preparar meus equipamentos para o atendimento do primeiro paciente.

— Liz? — Apenas o olho. — Não faz jogo duro, me liga na sexta!

— Não é jogo duro, eu apenas não sei o que pode acontecer até lá! — Dou de ombros. — Não gosto de marcar e depois furar, você sabe!

— Você não gosta é de ter algum outro compromisso que não seja com seu trabalho, isso sim!

Sou dispensada de responder porque os outros fisioterapeutas que trabalham comigo chegam e eu apenas me despeço dele com um aceno.

Cumprimento um a um, abraçando-os e desejando Feliz Natal atrasado. Nós – quatro ao todo – trabalhamos juntos todos os dias, cada um em sua especialidade.

Diego, o namorado da Olívia, é especializado em fisioterapia em pacientes de Unidade de Terapia Intensiva – UTI; Márcia, alta e de corpo escultural – inclusive é passista de escola de samba – é especializada em fisioterapia respiratória; Augusto – Guto – é uma figura, engraçado e um dos melhores traumato-ortopédicos que conheço; e eu sou especializada em neuro-funcional em adultos e crianças.

Algumas vezes na semana, nós recebemos mais dois colegas que atendem aqui, o Camilo – com especialidade em fisioterapia esportiva – e a Perla, quiropraxista.

Nossa ala conta com equipamentos modernos, cabines individualizadas, piscina aquecida e uma pequena academia com estrutura de pilates montada. Eu nem acreditei quando consegui a vaga para trabalhar aqui logo após o término da pós-graduação, mas, graças à indicação do Diego, aqui estou eu.

O salário é bom, dá para me manter quietinha no meu ovinho, mas eu ainda penso em complementar a renda fazendo alguns serviços extras à noite, inclusive cantando em barzinhos, porque viver nessa cidade e ter a vida social que eu tenho não é qualquer salário que suporta.

Eu sou festeira, sim! Adoro me divertir com meus amigos, curtir uma roda de samba em Santa Tereza, um jazz na Lagoa, rock no Circo Voador, MPB na Lapa, enfim... eu adoro a noite, adoro música e, principalmente, adoro ser

solteira e dona do meu nariz.

Nunca quis um namorado para me prender, porque, por mais que gostemos das mesmas coisas, ainda assim eu teria de ficar dando satisfação e não tenho paciência. Além disso, nunca gostei de ninguém o suficiente para manter uma relação, alguém que eu olhasse e quisesse ter ao meu lado, acordar de manhã juntos e me sentir bem.

Não! Eu já fui do tipo apaixonada há muitos anos, mas aprendi que o coração não é tão fácil de consertar depois de quebrado, então é melhor mantê-lo bem guardado e protegido.

— ...mas será que vai sobreviver? — Márcia e Guto conversam enquanto leem algo no celular. — Ai, ele era tão bonito, será que vai ficar com muitas marcas?

— E eram dois! — Guto se abana. — Era muita beleza para um mundo só!

— Mas morrer carbonizado... — Ele estremece, e eu fico curiosa.

— Vocês estão falando de fatos ou de novela? — pergunto rindo, pois uma vez fiquei toda preocupada, e eles só estavam discutindo o capítulo anterior de um folhetim.

— Ai, amiga, antes fosse de novela! — Guto lamenta. — Sabe aquele ator gostosão que você detesta?

Meu coração dispara, e eu arranco o celular da mão dele, vendo, sem poder acreditar, a foto de Thomas e, ao lado, uma foto de um carro destruído.

Eu me sento, trêmula demais com a notícia.

— Eric morreu! — Tampo a boca com a mão, lembrando-me do menino quieto e do rapaz apaixonado por livros, recordando que eu ainda tenho o livro do primeiro amor do Hemingway guardado em algum lugar. — Meu Deus, que tragédia!

— Liz? — Diego me chama preocupado. — Você está pálida, Liz, tudo bem?

— Como foi que isso aconteceu? — inquiro para o Guto, ignorando a pergunta de Diego.

Como posso estar bem?! Mesmo odiando Thomas pelo que fez comigo, pelo modo como usou o que eu sentia por ele para me humilhar, como eu posso estar bem? Pobre Eric!

— Ao que parece, eles estavam na festa de noivado do que morreu e algo aconteceu e eles pegaram a estrada para Nova Iorque. No meio do caminho o carro capotou e depois explodiu ao bater em uma árvore, ou algo do tipo. — Fecho os olhos com força. — O que sobreviveu foi espirrado do carro, e o outro, o motorista, coitado, morreu queimado.

— Está em todos os sites e jornais desde ontem! — Márcia completa. — O

Tom Palmer acabou de gravar um filme, e todos dizem que ele vai ganhar o Oscar dessa vez. Coitado! Dizem que sofreu um monte de queimaduras e cortes.

Thomas!

— O estado dele ainda é grave, pode morrer a qualquer minuto.

Olho para Guto e nego, acreditando que ele irá ficar bem.

— Eu preciso ligar para o meu avô... — Todos franzem o cenho, olhando-me como louca. — Ele é caseiro da ilha da família Palmer em Angra.

Saio da sala, deixando para trás meus colegas de trabalho completamente surpreendidos com a informação e, provavelmente, pensando no motivo pelo qual, todos esses anos, eu nunca comentei nada sobre o assunto e, principalmente, sempre me recusei a ver os filmes do Thomas.

— Não brinca, Liz! — Olívia me abraça depois que conto tudo para ela.

Foi uma experiência muito ruim a que eu passei com Thomas, há anos, deixou-me marcada por dentro, com medo de me abrir, com medo de ser machucada. Ele, embora não tenha me estuprado, porque eu o quis a todo momento, abusou de mim de uma forma que eu nunca entendi bem o porquê.

Pensando friamente, acho que ele só não foi em frente na transa comigo porque descobriu que eu era virgem, pois, senão, teria completado o serviço até o fim e depois me humilhado como fez.

Quando descobri que ele havia se tornado um ator, pensei que ele não poderia ter escolhido melhor profissão, pois mudava a máscara que usava tão rapidamente que enganava qualquer um. Eu sei bem disso, porque, enquanto ele me seduzia, dizia palavras amorosas e fazia carinhos ternos, mas depois...

Olívia atualiza o site internacional pelo qual estamos acompanhando notícias dele, mas não há nada de novo. Tudo o que sabemos é que ele sofreu alguns cortes no rosto, queimou parte das mãos e do braço esquerdo e teve traumatismo craniano, o que explica estar em coma.

Eric ao que parece não teve tempo para nenhum tipo de reação e morreu sentado no banco do motorista, completamente carbonizado, restando apenas o anel que ele sempre usava em sua mão.

Era noite de Natal, as vias estavam quase desertas e o tempo estava ruim, primeiro com chuva e depois com neve fina caindo. Ninguém sabe ao certo o que causou o acidente, mas foi constatado que os dois haviam ingerido álcool antes de pegar estrada.

Eu chorei a noite inteira depois que soube da tragédia. Liguei para meu avô

ainda na clínica e lhe contei a triste notícia. Ele ficou arrasado por causa de Eric, pois sempre gostara muito do irmão mais calmo.

Como a vida é imprevisível e pode mudar em um instante. Dois homens lindos, sim, porque eles eram, com toda a vida a ser vivida, com dinheiro e realização profissional, e agora um está entre a vida e a morte em uma UTI, e o outro – o que restou dele – debaixo da terra.

— Eu entendo agora por que você se recusava a assistir aos filmes e a suspirar por ele. — Olívia passa a mão entre meus cabelos. — Cara, eu teria batido muito nele se tivesse me tratado como te tratou.

— Eu era muito boba e ingênua, Oli. Não conhecia nada, achava que ele era o alfa e o ômega na minha vida. — Ela assente, entendendo como me sentia no passado. — Ele me humilhava constantemente, e eu, ainda assim, sonhava com ele, sentia como se a gente tivesse nascido um para o outro.

— Babaca! — grunhe entre os dentes. — Você chegou aqui tão tímida, eu nem podia imaginar que era por estar sofrendo. Você é muito fechada, Liz! Demorou 10 anos para me contar essa história!

Eu me levanto do colo dela.

— Se não fosse o que aconteceu, eu nunca diria isso a alguém. Não é algo de que eu tenha orgulho, sabe? Ter sido tão ingênua.

— Você nem tinha completado 18 anos! Todos somos ingênuos nessa idade! — Levanto minha sobrancelha, não acreditando que ela o fosse. — Tudo bem, talvez eu nunca tenha sido completamente ingênua, mas eu tive que aprender a me virar cedo, e você sabe disso!

— A vida é uma cadela com dentes afiados, não é?

Ela ri e se levanta, voltando com duas cervejas – daquelas que me fazem tanto mal.

— Ela pode até ser, Liz, mas nós duas já compramos focinheiras! Ela não nos pega mais!

Brindamos minutos antes de Diego entrar.

— Oba! — Pula no sofá. — Noite de meninas! Qual filme vamos ver hoje?

Rolo os olhos, e Olívia dá um safanão nele, mas depois todos rimos.

— Você está melhor, Liz? — pergunta preocupado.

— Estou, sim! — Levanto-me. — Vou para meu quarto descansar um pouco, porque o dia foi intenso.

— Quando não é!? — Diego suspira. — Preciso daquela massagem, amor!

— Hum... agora, bebê?! — Ela praticamente pula no colo dele.

— Pelo menos esperem que eu chegue ao quarto! — grito, correndo pelo corredor.

Ao fechar a porta, meu sorriso morre. Meu coração ficou apertado ao saber

do triste fim de Eric e do que pode acontecer com Thomas. Caminho até meu armário e pego, no fundo, um velho diário e o livro “Hemingway no Amor e na Guerra”, que uma vez ganhei de Eric.

No diário se encontram todas as fantasias que tive com Thomas desde quando o conheci até o dia em que ele destruiu meu coração. Abro não o caderno, mas o livro e leio o nome de Eric escrito na contracapa. Passo meus dedos nele, contornando cada letra, lamentando que quem o escreveu tenha deixado de existir.

Quanto ao Thomas... Bem, há muito tempo que não penso nele com qualquer outro sentimento senão o de mágoa, então ainda é difícil lamentar por ele. Quando soube da notícia, pensei até em como a vida é injusta, porque Eric sempre foi um homem muito mais centrado do que Thomas, mas quem decide quem fica e quem vai não somos nós.

Sinto pena da família, pena da pequena Becca, da senhora Willie, que nem sei se é viva ainda, e do senhor Palmer, porque sei o quanto ele amava o filho mais velho.

Nova Iorque, meses depois.

Thomas James Palmer!

Encaro meus olhos.

Thomas James Palmer!

Meus olhos piscam.

Thomas James Palmer!

Balanço a cabeça e saio da frente do espelho, conduzindo a cadeira de rodas ao redor do quarto, inconformado pela pouca informação fornecida pelo meu cérebro agora em que estou me restabelecendo depois de seis meses internado no hospital.

Tudo o que sei até agora foi através de informações de pessoas próximas a mim – que não me contam muito, por sinal – e de pedaços de conversas que ouvi no hospital.

Saí do coma de uma forma que assustou até os médicos. Foram meses mergulhado em minha própria consciência, sem percepção alguma do mundo exterior, nada de experiência fora do corpo, nada de ouvir o que os outros falavam ao meu redor. Eu simplesmente estive desligado por meses.

Então, numa manhã qualquer, abri os olhos, perdido, sem saber onde estava e, principalmente, quem eu era.

A primeira pessoa que vi, sentada ao meu lado, foi minha madrasta, Mari. Não a reconheci, ela teve que me contar quem era e o motivo pelo qual eu estava numa cama de hospital todo cheio de aparelhos. Eu a olhava tentando obter alguma lembrança ou algo que fizesse com que ela fosse familiar a mim, mas não, não conseguia me lembrar de nada.

Ela me chamava de Tom e chorava, apertando um botão ao lado da minha cama sem parar. Instantes depois entraram pessoas correndo, vestidas de branco, e eu consegui associá-los a médicos.

Foi uma comoção! Examinaram-me, testaram meus sentidos, e foi aí que eu entrei em pânico pela primeira vez: não conseguia mexer as pernas. Eu as sentia, mas não conseguia movê-las. O médico conversou com Mari – algo como se já fosse previsto que eu não pudesse mexer os membros inferiores, pois eu tivera um trauma na coluna e necessitara de cirurgia –, e eu ficava cada vez mais desesperado.

Ele me pediu para conversar, mas eu embolava algumas palavras ou simplesmente esquecia de pronunciá-las. Continuei monitorado pelos aparelhos em meu corpo, mas eles levantaram a parte superior da cama para que eu pudesse ver tudo a minha volta.

Alguns minutos se passaram antes que mais pessoas entrassem como loucas no quarto. Um homem alto, grisalho e forte me olhava como se visse um fantasma, e uma moça nova e bonita sorria e chorava ao mesmo tempo.

Mais tarde eles se apresentaram como Bill, meu pai, e Rebecca, minha irmã caçula. Rebecca sentou-se numa poltrona ao lado da minha cama enquanto meu pai e Mari conversavam com os médicos. Ela me tocou no braço, eu vi, mas a sensibilidade nele também não estava boa, então o olhei.

Queimaduras, muitas delas, em meu braço esquerdo, algumas cicatrizadas, outras ainda com algum tipo de remédio. Eu não sentia dor, mas também não conseguia senti-las bem.

Eu já havia entendido que tinha sofrido um acidente e que havia meses estava desacordado, mas ver os ferimentos me deixou nervoso. Minhas mãos

também estavam queimadas, menos que o braço, mas ainda assim tinham marcas.

— Oi, Tommy! — Becca sorriu para mim, falando baixinho: — Eu estou tão feliz em vê-lo novamente!

Eu sorri, mas não falei, pois realmente não sabia o que dizer. Tudo o que passava pela minha cabeça era o desespero de tentar saber quem eu era. Eu entendia o idioma e – embora com alguma dificuldade – foi natural falar. Eu consegui associar o local onde me encontrava bem como as pessoas à minha volta como sendo um hospital e médicos. Todavia, eu não sabia mais nada! Eu não sabia os nomes das pessoas, não sabia em que cidade estava, como eu me parecia, nada!

Os médicos me explicaram que era normal essa amnésia pós-traumática e que ela poderia sumir rapidamente ou ainda levar algum tempo para desaparecer.

Eu tive meu primeiro flash de memória ao ver minha avó, Willemina. Antes mesmo que ela se apresentasse a mim, ainda no hospital, eu sabia quem ela era. Não sabia seu nome, mas sabia que era da minha família. Isso me animou, e eu fiquei focado a me lembrar das coisas o máximo que pudesse.

As semanas seguintes foram preenchidas por fisioterapia, pois, segundo meus médicos, minha condição física não era permanente, e cada vez mais eu sentia minha sensibilidade aumentar e até mesmo conseguia já alguns movimentos – não conseguia ainda levantar as pernas ou dobrá-las, mas já sacodia o pé levemente –, o que me animou.

No dia da alta, há uma semana, os especialistas conversaram comigo e disseram que, se eu fizesse meus exercícios com empenho, logo estaria andando de muletas e, por fim, poderia voltar a caminhar normalmente.

Eu estava me sentindo confiante e feliz, embora ainda a situação de não me lembrar de nada me fizesse um pouco receoso. Então, três dias depois, escutei a primeira conversa cochichada e ouvi um nome: Eric.

Imediatamente senti como se minha mente estivesse processando um reconhecimento. Meu coração ficou apertado, minhas mãos suaram, mas eu não conseguia saber quem ele era e o que significava em minha vida.

Estou na casa do meu pai, em Nova Iorque. Contaram-me que eu sou um ator, inclusive já assisti aos meus filmes, mas ainda assim não consegui reconhecer nada. Falaram-me da minha casa em Beverly Hills e do apartamento em West Side, mas nada veio à minha mente.

Eu me olho no espelho todos os dias, esperando algum reconhecimento, mesmo com as cicatrizes em parte da minha bochecha esquerda e no pescoço, mas ainda assim não consigo reconhecer meu próprio rosto.

Desde que cheguei aqui, comecei a buscar fotografias, mas não encontrei

nenhuma. O quarto que ocupo, por causa da mobilidade, fica no térreo e é um quarto de hóspedes, por isso achei normal não ter fotos minhas nele. Então pedi a Mari que as conseguisse, e mesmo assim não me reconheci.

Foi então que, ontem, eu tive acesso ao laptop da minha irmã, Becca, e coloquei meu nome em um site de pesquisa. O que eu vi me deixou perplexo!

Há milhares de notícias sobre meu acidente e minha recuperação, mas isso eu já esperava, por ser um ator e ter certa fama, mas o que eu não esperava saber era que eu não estava sozinho no dia do acidente. Todas as reportagens falam de Eric Palmer, meu irmão gêmeo, morto no acidente de carro na véspera de Natal há pouco mais de seis meses.

Eu senti uma dor tão grande dentro de mim, como se houvessem me arrancado um pedaço. Eu não me lembro do Eric, sei que nós éramos idênticos por causa das fotografias que vi no site, mas não sei de mais nada.

Eu tentei, após essa revelação, conversar com meus familiares, mas eles se negaram a falar dele. Meu pai ficou um tempo me olhando, respirou fundo e saiu de perto de mim. Minha madrasta disse que ele não havia se recuperado da perda ainda e que eu deveria focar na minha reabilitação. Contudo, como eu poderia seguir em frente sem saber o que aconteceu naquela noite?

— Tommy? — ouvi a voz de Becca e sorri, pois ela era a que mais me fazia companhia. — Eu fiquei sabendo que você soube do Eric. — Eu apenas assenti com a cabeça. — Você se lembra dele?

— Não, Rebecca. Infelizmente eu não tenho nenhuma memória dele ainda.

— Você quer saber como ele era?

— Por favor!

Ela sorriu triste e pegou minha mão. Rebecca sempre arranja um jeito para me tocar, me abraçar, demonstrar carinho e solidariedade, e eu me sinto reconfortado com isso.

— Ele era incrível! — ela começou. — Eric era uma pessoa impossível de não se gostar, sabe? Era sincero, carinhoso, um pouco monótono... — Riu. — Ele era para mim mais do que um irmão. — Vi lágrimas rolarem por seu rosto. — Ele era um pai, um super-herói.

— Eu sinto muito, Becca. — Apertei sua mão.

— Eu me sinto culpada, sabe? Pelo acidente de vocês. — Rebecca fechou os olhos. — Fui eu quem causou a briga...

— Briga?

— Minha mãe disse que eu não devo falar desse assunto contigo, mas é tão ruim ver você assim, tão perdido, sem lembrar das coisas!

— Por favor, me conte!

Então ela o fez. Durante vários minutos que pareceram horas, comecei a

descobrir o meu caráter. Embebedar e dar drogas a uma garota de 16 anos na véspera de Natal? Ela disse para mim que foi ela quem pediu, mas, afinal, que tipo de irmão eu era?

Tudo o que Rebecca me contou sobre Eric ter ido atrás de mim, pois eu estava bêbado demais para dirigir, a insistência de ir para Nova Iorque mesmo com o tempo estando instável, tudo isso me fez ter noção de quem eu era, e eu não gostei nada de descobrir isso.

Nessa madrugada sonhei pela primeira vez desde que voltei do coma. Sonhei com uma briga e, embora eu não pudesse ver os rostos, sabia se tratar de mim e de Eric.

Xingávamos um ao outro, nos acusávamos e gritávamos. Acordei com a certeza de que aquele momento ocorreu e que não era um sonho, mas sim uma lembrança. Desesperei-me, chorei deitado na minha cama, imaginando o motivo pelo qual nós nos odiávamos tanto.

Venho tentando de todas as formas me lembrar do acidente, mas não consigo, não posso. Entretanto, uma coisa já é certa para mim: eu matei meu irmão.

— Tommy, por favor...

— Saia daqui, Becca! — grito com ela. — Eu já disse que não quero ver ninguém!

Ela se encolhe, e eu bufo, impaciente, com raiva, com medo, com dor.

— Você precisa seguir o tratamento, precisa melhorar!

— Eu já disse para você sair! — minha voz não tem mais raiva, somente o desânimo e a dor que vêm me consumindo dia após dia desde que sonhei com Eric pela primeira vez. Agora todas as noites o sonho se repete e, às vezes, eu consigo ver seu rosto, posso sentir toda a raiva que emanava quando estávamos próximos.

Comecei a me questionar sobre quem é Thomas James Palmer, pois um estranho olha para mim todos os dias, refletido no espelho. É certo que já consegui ter algumas lembranças, como da minha mãe biológica – cujo nome lembrei durante uma conversa com meu pai –, consegui recordar de um verão passado em uma ilha – que me disseram ser em outro país – e de Rebecca bebê, mas, sobre mim, tudo o que eu sei, estou descobrindo clandestinamente pela internet.

Cada vez que leio uma reportagem sobre quem eu sou, menos me

reconheço. Sou um homem que gosta de comprar artigos de luxo, que foi flagrado nu na piscina de um hotel por um *paparazzo*; um homem que adora participar de orgias regadas a drogas e álcool, segundo os sites.

Eu pesquisei sobre Eric também, pois eu estava muito curioso sobre sua vida e, como todos se recusavam a me contar, resolvi seguir o mesmo caminho que fiz para descobrir sobre mim. Ele, ao que parece, era um homem mais comedido, advogado, formado em Harvard, sócio de um escritório no coração dos negócios do mundo, o Financial District e, o pior de tudo, apaixonado pela noiva: Cassidy. Eles iam oficializar o noivado na véspera de Natal, mas, por causa do escândalo que causei, ele não o fez.

Meu irmão e a noiva deveriam estar casados há meses, mas eu frustrei seus sonhos e interrompi sua vida. Por isso, decidi que não mereço continuar, não mereço me recuperar; era eu quem deveria ter morrido naquele acidente.

Desde então, eu tenho me recusado a ser tratado. Isolei-me no quarto e neguei todo e qualquer tipo de visita médica. Escorracei minha irmã – mas a atrevida ainda volta aqui às vezes – e me afundei na minha dor.

Volto-me para onde Becca está, mas ela já saiu, pelo que agradeço. Eu não gosto de quando sou rude, porque ela é uma menina muito doce e atenciosa, além de eu já ter percebido que ela é completamente sozinha, pois seus pais não lhe dão a mínima atenção.

Odeio estar preso nesse mundo sem lembranças mais do que estar preso nessa cadeira de rodas. Não saber das coisas que fiz, de como eu sou, é uma situação que me deixa cada vez mais alarmado e angustiado.

Pego o laptop escondido e começo a mexer em seus arquivos. Vejo muitas fotos da Becca e algumas minhas em estúdios de cinema, ou mesmo cenas de filmes. Fico pensando... se nós dois éramos tão próximos assim, por que eu fiz o que fiz com ela na véspera do Natal?

Acho uma pasta cheia de vídeos, a maioria gravada pela minha irmã em uma ação social em outro país, construindo casas e ensinando inglês, mas um nome me chama a atenção: Angra dos Reis.

Abro o primeiro arquivo dessa pasta, e à minha frente aparece o rosto de Becca bem jovem – quase infantil –, e ela fala sem parar sobre o tempo e os seus planos para aquelas férias de verão. É como se fosse um diário em vídeo, e eu assisto a eles um a um, até que, de repente, parado em cima de uma rocha, olhando o horizonte ao longe, eu me vejo – bem jovem também. Ela mexe comigo o tempo todo, mas eu continuo com expressão fechada e olhar distante, até que Rebecca joga uma pedra em mim, e eu sorrio para ela.

Ela fala algo sobre querer navegar, cita alguns nomes que não fazem nenhum sentido para mim, e só o que faço é me aproximar dela e tocar a ponta

de seu nariz com meu dedo, sem lhe responder. Caminho para longe, e ela vira a câmera para si mesma e rola os olhos, dizendo o quanto seu irmão é chato. Eu rio disso, mas meu sorriso morre quando ela sai correndo atrás de mim, mas gritando por Eric.

Não era eu!

Meus olhos se enchem de lágrimas, e assisto a Becca abraçando-o pelas costas e em seguida ser levantada e colocada sobre os ombros de Eric. Ela filma o topo de sua cabeça, então ele olha para cima e lhe mostra a língua, arrancando gargalhadas dela.

O vídeo acaba, e em seguida abro outro e mais uma vez vejo uma sequência de interações de Becca com Eric, notando o quão intensa e profunda era a amizade entre os dois.

Em um dos arquivos, meu irmão conversa com um senhor idoso em um idioma que não sei qual é, mas que consigo entender perfeitamente. Arregalo os olhos ao perceber isso, que conheço o idioma muito bem.

Fico horas assistindo aos vídeos de Becca, mas infelizmente os que se passam naquela praia não são muitos e, pelo que noto, são de mais de seis anos atrás.

Ouço alguém batendo à minha porta e mando ir embora, mas a pessoa insiste. Decido ignorar, pensando que, assim, o intruso irá me deixar em paz, mas não é o que acontece.

— Thomas? — escuto a voz de uma mulher e me viro para olhá-la.

Imediatamente vem à minha mente imagens dela sorrindo e – nitidamente a vejo – completamente nua em uma cama.

— Quem é você? — pergunto nervoso.

Ela se aproxima, e eu vejo seus olhos vermelhos e sua expressão chocada, chateada ou mesmo magoada.

— Cassidy, eu era noiva do seu irmão.

Arregalo os olhos e sinto meu coração bater como se fosse explodir. *Noiva?*

Mas como... Minha respiração começa a ficar irregular, e movo minha cadeira para trás, para bem longe dela.

— Não se aproxime — ordeno quando ela continua avançando em minha direção. Estou confuso e perdido, e mais imagens dela, na cama comigo, vão me assaltando. — Não se aproxime de mim!

Ela se assusta com meu grito e para.

— Eles não queriam que eu viesse aqui. — Ri triste, e de seus olhos descem lágrimas. — Mas eu tinha que vir ver você.

Nego com a cabeça, não querendo lembrar e nem saber que tipo de relação nós tínhamos.

— Tinha que vir aqui para te dizer tudo, porque não acho que eles podem ficar mantendo você nessa fortaleza, sem você pagar por nada — o ódio em suas palavras me faz franzir o cenho. — Eu tinha nojo de você, Thomas, mas agora... — Ela soluça. — Agora tenho ódio!

Sinto-me petrificado no lugar. Meus olhos não saem de sua face transtornada.

— Eu tenho certeza de que você finge não ter memória, afinal, você é um bom ator, não é? — Limpa as lágrimas rudemente. — Não era você que dizia que podia enganar qualquer um?

— Eu realmente não me lembro — defendo-me, mesmo ainda confuso e perdido. — Eu sinto muito pela dor que você está passando, Cassidy. Eu também estou...

— Para, Thomas! Para de fingir ser quem você não é! — grita em desespero. — Qual é o plano agora? Viver a vida dele? Ser como ele? Isso é tudo o que você sempre quis, não é?!

Ela caminha até bem perto de mim e me encara. Em seguida toca meu rosto, virando-o, analisando minhas cicatrizes.

— Cassie...

— Não me chama assim! — diz em tom baixo, mas carregado de ódio. — Olhe só para você, Tom Palmer — o seu desprezo é evidente ao falar meu nome. — Claro que algumas cirurgias podem amenizar isso em seu rosto, mas será que você conseguirá viver com sua consciência? — Ela ri como louca. — Eu esqueci! — Continua rindo e de repente fica séria. — Você não tem consciência! Você apenas está realizando seu sonho! Não te satisfazia ser famoso, rico e bonito. Não! Você queria ser o Eric! Agora, parabéns! Está na casa de seu pai, um homem que você nunca suportou por ser tão apegado ao seu irmão. Tem Becca ao seu lado, mesmo não tendo dispensado um minuto de atenção a ela durante 16 anos. E o mais importante! Você acabou com a concorrência, não é?

— Cassidy, eu não...

— Você é doente e me dá pena! — Tento tocá-la, mas ela afasta minha mão.
— Não me toque! Nunca mais você terá suas mãos em mim, Thomas! Já não existe Eric para que você tome seu lugar e me engane!

— Como você disse? — Estou em choque.

— O quê? — ela indaga baixinho. — Vai dizer que não se lembra? Ah... que conveniente!

— Do que você está falando?

— Você sempre gostava de se passar por ele. Comprar as mesmas roupas, usar o mesmo corte de cabelo. E enganar as pessoas.

Deus, isso não pode ser certo!

— Nós dois...

— Você se lembra, seu rato miserável! Eu sempre soube que você estava mentindo! Você conseguiu me enganar daquela vez porque eu não te conhecia, porque estava há pouco tempo convivendo com Eric para entender o quanto ele e você eram diferentes!

Ponho as mãos na cabeça, absorvendo e compreendendo o que ela está dizendo. Eu me passei pelo meu próprio irmão para transar com sua namorada?!

— A culpa é sua, Thomas! — Ela começa a chorar. — Quando eu soube que a Mari ia te ligar para convidá-lo, eu liguei antes. Eu te pedi tanto para que não viesse, para que nos deixássemos em paz, para que parasse com seus joguinhos de chantagem comigo.

— Não continue, por favor — peço tapando os ouvidos.

— Você matou o Eric, matou o homem que eu amava e o pior: matou um homem que te amava também. — Eu a olho. — Sim, Thomas, ele te amava muito e faria de tudo por você.

Mari entra no quarto e para ao ver Cassidy.

— O que você está fazendo aqui? — Minha madrasta caminha até ela e a segura pelo braço. — Sabe muito bem que não deveria...

— Ele precisava saber o que fez! — ela berra, tentando se livrar de Mari.
— É sua culpa, Thomas! Você deveria ter morrido! Você!

Mari a arrasta para fora, mas eu ainda consigo ouvir seus gritos, além dos que estão em minha própria mente.

Eu deveria ter morrido!

— Ele não quer mais receber ninguém, não quer mais se tratar e nem falar com o psicólogo.

Meu pai conversa com alguém no corredor, e eu escuto a conversa dentro do meu quarto. Às vezes acho que eles pensam que, só porque não posso andar ou me lembrar de muitas coisas, não posso ouvir também, pois sempre conversam sobre mim às minhas costas.

— Ele precisa fazer o tratamento e começar a sair desse lugar também. Não é bom para sua recuperação ficar fechado 24 horas por dia dentro de um quarto em um apartamento, ele precisa de sol e ar fresco!

Mari ri.

— Já viu a quantidade de repórteres na porta do nosso prédio? O seu último filme estreou semana passada, e tudo o que os *paparazzi* querem é conseguir uma foto dele.

— Isso mesmo! Até o agente dele esteve aqui, querendo lhe falar sobre dar algumas entrevistas. — Meu pai parece furioso. — O homem não veio vê-lo um dia sequer, mas, na hora de se promover... aí, sim, lembrou do meu filho!

Mari pede a ele que se acalme, e eu o escuto bufar.

— Então leve-o para outra propriedade! — reconheço a voz do médico que cuidou de mim no hospital. — Ele não pode ficar aqui, isso só vai piorar sua depressão.

Rolo os olhos, pensando em quando começaram a me tratar como criança. Eles não conseguem entender o que tenho sentido desde que descobri que sou um monstro? Eu não quero me lembrar de nada mais, não faço nenhum esforço e recuso o tratamento com o psicólogo por isso. Eu não quero falar do meu passado, não quero mais ser aquele homem!

E é por isso também que não estou fazendo a reabilitação. Meu irmão morreu! Estar numa cadeira de rodas é pouco diante do que lhe causei nesses anos todos. É minha punição não andar, ter as cicatrizes e saber todos os dias que eu contribuí para que parte de mim morresse. Eu deveria ter morrido no lugar dele!

Eles não sabem, mas de nada vai adiantar me levarem para outro lugar, pois a escuridão está dentro de mim e, aonde quer que eu vá, ela vai me seguir, não importa o que eu faça.

O médico entra assim que eles terminam de cochichar no corredor. Eu gosto do doutor Fergunson, de verdade, aprecio sua atenção, mas ele não consegue entender que quero permanecer do jeito que estou. É assim que tem de ser!

— Thomas?

Abro os olhos, ainda deitado em minha cama e o encaro.

— Ainda estou vivo, doutor. — Eu o olho. — E não, não quero continuar o tratamento.

— Thomas, eu entendo a angústia...

— O senhor já teve um irmão, doutor? — Ele assente. — Já o perdeu? — Mais uma vez ele confirma. — Foi responsável por sua morte?

— Thomas, você não foi...

— Eu fui, sim, doutor. Não só pelo que ocasionou sua morte naquela noite, mas por todas as coisas que fiz ao longo da vida para prejudicá-lo.

— Thomas, não...

— Eu não quero o tratamento! É direito meu! Eu sou maior e estou em posse das minhas faculdades mentais, ninguém...

— Não é assim que funciona, meu filho. — Ele se senta na cama. — Eu mesmo aconselharei a Bill para que peça uma intervenção, alegando insanidade, se preciso. — Eu bufo. — Você precisa iniciar o tratamento já, Thomas. E ainda tem as cirurgias...

— Eu não vou fazer! — grito e passo a mão no meu rosto, sentindo minha barba crescida. — Eu não quero melhorar, vocês não entendem?!

O doutor Fergunson se levanta.

— Certo, então. Vou pedir ao seu pai que já prepare a senhorita Rebecca para perder mais um irmão. — Olha-me no fundo dos olhos. — Porque é o que vai acontecer se você continuar negando tratamento, Thomas. Ficar deitado nessa cama 24 horas por dia vai lhe causar problemas. Primeiro serão as escaras, depois começarão os problemas nos pulmões e...

— Saia, doutor!

— Vai ser lenta, demorada, com muito sofrimento... É exatamente o que você quer, não é? Eu só penso na sua irmã, que também perdeu um irmão há pouco. — Ele se vira para ir embora. — Pense nisso, Thomas. Ela ainda tem você, mas é como se tivesse perdido os dois por causa do seu isolamento. Não é só você que sente dor nessa família.

Ele sai, e eu sinto meu peito agitado e minha respiração dificultosa. Rebecca foi a que mais esteve ao meu lado desde que acordei, até quando proibi a entrada de todos no quarto, há duas semanas, quando Cassidy veio me ver e despejou sobre mim toda a imundície do meu passado.

Eu sinto falta dela, mas pensei ser melhor deixá-la seguir com sua vida, afinal, é uma adolescente em época de escola ainda, não tem por que ficar comigo, e eu também não quero ninguém cuidando de mim. Eu não mereço que cuidem.

No entanto, as palavras do médico atingiram bem o alvo. Tudo o que eu não quero agora é fazer sofrer mais alguém dessa família, e eu já fiz isso demais. Penso em Rebecca, e a imagem dela, com 10 anos de idade, naquela ilha ao lado de Eric, vem-me à cabeça.

Eu preciso sair deste apartamento segundo as recomendações do próprio

médico. Preciso me isolar também, mas sem magoar minha irmã ou a qualquer outra pessoa desta família. Rebecca acabou de voltar às aulas e por isso mesmo não poderá me acompanhar, e meu pai e Mari têm suas vidas aqui.

Animo-me ante a possibilidade que passa em minha mente. Um lugar longe de todos, onde eu possa entender e lidar com minha dor sem a preocupação de ninguém da família. É o ideal.

Entretanto, só há uma questão: o que fazer para convencê-los a me deixar ir?

A resposta que eu precisava veio dois dias depois, quando um repórter disfarçado entre os funcionários de uma empresa de manutenção entrou no apartamento para tirar fotos minhas.

Meu pai acionou a polícia, e tudo isso gerou uma enorme repercussão, e eu, bem, eu achei um ponto onde me apoiar.

— Angra? — Bill Palmer, com seu jeito grandalhão, quase grita.

— Por que Angra, Thomas? — Mari parece tão apavorada quanto o marido. — Você nunca foi muito fã de ir para lá!

Respiro fundo, refreando a vontade de dizer a ela que isso, no momento, é irrelevante, visto que eu não lembro de praticamente nada do que eu gostava antes!

— Nós não podemos ir para lá agora! Rebecca voltou para a escola, e eu estou cheio de compromissos de trabalho e...

— Eu posso ficar lá sozinho. — Eles me olham como se eu tivesse ficado louco. — Há empregados na propriedade, não há?

— Sim, mas é um local isolado, e há anos não vamos para lá. Estava até anunciando-a à venda!

— Tom, lá é muito isolado. Tudo tem que ser feito de barco, e a cidade, embora boa, não possui a infraestrutura necessária em termos médicos para...

— Ele poderia ficar com uma equipe médica à disposição — meu pai fala como se fosse uma ótima ideia, e eu arregalo os olhos, pois não pensei nessa possibilidade. — Médicos, fonoaudiólogos, psicólogos, fisioterapeutas, tudo o obrigando a se tratar 24 horas por dia.

Merda!

— Bill, você não pode concordar com essa loucura!

— Pai, eu pensei em ir para lá para ficar isolado e...

— Não. — Ele se senta de frente para mim. — Eric morreu, Thomas.

Morreu! Eu não vou permitir que você fique como está, sabe por quê? Porque ele não me perdoaria por isso! Seu irmão sempre fez de tudo para te proteger, inclusive morreu tentando fazer isso...

— Bill! — Mari o repreende.

— Não, Mari, ele tem que enxergar que a oportunidade que tem de continuar vivendo lhe foi dada pelo irmão, e ele, pela primeira vez na vida, tem que honrar e agradecer por isso!

— Eu aceito — digo entre os dentes. — Eu aceito ficar na ilha com uma equipe médica, mas só com ela. — Mari tenta retrucar, mas eu não permito: — Não quero a intervenção de nenhum de vocês no meu tratamento.

— Bill, ele não vai se tratar, não permita uma loucura dessas!

— Certo, Thomas. Você irá para Angra, mas eu vou escolher os médicos, e eles se reportarão a mim. Se eu souber que você tem recusado tratamento, voltará para casa... ou melhor, eu mesmo irei interná-lo em alguma clínica.

Respiro fundo, encarando-o e concordo. Vamos ver quem ganha!

O expediente está se arrastando, e eu estou há duas horas sem atender nenhum paciente, o que particularmente odeio, porque faz o tempo passar mais devagar.

O movimento da clínica de fisioterapia dentro do hospital caiu muito, e nós comentamos isso há alguns dias. Soubemos que o hospital suspendeu o atendimento a vários planos de saúde e que só está realizando alguns procedimentos se houver pagamento direto do paciente.

A fisioterapia, infelizmente, é um desses procedimentos. Nós estamos revoltados, pois há várias pessoas que se tratavam conosco há muito tempo e que, mesmo no meio da terapia, tiveram que parar, pois o hospital não mais aceita seus planos de saúde.

Hoje, o boato geral na hora do almoço foi sobre uma possível redução nos quadros, o que deixou a todos desesperados.

— Ei, gatinha! — Fernando me abraça por trás, de surpresa. — Nós estávamos indo para a cantina tomar café, quer vir conosco?

Eu me viro, livrando-me dos braços dele e o vejo com o doutor Turnner, um dos médicos mais respeitados do hospital – além de bem gato –, tão quanto o próprio Fernando.

— Eu já lanchei, doutor Gusmão, obrigada! — Ele ri sem graça do meu tratamento frio, provavelmente lembrando que há menos de 12 horas nós estávamos tendo um envolvimento muito quente.

— Você já está sabendo da situação do hospital? — é o doutor Turnner quem me pergunta.

— Por alto. Há muitos boatos, eu não sei em que acreditar.

Os dois médicos se olham.

— Nós estamos saindo, Liz — Fê me surpreende com a notícia. — Eu consegui um outro plantão, na região metropolitana. E o doutor Turnner vai trabalhar um tempo só em sua clínica. Eles vão mandar embora mesmo!

Fecho os olhos, sentindo o efeito da notícia. Logo agora!

Olho para Diego, meu amigo e namorado da minha melhor amiga, prestes a se casar. Penso também, é claro, em mim, pois, depois do casamento dos dois, terei que arcar sozinha com o aluguel do apartamento e suas demais despesas. Se eu perder o emprego agora, até conseguir outro, minhas contas entrarão em colapso.

— Ai, meu Deus! Péssima hora para isso acontecer! — comento desanimada.

— Você sabe, não é? — Fernando se aproxima e fala baixinho em meu ouvido. — Se você quiser morar um tempo aqui na Barra, meu apartamento é grande e...

Sorrio e balanço a cabeça para ele, recriminando-o por tocar nesse assunto de novo. Nós já conversamos, e eu não quero assumir nenhum compromisso com ele, nem com ninguém. Claro, saímos juntos há quase dois anos, mas é uma coisa casual, sexo uma ou duas vezes na semana e mais nada!

Eu não frequento os locais que ele frequenta, e vice-versa. Não saímos para cinema, restaurante, balada, nada. É cada um na sua, e, se pintar de ficar com outras pessoas, não temos nenhum acordo sobre nada, então me sinto livre para ficar com quem eu quiser, e ele também deve se sentir assim. Não pergunto e nem quero saber com quem ele anda por aí e espero que ele faça o mesmo com relação a mim. Porém, eu sei, eu sinto que, por ele, a nossa situação seria diferente. Fernando já é um homem maduro, com 37 anos, uma carreira

consolidada, economicamente estável. Eu acho que ele já está cansado dessa fase de sexo casual e que ele me vê como alguém com quem teria uma relação, porque nos damos muito bem.

Contudo, eu não sou essa pessoa! Eu não tenho intenção nenhuma de namorar ninguém – embora confesse que dificilmente fique com outro além dele –, mas estou feliz assim. Eu saio com minhas amigas, chego na hora que quero, não devo satisfação a ninguém. É o paraíso! Quando quero sexo, ligo para ele e resolvemos – deliciosamente – e ponto! Se estou em algum lugar e pinta um clima com outra pessoa, não tenho que ficar me preocupando em ser desleal com alguém, porque eu não tenho compromisso.

Eu gosto de ser assim, independente! Eu cresci ouvindo da minha mãe que, se ela não tivesse engravidado de mim aos 16 anos, sua vida teria sido diferente. Cresci ouvindo suas lamúrias por não ter um parceiro e me culpando por isso. E posteriormente, quando cresci, ouvi-a me pressionando e julgando, com medo de que eu ficasse grávida e estragasse minha vida.

Era como se ela esperasse que a história se repetisse, mas, quando me formei na faculdade, as coisas mudaram. Agora ela me acossa e me pressiona para que eu arranje alguém, para que eu construa uma família, de preferência com algum médico ou homem que ganhe o suficientemente bem. Se ela soubesse do interesse do Fernando em mim, iria pirar, e é exatamente por isso que não conto nada da minha vida pessoal para ela.

Sempre que viajo para Angra, evito falar sobre as pessoas daqui. Meu avô vai para o continente nos visitar, pois há dez anos eu não piso naquela ilha e nem tenho vontade de voltar lá.

Penso em Thomas e na foto que saiu em todos os sites de fofoca, inclusive numa revista de cinema, de ele sentado numa cadeira de rodas com o rosto todo marcado. Confesso que senti um baque ao vê-lo, mesmo ainda o achando muito bonito.

A revista dizia que ele está em depressão por causa das consequências do acidente, por ter ficado preso a uma cadeira e pelas cicatrizes e queimaduras em seu corpo e que quase não sai do quarto do luxuoso apartamento de sua família em Nova Iorque.

— Liz? — Fernando ainda espera alguma resposta minha.

— Fê, nós já conversamos sobre isso!

— Certo, mas não esqueça nunca que eu estou de portas abertas para você.

Ele se despede, e eu volto a pensar em Thomas. Não deve ser nada fácil para um homem vaidoso e famoso como ele a situação em que se encontra. Ele deve estar fazendo de tudo para melhorar, inclusive já deve estar vendo a possibilidade de fazer plásticas no rosto.

Daqui a um ano, se ele melhorar, as notícias sobre ele serão as mesmas de antes: farra, mulheres, bebidas e muito dinheiro jorrando. Thomas Palmer não sente nada por ninguém, a não ser por si mesmo. É a pessoa mais egoísta que já tive o desprazer de conhecer. Infelizmente, quando me dei conta disso, era tarde demais, e eu o deixei brincar comigo e depois me jogar no lixo.

Meu paciente chega, o único do dia, e eu o acompanho ao vestiário, onde irá se trocar para nossa sessão de fisioterapia aquática. Ele sofreu um AVC há alguns meses e ficou com o lado esquerdo do corpo paralisado. Eu o trato desde que ficou internado, atendi-o em sua fase aguda, na sua readaptação e desenvolvimento de atividades rotineiras para maior independência. Agora nós temos tentado melhorar a amplitude de seus movimentos, e a água quente da piscina, combinada com os exercícios, tem melhorado muito a qualidade de vida dele.

Apesar das sequelas deixadas pelo acidente vascular cerebral, ele é tão alto-astral que sempre chega animando a sala, trazendo chocolates para nós – meninas – e dando tapinhas nas costas dos meninos.

Durante o tempo em que estou tratando-o, consigo manter minha mente longe dos problemas do hospital e do medo de ser mandada embora, pois, quando estou fazendo o que amo, ajudando pessoas a se sentirem bem, mesmo depois de alguma tragédia, só consigo focar no trabalho.

Porém, assim que o paciente vai embora, noto a tensão nos meus companheiros de trabalho, sentados nos degraus da escada de madeira usada para exercícios, e a insegurança e o medo voltam com força total.

— Ei! O que houve? — Aproximo-me, notando a cara de apreensão de Márcia e Guto.

— Chamaram o Diego para uma reunião com a presidência do hospital. — Guto responde, torcendo as mãos de nervosismo, e eu me sento perto deles. — Acho que o negócio é mesmo para valer, Liz.

— Acho que sim. O doutor Gusmão comentou comigo que o doutor Turnner e ele estão saindo.

Os dois me olham visivelmente assustados.

— Oh, meu Deus! Se já está havendo debandada de médicos, com certeza o barco já está afundando! — Márcia suspira.

— Gente, vamos ficar calmos, porque eles não vão fechar a *fisio*.

— Podem até não fechar, mas podem diminuir o pessoal e...

Diego aparece, e nós três nos levantamos às pressas, indo na sua direção.

— O que houve? — indago assim que ele chega e, pelo suspiro que dá, sei que o negócio não é bom.

— O hospital está reduzindo o pessoal, dessa vez não é boato. — Ele parece

nervoso, tenso e constrangido. — Me deram, por ser o que tem mais tempo de casa e ser o responsável pela clínica de fisioterapia, a chata missão de comunicar quem fica e quem sai.

— Ai, meu Deus! — Guto se desespera. — Agora?

Diego assente.

— E? — Márcia pergunta nervosa.

— A clínica vai fechar, pessoal. Eles vão ficar com quem interage com as outras áreas do hospital.

Fecho os olhos, já sabendo que serei dispensada, pois só atendo aqui.

— A Márcia e você — Guto completa, visivelmente chateado.

— Infelizmente, sim. Só nós dois.

Márcia me abraça e puxa o Guto, que está em estado de choque, para junto de nós. Eu sinceramente entendo que, se a clínica fechar, não há por que manter a nós dois aqui, pois a Márcia e o Diego atuam mais tempo fora – nos quartos e na UTI – do que na clínica.

Meu amigo chora, sentido, abraçando-me forte, pois entramos praticamente juntos nesse hospital, saídos da pós-graduação. Diego já estava aqui, pois, antes de ser fisioterapeuta, era técnico de enfermagem e começou a pós assim que se graduou – o que eu não pude fazer, pois tive que esperar pelo menos um ano para ter condições de arcar com as mensalidades –, já integrando o corpo de fisioterapeutas do hospital.

A Márcia entrou um mês depois dele, e o Guto e eu viemos para cá há três anos. O que mais dói em todos é saber que estamos nos separando, pois, acima de companheiros de trabalho, somos amigos e aprendemos a fazer tudo juntos.

— Liz — Diego me chama assim que o Guto e a Márcia vão para a cantina tomar um café de despedida. — Eu vou fazer uma bela recomendação para vocês dois e, além disso, vou conversar com aqueles meus amigos que montaram a clínica em Botafogo para ver se te encaixo em algum lugar.

— Oh, Di, não se preocupe tanto comigo, sim? — Sorrio tentando não parecer preocupada. — Vou dar entrada no seguro-desemprego e procurar um local. Enquanto isso, vou ver se aceito o convite da Karla e canto no barzinho com ela.

— Ah, é uma ótima ideia, Liz!

Sim, não é pelo que eu sempre batalhei e estudei, mas com certeza vai me ajudar nesses tempos difíceis, enquanto eu não consigo voltar a fazer o que realmente amo.

Empurro o braço pesado de Fernando para o lado e me levanto da cama, sentindo-me exausta, não por causa do sexo incrível que tivemos, mas sim porque cantei de quinta-feira a domingo em um barzinho na Lapa, chegando a casa praticamente de manhã, e na segunda-feira fiz três entrevistas de emprego, mas nenhum realmente tão bom quanto o que eu tinha antes, mas que, mesmo assim, não irei recusar caso me queiram.

Há um tempo eu fui dispensada do hospital, e minha situação já começa a ser desesperadora, mesmo com o dinheiro que tenho feito aos finais de semana cantando com Karla.

— Liz... — Fernando me chama da cama, e eu deixo de fitar a vista do apartamento dele e o olho. — O que foi?

— Cansada demais para conseguir dormir.

Ele acende a luz do abajur e se senta.

— Eu já te disse que esse negócio de passar o final de semana inteiro sem dormir e ainda ficar andando para lá e para cá à procura de emprego não faz bem. Você canta bem, por que não esquece a *fisio* e investe nisso?

— Eu não vou desistir do que eu tanto lutei para conquistar, Fê! — declaro desanimada. — Você não entende isso porque não sabe de todo o esforço que fiz para ser exatamente quem eu sonhava ser. Eu madrugava para ir ao colégio, ia de barco, estudava como louca, tudo para conseguir uma bolsa e cursar fisioterapia. Eu sonho com isso desde que o meu avô precisou se tratar e eu vi a mágica que os exercícios e aparelhos fazem.

— Sim, eu entendo, Liz. — Ele se senta. — Sou ortopedista e sei a importância da fisioterapia para a reabilitação de um paciente. Mas... — Ele respira fundo. — Eu não gosto de dizer isso, mas é a verdade: o mercado está em baixa para vocês. — Eu assinto. — Há muitos profissionais, poucas vagas, sejam públicas ou privadas. Você é fantástica, Liz!

Ele se levanta e me abraça.

— Deixe-me cuidar de você, vai? Sei que, com o casamento dos seus amigos, em dezembro, as coisas vão se complicar para você se não conseguir nada. Vem para cá! — Beija meu pescoço, mas eu sinto vontade de afastá-lo, pois não aguento mais discutir esse assunto. — Se você aceitar vir morar comigo, economizará uma grana boa.

Nego com a cabeça mais uma vez.

— Eu tenho que começar a procurar em outras cidades, sem ser aqui no Rio.

— Pensei que você não quisesse sair daqui.

— A necessidade faz o sapo pular. — Ele ri do ditado.

— O David pegou um *home care* grande e ele precisava de fisioterapeuta na equipe. — Eu sorrio, pensando no doutor Turnner. — Eu só não te indiquei porque é fora da cidade...

— Eu quero!

— É em Angra, Liz — assim que ele diz isso, meu coração dispara. — E é tratamento intensivo. Você teria que ficar por lá e só viria em alguns finais de semana.

— Onde em Angra? — questiono com o coração disparado, sentindo algo estranho dentro de mim.

— Numa ilha... — Ele tenta lembrar o nome. — Raj, acho que é esse o nome.

Eu estremeço da cabeça aos pés, tanto que preciso me sentar. A Ilha Raj é

onde meu avô mora, é a ilha dos Palmers.

— Liz? — Ele se preocupa, pois não consigo parar de tremer, imaginando o motivo pelo qual precisam do doutor Turnner por lá. — Ei... você está me assustando, Liz.

— Fê... Você sabe quem é o...

— Paciente dele? Claro que sim! É aquele ator que sofreu acidente, lembra? Acho que foi no Natal passado. — Ponho as mãos na cabeça, imaginando que Thomas está de volta. — Os avós do David são conhecidos dos Palmers, acho que da época em que essa família morou aqui no Brasil. Se não me engano, o avô do David trabalhou para o pai do ator. — Dá de ombros. — Acho que foi isso!

— David é neurologista!

— Sim, mas aceitou o trabalho de acompanhar a evolução do paciente. Ele está com problemas de memória, por causa do traumatismo craniano que sofreu. David montou uma equipe boa, Liz. Tem fonoaudiólogo, psiquiatra, dois enfermeiros e um fisioterapeuta.

— Ele já contratou? — Não sei se sinto alívio ou decepção, afinal, mesmo que eu não queira pisar mais na ilha e nem ter nenhum contato com Tom, o pagamento deve ser ótimo.

— Sim, o tratamento inclusive já começou. Na verdade, David vai para lá duas ou três vezes na semana, a família Palmer manda um helicóptero vir buscá-lo. Residente na ilha mesmo, só os enfermeiros e o fisioterapeuta. — Ele ri. — Confesso que foi um dos motivos de eu não lhe ter dito nada...

— Fernando! — Eu me enfureço ao ouvir isso, afinal, eu preciso trabalhar e não posso ter um homem omitindo boas oportunidades por causa de ciúmes. — Eu não sei se iria, mas deve ser uma boa grana!

— É, sim! Eu até me dispus a ir vê-lo, pois ele fez cirurgia de coluna e talvez eu precise ir lá vez ou outra. Mas, Liz, sério. — Ele me toca. — Só foram homens para lá, não sei se seria o local ideal...

— Eu vou fingir que não estou ouvindo isso, Fê. — Bufo. — Mas, enfim, a vaga já foi preenchida. — Dou de ombros. — Mas, por favor, quando souber de algo, fale comigo, não tome a decisão por mim.

Ele sorri cheio de charme e assente.

Acordo ainda me sentindo cansada. Olho para o lado e noto a cama vazia ao meu lado. Respiro fundo, fechando os olhos, sabendo da loucura que estou

fazendo ao dormir com Fernando a noite toda. Nunca ficamos assim, tanto tempo juntos, e eu não sei o que pensar dessa nossa situação.

Ainda não quero um relacionamento, e o que sinto por ele se limita ao que temos no quarto, embora nos demos muito bem e eu o considere um bom amigo, mas para por aí. Quando eu analiso profundamente meu relacionamento com ele, não me vejo empolgada o suficiente para deixá-lo entrar na minha vida mais do que já o fez.

E ele já tem interferido muito! Mesmo eu deixando claro para ele que o que temos é somente sexo, Fernando parece cada dia mais meu dono, e eu não gosto disso, pois ele está se envolvendo em minha vida muito mais do que um amigo se envolveria. Sei que a culpa é minha, tenho deixado que ele o faça exatamente por me sentir cansada e desanimada, mas eu preciso novamente colocar os pingos nos “is” aqui.

Nós não somos um casal, e ele tem que entender isso! Eu não quero criar falsas expectativas nem para ele, nem muito menos para mim. Somos dois amigos que gostam de transar um com o outro, apenas isso.

O telefone toca, mas eu me recuso a atender como se morasse aqui. Sei que o Fê já foi para o hospital, afinal, hoje começa mais um plantão, então, que pensem que não há ninguém em casa. As coisas já estão confusas demais depois que passei a noite inteira aqui, então é melhor eu me situar e voltar a me sentir visita e não parte deste lugar.

Vou até o banheiro e tomo um longo banho, lamentando só conseguir trocar a calcinha, pois eu não tenho nenhuma roupa extra aqui – ainda bem –, mas sempre carrego uma calcinha limpa na bolsa, pois nunca se sabe o que pode ocorrer ao longo do dia.

Pego meu nécessaire e escovo os dentes antes de voltar a vestir a mesma roupa com a qual vim para cá com o Fernando ontem à noite. Eu preciso passar em casa, trocar a roupa para aguentar mais uma rodada de distribuição de currículos e visitas em clínicas e hospitais.

Ontem, depois da conversa que tivemos sobre o doutor Turnner – e Thomas –, eu pensei em me oferecer para fazer *home care*. Eu terei que fazer algum investimento, principalmente na aquisição de alguns aparelhos portáteis, mas, se der certo, conseguirei conciliar meus dois trabalhos, a fisioterapia e a música, e ganharei igual ou mais do que antes.

O interfone toca, e eu estranho, pois o porteiro deve saber que Fernando não está. Fico um tempo dividida entre atender ou não, pois ele sabe que eu estou aqui – ou pelo menos acho que ele sabe, pois me viu subir ontem à noite.

O aparelho toca novamente, e eu, pensando que possa ser algo urgente, atendo.

— É a Liz, Tião, o que foi?

— Chegou uma encomenda para o doutor Fernando, e ele me pediu para falar contigo para receber.

Eu rolo os olhos, pensando que as coisas realmente estão indo longe demais. Primeiro, eu não deveria nem ter dormido aqui, e segundo, mas não menos importante, Fernando deveria ter me acordado para que eu fosse embora com ele. Agora, além de tudo, ele me pede para receber suas encomendas!

— É dos Correios?

— Não. É de um amigo dele — ele fala fora do aparelho. — É do doutor David Turnner. Ele está aqui.

Surpreendo-me ao saber que David está aqui, principalmente por termos conversado sobre ele ontem, e por Fernando ter me pedido para recebê-lo.

Eu deveria pedir ao Tião que pegue a encomenda e ficar longe da vista do David, mas a curiosidade de saber como Thomas está me corrói e peço ao porteiro que o deixe subir.

— Oi, Liz, bom dia! Liguei para o Fernando e ele me disse que você estaria aqui, tudo bem? — David é um homem bonito, altura mediana, moreno, olhos castanhos e seu sorriso sempre foi muito simpático. — Eu vim deixar uns livros, que me mandaram dos Estados Unidos, para ele ler. Posso entrar?

— Claro! — Assim que ele entra, indico uma mesa para colocar a sacola cheia de livros. Tento resistir, dizer a mim mesma que não é da minha conta, mas não consigo refrear minha curiosidade: — Ontem o Fernando me contou que você está tratando o Tom Palmer.

Ele sorri.

— Bem... eu estou tentando. — Ri. — Ele não é uma pessoa que queira se tratar... — Isso me surpreende, mas, antes que eu pergunte o que significa, David dispara: — Eu conheci o seu avô, Liz.

Arregalo os olhos e fico sem graça. Não por causa do vovô, mas por nunca ter mencionado com David ou com o Fernando que eu tinha sido criada naquela ilha e que conhecia os Palmers.

— Ele é uma figura! Está tudo bem por lá?

— Sim. Ele tem muito orgulho de você! Eu comentei com ele que vinha do Rio e aí ele me perguntou em que hospital eu trabalhava. Por fim chegamos à conclusão de que a Liz fisioterapeuta que eu conhecia era a Analiz, neta dele.

Rio alto ao ouvir meu nome completo, e ele me segue na risada.

— É um belo nome, Liz! — Eu concordo. — Você me daria um copo de água? Já está fazendo um calor infernal aqui no Rio!

A cozinha do apartamento de Fernando é em estilo americano, sendo separada da sala apenas por um balcão, aonde nos sentamos e começamos a

conversar sobre meu avô – que, ao que parece, conquistou mais um fã – e tudo o mais da ilha.

— E o Tom? — pergunto por fim.

— Só dor de cabeça, Liz! — David parece cansado e desanimado ao dizer isso. — Despediu um dos enfermeiros, e eu tive que o substituir; se recusa a levar as sessões de terapia a sério e agora despediu o fisioterapeuta. — Meu coração dispara, e ele me encara com um sorriso. — Ei! Você ainda está livre?

Minha boca seca e eu tomo um longo gole de água, sem saber o que responder.

— Eu não sei se eu devo...

— Liz, a família esteve lá há duas semanas, para o aniversário dele. — Assinto, lembrando-me de que os gêmeos Palmers faziam aniversário no dia 16 de setembro. — E o senhor Palmer o ameaçou muito sério, dizendo ao Thomas que, se ele não se tratar, será levado para uma clínica nos Estados Unidos.

Respiro fundo, lembrando-me das calorosas brigas entre Tom e Bill Palmer, imaginando como estão as coisas agora, que somente o filho rebelde sobreviveu.

— Ele acatou a decisão do pai?

— Não ia acatar com certeza, mas a avó e a irmã o convenceram. — Dá de ombros. — Ainda assim ele pediu a cabeça do fisioterapeuta, alegando que ele estava mais interessado nas lembranças da fama – que ele não consegue recordar, diga-se de passagem – do que nos exercícios. Enfim, descobrimos que o cara era um fã e o mandamos embora. — Ele pega minha mão. — Vem comigo, Liz! Ele já te conhece, e você nunca foi fã dele. — Gargalha, mas eu não consigo acompanhá-lo no humor dessa vez. — Por favor, Liz, me salva! — Junta as mãos em uma prece.

A vida realmente é uma cadela de dentes afiados que acaba de destroçar a focinheira!

Estou de frente para o espelho e permaneço assim durante horas, apenas me olhando e analisando a figura que reflete e retorna o olhar, mas de repente o reflexo começa a agir independentemente de mim e seus olhos refletem mágoa, muita mágoa.

— Devolva minha vida! — ele grita, suas mãos apoiadas contra o vidro do espelho que nos separa. — Devolva minha vida!

— Eu não... — Sinto-me confuso, angustiado e, principalmente, impotente diante da situação.

— Você não pode ficar com tudo! Devolva o que é meu! — grita mais uma vez, e eu me afasto do espelho. — Devolva agora!

Ele soca o espelho, que se desfaz, e avança sobre mim.

Acordo suado, apavorado e com o coração retumbando. Mais uma vez o mesmo sonho, noite após noite! Fecho meus olhos, cansado de ficar olhando para o teto, tentando me acalmar e voltar a dormir. No entanto, eu sei que isso não vai acontecer. Eu não durmo depois desses pesadelos, não mesmo!

Arrasto-me na cama até me sentar, movimento esse que aprendi com o insuportável fisioterapeuta que esteve me tratando, e acendo a luz do abajur, alcançando quase cegamente a garrafa de uísque na mesinha de cabeceira.

O médico contratado pelo meu pai, doutor Turnner, já discutiu comigo sobre a bebida, pois interfere na eficácia das drogas que tomo além de atrasar minha recuperação, mas ele sabe muito bem que eu não tenho intenção nenhuma de voltar a ser quem eu era.

Nunca mais! Se eu tenho de pagar preso a uma cadeira de rodas e sem memória por tudo o que fiz, eu o farei. Não me importo o mínimo com o tratamento.

O fisioterapeuta ficava me enchendo a cabeça com as coisas que fiz, musicais, filmes e comerciais. Perguntava – como se eu tivesse a resposta – sobre como era a vida em Hollywood, se eu tinha realmente dormido com a atriz do momento, se tinha mesmo feito uma festinha particular com as melhores atrizes pornôs do cinema.

Ele me irritava!

Eu não quero saber nada da minha vida pregressa, não me interessa nem se eu conheci o Papa! O pouco que já sei sobre mim me fez questionar que tipo de pessoa eu era, sentir vergonha e nojo do que fiz.

Pouco antes de eu me mudar para o Brasil, ouvi discursos sobre como a vida me deu uma segunda chance, principalmente do meu pai, tentando me fazer carregar mais um fardo pesado além dos que eu já estou carregando.

Eu não me importo com segunda chance nenhuma, nem mesmo pedi para tê-la; se tivesse morrido, não estaria me sentindo do jeito que estou, culpado, confuso e, principalmente, preso a uma situação na que nunca pedi para estar.

Eu pensei que, vindo para esta ilha isolada do mundo, eu iria conseguir encontrar algum tipo de paz e tranquilidade, mas tudo o que obtive foram uma enorme equipe de babás e descobrir que, não importa onde estou, os sentimentos e sensações não vão embora.

Já faz dois meses que estou aqui, sendo obrigado a olhar para a cara da psiquiatra duas vezes na semana, junto com o doutor Turnner, o neurologista que me acompanha, além dos enfermeiros, fonoaudiólogo e o maldito fisioterapeuta com seus exercícios diários e suas perguntas sem fim.

Eu estava tendo sucesso em evitar a todos simplesmente me trancando em meu quarto, mas então veio o dia do meu aniversário e toda minha família

resolveu aparecer aqui.

Quando o poderoso Bill Palmer se inteirou de que eu não estava seguindo as recomendações do neto de seu estimado amigo, ele ficou horas falando em minha cabeça. Esbravejou, jogou situações em minha cara, brigou, socou móveis, mas eu fingi que não ouvia nada.

Entretanto, Becca entrou no meu quarto com um cupcake e seu olhar doce e me enterneceu. Ela parecia triste e sozinha e me contou a falta que eu estava fazendo em sua vida. Logo depois veio minha avó, que tem mais de 80 anos, e ela também conseguiu me convencer com suas palavras. Prometi às duas que iria tentar melhorar, que ia, pelo menos, me esforçar para seguir as recomendações médicas.

Olho para a garrafa de uísque em minhas mãos, pensando que eu ainda não consegui cumprir meu intento, principalmente na semana passada, quando expulsei o fisioterapeuta curioso e abusado daqui.

E não, não foi somente por suas perguntas sem fim que eu o mandei embora, mas porque de repente o homem começou a me tocar de forma diferente, e eu posso estar impossibilitado e desmemoriado, mas não sou burro.

Então ele revelou que sempre foi meu fã, que ouviu falar que eu era bissexual e que sempre teve essa curiosidade sobre mim e que, mesmo um tanto desfigurado, eu ainda o atraía.

Bem, quanto a minha sexualidade antes do acidente, não posso afirmar nada, mas agora, com toda a certeza, sei que não sinto nenhuma atração pelo mesmo sexo, então fiquei em choque e, depois, furioso com os avanços dele, que insistiu mesmo eu dizendo não.

Imediatamente mandei chamar o doutor Turnner, que sempre vem à ilha em nosso helicóptero duas vezes por semana. Não esperei sua próxima visita, mandei buscá-lo imediatamente e pedi para que retirasse o cidadão confiado de dentro da minha casa.

Foi assim que me livrei dos exercícios por uma abençoada semana inteira!

Passei meus dias vendo seriados e filmes, ouvindo música e dormindo, bêbado e cansado do ócio. O único trabalho que efetivamente tenho é de me esquivar das perguntas e do olhar da doutora Ferreira – a psiquiatra – e da pressão do doutor Turnner.

De resto, tudo o que eu preciso tenho aqui, os enfermeiros praticamente fazem tudo para me deixar cômodo – tanto que me irrita –, levando-me para tomar sol de manhã e passear à tarde e cuidando da minha higiene – menos a barba, que não faço desde que saí do hospital há mais de três meses.

As moças que ficam na casa sempre me servem almoço, que eu como o mínimo, e lanches, que sempre recuso. Pensei sinceramente em parar de comer e

morrer de inanição, mas a promessa que fiz a Becca e a minha avó me impede de fazer isso, então como apenas para me manter vivo.

Devo ter emagrecido muito, porque minha madrasta não disfarçou a surpresa quando me viu, mas tentou não falar sobre o assunto. Mari é muito atenciosa comigo, não posso reclamar dela, mas há algo, um brilho em seu olhar, como se, em algum momento, eu a tivesse magoado.

Não sei como era nosso relacionamento, não faço ideia de se a via como uma mãe, embora ela pareça uma mulher da minha idade, ou se apenas nos dávamos bem pela família ou mesmo se brigávamos muito. Ainda estou neste labirinto sem memórias, então não tenho como julgar nada.

Os médicos, principalmente o doutor Turnner e a psiquiatra, insistem em frisar que essa condição é produto apenas da minha mente e que, se eu aceitar me tratar, irei recuperar todas as memórias que perdi. O que eles não sabem é que, embora eu me sinta frustrado com a falta das memórias simples, felizes e cotidianas, tenho mais medo das memórias que me farão entender o tipo de pessoa que eu era, por isso prefiro não recordar nada.

Viro a garrafa em minha boca, sentindo o líquido descer queimando, amadeirado e forte, vendo o amanhecer iluminar o céu, ouvindo os sons dos pássaros e do mar ao longe.

Mais um dia se inicia na minha vida, infelizmente!

Depois do almoço um dos enfermeiros, Bruno, me trouxe até a varanda que fica na lateral lesta da ilha, onde eu posso ver apenas o mar e, ao longe, as duas casas menores dos empregados.

Assim que eu cheguei aqui, fui apresentado a todos os moradores, que foram solícitos em me oferecer ajuda para tudo. Em uma das casas moram duas senhoras responsáveis pela casa, Marisa, a cozinheira, que faz às vezes de governanta, e Rita, responsável pela limpeza da casa principal. As duas, quando não há ninguém usando a ilha, ficam em suas casas, no continente, mas, como vim para cá, voltaram a ocupar a pequena casinha ao lado da do caseiro.

Olho para a segunda construção, a do senhor Paulo, e tento imaginar o motivo pelo qual um homem vive sozinho aqui, numa ilha que, sem ninguém, deve ser monótona e triste. Provavelmente nunca saberei, pois mantenho o mínimo contato com todos, inclusive com os enfermeiros que cuidam de mim durante o dia e a noite.

Ouço o barulho do motor do helicóptero e bufo, imaginando que o doutor

Turnner já está de volta. Tento lembrar que dia é hoje e, desanimado, constato que é dia de terapia com a doutora Lídia Ferreira.

Terapia! Ela fica lá, me olhando, enquanto eu fico de olhos fechados, pensando em qualquer coisa, menos no que sinto e no que não quero saber.

Fico esperando os dois aparecerem pelo caminho que leva até a casa, pois, desse local em que estou, não consigo ver o heliponto e me surpreendo ao ver, além do médico e da psiquiatra, uma moça aparentemente mais nova do que os dois.

Franzo o cenho ao perceber a mala em sua mão, porém, ela não veste um uniforme ou roupa branca, apenas uma calça jeans com uma blusa com o símbolo da Mulher Maravilha, o que, involuntariamente, me faz sorrir um pouco.

Eu descobri que sou vidrado em quadrinhos, filmes e seriados de heróis, então acompanho todos eles quase o dia inteiro. A escolha dela pela princesa das amazonas pode significar muita coisa sobre sua personalidade, se for fã e conhecer a personagem, ou pode significar nada, se só estiver seguindo uma moda.

Olho-a mais detalhadamente, notando sua pele levemente bronzeada, seus cabelos castanhos e cacheados e seu corpo, mesmo sob roupa tão comum, bem-proporcionado. Ela não é alta nem baixa, talvez esteja na média de tamanho de uma mulher brasileira, mas é confiante ao andar, como se conhecesse este lugar e fosse parte dele, embora eu perceba seu cenho franzido, como se algo a desagradasse.

De repente ela sorri, o que a deixa ainda mais bela. Ela solta a mala e corre para abraçar o meu caseiro, o senhor Paulo.

Isso me intriga, pois imaginei que fosse mais uma médica vindo me importunar, porém, pode ser que seja apenas uma visitante, alguma parente do meu funcionário. Essa possibilidade também não me deixa feliz, pois tudo o que não preciso é de gente estranha a me rondar.

— Thomas! — o médico me saúda, alcançando a varanda. — Vejo que pelo menos está fora daquele quarto!

Olho-o sem nenhuma simpatia.

— Como vai, doutor? Pensei que pudesse ficar um tempo fora, sei que tem um feriado por esses dias.

Ele ri.

— Eu sou um homem que preza os compromissos que assume, Thomas. — Ele olha para a doutora Lídia, e eu a cumprimento. — Pronto para começar a prezar os seus?

Rio, amargo.

— Ao que parece, doutor, nunca fui bom em seguir regras.

— Talvez seja hora de aprender, então! — retruca, passando por mim e indo conversar com seus capangas – os enfermeiros –, deixando-me a sós com a psiquiatra.

— Deseja conversar aqui? — Ela se senta numa das cadeiras de ferro fundido que ficam ao longo de toda a varanda. — Thomas, já é hora de começar a pensar em seguir em frente.

— Eu não vou a lugar nenhum, doutora. — Olho ao longe, vendo o caminho pelo qual eles vieram, mas sem ver a outra moça ou sua bagagem. — Eu só quero ficar sozinho e em paz.

— Você se sente em paz, Thomas? — Encaro-a. — A solidão, o isolamento te trazem paz?

Não, não trazem, mas eu preciso aprender a conviver com isso! Aciono minha cadeira, indo para longe da médica e de suas perguntas certeiras.

Aceitar voltar a esta ilha pode ter sido a pior coisa que fiz na vida, mas, ao mesmo tempo, foi a mais acertada, eu sei. Cheguei hoje mais cedo. Olho em volta de mim, na casa do meu avô, casa que foi minha por tantos anos, e me recordo do dia de ontem e de tudo até agora.

Assim que o doutor Turnner saiu do apartamento de Fernando, eu o segui, indo diretamente para o meu, nervosa e precisando conversar com Olívia. Ao chegar lá, claro, ela já havia saído para trabalhar, e eu fiquei dando voltas dentro do pequeno apartamento, tentando avaliar cada sentimento que guardava dentro de mim sobre essa questão.

Voltar à Ilha Raj, praticamente a ilha em que nasci, e reviver todos os momentos bons e ruins seria difícil, porém, necessário. Eu não sou mais a

menina caiçara deslumbrada e cegamente apaixonada pelo filho do patrão.

Não! Sou uma mulher bem-resolvida, dona do meu nariz, cheia de amigos e consciente das agruras da vida. Meu mundinho, naquela época, se resumia à ilha e à escola. Eu não conhecia mais nada, não tinha nenhum tipo de vivência ou conhecimento além do que os livros – de romance e os didáticos – me ensinaram.

Thomas teve tanto poder sobre mim, sobre meus sentimentos porque era tudo o que eu não era: experiente, vivido, mundano. O jeito dele me deslumbrava como a luz deslumbra a mariposa e a atrai, deixando-me totalmente cega aos perigos que ele representava, só querendo alcançá-lo.

Não via um só defeito em Thomas, para mim ele era perfeito, não importava o jeito que ele tratava os empregados, nem como tratava seus irmãos ou sua madrasta, nem mesmo o fato de ninguém – absolutamente ninguém – da ilha gostar dele. Eu achava que o amava.

Contudo, eu estava errada! O homem que idealizei e que penetrou meu coração de maneira tão intensa nunca existiu. Eu tive de sentir na pele o veneno de Thomas Palmer para saber que ele não era nada perfeito, muito pelo contrário.

E agora, ele precisa de mim. Ele precisa dos meus cuidados, da minha experiência na área para reabilitá-lo e deixá-lo como antes, uma casca linda, mas sem nenhum conteúdo que preste. Eu juro que não queria nunca mais voltar a vê-lo, mas também não posso simplesmente me negar essa oportunidade, pois o dinheiro que receberei me deixará algum tempo tranquila, até mesmo me possibilitando montar meu próprio negócio.

Entrei no banho e, enquanto a água caía sobre minha cabeça, pensei em todos os prós e contras de estar lá com ele, mas eu realmente não tinha outra opção melhor no momento. Quando saí, Olívia já havia chegado para o almoço e, assim que me viu, soube que algo ocorria.

— Liz? Qual é o problema? — Ela estava com uma sacola de uma famosa empresa de cosméticos especializada em cabelos afro e a soltou sem nem mesmo piscar, vindo em minha direção para um abraço. — Liz?

— Eu consegui um emprego — informei com voz sofrida, e ela me olhou sem entender, pois era tudo o que eu estivera procurando todos aqueles dias. — Com o doutor Turnner.

— Liz! Isso é ótimo! — Ela sorriu. — A clínica dele é maravilhosa e... — Eu balancei a cabeça. — Não é na clínica?

— Não. É um *home care*, Oli. Eu vou ajudar na reabilitação de Tom Palmer.

Ela arregalou os olhos e abriu uma boca tão grande que, se eu não estivesse tão consternada com essa reviravolta que a vida deu, com certeza teria rido de

sua expressão.

— Tom Palmer?

— Sim. — Caminhei com ela até a mesinha onde nós comíamos, entre a cozinha e a sala, e nos sentamos lá para conversar. — Ele está se tratando na ilha de sua família em Angra.

— Onde vocês se conheceram e tudo aquilo aconteceu?

— Sim.

— E você vai voltar para lá? — Ela pareceu preocupada. — Liz, tem certeza disso? Esse homem causou um grande trauma em você, ele pode agora...

— Não, Oli. Ele não tem mais nenhum poder sobre mim, não sou mais a garota ingênua que ele fazia de gato e sapato.

— Tem certeza, Liz?

Eu a encarei e, depois de respirar bem fundo, analisando principalmente os sentimentos que haviam dentro de mim, pude responder com toda a certeza deste mundo:

— Sim, eu tenho! Não vou mentir para você e dizer que estar no lugar onde fui tão humilhada não vai doer, porque vai. Vai trazer memórias que eu estive evitando por muitos anos de um momento mágico na vida de qualquer pessoa, mas que foi estragado por causa de uma piada de um garoto rico e inconsequente. — Tomei ar, e ela apertou minha mão. — Mas eu tenho certeza de que nada do que ele possa fazer vai me causar algum tipo de sentimento a não ser nojo e pena. — Olívia levantou a sobrancelha, olhando-me desconfiada. — De verdade, Oli. Eu descobri naquela noite que o que eu sentia por ele era algo que me destruiria, porque ele nunca seria um homem capaz de aceitar, retribuir ou mesmo valorizar o que eu sentia. Tom Palmer só ama a si mesmo ou talvez nem isso.

— Eu espero, Liz, que, por causa das condições dele agora — ela fez sinal indicando seu próprio pescoço, orelha e bochecha —, você não se enterneça e isso amoleça seu coração.

Eu ri, negando.

— Eu me apaixonei pela beleza do garoto uma vez, Oli, mesmo ele sendo horrível por dentro. Não vão ser algumas cicatrizes que o farão ser mais bonito agora, de nenhum ângulo.

Depois disso, almoçamos sem tocar no assunto, mas ainda assim eu a sentia preocupada. Mais tarde, quando Diego chegou do hospital e Olívia lhe contou a novidade, ele me deu um abraço forte e me transmitiu toda a confiança que eu precisava para seguir adiante.

— Se existe uma pessoa que pode fazer Tom Palmer andar de novo é você, Liz! — Eu fiquei emocionada com o reconhecimento dele, principalmente

porque fizemos todo nosso caminho juntos desde a faculdade. — Vai vir para o casamento, não é?

— Ela nem é maluca de não vir! — Olívia gritou saindo do banheiro, com uma toalha enrolada na cabeça, abraçando seu noivo. — Ela sabe que estou liberando-a dos afazeres de madrinha porque, além de já ter me ajudado com o vestido e o bufê, eu sei que esse trabalho vai ser muito importante.

Quase respirei aliviada quando me dei conta de ter me livrado de ter de organizar o chá-bar que os dois tanto queriam e a despedida de solteira – embora essa eu teria gostado de fazer –, mas me segurei porque Olívia estava completamente louca por causa daqueles preparativos, divertindo-se em cada etapa até o casamento, transformando minha vida em um inferno no percurso.

Eu gosto de festa, mas não tenho muito jeito com essas coisas delicadas e sonhadoras. Há muito tempo eu já não acredito em príncipe encantado e casamento dos sonhos, mas vejo a parceria e o companheirismo que meus amigos têm, por isso acredito que o casamento deles dará certo e os apoio.

Todavia, esse negócio de escolher entre renda francesa e tule bordado com cristais, bolo de baunilha ou de chocolate com sorvete e banda ao vivo ou DJ e escola de samba nunca foi a minha praia. Pelo menos não para um casamento.

Gosto de renda e seda numa lingerie sexy, não sou chegada a nenhum tipo de bolo, mas gosto de sorvete de menta com chocolate e sempre escolho o samba, principalmente para acompanhar um churrasco.

Não sou uma pessoa delicada, não mesmo! Gosto de me arrumar, sentir-me feminina, cheirosa, gostosa, mas tudo isso principalmente para me agradar, não para parecer mais mulher para algum homem.

Meu celular começou a tocar assim que nós nos sentamos para ver um seriado – eu, como sempre, bancando a vela para os dois – e tive que sair da sala para atender o Fernando.

— Oi, Fê!

— Liz, o David comentou comigo que você aceitou acompanhá-lo amanhã na ida à ilha em Angra, e eu não entendi nada! — a voz dele estava nervosa. — Eu achei que você não quisesse ir!

— Fernando, eu comentei ontem que seria uma oportunidade boa para mim. — Odeio ficar dando explicações, principalmente quando não temos nenhum compromisso um com o outro, mas o fiz pela nossa amizade. — Eu já arrumei as malas, Fê, parto amanhã depois do almoço.

— Liz, amor, você não precisa disso! — rolei os olhos e bufei ao ouvi-lo tocar nesse assunto de novo. — Fica comigo enquanto não acha nada! Seus amigos já estão praticamente morando juntos aí, tenho certeza de que eles não irão se importar se você vier ficar aqui comigo para economizar...

— Fernando, nós já falamos sobre isso e minha resposta ainda é a mesma: não. Eu precisarei ficar lá por umas semanas, para ver a evolução dele, adaptar o tratamento, mas eu te ligo assim que tiver folga, ok?

— Liz...

— Boa noite, Fê!

Desliguei o telefone, voltei para o sofá e terminei meu último dia no Rio – antes de retornar para o lugar que me viu crescer – com duas das pessoas que mais amo neste mundo, Olívia e Diego.

A viagem de helicóptero até Angra demorou poucos minutos, e eu viajei ao lado da psiquiatra que está tratando de Tom, uma senhora miúda e de cabelos claros, séria, mas educada. David Turnner nos apresentou, e ela me acalmou um pouco depois que eu lhe disse que era a minha primeira viagem naquele meio de transporte.

Assim que embarcamos, David se lembrou de me entregar uma pasta com o prontuário de Thomas, bem como o relatório do último fisioterapeuta que o tratou.

Confesso que fiquei um tanto surpresa com a evolução clínica dele, pois, depois de ler sobre todas as lesões que teve, parecia realmente um milagre que estivesse vivo.

Além dos cortes e queimaduras, a maioria no lado esquerdo do corpo, Thomas sofreu uma lesão medular incompleta por causa de fratura explosiva da vértebra lombar L2, com compressão do canal medular e trauma cranioencefálico.

Logo após o resgate, ele foi levado para uma sala de traumas, com a coluna estabilizada, onde foi constatado o traumatismo craniano por um neurocirurgião. Entubaram-no e trataram as lesões menos graves. Depois de estabilizado, levaram-no para a UTI e, algum tempo depois, já fora de risco de vida, operaram sua coluna.

O tempo todo ele foi assistido por um fisioterapeuta a fim de serem evitadas as úlceras de pressão – ou escaras, como são comumente conhecidas – e, após a retomada de sua consciência, ele começou a fazer exercícios para aumento muscular, bem como para obter maior controle motor, como sentar-se ou virar-se, porém, não houve a continuação desses exercícios após a alta, o que me deixou muito curiosa.

O tratamento fisioterapêutico aplicado pelo meu antecessor focou

primeiramente no treino em sedestação, ou seja, em postura sentada, uma vez que o profissional americano não pôde concluir essa etapa. A evolução de Thomas em quase dois meses, mesmo se negando a executar alguns movimentos, foi maravilhosa, e ele já pode, hoje, sentar-se sozinho no leito, bem como transferir-se para sua cadeira de rodas.

O foco fisioterapêutico no momento é o fortalecimento dos membros inferiores, bem como da pélvis, para que possamos, após isso, começar com exercícios de equilíbrio, passadas e finalmente treinar marcha.

A previsão inicial para que ele volte a caminhar, mesmo ainda com muletas, era de seis meses de fisioterapia intensiva, porém, de acordo com os relatórios, era possível a diminuição desse tempo, desde que o paciente cooperasse.

Fiquei tão entretida lendo as avalições, os índices de independência alcançada nesses dois meses, bem como suas avalições eletromiográficas[7] que, quando dei por mim, já estávamos pousando na Raj.

Ao ver o lugar novamente, depois de tantos anos, senti a boca seca, minhas mãos suaram e eu tive de fechar os olhos e respirar fundo. Descemos do helicóptero e seguimos, pelo caminho que sempre vi a família Palmer fazer, em direção à casa.

Antes de avistar a imponente construção, porém, vi ao longe uma pessoa que fez meu coração bater mais forte: meu avô. Deixei a mala no meio do caminho e o abracei forte, recebendo dele todo o carinho e aconchego que só ele consegue me proporcionar.

Ao sentir seu cheiro, ouvindo os sons tão característicos daqui – ondas, pássaros e o vento nas folhas das árvores do entorno –, eu me senti em casa.

Pela primeira vez depois de muitos anos, eu estava de volta ao lar.

— Analiz, seu café — saio de meus pensamento e lembranças ao ouvir a voz do meu avô. Antes de me virar, inspiro fundo, sentido o cheirinho maravilhoso do café que só ele sabe fazer e rio ao olhar a canequinha esmaltada em azul que sempre usei. — Bem-vinda ao lar!

Tenho que me esforçar para não chorar e me jogar nos braços dele mais uma vez. Estar aqui, nesta casa cheia de boas recordações, olhando nossos retratos na parede da sala, o crochê da minha falecida avó sobre os móveis e meu avô sorrindo tão feliz me enche de uma alegria que há muito tempo não experimentava.

— Obrigada! — Provo o café quente. — Hum, delicioso como me lembrava. Ainda usa o mesmo pó?

— O mesmo pó, a mesma panela! Só mudo o coador. — Sorri. — Eu fiquei muito alegre quando a Marisa me informou que você vinha para cá com o doutor Turnner, embora não tenha vindo para me visitar.

— Vovô...

— Você tem uma árdua batalha para lutar, minha filha. — E faz sinal com a cabeça em direção à casa. — O moço está muito difícil, mais do que já era.

Meu coração se contorce ao ouvir isso e sinto um frio na espinha ao pensar em Thomas pior.

— Como ele está, vovô? Digo não só em seu comportamento, mas também fisicamente. O prontuário que li é assustador.

— Pobre Eric — ele lamenta, e eu sei que é sincero, porque os dois sempre se deram muito bem. — É difícil pensar que agora só existe um deles, e logo o pior, que Deus me perdoe por pensar assim.

Eu concordo com ele, mesmo não querendo questionar a vontade de Deus ou do destino, mas seria bem melhor para a humanidade se, ao invés de Tom, Eric tivesse sobrevivido.

— Ele continua intratável, filha. Grita com os enfermeiros, recusa receber visitas, recusa tratamento e, como sempre, teve uma briga séria com o pai.

— Nada mudou, então — murmuro desanimada.

— Mudou, sim. Eu vejo um brilho diferente no olhar dele, filha. Aquele deboche, desprezo deram lugar ao sofrimento e à culpa. Eu vejo isso, mas, quer saber? É difícil ter pena, sabendo de tudo o que ele já aprontou por aqui.

Fico sem reação, pensando na possibilidade de Higor ou sua mãe terem comentado com o meu avô sobre como eu estava quando passei um tempo com eles, há dez anos. Eu só chorava, sentia-me suja, burra e usada.

Não demorou muito para que Valesca desconfiasse do motivo. Ela me incentivou a desmascará-lo, a expor o que ele me fizera, pois, mesmo que eu tivesse consentido com o ato, ele me enganara apenas para tripudiar de mim depois. Eu me sentia abusada, usada e jogada fora.

Não fiz nada, apenas juntei meus cacos, chorei tudo o que tinha para chorar e disse a mim mesma que nunca mais isso me aconteceria, que nenhum homem teria tanto acesso aos meus sentimentos para que eu ficasse exposta àquilo mais uma vez.

Vovô nunca deu indícios de saber sobre aquela noite, e eu, sinceramente, espero que ele nunca saiba.

— Eu acho que vou ter que ir para lá agora. — Entrego-lhe a caneca. — Preciso ir enfrentar a fera. Ele ainda não se lembra de muita coisa? Vi em seu relatório.

— Não. Teve alguma melhora, reconheceu algumas pessoas e teve lembranças, pelo que me contaram, mais nada muito espetacular.

Isso é ótimo! Para ele eu serei apenas mais uma integrante da equipe médica que o trata, sem nenhuma ligação com o passado, sem nenhuma

lembrança a nos unir.

Caminho até a casa e entro pela porta dos fundos, encontrando-me quase instantaneamente com Marisa.

— Liz! — Ela me abraça apertado. — Oh, Deus, eu nem acreditei quando o doutor Turnner ligou avisando que você viria para ajudar o menino Palmer a voltar a andar! — Mantenho um sorriso colado no rosto, sem transparecer meu nervosismo ou ansiedade. — Vai ser tão bom para ele tê-la aqui de novo! Eu me lembro do quanto você gostava dele...

— Marisa, eu gostaria de manter as coisas entre mim e ele o mais possível profissionais. — Ela arregala os olhos e concorda. — Além disso, meu avô me informou que ele ainda não reconhece muitas pessoas.

— Ah, não... ainda não, Liz! — Marisa tem uma expressão muito triste. — É doloroso vê-lo assim. Ainda que antes tenha sido um menino difícil, é de dar pena como está agora. E o menino Eric...

Concordo com ela e a abraço novamente.

David Turnner aparece na cozinha e sorri quando me vê abraçando a Marisa.

— Liz, eu queria apresentá-la ao Thomas.

Respiro fundo, despeço-me da cozinheira e sigo com ele para a parte social da casa.

— Ele já terminou a sessão com a doutora Ferreira? — questiono olhando em detalhes a decoração da casa, lembrando de uma coisa ou outra, embora alguns móveis já tenham sido substituídos desde que fui embora. — Eu não gostaria de interromper.

— Não interrompe, Liz. — Ri meio desesperado. — Ele não faz a terapia, às vezes conversa com ela, mas na maioria do tempo fica calado.

— Isso é ruim.

— Sim, mas não há nada que eu possa fazer. — Dá de ombros. — A última TC[8] dele mostrou que não há mais lesão cerebral. O que o impede, ao meu ver, de voltar a lembrar, é o trauma psicológico.

— Mas ele não deveria ter apagado só o acidente da memória? Por que tudo? — Eu o encaro antes de formular a pergunta que martela em minha mente: — Ele pode estar mentindo? Você sabe, ele era ator.

David ri e nega, mas não responde, batendo na porta do que antes era um escritório e, em seguida, abrindo-a.

Lá dentro, tudo é um breu. Eu não o vejo em lugar algum, apesar de passar os olhos em todos os lugares do cômodo.

— Ele não está... — cochicho.

— Está, sim!

O médico adentra no recinto e acende uma luminária, e enfim eu o vejo, deitado na cama, olhos abertos fixos no teto. Seu rosto sem barbear é estranho, pois eu nunca o vi de barba antes, e ele parece tão magro que me lembrou do dia em que o vi pela primeira vez, quando ainda era um menino.

— Thomas? — David o chama, mas ele não se move. — Thomas, eu trouxe sua nova fisioterapeuta e gostaria que você a conhecesse.

— Eu não quero fazer fisioterapia, David — responde em tom baixo e grave.

O impacto de ouvir sua voz tão de perto é algo com que eu não contava. Lembrei-me de quando eu o ouvia cantar, do quanto sua voz era bonita e de quantas vezes sonhei em ouvi-lo cantar algo comigo ou para mim. Agora a voz aveludada e afinada está trêmula, rouca, talvez fruto do tempo em que esteve entubado, ou apenas por quase não mais falar, como já me disseram.

— Nós fizemos um acordo, Tom! — David é enérgico ao falar com ele, e eu me assusto, pois nunca o vi tão sério. — Ou posso informar a Nova Iorque sobre a quebra dele?

Ele finalmente vira-se para olhar em nossa direção e seus olhos verdes me encaram.

— Nós temos um acordo, David — ele informa sem tirar os olhos de mim. — É ela? A fisioterapeuta?

David bufa, visivelmente irritado ou cansado e põe a mão em minhas costas.

— Sim. Liz Castro, eu lhe apresento Thomas Palmer, seu irascível paciente.

Thomas ergue uma de suas sobrancelhas, olha-me de cima a baixo e depois retorna à sua posição inicial, olhando fixamente para o teto.

— Não vou fazer exercícios hoje, doutora. E, David, apague a luz ao sair.

Busco alguma instrução de como agir, olhando para David, mas ele apenas balança a cabeça e me conduz para fora do quarto.

— Amanhã de manhã — diz, parando no meio do corredor. — Liz, eu confio em sua capacidade profissional, mas, acima de tudo, confio na sua força. — Isso me surpreende. — Eu percebi, ao longo do tempo em que trabalhou no hospital, que você é uma mulher muito decidida e forte. Por isso achei que você fosse perfeita para o Tom. Não o deixe comovê-la.

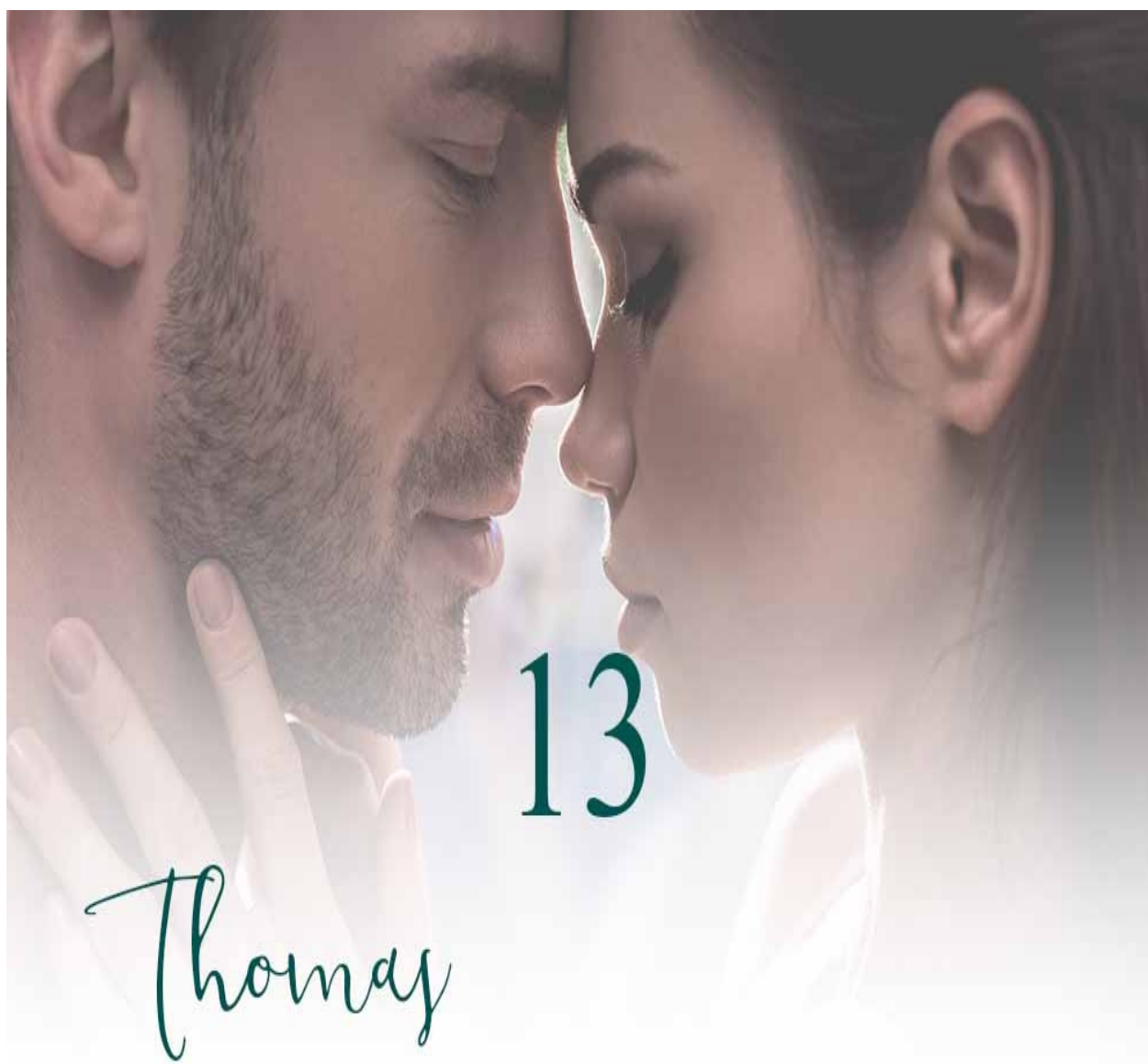
Eu rio, gostando da confiança que ele demonstra em mim.

— Eu não vou, doutor Turnner.

Ele sorri e se afasta, deixando-me parada de frente para a porta do quarto de Thomas.

Revê-lo foi mais fácil do que eu imaginei, pois, sim, eu não sinto absolutamente mais nenhum resquício daquele amor adolescente e louco que

uma vez senti. A ferida que ele abriu em mim naquela noite também não sangra mais, embora esteja aqui, dentro de mim, cicatrizada.

Comover-me? Despertar pena ou qualquer outro sentimento em mim? O doutor Turnner não precisa se preocupar com isso. Se existe alguém que não me engana mais, esse alguém é Thomas James Palmer!

Fisioterapeuta! Minha mente dispara como se tentasse processar algum reconhecimento, mas eu a bloqueio, pensando em outras coisas. Ou tentando.

Provavelmente nunca vi essa mulher antes, embora consiga reconhecer que é bonita, mas algo dentro de mim quis se lembrar não sei se de alguém parecido com ela ou mesmo da profissão que ela exerce: fisioterapia.

Isso não aconteceu com mais ninguém da equipe médica montada aqui, mas como eram, em sua maioria, homens, pode ser que por isso eu não fiz nenhuma ligação, mas ela...

Respiro fundo e me sento na cama, notando o quanto estou suado, pois esqueci de ligar o ar-condicionado e já faz muito calor aqui. Penso que em casa, nos Estados Unidos, o clima já começou a esfriar e que talvez seja melhor eu

voltar para lá.

O calor realmente não me incomoda a ponto de me fazer ir embora, minhas queimaduras já estão completamente cicatrizadas, e os cortes, fechados e curados, mas vir até aqui para me isolar não deu certo, pois meu pai conseguiu achar o médico ideal para fazer da minha vida um inferno!

A vida aqui não tem sido tranquila como imaginei que seria. E agora, com a chegada da fisioterapeuta, eu serei obrigado a cumprir minha parte no acordo e fazer os exercícios propostos por ela.

Quer dizer, talvez consigamos chegar a algum entendimento e eu a convença a fazer vistas grossas para meu descaso com o tratamento. Pode ser que a senhorita Liz Castro seja mais manobrável do que os demais profissionais que estão aqui comigo.

Inclino-me, trago minha cadeira para bem perto da cama e me transfiro para ela, acionando seu motor e me movendo pelo quarto. Preciso de uma bebida!

Abro o armário e tiro o fundo falso dele, achando minha garrafa de uísque que escondi dos olhos dos enfermeiros enxeridos. Nem me preocupo em pegar um copo, estou mais do que acostumado a tomar direto no gargalo, e viro um pouco do conteúdo em minha garganta.

A bebida parece me fazer sentir ainda mais calor e eu tiro minha camiseta, jogando-a a esmo pelo quarto. Movo a cadeira, passando de frente a um espelho, e a detenho para me olhar mais uma vez.

Meus cabelos estão bem mais compridos do que eu costumava usar, segundo as fotos que vi, e minha barba, sem fazer há meses, cobre todo meu rosto, inclusive disfarça um pouco as cicatrizes em minha face, mas o que chama minha atenção é a magreza do meu corpo.

Eu não me lembro de como era antes, mas o que não faltam são fotos minhas, inclusive pelado, circulando pela internet, e posso avaliar que perdi mais de 10 quilos, com certeza!

Meus braços, principalmente o esquerdo, ainda estão com uma cor bem avermelhada por causa das queimaduras, mas, fora isso – e a cadeira de rodas –, eu ainda pareço ser o mesmo homem das fotografias.

Só que não sou!

Tive mais uma noite horrível, cheia de pesadelos – dos quais não me lembro bem –, acordando, bebendo, dormindo e sonhando, até que desisti de continuar na cama, revirando-me como um louco e me sentei na cadeira de

rodas, onde estou neste momento, vendo o dia amanhecer.

Minha cabeça dói muito por causa da noite insone e da bebedeira, e eu me sinto um lixo, pois mais um dia se descortina em minha vida e eu não tenho nenhum objetivo a não ser ficar inerte, deixar o tempo passar, a vida seguir e me deixar levar sem destino.

Às vezes posso ouvir a voz do meu pai me falando sobre Eric, que eu deveria honrar a nova chance que a vida me deu e que me esconder aqui da forma como estou fazendo não resolve nada, porém, simplesmente não consigo agir diferente.

Dentro de mim há tantas questões, há uma inquietação, uma dor que fica pulsando constantemente. Não tenho forças para seguir adiante, para me dar uma chance de fazer valer a vida que me foi preservada. Eu lamento muito não poder fazer isso por meu pai, mas eu simplesmente não posso.

De repente, um barulho me assusta e eu paro de ruminar minha dor para encarar a porta – escancarada – e a mulher recém-chegada, vestida com calça e camiseta brancas e me encarando.

— Hora dos exercícios — ela diz, séria.

Franzo o cenho, levanto minha sobrancelha – uma expressão que já percebi que intimida os que estão à volta – e nego com a cabeça.

— Sim, é hora! — Ela avança em minha direção.

— Não! O dia acabou de amanhecer, e eu não quero fazer...

Ela se abaixa, desligando a bateria que alimenta o motor da minha cadeira e se posiciona atrás de mim, começando a me empurrar para fora do quarto.

— O que você pensa que está fazendo?! — grito com ela, tentando me virar para encará-la. — Pare já de me empurrar!

Ela me ignora, indo para fora a passadas largas, decididas. Eu protesto, soco o braço da cadeira, mandando-o parar, mas ela parece não me ouvir. Então, frustrado por estar sendo obrigado a algo que não quero e por não poder me defender adequadamente, começo a me movimentar para frente e para trás na cadeira, com força, tentando uma queda.

Ela para, e eu a escuto bufar bem alto. Acalmo-me, embora esteja quase sem fôlego e suado. Enfim a fisioterapeuta louca aparece no meu campo de visão, e eu sinto novamente a estranha sensação de reconhecimento. Seu rosto é lindo!

Ela deve medir 1,70m de altura, tem pele morena, cabelos cheios e cacheados como lindos anéis emoldurando seu rosto perfeito – que me fisga assim que o vejo em detalhes. Encaro seus olhos, que são castanho-claros como os de minha madrasta, mas têm um brilho diferente, quase dourado, e sua boca...

— Pare de se comportar como criança agora! — Ela me surpreende com

sua atitude, chegando aqui ontem, mal me conhecendo e...

Franzo o cenho novamente, mas desta vez não é pela atitude autoritária dela, mas sim pela possibilidade que se passa em minha mente defeituosa. Eu a vi ontem! Sim, era ela quem estava abraçada ao caseiro daqui, Paulo.

Pela forma como ela reagiu ao vê-lo, pelo abraço que os dois trocaram, com certeza não são meros conhecidos, e se ela de alguma forma faz parte da vida dele... *ela já me conhece!*

— Nos conhecemos antes? — disparo a pergunta e a surpreendo, tendo a certeza, ao ver sua reação, de que sim, nós somos conhecidos. — Eu não me lembro de você, mas eu a vi com o caseiro ontem.

A fisioterapeuta solta o ar devagar.

— Não estou aqui para ficar de conversa, Thomas James. — Ela dá a volta novamente e torna a empurrar minha cadeira.

O desprezo em sua voz ao dizer meu nome já me mostra que, absolutamente, não gosta de mim. Tento agir de outra forma com ela, porque, por mais que eu tenha protestado, ela se mostra tenaz demais em sua resolução de me levar para a academia adaptada recentemente para o tratamento fisioterapêutico que tenho que fazer.

— Liz... — chamo-a pelo nome. — Eu tive uma noite péssima, insone, eu não tenho condições de...

— Eu sinto muito se passou a noite a se embebedar, Thomas. — Fico tenso, e ela percebe. — Achou que eu não saberia disso? Seu quarto fede mais do que um botequim de quinta categoria e, para ser sincera, você também!

Estou prestes a mandá-la à merda quando, mais uma vez, ela para, mas, em vez de aparecer para mim, conversa com outra pessoa. Somente após eu me virar completamente, em um grande esforço, vejo-a conversando com um dos meus enfermeiros.

— Ele está fedendo, e eu não tenho condições de iniciar meu trabalho com ele assim. — Sorrio vitorioso ao ver que ela está desistindo de me levar para a sala de fisioterapia. — Ele precisa de um banho e, pelo amor de Deus, o obrigue a escovar os dentes!

Encaro-o surpreso, mas ela caminha para longe enquanto Márcio vem até mim.

— Senhor Palmer, eu o levarei ao banho...

— Eu não quero! — dou a ordem. — Faça o favor de ligar minha cadeira.

— Mas a fisioterapeuta...

— Foda-se ela, Márcio! — Bufo. — Faça o que estou mandando.

Ele balança a cabeça em desagrado e religa minha bateria, e eu, já com minha mobilidade restabelecida, volto em direção ao meu quarto, mas, antes de

entrar, tenho uma ideia.

— Márcio! — chamo-o. — O doutor Turnner ainda está na casa? — Ele confirma. — Mande-o vir me ver agora!

O médico não demora muito a aparecer, embora esteja parecendo que acabou de se levantar, e eu sou direto ao pedir a ele que volte com a fisioterapeuta para o Rio ou para o inferno de onde ela veio para atazanar minha vida.

— Não, Thomas, a Liz fica!

— Eu não a quero aqui, David. Ela é petulante e mal-educada, não sabe seu lugar!

Ele ri.

— Ela fica, Tom. A não ser que você prefira se tratar em alguma clínica...

Eu xingo, e ele ri balançando a cabeça.

— Thomas, ela é ótima e empenhada. Tenho certeza de que em pouco tempo seu quadro irá melhor tanto que...

— Saia, David! — Viro minha cadeira de modo a estar de costas para ele. — Nosso assunto já acabou. Eu quero ela fora daqui hoje!

Escuto-o caminhar para fora do meu quarto e fecho os olhos, sabendo estar sendo um babaca, mas certamente esse meu comportamento é necessário.

Muito mais do que a petulância daquela mulher, o que me deixou ciente de que ela tem de ir embora é o fato de ter certeza agora de que já nos conhecemos. Eu não sei como era esse conhecimento, se era apenas uma coisa superficial ou mais profunda, mas as sensações que ela me causa não são boas.

Ela precisa ir embora daqui, porque sinto que talvez me faça lembrar de coisas que não quero, com que não posso lidar.

Afasto as cortinas da janela, vendo ao longe o oceano azul, ouvindo sons de pássaros e sentindo cheiro de maresia, lembrando-me de que foi para isso que vim para cá, para ficar sozinho e tentar não lembrar. Eu nunca mais quero ser aquele homem, e meu maior medo é de, assim que me lembrar de tudo, voltar a ser ele.

De repente um perfume chega às minhas narinas e uma sombra se levanta atrás de mim.

— Ok, Thomas James. — A irritante fisioterapeuta está de volta. — O fedor de seu corpo será sua armadura contra sua melhora? — Ela ri. — Você não sabe com quem está lidando!

Volta a me empurrar para fora do quarto, e eu, surpreso com a ousadia e com suas palavras, fico durante um bom tempo sem reação. Somente quando estamos próximos à entrada que foi construída para acessar, de dentro da casa, a área da academia, que antes era separada, é que me dou conta de que ela vai me

levar para fazer exercícios do jeito que estou.

— Para a porra da cadeira, Liz! — grito, tentando mexer no comando, mas ela novamente a desligou.

— Eu não vou embora, Thomas James! Nem que nós tenhamos que travar uma batalha todos os dias, você fará seu tratamento e poderá continuar a ser o babaca que é, mas de pé!

— Você está demitida! — Levanto a cabeça até conseguir vê-la. — Você ouviu?

Ela ri apenas, sem me olhar, abrindo a porta dupla para a sala.

— Doutor Turnner disse-me que você não tem esse poder a não ser que seja algo grave. — Sorri vitoriosa. — Eu não vou desistir, faremos isso por bem ou por mal.

— Você sozinha não tem condições de me obrigar a fazer nenhum movimento, senhorita inteligência!

— Não? — Ela liga as luzes e alguns equipamentos. — Vai fazer o que para me impedir? Vai me agredir? — Arregalo os olhos com a sugestão. — Vai gritar e birrar como uma criança? Ah, por favor, não faça esse papel!

Ela limpa a maca e em seguida me olha com as mãos na cintura.

— E então? Eu soube que a Becca está contando em vir te visitar nas férias e já te ver andando. Vai decepcioná-la?

— De onde você conhece minha irmã? — pergunto a ela, desconfiado.

— Eu praticamente nasci aqui, nesta ilha, Thomas. Meu avô é o seu caseiro. — As informações me surpreendem. — Eu conheço a todos da sua família e sei que tanto sua irmã quanto a senhora Willie saíram daqui com uma promessa sua.

Droga! Eu sabia que já a conhecia! E sim, eu prometi às duas que iria me tratar, que iria voltar a ser o mesmo, mas eu não quero isso! Será que ninguém me entende?

— Se cumpro ou não com minhas promessas, não é da sua conta!

— Não é mesmo, graças a Deus! — Ela se senta em uma banqueta ao lado da maca. — Sabe, eu também conhecia o Eric — ela consegue me desarmar completamente ao dizer isso. — Ele era um garoto tranquilo, estudioso, sensível, eu acho. — Dá de ombros. — Eu nunca o conheci bem, porque ele ficava mais tempo entre seus livros quando estava aqui do que curtindo o local.

— Por que você está me dizendo isso?

— Porque, embora eu não tenha tido muito contato com ele, eu observava muito vocês dois. — Ela olha bem dentro dos meus olhos. — Na época, confesso que não enxergava assim, mas agora penso que, em todo o tempo, Eric quis melhorar as coisas ao seu redor. — Ela ri. — Meu avô era um dos poucos que conviviam mais com ele e sempre o que ele diz é que Eric queria manter a

paz na família de vocês.

— Eu não me lembro dele.

— Eu sei. — Ela se senta mais ereta. — Sei também que você não tem lembranças próprias, suas. — Confirmo. — Você tem uma tela em branco, Thomas, já se apercebeu disso? Você pode decidir por torná-la uma obra de arte ou apenas enchê-la de rabiscos...

— Minha condição não é permanente — informo. — Já tive flashes de memória. Então minha tela não é tão branca assim!

Ela balança a cabeça.

— Não, imagino que não seja mesmo! Se recusar a seguir em frente não vai impedir que ela continue se sujando, pelo contrário. Se você não aprender a lidar com tudo o que sua mente está bloqueando, pode ser que, quando enfim se lembrar, perceba que poderia estar mais preparado para fazer diferente.

Avalio o que ela me diz por um momento, inclusive noto que o tom de voz que ela usa já não contém nenhum desprezo como o de antes, parece mais com pena.

— Eu fui rude com você, Liz? Digo, no passado?

Ela se levanta.

— Você era com todos! — Ri. — Eu não era exceção.

Uau! Por mais que ela tenha tentado falar isso de forma neutra, consegui vislumbrar algo a mais, principalmente em seu olhar. Uma dor, uma mágoa, sentimentos que eu, hoje, conheço bem e por isso consigo reconhecê-los.

— Eu lhe peço perdão, Liz. Mesmo não lembrando o que fiz, eu espero que não a tenha machucado muito.

Ela ri e balança a cabeça.

— Já não importa. — Dá de ombros. — O que vim fazer aqui não tem relação com o que se passou. Vim aqui porque tenho um trabalho a fazer, um trabalho que eu quero e preciso fazer. Por isso, Thomas, tire sua bunda dessa cadeira agora.

Eu quase rio ao vê-la apontar para a maca após dizer essa frase tão direta, pegando-me de surpresa por constatar que não há mais o tom de ordem nela. É um pedido! Um pedido de alguém a quem magoei, com certeza, um pedido que não posso negar.

Hoje, algum tempo mais cedo, acordei com o som do mar! Sorri ao me esticar na cama, lembrando-me de acordar assim todos os dias antes e constatando a saudade que sentia de estar tão próxima ao oceano, sentindo o cheiro da maresia e o som dos pássaros prontos para começarem a pesca do café da manhã.

No entanto, assim que abri os olhos, ainda deitada na cama de solteiro na qual não estive por 10 anos, lembrei-me do motivo pelo qual voltei para cá e do duro trabalho que teria dali em diante.

Encontrei meu avô já de pé, como sempre, encostado na pia da cozinha, olhando o mar pela janela. Ele me cumprimentou com um abraço e me serviu, naquela mesma canequinha, um café bem quente. Eu me senti em casa, mesmo

com todas as memórias ruins que tenho daqui, eu me senti em casa de novo.

Tomei um banho e, quando saí da casa do vovô rumo à casa principal, ainda não eram 7h da manhã.

Entrei, como de costume, pela cozinha, já encontrando a Rita, a mesma moça com quem eu tanto tagarelava anos atrás. Foi tão emocionante voltar a vê-la e saber que se casou com um pescador lá do Abraão[9] e que estava irradiando felicidade.

— Eu vim começar meu trabalho...

— Não acha que está cedo demais? — ela me questionou. — O senhor Thomas nunca vem tomar café antes das 10h da manhã.

— Sinto muito por ele, eu gosto de começar cedo com os exercícios. — Dei de ombros.

— Então boa sorte, Liz! — Rita riu. — Ele sabe ser bem mal-humorado de manhã.

— Não tenho medo de cara feia!

Saí da cozinha com passos decididos até onde antes era o escritório do senhor Palmer e onde Thomas se esconde agora. Cheguei à porta e bati, mas ele não me respondeu. Respirei fundo, impaciente, confesso, e escancarei a porta.

Ele me olhou assustado, e eu consegui ver à luz do dia como ele ficou após o acidente.

Oh, meu Deus!

Thomas usava uma camiseta e uma bermuda como pijama, e eu conseguia ver as marcas das queimaduras em seu braço e ombro, bem como em parte de seu pescoço, além das cicatrizes dos cortes. O rosto tão lindo e aclamado mundialmente estava marcado com profundas olheiras, as maçãs do rosto estavam mais acentuadas devido à perda de peso que ele sofrera e seus cabelos, quase tão compridos quanto ele os usava na adolescência, chegavam abaixo de suas orelhas e se misturavam com a barba.

Disse a mim mesma que nada nele poderia mexer comigo mais, nem me comover, mas não era verdade! Eu senti pena dele, mesmo sabendo que talvez ele merecesse passar por tudo aquilo. Entretanto, não deixei de ter dó, pois vi dor em seu olhar, tristeza e um profundo sofrimento.

Então ele me olhou de um jeito – do mesmo modo que me olhava havia anos –, mostrando todo seu desprezo e sua prepotência, e isso, claro, anulou todo e qualquer tipo de sentimento que tinha por ele no momento.

Fui até a cadeira, despluguei a bateria e comecei a levá-lo à força. Ele protestou como louco e, quando começou a se debater, percebi que poderia se machucar e parei. Thomas fedia muito a álcool, como um bebum de botequim.

Discutimos, e eu achei melhor que ele tomasse um banho. Um dos

cuidadores dele, Márcio, chegou aonde estávamos, provavelmente atraído pelos gritos do paciente, e eu pedi a ele que lhe desse um banho antes que eu fizesse os exercícios.

Depois segui de volta para a cozinha, encontrando, além da Rita, o doutor Turnner, que tomava café da manhã.

— Bom dia! — cumprimentei-o.

— Isso foram os gritos do Thomas com você?

— Sim. Nosso paciente se recusa a cooperar, mesmo assim eu ia levá-lo, mas ele está fedendo como um gambá!

David riu.

— Ele voltou a esconder bebidas! — Balançou a cabeça. — E isso é sinal de que não deve estar tomando os remédios! Vou ter que conversar com Márcio e Bruno de novo!

— Talvez seja melhor eu pegar mais leve com ele, então!

— Não, Liz, nada disso! Ouça o que acabei de dizer! — Eu me sentei ao seu lado. — Vou ter que conversar com os enfermeiros de novo, pois estão sendo condescendentes com ele novamente! Eu não quero ficar mudando minha equipe toda hora, mas desse jeito não dá! — Assenti. — É de dar pena o estado dele? É, sim, mas deixar que ele se afunde como está fazendo é bem pior do que ser duro! — Ele suspirou. — Hoje vou examiná-lo antes de ir embora, mas quero que você continue forçando-o a reagir. Você tem meu total apoio.

— Não sei se consigo fazê-lo reagir.

— Consegue! Você tem uma vantagem sobre todos os outros, sobre todos nós! Você o conheceu antes.

Prendi minha respiração ao ouvi-lo dizer isso, porque nunca estivera em meus planos dizer a Thomas que eu o conhecia, mesmo porque essa história ainda me perturba e eu prefiro não pensar nela.

— Eu não quero seguir por esse caminho, doutor.

— Mas deveria! — Ele se levantou e se sentou numa cadeira ao lado da minha. — Thomas não tem memórias, Liz, então todos que possam ajudá-lo a ter uma ligação com o passado são bem-vindos. Isso estimula a mente dele, mesmo que ele não queira participar das sessões com a doutora Ferreira, ele tem sede de informações, ainda que negue.

— Eu não sei se...

Márcio adentrou na cozinha dizendo que Thomas exigia falar com o médico, e ele me olhou com um sorriso.

— Ele vai me mandar despedi-la. — Fiquei tensa, pensando que talvez tivesse exagerado. — Ele não tem esse poder, Liz. Eu me reporto ao senhor Palmer, é o nosso acordo, não se preocupe.

Vi-o seguir Márcio, e Rita se sentou onde antes estava o doutor.

— Deve ser difícil para você vê-lo assim, não é, Liz? — Não respondi, apenas a olhei, sentindo meu coração disparar. — Eu me lembro de como você era apaixonada por ele.

— Isso já passou, Rita.

— Eu sei, eu sei. — Ela se levantou e foi até o fogão olhar uma panela que fervia algo. — Marisa teve que ir até o continente, e eu estou encarregada da cozinha hoje.

— Quer ajuda? Sei pouco, quase não cozinho, mas posso olhar...

— Eu quero que você faça o que veio fazer aqui, Liz. Você não tem ideia do orgulho que sentimos de você, de ver você retornar a essa casa em um papel tão importante na história dessa família, principalmente na vida do Thomas. — Neguei com a cabeça, tentando não dar ouvidos ao que ela me dizia. — Eu me lembro de como ele te tratava mal, como tratava a todos mal e acho que sua volta para cá não foi por acaso, mas sim para que ele aprenda...

— Não quero ter esse papel, Rita. Eu vim para cá apenas porque precisava do emprego, nada mais.

— Não depende de você querer ou não, Liz. Se é parte do seu caminho o que está acontecendo, você terá que trilhá-lo!

Eu a encarei, lembrando que ela sempre foi assim, um tanto mística, um tanto misteriosa com as coisas que falava, e confesso, o que ela disse me assustou, mas, como nunca fui muito apegada a nada sobrenatural, tentei não me fixar naquilo tudo.

David retornou, e eu agradeci pela intervenção, pois o papo com Rita estava começando a me deixar incomodada.

— Ele é todo seu, Liz!

Respirei fundo, detestando o som disso, mas entendendo que o médico se referia à fisioterapia.

— Tem certeza de que devo ir cutucar a onça agora?

— Absolutamente! Se você der o braço a torcer agora, irá perder todo o moral com ele, e aí ele não te respeitará.

Levantei-me, assentindo, mas ainda assim temerosa, mas caminhando ao encontro de Thomas.

— Liz... — David me chamou, e eu parei na porta da cozinha. — Não se esqueça do meu conselho. Você tem algo que a diferencia das demais pessoas.

Merda! Paro de pensar nos momentos desde que acordei e vou atrás de Thomas novamente. O caminho até o quarto dele nunca pareceu tão longo, e a cada passo que dou, eu me remoo quanto ao que fazer, qual caminho seguir. Se eu contar a ele que nos conhecemos de antes, posso abrir minha guarda.

Remexer no passado pode ser muito doloroso, principalmente para mim.

Quando chego ao quarto, vejo-o de frente para a janela, olhando para fora como se estivesse com o pensamento longe. Ele não tomou o banho que pedi, mas não vou mais deixar que isso seja usado para mantê-lo afastado do tratamento. Eu preciso fazer o trabalho para o qual fui contratada, e o quanto antes ele se recuperar, melhor, mais rápido poderei sair daqui, de perto dele.

Ele parece tão distraído que não me vê me aproximar e muito menos desligar novamente a bateria de sua cadeira.

— Ok, Thomas James — digo já segurando sua cadeira e a virando. — O fedor de seu corpo será sua armadura contra sua melhora? — Rio. — Você não sabe com quem está lidando!

Volto a empurrá-lo para fora do quarto, e ele me surpreende não reagindo contra isso, pelo menos até a entrada da sala preparada para as sessões de fisioterapia.

— Para a porra da cadeira, Liz! — grita de repente, dando-me um susto, mas não paro e o vejo tentando acionar a cadeira, mas rio, pois despluguei a bateria de novo.

Acho bom deixar as coisas claras para ele de uma vez.

— Eu não vou embora, Thomas James! Nem que nós tenhamos que travar uma batalha todos os dias, você fará seu tratamento e poderá continuar a ser o babaca que é, mas de pé!

— Você está demitida! — Ele se inclina e me olha bem dentro dos olhos. — Você ouviu?

Desvio meus olhos dos dele e sorrio, embora esse olhar verde tão lindo e tão transtornado me tenha deixado arrepiada. Pena, com certeza!

— Doutor Turnner disse-me que você não tem esse poder a não ser que seja algo grave. — Sorrio. — Eu não vou desistir, faremos isso por bem ou por mal.

— Você sozinha não tem condições de me obrigar a fazer nenhum movimento, senhorita inteligência!

Uau! Um desafio?! Ah, ele não me conhece! Eu adoro um bom desafio! Quer me ver empenhada ao máximo? Diga a mim que não posso ou não consigo algo. Ele está ferrado!

— Não? — Deixo a cadeira e seu ocupante na entrada da antiga academia de ginástica, adaptada agora com os melhores equipamentos fisioterápicos que eu já vi e começo a ligar as luzes do local bem como os equipamentos que irei usar, porque sim, ele irá começar as sessões hoje! — Vai fazer o que para me impedir? Vai me agredir? — Ele fica boquiaberto com minha sugestão. — Vai gritar e birrar como uma criança? Ah, por favor, não faça esse papel!

Pego uma flanela e um vidro de álcool e limpo a maca onde espero tê-lo

deitado em breve. Assim que termino, encaro-o.

— E então? Eu soube que a Becca está contando em vir te visitar nas férias e já te ver andando. Vai decepcioná-la?

Eu mesma me surpreendo por ter citado a pequena – que não deve ser mais tão pequena assim – Rebecca Palmer, percebendo que dei brecha para lhe contar que já o conhecia antes.

— De onde você conhece minha irmã? — Thomas me pergunta, parecendo muito desconfiado.

— Eu praticamente nasci aqui, nesta ilha, Thomas. Meu avô é o seu caseiro. Eu conheço a todos da sua família e sei que tanto sua irmã quanto a senhora Willie saíram daqui com uma promessa sua.

Pronto! Contei tudo e espero não me arrepender disso!

Ele parece surpreso enquanto processa tudo o que lhe contei, mas então fecha o semblante novamente.

— Se cumpro ou não com minhas promessas, não é da sua conta!

— Não é mesmo, graças a Deus! — Merda! Esqueci que Thomas não está nem aí para a sua família! Não é porque ele não se lembra do escroto que era que mudou sua personalidade egoísta, mas, pelo sofrimento que noto em seus olhos, talvez haja um meio de rachar essa armadura que ele criou. — Sabe, eu também conhecia o Eric. — Vejo-o empalidecer e me congratulo. Sim, ele se sente culpado, talvez? Ou quem sabe curioso sobre o gêmeo que morreu? Então é esse o caminho que irei seguir. — Ele era um garoto tranquilo, estudioso, sensível, eu acho. — Dou de ombros. — Eu nunca o conheci bem, porque ele ficava mais tempo entre seus livros quando estava aqui do que curtindo o local.

— Por que você está me dizendo isso?

— Porque, embora eu não tenha tido muito contato com ele, eu observava muito vocês dois. — Principalmente você, embora não enxergasse quem você era de verdade. — Na época, confesso que não enxergava assim, mas agora penso que, em todo o tempo, Eric quis melhorar as coisas ao seu redor. — Isso é verdade. Toda vez que penso em Eric me vem uma sensação de paz, de proteção. Ele era um apaziguador, além de inteligente e, devo confessar, divertido, pois, embora a adolescente Liz não percebesse, ele me ensinou muito e me fez viajar com as histórias de seus livros no dia em que conversamos. Vovô Paulo sempre gostou apenas dele, e eu nunca havia entendido o motivo, mas, depois que consegui ver a verdadeira face de Thomas, eu compreendi. — Meu avô era um dos poucos que conviviam mais com ele e sempre o que ele diz é que Eric queria manter a paz na família de vocês.

— Eu não me lembro dele — sua voz soa triste, e isso me alerta, porque nunca o vi tratar bem o irmão. Thomas debochava dele, ignorava-o ou fingia que

Eric não existia.

— Eu sei. Sei também que você não tem lembranças próprias, suas. — Ele confirma, e eu penso em sensibilizá-lo com isso, mesmo não acreditando nas palavras que digo. — Você tem uma tela em branco, Thomas, já se apercebeu disso? Você pode decidir por torná-la uma obra de arte ou apenas enchê-la de rabiscos...

— Minha condição não é permanente. Já tive flashes de memória. Então minha tela não é tão branca assim!

Sinceridade?! Ele me surpreende ao dizer isso, admitindo, talvez, que o que já lembrou o faz sentir-se mal.

— Não, imagino que não seja mesmo! Se recusar a seguir em frente não vai impedir que ela continue se sujando, pelo contrário. Se você não aprender a lidar com tudo o que sua mente está bloqueando, pode ser que, quando enfim se lembrar, perceba que poderia estar mais preparado para fazer diferente.

Eu realmente não acredito nisso, na possibilidade de uma mudança verdadeira da parte dele, não! Eu ainda acho que, assim que ele recobrar a memória por completo e, principalmente, já estiver andando de novo, irá voltar a ser o idiota egocêntrico e manipulador que sempre foi.

Thomas não me responde, e eu me animo ante a possibilidade de que ele aceite fazer os exercícios para que, enfim, eu comece meu trabalho. Então ele faz uma pergunta que me deixa tensa:

— Eu fui rude com você, Liz? Digo, no passado?

A pergunta me pega desprevenida, e eu acabo me levantando, tentando disfarçar toda a mágoa e ressentimento que sinto pelos seus atos do passado.

— Você era com todos! — Dou uma risada como se aquilo não fosse importante. — Eu não era exceção.

Droga! Eu sabia que remexer no passado não seria bom. Eu definitivamente não devo seguir por esse caminho com ele, não mesmo! Tento me recompor e voltar a tratá-lo com mais dureza, mas então ele me desarma de novo:

— Eu lhe peço perdão, Liz. Mesmo não lembrando o que fiz, eu espero que não a tenha machucado muito.

Por fora há um sorriso em meu rosto, como se tudo o que passei com ele, por causa dele não tivesse sido nada, como se fosse irrelevante. Todavia, por dentro, ouvir essas palavras, mesmo sabendo que ele não tem a mínima consciência do mal que me fez, dispara meu coração e me deixa trêmula.

— Já não importa. — Ignoro e tento voltar a ser a Liz durona. — O que vim fazer aqui não tem relação com o que se passou. Vim aqui porque tenho um trabalho a fazer, um trabalho que eu quero e preciso fazer. Por isso, Thomas, tire sua bunda dessa cadeira agora.

Ele gargalha de um jeito tão espontâneo que eu fico parada por um segundo, admirando esse som, gostando de vê-lo assim. Ele tenta vir até onde estou, mas o motor da cadeira ainda não funciona, então ele a movimenta pelas rodas.

Vejo-o posicionar a cadeira e sei que ele aprendeu isso com o fisioterapeuta que estava aqui antes de mim. Thomas se transfere para a maca e se deita, e eu tenho uma visão total de seu dorso, notando que suas costelas já estão bem marcadas sob a pele, embora ainda haja músculos remanescentes em seu abdômen, o que me prova que ele era um homem que gostava de exercícios.

— Estou à sua disposição, doutora Castro! — diz sem me olhar. — Pode começar a tortura.

Somente quando ele fala isso que eu percebo que, a partir desse momento, irei tocá-lo todos os dias! Oh, Deus! Tento rir e ignorar essa apreensão, afinal, sou uma profissional da área, já estou acostumada com todo tipo de toques e contatos – até mesmo em áreas íntimas de pacientes, como genitálias e ânus –, não tem motivo para que eu fique tão cheia de dedos com Thomas, pois é um paciente como qualquer outro.

Ligo o eletromiógrafo, afinal, há duas semanas os músculos dele estão sem receber nenhum tipo de estímulo, e eu preciso saber como se encontram para que eu possa adequar a carga e a quantidade de exercícios que faremos.

Ele acompanha com os olhos cada um dos meus movimentos enquanto ligo o laptop e inicio o software que registrará os impulsos de cada músculo.

Quando vim até aqui, ontem, fiquei muito satisfeita e aliviada ao perceber que montaram uma estrutura de ponta, com equipamentos que só vi em grandes clínicas de fisioterapia e hospitais. Além de todos os aparelhos necessários para a reabilitação de Thomas, foi instalada uma pequena piscina de fibra, com aquecedores e barras de suporte, e, como fiz cursos voltados para a fisioterapia aquática, sei o quanto ter à disposição esse tipo de equipamento acelerará a melhora dele.

Limpo as áreas em que vão ser instalados os eletrodos para o exame e, após todas as avalições necessárias, o computador processa os registros para que eu possa analisar as respostas musculares de Thomas.

Ele já consegue fazer alguns movimentos com as pernas e com o quadril. Ainda são pequenos, basicamente de balanço, mas isso é extremamente positivo.

— Thomas, preciso que você se sente para que...

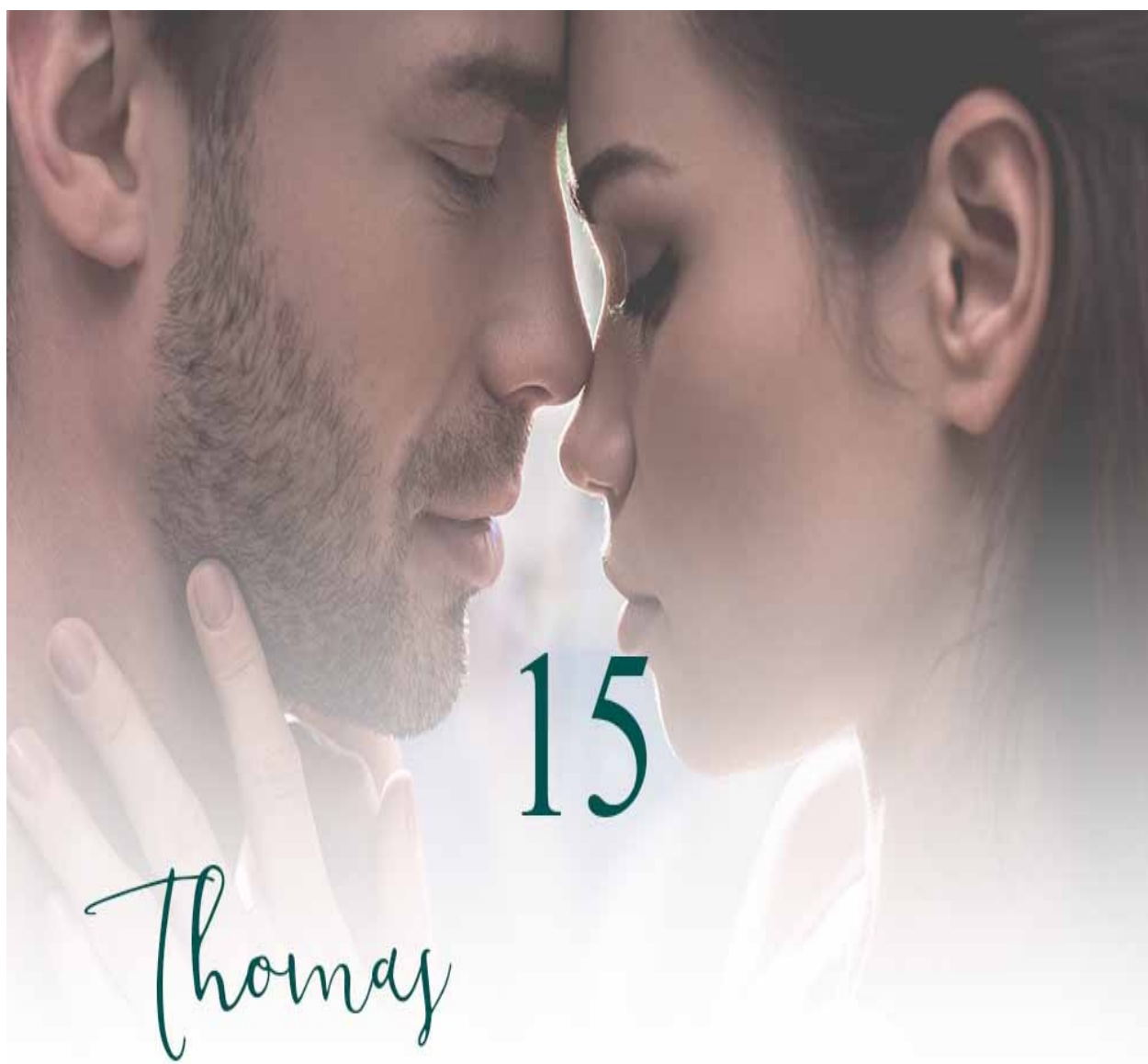
— Exercícios de respiração e alongamento — comenta desanimado, mas se senta.

Eu rolo os olhos para ele e posiciono as suas costas, tocando seu pescoço, ainda incomodada com o cheiro etílico que emana dele.

— Amanhã, por favor, se for encher a cara a noite inteira, tome um banho antes do exercício.

Ele ri.

— Pode deixar, *doutora*.

Homem irritante!

Mulher irritante!, penso ao ser, literalmente, arrastado para a sala de fisioterapia às 7h da manhã. Essa louca tem feito essa rotina comigo todos os dias há quase um mês, e eu já começo a sentir os efeitos de tanto esforço.

Nós dois passamos horas dentro da academia, entre massagens, exercícios e, agora, tentativas de homicídio na piscina. Sim! Não é exagero! Essa louca só pode estar querendo me matar e ainda diz que é para me manter relaxado.

Ontem ela veio com essa ideia, de, depois das sessões de *fisio*, eu ficar um tempo na água aquecida. Olhei para ela como se tivesse um parafuso a menos, mas a doida nem ligou para isso, alegando que eu reclamo de tudo.

É claro que eu reclamo! Eu estava na minha, quieto e sentado em minha cadeira, conformado em ficar nela sem nenhuma reclamação porque, em minha

mente, eu merecia passar por isso, aí ela apareceu e transformou minhas manhãs em um inferno.

Depois daquele primeiro dia, eu a despedi mais umas três vezes durante esse tempo em que me tortura, mas, como eu mesmo sei, não tenho o poder para fazer isso. O doutor David deixou bem claro para mim que só se reporta ao meu pai, que foi quem o contratou, e é ele quem pode ou não demitir alguém de sua equipe.

Os enfermeiros, que eu já havia dobrado e conseguido que me deixassem em paz, por algum motivo – provavelmente alguma ameaça por parte do médico – começaram a ser mais enérgicos comigo, inclusive descobriram onde eu estava guardando a bebida e limparam meu estoque. *Limparam geral!*

Eu ainda tentei preservar alguma garrafa para o caso de uma emergência, mas até mesmo o estoque do bar foi removido e, como eu não tenho acesso ao segundo andar da casa, não posso utilizar as bebidas que ficam na suíte principal.

Como eu sei que há bebida lá? No primeiro dia em que eu quis me embebedar para dormir e parar de ter pesadelos, descobri que não havia mais nenhuma gota de álcool nesta casa. Fiquei tão desesperado que, simplesmente, a imagem de um aparador cheio de garrafas de uísque e conhaque apareceu em minha mente.

A princípio pensei que se tratava de uma imagem qualquer de um aparador que eu tinha visto a esmo depois do acidente, mas depois de falar com o Márcio sobre as bebidas, ele me informou que colocaram tudo fora do meu alcance, no aparador de bebidas da suíte principal da casa, no segundo andar.

Não sei se foi coincidência ou não, mas tudo mudou depois da chegada *dela* nesta casa. Quer dizer, quase tudo, porque eu ainda não estou participando nas sessões de terapia, embora a doutora Ferreira ainda continue vindo aqui duas vezes na semana, à toa. Também não estou tomando os antidepressivos e ansiolíticos que a mesma me prescreveu. Não quero viver chapado, não quero mascarar os sentimentos que tenho.

Fora o tempo com a irritante fisioterapeuta, eu não faço mais nenhuma outra atividade durante o dia, embora tenha prescrição para fazer. O médico e a psiquiatra disseram que não é bom eu passar o dia ocioso, que deveria passear pela propriedade, ler, pintar ou qualquer merda dessas. Porém, eu não quero!

— Pronto para seu primeiro mergulho? — Liz pergunta parecendo animada, e eu a ignoro. — Hum... estamos mal-humorados hoje!

Rolo os olhos ante a provocação e me transfiro para a maca, como em todos os dias.

— Se puder trabalhar sem falar, eu agradeço!

Ela ri, mas concorda.

Suporto uma infinidade de exercícios, sentindo as mãos dela em meu corpo como se não fosse nada demais, mas, infelizmente, há alguns dias eu descobri que, sim, é algo que me incomoda, porque me faz sentir.

Ontem eu tive a porra de uma "quase" ereção com o toque dela em minhas coxas, ainda mais que, por causa do calor que faz aqui, a irritante doutora estava trabalhando com seu jaleco aberto, e, da posição em que me encontrava, eu podia ter um vislumbre do seu colo – muito bonito, por sinal – sob a regata branca.

A reação do meu corpo me assustou, primeiramente porque, desde que acordei do coma, não havia sentido nada do tipo, e segundo por eu ter reagido a ela, uma mulher que eu acho insuportável e da qual não vejo a hora de me livrar. Bem... era assim até ontem!

Essa madrugada, pela primeira vez em meses, eu não tive um pesadelo, mas sonhei. Sonhei com ela em um minúsculo biquíni branco, deitada na areia de uma praia. Dessa vez acordei com uma ereção completa e muito puto, azedo e, sim, mal-humorado. Eu não quero ter esses tipos de pensamentos com a minha fisioterapeuta!

Liz entra no meu campo de visão, saindo de trás de mim e desce da maca, pedindo-me para me sentar. Ela volta para perto de mim portando fitas extensoras, e eu automaticamente já as pego para começar a exercitar meus braços. Ela mais uma vez se posiciona às minhas costas, mantendo minha postura, acompanhando meus movimentos.

A cada vez que eu levo meu braço de um lado para o outro, sinto seus seios encostando em minhas costas, e isso começa a me parecer mais tortura do que a odiosa fisioterapia. Tento fechar os olhos e focar apenas nos exercícios, mas não consigo.

Além dos seios, ainda tem esse perfume que ela usa! A sala de fisioterapia fica toda perfumada e, às vezes, quando transito pela casa, consigo saber que ela esteve em um cômodo ou outro apenas pelo perfume dela no ar. Eu deveria proibi-la de usá-lo, alegando que me dá dor de cabeça ou qualquer outra desculpa plausível, mas não consigo, é uma tortura viciante.

Por que, raios, essa mulher teve que aparecer em minha vida?

Seguimos com as sessões de exercícios, e eu me esforço ao máximo para não sentir nada além do que deveria durante a fisioterapia. Quando ela está sobre mim, massageando ou flexionando minhas pernas, fecho os olhos e penso em qualquer outra coisa, tentando me desligar das sensações que cruzam meu corpo.

Quando, por fim, fazemos o último movimento, sinto-me aliviado, louco para montar na minha cadeira e ir o mais longe e o mais rápido possível de Liz.

— A piscina já deve estar aquecida — ela me comunica, acionando o botão que retira a capa térmica de cima da água e se abaixa para conferir a temperatura. — Ah, está, sim!

Tira o jaleco, e eu arregalo os olhos.

— Eu não quero entrar aí! — informo rapidamente, já acionando minha cadeira para ir embora.

— Vai ser bom! Toda a dor da qual você se queixou por causa do esforço que seus músculos estão enfrentando vai melhorar — ela argumenta. — Além disso, é bom começarmos a praticar na água, pois, daqui a um tempo, quando seus músculos já estiverem fortes o suficiente, vamos praticar equilíbrio e passadas aqui dentro.

— Não. Quero — repito bem devagar para que ela, por fim, entenda.

Liz põe a mão na cintura, séria, encarando-me, esperando alguma justificativa. Não dou nenhuma, pois, se eu disser que não quero estar dentro da piscina, molhado, com ela a me tocar, com certeza ela irá compreender o motivo.

Avalio a sua roupa, calça e blusa branca, e já penso no quão transparente vai ficar após molhada, ou então... vejo uma alça azul-marinho fina por baixo da blusa. Merda! Ou ela está de biquíni ou de maiô, e eu certamente não preciso desse estímulo. O músculo que será estimulado na água com certeza não será o que ela pretende.

— Vamos, Thomas! Larga de ser medroso! — Ela caminha na minha direção. — Hoje você só vai boiar, e eu vou ficar o tempo todo apoiando suas costas por baixo e...

— Não! — Levo-me para longe dela. — Acabamos por hoje, me deixa em paz!

Liz para e assente, e eu saio da sala e de perto dela, mas isso infelizmente não melhora em nada o estado em que me encontro. Caralho!

Estou com fome, e todos os dias como no mesmo horário, em meu quarto. Nunca, nesses três meses em que estou nesta ilha, almocei em outro local, então não sei o motivo pelo qual aceitei a sugestão de Márcio de vir comer na varanda.

O enfermeiro abriu um sorriso do tamanho de um estádio de futebol. Agora, após meu banho – gelado, por sinal – venho até a varanda principal da casa, virada para o mar aberto, e posiciono minha cadeira junto a uma mesa de ferro fundido e tampo de vidro enquanto Marisa me serve o almoço.

Isso é outra coisa que mudou desde que comecei as sessões de fisioterapia:

meu apetite. Não sei se por Liz acabar com a minha raça com aqueles exercícios ou por eu estar gastando alguma energia, mas comecei a sentir fome e a comer melhor. A comida de Marisa ajuda muito, também, muito saborosa e diferente da que eu comia em casa, em Nova Iorque.

— Você poderia fazer aquele peixe com banana... — não consigo terminar de falar, vendo-a paralisada e me olhando assustada. Franzo o cenho, imaginando o que disse de errado, então percebo que ela nunca fez esse tal prato para mim, mas eu me lembrei dele.

— Eu ficarei muito feliz em fazer, senhor Thomas — a mulher afirma, sorridente e orgulhosa. — Vocês sempre gostaram do peixe com banana da terra. Eu lembro do senhor Palmer e do Eri...

Ela para, constrangida, mas eu já entendi que meu pai e meu irmão também apreciavam a iguaria.

— É um prato delicioso, como tudo o que a senhora prepara, obrigado. — Mais uma vez faço a cozinheira arregalar os olhos, porém, ela disfarça mais rápido. — Eu nunca agradeci antes, não é?

Ela sorri sem graça e não me responde, mas eu sei que nunca o fiz. Começo a comer, e ela entra, deixando-me com pensamentos inquietantes sobre nossa pequena interação. Primeiro, por eu ter me lembrado de algo, e segundo, por constatar que era realmente um mal-educado. E o resultado disso só pode ser descrito como: tenho medo de que, ao me lembrar de tudo, eu volte a ser o homem que não sabia nem agradecer a alguém.

Tento não me martirizar com isso – um dos meus principais receios – e termino minha refeição prestando atenção na natureza à minha volta. Marisa volta e retira a mesa, mas eu continuo na varanda, sentindo a brisa do mar.

Ao longe escuto risadas e então vejo a minha fisioterapeuta caminhando junto a um homem bem alto, forte e de cabeça raspada. Os dois conversam e riem muito, e eu os acompanho até sumirem da minha vista.

Eu nunca percebi, ou senti, a solidão que me cerca até há pouco tempo. Pelo contrário, isso não me incomodava, porque era exatamente o que eu queria, o que me fez vir ficar nesse pedaço de terra no meio do oceano. Porém, agora eu sinto e me incomoda sentir, principalmente depois que minhas sessões de tortura acabam e eu fico sozinho o resto do dia, geralmente olhando o mar.

Balanço a cabeça, recriminando-me por pensar assim. Eu não quero reconstruir minha vida, fazer amizades, criar laços, eu quero apenas me isolar, deixar de conviver com as pessoas, pois não sei até que ponto posso me controlar sem voltar a envenenar ou a magoar alguém.

Eu posso não ter memórias, mas o caráter ruim – como eu acho que é – ainda está aqui e a qualquer momento pode vir à tona. É apenas uma questão de

tempo.

Movo minha cadeira em direção ao quarto, pensando sobre o que a Liz me disse no nosso primeiro dia de sessão, sobre eu ter uma tela em branco por causa da minha falta de lembranças, e do que eu lhe disse sobre já me lembrar de algumas coisas e por isso ela não ser tão branca assim.

Na verdade, o que suja a “tela” não são as memórias, não! O que a deixa manchada sou eu, porque eu não mudei, eu apenas estou confuso e perdido, mas ainda sou o mesmo homem de quem todos se ressentem, o mesmo homem que passou a vida odiando seu irmão, que enganava a todos para viver, nem que por um momento fugaz, a vida daquele que odiava. Eu ainda sou esse homem, e isso é o que me faz querer ficar longe de todos.

Não posso, porém, enganar a mim mesmo sobre o que está despertando todos esses sentimentos tão contraditórios dentro de mim: Analiz Castro. Ela mudou minha rotina, mexeu em tudo à minha volta, tem me ajudado a me sentir cada vez mais forte, mas eu preciso mantê-la longe, porque sinto que ela pode mudar também a minha vida para sempre.

Sem me dar conta de estar fazendo isso, entro na biblioteca em vez do escritório transformado em quarto. A infinidade de livros aqui, neste local, é algo absurdo, e eu sei – não sei como, mas sei – que aqui não é o local adequado para abrigar tantos exemplares por causa das condições de temperatura, umidade e maresia.

Não sei – acredito que não – se era um homem que gostava de ler. Sei que Eric o era e apreciava muito ficar horas lendo, como minha irmã me contou. É lógico, afinal, ele era um advogado, e nessa profissão eles passam a maioria do tempo lendo sobre casos já julgados para montarem suas teses. Entretanto, eu sou – era – um artista de teatro, o que já demonstra, sim, que gostava de leitura, por isso me sinto tão bem dentro desse local, pelo menos essa é a minha teoria.

Nunca peguei sequer um livro nesse tempo em que estou vivendo aqui na ilha, mas gosto de estar rodeado pelos volumes encadernados, lendo lombadas e até mesmo tentando adivinhar a quantidade de livros sem contá-los.

Passo de frente a mais uma parede forrada de volumes, milimetricamente arrumados, organizados em ordem alfabética pelo sobrenome do autor, lendo cada um dos títulos, até que um me chama a atenção, uma vez que a maioria dos volumes são de livros clássicos, algumas biografias e até mesmo livros técnicos, todos em inglês. Então, achar um livro em português, um romance, ao que parece, chama-me a atenção.

Eu o pego, sabendo se tratar de uma edição traduzida, pois o original foi escrito em inglês por esse autor, Sidney Sheldon. Leio a sinopse e concluo, com certeza, que tal exemplar não pertence ao meu pai e tenho a confirmação ao abrir

e ver o nome de Eric na contracapa. A letra dele – que eu nunca havia visto – me faz lembrar de alguns escritos, e eu sorrio, porque sei que é uma lembrança boa, alguma carta que trocamos ou mesmo um bilhete.

O título me chama a atenção, ressaltado pela ótima sinopse. Talvez seja a hora de eu desvendar a leitura e preencher um pouco o vazio da minha mente e da minha vida com ela.

Um estranho no espelho! Sim, definitivamente parece um bom título para eu começar. Folheio o livro e então encontro uma folha de papel dobrada. Fico uns instantes olhando para ela, sem saber se devo ou não a ler, mas acabo abrindo-a.

É uma carta escrita por Eric, embora não esteja terminada e nem endereçada, mesmo assim parece ser algo importante. Na missiva, ele pede desculpas a alguém e lamenta não ter coragem de enfrentar todas as expectativas que recaem sobre si e termina dizendo que queria que tudo fosse diferente, mas que aquela era a sua vida. Há mais algumas palavras escritas, mas estão tão borradas que eu não consigo discernir o que significam.

Ele escreveu em português e a guardou dentro de um livro nesse mesmo idioma, então só posso concluir que o destinatário de tais escusas seja brasileiro. Independentemente de quem seja, essa pessoa nunca soube o quanto ele lamentava – pelo que fosse – e, ao que tudo indica, se importava.

Eu sei tão pouco sobre meu irmão... e creio que, mesmo se tivesse minhas memórias, ainda assim continuaria sem muitas informações sobre Eric. Ele parecia muito discreto, fechado e talvez não deixasse seus sentimentos à mostra, principalmente para alguém como eu. Pelo menos é o sensato a se fazer quando se tem um irmão capaz de usar seus sentimentos para o prejudicar, mantê-lo bem distante.

Decido levar o livro para o quarto e tentar conhecer pelo menos o gosto literário de Eric. Faço o retorno com minha cadeira e, antes mesmo que eu olhe para a porta, já sei que ela está ali. *Maldito perfume!*

— Está me vigiando? — indago dando-lhe o meu melhor olhar prepotente.

Liz apenas ri, zombeteira, e nega, andando pela biblioteca como se conhecesse cada canto dela, indo diretamente a uma prateleira – que eu não posso alcançar por causa das minhas condições físicas – e pegando um volume.

— Venho aqui todos os dias, nesse horário. — Ela me mostra o livro. — Estou terminando esse, mas já li vários. É bom para exercitar meu inglês.

Senta-se em uma das poltronas, liga a luminária e – faceira – joga as pernas em cima da poltrona da frente, que provavelmente ela moveu para perto alguma das vezes em que esteve aqui.

— O que está lendo? — questiono, curioso.

— Shakespeare. — Dá de ombros. — Tentando, na verdade.

Liz pega sua linda juba cacheada com ambas as mãos e, com a ajuda de algum objeto, prende-a no alto da cabeça. Ela volta a ler, mas, percebendo que ainda estou aqui, parado no mesmo lugar, olha-me inquiridora.

— Você não me disse o título, e eu não sei se você sabe, mas eu realmente não tenho uma mente muito boa para lembrar das coisas.

Ela ri da minha piada de mau gosto.

— *Sonhos de uma noite de verão*. — Vira a capa para que eu a veja.

— *Oh, Deus! Por tudo quanto tenho lido ou das lendas e histórias escutado, em tempo algum teve um tranquilo curso o verdadeiro amor*[10] — acabo de recitar e a vejo deixar o livro de lado e se aprumar na poltrona, sentando-se bem na beirada, como se quisesse chegar perto de mim. Liz parece... assombrada. — O que foi?

— Eu li essa parte. — Olha-me desconfiada. — Você se lembra desse livro?

Paro um instante para refletir, pois tudo o que eu falei saiu tão naturalmente que eu nem racionalizei sobre o que era, mas, sim, eu me lembro da história sobre as confusões ocorridas no casamento de Teseu com Hipólita. Eu me lembro de partes inteiras do livro!

— Ao que parece, sim!

Ela pensa um instante, antes de ser bem direta em sua pergunta:

— Você recobrou sua memória e está enganando a todos? — Nego, mas ela não me deixa falar: — Eu sei bem que você é capaz de fingir com maestria. — Levanta-se. — Thomas, se você estiver fazendo isso...

— Eu. Não. Estou. Mentindo! — grito as palavras para ela. — Eu me lembro das coisas às vezes. Não tenho controle sobre isso, do que lembrar ou quando lembrar, porque eu juro a você que, se tivesse, eu teria selecionado melhor meus flashbacks, tentaria me lembrar de coisas com mais importância! — Ela ainda me olha com suspeita. — Liz, eu realmente não sei o que fiz para você não confiar nada em mim, talvez eu realmente não seja digno de nenhuma credibilidade, mas estou dizendo a verdade.

— Eu não sei, Thomas. Eu espero que esteja, mas é difícil acreditar em alguém que... — ela não completa, apenas suspira e balança a cabeça, como se não valesse a pena continuar.

— Eu sei que essa é uma peça teatral famosa desse autor. Eu me lembro de partes inteiras desse livro. Não posso afirmar, porque só me lembro do texto, mas eu devo ter interpretado essa peça e por isso gravei essas falas. — Rio, odiando estar tentando explicar algo que nem mesmo eu sei. — Elas ficaram aqui. — Toco minha cabeça. — E, quando você me disse o título, saíram.

Liz assente, mesmo ainda tensa.

— Do que mais você tem lembrado, Thomas?

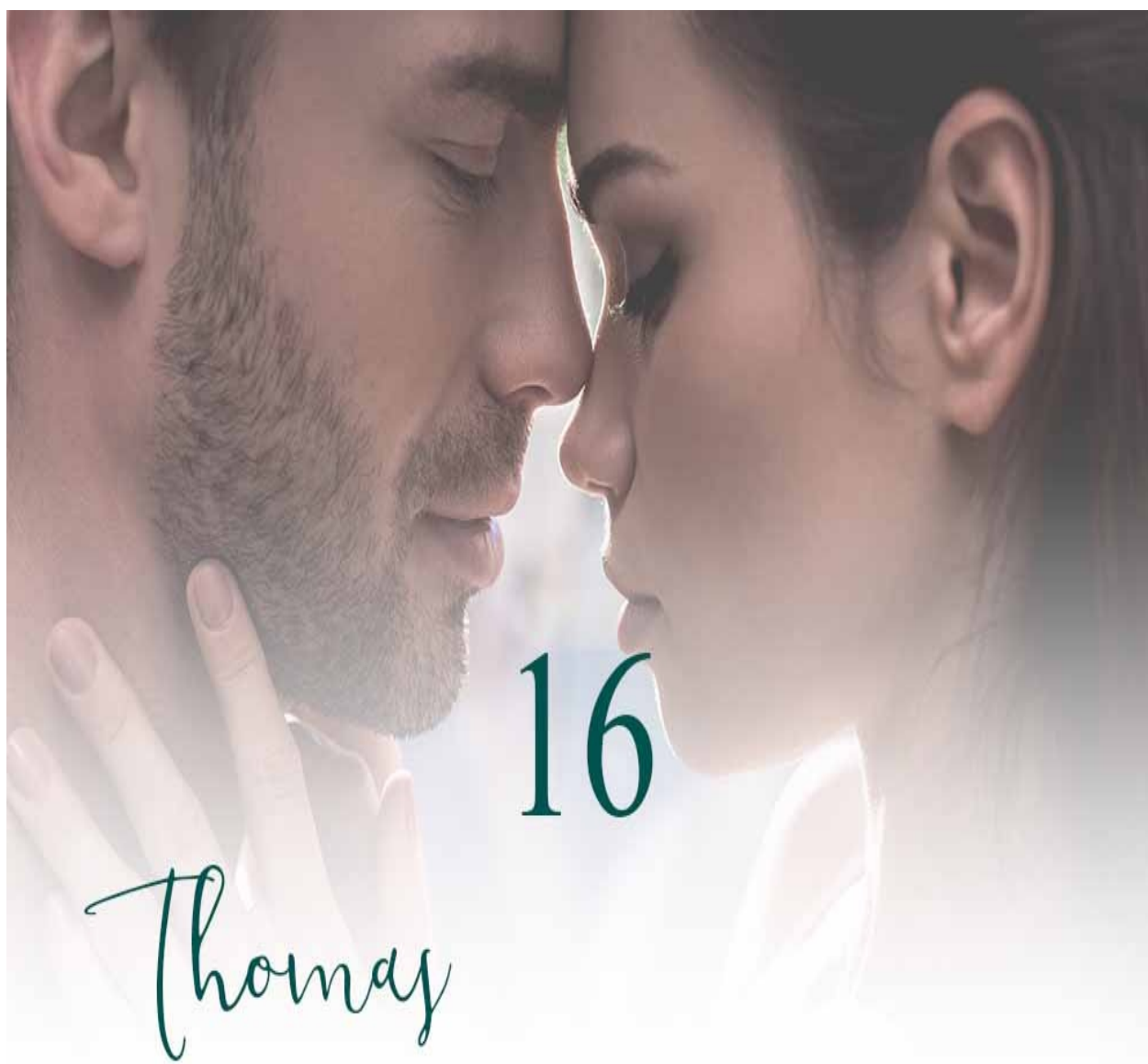
— Coisas sem importância, eu acho. — Fecho os olhos, lembrando-me de Cassie e das lembranças que tive com ela. — Raras de alguma relevância, mas eu tenho sonhado muito ultimamente.

— E você acha que esses sonhos podem ser lembranças? — Dou de ombros. — Por que você não conversa com a doutora Lídia?

Fico mudo por algum tempo, suportando o olhar dela sobre mim. Eu não compreendo o que me motivou a falar para ela sobre os sonhos. Eles estão mais para pesadelos e são sempre os mesmos, com Eric. Olho para o livro ainda em minhas mãos, pensando em como o título dele se parece com minha própria vida e com os sonhos que tenho na maioria das noites.

Liz ainda espera uma resposta minha, e mais uma vez sou impulsionado a ser sincero com ela.

— Porque eu tenho medo. — Ela se surpreende, e eu olho bem no fundo dos seus olhos. — Não lembrar é uma forma que meu cérebro descobriu para se proteger, pelo menos foi isso que o David me disse. Eu tenho medo, Liz. Medo de, quando recuperar todas essas memórias, elas me façam ser como eu era antes ou me façam enlouquecer.

Ela não responde, apenas me olha sem reação, e eu, depois de me sentir completamente despido diante dela, viro minha cadeira e procuro o local onde me sinto seguro de tudo, inclusive do homem escondido em meu cérebro.

Ela não vem para a sessão de hoje, constato ao olhar, pela centésima vez, para as horas que marcam o relógio em minha cabeceira. Acordei perturbado, no meio da noite, depois de mais um pesadelo. Dessa vez não sei sobre o que foi, mas despertei tão desesperado, esfregando meus braços e gritando por socorro, que tenho certeza de que sonhei com a noite do acidente.

Ainda era metade da madrugada, mas não consegui voltar a dormir e, como não havia mais nenhum álcool para passar o tempo, abri o livro que havia pegado na biblioteca e comecei a ler devagar.

Quando o dia amanheceu, eu estava mergulhado na leitura, apavorado em estar vendo na protagonista do livro um pouco da tirania de Liz Castro ao me obrigar a fazer fisioterapia, inclusive querendo me levar para a piscina e fiquei

um tanto receoso quando a personagem matou o marido afogando-o, amarrado em sua cadeira de rodas, dentro da piscina que antes fora usada para tratá-lo.

Deixei o livro de lado e chamei Márcio para me auxiliar no banho, já me preparando para a sessão de fisioterapia com a doutora tortura. Todavia, ela não veio.

— Ela foi para casa hoje, Thomas — Márcio me informa, percebendo que estou impaciente com o sumiço dela. — Ela está há um mês direto aqui e tinha compromissos no Rio.

— Ah, sim. — Fico um tanto decepcionado, mas tento disfarçar. — Me livrei da tortura hoje!

Márcio ri e balança a cabeça, vendo o quanto fiquei desapontado.

E, sim, fiquei mesmo, mas apenas porque já estou acostumado a exercitar meus músculos todos os dias, não por causa da fisioterapeuta. Bem, talvez um pouco também por causa dela.

Eu não dependo da presença dela para fazer algo de útil. Olho para o enfermeiro e tenho uma ideia.

— Márcio, hoje quero dar uma volta pela ilha, como você sempre me oferece.

Ele assente e me segue para fora do quarto, auxiliando-me a descer da varanda para o gramado e a entrar no caminho de pedras que circunda a casa. A ilha é um local muito bonito, e eu não entendo como nunca gostei daqui – como Mari me disse –, pois não há nada para não ser apreciado no lugar. O mar é azul, límpido, calmo, pois as ondas fortes param na Ilha Grande e as águas da baía ficam mais suaves, embora eu ainda consiga ver o movimento da maré agitando o mar. A natureza ao redor é linda, árvores, arbustos, palmeiras e coqueiros, além de flores em um jardim bem-cuidado pelo senhor Paulo, o avô da Liz.

Bufo, não querendo pensar mais nela e voltando minha atenção às construções existentes além da casa principal.

— Ah, olha lá o senhor Paulo! — Ele acena para o caseiro, que me olha um tanto surpreso, e eu o cumprimento com a cabeça.

Não demoro muito olhando-o, porque o caminho é irregular e, além de minha cadeira trepidar muito, tenho que ser cauteloso para não acabar caindo.

Seguimos para a parte de trás da casa, passando pela área de lazer que conta com piscina, sauna, área gourmet com churrasqueira, fogão a lenha e muitos equipamentos que eu nunca pensei em usar. Não estou aqui de férias, afinal, e não tenho nenhum motivo para confraternizar ou comemorar, então é óbvio que não usarei o local.

Ao longe avisto uma construção maior, entre umas árvores, e mais uma vez sou assaltado por uma lembrança. Barcos e motores, cheiro de graxa, de

combustível, ferramentas e uma bancada de madeira.

Sorrio. Uma casa de barcos com acesso direto à água. Eu já estive nela tantas e tantas vezes que sei de cor onde fica cada coisa no lugar e ainda tenho memória olfativa preservada.

— Casa de barcos do Gonçalo. — Aponto para a mesma, mostrando-a ao enfermeiro. — Acabei de me lembrar dela.

— Isso é bom! Doutor Turnner vai gostar de saber disso — sua voz está animada.

— Tem visto o barqueiro?

— Sim, ontem mesmo ele esteve aqui e trouxe o filho, que é professor no continente. Sua fisioterapeuta e ele eram amigos de infância, pelo que eu entendi.

Ah, sim! Provavelmente o homem com quem eu a vi caminhando ao lado e sorrindo. Amigo de infância? É difícil para mim pensar que alguém possa ver a Liz apenas como uma amiga, pois ela mexe com minhas fantasias e... Merda! Desvio meus pensamentos e foco no caminho que leva à única faixa de terra, ou seja, a única praia da ilha.

— Você tem como me ajudar a chegar perto do mar? — inquiro ao enfermeiro, sem olhá-lo.

— Tem certeza? — Afirmo. — Então vamos lá.

Ele pega minha cadeira e me conduz pelo caminho de areia compactada. Descemos, e a cada pedacinho que venço naquele caminho, tenho certeza de já ter feito esse trajeto várias e várias vezes. A sensação que me preenche não é de desgosto, pelo contrário, é de puro prazer de estar aqui, de uma felicidade que não entendo e de esperança.

Quando por fim chegamos à praia, minha cadeira afunda na areia fofa e Márcio me pergunta se quero que ele me pegue no colo para chegar até o mar, mas eu recuso. Estar onde estou agora já é o suficiente para me sentir... em paz. Fecho os olhos, sentindo o calor do sol matinal e respirando fundo o perfume do mar.

Eu gosto disso! Eu gosto daqui!

Tomo outro banho depois do almoço, pois o sol de novembro já está inclemente, e o calor junto com a umidade me fazem transpirar. Decido, então, permanecer dentro de casa, protegido pelo ar-condicionado e pela sombra, terminando de ler o livro, que é um tanto intenso e de mexer com o psicológico

de qualquer um.

Estou lendo as últimas páginas quando escuto o som do helicóptero e imediatamente penso ser Liz voltando de seus “compromissos” no Rio de Janeiro. Eu não sei como não pensei nisso antes, mas é óbvio que uma mulher bonita como ela não seja solteira. E seu namorado deve ser um homem paciente e muito seguro, porque ela ficou um mês inteiro presa em uma ilha no meio do nada tratando de outro homem.

Quer dizer – rio de mim mesmo –, provavelmente o namorado pensa que, como estou em cadeira de rodas, não ofereço nenhum risco à estonteante Analiz Castro, mas eu já descobri que não é assim. Eu sinto normalmente as minhas pernas, meus quadris e minhas partes íntimas. A pequena lesão por compressão que sofri na medula não afetou minha sensibilidade, apenas prejudicou meus movimentos.

Antes de ter um contato mais direto com a Liz, eu nunca havia tido qualquer sinal de que poderia ter uma ereção, embora tenham sido feitos testes em minhas genitálias para avaliar a questão da sensibilidade, e eles retornaram positivos.

É estranha essa reação que meu corpo tem ao dela, estranha e incômoda, porque me sinto mal, pois sei que ela apenas tem realizado seu trabalho profissionalmente, e eu me sinto um tarado por me excitar, mas não tenho controle sobre isso. Ela mexe comigo de uma forma que não sei como explicar.

Ela é bonita, tem um belo corpo, uma voz deliciosa, mas o que reboliça meus sentidos não tem muito a ver com isso. Não sei o que é, mas tenho a sensação de que minha pele reage à dela como se nós dois, de alguma forma, estivéssemos conectados.

Bruno, meu outro enfermeiro, entra no quarto, e eu pergunto a ele se é Liz quem voltou.

— Acho que não, Thomas, pois ela foi de barco para o continente e de lá iria de ônibus para o Rio. Penso que voltará da mesma forma, amanhã. Mas, se o senhor quiser que eu veja quem é...

— Não precisa! — Infelizmente meu interesse estava apenas no retorno da minha fisioterapeuta. — De qualquer forma o visitante virá até mim.

Não tarda muito, e o que previ, acontece, obviamente. Márcio aparece acompanhado de um homem de estatura mediana, cabelos acobreados e olhos castanho-claros.

— Tom! — O visitante abre um enorme sorriso e corre até mim, abraçando-me forte. — Como você está? — questiona em inglês.

— Quem é você?

O homem desanima no mesmo instante, sentando-se lentamente em minha

cama, de frente para mim.

— McKeena! — diz seu nome esperando algum reconhecimento, mas nada me vem à mente. — Você não se lembra mesmo de nada? — Dou de ombros. — Sou seu assistente pessoal, trabalhamos juntos há três anos.

Puta que pariu! Quem deixou esse homem vir atrás de mim?

— Como me achou aqui?

— Falei com Rogers, seu agente, e ele estava puto por causa do seu sumiço. Nós temos feito de tudo para dar continuidade ao seu trabalho, mas está difícil, Tom! — McKeena se aproxima de mim. — Precisamos que você volte!

— Não.

— Eu sei que você não deve estar querendo aparecer assim. — Aponta para mim, e eu apenas ergo a sobrancelha. — Mas isso não tem importância! A Academia vai fazer uma homenagem a você no ano que vem, principalmente agora, por causa do sucesso estrondoso do seu filme. E seus fãs não param de mandar mensagens, cartas, presentes e todo o tipo de coisa para sua recuperação.

— Não vou voltar — sou categórico.

— Tom, ficar afastado tanto tempo pode ser ruim para os negócios. — Ele parece nervoso. — Rogers tem me pressionado demais, amigo. Eu sei que você está com esses problemas aí para andar e lembrar, mas precisa só aparecer em um ou outro programa de TV, sensibilizar as pessoas sobre o seu estado, reverter seu acidente em mais lucro e popularidade.

— O quê?! — praticamente berro com ele.

— Não é óbvio? — Ele rola os olhos. — Você não teve culpa alguma de ter terminado assim! Seu irmão estava bêbado ao volante, o que poderemos usar em nosso favor. — Arregalo os olhos e crispo as mãos. — Já pensei até numa campanha e sei de alguns atores que topariam participar. Seria uma mensagem sobre o perigo de se dirigir embriagado. — Ri. — Sei que quase todos fazem isso, até mesmo chapados, mas é bom aos olhos dos fãs e...

— Você tem ideia do quão absurda é essa proposta? — minha voz está baixa e emite toda a raiva que estou sentindo. — Meu irmão morreu naquele acidente!

— Sim! — Aponta para mim como se eu tivesse matado uma charada. — É disso também que vamos falar! Do risco tanto para quem está bêbado quanto para quem nada tem a ver com a bebedeira alheia.

— Saia daqui! — McKeena se assusta. — Sua proposta me dá nojo e é totalmente sem noção de sua parte vir até aqui para me propor isso! Acha que vou sujar o nome do meu irmão para me fazer de vítima em um acidente que foi minha culpa?

— Não vejo qual seria a novidade, Tom! — Ele cruza os braços. — Sempre

que você fazia merda, alegava para a imprensa que podia não ter sido você, afinal, tinha um gêmeo! — Fico lívido com essa resposta. — Fizemos isso tantas e tantas vezes... — Ri. — Lembra da prostituta de Vegas? Ah! Eu esqueço da sua amnésia.

— O que tem essa tal prostituta? — pergunto, mesmo receoso da resposta.

— Você deu uma festinha numa suíte presidencial de um cassino em Vegas e nós contratamos algumas prostitutas. Uma delas, idiota, mexeu nas suas coisas e roubou coca da boa! Você ficou tão puto com ela que, se eu não te parasse, ia matar a coitada na porrada...

— Chega! — peço fechando meus olhos, sentindo meu estômago revolto.

— Eu a levei ao hospital, e tempos depois soubemos que ela ia processar seu irmão, porque você estava usando o nome dele para que a imprensa não soubesse das suas extravagâncias em Vegas. — Ri. — Tivemos que dar um *cala-boca* para ela, bem grande, por sinal, e conseguimos abafar o caso. Por isso não entendo o motivo de não revertermos essa situação desse jeito, afinal, já cansamos de fazer isso!

— Márcio! — grito pelo enfermeiro, que aparece imediatamente a minha porta. — Acompanhe o senhor McKeena para fora da ilha. — O homem arregala os olhos, e eu o encaro. — Você está dispensado de suas funções a partir desse momento.

— Tom!

— Eu não vou voltar, pode avisar a quem quer que seja. E eu não quero nenhum de vocês nesta ilha! — Olho para o enfermeiro. — Visitas sem ser de minha família estão proibidas a partir de hoje.

Márcio assente, apavorado com meu tom de voz.

— Thomas, você não pode fazer isso comigo, amigo! Sou eu, Clarence McKeena, seu comparsa! Amigo, nós já passamos muita coisa juntos... Eu não posso perder esse emprego, Tom!

— Resolva tudo com o meu advogado. Você deve saber que é ele quem está gerindo meu patrimônio. — Movo a cadeira para longe dele. — Minha carreira está encerrada. Adeus, senhor McKeena!

Márcio o pega pelo braço, e eu ainda o escuto implorar, chamando meu nome.

Lágrimas começam a rolar pelo meu rosto, e um grito vindo do fundo da minha alma ecoa por toda a casa. Mais uma vez eu me olho no espelho, em desespero, perguntando que tipo de monstro eu sou. Eu não mereço continuar vivendo! Eu não mereço essa segunda chance!

O livro que eu estava lendo jaz aberto no chão do quarto, e eu respiro fundo, já tomando minha decisão. Aciono minha cadeira e, sem pensar muito,

apenas sentindo uma dor lacerante e um extremo nojo de mim mesmo, encaminho-me para a sala de fisioterapia e, assim que entro, vou direto até a piscina coberta com a capa térmica que a mantém aquecida.

Aciono o botão que retrai a capa, mas paro quando o espaço de água à minha vista é o bastante para o meu propósito. Penso em Rebecca e em minha avó, mas a dor que sinto dentro de mim é tão insuportável que não me deixa pensar numa alternativa. Jogo-me na piscina e em instantes sinto meu corpo afundar, deixando a água entrar pela minha boca, enchendo meus pulmões.

A escuridão vem ao meu encontro.

Um mês sem vir a minha casa, e eu já chego recolhendo as contas que chegaram. Uma coisa é certeza nesta vida, enquanto alguém tiver dívidas a pagar, nunca lhe faltará correspondência!

Olívia não está, provavelmente deve ter aproveitado o sábado para resolver algumas coisas do casamento, afinal, faltam somente três semanas para o grande evento, e Diego ou está em seu próprio apartamento, ou está de plantão no hospital.

Entro no meu quarto sentindo saudades da minha cama de casal e dos meus travesseiros. Eu estou amando estar na casa do vovô de novo, mas aquela cama estreita com aquele colchão mole está fazendo das minhas noites um inferno.

Pulo na cama e abraço um travesseiro, mesmo estando ainda com a roupa

da viagem de quase três horas da rodoviária de Angra até a Novo Rio. Eu fiquei sem jeito de ligar para o David e pedir o helicóptero da família Palmer, como ele mesmo me instruiu a fazer, porque descobri que somente ele e a doutora Lídia utilizam-no e que o restante da equipe faz o trajeto de lancha e ônibus.

Gonçalo me trouxe de lancha até o continente, e então embarquei no coletivo até o Rio. Depois peguei um Uber até aqui em casa, porque já estava moída demais para pegar mais um ônibus até Madureira.

Na tarde de ontem, eu tive uma surpresa quando Higor apareceu na casa do meu avô. Eu o vi no dia do Natal passado, há quase um ano, pois minha mãe mora perto da família dele, em Angra, e comemoramos a data juntos. Ele é um homem muito bacana e teve muita sorte depois que saiu do litoral para cursar Educação Física no interior do Rio. Depois de formado, conseguiu montar uma academia, fez mestrado e, hoje, dá aula na mesma faculdade em que se formou, além de ter mais três academias abertas em cidades vizinhas.

Ele se casou há cerca de dois anos. Sua esposa é médica, e os dois estão na iminência do nascimento de seu primeiro filho. Eu fiquei muito feliz em saber disso, porque conheci a Mirian no Natal, mas ela ainda não estava grávida. O bebê nascerá em janeiro.

Eu estava sentada na sala do vovô, estudando uma maneira de convencer Thomas a entrar na piscina, quando ele apareceu.

— Sereia! — Eu ri e pulei até ele para um abraço. — Não sei se fico feliz por ver você aqui ou se te mato!

Eu ri, sabendo o motivo pelo qual ele disse isso. Higor e sua mãe são os únicos que sabem sobre aquela noite na casa de barcos, foram eles que me apoiaram, que me deram carinho e consolo.

— Eu tive que vir! — Dei de ombros. — Sempre chega a hora de enfrentarmos os traumas. Chegou a minha.

— E ele, como está?

— Não sei. Confuso, irritadiço, depressivo... Ele me deixa um tanto sem saber o que pensar.

— Como *você* está?

Eu ri mais uma vez.

— Ótima! Voltar aqui me fez perceber duas coisas: que eu posso superar o que se passou comigo e que Thomas não tem mais nenhum poder sobre mim. Eu não sou mais aquela adolescente.

— Eu espero que não, Liz. Eu espero que ele não te machuque de novo.

Faço que não com a cabeça.

— Ele não vai! — Passei meu braço no dele. — Vamos dar uma volta por aí!

Caminhamos pela ilha, sempre rindo, contando histórias, e ele me falou da gravidez da Mirian, de como as coisas estavam indo bem para ele, e eu fiquei muito feliz, porque ele merece. Sempre foi um rapaz muito esforçado, que ajudava o pai, cuidava dos irmãos mais novos e, embora sempre tenha sido um tipo bonitão, nunca tratou mal nenhuma garota, sempre foi simpático e sincero com todas.

Logo após a partida dele, fui imediatamente para a biblioteca da casa, onde estava lendo um livro de Shakespeare muito engraçado, com suas confusões de casais enfeitiçados para se apaixonarem pelas pessoas erradas.

Não contava, no entanto, em me encontrar com Thomas dentro do recinto, pois, nesses 30 dias que estive na casa, nunca o vi em outro cômodo senão o quarto dele. Sua presença me assustou, e eu pensei em retornar outra hora, mas, como havia informado ao Higor, ele não tinha mais nenhum poder sobre mim, por isso eu o estava tratando como trataria qualquer outro paciente.

Porém, ele conseguiu me surpreender ao citar uma parte do livro ao qual eu lia e me senti gelar por dentro, pensando que ele já havia recobrado a memória e que estava fazendo mais um de seus joguinhos com todos. Contudo, não; ao que parece, ele realmente tem esses flashes, e, pela primeira vez em que estamos convivendo naquela casa, senti um pouco de seu desespero, vi uma parte de sua aflição, o que mexeu comigo.

Ele assumiu para mim que sente medo de recobrar as lembranças e voltar a ser como era. Thomas tem consciência dos erros que cometeu, consciência de que sua forma de agir estava errada, e isso era algo que eu nunca esperei ouvi-lo admitir. Ele me surpreendeu, confesso, porque, mesmo sendo frequentemente repreendido pelo pai, como eu mesma presenciei várias vezes, ele nunca se redimiu ou assumiu um erro. Thomas se achava acima disso, *ele* era sempre a vítima, nunca as pessoas à sua volta.

Preciso admitir que talvez ele esteja mudando!

— Ei! — Olívia aparece à porta do meu quarto. — Senti seu perfume assim que entrei na sala. — Ela pula na cama e me abraça. — Estava com saudades! Já ia organizar uma busca naquela sua ilha...

— Saudades! — repito exasperada e dou um empurrão nela, que gargalha. — Nos falamos todos os dias! Você está louca para poder pegar uma praia privada, isso sim! — Ela tenta segurar o riso. — Te conheço, Oli!

Ela por fim se rende às gargalhadas, deitando a cabeça no travesseiro e olhando para o teto, parecendo cansada e distante. Fica séria e suspira.

— Eu sonhei tanto com esse casamento, mas confesso que, se soubesse a trabalheira que dá, teria marcado somente uma cerimônia no civil e um jantar para os amigos. — Rolo os olhos e me deito com a cabeça encostada na dela,

sabendo que ela nunca teria coragem de fazer isso. — Meu pai iria me matar, mas eu o faria!

— O sonho do seu pai é fazer seu casamento, Oli! Você nunca diria não a ele, amiga! Além disso, como você mesma sempre afirmou, é seu sonho de infância se casar com pompa e circunstância. — Ela nega, mas eu sei que é verdade. — O que está acontecendo?

— Ai, estou cansada, Liz! Queria poder ir no seu lugar lá para aquele paraíso e voltar somente para dizer o sim ao Diego.

Eu rio, pensando que ela nem faça ideia do quão longe do paraíso aquele lugar está sendo para mim.

— Posso te garantir que, apesar de realmente ser lindo, aquilo lá está longe de ser um local de descanso, pelo menos para mim.

Ela me encara.

— Tão difícil assim está a convivência com ele?

Dou de ombros, e ficamos durante um tempo mudas.

— Acha que é possível, depois de uma experiência tão traumática quanto um acidente, uma pessoa mudar? — Ela franze o cenho. — Sei que pode ser apenas ainda parte do trauma, mas ele parece diferente... Não sei, o olhar dele, os gestos.

— Liz... — Olívia se senta. — Pelo amor de Deus, amiga, não faz isso!

— Não faço o quê? — Sento-me também, não entendendo a explosão repentina de Olívia.

Ela se levanta, abre minha bolsa e pega meu celular.

— Liga para o Fernando, diz que está na cidade, que sentiu saudades e que vai passar a noite com ele.

— Oi?! — Tomo o celular da mão dela. — Você está maluca? Por que eu faria isso? Volto amanhã bem cedo para Angra, só vim pegar minhas contas e ver como as coisas estão!

Ela volta a se sentar na cama, enquanto eu caminho de um lado para o outro no quarto.

— O que está acontecendo contigo, Oli?

— Liz, não deixe que ele te afete de novo, por favor! — Eu paro e nego. — Sei que você diz que não é mais a garotinha deslumbrada que achava que ele era um príncipe, mas agora vi um brilho diferente em seu olhar quando falou nele.

— Não, Oli! Não é deslumbre ou qualquer outra coisa do tipo, eu tenho pena! — Ela arregala os olhos. — Sério! Sei que não é desculpa, por tudo o que ele já aprontou, mas está sofrendo em vida, eu vejo isso! Thomas parece tão transtornado, tão perdido e com medo... Eu já não o reconheço, Oli. Não restou nada daquele menino tão animado, debochado, encrenqueiro... Não há mais nada

dele ali, o que é estranho.

— Amiga, você mesma disse que ele não se lembra de nada ainda! Ele não mudou, Liz, ele só não se lembra e, a partir do momento em que conseguir as memórias de volta, retornará a ser o babaca que sempre foi! Não se deixe enganar...

— Não, você tem razão! Mas é uma pena! — Olívia balança a cabeça e suspira. — Às vezes ele me lembra o Eric, e isso me assusta, sabe? Pensar que ele possa estar tomando para si a personalidade do irmão é um tanto doentio.

— Liz, pede demissão. — Ela vem até onde estou e pega minha mão. — Eu não estou com bons pressentimentos, amiga, e você sabe que eu sempre sinto quando algo não está bem.

— Eu não posso, Oli. O dinheiro e a possibilidade de mostrar meu trabalho ao doutor Turnner são bons demais para eu deixar passar. Os enfermeiros que estão lá comigo me contaram que a clínica dele aqui é moderna e muito bem vista dentro da comunidade médica.

— Ele já te viu trabalhar?

— Ainda não, mas aprovou todos os meus planos de exercícios, e você sabe que minha especialidade e a dele têm muito em comum, praticamente andam juntas, é uma oportunidade única!

Ela concorda.

— Me prometa que não irá se deixar levar pelos sentimentos que tinha por ele...

— Oli, eu juro, eu não conservei nada daquele sentimento. Era imaturo, infantil, e eu o via como uma pessoa que ele não era. Aquele Thomas não tem mais nenhuma chance comigo!

— *Aquele* Thomas? Liz! — Ela geme, e eu rio. — Ele continua sendo o mesmo! Está fragilizado, incapacitado temporariamente por causa de suas pernas e sua falta de lembranças...

— Na verdade o problema dele é mais no quadril do que...

— Liz! — ela briga comigo.

— Eu entendi seu ponto de vista e concordo com ele! Não se preocupe comigo, Oli, Thomas James Palmer não tem mais nenhuma chance comigo!

— Liga para o Fernando! — Faço uma careta, não por não gostar de estar com ele, mas apenas porque não vim com esse propósito. — Uma noite intensa com um gostosão como ele, e você volta a ser minha amiga de sempre. — Eu gargalho e nego. — Liz, liga para ele!

Fico séria e penso que talvez ela tenha razão. O contato com Thomas tem sido intenso e sufocante. O jeito dele, mesmo reclamando de tudo, deixa-me confusa e com uma sensação estranha e, talvez, ter umas horas de diversão com

o Fê, como sempre fiz, ajude-me a me livrar desse estranhamento e a voltar mais focada no tratamento e menos no paciente.

Desbloqueio o celular, escrevo o nome dele na agenda e, em seguida, disco. Ele atende ao segundo toque.

— Adivinha quem chegou na cidade? — tento parecer o mais animada possível.

— A mulher mais gostosa do Rio! — a resposta dele me faz gargalhar. — Te pego em meia hora!

E desliga.

É, nada mudou em minha vida. Está tudo como sempre!

Chego à ilha ainda bocejando como louca. Almocei com o Fernando, depois voltei para o meu apartamento, passei a tarde com a Olívia e o Diego e, à noite, fui jantar e dormir com o médico na Barra. Eu não queria ir, mas ele insistiu nesse ponto, além de se autoconvidar a me levar para Angra pessoalmente no dia seguinte.

E ele o fez. Saímos do Rio às 5h, e ele me deixou no cais, no centro da cidade, às 7h30 da manhã, onde Gonçalo já me aguardava com a pequena lancha que faz o trajeto com o pessoal. Na despedida, ele me fez prometer que eu ligaria para ele e que responderia suas mensagens, além de me informar que Olívia lhe mandou um convite de casamento.

Assim que ele foi embora, liguei para minha amiga, mas ela não atendeu, provavelmente já a caminho da clínica na qual trabalha. Mandei uma mensagem muito malcriada para ela por tê-lo convidado sem falar nada para mim antes e por estar forçando uma situação entre mim e ele.

Eu entendo que Olívia esteja preocupada com minha proximidade com Thomas, mas ela não tem motivos para isso, e forçar uma relação mais séria entre mim e Fernando é loucura, pois eu nunca pensei nessa possibilidade, e ela sabe disso!

— Bom dia, Gonçalo! — saúdo-o animada, mas ele me dá um bom dia diferente, sério, e mal me olha. — O que houve?

— É melhor você saber quando chegar à ilha e conversar com o doutor Turnner.

Arregalo os olhos, primeiro porque não é dia do David estar lá, e também porque algo muito sério com certeza aconteceu. Será que Thomas o convenceu a me despedir? Ou será que o doutor desaprovou minha linha de tratamento? Por

qual outro motivo David estaria na ilha? A não ser que...

— Gonçalo, está tudo bem com meu avô?

— Está, sim, Liz. Faltam cinco minutos para chegarmos, o doutor me pediu para que você siga direto para a biblioteca.

Eu me sinto tremer dos pés à cabeça.

— Ocorreu algo com Thomas? — pergunto baixinho, quase sem coragem, e a confirmação vem pelo olhar e o suspiro de Gonçalo.

Fico imóvel, sentada no banco da lancha, balançando cada vez que cortamos as ondas produzidas por outras embarcações, mas sem olhar nada à minha volta.

O trajeto, de apenas alguns minutos, parece levar horas, e, assim que atracamos no píer, desço do barco correndo, vendo ao longe o Márcio sentado na beirada da varanda, olhando para o mar.

— Cadê ele? — eu lhe pergunto de assalto, assustando-o. — Onde está o Thomas?

O enfermeiro alto, forte e com cara de mau fica pálido e fecha os olhos, e eu desabo, sentando-me ao seu lado, sem conseguir ao menos respirar.

— Ele se jogou dentro da piscina, Liz. — Eu o olho estarrecida. — A descobriu o suficiente para se jogar e não conseguir voltar. Por causa da filtragem, foi levado para debaixo da lona.

— Oh, meu Deus! — Coloco a mão na boca, sentindo meu corpo inteiro tremer e meus olhos se encherem d’água. — O que houve aqui, Márcio?

— Ele acordou bem, animado, até. — Balança a cabeça como se não entendesse nada. — Estou com Thomas desde que ele chegou na ilha e, lhe confesso, nunca o tinha visto reagir tão bem como ele o fez desde que você chegou e começou as sessões de fisioterapia. — Márcio me encara e sorri triste. — Eu entrei no quarto, e ele já estava acordado, com a roupa para os exercícios separada e pronto para o banho.

— Eu não disse a ele que iria para o Rio. — Lamento minha decisão. — Achei que ele sabia meus dias de folga!

— Não sabia, ficou te esperando e, embora tenha disfarçado, percebi que ficou desapontado por não ter sessão naquele dia. Mas ficou bem! Me pediu para acompanhá-lo pela ilha, coisa que nunca tinha feito, e foi até a praia! — Respira fundo e olha para longe, balançando a cabeça, parecendo confuso. — Ele até se lembrou da casa de barcos e do Gonçalo.

Meu coração dispara ao ouvir isso.

— O quê? Do que ele lembrou? — Se Thomas se lembrou do que me fez, teria sido motivo suficiente para se matar? Não pode ser verdade!

— Do local, das coisas dentro, não sei, mas ele riu e ficou feliz por ter

lembrado. — Um alívio misturado ainda à desconfiança passa por mim. — Então chegou um americano assistente dele, e nós achamos que podia ser bom receber uma visita amiga, de antes do acidente, pensando que isso podia incentivá-lo a se lembrar, mas algo aconteceu entre os dois. Thomas me pediu para tirar o homem do quarto e, quando eu ainda o acompanhava até o heliponto, ouvi um berro tão doloroso, tão sofrido, que soltei o homem e corri de volta para a casa. Assim que entrei na cozinha, trombei com Bruno, que também havia escutado, e nós fomos imediatamente até o quarto dele, porém, não havia sinal de Thomas. — Seguro sua mão, que está fria, sentindo o quanto aquela situação mexeu com ele. — Bruno foi procurar de um lado da casa, e eu fui para o outro e vi a porta da sala de fisioterapia aberta. Então ouvi um barulho de algo caindo na água.

— Meu Deus, Márcio... — Meu coração parece querer explodir de tão apertado. — Eu não consigo perguntar... — Limpo uma lágrima. — Não tenho coragem de perguntar...

— Eu sei, Liz. Mas graças a Deus eu consegui tirá-lo de lá a tempo. — Fecho os olhos e faço uma prece em agradecimento. — Ele já estava inconsciente, mas eu fiz massagem, e ele logo cuspiu a água. — Márcio balança a cabeça. — Ele chorou como um bebê, Liz, e me perguntou o motivo pelo qual não podia morrer, por que ele tinha que ser obrigado a continuar vivendo. Foi horrível!

Eu o abraço e, mesmo esse grandalhão não vertendo uma só lágrima, sei que ele está se contendo para não chorar, sei que está extremamente emocionado e apavorado.

— A doutora Lídia está aqui? — Ele assente, e eu me levanto. — O doutor Turnner pediu que eu fosse vê-lo assim que chegasse.

— Ele está na biblioteca. Thomas se trancou no quarto, não abre para ninguém!

— Não é perigoso?

— Tiramos tudo de lá, tudo o que ele possa usar para se ferir. Mas ainda assim estamos monitorando-o.

Despeço-me dele, entro correndo na casa pela porta principal – coisa que nunca faço – e sigo direto para a biblioteca, encontrando David e Lídia sentados conversando.

— Liz!

— Olá! Eu fiquei sabendo...

— Sente-se. — Eu o faço, e Lídia me cumprimenta. Então David pergunta: — Como você está?

Dou de ombros.

— Apavorada por ele ter feito algo tão drástico. — Lídia sorri para mim, triste, e concorda. — Eu pensei que ele já estivesse melhorando!

— Todos da equipe pensaram isso, Liz — Lídia responde. — Mesmo Thomas não se abrindo comigo, eu percebi mudança nele nesses últimos dias. Ele voltou a comer e a dormir, começou a fazer atividades diversas, além de ter aceitado o tratamento fisioterapêutico.

— Sim! Então o que houve?

— Provavelmente algo que o visitante disse. Eu já proibi todo e qualquer tipo de pessoas que não sejam da equipe ou da família na ilha, pelo menos até Thomas ser removido daqui.

— O quê? — eu me assusto com a notícia.

— Eu não tenho segurança aqui, Liz, não mais. Não com Thomas se recusando a seguir o tratamento. A fisioterapia lhe tem feito bem, mas ela sozinha, sem as outras terapias, sem os medicamentos, não vai melhorá-lo, principalmente aqui. — Toca sua própria cabeça.

— Eu não sei, doutor. Eu realmente vi melhora nele, até mesmo aí! — informo. — Uma clínica fechada, não sei se será o melhor caminho.

— Concordo, Liz, mas ele não coopera conosco! Imagina só eu tendo que ligar para o senhor Palmer e lhe informar que seu filho tirou a própria vida bem debaixo dos nossos olhos!

Eu entendo a posição de David, entendo muito, mas ainda acho que o melhor para Thomas é continuar aqui na ilha. Tem de haver um meio de convencê-lo a se tratar, pois lá, nos Estados Unidos, ele poderá contar, sim, com mais recursos, mas talvez não encontre pessoas tão dispostas a lutar junto com ele.

Levanto-me, chamando a atenção dos dois médicos presentes.

— Eu quero conversar com ele.

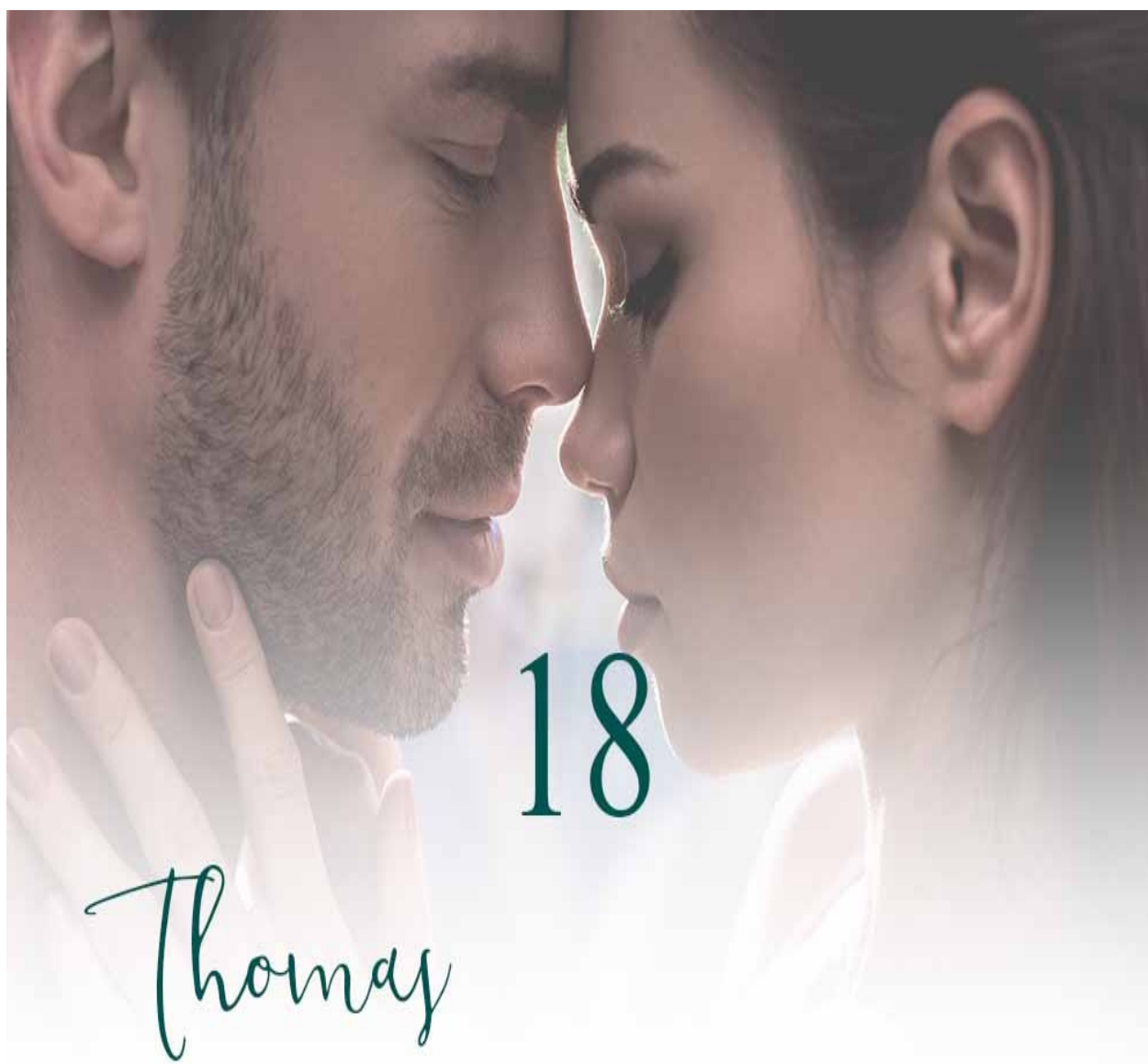
David nega, mas eu insisto.

— Ele não abre para ninguém, Liz. — Ele aponta para um monitor, e eu vejo Thomas sentado em sua cadeira, de frente para a mesma janela que dá visão do mar. — Nós instalamos a câmera sem que ele perceba, assim damos tempo para que ele processe tudo e...

— Eu vou até lá!

— Liz! — David me chama, e eu paro, disposta até mesmo a discutir com o médico. — Vá com calma. Boa sorte!

Sorrio e sigo meu caminho.

Thomas James Palmer vai se curar nem que eu tenha que o obrigar a fazer isso!

Eu *o* vi!

Durante os segundos em que estive inconsciente, eu vi Eric, e ele me esperava, onde que quer estivesse, com um sorriso satisfeito. Eu quis alcançá-lo, deixar que ele me levasse para junto dele – minha outra metade –, mas não tive tempo. Fui impedido, trazido de volta à força, contra minha vontade, mais uma vez.

Por que será que eu não tenho o direito de deixar esta Terra? O que eu preciso ainda passar para cumprir meu tempo neste lugar? Por que eu fiquei e não ele? Eric merecia essa segunda chance, não eu. Definitivamente, não eu!

Mal pude acreditar quando meus olhos se abriram e eu vi o Márcio, molhado e com olhar assustado, praticamente em cima de mim. Chorei! Eu

queria gritar, mas não tinha voz, fôlego ou mesmo força para fazer isso, então chorei, deixei que toda a frustração que sentia saísse de mim através das lágrimas, sem entender o motivo pelo qual eu ainda permanecia vivo, enquanto Eric estava morto.

Ouvi me acusarem de ter odiado meu irmão, de sentir inveja dele, porém, agora, meu ódio e minha mágoa se concentram em uma só pessoa: eu mesmo. Odeio ser este homem, este monstro capaz de quase matar uma pessoa com os próprios punhos, uma mulher! Odeio ser o homem que, quando precisava se livrar da merda que fazia, jogava a culpa no outro, no irmão, somente porque dividiam uma maldição: a semelhança. Desenvolvi ódio, asco, repúdio de mim mesmo.

Assim que Márcio me levou para o quarto, trocando minha roupa – enquanto eu estava ainda inerte, totalmente sem ação –, o Bruno ligou para o doutor Turnner, que, em menos de uma hora, apareceu no meu quarto e me encontrou sedado, deitado na cama, mas sem dormir.

Ele conversou comigo, mas eu não estava a fim de falar, nem mesmo com a psiquiatra, ou melhor, muito menos com ela! Eu não preciso entender pelo que estou passando, apenas preciso parar de passar, parar de sentir.

Ouvi quando ele me disse que iria comunicar o que acontecera a minha família e pedir a ela que viesse me buscar para que continuasse o tratamento nos Estados Unidos. Talvez seja o melhor, internarem-me em alguma clínica psiquiátrica e me deixarem lá para sempre. Eu não tenho uma vida a reconstruir, a resgatar. O homem que existe agora não entende e nem perdoa as coisas que o homem que existia antes fazia. Eu me sinto como se existissem dois Thomas, e eles não conseguem conviver. Não dá!

Acabei adormecendo, mas acordei ainda de madrugada. Passei para minha cadeira e tranquei a porta para que ninguém viesse conversar comigo. E, desde quando o sol se levantou no céu, estou sentado olhando fixamente pela janela, tentando entender o sentido de tudo que estou vivendo.

Eu não me reconheço, não reconheço os atos que pratiquei no passado. São tão espúrios, atingem-me tanto que me fazem sangrar por dentro como se, para uma parte de mim, fossem inconcebíveis. O que eu não entendo de todo é: se eu me sinto assim hoje, como não sentia nada disso antes? Por que, somente pelo fato de não ter lembranças, eu mudei tanto?

Uma batida à porta me faz fechar os olhos e respirar fundo. Talvez agora eles achem que vou me matar de fome, o que seria uma alternativa, mas eu sei que eles estão apenas me dando espaço; se quiserem mesmo, irão entrar aqui.

— Thomas? — a voz de Liz faz meu peito se agitar e me faz querer gritar para ela sumir da minha vida. Eu me deixei levar pelas sensações que ela me

causa, pelo seu empenho, por sua tenacidade para me fazer recuperar meus movimentos e seguir em frente. Porém, eu estava errado!

O fato de ela mexer tanto comigo, de despertar em mim tantos sentimentos confusos é mais um motivo para eu mantê-la à distância. Eu não tenho como reconstruir minha vida, eu não quero fazer isso e descobrir que o que sou hoje é apenas uma farsa e voltar a ser quem eu era.

— Thomas, me deixe entrar, por favor.

— Não. — Dói-me manter distância, porque sinto muito a falta dela, mas entendo que foi melhor Liz não ter estado aqui, pois eu não suportaria ver o horror em seu olhar ao descobrir do que eu era – sou – capaz. Eu me sentiria ainda mais sujo se ela soubesse. — Vá embora! Eu vou voltar para casa, não preciso mais de você!

Ela não responde, e eu penso que desistiu, que, talvez, agora que sabe o quão louco eu estou, agradeça por poder ficar longe de mim.

— Eu não vou embora, Thomas — ela diz baixinho, mas o suficiente para que eu a ouça, e levo minha cadeira até bem perto da porta. — Estou sentada aqui, no chão, encostada na sua porta e ficarei, você fale comigo ou não.

Fecho os olhos, sentindo mais lágrimas caindo, tentando entender o que se passa quando ela está por perto. Por que Analiz Castro tem tanto poder sobre mim?

Toco a porta como se estivesse tocando-a, sentindo que o obstáculo que me mantém separado dela é ainda mais concreto do que a madeira fria e envernizada à minha frente.

É loucura eu pensar nela em termos além do profissional ou mesmo do amistoso, mesmo porque tenho certeza de que Liz nunca fez nada ou mesmo correspondeu ao que sinto, que nem eu sei o que é, mas que me atrai para ela como um poderoso ímã.

Há algo nessa mulher que me é irresistível, e eu descobri isso durante as semanas em que convivemos. No começo, o jeito dela – mandão, frio e até grosseiro – me irritava, mas eu entendia que ela estava agindo assim para me forçar. Depois, quando por fim cedi ao tratamento, mesmo ainda reclamando e fingindo que não estava gostando, ela amenizou mais, ficando até simpática.

Foi aí o erro, pelo menos da minha parte. Eu comecei a notar que, quando ela sorria, seus olhos ficavam puxadinhos. Percebi que, mesmo tentando disfarçar quando ela não gostava de algo, dava uma leve franzida no nariz que a deixava engraçada. Notei também o quanto ela ama o que faz, pois é focada, meticulosa e muito eficiente.

Quando comecei a ampliar mais meus parcos movimentos, ela comemorou, sorrindo como uma criança que ganha um presente no Natal. Eu vi, naquele

sorriso, orgulho, esperança e, com certeza, prazer de estar vencendo.

Eu gostava de provocá-la, de reclamar só para que ela me chamasse de chato ou brigasse comigo. As manhãs estavam ficando recheadas de normalidade, e eu me sentia bem pela primeira vez desde que acordara do coma.

Eu ansiava por seu toque, pelo seu perfume e sua voz.

Eu ansiava por ela! E, infelizmente, ainda anseio.

— Ir para casa pode ser uma boa alternativa — ela comenta de repente. — Com certeza lá terão mais recursos. — Franzo o cenho ao pensar que ela quer que eu vá, sentido um aperto no peito. — Mas eu esperava ter participação na sua recuperação.

— Liz, vai embora! — Afasto-me da porta, não querendo deixar que as suas palavras me atinjam. — Eu não quero conversar.

— Por que você fez aquilo, Thomas? — Eu nunca contarei o que ouvi de McKeena para ninguém, muito menos para ela. — O que ele te disse, ou o que você se lembrou que foi capaz de te fazer querer renunciar a tudo?

— Não te interessa, Liz! — grito.

— Certamente não! Mas, independentemente disso, eu quero que saiba algo. — Escuto-a tomar fôlego. — Eu te conheci antes, como você sabe. E, como você mesmo deduziu, você me machucou. — Fecho os olhos e crispo as mãos. — Eu prometi a mim mesma que nunca mais me aproximaria de você, mas, por algum motivo, eu voltei a cruzar seu caminho, ou você o meu.

É horrível não ter lembranças neste momento, não saber pelo que eu devo pedir desculpas a ela. Todavia, imaginando como eu era e sabendo que ela é neta do caseiro, penso que, de alguma forma, eu a tenha humilhado, sido grosseiro e debochado com ela.

Idiota! Liz é linda hoje, mas já deveria ser anos atrás. Como eu não a enxergava como a enxergo hoje?

— Sabe o que descobri? — ela continua. — Que eu não consigo odiar o homem que você é hoje. — Ela ri de si mesma. — Deveria, tenho motivos para te achar o cara mais babaca a andar sobre a Terra, mas não vejo mais aquela pessoa em você.

— Liz, vai embora! — grito novamente, tampando meus ouvidos, querendo que ela pare de me dissecar como está fazendo, deixando-me ainda mais confuso, porque me sinto da mesma forma. Sinto que não sou como eu era antes. — Só vai, por favor!

Ela gargalha, um som límpido e delicioso de se ouvir.

— Você nunca pediria “por favor”, ainda mais estando contrariado. — Ouço um barulho na porta e imagino que ela tenha apoiado a cabeça nela. — Eu não sei se é por sua falta de recordações, Thomas, mas você não é mais ele,

então, seja lá o que te disseram ou o que você tenha lembrado, não é mais você!

— Isso não muda o que fiz! — Solto um suspiro de exasperação e angústia.

— Não, não muda! O que foi feito, foi feito. Mas muda o que você fará daqui para frente. Você não percebe? As recordações te causam repulsa, não prazer ou orgulho. Você mudou, Thomas James!

Balanço a cabeça, tentando entender como essa mulher – que faz questão de falar meu nome completo – mexe tanto comigo. As suas palavras me dão um sopro de esperança, porque, sim, mesmo com as lembranças e revelações do passado, eu não me orgulho do que fiz, pelo contrário. Sei que nem tudo dá para ser consertado, principalmente com relação às coisas que fiz a Eric, mas eu poderei viver daqui em diante?

Como se ela pudesse ouvir os meus pensamentos, declara:

— Todo mundo pode se arrepender algum dia, Thomas. E algumas pessoas têm o privilégio de poder reconstruir a vida, de consertar o que fez de errado, de se tornar um ser humano melhor. Eu acredito nisso!

Terá sido esse o propósito de eu ter ficado vivo? Ainda não me parece justo, principalmente com Eric, mas, afinal, eu sobrevivi, eu estou aqui e deveria fazer algo com isso.

Olho para a porta novamente, dividido entre o medo e a esperança, mas tomo minha decisão. Vou até ela e a abro, quase derrubando minha fisioterapeuta durante a ação.

Liz se levanta rápido, com um enorme sorriso, e vejo seus olhos vermelhos e seus cílios molhados como se tivesse chorado. Ela se abaixa, ficando na altura dos meus olhos.

— É hora de recomeçar, Thomas! Está pronto?

— Eu não sei se consigo — admito. — Tenho medo de não conseguir.

Ela pega minha mão.

— Você só vai descobrir se tentar.

Aperto a mão dela, concordando, e ela respira fundo como se estivesse aliviada.

— Você quer continuar o tratamento nos Estados Unidos? Como eu disse, lá tem mais recursos e...

— Não. — Olho bem no fundo dos seus olhos. — Eu quero ficar. Quero que você faça parte da minha reabilitação e que, mesmo não sabendo o que fiz para você, que eu consiga seu perdão também.

Ficamos nos olhando por um tempo, sem dizer nada, então ela, visivelmente emocionada, concorda com minhas palavras e se levanta.

— Precisamos convencer o doutor Turnner a te deixar aqui. — Ela se posta atrás de mim e, mesmo não precisando, empurra minha cadeira.

— Como você pensa em fazer isso?

— Eu? — Ela ri, assumindo o tom que usa comigo nas sessões de fisioterapia. — Você irá! — diz confiante.

Sinto meu coração apertar, e uma energia nova toma conta de mim.

Sim, eu irei!

Aspiro profundamente para sentir o perfume tão dela, que me traz sensações boas e me enche de esperança.

David Turnner e a doutora Lídia estão na biblioteca e, de alguma forma, provavelmente usando espionagem, eles já sabiam que eu estava indo encontrá-los. Sei disso por causa da expressão de ambos. A psiquiatra olha para a Liz com respeito, e o doutor Turnner apenas sorri.

— Eu não vou para os Estados Unidos, David — informo de pronto, sem dizer sequer uma palavra antes.

Ele franze o cenho, senta-se na beirada da mesa de carvalho do meu pai e entrelaça os dedos.

— Essa decisão já não é mais sua, Thomas.

— Sim, ela é — insisto. — Não sou criança, sou um homem com todas as minhas faculdades mentais em perfeito estado. — A psiquiatra pigarreia. — Eu sei, não parece, mas sou. O que houve ontem não voltará a acontecer, eu irei seguir as recomendações feitas por vocês sem nem mesmo questionar.

— Fará a terapia? — Doutora Lídia parece um tanto surpresa.

— Sim. A terapia, os remédios, a fisioterapia, aceito conversar com a fonoaudióloga sobre minha voz, ver o cirurgião plástico... o que vocês propuserem.

David ergue uma das suas sobrancelhas, movimento esse que eu conheço bem, pois o faço quando estou querendo ameaçar ou quando não acredito em algo que me dizem.

— Desde que... Sei que há uma condição implícita aí!

— Eu quero ficar aqui, essa é a condição.

David olha para a psiquiatra, que, como sempre, não emite nenhum posicionamento, apenas reflete, e depois encara a Liz. Eu não acompanho o olhar dela, pois Liz ainda está atrás de mim segurando a cadeira de rodas, mas sei que ela me apoia, afinal, tudo o que está acontecendo agora é por conta de sua insistência à minha porta.

— Nossa sessão começará após o almoço! — Lídia informa e passa por

mim, saindo da biblioteca.

— Eu quero te levar ao continente para alguns exames. — David pega o telefone. — Esteja pronto em 20 minutos. — Ele olha para a Liz. — Chame o Márcio ou o Bruno aqui, por favor.

Inclino minha cabeça para trás a fim de vê-la, mas apenas escuto seus passos indo em busca de um dos enfermeiros.

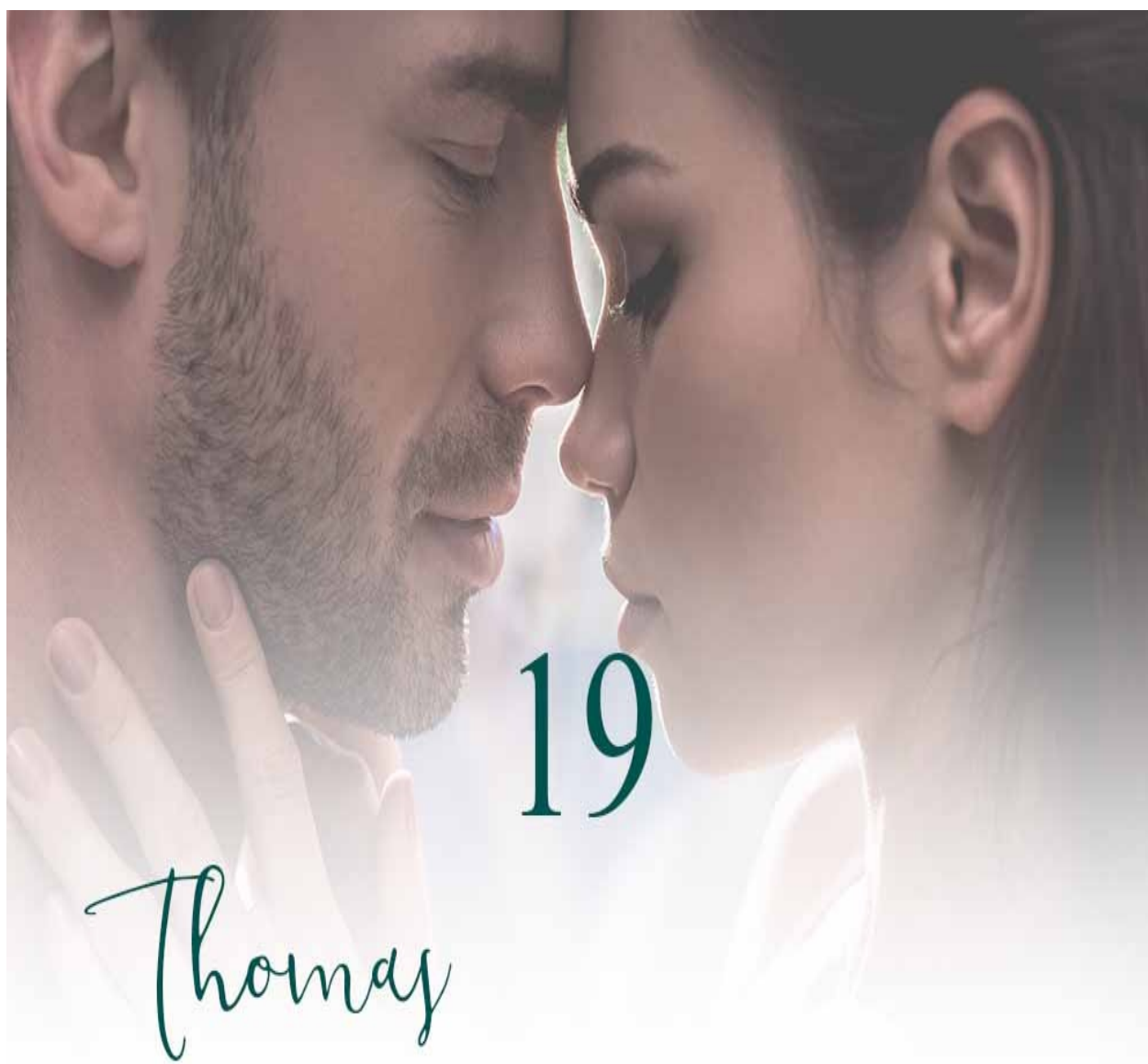
David desliga o celular sem ao menos falar nada e vem até onde estou.

— Você deu um susto de morte em toda a minha equipe, Thomas — sua voz demonstra preocupação, mas também um pouco de raiva. — Na mínima pisada de bola sua com o tratamento, você volta para os Estados Unidos. Não vou mais te tratar como criança, como pediu, então comporte-se como o homem que diz ser. — Eu acho justo. — Você terá sua rotina, mas sem babás a ficarem te forçando a fazer as coisas; faça-as você mesmo. A partir de hoje, você come fora do seu quarto; terá atividades durante o dia todo; fará sua terapia com a doutora Lídia, e, se eu ouvir o mínimo de reclamação...

— Eu volto para casa, entendi.

— Eu já avisei sua família sobre o incidente. Não havia como não o fazer. — Assinto. — Vou conversar com o senhor Palmer e informá-lo da sua decisão de ficar e fazer o tratamento de verdade dessa vez.

Os enfermeiros chegam, e ele derrama um monte de novos procedimentos para eles. Não vejo mais a Liz na sala, mas sei que ela estará ao meu lado nessa nova fase, apoiando-me, incentivando-me mesmo que eu não entenda o motivo que a leva a fazê-lo.

E sei também que é onde eu sempre quis que ela estivesse.

Acompanhei David até Angra dos Reis, a uma clínica particular de um conhecido dele e, depois de fazer uma bateria de exames, aguardei os resultados e conversei com o ortopedista *e* com um cirurgião plástico que avaliou as condições da minha pele.

O trabalho de sutura na emergência nos Estados Unidos foi muito bem feito, e, apesar das linhas, quase não se é possível ver a marca dos pontos, muitos, por sinal, uma vez que foi um corte do queixo ao ombro.

Infelizmente tive que raspar a barba para que o médico avaliasse as cicatrizes e, assim que saímos, aproveitando que eu já estava sem os pelos do rosto – que com certeza deixarei voltar a crescer, porque ajuda a encobrir um pouco as marcas –, pedi a Márcio que me levasse ao barbeiro para cortar os

cabelos.

Agora, no caminho para a barbearia, vejo algo que chama minha atenção e fico parado no meio do corredor do shopping, olhando para a vitrine de uma loja.

— Acho que ela vai gostar, Thomas — ouço o enfermeiro comentar rindo.

Sorrio sem graça e dou de ombros.

— Não sei se devo fazer isso, mas ela me ajudou a enxergar algumas coisas hoje e eu quero retribuir...

— Não precisa se justificar, cara. Entre lá e compre; eu finjo que não sei para quem é. — Ele continua andando pelo corredor, olhando outras vitrines, e eu rio, balançando a cabeça, tentando entender o motivo pelo qual não percebi a pessoa bacana que está a cuidar de mim. — Vai logo, que temos que voltar antes do anoitecer. O doutor já está nos esperando na marina aqui do shopping. Precisa de ajuda para ir lá dentro?

Nego e entro, sendo atendido por uma mulher muito bem-vestida. Não me demoro muito, porque compro apenas o artigo que vi na vitrine, embora a vendedora tente me fazer levar mais coisas.

Voltamos já ao anoitecer, com o sol sumindo no horizonte. Márcio me auxilia a descer e entra comigo na casa enquanto David conversa com o barqueiro e com o caseiro, dando novas instruções.

Depois de tomar um banho, penso que quero ver a Liz, mas ela não está na casa principal; provavelmente se encontra na de seu avô, pois faz as refeições lá, com ele. Então tenho uma ideia, porém, ela é frustrada quando encontro a sala de fisioterapia fechada. Viro as costas para voltar ao meu quarto, levando o presente que iria deixar por lá, em cima de alguma maca ou aparelho, mas então a porta se abre e Liz aparece.

— Ei! — Fico constrangido por ter sido pego em flagrante, e ela me olha com curiosidade. — Eu ia só...

— Espero que não esteja pensando em nadar a essa hora! — seu tom é de brincadeira, mas percebo que há preocupação em seu semblante.

— Não — digo sem jeito. — Só entro lá agora com você, pode ter certeza!

Ela sorri e balança a cabeça.

— Vamos então poder fazer os exercícios na água? — Aquiesço, e o sorriso dela se expande. — Bom. Você vai perceber o quanto isso irá acelerar sua melhora!

— Com pressa em se livrar de mim?

— Com certeza! — Cruza os braços sobre os seios e se recosta à porta. — O que você queria aqui a essa hora? Já jantou?

— Não, acabei de chegar e só passei no meu quarto para tomar um banho. — Levanto a sobrancelha. — Não notou nada de diferente em mim?

Ela me olha atentamente, chega perto, parece avaliar e depois nega.

— A mesma cara de gringo de sempre! — Eu gargalho. — Gostei do corte, agora parece você de novo.

Fico sério e respiro fundo.

— Não sei bem se quero parecer com meu “eu” anterior... mas, se você me disser que eu era um cara charmoso e atraente, posso reconsiderar e suportar parecer comigo mesmo.

Liz balança a cabeça.

— Para quem gosta desse tipo de beleza ao estilo “mauricinho”, digamos que você preenche os requisitos.

Faço careta e aponto para as marcas em meu rosto.

— Dificilmente os preencho.

Ela, sem nenhum aviso, abaixa-se e me toca na face, olhando para as cicatrizes.

Eu realmente nunca me importei com elas, mas agora estou inseguro, com medo de que Liz as ache feias e brutas, principalmente a parte queimada em meus ombros e braços, pois sei que a aparência da pele queimada não é a mais agradável.

— Não, realmente não preenche mais. — Ela me encara, seus olhos castanho-claros fixos nos meus. — Era muito perfeito, quase um rosto de uma pintura ou um anjo, mas agora... agora parece o rosto de um homem de verdade.

Toda a atração que senti por ela durante esses dias volta com força total. Sinto uma vontade enorme de beijá-la, de poder tocá-la, de sentir suas mãos em mim. Liz parece sentir o clima estranho entre nós e se levanta, rindo um pouco, mas percebo que está nervosa.

— Acho que você deveria ir jantar. Teve um dia atípico na cidade e...

— Eu vim deixar isso aqui. — Estendo a sacola da loja para ela, que franze o cenho. — A intenção era que você a achasse quando eu não estivesse por perto, por isso abra somente quando for para a casa do seu avô, ok?

Ela olha para a pequena sacola preta de papel cartão envernizado, com a logomarca e o nome de uma joalheria escrito em prata fosco, mas não faz nenhuma menção de pegá-la da minha mão. Eu temo que ela rejeite o presente sem ao menos ver do que se trata, então sinto seus olhos sobre mim de novo, e há muitas perguntas nesse olhar.

— Aceite, Liz, por favor. É um agradecimento...

Ela finalmente pega o objeto em minha mão, e eu sorrio, despedindo-me dela e sigo para a sala de jantar, onde provavelmente a mesa já está pronta, e o doutor, me esperando.

Não era somente o doutor Turnner quem me esperava à mesa, mas a psiquiatra também, pois, como não conseguimos voltar a tempo da nossa primeira sessão a valer, ela permaneceu na ilha e me perguntou se poderíamos conversar depois do jantar, e eu concordei, afinal, trato é trato.

Não foi difícil falar para ela sobre como eu me sinto, eu apenas me abri. Falei do meu problema de identificação, dos meus medos, da raiva que sinto pelo modo como tratava as pessoas e, principalmente, falei o que sinto quando penso em Eric, mesmo não me lembrando dele.

Contudo, ainda que tenha sido fácil falar sobre isso tudo, não consegui contar a ela sobre as coisas que descobri nesse período em que minha própria mente não pode me dar respostas. Não toquei no assunto dos flashbacks, nem mesmo do que me revelaram os outros – Cassidy e McKeena –, porque eu ainda preciso de tempo para conseguir processar tudo isso e, depois, poder transformar essas informações em palavras.

No geral, eu gostei de como a terapia transcorreu. A doutora Lídia é séria, calma e serena. Com uma só palavra ou mesmo expressão facial, ela consegue tirar de mim coisas que nunca imaginei expor, embora eu tenha percebido que ela não está aqui para me dar respostas, mas para me ajudar a achá-las.

Agora, deitado enfim em minha cama, penso que ontem eu poderia ter dado cabo à minha existência e que, com isso, perderia a chance de tentar mudar as coisas, de trazer algum sentido e propósito à minha vida. Eu teria me deixado ir sem conseguir resolver todas as mágoas e dores que causei.

Então, pela primeira vez desde que acordei, agradeço a Deus por continuar vivendo.

— Vamos lá, preguiçoso, só mais duas! — Eu dou um olhar mortal para Liz, mas ela apenas ri. — Vamos, Thomas!

Aperto mais uma vez o aparelho adutor com minha perna esquerda, fazendo toda a força do mundo, sentindo-me suar, mas sem ainda conseguir encostar minha perna na outra. Começamos esse exercício há dois dias, quando minha

fisioterapeuta avisou que, de acordo com os movimentos que eu já conseguia fazer, bem como pela avaliação muscular que ela havia feito, já era hora de pegarmos mais pesado e eu começar a me preparar para mover mais as pernas.

Então ela me pediu para deitar em decúbito lateral – de lado –, inseriu uma espécie de tornozeleira em um dos meus pés e ligou-a, através de um cabo, a uma roldana no teto em cima da maca e, por fim, a um peso de carga mínima, como ela ressaltou, que levantou minha perna. A ideia do exercício é que eu consiga unir uma perna à outra, mas, por enquanto, faço movimentos tímidos, embora ela diga que já são um grande avanço.

Liz anota tudo e, quando eu finalmente consigo mover a perna pela primeira vez, ela pega uma espécie de régua, que chama de goniômetro, para medir a angulação inicial do tratamento a fim de acompanhar a evolução.

Olho para ela, que está de olho na tela do computador que registra, através de um aparelho que ela tem ao lado, a carga de força que estou executando.

— Mais uma, Thomas!

Ela se vira para mim, e mais uma vez eu olho para seu pulso, frustrado por nunca a ter visto usar a pulseira com que a presenteei há uma semana. Foi um gesto impulsivo, mas significativo. Não me arrependo de ter comprado a joia e nem de tê-la entregue a ela, mas confesso que não a ver usar me desanima, me chateia.

Executo o último movimento, e ela se aproxima, sorridente e satisfeita, para desamarrar meu pé.

— Quero começar os exercícios na piscina — informa-me. — Conversei com a doutora Lídia e com o doutor Turnner, e eles me disseram que, se você estiver pronto, eles não têm óbice.

Respiro fundo, cansado, e me sento.

— Por que você nunca usou o presente que te dei? Não gostou?

Liz se assusta com a mudança de assunto, e penso que ela não irá me responder, mas então o faz:

— Eu nem o abri ainda. — Sou eu o surpreso agora. — Eu não sei se deveria ter aceitado, Thomas. Não é ético eu receber presentes de um paciente...

— Liz, é seu — afirmo sério, encarando-a. — É um presente de agradecimento, porque você me ajudou mais do que somente na área em que está sendo paga para fazer.

— Eu fiz isso sem esperar nada em troca.

— Eu sei. Assim como eu a presenteei sem esperar nada em troca. Abra-o e, se não gostar, troque-o por outra coisa, doe, eu só não o aceito de volta. É seu!

Vou para minha cadeira de rodas sentindo a minha frustração no auge, o desejo por ela na estratosfera e a sua indiferença com relação a isso tudo me

massacrando. Eu realmente não espero nada em troca do presente, a não ser um sorriso e vê-la usar a maldita pulseira, mas talvez tenha me excedido ao lhe dar algo tão pessoal como uma joia.

Sou um idiota! Ela nunca demonstrou qualquer interesse em se tornar minha amiga, não conversa comigo sobre assuntos pessoais, e, apesar de sensível e de ter me ajudado realmente naquele momento, sinto que talvez seja algo que ela faria por qualquer um.

Respiro fundo, e ela me olha.

— Obrigada pelo presente, Thomas. Eu realmente fiquei surpresa com o gesto, mas não vou mentir para você que não gostei, porque o fiz, embora ainda nem saiba o que é. — Ela ri e se senta na banqueta ao lado da minha cadeira. — Ver o nome daquela joalheria me assustou.

— Desculpe, foi um presente pessoal demais. — Reconheço que passei dos limites com ela. — Eu ficaria feliz se aceitasse, mas, se isso a incomoda a ponto de deixá-la desconfortável, eu aceito que me devolva!

Ela sorri e assente, e eu fico ainda mais puto com isso, pois não quero a pulseira de volta, comprei-a para ela!

Aciono a cadeira e saio da sala sem sequer me despedir, disposto a ir para o meu quarto e ficar um tempo por lá até sentir essa sensação de rejeição – que é exagerada e estranha – passar.

Contudo, antes mesmo que eu aviste meus aposentos, paro de susto ao encontrar meu pai no corredor. Eu ouvi o som do helicóptero mais cedo, no meio da fisioterapia.

— Thomas! — Bill Palmer, o homem grandalhão que me gerou, está parado com as mãos nos bolsos da calça de linho. — Precisamos conversar.

Pelo tom, só posso pensar que a conversa não vai ser fácil e que, provavelmente, tem a ver com o ato desesperado que cometi na semana passada.

— Bom dia, pai. — Passo por ele. — Eu acabei de sair da sessão de fisioterapia, estou suado e cansado. — Ele bufa. — Vou tomar um banho e nos encontramos na biblioteca, pode ser?

Continuo meu caminho pelo corredor, sem ouvir uma resposta dele, mas disposto a retomar as rédeas da minha vida. Não sou uma criança, estou incapacitado temporariamente, mas lúcido, independente economicamente; não necessito acatar suas ordens.

Entro no quarto, e Márcio já me espera com a cadeira própria para o banho. Eu me dispo, transfiro-me para ela e entro no chuveiro, já conseguindo executar essa tarefa toda sozinho, coisa que comecei a fazer depois das sessões com a Liz.

Liz. Isso é mais uma coisa que não entendo! Eu tenho uma sensação dentro de mim sobre ela, como se algo estivesse nos ligando, ou tivesse nos ligado no

passado. Confesso que, às vezes, tenho vontade de lhe perguntar o que lhe fiz, mas tenho medo da resposta, medo de não suportar ouvir o desprezo e a mágoa na sua voz.

No entanto, eu preciso entender o que se passa entre nós, ou pelo menos comigo, quando estamos perto, porque tenho certeza, meu corpo reconhece o dela, minha pele já conhece seu toque. Cada vez que eu a vejo sorrindo ou mesmo a escuto falando sozinha ao analisar gráficos no computador, sinto meu coração disparado. Isso sem contar o tesão!

Bufo, exasperado.

É mais pesado controlar a reação do meu corpo a ela do que executar todos os movimentos que preciso. Me consome e me cansa muito mais tentar não pensar em como seria estar com ela do que levantar os pesos com minhas pernas. Antes eu achava a sessão fisioterapêutica cansativa, mas agora acho que me exaure me controlar para não ficar bancando o tarado perto dela.

— Márcio, você...

Saio vestido com um short, sem camisa e esfregando uma toalha em meus cabelos, mas paro no meio do quarto ao ver minha madrasta sentada numa poltrona perto da minha cama.

— Mari?

— Oi, Thomas! Eu gostaria de falar com você antes que seu pai o faça. — Franzo o cenho, coloco a toalha sobre um móvel e me aproximo. — Eu não sei se Bill irá tocar no assunto, mas eu queria deixar umas coisas às claras entre nós.

Rio da sua escolha de palavras.

— Mari, eu ainda estou no escuro com relação ao passado, então é desnecessário falar sobre qualquer coisa que importe uma lembrança.

Ela ri e balança a cabeça.

— Eu sei. Eu sei, mas realmente quero conversar. — Ela se arruma no assento. — Ontem abrimos o testamento de Eric, e ele deixou boa parte do que possuía para a Rebecca.

Minhas mãos suam quando ouço falar do meu irmão, pois ainda me sinto culpado por tudo o que aconteceu há quase um ano.

— Eu sei o quanto Eric amava a Rebecca. Ela e eu conversamos sobre ele, e eu tenho certeza de que minha irmã faz jus a esse último pensamento.

— Uau! — Mari respira fundo. — É mais difícil ter que lidar contigo assim, agindo como se fosse o Eric, do que como era, mas enfim... Há alguns anos, quando eu ainda estava grávida, você ouviu uma conversa minha com uma amiga...

— Mari, realmente eu não me lembro de nada disso e...

— É importante, Thomas! — Eu assinto e a deixo prosseguir. — Nessa

conversa, eu dizia que não tinha certeza da paternidade do bebê que esperava. — Arregalo os olhos. — É, eu sei, é uma situação constrangedora voltar a esse assunto, mas, como eu disse, é necessário.

— Mari... como foi que eu agi depois que ouvi isso?

— Thomas, não foi sobre isso que vim falar, foi...

— Eu sei, mas eu quero saber. — Ela nega, mas eu insisto. — Por favor!

Mari analisa a situação por um tempo e depois concorda.

— Você era um adolescente na época, Thomas, e...

Começo a rir.

— Me conte a verdade, por favor. Eu já sei de algumas coisas que fiz que não me orgulham nada. Me conte!

— Você foi um filho da puta comigo! — Seguro o fôlego. — Eu sei que eu também não era uma santa, mas sempre amei seu pai, mas ele... bem, eu sempre achei que ele nunca iria me assumir e por isso mantinha um relacionamento estável com outra pessoa. — Ela parece constrangida. — Eu sei que era errado, mas eu era jovem e tinha medo de, um dia, seu pai se cansar de mim e eu ficar sozinha. O fato é que, quando engravidei, realmente não sabia quem era o pai da Becca. Bill, assim que soube do bebê, me assumiu, me propôs casamento, e era tudo o que eu sempre sonhei, então como eu ia dizer a ele?

— Rebecca sabe disso? — pergunto com medo, imaginando o sofrimento da minha irmã.

— Não! E nem tem motivo para saber. — Mari senta-se na beirada da poltrona e pega minha mão. — Eu contei para o Bill no ano passado. Cansei de viver com medo, cansei de...

Ela para e me olha constrangida.

— De...?

— De ser insultada, chantageada e ter de ficar com medo de você revelar a ele ou a ela. — Fecho os olhos ante essa informação. Eu nunca contei ao meu pai, eu apenas usava a informação para me beneficiar. Odioso! — Seu pai e eu tivemos uma crise, fizemos terapia juntos, e nela a terapeuta pediu que fôssemos sinceros um com o outro, e eu achei que já era hora de resolver essa situação. Contei a ele e... — Ela balança a cabeça. — Fizemos o DNA, Thomas, embora ele tenha afirmado que não precisava, pois Becca é a imagem da sua avó quando mais nova. — Rola os olhos. — Enfim, ela é sua irmã, tem o seu sangue e o do Eric, e eu ia lhe comunicar isso no Natal do ano passado, mas infelizmente...

— O acidente.

— Sim. — Mari soluça e chora. — Eu me sinto culpada por tudo. Eu insisti que você fosse, alfinetei você para que reagisse apenas para esfregar na sua cara que a “bastardinha” tinha seu sangue.

Tenho vontade de me socar ao pensar que chamei minha irmã desse jeito.

— Mari, você não tem culpa.

— Enfim... — Limpa o rosto. — Agora, depois de ter lido o testamento, fiquei com receio de, ao recobrar a memória, você o contestar e Rebecca descobrir o que eu sempre tentei esconder dela. Porque, mesmo sendo provado que ela é uma Palmer, minha filha ficaria muito constrangida com isso tudo, e eu também.

Concordo com ela.

— Eu agradeço que você tenha me contado, mas eu espero, Mari, que eu nunca mais seja o tipo de homem que usa uma informação como essa para chantagear, constranger ou insultar alguém. Não vou te julgar, não cabe a mim.

Ela fica um tempo me olhando como se estudasse meu rosto e a verdade de minhas palavras.

— Foi o que o Eric me disse quando soube. — Aperta os olhos, encarando-me, e eu fico constrangido. — Você contou para o seu irmão esperando que ele me delatasse, porque sabia que seu pai iria acreditar nele. Mas ele, em vez disso, me procurou para afirmar que, independentemente do sangue que circulasse em Rebecca, ela sempre seria sua irmã e disse que não cabia a ele me julgar, mas que eu deveria contar ao Bill.

Meu corpo inteiro estremece ao me dar conta, mais uma vez, da diferença de personalidade que meu irmão e eu tínhamos. Enquanto eu só pensava em exercer pressão psicológica em minha madrasta, Eric a confortou sobre Rebecca e ainda lhe deu conselhos.

— Quando eu disse a ele?

— Logo depois daquela confusão que houve aqui. — Eu a olho sem entender, pois não me lembro. — Vocês tiveram uma briga feia aqui, nesta casa, há dez anos. Foi a primeira vez que vi Eric agressivo com alguém, e, se seu pai não o tivesse parado, acho que vocês dois ficariam com marcas para sempre daquele dia, tamanha a fúria de ambos.

— O que houve? — indago em um fio de voz, sentindo meu coração bater forte, meus ouvidos zunirem e minhas mãos suarem como se algum tipo de lembrança ou reconhecimento estivesse brigando dentro de mim para vir à tona.

— Não sei, nunca soube. Seu pai resolveu com vocês, e acho que, para se vingar do Bill, você contou sobre a situação de Rebecca para Eric, pensando que ele iria lhe contar tudo. Depois do dia em que Eric conversou comigo, ele nunca mais tocou no assunto, e eu ia comunicar a vocês dois sobre o DNA. — Ela soluça mais uma vez, mas segura as lágrimas. — Ele morreu sem saber que ela é realmente sua irmã, sangue do seu sangue, mas ainda assim deixou seus bens para a Becca.

— O sangue não importava para ele, e Eric já havia dito isso a você. — Ela concorda e se levanta. — É sobre isso que meu pai quer conversar comigo?

— Provavelmente não sobre Rebecca, mas sobre o testamento. Você foi incluído.

Ela sai do meu quarto, e eu fico sem reação mais uma vez.

Eric me incluiu em seu testamento!?

Estou sentada com a sacola preta na mão, sem saber o que fazer, há quase duas horas. Depois da sessão de fisioterapia de hoje, vim direto para casa buscar o presente a fim de devolvê-lo a Thomas, mas ainda não consegui sair do quarto.

Foi uma enorme surpresa para mim quando ele surgiu parecendo com o velho Thomas que eu conhecia, rosto barbeado e cabelos cortados, o rosto do galã que encantou o mundo do cinema. Senti meu corpo arrepiar inteiro olhando para ele, seus olhos verdes risonhos, seu jeito charmoso e provocador.

Nós nunca tivemos aquele tipo de interação, nunca senti qualquer faísca de atração ou desejo, mas então, estava lá. Eu tentava não olhar para sua boca, tentava não pensar nele como o homem que via à minha frente, mas então cometi o erro de tocá-lo.

Era para ser brincadeira, mas eu me senti atraída de novo por Thomas James Palmer. Não como antes, um amor platônico cheio de fantasias românticas, mas algo mais carnal. Ele não sabe que foi o meu primeiro, não se lembra, e, desde que passamos a conviver tão próximos como nunca, eu sentia nojo dele.

Porém, com o passar dos dias, notando principalmente o quanto ele não parecia com o Thomas de que eu me lembrava, como estava diferente de quem era, dei-me conta de que a Liz de hoje poderia se apaixonar, sim, por esse novo homem. E fiquei com medo.

Ele me confunde demais! O que sinto por ele é estranho, pois mistura curiosidade, desconfiança, mágoa e desejo.

Sim, eu desejo Thomas! Depois do dia em que soube que ele tentou se matar, eu me senti mais conectada a ele, sentia mais a sua dor e seu sofrimento, e tudo o que eu lhe disse, encostada naquela porta, foi sincero. Ele pode ser diferente! Sei que não vai mudar as coisas que ele fez, nem mesmo a mim, mas pode trazer algum sentido depois de toda a tragédia que ele viveu.

A partir daí foi que tudo mudou. Eu tenho que focar mais nas atividades e menos no paciente, porque, vendo a persistência, a vontade dele de executar cada movimento à perfeição, eu me sinto mais e mais atraída, principalmente pela força que ele demonstra a cada dia. É estranho isso, mas eu passei a admirá-lo, embora ainda guarde ressentimento dentro de mim.

Abaixo a cabeça e gemo, sem saber como agir. Eu consegui ouvir a mágoa e a frustração em sua voz hoje ao me perguntar sobre o presente. Entretanto, tive que ser sincera, pelo menos em parte. O que me faz não querer abrir e aceitar o que quer que ele tenha comprado para mim não é apenas a questão ética, mas também medo de me deixar envolver por ele, medo de achar que o presente significa mais do que realmente é. Eu me iludi com ele uma vez e, embora eu já não seja aquela garota ingênua, não quero fazer esse papel novamente. Envolver-me com Thomas, em qualquer nível, é loucura!

— Analiz! — escuto meu avô gritar e devolvo a sacola ao fundo do armário de madeira no meu quarto. — Analiz!

Abro a janela e o vejo com uma vara de pescar e um enorme peixe pendurado nela. Vovô exibe seu troféu, orgulhoso e satisfeito.

— Pescando em horário de trabalho? — questiono.

— Não pude continuar o que estava fazendo, pois os Palmers chegaram. — Dá de ombros. — Vou ter que esperar que se vão para continuar mexendo nos aparelhos de ar-condicionado.

Assinto e saio do quarto, indo me encontrar com ele no tanque onde ele limpa os peixes.

— Todos estão aí? — indago apreensiva, pois não os vejo há muitos anos.

— Não, somente o Bill e a senhora Mari. — Forço um sorriso. — Acha que vão levar Thomas para os Estados Unidos? Depois do susto que ele deu em todos na semana passada, acho que deveriam, mesmo que isso te faça ficar sem esse emprego e te afaste de mim. — Encara-me. — Não confio nesse rapaz, Analiz, nunca o fiz, ainda mais agora, que ele parece estar querendo brincar com todos fingindo ser o irmão.

— Ele não está fazendo isso — defendo-o. — Ele não se lembra de como era e está tentando ser diferente e...

— Analiz, não, por favor! — Vovô larga o peixe no tanque. — Não outra vez! — Abaixo os olhos. — Eu não sei o que te afastou daqui anos atrás, mas sei que tem o dedo dele. Não vou deixar ele te fazer mal e ficar calado, não vou!

Balanço a cabeça, negando.

— Ele não vai me fazer mal. Eu não sou mais uma garotinha, vovô.

Ele ri da minha afirmação.

— Não, e ele também enxerga isso. Eu via o quanto você o venerava, mesmo ele sendo como era, mas eu ficava tranquilo porque ele nunca dispensou um só olhar em sua direção — ouvir isso machuca, mas sei que é verdade. — Eu não entendia o fascínio que ele exercia sobre você, porque, na minha opinião, Thomas era um bosta. Mas agora ele está aqui não sei bem o porquê, e você o está tratando, e isso me preocupa. Você é linda, filha, e ele não é cego, está na cadeira de rodas, mas ainda é um homem.

— Vovô...

— Eu sei que vocês, mocinhas de hoje, são todas liberais. Mas ele é o teu ponto fraco, filha, eu sei que é.

— Não é mais, vovô. — Eu o seguro pelos ombros. — Eu consegui ver o Thomas como ele realmente era, e o encanto que sentia por ele se desfez. Não há nada naquele homem que me chame a atenção hoje.

— E nesse? Você diz que ele mudou! Eu ainda acho que ele está tentando se apossar da vida do irmão de alguma forma. Analiz, não se deixe enganar por ele, por favor.

Respiro fundo e assinto, pensando que é a segunda pessoa importante para mim que me alerta sobre essa situação. Eu devo confiar em Thomas, em sua mudança ou me manter cética quanto à sua sinceridade para com todos?

Ele volta a descamar seu peixe, e eu fico olhando o oceano ao longe, pensando nas palavras sábias – e certeiras – do meu avô, o homem que me criou e a quem eu mais amo e respeito neste mundo.

Thomas não pode estar fingindo!

Ou pode?

— O peixe estava delicioso! — Beijo vovô assim que termino de lavar a louça do jantar, pois ele cozinhou.

— Obrigado, e saiba que sua avó sempre disse que eu a conquistei pelo meu peixe saboroso. — Ri, malicioso.

— Vovô! — repreendo-o e rio.

Ele se levanta, beija minha testa e se retira para dormir, mesmo ainda sendo 9h da noite. Ele sempre dorme cedo, pois desperta às 5h da manhã, alegando que não consegue passar desse horário na cama.

Sento-me na sala e fico passando os canais da televisão, sem realmente querer ver nada da programação. Penso em pegar um livro para ler, mas os Palmers estão na casa, e eu não quero ficar andando por lá como se fosse hóspede, o que eu não sou e nunca fui.

Decido ir até a praia, desligo a TV, escovo meus dentes, calço sandálias e saio, circundando a casa, pegando o caminho que me leva à trilha de areia batida e pensando em como eu gostaria de ter trazido o violão para tocar à beira-mar, lamentando que o do vovô esteja sem cordas. Porém, mesmo sem o instrumento, posso cantar um pouco e para a minha melhor audiência!

Olho para o céu e vejo a lua e as estrelas, lindas, perfeitas em seu máximo esplendor, sem luzes artificiais a lhes roubar o brilho. Começo a cantarolar “A lua e eu”, do Cassiano, pensando em como os sentimentos, na maioria das vezes, podem ser traduzidos em formas de canções.

— Bela música. — Eu me assusto e olho para trás, vendo Thomas parado no limite do caminho pavimentado. — Bela voz.

Eu rio, nervosa por ter sido pega em flagrante e também por ele ser a última pessoa que eu esperava ver aqui fora.

— Quase me matou do coração! O que faz parado aí, no escuro?

Ele ri, mas ouço amargura em sua risada.

— Infelizmente é até onde posso ir sozinho. — Aponta para o piso. — Minha cadeira não é apropriada para a areia.

Óbvio! Pergunta idiota, Liz!

— Estou indo até a praia... — Eu o olho, sabendo estar fazendo merda, mas não resistindo. — Quer ir comigo?

Percebo que ele não esperava pelo convite e que pensa sobre ele, olhando para algo em seu colo por um tempo e depois para longe, na direção do mar.

— Não sei se sou uma boa companhia agora. — Dá de ombros.

— Entendo. — O jeito que ele falou aquilo me deixa apreensiva. — Eu prometo não cantar e ficar longe, se você quiser.

Ele ri, e eu me derreto, achando-o lindo, vulnerável e triste, mas ainda assim lindo.

— Eu adoraria te ouvir cantar mais, talvez outro dia. — Fico um tanto decepcionada por ele ainda negar meu convite. — Mas hoje... — Encara-me com seus olhos verdes brilhando de lágrimas. — Hoje eu fico feliz só em saber que não estou sozinho, que você está comigo.

Mesmo com sua negativa, sorrio e vou até sua cadeira, destravando-a e a empurrando com esforço pela areia. Fazemos o percurso em silêncio, e a parca claridade oferecida pela lua ilumina meus passos para conduzi-lo sem problemas.

Paro no meio da praia, ouvindo o som do mar.

— Podemos ir mais perto da água? — Eu assinto e o levo. — Eu gostaria de sentir o mar pelo menos nos meus pés.

Eu sei o que é essa sensação, pois também a adoro. Travo a cadeira dele bem onde sinto a areia molhada, e, segundos depois, a água chega até nós, molhando os meus pés nas sandálias e as rodas dianteiras da cadeira.

Quase dou um pulinho de alegria ao ver que ele consegue, sozinho, abaixar-se, levantar um pouco as pernas e retirar seus mocassins. É incrível o quanto ele já evoluiu em quase quatro meses de fisioterapia, dois com meu antecessor e quase dois comigo.

Tenho uma ideia absurda, mas decido deixá-lo opinar.

— Quer se sentar na areia? — Ele para de tirar os sapatos e me olha. Não dá bem para saber sua reação, pois a pouca iluminação me impede de enxergá-lo bem. — Não, é loucura! Vai molhar sua roupa...

— Eu quero, Liz! — Uau! Não sei se estou mais sensível que o normal, ou o modo como ele falou meu nome é novo e carregado de sentimento. — Por favor, é uma ideia maravilhosa!

Auxilio-o a ficar em pé, pensando que, daqui a alguns dias, nós vamos começar a treinar equilíbrio e passadas na piscina e que ficaremos assim, juntos. Levo-o para o lado e o ajudo a se sentar. Thomas é bem maior e mais pesado que eu, por isso achei que o tratamento na piscina fosse o ideal, pois a densidade da água diminui o peso, e agora, tendo que segurá-lo, percebo o quanto isso foi acertado.

Ele suspira quando a primeira onda chega até ele, molhando as pernas de sua calça. Eu me sento ao seu lado, olhando para o mar, sentindo os cheiros que vêm do oceano, curtindo a areia quentinha em contraste com a água gelada.

— O testamento do meu irmão foi aberto — ele começa a falar, e eu

continuo calada, percebendo que ele quer apenas alguém para ouvi-lo desabafar. — Ele me incluiu, Liz. Ele se lembrou de mim mesmo eu sendo um péssimo irmão... — sua voz é emocionada e sentida. — Eu queria poder me lembrar dele, abraçá-lo e pedir perdão... mas eu nunca vou poder fazer isso.

— Ele sabe disso, Thomas. Ele sabe que você se sente assim!

Ele nega.

— Então por que em meus sonhos ele parece tão revoltado comigo? — Abaixa a cabeça. — Por que me diz que roubei sua vida e que era eu quem deveria ter ido e não ele?!

Essa confissão me tira o chão, porque ele me disse que tinha pesadelos, mas eu nunca pude suspeitar que eram desse tipo, que ele sonhava com Eric lhe dizendo isso.

— Sonhos são projeções da nossa mente. — Tento parecer calma e segura, como se o que ele me revelou não tivesse causado nenhum impacto em mim. — Você ainda está sob efeito de um trauma, Thomas, por isso não se lembra das coisas, por isso esses pesadelos tão estranhos. — Pego sua mão. — Eric não agiria dessa forma, agiria?

Ele nega.

— Pelo que me contaram dele, acho que não. Mas é injusto, eu sei que é, que ele tenha ido, e eu, ficado.

Não tenho como negar isso. Eu nunca tive muito contato com o gêmeo mais velho, mas, pelo que todos diziam dele, ele era... Olho para o Thomas. Deus! Ele era como Thomas está sendo agora.

Respiro fundo, sem saber o que dizer ou o que pensar, ouvindo a voz do meu avô dizendo que Thomas está fingindo ser Eric ou mesmo se apossando da personalidade do irmão morto, coisa que o próprio irmão o acusa de estar fazendo em seus sonhos.

Preciso conversar com a doutora Lídia e saber se isso é possível, se nossa mente pode, involuntariamente, fazer essa troca de personalidade. Sei que a médica não pode conversar sobre seus pacientes comigo, mas espero que ela me tire essa dúvida. Porque, se for verdade... nada disso é real.

— Meu pai veio para me comunicar sobre o testamento e me levar de volta para casa. — Ri, e eu seguro minha respiração, com medo de que ele vá. — Avisei-o de que não irei e estou fazendo corretamente o tratamento. Ele quis brigar e discutir, mas o assunto já havia findado para mim, pois eu não vou mudar de opinião para lhe fazer a vontade. — Rio, lembrando que dificilmente ele fazia a vontade do pai. — Antes de me encontrar com ele, tive mais uma vez uma amostra do quanto eu era desprezível. — Fico curiosa sobre o assunto, mas não pergunto, pois pode ser algo que ele não queira dividir; se for, ele falará. —

O bom disso é que algumas coisas foram resolvidas e eu não surtei.

Rio, e ele aperta minha mão.

— Eu fico feliz em saber disso.

— Mas então, quando cheguei na biblioteca, Bill Palmer me entregou um envelope deixado pelo meu irmão. — Ele me mostra o papel, preso em sua outra mão com força. — Meu pai estava emocionado, falou pouco do assunto e me entregou isto. É uma bússola com o nome de meu avô materno gravado nela. — Thomas respira fundo. — Eu me lembrei dela, lembrei dele, do meu avô Octavius. Na carta, Eric me diz que ela sempre foi minha, embora ele a tenha herdado e que, mesmo eu a tendo recusado quando ele tentou me dar, em vida, eu não mais poderia fazer isso.

— Ele devia saber que era algo importante para você.

Ele dá de ombros.

— Não sei, não tenho mais nenhuma lembrança além da que tive. Mas creio que sim, que ela tenha sido mais um ponto de discordância entre nós, o que eu lamento.

— Uma bússola é um bom legado! — Ele me olha curioso. — Sim, quando você estiver perdido, é só olhar para ela. Não é para isso que serve?

Ele gargalha.

— Acho que vou fazer muito isso, não é? Vivo perdido, Liz!

— Não. Você está *se encontrando*, é diferente!

Pela primeira vez desde que chegamos aqui, ele solta o envelope e passa a mão no meu rosto, entrelaçando ainda mais os dedos de sua outra mão na minha.

— Eu acho melhor a gente...

O beijo vem de forma inesperada, tomando-me de assalto, mas suave, delicado e muito terno. Os lábios de Thomas vão tocando os meus como se estivessem explorando, conhecendo. A sua mão vai da minha bochecha para minha nuca, entrelaçando seus dedos nos meus cabelos, puxando-me mais para perto enquanto ele aprofunda a carícia.

Fecho os olhos, deixando-me levar, sentindo o sabor dos seus lábios, o toque de sua língua na minha, sua respiração em meu rosto e não resisto mais, toco-o no peito, sentindo seu coração bater tão forte quanto o meu, o calor de sua pele sob o tecido fino da sua camisa, deslizando minha mão até seu pescoço.

Ele se afasta um pouco, e tomamos fôlego juntos, ainda de bocas unidas.

— Me perdoa, Liz.

Eu rio.

— Não há o que perdoar, eu correspondi.

— Não esse beijo. — Fico tensa e abro os olhos, constatando que os dele estão abertos. — Aquele que a magoou.

Eu me afasto, sem saber o que dizer, o que pensar.

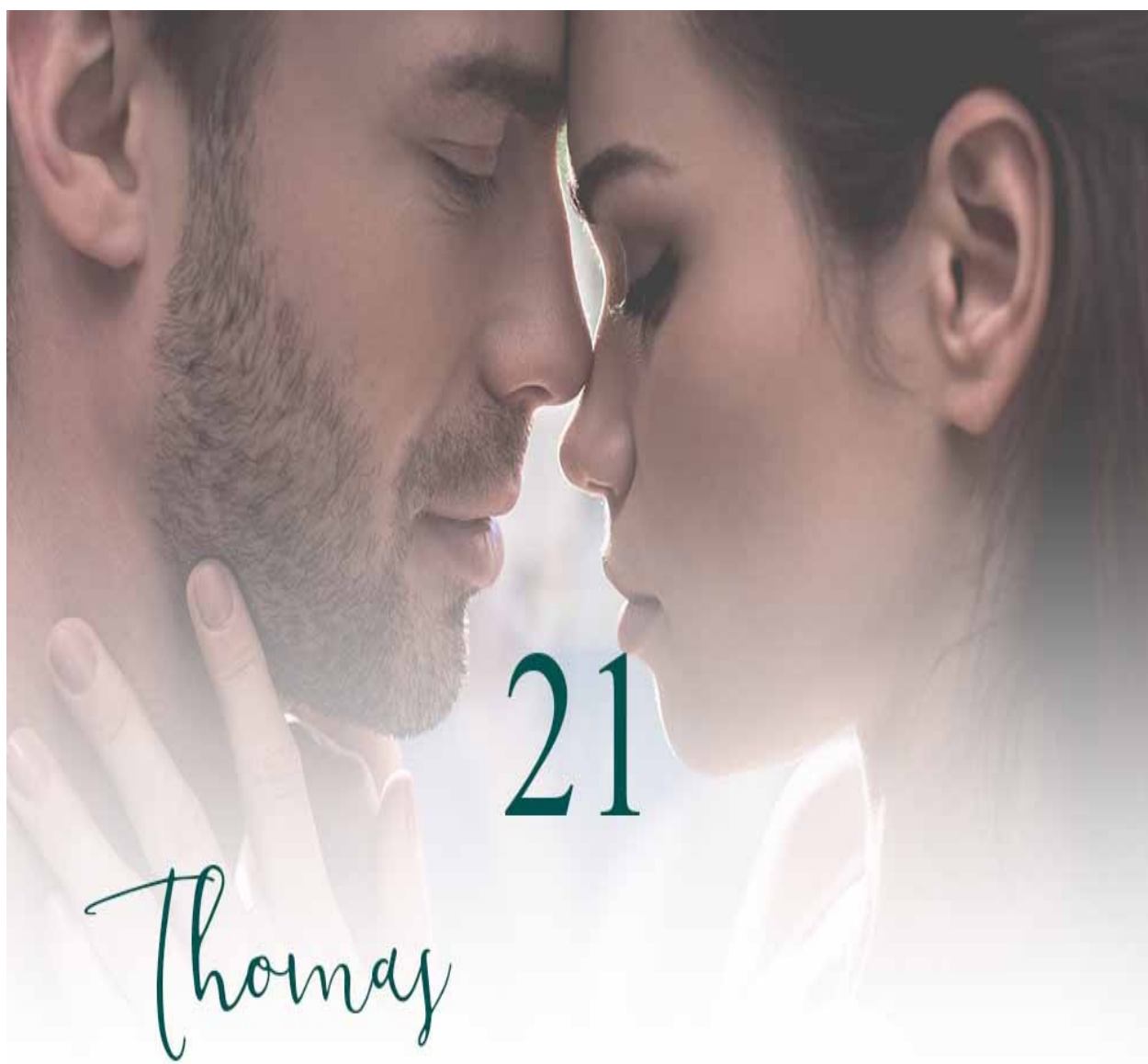
— Você...

— Eu me lembrei não do que houve, mas da sensação da sua boca na minha. — Fecho os olhos. — Sei que não é a primeira vez que nos beijamos.

Minha respiração fica pesada, e eu sinto dor física e emocional ao pensar naquele dia, no quanto ele me machucou, me humilhou e me fez sentir uma coisa usada e sem valor.

— Eu acho melhor voltarmos — digo tentando me controlar e o vejo segurando na cadeira, empenhando-se para se erguer. Vou até ele e o auxilio, mesmo querendo correr para o mais longe possível. — Thomas, isso foi um erro. — Ele não diz nada. — Você está confuso, e eu não acho que...

— Você tem razão, me perdoe por isso também.

Balanço a cabeça e começo a levá-lo para fora da praia, de volta para o caminho onde ele conseguirá conduzir sua cadeira sozinho. Deixo-o com somente um cumprimento, caminhando o mais rápido possível para casa, mas ainda assim sentindo seus lábios nos meus e sua voz me pedindo perdão.

— Desde quando você se sente assim, Thomas? — Doutora Lídia me pergunta, e eu respiro fundo.

— Acho que desde que comecei a descobrir sobre meu comportamento, sobre minha personalidade. Eu me sinto preso, doutora, e não tem a ver com a cadeira de rodas ou mesmo com a falta de lembranças. — Recosto-me melhor ao sofá da sala de televisão, onde escolhemos fazer nossas sessões. — Eu não me reconheço, minha alma não se reconhece!

— Você sente repúdio pelos seus atos anteriores ao acidente?

— Sim. É como se algo dentro de mim rejeitasse cada uma das coisas que fiz, e eu não entendo como, sentindo-me assim, fui capaz de fazê-las. Já sei que eu estava envolvido com drogas, me excedia no álcool, mas...

— É normal que a falta de lembranças te cause estranheza sobre quem você é, mas o importante é que você consiga lidar com as revelações sem se julgar, sem julgar quem você era, porque sua falta de memória pode induzi-lo a erro, pois não sabe a motivação que tinha antes, o que se passava dentro de você.

— Eu compreendo isso, doutora, mas, ainda assim, me é inconcebível.

Conversamos por mais um tempo ainda, mas então meu pai aparece pronto para se despedir e voltar aos Estados Unidos com minha madrasta. Converso com os dois, acompanho-os, juntamente com Márcio, até o heliponto e depois disso volto para casa.

Minha sessão de fisioterapia foi adiada para mais tarde, pois a doutora Lídia aproveitou a carona de meu pai, no helicóptero, para voltar ao Rio, e assim invertemos o horário, pelo que agradeci. Não sei se estou pronto para encarar a Liz, não depois da noite de ontem, de todos os sentimentos e sensações que experimentei ao lado dela.

Falar com minha fisioterapeuta é mais fácil do que com a psiquiatra, é natural, eu não preciso ser incentivado ou provocado. E ela, bem, ela é perfeita em todos os aspectos. Liz é compreensiva, escuta-me sem questionamentos, aceitando o que eu estou disposto a compartilhar, ou não, com ela. Ri das coisas que levo muito a sério, trazendo leveza a assuntos pesados e carregados de drama e emoção.

O seu toque me conforta, o seu olhar me aquece, e sua boca... Fecho os olhos, lembrando-me da sensação dos seus lábios sob os meus. Assim que a carícia começou, um lampejo de reconhecimento cruzou minha mente, dando-me a certeza de que o que quer a tenha magoado antes foi causado por uma atitude dessas, íntima. Saber disso me doeu, porque estar com ela, para mim, foi como se eu tivesse encontrado um porto seguro depois de estar à deriva. Liz me traz segurança e realização, e isso é muito estranho.

Talvez o babaca que eu era não admitia isso nem mesmo para si e tenha tentado mascarar seu sentimento com piadas e farpas, assim como fez com o próprio irmão, pois, tenho certeza, hoje, de que eu o amava muito.

O que pode ter ocorrido é que, de alguma forma, eu me envolvi com ela, talvez tenha lhe dado esperanças e depois, quem sabe por me sentir vulnerável, tenha posto tudo a perder. Idiota!

Passo em frente a um dos espelhos da sala de jantar, que fica em um ângulo que, ao olhar para ele, vejo-me sentado em minha cadeira, com o rosto parcialmente coberto por cicatrizes e a camisa de mangas longas a fim de esconder as marcas que o fogo deixou em meus braços.

Não sei se hoje eu teria uma chance com a mulher que ela é. A menina deslumbrada pelo rebelde da família Palmer caiu em si, talvez tenha enxergado o

quanto eu não prestava e desenvolveu mágoa e ressentimento. E hoje... hoje sou só uma sombra sem memória, com impedimentos físicos e cheia de marcas não só por fora, mas principalmente por dentro. Sou um homem retalhado, incompleto, mas que a quer tanto que chega a doer.

Eu entendo que o que ocorreu ontem pode ter sido por inúmeros fatores diferentes, pena, solidão, conforto e até mesmo solidariedade. Eu estava mal por causa do que descobri sobre a forma como tratei a situação que envolvia minha irmã, e tudo se agravou ao receber o legado que Eric deixou para mim. Eu desabafei com ela, comovi-a, foi por isso que, quando a beijei, ela correspondeu. Todavia, bastou eu lhe dizer que me lembrava da sensação do beijo, e ela voltou a se retrair, dando-se conta de quem a estava beijando.

— Pronto para parar de enrolação? — escuto a voz de Liz e me viro para vê-la.

— Estou à sua disposição. — Ela assente. — Vou só me trocar e a encontro na sala.

Sigo para o quarto, respirando fundo por saber que ela irá me tocar, que irei sentir seu perfume e que, mais um dia, a sessão será de tortura.

— Você só pode estar querendo me matar! — rosno entre os dentes enquanto Liz termina de pôr uma espécie de tala fixadora nas minhas pernas.

Estou morto de cansaço depois de executar alguns exercícios de joelho no colchão de exercícios, depois de elevação das pernas usando uma bola suíça e ainda exercícios para os quadris, geralmente feitos de quatro.

O tempo todo, como é óbvio, Liz me tocava arrumando minha postura, ensinando os movimentos corretos ou mesmo me auxiliando quando era difícil começar. Então, sem mais nem menos, ela decidiu me colocar as tais órteses e me disse que eu ia andar.

Andar!

Fico olhando para ela como se fosse louca, afinal, faz 11 meses que eu não ando, pois mal mexo as pernas!

— Hoje você está insuportavelmente chato, sabia? — ela comenta, auxiliando-me a levantar. — Isso é motivo para comemorar, ficar emocionado, não para resmungar feito uma velha!

— Eu vou cair e me quebrar todo de novo!

Ela rola os olhos e me ajuda, indicando que devo segurar nas duas barras laterais de aço presas em um tablado como se fosse um corredor. Eu o faço,

usando toda a minha força para me manter aqui, em pé, e, apesar do esforço, é gratificante poder olhá-la nos olhos sem ter que quase quebrar meu pescoço ou ela ter de se abaixar.

Liz passa uma faixa nas minhas costas e segura firme, mas de longe.

— Movimente-se. — Eu digo que não, e ela ri. — Se você não o fizer sozinho, porque você já consegue fazer, eu vou me posicionar aos seus pés e te conduzir feito uma criança. — Mesmo depois da ameaça, continuo a me negar. — Thomas, é o mesmo movimento que você estava praticando há pouco, no colchão.

Resolvo tentar e, apesar de parecer estar calçando botas de cimento, dou meu primeiro passo, parecendo um robô enferrujado, mas a sensação de vitória é tão grande que abro um sorriso.

Não consigo tirar os olhos do chão, como se me concentrasse e enviasse ao meu cérebro o comando para ir em frente, mostrando-lhe que o caminho é seguro. Mais um passo e um sorriso enorme, e eu então olho para Liz.

— Eu disse que você ia andar hoje! — Ela também parece emocionada. — Nós vamos treinar todos os dias, aqui e na água, intercalando. É hora de reaprender a andar com suas próprias pernas, Thomas!

— Você acha então que eu vou poder...

— Vai! Isso nunca foi uma dúvida — ela me interrompe, sabendo qual é minha pergunta. — É só preciso que você continue se esforçando e queira melhorar cada dia mais.

— Obrigado, Liz!

— É o meu trabalho, Thomas. — Meu sorriso diminui. — Mas é um prazer!

Continuo até o final do corredor, e ela me auxilia retirando as contenções, e eu volto para a cadeira de rodas. Geralmente saio assim que o exercício termina, mas não hoje. Fico a observá-la limpando e guardando os equipamentos, fazendo anotações na minha ficha e a pego algumas vezes me observando.

— O que aconteceu ontem à noite... — começo a falar.

— Já decidimos que foi um erro, Thomas.

Eu assinto.

— Eu entendo que você tenha se deixado levar pelo jeito em que eu me encontrava. — Ela para de fazer seu trabalho e me encara, franzindo a testa. — Mas, para mim, não foi um erro, Liz. — Rio. — Talvez tenha sido o maior acerto que fiz na vida.

— Thomas...

— Não! — Aproximo-me. — Sei que há muitas coisas que não sei, de que não me lembro, mas sei também que o que aconteceu ontem é algo que eu quero

há muito tempo. Eu peço desculpas por estar pensando em você nesses termos, mas aconteceu! — Dou de ombros. — Não vou mentir para você, decidi que não vou viver escondendo o que sinto ou mentindo, não vou mais fazer isso. Eu quero você, mesmo estando assim... — Faço um movimento com a mão, indicando todo o meu corpo. — Eu ainda sou um homem que quer uma mulher: você.

Ela não reage, fica apenas me olhando como se avaliasse cada uma de minhas palavras, ou talvez apenas não saiba o que dizer porque não sente o mesmo. Eu decido sair e lhe dar espaço; já disse o que tinha de dizer, ela já sabe como me sinto em relação a ela, então aceno com a cabeça e guio minha cadeira para a saída, mas antes decido fazer um pedido que nunca imaginei que faria.

— Se um dia você puder me contar o que eu lhe fiz, eu gostaria de saber. — Não a olho, pois não tenho coragem de ver novamente a mágoa brilhando em seus olhos. — É ruim pedir perdão sem saber o motivo, não parece sincero. E eu quero entender o motivo da mágoa que lhe causei. Não ter lembranças facilita as coisas para mim, Liz, mas não me ajuda a seguir em frente.

Deixo-a sozinha e sigo para o meu quarto, pensando que saber o que eu lhe fiz pode ajudar a curar a ferida ou fazer voltar a sangrá-la, mas, de qualquer forma, é injusto que só ela pague o preço disso.

O final de semana de folga da Liz se aproximou mais uma vez, e eu, depois de duas semanas caminhando nas barras paralelas e na piscina aquecida, já começo a ter esperança de que poderei voltar a andar normalmente, quer dizer, ela me informou que eu ainda conservarei alguma claudicação, mas que será mínima.

Continuei minhas sessões com a doutora Lídia, que introduziu medicações para que eu consiga dormir, e voltei a fazer minhas consultas com a fonoaudióloga, doutora Samara, que me passa exercícios para recuperar minha voz, um tanto afetada por causa dos meses que fiquei entubado.

Depois do dia em que me abri com a Liz, as coisas ficaram estranhas entre nós, e isso respondeu meu questionamento sobre ter uma chance de consertar as coisas com ela. Ela continua o tratamento com dedicação e foco, mas já não há a camaradagem e a conversa amigável que começamos a ter. Eu vou para a sala, faço meus exercícios e volto para o quarto. Não nos encontramos mais fora dos horários da fisioterapia, embora eu a veja conversando com o avô ou com os enfermeiros vez ou outra.

Tive a esperança de encontrá-la a caminho da praia e, por isso mesmo, depois do último encontro nesse lugar entre nós, fiquei três noites à espera, no escuro, no caminho próximo à trilha de terra que leva ao mar, mas ela não apareceu. Nunca mais a ouvi cantar, nunca mais ela reclamou das minhas reclamações – mesmo porque eu parei de fazê-las, executando meus exercícios em silêncio, concentrado em me reestabelecer –, ou trocamos provocações.

A maldita sacola da joalheria foi deixada em meu quarto e, quando questionei o Márcio, ele me informou que Liz lhe pedira para devolvê-la. Eu tentei não me mostrar afetado, mas fiquei.

Os dias e, principalmente, as noites começaram a se arrastar, e eu passei a ler. Invado a biblioteca e todo dia leio um exemplar diferente, mas ainda assim me sinto sozinho, rejeitado.

Então, ontem à noite, ouvi uma pequena algazarra vinda da varanda dos fundos e encontrei as duas senhoras que trabalham na casa – Marisa e Rita –, o caseiro e avô da Liz – senhor Paulo – e os enfermeiros jogando algo.

Eles ficaram sem ação quando me viram, mas pedi que continuassem e indaguei se podia acompanhar o jogo. Era um tipo rústico de que eu não me lembrava, mas que arrancava gargalhadas de todos.

— Quer entrar, senhor Thomas? — Marisa, a senhora mais idosa do grupo, perguntou-me depois de algum tempo.

— Não sei jogar — respondi dando de ombros.

— Ah, é fácil! — Ela riu. — Cada jogador tem três grãos de milho. Ganha o jogo quem acertar o número que cada um irá somar os grãos de todos.

Franzi o cenho, multiplicando os cinco participantes por três grãos cada, num total de 15. Pensei: *Qual é a graça?*

— Ah, Thomas, você pode estar com um, dois, três ou nenhum grão na mão, assim como os outros. — *Ah, sim, quase uma adivinhação.* — Quem acertar o número exato, ganha.

— Estou dentro!

Aproximei-me da mesa, recebi meus três grãos, e começamos as apostas. Estava achando tudo muito fácil. Depois de duas horas jogando, rindo, comendo camarão frito e – no meu caso, por causa dos medicamentos – bebendo água, eu percebi que não era tão simples assim. Havia, claro, uma questão lógica, mas era basicamente adivinhação.

Eu me diverti muito e interagi com as pessoas que convivem comigo há tantos meses, mas que, até ontem, eu quase não sabia nada além dos nomes. O avô da Liz tem uma voz grave e potente, uma risada solta e me encarou tantas e tantas vezes naquela noite que desconfiei que ela tivesse contado a ele sobre meu interesse. Os dois enfermeiros grandalhões são divertidos e fazem piada de tudo,

além de serem bons de copo, pois não dispensaram nenhum gole de suas cervejas. A cozinheira, a senhora mais velha – Marisa –, ri de modo fino e estridente e rouba na cara dura, e a moça responsável pela faxina, Rita, cora, denunciando-se quando está com a mão vazia – o que definitivamente a desqualifica para jogar pôquer – e não bebe álcool.

Foi bom para mim passar esse tempo com eles, e eu descobri que toda quinta-feira é dia da “purrinha” e as sextas-feiras são reservadas para o buraco – outro jogo de que não me lembro, mas estou disposto a aprender –, e aos sábados, os moços, depois de me deixarem dormindo, fazem um rodízio para visitar a cidade e curtir uma balada.

— Esse sábado é do Márcio! — Bruno informou.

— Não sei se vou. A maioria dos moradores daqui vão sair, e você ficará sozinho.

— Ah, sim! — Bruno se lembrou. — Liz e o avô vão a um casamento no Rio, e é o final de semana de folga da Rita!

Liz vai voltar ao Rio nesse final de semana!, pensei. Eu me lembrava da última vez que ela tinha ido, havia quase um mês, quando eu recebera a visita do McKeena e cometera um ato desesperado que a unira a mim ainda mais, pelo menos, *me unira* a ela ainda mais.

Eu percebi que eu sei quase nada da vida dela, sobre seus amigos, o que faz em suas folgas, se há um namorado esperando-a de volta. A atração que sinto é pela mulher que ela se mostra para mim, não pela que diz ser. Ao longo desses dois meses de convívio, eu percebi detalhes nela que me fizeram conhecê-la profundamente. Eu reconheço quando ela está desconfortável ou nervosa. Sei quando algo a agrada, consigo discernir o tipo de sorriso que ela dá para qualquer coisa, os gestos que usa quando quer disfarçar algo, como fingir ler um registro no computador ou arrumar os alteres por ordem de tamanho e cor, apenas invertendo as posições de crescente para decrescente e vice-versa.

Ainda ontem, depois do jogo, após perceber que o mundo à minha volta é repleto de pessoas com histórias diversas, que conseguem sorrir, que conseguem lidar com seus problemas sem deixar de acreditar em dias melhores, eu dormi sem tomar o remédio e o fiz bem. Acordei bem-disposto hoje, tomei meu banho, vesti-me e estou esperando a minha arredia fisioterapeuta, disposto a quebrar um pouco do gelo entre nós, a tentar ser amigo dela novamente e conhecer a fundo a verdadeira Analiz Castro.

— Bom dia! — saúdo, e ela pula de susto quando entro na sala de *fisio*. — Pode começar a tortura, porque hoje acordei disposto!

Ela franze o cenho por causa da minha animação, mas não comenta nada, apenas me cumprimenta, e começamos os exercícios.

— Vamos para a piscina! — Ela sai do colchão onde estava me auxiliando com a bola suíça, e eu tento me levantar sozinho, porém, acabo me desequilibrando, e ela corre até onde estou para me segurar, mas ambos caímos juntos no colchão. — Comeu merda no café da manhã? — ela me repreende, deitada praticamente em cima de mim.

— Pensei que conseguiria ficar em pé sozinho! — Dou de ombros, mas confesso que adorei o acontecido, porque a tenho próximo, com seu corpo junto ao meu, mas ela parece tão puta que nem percebe isso. — Já fico sem as órteses na barra.

— Maluco! Poderia ter se machucado, caído todo torto! Ainda falta muito treino de equilíbrio para você se manter sozinho! — Liz rosna entre os dentes.

— Você disse que eu já ia treinar com muletas...

— Muletas! Não sozinho! — Ela bufa, e eu rio, passando meu braço em volta da sua cintura. Ela me encara séria, e sua respiração fica um pouco mais pesada. — Thomas...

Eu me aproximo e toco sua boca com a minha, e, contra todos os meus prognósticos, ela me corresponde cheia de desejo. Não me faço de rogado e aprofundo o beijo, segurando-a pela nuca, alisando e apertando suas costas, fazendo seu corpo se pressionar contra o meu.

Estou excitado, morrendo de tesão, como nunca – ao menos desde que despertei do coma – estive. Essa mulher mexe comigo, tira-me do prumo, deixa-me louco de vontade de beijar e conhecer cada recanto de seu corpo e de sua alma.

Ela geme contra minha boca, e seu corpo involuntariamente se contorce sobre o meu. Concentro-me para poder virar meu corpo com ela e ficar por cima e faço o movimento o mais rápido que consigo, encaixando meu quadril no dela, fazendo-a sentir como estou duro e pronto. Agradeço a ela mesma por ter me deixado apto a fazer estes movimentos, movendo meus quadris contra os dela, moendo meu pau, contido pela roupa, contra o sexo dela.

É uma loucura, eu admito, pareço um adolescente tendo a sua primeira experiência sexual, e – como eu quase não tenho lembranças – é como se fosse.

Interrompo o beijo e me afasto, notando os olhos dela brilhantes de excitação, seu peito subindo e descendo rápido embaixo do meu e sua boca molhada, vermelha e inchada pelos meus lábios.

— Isso é loucura — ela diz, mas já não vejo resistência ou mesmo arrependimento. — Nada de bom vai sair disso.

— Como você sabe? — questiono, abaixando minha cabeça para beijar-lhe o pescoço. — Nunca algo pareceu tão certo para mim, Liz.

Ela geme e se entrega às minhas carícias, sentindo-me passar a ponta da

minha língua do seu ombro ao lóbulo de sua orelha, sugando-o de leve, para depois voltar fazendo um caminho de beijos molhados em seu pescoço, garganta e colo.

— Thomas...

Deslizo minha mão direita pelo lado do corpo dela, inserindo-a entre nós, buscando o cós de sua calça branca – que por sinal a deixa mais gostosa e me enlouquece durante as sessões – e abrindo o botão e o zíper.

— Thomas, não faça isso — paro ao constatar apreensão na voz dela. — Eu... não posso... não posso... — Liz parece ter dificuldade para respirar, e eu rolo de cima dela, caindo no colchão ao seu lado. — Ai, meu Deus!

Gelo ao ouvir o desespero em sua voz, sem entender o que foi que fiz de errado.

— Liz? — Levanto meu tronco e a olho; ela está tremendo e com as pálpebras fechadas. — Liz, o que eu fiz? Eu te machuquei? — Ela nega, e sinto meu coração acelerar. — Você não me quer? — Ela me fita, e vejo seus olhos úmidos. Merda! — Eu forcei a barra, né? — Volto a me deitar. — Me desculpa, eu achei que você...

— Eu quero, Thomas! — ela me surpreende ao confessar isso baixinho. — Quero muito, mas...

— É sobre o que eu não me lembro, não é? — Meu corpo inteiro gela ante a possibilidade que me vem à mente. — Liz? Eu te forcei a...

Ela nega, mas chora, e eu me sinto ainda mais confuso e perdido.

— Eu não quero falar sobre isso, Thomas. — Ela se senta. — Por mais que eu queira você, acho que não devemos ingressar por esse caminho. Nada de bom virá disso!

Tento argumentar, mas ela nega e se levanta.

— Vamos deixar o treino na piscina para segunda-feira. Eu tenho um compromisso no Rio amanhã e vou para lá hoje à tarde. — Apenas a ouço sem esboçar nenhuma reação, sentindo um vazio e uma sensação que, juro, já senti antes. — Eu estou confusa, Thomas, com medo e...

— Você tem alguém no Rio, Liz? — Sento-me para encará-la. — Nós nunca conversamos sobre isso, e talvez eu esteja forçando uma situação sobre você, deixando-a encurralada por trabalhar para mim e...

— Não, Thomas. Se eu não quisesse, se não correspondesse a essa atração, você saberia com todas as letras, pode ter certeza. Não seria o primeiro paciente tentando tirar uma casquinha de mim e, como todos os outros, iria receber uma resposta à altura, importando ou não quem paga o salário de quem. — Isso me alivia um pouco. — Quanto à sua outra pergunta, não. Eu não tenho compromisso com ninguém em lugar algum. Não é essa a questão.

— Qual é, então? Me conta, me deixa saber o que eu, idiota, fiz para te machucar tanto.

— Eu não estou pronta para falar disso contigo, nem mesmo sei se você o está para ouvir.

Eu assinto, tendo certeza, agora, de que foi algo grave e que a marcou profundamente. Vejo-a sair da sala, deixando-me sozinho, sentado no colchão de treinamento onde, há alguns minutos, achei que pudesse ter a mulher com que sempre sonhei.

Chego a meu AP esperando entrar no clima de festa e felicidade, mesmo me sentindo um caco por dentro e lembrando que terei de sair para a despedida de solteira de Olívia, que será em um barzinho – o nosso favorito – na Lapa e sorrir como se tudo estivesse maravilhoso.

Não que eu não esteja feliz pela Oli, claro que estou, mas dentro de mim há tantos sentimentos conflitantes que eu não sei como agir. Eu achei que nunca mais iria sentir o que sinto neste momento, principalmente achei que nunca mais iria querer tanto uma pessoa, além do nível carnal, quanto quero o Thomas.

Justamente o Thomas! Eu deveria nunca mais retornar àquela ilha, ligar para o David e lhe avisar para procurar outro profissional e nunca mais pisar lá, como prometi a mim mesma anos atrás. Insistir em continuar tratando dele é

como brincar com fogo, e, como sempre, serei eu a sair ferida.

Eu não sei se o *novo* Thomas, que se apresentou a mim, ficará para sempre ou se é apenas uma condição que adveio do trauma causado pelo acidente. O fato é que, arriscar um envolvimento com ele, de qualquer natureza, é loucura, é dançar sobre cacos de vidro, e eu tenho medo das consequências.

Às vezes me pergunto se já consegui perdoá-lo pelo modo como me tratou, variando a resposta de acordo com os meus sentimentos, ora achando que sim, pelo que ele demonstra ser hoje e todo seu arrependimento, ora tendo certeza de que não, principalmente quando penso em ir para a cama com ele.

Não é que eu não queira, eu quero muito! Desde aquela noite em que nos beijamos na praia, talvez até antes disso, eu sonho em estar com ele novamente, em, dessa vez, poder ir até o fim, de verdade. Contudo, entro em pânico, com medo de que, após concluir sua sedução, ele volte a me tratar com frieza e desprezo.

Pensei em deixar rolar, curtir o momento como faço com outras pessoas, mas não dá. Com ele há uma carga emocional envolvida – do passado, de agora –, e eu não sei lidar com isso. Se fosse outro, talvez já tivesse rolado, e eu já tivesse desencanado, mas não é. Eu sei, eu sinto que, com o Thomas, não vai ser somente sexo, e é por isso que estou tão indecisa sobre arriscar ou não ficar com ele.

Entro no banho, querendo tirar do meu sistema as sensações que as mãos dele e seus beijos ainda deixaram em meu corpo. Thomas continua sendo um homem lindo e me provou – embora eu soubesse na teoria – que seu acidente não afetou em nada sua virilidade; eu quase delirei ao senti-lo duro contra mim.

Eu fantasiei com ele durante as noites em que ficava sozinha e sem conseguir dormir no meu quarto. Imaginei como seria tê-lo dentro de mim, sentir sua boca sobre meu corpo, como ele fez daquela vez, dando-me meu primeiro orgasmo com sua língua. Todavia, lembrava-me do que se seguira, meu corpo gelava e eu pensava e tentava me convencer de que nada de bom viria de um envolvimento entre nós.

Tentei me afastar e percebi que ele o fez também. Ficamos sérios e profissionais, sem conversas paralelas, sem desabafos, sem provocações e malícia. E foi ruim, tão ruim que eu estava perdendo até a vontade de trabalhar em sua recuperação.

Eu devolvi o presente que ele me deu sem abri-lo, e me doeu fazê-lo, porque sei que Thomas o comprou com sinceridade e de coração, mas eu precisava estabelecer limites e distância entre nós e achei que isso fosse um aviso bem claro para ele.

No entanto, eu sou uma hipócrita, essa é a verdade! Eu vibro e sinto

vontade de rir e o abraçar cada vez que o vejo progredir. Eu me sinto vitoriosa junto com ele, vendo-o se esforçar, caminhar, equilibrar-se. Eu sempre fui apaixonada pelo meu trabalho e sempre vibrei muito com as conquistas dos meus pacientes, mas com Thomas é mais do que simples satisfação de um trabalho dando certo, é a emoção de vê-lo de pé novamente.

Deixo a água escorrer pelos meus cabelos, sentindo também algumas lágrimas deslizarem pelo rosto, de frustração e de medo.

— Liz? — Olívia me chama.

— No banho! — grito, lavando o rosto.

Ela entra sem nenhuma cerimônia, como sempre fez e se senta sobre a tampa do vaso sanitário para conversar comigo.

— Eu juro que, se você furasse hoje comigo, eu ia lá naquela ilha e te arrastava pelos cabelos até aqui! — Eu rio, achando-a bem capaz disso. — Odeio esse seu trabalho, só para constar!

— Crise pré-nupcial? Já tomou um fitoterápico?

— Vai à merda, Liz! — Eu gargalho. — É frustrante estar cercada de um monte de gente querendo saber do meu casamento, de como estou, e minha melhor amiga isolada numa ilha paradisíaca com um gato – escroto, mas gato –, e eu aqui, me sentindo abandonada.

— Quanto drama! — Desligo o chuveiro e saio, mas estanco ao vê-la. — O que foi que houve? Ficou sem dinheiro para comprar comida?

Olívia começa a chorar, e eu imediatamente vou até ela, abraçando minha amiga, que sempre foi toda grandona e com um corpão de dar inveja a qualquer mulata que se preze e que agora está magrinha e com olheiras.

— Eu não durmo, não como, não transo... — Gargalho. — É sério, Liz, isso está um inferno! Cada hora tem um problema! É vestido de daminha que ficou pequeno, de madrinha que comprou a cor errada, a safra das astromélias foram ruins, e os arranjos...

— Que merda é astromélia?

— Flor, Liz, é uma flor! — Eu rolo os olhos. — Meus arranjos são feitos com elas e com lírios, mas estão muito feinhas... — Ela funga. — A florista disse que ela é mais viçosa no inverno, mas que daria para usá-las, mas estão tão feinhas!

Rolo os olhos de novo.

— Tenho certeza de que ela dará um jeito nas feinhas astromélias! E seu buquê, tudo certo com ele?

Ela abre um enorme sorriso.

— Vai ficar lindo! Eu estive com o designer que o está fazendo, hoje, e ele me mostrou as rosas vermelhas importadas que chegaram. — Ela faz uma bola

usando ambas as mãos. — São enormes, e vai ser um buquê de respeito!

— Viu só? Nem tudo está indo mal!

Ela suspira e assente.

— Meu noivo saiu para sua despedida de solteiro. Adivinha quem foi com ele? — Dou de ombros. — O doutor Gusmão!

Solto-a, ainda puta por ela ter me posto nessa enrascada.

— Porra, Oli, eu falei contigo sobre o Fê!

— E ainda tem mais uma novidade... — Faz uma careta que me assusta. — Seu par teve um imprevisto. — Aponta para a perna. — Quebrou jogando futebol...

— Você não fez o que eu estou ima...

— Convidei o Fernando — ela fala e sai correndo do banheiro, e eu, atônita, só a olho de boca aberta. Que merda!

— Eu deveria voltar para a Raj agora mesmo! — grito com ela, saindo do banheiro e entrando em seu quarto. — Porra, Oli, falei para você não forçar as coisas!

— Eu estou tentando te fazer enxergar uma coisa boa, Liz! Ele gosta de você para caramba, mulher, merece uma chance!

Cruzo os braços sobre os seios, ainda de toalha, com os cabelos pingando sobre o tapete do quarto dela.

— Por que agora, Oli? Eu saio com ele há dois anos, e você nunca, *nunca* tentou nos aproximar ou mesmo se aproximou dele. — Caminho até ela, que se encolhe. — Me diz que não é por causa do Thomas!

Ela bufa e se senta.

— Eu não quero te ver sofrer de novo!

Merda! Por que todo mundo acha que vou sofrer de novo por causa de Thomas? Será que é tão óbvio assim que nós dois não vamos conseguir ficar perto um do outro sem um envolvimento?

— Essa não é a melhor forma de fazer isso. — Ela assente. — Você está brincando com os sentimentos de um cara bacana, mas por quem eu não sinto nada além de atração sexual!

— Já é um começo! — Eu bufo e saio do quarto dela, indo para o meu, mas ela anda atrás de mim. — Liz, seja sensata! Quanto tempo mais você vai ter que tratar o bostinha lá?

— Olívia...

— É sério, amiga! Eu sempre admirei esse seu jeito “eu não sou de ninguém”, mas isso não a ajuda nesse caso. Eu tenho medo de que, de alguma forma, você se deixe envolver com ele novamente e saia machucada disso. — Eu respiro fundo. — Eu posso achá-lo um bostinha, mas suspirava por ele nos

filmes, lembra? Ficava aqui falando e falando do gostosão do Tom Palmer... sem saber que você o conhecia.

— Ele não é mais o mesmo, Oli.

— Eu sei! Ele está impossibilitado de andar e sofreu alguns ferimentos, mas ainda é o gostosão do Tom Palmer! E para você, ele ainda é...

— Ele *mudou*, Olívia. — Encaro-a. — Mudou mesmo! No dia em que voltei, depois de ter passado o sábado aqui, eu cheguei lá com a triste notícia de que ele tentou se matar. — Ela arregala os olhos. — Thomas está sofrendo muito, tem arrependimentos, questões a serem resolvidas e...

— Liz, ele se lembrou de...?

— Não. Embora tenha se lembrado da sensação de já ter me beijado. — Ela franze a testa. — Nos beijamos de novo. — Olívia xinga. — E hoje eu quase transei com ele.

— Porra, Liz, não faz isso! Vê agora o motivo da minha pressão para você ficar com o Fernando? Eu sabia que isso ia acontecer!

Eu queria que fosse tudo tão simples quanto ela parece acreditar que é. Queria mesmo poder ficar com o Fernando e esquecer o Thomas, mas não posso, não é assim que as coisas funcionam.

— Eu o quero, Oli, e de um jeito que nunca senti por outra pessoa. — Ela faz que não com a cabeça e fecha os olhos. — Eu sinto que ele não é o mesmo, que está diferente, que realmente se importa e me quer.

— Não vá por esse caminho, Liz!

— Eu tenho escolha? — Rio. — Eu não posso impedir o meu coração de sentir, Olívia. Ele mexe comigo, mexe com meus sentidos mais do que eu sentia antes. É diferente, é real.

Ela põe a mão no rosto e se senta em minha cama. Acompanho-a, e ficamos juntas, uma ao lado da outra, sem falar, apenas quietas e pensando. Sinto a mão dela pegar a minha e sorrio, sabendo que ela quer me transmitir apoio e consolo.

— Eu vou me arrepender para sempre do que vou dizer, mas só há um jeito, Liz, de você sair dessa inquietação. — Eu concordo com ela. — Se você acha, de verdade, que ele mudou e que algo bom possa vir desse relacionamento, vai fundo, paga para ver. Eu concordo com você que não temos controle de por quem nos apaixonamos, mas temos a escolha de deixar ir caso esse sentimento traga mais dor do que felicidade. Não é fácil, você sabe que vi minha mãe passar de homem para homem em busca de um grande amor, cada vez encontrando um companheiro pior, e ela nunca soube parar quando a coisa ia mal. Eram sempre eles que a deixavam, porque ela acreditava que poderia haver mudança até o fim. — Aperto a mão dela, sabendo o que aconteceu. — Eu nunca mais quero ver alguém passar por isso, Liz. E eu não estou falando de surras, xingamentos e

assassinato, estou falando de ver minha amiga entrar em um relacionamento esperando mudança e essa nunca ocorrer.

— Eu sei disso, Oli. — Abraço-a. — Obrigada por você se preocupar comigo.

— Eu amo você, você é minha irmã por escolha, e isso é algo para a vida toda!

Jogo uma palma cheia de pétalas de rosas, arroz e sal – sim, fiquei pasma quando vi o sal grosso no meio das flores e do arroz – no casal, na saída da igreja. Conhecendo minha amiga do jeito que conheço, tenho certeza de que cada coisa nesse saquinho foi pensada exatamente com cuidado e com um significado.

Fernando aperta minha cintura, mantendo-me bem perto dele enquanto o casal se despede e entra no carro para seguir até o buffet onde acontecerá a festa.

— Seus amigos são muito legais, Liz! Pena que não os conheci antes, mas ainda dá tempo, né?

Ai, merda! Eu sorrio sem graça para ele e vou até as outras madrinhas, cada uma vestida de uma cor forte e exuberante, formando um arco-íris, como queria a noiva.

Eu estou de amarelo. Embora a princípio tenha achado que iria ficar ruim com o tom da minha pele, confesso que amei o vestido. Tem madrinha de azul, violeta, vermelho, laranja, verde e fúcsia. Claro que o efeito em contraste com o vestido branco da noiva foi lindo!

Combino com elas sobre nossa surpresa e volto a encontrar o Fernando – de terno preto e gravata amarela –, que me espera no carro.

— Eu quase não pude falar contigo. — Sorri. — Você está linda!

— Obrigada! Você também está elegante... exceto pela gravata amarela.

Ele ri fazendo careta, mas dizendo que faz parte.

Eu queria poder gostar dele, juro que sim. O Fê é animado, carinhoso, bom partido, mas não é para ser, e talvez eu tenha agido errado com ele deixando as coisas se estenderem por tanto tempo, mesmo sem compromisso. Eu odeio pensar que possa vir a magoá-lo de alguma forma, mas sei que, bonito com é, logo ele encontra outra pessoa para tentar construir uma relação.

— Você ainda volta para Angra nesse final de semana?

— Não — informo, retocando o batom. — Só na segunda-feira de manhã. Vou aproveitar o domingo para colocar umas coisas em dia aqui, porque minha

próxima folga é só daqui a duas semanas.

Ele não responde, atento ao cruzamento, e eu aproveito para ligar o som do carro, que toca um reggae.

— Fica comigo esta noite — dispara, e eu respiro fundo. — Fica comigo amanhã. — Ele para no sinal e pega minha mão sobre meu colo. — Fica comigo para sempre, Liz. — Eu simplesmente não tenho reação a isso. Não esperava que ele fosse me propor algo assim. — Eu tenho sentido muito a sua falta. Fica comigo, que eu me arranjo com o David para ele achar outro *fisio* para o Tom Palmer.

Eu nunca poderia imaginar uma situação dessas me acontecendo, ainda mais em um dia tão importante como este, o casamento da Olívia. Amaldiçoo-a mentalmente por ter me metido nesse imbróglio com o Fê, trazendo-o para ser padrinho – meu par – em seu casamento.

Eu sei que deveria estar me sentindo feliz e contente, afinal, ele é um sonho para qualquer mulher com um cérebro entre os olhos, mas não é ele quem eu quero. Eu não sou a mulher certa – como ele deve pensar –, porque não correspondo às suas expectativas nem aos seus sentimentos, e isso é tão difícil. Por outro lado, ele está me oferecendo uma saída para que minha situação com Thomas se resolva. Eu não preciso voltar para a Raj, posso interromper meu contrato com ele e seguir minha vida como era antes.

Olho para Fernando, que me dá uma olhada e sorri, e eu entendo que não posso fazer isso com ele. Não posso simplesmente usá-lo para tentar esquecer o Thomas, não é certo.

Chegamos ao local do evento, e eu sou salva de ter de conversar com ele antes e durante a festa, por causa das sessões de fotos, por ter de auxiliar a noiva em tudo, passar a gravata dos noivos. Nós dois estamos muito ocupados e não temos um momento propício para conversar.

Dançamos, nos divertimos, fazemos a surpresa ao casal – uma viagem para Noronha –, eu canto com a banda a música preferida dos meus dois amigos, e por fim, já quase amanhecendo o dia, Olívia e Diego se despedem. Eu, exausta, bêbada e sem saltos, caio sobre uma cadeira, pronta para dormir.

— Acho que a cinderela já está virando abóbora! — Fernando brinca.

— Conto errado, meu bem, a Cinderela não podia passar da meia-noite, e já são...

— 4h52, para ser exato. — Ele me pega pelo braço. — Vamos para casa!

Apoio-me nele, que me segura pela cintura, e eu caio sobre o banco do carro, já dormindo, acordando somente quando ele para o carro na garagem de seu prédio.

— Fê, eu não quero dormir aqui...

— Prometo que vou deixar você dormir! — Ele ri. — Estou morto também, já não tenho idade para acompanhar o ritmo de vocês.

Eu rio, sabendo que temos quase 10 anos de diferença de idade.

— Até parece. — Saio do carro. — Você está mais inteiro que eu! E ficou na gandaia ontem com o Diego até o amanhecer... Nós sabemos!

Eu subo com ele e, assim que entramos no apartamento, sinto suas mãos procurando o fecho do meu vestido.

— Não, Fê...

— Eu não vou fazer nada, só te despir para você poder dormir! — Beija minha nuca.

— Fê, não... É sério! — Ele para e franze o cenho. — Eu nem deveria ter vindo para cá.

— Eu sei que você está cansada, não vou fazer nada hoje, só quero dormir contigo. — Eu nego. — O que está acontecendo, Liz?

Respiro fundo.

— Acho melhor a gente parar de... você sabe... dormir juntos.

Ele parece confuso e surpreso.

— Foi por causa do que lhe falei no carro? Você sabe que eu sempre quis assumir essa relação e agora, bem, conheço os seus amigos, achei que ia conhecer seu avô...

Agradeço aos céus por vovô não ter podido vir ao casamento porque minha mãe teve um contratempo no trabalho, e os dois vinham juntos. Fernando ia sair da festa já contando com uma data para nosso enlace, caso os três tivessem se encontrado.

— Não, é só porque não acho justo continuar. Eu não estou na mesma sintonia que você, entende? — Ele assente. — Enquanto era somente diversão para os dois, tudo bem, mas a partir do momento em que só um se envolve, é problema.

— Foi diversão para mim apenas no primeiro mês, Liz. Depois... — Dá de ombros. — Eu não falei nada porque você sempre deixou claro que não queria compromisso, mas pensei que você gostasse de mim.

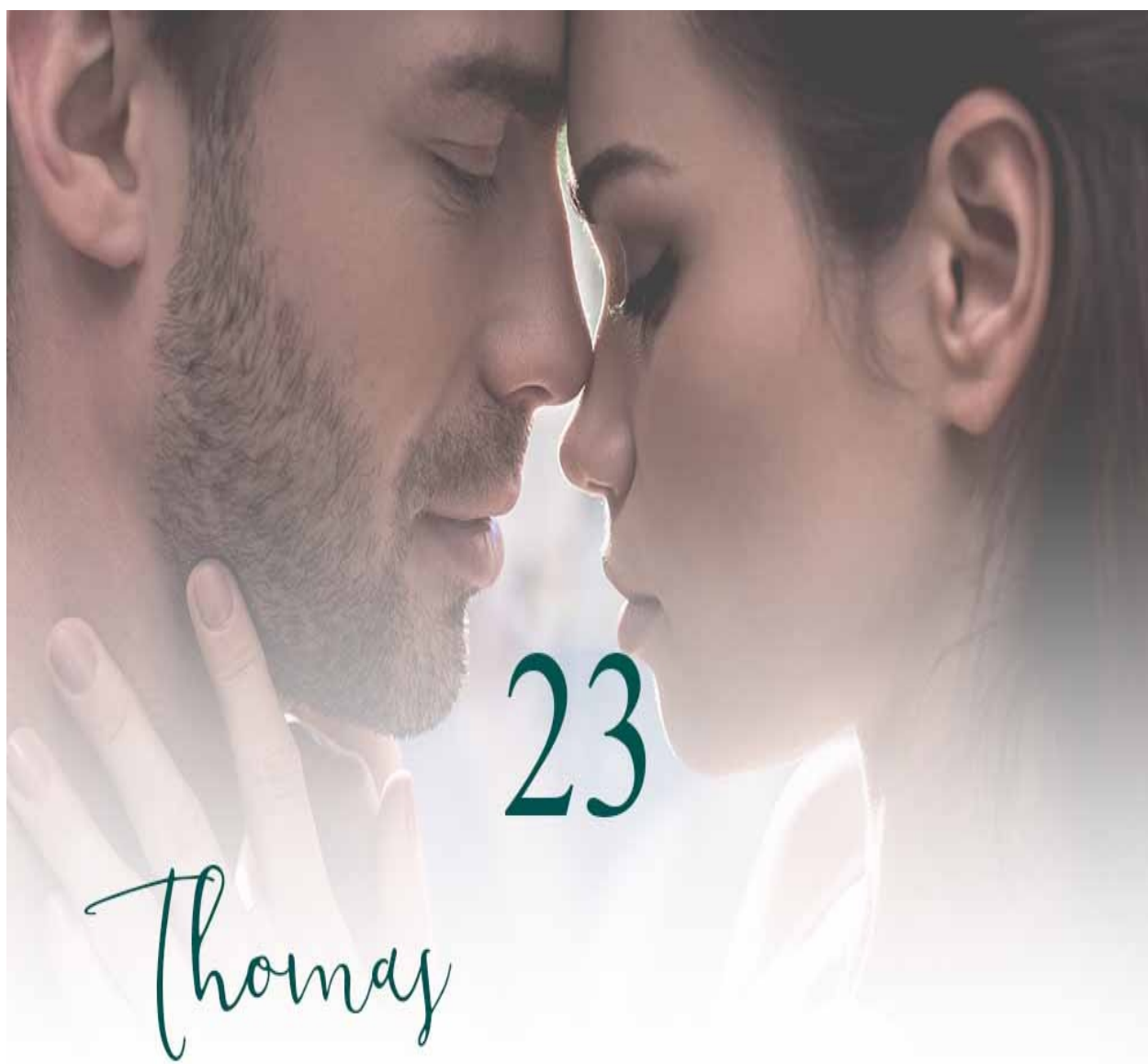
— Eu gosto, mas como amigo! — Ele ri, e eu me sinto pior. — Me desculpa, Fê, eu estou cansada, você também, e não é o melhor momento para termos essa conversa. — Pego meu celular. — Vou chamar um Uber.

— Eu te levo!

— Não, vai descansar, eu chamo um Uber e daqui a pouco estou em casa.

Ele assente, sabendo o quanto sou teimosa. Despeço-me dele pela primeira vez com um beijo no rosto, em vez de na boca, e sigo meu caminho em direção a Madureira. No percurso, penso na decisão que tomei. Sim, porque aquela

conversa com Fernando não só colocou um ponto final no que nós tínhamos, foi também um divisor de águas em relação ao que sinto por Thomas, e, definitivamente, nunca fui uma mulher insegura, que não luta pelo que quer.

E, com toda a certeza do mundo, eu o quero.

Um final de semana de merda!

É segunda-feira pela manhã, e Márcio me olha com cara feia enquanto eu faço exercícios no colchão da sala de fisioterapia, mesmo sem Liz por perto. Meu enfermeiro – ou seria minha babá? – não queria que eu fizesse nenhuma atividade sem ela, mas lhe expliquei que são movimentos leves, apenas para me deixar mais solto e relaxado. Na verdade, são apenas para me cansar e passar o tempo.

O tempo que ela não está aqui!

Na sexta-feira à noite, depois que tive a notícia de que ela tinha ido, junto com o avô, até Angra para embarcar em um ônibus com destino ao Rio de Janeiro, eu ainda tentei me divertir participando do jogo de cartas com o pessoal

e acabei por descobrir duas coisas importantes: não gosto de cartas e sou ciumento.

Minha cabeça a todo instante ficava a imaginar se ela estaria encontrando-se com alguém, embora tenha dito que não, se estaria se divertindo e nem se lembrando do que houve entre nós. A verdade é que Analiz Castro é uma incógnita para mim. Eu nunca consigo saber o que ela pensa, o que sente. É tão fechada e misteriosa, mas ao mesmo tempo é a única que consegue me tocar e entender minhas questões.

O sábado amanheceu com sol forte e dia muito quente. De manhã fiz meu passeio pelo entorno da casa, depois pedi ao Márcio que me levasse até o mar, e ele o fez, ajudando-me a sair da cadeira e a sentir as ondas baterem nos meus pés. Eu queria, naquele momento, já estar conseguindo me equilibrar sozinho, mas a Liz me garantiu que isso seria em breve, e eu não vejo a hora de poder ficar aqui, parado de frente para o oceano, sozinho, sobre meus próprios pés.

Quanta mudança ocorreu em mim desde que ela chegou. E sim, tenho certeza de que, por algum motivo, foi a presença da Liz nesta ilha que fez toda a diferença, que me fez enxergar a nova chance que eu recebi.

Almocei na companhia dos dois enfermeiros e depois vi, surpreso, o senhor Paulo chegando.

— Ele não ia com a neta para o Rio? — questionei aos enfermeiros.

— Ei, *seu* Paulo! — Bruno o chamou. — Aconteceu algo?

Ele riu, depois me olhou sério e deu de ombros.

— Minha filha teve um contratempo e vai ter que trabalhar hoje! A Liz foi ontem para participar da despedida de solteira da amiga, e eu acabei desistindo de ir.

— Poxa, que pena! — Márcio comentou. — A Liz me falou muito desse casamento!

Falou?! Uma inquietação passou por mim ao me dar conta de que nós dois não tínhamos nenhuma intimidade para conversar, embora já tivéssemos estado um por cima do outro. É claro que eu não tenho lembranças de estar em um relacionamento, mas algo me diz que, desse jeito, apenas a vendo nos horários da fisioterapia, conversando sobre assuntos banais, a gente não vai conseguir chegar a lugar algum.

Bruno perguntou algo ao caseiro e depois o seguiu para algum local.

— Pescar! — Márcio comentou, e eu assenti. — Você gosta?

— Não sei. Talvez, se o fizer, saberei. Ontem eu não gostei de jogar cartas, embora tenha me divertido no outro jogo.

— Está demorando, não é? — Concordei com ele. — Já tem meses que você acordou e ainda tem pouquíssimas memórias.

— Nem me fale! Tudo bem que boa parte desse atraso é minha culpa, pois estive negando fazer as sessões com doutora Lídia. Mas eu espero me lembrar, porque há coisas que preciso saber e acredito que não vão me contar.

— Liz?

Surpreendo-me com sua perspicácia e assinto.

— Como você deve imaginar, eu a conheci antes, pois ela morava aqui com o avô.

— A Rita me disse. — Eu o olhei. — Disse também que ela era louca por você.

Sinto-me gelado ao ouvir isso. Louca do tipo apaixonada? Então o que eu fiz a ela para que se fechasse tanto, para que se mantivesse distante e conservasse mágoa e ressentimento?

— O que mais ela lhe disse?

— Só isso, que a Liz cultivou um sentimento platônico por você, mas que você parecia não olhar para ela ou apenas a usava para...

Ele ficou sem graça, pigarreou e olhou para o outro lado.

— Márcio — chamei-o. — Continua.

— Acho melhor esquecermos o assunto, eu não sei...

— Continua, eu preciso saber.

Ele assentiu e respirou fundo antes de dizer:

— Era algo sobre seu irmão. — Meu coração disparou. — Como se, mesmo você não querendo nada com a Liz, fazia questão de mostrar a ele o quanto ela corria atrás de você.

Eric e Liz? Fiquei um tempo me esforçando para respirar, tentando lembrar, tentando entender o que isso significava. Entretanto, obviamente, não entendi.

Aquilo ficou martelando em minha cabeça todo o tempo, incomodou-me à noite, quando tentava dormir, tanto que tive que usar o medicamento para tal.

No domingo não acordei tão disposto, mas uma ideia me vinha à mente recorrentemente. Fui até a biblioteca da casa e procurei por livros em português, mas, com a cadeira, eu não consigo alcançar a maioria das prateleiras. Pedi auxílio ao Márcio, e todos os volumes que ele encontrava, separava em cima da mesa principal.

Passei a tarde toda folheando os livros, sem saber o que, efetivamente, procurava. Todavia, foi só quando estava me preparando para dormir que me lembrei do livro do Sidney Sheldon, o mesmo que estava lendo quando tentei me afogar na piscina, e o abri, tirando de dentro dele o bilhete não terminado de Eric.

Reli-o, já pensando que ele podia ter escrito para Liz e imaginei que eu tivesse feito algo para separá-los, que Liz, na verdade, deveria ser apaixonada

pelo Eric, e eu, por pura maldade... Contudo, percebi que não devia ter sido aquilo, pois eu me lembrava do beijo dela. Nós havíamos tido algo, e talvez tivesse sido apenas para afrontar meu irmão, e ela acabara descobrindo isso.

Naquela noite demorei a dormir, mas não estava com vontade de recorrer aos remédios. Queria estar bem para encontrá-la, para conversar com ela, tentar devagarinho entender o que houve no passado e o que estava acontecendo agora.

Saio de meus pensamentos e aviso a Márcio que terminei os exercícios por hoje. Ele me auxilia com as roupas em meu quarto, e tomo um banho. Deito-me na cama, esperando ansioso a volta de Liz.

Devo ter cochilado, porque, assim que ouço o barulho de um helicóptero se aproximando, desperto. Preparo-me o mais rápido possível, dentro de minhas condições ainda limitadas, e vou até a varanda.

Contudo, lembro-me que Liz foi de ônibus para o Rio, e ao ver o David descer do aparelho, sinto-me um tanto frustrado, mas então ela aparece também. Os dois sorriem de algo que conversam, e ele a toca nas costas, auxiliando-a a subir os pequenos degraus de pedra que levam para o caminho principal.

De repente ele diz algo que a faz ficar séria. Ela lhe responde, e ele parece surpreso, mas então sorri sem jeito e diz algo baixinho que a faz franzir o cenho.

É, definitivamente sou um sujeito ciumento, porque vê-los tão próximo, falando como amigos, sorrindo e vê-lo tocá-la, mesmo que para a auxiliar, não me agradou em nada e, conhecendo minha fisioterapeuta como já penso conhecer, ela não vai gostar nada de que eu demonstre esse sentimento.

— Bom dia, doutores! — cumprimento-os, fazendo Liz dar um pequeno pulinho de surpresa, pois não me havia visto.

— Bom dia, Thomas! Como está? — David se aproxima.

— Bem — respondo seco e encaro a Liz. — E o casamento, como foi?

Ela sorri para mim, o que faz meu coração disparar.

— Ótimo! Minha amiga estava linda, eu me acabei na festa de tanto dançar, foi perfeito.

Não digo nada, pois só penso no quanto eu gostaria de tê-la visto dançando e sorrindo. Bem, não nas condições em que me encontro agora, sem poder acompanhá-la! Olho em seus olhos castanhos e faço uma promessa para mim mesmo de, um dia, dançar uma noite inteira com ela.

— Eu preciso deixar minha mala no vovô — ela se despede. — Encontro-o daqui a pouco?

— Com certeza! — Sorrio.

Acompanho-a com o olhar, e David se senta ao meu lado na cadeira.

— Ela é incrível, não é? — ele comenta, e eu presto atenção a ele, percebendo que, na verdade, ele não fala comigo, apenas divaga. — Eu achava o

meu amigo um sortudo filho da puta por tê-la, mas agora confesso que estou com pena dele!

Amigo? A divagação do doutor começa a me interessar bastante!

— Por quê?

Ele parece se dar conta de que está conversando comigo e sorri sem graça.

— Desculpa, Thomas, assunto nada a ver.

— Pode falar sem problema! É bom conversar sobre outra coisa que não seja meu tratamento.

— Mas não é legal falar da vida dos outros pelas costas. — Ele suspira. — É só que, quando eu conheci a Liz, ainda era casado e, bem, tentava não notar o quanto ela era bonita e simpática. — Crispo a mão. — Mas notava! É difícil ignorar uma mulher com uma risada tão melodiosa e com um jeito tão "para cima". Então senti um pouco de inveja quando um médico amigo meu começou a sair com ela.

Liz namorando um médico!? Interessante.

— Ela ainda namora o tal médico? — tento parecer não muito interessado, mas ele está tão perdido em pensamentos que não nota nada estranho.

— Não, na verdade ela nunca assumiu a relação dos dois, apenas saíam juntos. — Ele respira fundo e se levanta. — Hoje vou acompanhar a sessão de fisioterapia de vocês e...

— O quê? — Irrito-me. — Por quê?

— Quero ver sua evolução! — fala como se fosse óbvio. — Eu tenho lido os relatórios da Liz e achado surpreendentes! Não que eu não acredite no que ela registra, pois sei o quanto ela é fantástica, mas...

— David? — o médico se surpreende quando o interrompo usando apenas seu nome. — Tente disfarçar, pelo menos — provoco-o, esperando – não, torcendo – para que ele negue. — Ela vai perceber que está babando.

Ele gargalha e começa a entrar na casa.

— Já não me importo com isso! — Fico sem ação, e ele continua rindo como se comemorasse. — Lamento pelo Fernando, mas agora ela está livre e eu também, então não há nada que me impeça de demonstrar a ela o que quero!

Puta que pariu, claro que há: *eu!*

Ele entra à procura dos enfermeiros, e me sinto bufar de raiva, querendo levantar da porra desta cadeira e olhá-lo como um homem, dizendo para tirar os olhos dela, porque é minha, e eu não vou perdê-la de novo, não vou!

Essa afirmação me surpreende, fazendo-me questionar de onde veio essa certeza e esse medo de não conseguir ficar com Liz. Eu tenho que fazer algo para provar a ela que pode confiar em mim, que não vou machucá-la novamente, que o que eu sinto, embora ainda não entenda, é real.

— Incrível, Liz, parabéns! — David a cumprimenta, e ela fica visivelmente sem jeito. — Acho que conseguiremos cumprir o prognóstico para que ele já caminhe com muletas.

— Thomas tem se esforçado muito, doutor Turnner. — Eu sorrio ao ouvir o tratamento formal dela. — Eu soube pelo Márcio que, mesmo em minha ausência, fez os exercícios de alongamento e respiração, o que me deixou bem feliz.

— Eu precisava de exercício — intrometo-me na conversa dos dois, deixando bem claro que estou aqui e ouvindo tudo. — Eu estava um tanto... frustrado e tenso.

Liz sorri e abaixa a cabeça, e eu comemoro por ela ter entendido o que se passava comigo. Meu corpo estava se voltando louco de insatisfação e, por mais que eu tenha me dado prazer sozinho, eu ficava duro e excitado apenas ao pensar em tê-la por perto novamente.

— Isso é bom, Thomas! — Ele me dá um tapinha nas costas como quem cumprimenta um cachorrinho que aprendeu a fazer xixi no lugar certo. Idiota! — Liz, depois que você acabar aqui, podemos conversar na biblioteca? Eu quero te passar umas...

— A Liz ficou de me exercitar na piscina hoje, David. — Ele me olha franzindo o cenho. — Claro que entendemos que você tenha algumas anotações a fazer e a transmitir ao meu pai, embora isso já seja irrelevante agora! Mas, enfim, ainda vamos demorar por aqui, não é? — pergunto a ela, que me olha como se soubesse que estou criando uma desculpa para ficarmos a sós.

— Sim. — Ela sorri para o médico. — Podemos conversar mais tarde?

O doutor leva algum tempo para responder, mas depois assente e – ainda bem! – se retira da sala.

Eu, ainda apoiado nas barras, sorrio malicioso para Liz.

— Esse médico está arrastando asa para você ou é impressão minha?

— Isso não é da sua conta! — ela declara, mas ri, vindo em minha direção. — E, para você saber, eu não gostei de você ter usado a sala sem minha supervisão. Te elogiei ante ao David, mas...

— David? Até há pouco era doutor Turnner!

Ela ri, e eu me viro, segurando a mesma barra com ambas as mãos, encarando-a.

— Ciúmes? — Levanta uma sobrancelha e dá um meio sorriso que, puta

merda, me deixa louco. — Tom Palmer com ciúmes?

— Não me chama assim! — Ela se surpreende, e eu também. — Esse era o nome que eu usava para o cinema; esse cara não existe mais. — Ela assente. — E sim, eu estou com ciúmes, já não deixei claro a você o quanto eu te quero?

O sorriso dela aumenta, e Liz se aproxima. Eu, juro, sinto como se estivesse sonhando ao ver o brilho nos seus olhos.

— Eu quero você, Thomas James, e também já lhe disse...

— “Mas”? — Esforço-me até ficar colado na barra e bem próximo a ela, rosto com rosto.

— Sem nenhum “mas”...

Nossas bocas se encontram furiosas, loucas de paixão, e eu quase caio ao tentar segurar-lhe a nuca. Ambos rimos.

— Eu odeio isso! — digo com a minha testa apoiada na sua. — Odeio não poder te levantar no colo e te levar para a cama, ou andar de mãos dadas com você ao pôr do sol, ou não poder dançar a noite inteira...

— Você vai pode fazer tudo isso. — Sorrio. — E nós vamos dançar, caminhar, e eu te deixarei me pegar no colo o quanto quiser!

— Você é incrível, Liz! Eu só tenho a agradecer por você ter voltado para minha vida. — Ela suspira, e eu a beijo mais uma vez, tentando afastar toda a sombra do nosso passado, tudo o que eu lhe fiz que lhe causou dor, querendo que ela somente se lembre do homem que está aqui com ela.

— Vamos para a piscina? — questiona-me ainda correspondendo aos meus beijos.

— Se eu te vir de maiô agora...

Ela gargalha, olha para minha bermuda de tecido fino e leve por causa dos exercícios e morde o lábio inferior.

Porra, essa mulher vai me matar!

Não foi fácil para mim dar um fim ao que eu tinha com o Fê, mesmo porque, ao deixar o apartamento dele naquela madrugada, eu sabia que também estava perdendo um amigo, porque ele é isso para mim, sempre o considerei um amigo, ainda que com alguns benefícios.

Todavia, eu já havia tomado uma decisão sobre minha vida, sobre o que eu faria com todos os sentimentos e sensações que estão me afetando ao me envolver com Thomas. Eu quero arriscar. Dessa vez tudo é diferente, porque somos mais maduros, ele passou por muita coisa e está reaprendendo a viver, e eu quero estar ao lado dele quando recobrar a memória e for assolado pelas coisas que fez.

Acho que não foi por acaso que ele veio se tratar aqui no Brasil e que eu

tenha entrado em seu caminho. Eu sinto que, de alguma forma, é certo que fiquemos juntos. Tudo o que aconteceu nos trouxe a este momento.

Não vou mentir para mim mesma e dizer que não tenho medo; tenho, sim, mas quero agarrar essa oportunidade com força e descobrir se a causa de eu nunca ter conseguido um envolvimento emocional foi por causa dele, por estar esperando-o mesmo que inconscientemente.

Eu tinha certeza de que o que senti no passado já não existia, mas vê-lo tão diferente, tão o homem que sempre sonhei que ele fosse, foi amolecendo o meu coração.

Na noite do casamento, eu dormi com o sol despontando no céu e só acordei depois das 2h da tarde, com os pés doendo, uma ressaca terrível e muita vontade de ligar para o Thomas e ouvir sua voz. Pensei seriamente em embarcar no primeiro ônibus que tivesse vaga para Angra, mas me obriguei a ir devagar, a não entrar de cabeça, porque eu não sou mais uma adolescente impulsiva.

Arrumei algumas coisas minhas no apartamento, fui até a casa do Guto – o meu amigo fisioterapeuta que foi mandado embora no mesmo dia que eu – e fiquei feliz ao saber que ele já está empregado novamente e seguindo a vida.

Fui comer em um restaurante japonês com mais duas amigas de faculdade que também foram madrinhas de Olívia, e compartilhamos nossas fotos e rimos juntas dos micos que cada uma pagou no casamento.

Na segunda-feira de manhã, antes mesmo de eu pegar um Uber para ir até a rodoviária, meu celular tocou, e o David me ofereceu uma carona de helicóptero para a ilha, o que eu fiquei feliz em aceitar.

Tentamos conversar dentro do aparelho, mas eu sinceramente não consegui me adaptar à barulheira produzida pelas hélices e o motor, mesmo usando abafadores. Então, somente depois que descemos na Raj, ele me perguntou da festa, pois Fernando havia comentado com ele sobre o casamento.

Contei que tinha sido lindo e que me diverti muito, e ele me indagou se o Fê e eu assumimos de vez a relação. Confesso que isso me deixou um pouco surpresa, porque David nunca foi muito de conversar sobre assuntos pessoais comigo, então neguei e lhe falei que decidimos ser somente amigos.

Eu estava afoita para ver o Thomas, para sentir o que meu coração ia mandar que eu fizesse estando frente a frente com ele, mas aí o David sussurrou algo que me deixou atônita.

— Sorte a minha, então...

Por um momento achei que não tivesse entendido, que tínhamos mudado de assunto e, pensando em Thomas a cada segundo, eu não tinha me dado conta. Porém, não, ele estava realmente se dizendo sortudo por eu não ter mais nada com o Fê. Nunca, nunca mesmo, pensei que ele tivesse algum tipo de interesse

em mim. Sempre foi discreto e sério no hospital e só veio a se soltar mais depois que passamos a trabalhar diretamente juntos.

Ainda pensando nisso tudo, principalmente no que acabou de acontecer com David, não consigo deixar de olhar para ele.

— Bom dia, doutores! — Thomas nos cumprimenta, mas eu ainda estou tão perplexa que acabo me assustando.

— Bom dia, Thomas! Como está? — David vai até ele, na varanda.

— Bem — é o que responde, desviando os olhos para mim. — E o casamento, como foi?

Hum... andou perguntando por mim? Sentindo minha falta como senti a dele?

— Ótimo! Minha amiga estava linda, eu me acabei na festa de tanto dançar, foi perfeito.

Ele continua me encarando, e noto David franzindo o cenho com a nossa interação. Decido, então, me distanciar, pelo menos enquanto o doutor estiver aqui.

— Eu preciso deixar minha mala no vovô. — Aceno para eles e me viro para o Thomas. — Encontro-o daqui a pouco?

— Com certeza!

Ele sorri como se estivesse aprontando algo, e meu coração pula como um cavalo xucro. Sinto uma felicidade enorme, e isso é um sentimento maravilhoso, diferente de tudo o que já senti.

Encontro meu avô do lado de fora da casa, concentrado em um conserto que está fazendo, mas ele para assim que me vê e me dá um abraço apertado.

— Não imaginei que fosse você! Estava aqui esperando a lancha passar para ir recebê-la.

— O doutor Turnner me deu uma carona no helicóptero que o trouxe. — Olho para seu trabalho. — Como está tudo por aqui?

— Bem, o de sempre... quer dizer, houve algumas situações inusitadas. — Sorrio e me sento para que ele conte. — Thomas Palmer. — Meu coração dispara ao pensar que vovô esteja desconfiado de algo ou que Thomas tenha lhe dito algo. Pareço novamente uma adolescente apaixonada pelo filho do patrão. A diferença agora é que Thomas parece corresponder. — Ele participou do jogo conosco na quinta e na sexta-feira.

Abro um sorriso.

— É mesmo?!

— É, sim. — Ele bufa. — Não sei o que pretende sendo simpático e atencioso com os empregados; nunca foi assim.

— Vovô, talvez ele tenha mudado!

Ele ri como se não acreditasse nisso.

— Não, há algo estranho aí, nessa história, eu sinto! — Pega minha mão. — Eu o observei, Liz, observei cada gesto dele e... — Estremece. — É loucura, esquece!

— Do que você está falando, vovô?

— Nada, minha filha, coisa de um velho supersticioso que...

— Ei, Liz! — Márcio me cumprimenta ao passar pela nossa casa vindo da praia. — Como foi a festa?

Olho para meu avô, mas ele volta a mexer na máquina que está arrumando, e eu, como já tenho que arrumar tudo para a fisioterapia do Thomas, vou ao encontro do Márcio.

— Foi ótima! Se você me esperar trocar de roupa, te conto tudo, inclusive trouxe bem-casados!

— Conseguiu me convencer, mas não demore!

Corro para dentro de casa, visto meu maiô preto bem-comportado, típico de natação e uma calça de linho preta por cima dele, pegando meu jaleco e levando-o na mão junto com os quitutes do casamento.

Entrego o doce ao enfermeiro – descubro que adora doce de leite –, e vamos juntos em direção à casa.

— Ele fez exercícios durante os dias em que você ficou fora!

— O quê? Márcio, ele podia ter se machucado! — repreendo-o, preocupada.

— Ele não usou nenhum aparelho, só ficou no colchão movimentando as pernas, o tronco e fazendo, segundo ele, exercícios de respiração. A única coisa que usou foram aquelas almofadas que parecem triângulos e a bola de pilates, mas fez muito abdominal.

Assinto, mais aliviada, mas ainda disposta a ter uma conversinha com Thomas sobre se exercitar sem acompanhamento. Rio ao pensar que ele está se esforçando para recuperar os movimentos e a mobilidade. Eu sei que ele está louco para deixar a cadeira de rodas e passar para as muletas, como sei também que, quando estiver com elas, vai se empenhar para deixar de usá-las.

É bom e reconfortante ver um paciente motivado a melhorar, isso influencia positivamente o tratamento, mas confesso que, nesse caso, sinto orgulho de saber o quão empenhado ele está.

Antes de entrar na *fisio*, encontro-me com o David vindo ao nosso encontro e me sinto um tanto constrangida com o seu olhar para a parte de cima do maiô, exposta.

— Eu vou acompanhar a sessão hoje.

É como se ele me desse um banho de água fria ao me dizer isso, pois eu

esperava poder conversar com o Thomas, beijá-lo, senti-lo... mas paciência.

Foi incômodo ter alguém nos observando enquanto eu tocava Thomas e ele me olhava de um jeito que fazia minha pele ficar arrepiada. Passei a não mais encará-lo e, quando por fim ele passou a caminhar nas barras, senti alívio pelo fim da tortura.

Depois o que se seguiu, a confirmação de que, sim, ele me deseja de verdade, foi incrível e maravilhosa!

Suspiro ao afastar esses pensamentos deliciosos e bato à porta da biblioteca. David me manda entrar.

— Algum problema com meus registros, doutor?

Ele está sentado na beirada da mesa de madeira de Bill Palmer.

— Não. Sente-se, Liz, quero conversar com você. — Estranho o tom usado, mas faço o que ele me pede. — Eu sei que incentivei que usasse o conhecimento que vocês tiveram no passado para fazer Thomas confiar em você e, consequentemente, te deixar tratá-lo, mas acho que as coisas estão fugindo ao controle e estou preocupado.

Sinto-me tremer ao entender do que ele está falando.

— Eu...

— Liz, não sou cego! Vi o modo como ele te olha, como tenta te tocar a todo instante, e isso não é bom! Você precisa impor limites a ele. Mesmo sentindo pena, é necessário. Thomas está acostumado a esse tipo de atitude com as mulheres, sempre foi atirado assim e, como era considerado um galã de Hollywood, se achava no direito de fazer o que quisesse. Ele não sabe receber um não!

Respiro fundo, aliviada por ele não ter percebido *o meu* interesse pelo meu paciente, mas também com raiva por ele, primeiro, achar que eu sinto pena do Thomas e, segundo, julgá-lo pelo modo como ele agia no passado.

— Não se preocupe, doutor, está tudo sob controle. — Arrumo-me na cadeira. — Sobre os relatórios...

— Estão perfeitos, Liz, e eu a elogiei sinceramente!

— Que bom! — Ponho-me de pé. — Eu vou para a casa do meu avô, descansar um pouco e estudar também. Trouxe uns livros...

— Tudo certo, vai lá! — Eu me viro para sair, mas ele me chama. — Desistiram do exercício na piscina?

Fecho os olhos, pensando na mancada que foi pelo menos eu não ter me

jogado dentro d’água.

— Pois é, Thomas ainda é um medroso, apesar de sua evolução.

David gargalha.

— Os exercícios aquáticos são importantes, tente forçá-lo um pouco.

Eu sorrio, sem graça por causa da mentira.

— Pode deixar, eu vou!

Despeço-me de novo e corro para a casa do vovô, esperando atentamente ouvir o helicóptero indo embora para, só então, ir ao encontro de Thomas.

— O filho da puta não ia embora nunca! — Thomas me diz entre beijos. — Eu já estava a ponto de chutar a bunda dele para fora da ilha, mas aí lembrei que ainda não consigo fazer esse movimento. — Encara-me. — Você tem que me ensinar urgente!

Eu gargalho, sentada no seu colo na cadeira de rodas, dentro do quarto dele.

— Estou me sentindo adolescente de novo, e isso não é bom — comento. Ele ergue a sobrancelha, duvidoso. — Mentira, é sim! O perigo de ser descoberta sempre causa mais emoção.

Ele lambe meu pescoço e logo em seguida o morde levemente, e eu sinto seu pênis pulsando contra minha bunda. Contorço-me em seu colo, e ele geme, passando as mãos pelas minhas costas, apertando-me, afagando-me.

— Vamos para a cama, Thomas — sussurro em seu ouvido.

— Tem certeza? — Ele parece inseguro, e eu estranho. — Da última vez que tentei acessar seu corpo...

Eu suspiro e concordo, lembrando-me do pânico que senti na semana passada. Contudo, eu não posso deixar que isso me bloqueie, eu preciso confiar nos meus instintos e no que ele demonstra sentir por mim.

— Vamos deitar e conversar. — Ele assente, e eu saio do seu colo e me deito em sua cama, esperando-o fazer o mesmo. Ele tira os pés do apoio na cadeira e os põe no chão, em seguida, com a ajuda dos braços, levanta-se e se senta na cama. Eu fico olhando-o admirada pela perfeição dos seus movimentos, sabendo, como profissional, que muito em breve ele conseguirá se manter de pé. — Adoro ver o quanto você já melhorou. — Ele me abraça, e eu me aconchego encostando a cabeça em seu peito. — Já está recobrando sua força física e seu peso perdidos desde que perdeu a consciência.

— Mas estou longe de estar como era antes. — Eu o olho, tentando saber se ele se lembra de como era seu corpo antes do acidente. — Eu vejo fotos, Liz!

Rio e me deito novamente.

— Você posou seminu para uma revista e, na época, todas as mulheres do hospital ficaram loucas.

— O que você achou?

— Não vi. — Ele ri. — Eu não suportava...

Ficamos mudos por um instante, cada um com seus pensamentos, pois ele e eu sabemos o final dessa frase.

— Eu era apaixonada por você. — Escuto-o gemer e me apertar mais forte. — Loucamente apaixonada como qualquer garota inexperiente sentindo seu primeiro amor.

— E eu? Retribuía ou...

— Nem em sonho! Primeiro, eu achava que você nem me percebia, depois você passou a me tratar com deboche e... — Sinto-o me apertar mais, como se isso doesse nele. — Quer que eu pare de contar?

— Não, por favor. Eu preciso saber o que fiz naquela época e, eu juro, Liz, vou passar a vida inteira compensando-a por isso.

Eu o beijo, sentindo a sinceridade de suas palavras.

— Quando eu estava prestes a fazer 18 anos — ele geme e nega, mas eu confirmo. Sim, eu era quase uma menina! —, eu achei que você fosse me notar, notar como eu já me parecia uma mulher!

— Era cego se não notei, porque você já devia ser linda como é hoje!

— Não, não notou e também nunca me achou bonita! Dizia que eu era “escurinha demais” para o seu gosto.

— Babaca! — Ele beija meu ombro e passa a mão sobre meu braço. — Eu amo sua cor, seu bronzeado, seu cabelão que parece uma juba de leão... — Eu bato nele, que ri. — Você é toda linda, Liz, por dentro e por fora.

A sua boca toma a minha cheia de desejo, molhada, passando sua língua intensamente contra a minha, sugando-a às vezes e, em todo o tempo, ele me abraça apertado, protegendo-me, consolando-me ou apenas tendo a certeza de que eu não irei para longe.

Levanto a camisa dele, passando a mão sobre seu abdômen de pelos curtos, subindo em direção ao seu peitoral, sentindo seu calor e como um simples toque deixa a sua pele arrepiada e seus músculos trêmulos de tesão.

Ele me solta e levanta os braços, e eu retiro a camisa e começo a dispensar beijos pelo seu corpo, sentindo o cheiro de seu sabonete e do seu perfume. Conforme o beijo, vou abrindo meus lábios e saboreando a sua pele, lambendo-a devagar, fazendo um caminho molhado no seu abdômen, circundando seu umbigo com minha língua.

Thomas geme e me segura pelos cabelos, contorcendo-se, movimentando

levemente seus quadris. Então eu o toco ainda por cima da bermuda. Sinto a dureza do seu membro, quente, pulsante e perfeito.

— Se você continuar a me enlouquecer assim, não vamos conseguir conversar — avisa-me ao mesmo tempo em que aperta minha mão contra seu pênis. — Você não tem ideia do quanto eu desejei sentir seu toque, sua boca, seu corpo...

— Eu estou aqui. — Enfio minha mão dentro de sua bermuda e gemo ao sentir seu membro quente. — Eu sou toda sua!

Thomas segura minha nuca e me puxa para cima de seu corpo, devorando minha boca com vontade enquanto minhas mãos continuam tocando-o, explorando toda a sua suavidade, umidade e dureza. Retiro-o de dentro da roupa, sentindo toda sua extensão, tocando-o da cabeça à base, sentindo o sangue preenchendo-o por dentro e o deixando cada vez mais ereto.

Eu me afasto de seu beijo e olho para minha mão, admirando a perfeita simetria, a cabeça rosada brilhando com sua excitação enquanto eu o movimento para cima e para baixo.

— Se despe para mim — ele me pede. — Me deixa te ver inteira.

Sorrio e me levanto, ficando em pé na cama. Ele ri da minha atitude exibicionista, mas eu sou assim mesmo, não tenho vergonha do meu corpo, pois, se eu não gostar dele como é, ninguém mais o fará. Tiro a regata, que coloquei de propósito, pois, como tem forro, dispensa o uso de sutiã.

— Você é muito... — ele se masturba olhando para mim — gostosa! — Eu rio e tiro o short, ficando apenas com uma calcinha branca de renda, minúscula. — Sua intenção era me matar? Porque vai conseguir... — Ele se senta e agarra minhas pernas, lambendo minha coxa, subindo em direção ao meu sexo. — Seu cheiro é viciante!

Thomas segura minha nádega enquanto passa a língua pela parte interna da minha coxa, perto da virilha. Eu simplesmente fecho os olhos, apoiando uma das mãos de leve em sua cabeça e com a outra massageando meu seio, gemendo como louca com as carícias dele.

Sinto-o tirando a minha calcinha devagar, reverente, descobrindo pedaço a pedaço de minha pele e beijando cada parte exposta. Quando, enfim, sinto-a cair sobre meus pés, dou alguns passinhos para me liberar dela, e Thomas aproveita para me puxar para cima dele, deitando-se contra os travesseiros e me segurando pelos quadris na altura de seu rosto.

Quase deliro ao sentir o primeiro toque de sua língua, somente a pontinha dela, sobre meu sexo. Thomas parece degustar devagar, sentindo cada detalhe dele, cada textura, cada sabor. Apoio as mãos na cabeceira da cama, ajoelho-me com sua cabeça entre minhas pernas e solto meu corpo, rebolando em sua boca.

Isso parece animá-lo, e ele abocanha meu sexo, sugando-o com desejo e vontade, fazendo-me arfar e arquear o corpo. Sua língua me penetra, sai, ele suga meu clitóris, e ela volta a me penetrar. Thomas faz isso tantas e tantas vezes que eu já me sinto a ponto de gozar, e ele, parecendo notar isso, chupa-me mais forte, levando-me ao céu.

Encosto a testa na madeira fria da cabeceira, tentando controlar meus gemidos enquanto sinto meu sexo se encharcar de tesão na boca de Thomas. Quando a sensação passa, eu tenciono sair de cima dele, que me segura e volta a fazer tudo de novo e de novo, até que eu grite, sem poder me conter, mexendo os quadris, balançando a cama.

Praticamente caio, deslizando sobre seu corpo, com a respiração agitada e o coração na boca. Encaro-o com um enorme sorriso satisfeito nos lábios, mas o encontro sério, olhando-me profundamente.

— Eu me lembro do seu gosto. — Arregalo os olhos. — Me lembro de ter você assim, entregue, gozando. — Fico tensa ao ver o seu olhar longe. — Me lembrei de sentir cheiros diferentes, de graxa ou óleo, não sei bem...

Começo a tremer, tendo a certeza, por esses últimos detalhes, de que ele realmente se lembra.

— Liz? O que eu fiz a você?

Fecho os olhos, e ele me abraça apertado.

— Não foi à força. — Sinto-o aliviado. — Eu quis e desejei que acontecesse, insisti para isso.

— Como? Como, se você me disse que eu a ignorava...

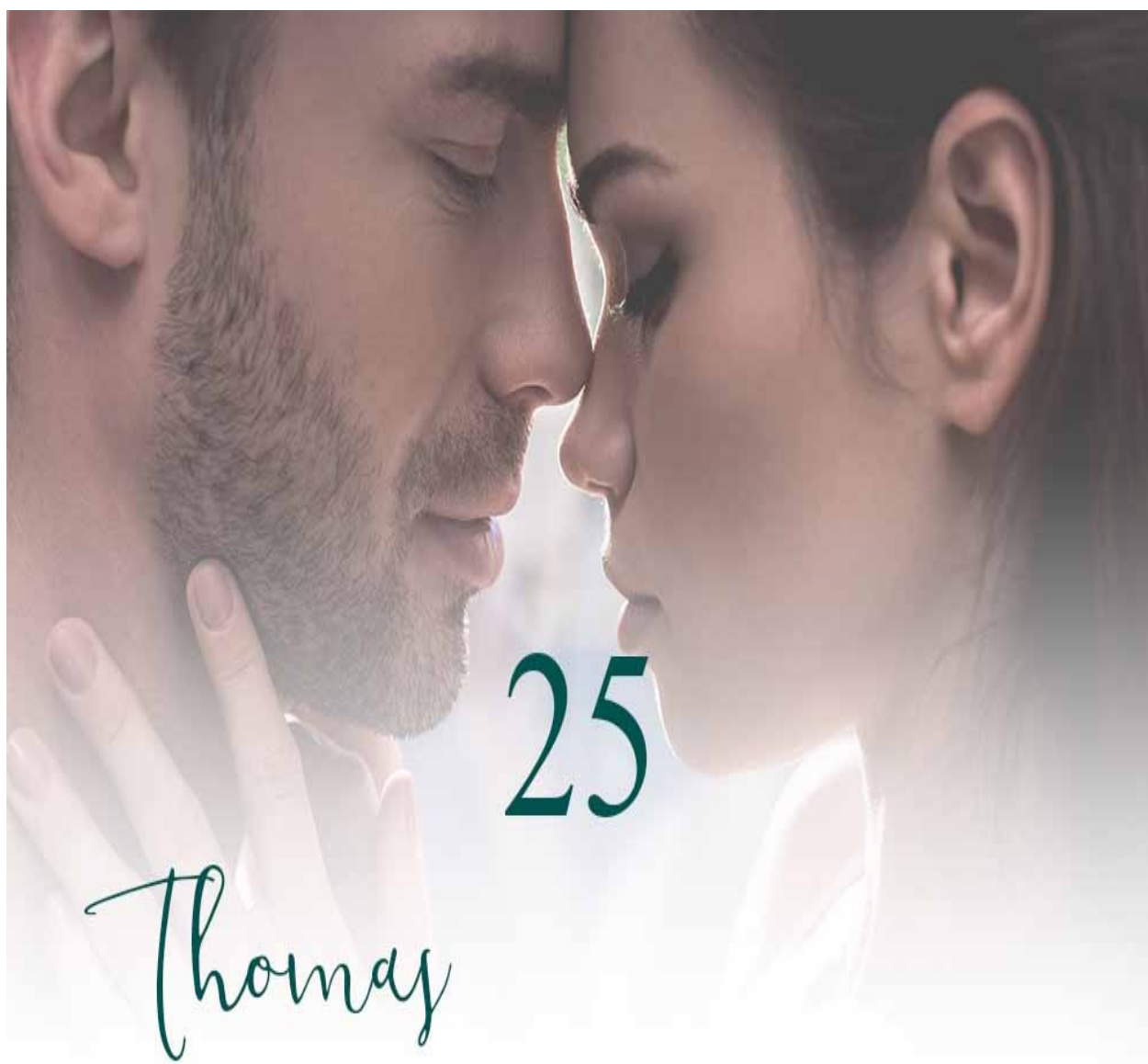
— Uma brincadeira. — Thomas segura o fôlego. — Era só uma piada, uma... *trepada* com a neta do caseiro que vivia te dando mole. — Eu sempre tive dificuldade de dizer essa palavra, pois sempre me remetia a esse momento, em que a ouvi pela primeira vez. — Mas, quando você percebeu que eu era virgem...

— Desgraçado! — Ele me aperta contra seu peito, e eu choro. Choro pela primeira vez, sendo consolada pelo próprio homem que me fez tão mal, pelo causador das minhas lágrimas. — Me perdoa, Liz. Eu sou um porco desgraçado!

— Não! — Eu o olho. — Você não é mais aquela pessoa, Thomas. Diz para mim que...

— Eu amo você, Liz.

Estanco ante a declaração, tudo o que sempre sonhei ouvir dele, o que eu estava esperando até esse momento durante toda a minha vida. Thomas segura meu rosto, e nossos olhares se encontram. Os olhos verdes dele brilham com lágrimas que ainda não caíram, mas que vão descer a qualquer instante, e eu tenho a certeza de que ele está dizendo a verdade.

— Eu amo você!

— Eu amo você, Thomas. Sempre amei!

Ouvir essas palavras, mesmo depois de tudo que ela me revelou, do quanto eu a machuquei e fui um verdadeiro canalha é libertador, é como se algo dentro de mim se sentisse, pela primeira vez, inteiro, completo.

Sinto-me ainda estarrecido pelo modo que a tratei, sem entender como pude agir daquela forma. *Uma piada*, ela disse, mas por que a sensação que eu tenho é de que não foi isso? Por que sinto que há mais nessa história do que ela me conta ou do que consigo lembrar?

Quando eu a ouvi dizer que eu não era mais aquele homem, meu peito transbordou de felicidade como se, pela primeira vez desde que acordei do maldito acidente, alguém conseguisse me ver de verdade.

Eu a amo, não tenho dúvidas disso! Pode parecer repentino, impulsivo ou mesmo que é por eu estar passando por este período difícil da minha vida, mas tenho certeza de que o que sinto por ela é algo profundo e sincero. Talvez eu já a amasse desde aquela época em que a humilhei. Talvez eu só fosse um garoto inseguro e revoltado e que, por isso, fiz o que fiz.

Odeio não ter lembranças, agora mais do que nunca. Eu quero estar inteiro para viver este sentimento, satisfeito em saber que Liz sente o meu amor e que ele é retribuído na mesma medida. No entanto, ainda há sombras dentro de mim, algo que parece à espreita e que aguarda o momento certo para vir à tona e destruir toda a felicidade que estou sentindo.

Liz me encara, seus olhos castanho-dourados fixos nos meus, mostrando uma vulnerabilidade que nunca enxerguei nela, despertando em mim a vontade de apertá-la bem forte em meus braços e garantir que tudo ficará bem. E eu o faço, recebendo um sorriso melancólico de volta.

— O seu amor é importante para mim — confesso sem olhá-la. — Sinto que ele tem o poder de me tornar um homem inteiro outra vez. Aqui. — Aponto para o meu peito. — Eu queria poder lhe garantir que nunca mais você derramará uma só lágrima por minha causa, mas eu não posso. — Ela assente. — Ainda há muita coisa dentro de mim a ser descoberta, e eu sinceramente tenho medo.

— Eu vou estar sempre ao seu lado, Thomas, se você quiser.

Beijo sua testa, e ela deita a cabeça no meu peito.

— É o que eu mais quero na vida, nunca mais perder você!

Ela se levanta e me beija, um simples roçar de lábios, mas suficiente para me demonstrar o seu amor, carinho e apoio. Eu a seguro pela nuca e a beijo com mais intensidade, brincando com a sua língua, fazendo-a se contorcer.

Sinto suas mãos deslizando pelo meu corpo e, por fim, se fechando ao redor do meu pau. Gemo em sua boca enquanto ela me toca devagar e firme, passando sua mão por toda a extensão do meu membro até brincar com a umidade que sai de sua ponta, espalhando-a nele todo, deixando a masturbação mais gostosa e escorregadia.

— Eu não tenho camisinha, Liz... — aviso me lembrando desse fato.

Ela ri, sexy e safada, rolando para fora da cama, alcançando sua roupa e tirando do bolso de trás de seu short uma embalagem cinza. Gargalho quando ela a abre e tira um display com três invólucros de preservativo.

— Imaginei que você não teria. — Volta para a cama, já rasgando o primeiro saquinho. — E, de onde veio essas, tem muito mais!

— Mulher prevenida! — Sento-me e a pego pelo rosto, beijando-a cheio de tesão. — Coloca em mim.

Liz sorri de um jeito, como o gato que comeu o rato, e, em vez de simplesmente desenrolar a proteção sobre meu pênis, começa a trilhar um caminho de beijos pelo meu tronco, fazendo com que eu me deite novamente para sentir sua boca quente e molhada indo cada vez mais para baixo.

Quando por fim ela chega ao local mais pulsante e quente da minha anatomia, lambe-o como se fosse uma sobremesa apetitosa, arrancando-me gemidos sem fim. É uma tortura deliciosa e, como não tenho nenhuma lembrança sobre isso, é como se fosse a minha primeira vez nisso, é como se ela fosse a primeira mulher a me dar prazer.

Fecho os olhos, sentindo as carícias que ela faz, mas abro-os assim que ela me engole por completo, sugando com força ao tirar meu pau da sua boca. A mão livre, que não segura a camisinha, acaricia minha virilha e desce vez ou outra até minhas bolas, tocando-me em pontos que me fazem arrepiar de tesão.

— Liz... — imploro clemência, com medo de acabar não aguentando e não conseguir estar dentro dela. Eu quero estar dentro dela!

Como se ouvisse essa minha afirmação, sinto a proteção sendo deslizada em mim, apertando, cobrindo, isolando. Os beijos que ela continua distribuindo em meu membro ainda são deliciosos, mas, com a perda do contato, ficaram mais leves, dando-me tempo para me recompor e refreando a enorme vontade que estou de gozar.

Ela sobe em mim, pernas abertas, uma de cada lado do meu corpo, e ainda há esse sorriso matreiro e um brilho sedutor no seu olhar.

— Pronto?

Rio e aponto para meu pau, que balança sozinho, tamanho o tesão que estou sentindo agora.

Ela o pega com uma das mãos e o posiciona em sua entrada, mas, quando penso que vou poder me afundar em seu corpo, sinto-a brincando com ele, passando-o para frente e para trás em si mesma, demorando mais tempo no clitóris, depois brincando com seus lábios.

— Liz...! — imploro novamente, desesperado. Caramba, essa mulher tem que me torturar até na hora do sexo?! — Liz!

Ela ri jogando a cabeça para trás, segura de estar no controle da situação. Ledo engano! Sento-me com um movimento rápido, orgulhando a mim mesmo pela destreza, e a seguro pelos quadris, forçando-a a me receber por inteiro, até o fundo. Ela geme gostoso, e encosto meu rosto na curva de seu pescoço, deliciado, deleitado, desesperado por ela.

Liz assume o controle novamente, mexendo-se, rebolando ou apenas se esfregando em mim, que ainda estou agarrado a ela, completamente embevecido pelas sensações que estou experimentando, como se fosse minha primeira vez.

Não há nenhuma recordação que se assemelhe ao que estou sentindo agora, nada! Inspiro o cheiro de sua pele, abro minha boca e começo a arrastar meus lábios pelo seu pescoço, gemendo, enquanto ela se mexe e remexe em cima de mim.

Procuro sua boca, mas, antes que eu a alcance, ela aproveita a distância que tomei de seu corpo e me empurra para o colchão e, puta que pariu¸ a visão que tenho agora é quase uma pintura. Olho para onde nossos corpos estão conectados, vendo meu pau aparecendo e sumindo dentro dela.

Seguro-a pela cintura, deslumbrado pela movimentação de seu corpo, por suas coxas travadas nas laterais de meus quadris, seu corpo perfeito recebendo o meu. Ela se inclina sobre mim, e eu aproveito para lhe tocar os seios lindos, de mamilos escuros, duros de desejo.

Sua pele se arrepia inteira, e ela cavalga em mim como uma verdadeira amazona, minha Mulher Maravilha! Fecho os olhos diante de todas as sensações que me acometem, misturadas com todos os sentimentos revelados nesta noite, fazendo amor pela primeira vez com a mulher que eu amo.

Eu gostaria de poder ter mais controle sobre meu corpo, de girá-la na cama e meter com força dentro dela, mas ainda não sei se consigo me manter nessa posição pelo tempo necessário, o que me frustra um pouco, mas não apaga em nada o que sinto neste instante.

Sinto minha virilha encharcada e sei, por causa da camisinha, que toda essa lubrificação não vem de mim, e sim da mulher insaciável e incrível que se movimenta como uma deusa sobre meu pau. Meu corpo inteiro esquenta, meus batimentos cardíacos disparam, e uma sensação que é como dor e satisfação ao mesmo tempo sobe desde a ponta dos meus dedos dos pés até alcançar o membro estimulado.

Começo a mexer os quadris freneticamente, plantando a sola dos meus pés na cama, tomando impulso para fodê-la. Liz para seus movimentos e geme alto quando sente o que estou fazendo, apoiando-se com ambas as mãos em meu peito enquanto soco com força, desesperado por uma libertação, por um prazer que desconheço.

E, quando ele chega... *Ah!* Sento-me novamente e a seguro bem forte contra mim, gozando, sentindo minha pele se arrepiar e ficar molhada de suor, deliciando-me com os gemidos dela também.

— Isso é... — não tenho fôlego para terminar a frase, e ela ri com a cabeça apoiada em meu ombro. — Incrível!

Voltamos a nos deitar, abraçados, com meu pau ainda dentro dela.

— Tem certeza de que trouxe o suficiente? — pergunto, e ela me olha sem entender. — Camisinhas... tem certeza de que tem o bastante?! Porque eu quero

isso o dia todo!

Ela gargalha e balança a cabeça.

— Despertei um monstro!

Eu rio junto com ela, sentindo que a vida não pode ser mais maravilhosa!

Liz dorme tranquilamente, embolada nos lençóis, ainda nua na minha cama. Eu, depois de ter apenas cochilado, despertei e não mais consegui fechar os olhos, admirando-a, velando seu sono, pensando na porra de homem sortudo que sou por ela me amar.

Deus sabe que não mereço esse amor, não mesmo, não depois do modo como a tratei, como tratei os outros, minha própria família, meu irmão.

Sento-me na beirada do colchão, louco para poder andar até o banheiro, mas ainda não posso fazer isso e, portanto, puxo a cadeira de rodas para perto da cama. O calor de dezembro é de matar, e o ar-condicionado, embora ligado, parece que não está conseguindo lutar contra a alta temperatura. Eu preciso pedir ao caseiro – o avô da mulher que dorme na minha cama – que veja o que está acontecendo.

Esta situação me faz pensar em como vamos lidar com o que estamos fazendo, se Liz irá querer deixar às claras para todos que estamos juntos e apaixonados ou, se – por causa da relação profissional que ainda temos e que teremos por mais alguns meses – ela vai querer ficar tendo encontros clandestinos, embora facilmente descobertos, afinal, estamos em uma ilha, e o fato de ela não dormir na casa do avô não vai passar despercebido.

— Tom? — Sinto uma sensação ruim quando ela me chama assim, mas não digo nada. — Que horas são?

Viro minha cadeira, vendo-a despenteada, sonolenta e perdida.

— São quase 7h da manhã.

Liz arregala os olhos e se levanta de um só pulo, nua, fazendo com que minha ereção matinal fique ainda mais evidente.

— Ai, meu Deus, não era para eu ter dormido aqui! — exclama desesperada, recolhendo as roupas pelo chão do quarto. — Meu avô já deve ter acordado e...

— Liz — chamo-a com tom de voz sério, e ela para o que faz e me olha. — Como vamos lidar com essa situação? Eu não quero fazer isso escondido, como se tivesse vergonha do que sinto.

Ela se senta e respira fundo.

— Nem eu, mas precisamos ir devagar, Thomas. Eu preciso de tempo para conversar com meu avô, porque ele vai surtar um pouco e...

Ah, sim! Eu já senti a reprovação na voz, nos olhares e no jeito como o senhor Paulo Castro me trata. Definitivamente o homem não gosta de mim e não faz nada para disfarçar isso.

— Ele sabe o que houve? — Ela nega. — Então ele só não gosta de mim.

— Quase ninguém gostava, Thomas. — Eu assinto, mas ainda me sentindo um perfeito idiota pelo modo como tratava as pessoas e como desperdicei anos acumulando inimizades. — Mas todos já perceberam o quanto você mudou!

— Menos ele. — Ela não responde, mas fecha os olhos e respira fundo. — Ele acha que eu não mudei.

— Ele acha que você está interpretando um papel. — Eu sorrio, triste. — Ele acha que você quer...

— Viver a vida do meu irmão. — Ela concorda, e sinto meu coração se apertar, porque já conversei sobre esse assunto com a doutora Lídia e ela me disse que sim, que a mente é capaz de criar uma realidade alternativa quando muito pressionada ou transtornada. — Eu não estou fazendo isso, Liz. — Decido ser totalmente sincero com ela: — Pelo menos não conscientemente.

— Eu sei. Eu pesquisei um pouco sobre traumas, mas acredito que não é o seu caso. Você não tem alucinações e não se comporta como se quisesse a vida do Eric... é só diferente do que você era antes.

— Eu entendo a preocupação do seu avô, porque é a minha também. — Aproximo-me dela. — Eu amo você de verdade, Liz, mas nós não sabemos o que poderá ocorrer depois que eu recobrar a memória.

— É um risco que eu aceitei correr! — Ela pega na minha mão. — Eu acredito que você não é aquele homem, e é com essa fé que decidi viver o que sinto sem pensar em mais nada.

— Obrigado por confiar em mim, mesmo eu não sendo digno disso. Eu amo você e, independentemente do que eu me lembrar, espero que você ainda continue me amando.

— Sempre, Thomas, sempre vou amar você.

Puxo-a para mim, fazendo-a sentar-se sobre meu colo e a abraço com força, sentindo-me o homem mais sortudo sobre a face da Terra por tê-la ao meu lado.

Tento entrar pé ante pé na casa do vovô e sinto alívio ao ver que ele já não está em nenhum cômodo, assim vou correndo para o meu quarto tomar banho e trocar de roupa, colocando o maiô com a calça de ginástica e pegando meu jaleco para mais uma sessão de fisioterapia com Thomas.

Tenho pregado em minha cara um sorriso bobo, como se fosse uma maldita adolescente, e lembranças da noite passada invadem minha mente, fazendo minha pele arrepiar e eu sentir vontade de correr de volta para aquele quarto.

A sensação das mãos, da boca, do corpo dele nos meus, tudo é incrivelmente perfeito. Eu não sou uma mulher inexperiente, já tive minha quota de homens gostosos e que sabiam dar prazer a uma mulher, mas nunca tive esse envolvimento. É mais do que apenas tesão, é mais do que pele, é amor.

Amarro meus cabelos me lembrando de como, durante um bom tempo depois que caímos exaustos após o gozo, ele ficou enrolando os dedos nos meus cachos, brincando com os meus fios de cabelo, elogiando a maciez e a beleza da minha *juba*, como ele apelidou.

Eu me derreti com isso, porque amo me manter assim, ao natural, mesmo que às vezes – para mudar ou para alguma festa – eu alise as madeixas com escova, mas sou louca pelos meus cachos e pelo volume do meu cabelo. Thomas deslizava as pontas dos dedos por toda a extensão da minha coluna, rindo ao ver minha pele arrepiar, beijando meus mamilos eriçados de puro prazer.

Passamos boa parte da noite assim, entre carinhos e safadezas, ora apenas abraçados, ora retribuindo prazer. Eu descobri que, independentemente de ele não se lembrar de suas experiências anteriores, Thomas é completamente viciado em sexo oral. O homem demonstrou uma habilidade e uma destreza para me fazer gozar assim que eu tive que implorar várias vezes para ele parar, porque já não conseguia manter meus músculos firmes e estava extremamente cansada.

Depois ele me disse da frustração de não poder *me foder* do jeito que ele tinha vontade, e eu lhe garanti que falta pouco, em breve nós começaremos os treinos com andadores e muletas e assim ele conseguirá maior estabilidade.

Eu não esperava dormir tanto, mas, levando-se em consideração que paramos de nos tocar já com o dia amanhecendo, não poderia ter outro resultado.

Saio do quarto cantarolando baixinho *Só Você,* do Fábio Júnior e quase morro do coração ao ver o meu avô parado na sala com braços cruzados no peito. Ai, merda!

— Bom dia, vovô! Que susto o senhor me deu aí!

Ele me olha sério, seus olhos castanhos me avaliando, seu corpo todo grandalhão – como sempre foi – parado na porta da casa.

— Onde você estava, Analiz?

Pensa em algo, garota! Eu sei que não sou mais uma garotinha, mas, pelo amor de Deus, é o meu avô, e eu não tenho cara de falar para ele que passei a noite inteira na cama com Thomas, não dá! Além do mais, preciso ir devagar com ele, contar aos poucos sobre nosso envolvimento, porque eu sei o quanto vovô é desconfiado das intenções dele.

— Eu fui ler na biblioteca e acabei pegando no sono...

— Gostava mais de quando você era sincera comigo — ele diz como se fosse uma mera constatação, mas ouço a decepção em sua voz. *Ai, Liz, que mancada!* — Eu não vou me meter em sua vida, filha. Você é dona do seu nariz há muito tempo, só espero que saiba em que está se metendo.

Fecho os olhos, completamente desarmada com isso.

— Eu gosto dele, vô.

— Eu sei, isso não é novidade para ninguém. — Rio, constrangida. — O que me preocupa não é só o que você sente por ele, mas sim o que *ele* sente e o quanto consegue ser sincero contigo.

— Thomas não é mais o mesmo — justifico.

— É, parece que não é, mas, filha, até quando? Por mais que ele esteja sem memória, ainda continua possuindo o mesmo caráter. Isso não muda, Liz.

Não respondo, mesmo porque nem Thomas sabe sobre isso. No entanto, eu decidi confiar, mesmo porque já o amo, e, se não der certo, se, ao se lembrar, ele voltar a ser o babaca de antes, eu vou cair fora. Lembro-me dos conselhos de Olívia sobre isso, da história de sua mãe, assassinada por um companheiro que – mesmo maltratando-a e batendo nela – prometia mudança, e ela acreditava nele.

Minha amiga era apenas uma adolescente quando isso aconteceu. Ela morava com o pai e com a madrasta, a quem ela considera como mãe, pois seus pais se separaram quando ela era ainda um bebê, e Olívia ficou um tempo, até os três anos de idade, morando com sua mãe biológica, mas depois seu pai conseguiu obter sua guarda na justiça, e a menina via a mãe esporadicamente.

Ela me contou que a sua mãe era uma mulher linda, inteligente e lutadora, mas que infelizmente, depois do divórcio, não conseguiu ter um relacionamento que prestasse. Ela se apegava rápido e, quando os caras caíam fora, mergulhava logo em outro relacionamento para curar a dor. Olívia acha que havia em sua mãe uma carência tão grande de amor que ela aceitava qualquer coisa, qualquer migalha de sentimento, e os homens, apercebidos disso, usavam essa situação contra ela mesma.

Eu prometi à minha amiga e a mim mesma que, se por algum motivo o relacionamento com Thomas for por um caminho que me faça sofrer mais do que ser feliz, eu abrirei mão dele. Eu sei que, na prática, isso nem sempre é fácil de se fazer, mas preciso acreditar que cumprirei com as promessas que fiz.

— Me desculpe por ter mentido, eu estava constrangida por...

Ele ri.

— Você tem 28 anos, minha filha, e eu acompanho o mundo, embora viva aqui. — Rio sem jeito. — Só tome cuidado, viu?

Eu sorrio e o abraço, agradecendo-lhe por ser o avô mais fofo deste mundo!

Ainda há questões a tratar sobre o assunto, principalmente com o doutor Turnner, mesmo assim, sabendo que não preciso mentir para vovô e que posso, sim, mostrar o quanto estou feliz, sinto um enorme alívio.

O que estou vivendo com Thomas agora é a realização de um sonho, é tudo o que sempre sonhei, mesmo tendo dito a mim mesma que eram fantasias de uma adolescente apaixonada, por isso quero me dar todas as oportunidades de curtir ao máximo este momento e ser feliz.

Entro na sala de fisioterapia minutos depois e o encontro lá, em pé, segurando em uma das barras de exercício.

— Thomas! — repreendo-o, mas rio, sabendo o quanto ele quer ficar de pé novamente.

— Eu tenho pressa em melhorar, Liz. — Rio de seu desespero, já preparando os equipamentos para começar a sessão. — Eu quero poder dançar com você no Ano Novo.

Balanço a cabeça.

— É muito cedo ainda para isso, talvez de muletas. — Pisco, e ele bufa, frustrado. — Se não tivesse bancado o reclamão desde o começo, já estaria usando-as e, quem sabe, dando alguns passos comigo no final do ano, mas agora... — ele me olha ansioso — só no Carnaval — brinco, e ele geme.

Aproximo-me dele e recebo um beijo delicioso.

— Podemos dançar de outro jeito? — indaga no meu ouvido, malicioso. — Eu acho que já me viciei no seu sabor.

Meu corpo inteiro estremece, e imagens de nós dois juntos, nus e suados sobre o colchão de exercícios me assolam, mas nego com a cabeça.

— Nada de enrolar, Thomas James! Vamos fazer todo o tratamento normalmente, sem improvisações, ok?

— Podemos improvisar mais tarde?

Gargalho.

— Conte com isso!

Eu o ajudo a se deitar no colchão, que fica sobre um tablado de madeira a alguns centímetros do chão e começo a tocá-lo, executando os movimentos necessários para alongar seus músculos.

— Isso vai ser uma tortura! — ele rosna, e eu, posicionada atrás dele, olho para baixo, vendo um enorme volume sob a bermuda de malha. — Você ainda vai me matar desse jeito!

Encosto minha boca em sua orelha, contornando-a com a língua.

— Várias *pequenas mortes*[11], pode ter certeza!

— Porra, Liz! — Ele se vira, agarra-me e me passa para o colo, beijando-me como um louco. — Vamos aquecer assim?

A tentação é grande, mas eu sei que, se abrir uma exceção agora, nunca mais vou conseguir ter pulso firme durante o tratamento. Nego, afasto-me e volto a fazer o que fazia antes, ouvindo-o bufar e respirar fundo várias vezes, tentando se manter calmo.

— Só mais uma sequência para frente e outra para trás e acabamos!

Thomas apenas assente com a cabeça, concentrado no exercício de equilíbrio dentro da piscina. Eu estou encostada em uma das bordas laterais e vou acompanhando-o, porém, sem tocá-lo.

— Eu vou descer desse cilindro e tentar ficar em pé — avisa-me, e eu concordo. — Sem o macarrão também, Liz.

— Pode tentar, claro, mas não quero que se frustre se não conseguir; ainda é cedo, você precisa ter mais paciência.

Ele não responde, voltando sua concentração em rolar o cilindro aos seus pés, andando para frente, segurando um macarrão flutuador à frente de seu corpo para lhe dar sustentação. Thomas chega até a marca final de seu percurso e volta de costas, ainda mais concentrado, mantendo-se o tempo todo equilibrado dentro d'água.

Quando ele volta à sua posição inicial, olha-me e desce do cilindro, mantendo-se em pé na piscina com a ajuda do macarrão. Então, sem nem um olhar ou aviso, simplesmente solta a boia e tenta, com a ajuda das mãos, manter-se ereto. Quando consegue se estabilizar, olha-me com um sorriso de uma criança que acaba de ganhar um presente há muito querido, e eu sinto uma emoção tão grande por ver um homem do tamanho dele feliz por ter conseguido se manter sobre os próprios pés.

Ele tenta caminhar, e eu me aproximo dele, vendo a emoção transparecendo em seu semblante a cada passada que consegue dar sem cambalear ou mesmo cair. Quando ele parece perder o equilíbrio, eu o seguro pela mão, mas ele nega, e eu o solto. Caminhamos um de frente para o outro até o final da piscina, e ele parece esgotado.

— Você conseguiu! — constato orgulhosa.

— Não. Nós conseguimos!

Ele me prende entre seus braços, segurando na barra atrás de mim, e me beija cheio de desejo. Eu o agarro pelo pescoço, segurando seus cabelos, que chegam à nuca, sentindo toda a emoção que nos une neste instante.

— Qual a chance de fazermos amor aqui e agora sem sermos interrompidos por um dos meus carcereiros?

Eu rio.

— Nenhuma. Você sabe que, de quando em quando, um aparece aqui para ver se você não está sozinho cometendo loucuras.

— Sabem de nada... Agora só cometo loucuras acompanhado. — Esfrega sua ereção em minha barriga, e eu gemo. — Vou ter que conversar com eles, fazê-los meus parceiros. — Dou um tapa em seu ombro. — Quero ter a liberdade de tocar você, de beijar e fazer amor contigo onde desejar, sem nenhum tipo de babá por perto.

Eu concordo, já louca de desejo, querendo que ele faça cumprir o que seu corpo e sua voz prometem. É uma delícia tê-lo tão predador, tão forte e masculino, encurralando-me sem a frustração que as suas restrições físicas lhe impõem fora da água. Aqui, eu percebo, ele se sente mais independente e seguro de si.

— Vamos para o seu quarto — sussurro em seu ouvido. — Tomamos um banho...

Ele nega, e eu suspiro.

— Ainda não consigo me lavar de pé, Liz, você sabe.

— Eu sei, mas tem barras no seu chuveiro para você se apoiar. — Esfrego meu nariz em seu pescoço. — E quem vai te lavar sou eu.

Ele geme, e eu sei que já o convenci das vantagens de um banho acompanhado. Saio da piscina e em seguida o ajudo a sair também, secando-o inteiro com a toalha, evitando seu olhar cheio de tesão e tentando me controlar para não o tocar intimamente, como fiz durante toda a sessão.

Não está sendo fácil – além de nada profissional – esse contato com ele, deixar de lado a malícia e o desejo e me concentrar somente no aspecto terapêutico. Não, é difícil para mim, como também para ele, mas ao mesmo tempo é incrivelmente íntimo e gostoso, mesmo que nada ético.

Eu sei, é uma loucura! Porém, tudo isso só ocorre por ser o Thomas, pois, se fosse outro paciente, seriam apenas exercícios comuns, encarados rotineiramente por mim, sem nenhum tipo de malícia ou impropriedade.

Ajudo-o a voltar para a cadeira, seco-me o melhor que posso e arrumo tudo na sala para poder sair com ele, porém, Thomas me surpreende e me puxa para seu colo, levando-me para seu quarto de carona.

— Maluco, e se os...

— Fodam-se eles, Liz. — Eu gargalho, notando seu desespero para chegar a um local mais reservado. — Eu estou há horas sendo torturado pelas suas mãos, sentindo seu perfume, seu cheiro, e minhas bolas já começaram a doer.

Escondo minha cabeça na curva do seu pescoço, morrendo de rir de sua sinceridade.

Desço do seu colo assim que entramos no quarto e aponto para o banheiro. Vejo uma insegurança em seu semblante, e isso me dói, porque sei que ele deve pensar que as suas limitações me fazem vê-lo menos viril, mas ele não pode

estar mais enganado! Eu aprendi a amá-lo de novo sendo esse homem, com cicatrizes – no corpo e na alma –, com vulnerabilidades, inseguranças, mas, acima de tudo, reaprendi a amá-lo pela força de vontade de reconstruir sua vida de forma diferente, em evoluir e ser – mesmo que ele não saiba disso – o homem que sempre sonhei para mim.

Ele me chama de volta para seu colo, e eu, com um sorriso de quem sabe que venceu a parada, faço o que ele me pede.

— Eu quero...

Thomas me agarra pelos cabelos e toma minha boca de maneira rude e molhada, lambendo, mordendo, gemendo contra meus lábios enquanto brinca com minha língua. Eu rebolo em seu colo, sentindo em minhas nádegas o ardor de seu desejo, e meu sexo fica quente e molhado de antecipação.

Quero esse homem de um jeito que nunca experimentei com mais ninguém e me perco em suas carícias, na sua mão que toma um dos meus seios, ainda por cima do maiô úmido, e o aperta e massageia freneticamente.

Quando dou por mim, depois de ele me afastar de si para tomar fôlego, já estamos dentro do banheiro, e eu vejo a banheira de hidromassagem.

— Vamos brincar ali? — pergunto mordendo o lábio inferior e sorrindo.

— Não, pelo menos não agora.

Ele me faz levantar e em seguida começa a tirar a bermuda, executando todos os movimentos que lhe foram ensinados para manter autonomia mesmo em cadeira de rodas, porém, vejo que – assim como ele fez na noite passada na cama – ele já consegue levantar os quadris usando o impulso de suas pernas, com os pés plantados no chão.

Em seguida, nu e completamente excitado, ele se apoia na cadeira, segurando uma das barras do boxe e se pondo de pé. Eu acompanho cada gesto dele, primeiro com olhar profissional, mas também com o olhar de mulher. Thomas melhorou muito seu condicionamento físico e já recuperou um pouco de seu peso. Ainda não ostenta aquele corpo malhado e perfeito que tinha quando era ator, mas está mais forte do que quando cheguei aqui há dois meses.

Noto que os exercícios de caminhada com apoio nas barras paralelas, bem como os de equilíbrio já o estão ajudando a se manter em pé sem ajuda de órteses e que – mesmo ofegante como vejo que está agora – ele consegue se manter de pé bem, embora ainda não tenha suficiente equilíbrio para soltar o apoio.

Retiro a calça e em seguida o maiô, sempre com os olhos verdes de Thomas acompanhando cada movimento meu e me junto a ele no chuveiro, ligando-o e recebendo os jatos d’água em meu corpo. Ele sorri, e eu toco seu peito.

— Liz, seja boazinha comigo!

Eu rio, pegando um pouco de sabonete líquido e fazendo espuma em minhas mãos. Não digo nada, começo a ensaboá-lo no peito, passando pelo seu pescoço, ombros, mas, quando vou lavar seus braços, sinto-o ficar tenso.

Aproximo-me, sentindo os olhos dele sobre mim, embora eu não retribua o olhar, e o beijo nas queimaduras nos ombros e no braço esquerdo. Ele geme, e eu o olho de esguelha, notando seus olhos fechados e sua cabeça para trás, apoiada na parede de azulejos.

Desço minhas mãos cheias de espuma pelo seu abdômen, sentindo os pelinhos loiros e curtos espetando minhas palmas, pensando se ele manteve a depilação desde que acordou ou foi algo que voltou a fazer depois que esse clima sexual se instalou entre nós. Por fim, ensaboo sua virilha, dessa vez encarando-o. Seus olhos estão semicerrados, as mãos, apertadas em volta da barra de inox que lhe dá apoio.

Sorrio maldosa e me abaixo para ensaboar seus pés, canelas, panturrilhas, coxas e seu traseiro durinho e delicioso.

— Liz... — ele implora, e encaro seu pênis, que está ereto, na altura dos meus olhos. Eu o seguro com as mãos ainda deslizantes de sabão e o lavo com movimentos precisos, para baixo e para cima, deixando-o completamente tomado pela espuma.

Puxo o chuveirinho, um pouquinho acima de onde estou, e o lavo, retirando a espuma, vendo novamente sua pele branca e rosada aparecer.

— Liz! — geme quando começo a masturbá-lo com mais força.

— Me pede... O que você quer que eu faça?

— Eu quero foder sua boca agora! — ao dizer isso, solta uma das mãos, balançando um pouco o corpo, mas se mantendo apenas com a outra. Em seguida, pega-me pelos cabelos, ainda presos, e me aproxima de seu membro. — Chupa gostoso, Liz.

Não preciso de mais estímulos, abro a boca e o engulo o máximo que posso, sentindo-o se movimentar em minha boca com força, batendo no fundo da minha garganta e saindo.

Já não sinto a mão dele em meu cabelo, provavelmente voltou-a para a barra para manter o equilíbrio, mas mantenho minha cabeça parada, fazendo movimentos apenas com a língua e o sugando cada vez que ele tenta sair da minha boca.

Thomas geme alto, e eu o deixo descarregar seu tesão em mim, massageando seus testículos enquanto ele mete com força. Ele estremece quando para dentro de mim, e eu contorno seu pau com minha língua e, devagarzinho, vou chupando-o, torturando-o.

— Eu vou gozar... — ouço seu aviso, mas continuo os movimentos,

tocando a mim mesma também ali, no chão do banheiro. — Porra, Liz, você tem noção do que é ver isso?

Urra, mas tenta abafar o som desesperado e totalmente satisfeito de seu prazer, ao passo que eu mesma sinto espasmos em meu corpo e meus dedos molharem de excitação enquanto ele se derrama em minha boca.

— Vamos para a cama! — ele ordena, e eu rio debaixo d’água. — Eu quero passar o dia inteiro enfiado nela com você.

Eu o olho, balançando a cabeça.

— Tarado!

— Apaixonado, louco, de quatro, babão... sou tudo isso por você.

Ai, tem como ouvir isso e não o beijar? Seguro-o pelo rosto e deposito um selinho em sua boca. Thomas roça seu nariz contra o meu e sorri.

— Amo você, Liz.

Desligo o chuveiro e mais uma vez o seco, aproveitando para espalhar beijos por todo o seu corpo e o ajudo a voltar para a cadeira. Enrolo uma toalha em meus cabelos e tenciono colocar o maiô, mas ele não permite.

— Eu pareço um adolescente. — Aponta para seu colo, e vejo seu pênis duro novamente. — Já pensou em andar de cadeira de rodas enquanto faz sexo?

— Você é louco! — repreendo-o, mas caminho em sua direção, sentando-me em seu colo, rebolando sobre seu membro, sentindo todo o tesão voltar. — Mas eu adoro sua loucura!

Ele morde meu pescoço, arranhando-o com sua barba já crescida, descendo em direção aos meus seios, enquanto eu vou me inclinando para trás, sustentada por sua mão, grande e forte, a segurar-me pelas costas.

Eu me levanto um pouco, adorando sentir seus lábios, dentes e língua em meus mamilos, um de cada vez. Thomas parece não apenas estimulá-los, ele os adora, dedicando um tempo deliciosamente longo a cada um deles, deixando-me ainda mais molhada e com tesão.

Posiciono-o em mim e me sento devagar, gemendo, querendo e...

— Camisinha, Liz... — Ele arfa. — Ai... isso é bom pra caralho!

Eu rio, com ele todo enterrado em mim, mas sabendo que, embora a sensação pele com pele seja maravilhosa, ele está certo ao lembrar da prevenção.

— Está no quarto. — Remexo-me por pura maldade, e ele geme, fechando os olhos. — Vamos lá buscá-la! — Ela morde minha orelha. — Ainda bem que você mandou retirar a câmera, porque senão estaríamos dando um show...

Ele arregala os olhos ao entender que eu não tenho nenhuma pretensão de sair de seu colo, muito menos de tirá-lo de dentro de mim.

— Liz...

— Vai rápido! — Remexo-me mais um pouco. — Senão vou começar a me mover para valer... — Rebolo com mais força, moendo meu sexo contra sua pélvis.

Ele aciona a cadeira e abre a porta adaptada, segurando-me forte contra seu corpo com a outra mão, impedindo-me de fazer qualquer movimento.

— Puta que pariu! — Thomas grita, assustando-me, e gira a cadeira. Só então eu vejo o motivo, arregalando os olhos e escondendo meu rosto em seu peito. Merda! — Porra, Márcio, sai daqui! — ele grita tão furioso que eu começo a rir, nervosa por causa da cena de filme pornô que o enfermeiro acabou de ver.

— Está achando graça? — Thomas parece enlouquecido de raiva. — Liz, porra, para de rir!

Eu não consigo, tenho esse defeito, quando fico nervosa, desato a rir como uma hiena. Ai, meu Deus! Nunca mais vou conseguir encarar o enfermeiro outra vez... E eu estava aliviada por causa da retirada da câmera. O homem viu ao vivo!

— Ele viu? — indago, tentando me controlar.

— Quase... estava se virando para cá, quando gritei e virei a cadeira. — Ele

bufa. — Vou ter mesmo que conversar com eles, não tem condições de se ter privacidade com os dois entrando e saindo daqui na hora em que bem entendem.

— Eles não sabiam, Thomas.

— Eu sei. — Ele sorri. — Agora todos saberão, com certeza.

Eu aquiesço.

— Tem certeza disso? Meu avô já sabe também, não tive como esconder dele, chegando de manhã em casa. — Olho bem no fundo de suas íris verdes. — Você quer mesmo?

— Eu amo você! Sei que há um enorme buraco negro em minha mente, mas eu tenho certeza do que sinto. Confia em mim.

Eu o beijo, sentindo minha garganta apertada porque confio nele hoje, mas não sei o que esperar quando ele recobrar a memória e se lembrar de como é de verdade e de mim, da caiçara esquisitinha que vivia correndo atrás dele como um cachorrinho.

Depois daquela manhã, acabaram-se as desculpas, e definitivamente nós dois assumimos para o mundo – pelo menos para todos os ocupantes da ilha – que estamos juntos. Nem é preciso dizer que enfrentei aquele olhar de *eu não te disse?* da Rita e um sonhador e romântico da Marisa, enquanto meu avô se absteve de fazer comentários, pois ele já havia me dito tudo o que pensava sobre meu envolvimento com Tom.

A minha única preocupação ainda é a reação do doutor Turnner e da doutora Lídia, pois não sei o que eles irão pensar do meu compromisso de trabalho ter se misturado com um envolvimento pessoal. Isso nunca ocorreu antes comigo, envolver-me com um paciente, mas eles terão de encarar que Thomas não é um paciente qualquer, mas sim alguém que já esteve presente em minha vida uma vez, embora David não tenha a noção do nível de conhecimento que tínhamos.

Thomas me convidou para almoçar com ele na varanda de frente para o mar, e eu pela primeira vez comi na casa principal, ao lado do homem que sempre desejei. É uma situação estranha, confesso, realizar, depois de ter aberto mão e aceitado que nunca aconteceria, todos os sonhos que tive na adolescência.

— Me fala do casamento da sua amiga — ele me pergunta. Agora, algumas horas após o almoço, estamos ambos deitados na rede da varanda dos fundos, de frente para a piscina. — Eu quero saber um pouco de sua vida, porém, já lhe aviso que não poderei retribuir... por motivos óbvios!

Gargalho com sua piadinha e me aconchego em seu peito.

— Eu conheci a Olívia no ponto de ônibus, indo para a faculdade. Eu cursava o primeiro ano de fisioterapia, era nova no Rio e morava com uma irmã do meu avô. Arranjei emprego na Barra da Tijuca... — Lembro que provavelmente ele não se lembra do local. — É um bairro na...

— Eu sei. Assim que cheguei no Brasil, fiquei um tempo no apartamento que minha família tem lá — explica-me. — Embora não tenha conhecido o entorno, porque fiquei enfurnado em casa.

— Bem, ela também trabalhava lá, e nós duas íamos para a mesma universidade todos os dias, então foi natural a amizade. Eu estava pensando em sair da casa da minha tia, que era gente boa, mas eu queria poder ter um lugar com mais privacidade e...

— Hum... o que você queria com privacidade?

— Nada do que você pensou. — Rio do seu ciúme. — Na época eu ainda estava muito... — respiro fundo, porque sei o que será para ele ouvir o que vou falar — traumatizada com minha única experiência... — Ele me aperta tão forte que eu mal consigo respirar. — Olívia também queria sair da república onde morava, e nós decidimos morar juntas. Ela se tornou minha melhor amiga, minha irmã.

— Que bom que você a encontrou — comenta passando os dedos pelos meus cabelos. — Sabe que eu não consigo entender bem o que houve entre nós no passado? — Eu o encaro. — Não sei, é como se alguma peça estivesse faltando.

— Mas você se lembrou...

— Sim, de já ter estado com você lá, de ter feito você gozar... — diz isso um tom baixinho e sedutor. — Me lembrei do seu beijo, mas ainda assim... há algo faltando.

Volto a me deitar em seu peito, pensando que provavelmente ele está sentindo-se assim por não ter lembranças completas sobre o ocorrido entre nós. Não há peças faltando! Foi só uma brincadeira de mau gosto de um garoto mimado com uma menina boba, apaixonada e ingênua.

— Vamos esquecer isso, Thomas. Remexer nessa situação é como cutucar feridas que podem voltar a abrir e sangrar.

Eu o escuto respirar fundo, e não falamos mais nada durante um tempo. Eu, deitada como estou sobre ele, ouço as batidas de seu coração, sinto o calor de sua pele e o cheiro de seu perfume.

— Minha amiga se casou com um homem que eu apresentei a ela — resolvo continuar contando sobre Olívia. — Diego estudava comigo, e os dois se apaixonaram quase que à primeira vista.

— Legal isso... Eu tenho a sensação de saber exatamente o que é.

Levanto-me, quase derrubando-o da rede, e o encaro.

— Como se você já tivesse se apaixonado à primeira vista?

Ele dá de ombros, com o cenho franzido, tentando se lembrar de algo. Eu o olho atentamente, tentando recordar de já ter ouvido falar sobre Thomas Palmer em algum envolvimento amoroso, mas sinceramente nada me vem à memória. Claro, havia inúmeras mulheres desfilando ao lado dele desde que se tornara um adolescente, mas nada que fosse durável. Pensando bem, isso não quer dizer muita coisa, pois ninguém verdadeiramente conheceu esse homem, muito menos a imprensa que o seguia.

— Não sei se apaixonado... mas... foi só uma sensação! — Abre os braços para eu voltar para a rede. — Como você é ciumenta!

Faço uma careta indignada, pois nunca, nunca mesmo me acusaram de ser ciumenta! Também nunca amei ninguém com quem estive envolvida, então... Volto para seus braços.

— Eles namoraram muito tempo?

— Sim, anos e mais anos, como o pai dela sempre falava. — Rio, lembrando-me das cobranças sem fim para que eles se casassem logo. — Os pais têm essa mania de pressionar para que assumamos um relacionamento sério e estável.

Ele ri.

— Seu avô faz isso com você?

— Não, minha mãe. — Olho-o fazendo careta. — Nunca te falei sobre ela? — Ele nega. — O nome dela é Cláudia e mora no continente, foi mãe muito jovem, e eu sempre fiquei aos cuidados do meu avô.

— E seu pai?

Fecho os olhos, pois nunca gostei de falar sobre o assunto.

— Nunca soube quem é. — Dou de ombros como se não me importasse com isso. — Minha mãe se recusou a dizer ao meu avô quando ficou grávida e guarda esse segredo com ela até hoje.

A verdade é que eu, hoje, penso que ela nem saiba quem é o homem que a engravidou. Ela era muito nova, tinha apenas 16 anos, deslumbrada por estar trabalhando meio-período como menor aprendiz em um hotel cinco estrelas cheio de homens bonitos e ricos, então pode ter se deixado levar e feito algumas loucuras.

Eu nunca soube da minha mãe envolvida com mais ninguém, nunca! Até hoje ela vive sozinha, nunca falou de namorado e, se os teve, nunca os apresentou à família. Eu sempre achei isso estranho, porque ela é uma mulher jovem e bonita, com apenas 44 anos, morena de olhos esverdeados e um corpo

de dar inveja a muitas *novinhas*.

— Você se ressente dela por isso? Por não saber quem ele é? — Thomas pergunta baixinho.

— Não — respondo com sinceridade. — Teve uma época que sim, é doído ter um nome faltando em seus documentos, sabe? Mas passou, e meu avô foi o melhor pai que eu poderia ter tido!

— Já notei o quanto você o ama. — Ele respira fundo. — Mas ele, definitivamente, não gosta de mim.

Eu rio, sem negar, porque é a verdade, meu avô nunca foi fã do Thomas.

— Não acha que eu deveria conversar com ele? — Olho-o assustada. — Não sei, talvez tentar mostrar para ele que eu realmente sou louco por você e...

— Thomas! Ele vai perceber isso com o tempo, tenho certeza.

— Eu sei, mas é que não falar com ele parece errado... — Eu gargalho, achando engraçado isso, depois de tantos anos vivendo minha vida de forma totalmente independente, agora estar em um relacionamento e o homem que eu amo querer fazer as coisas “certas”. Estranho! — ...e com sua mãe também.

— O que tem minha mãe? — Tomo um susto.

— Eu quero conhecê-la! — declara como se fosso óbvio, e eu arregalo os olhos e abro a boca, sem saber o que dizer. Thomas conhecendo Cláudia Castro? Deus do Céu, minha mãe vai querer marcar o casamento para o dia seguinte! — Nós não estamos fazendo tudo às claras? Sem esconder de ninguém... — Ele ri, meio perverso. — Eu quero só ver a reação do David amanhã...

— O que você quer dizer com isso? — inquiro intrigada pelo seu tom e seu sorriso.

— Acho que o meu respeitado médico tem uma queda por você. — Mais uma vez sou surpreendida. — Ele comentou comigo, bem feliz, por sinal, que você tinha dispensado o *outro* médico...

— O quê? — Sento-me, fazendo a rede balançar. — Quando vocês ficaram conversando sobre minha vida pessoal?

Ele levanta a mão como se não tivesse feito nada.

— Foi o doutor Turnner quem comentou comigo, eu não perguntei nada, embora tivesse ficado morrendo de ciúmes... por causa dos *dois* médicos. — Ele me puxa para um beijo. — Espero que esse fetiche por jalecos brancos tenha passado...

— Babaca! — xingo-o. — Eu só fiquei com um médico, não que isso seja da sua conta!

Ele ri e toca a ponta do meu nariz com seu dedo indicador.

— Estou te provocando, leoa!

Hum, nada de gatinha... mas leoa! Sorrio, gostando do apelido, sabendo que

ele me chama assim por causa dos meus cabelos.

— E quanto à sua família? — pergunto temerosa. — Acha que ela irá aceitar nossa relação tranquilamente?

— Se não, terão que se acostumar a fazê-lo, porque eu não vou abrir mão de você, Liz, por ninguém.

— É bom ouvir isso. — Beijo-o. — Mas eles podem achar que, por causa do acidente, você esteja confuso e...

Thomas segura meu rosto, fazendo-me encará-lo.

— Analiz Castro, eu não vou abrir mão de você nunca. — Sorrio para ele, olhando no fundo dos seus olhos, constatando que me diz a verdade. — O único jeito de eu deixá-la ir embora é se você não me amar. Dane-se o que os outros pensam!

— Então acostume-se comigo ao seu lado para sempre, Thomas. — Ele abre um sorriso de arrancar suspiros. — Porque eu nunca vou deixar de te amar.

Liz e eu estamos literalmente atracados um com o outro dentro da piscina quando escutamos o barulho do helicóptero. Suspiro frustrado, pensando em como tive sorte por uma semana inteira, pois os dois médicos não puderam vir, o doutor Turnner, por causa de um congresso, e a doutora Lídia, porque teve um imprevisto na semana das consultas e ligou para cá avisando que teria de adiar.

Estou louco para que essa semana passe bem depressa, porque, embora os enfermeiros ainda ficarão aqui, cumprirão escala para passarem o Natal e o Ano Novo com suas famílias, e as visitas dos doutores ocorrerão apenas uma vez na semana, e não duas, como de praxe.

— É o David — informo, mas Liz já se afasta de mim, saindo da piscina e me ajudando a sair também. — Liz...

— Tudo bem, Thomas. — Contudo, respira tão fundo que eu sei que ela está nervosa por causa da nossa situação. — Eu consigo lidar com ele.

— Não. Nós conseguimos lidar com ele. — Aperto sua mão, entrelaçando meus dedos nos seus. — Essa situação também me envolve.

Ela assente e pega a tolha para eu me secar enquanto veste seu roupão.

— O máximo que ele pode fazer é me demitir...

— Ele não vai fazer isso! David se reporta a mim, nós combinamos isso. Ele não pode substituir ninguém sem antes ter o meu consentimento.

— Certo. Então vamos esperar para...

— Ah, aí estão vocês! — O doutor entra na sala, parecendo animado, e eu vejo seu olhar apreciador em cima da Liz, bem como noto sua pele levemente bronzeada. Congresso, não é? — Estou sabendo da novidade, Liz! Eu nem posso acreditar que ele já está se mantendo em pé sozinho!

Rolo os olhos quando ele me ignora, sentado na borda da piscina, e derrama toda sua atenção em cima da minha fisioterapeuta... da minha Liz!

— Ei, David, por acaso fiquei transparente só porque estou molhado?

Ele fica imediatamente corado e sem jeito e caminha até onde estou.

— Bom dia, Thomas! Eu estou muito feliz pela sua recuperação estar indo tão bem! Vamos fazer cinco meses aqui, e você já está praticamente pronto para sair da cadeira de rodas, isso é ótimo! — Vira-se para sorrir para Liz. — A Liz foi um achado, não foi? Eu sabia que ela operaria quase um milagre em você...

— Doutor Turnner... — Eu rio e o chamo de volta para fazê-lo parar de tecer elogios melosos para a Liz e prestar atenção ao que vou dizer: — Não foi *quase*, doutor. Ela fez o milagre completo!

— Thomas! — Liz me repreende.

David enruga a testa, levanta-se e intercala olhares entre mim e ela.

— O que está acontecendo aqui?

— Doutor Turnner, eu...

— Liz aceitou namorar comigo, David — disparo, notando a reação de espanto dos dois. — Eu não sei se você sabe, mas nós nos conhecemos há muitos anos e já tivemos um envolvimento, então... percebemos que ainda nutrimos sentimentos e...

— Você recobrou sua memória? — David parece confuso.

— Não, infelizmente, mas me lembrei de alguns fatos, inclusive esse que acabei de lhe contar. — Eu me apoio em minha cadeira, forçando minhas pernas a sustentarem meu corpo e me sento nela. — A Liz estava receosa com a sua reação ante o nosso envolvimento pessoal, mas eu já disse a ela que, independentemente disso, ela continua no meu tratamento.

— Eu não sei...

— Isso não está em discussão, David. — Liz ainda parece estar em estado de choque, olhos arregalados, sem dizer uma palavra. — Você mesmo estava babando em cima do trabalho dela agora há pouco, sabe que ela é a pessoa certa para me fazer melhorar.

Vou até onde ela está, já preocupado com sua falta de reação.

— Ei, tudo bem?

— Depois conversamos, Thomas. — Ela vira as costas para mim, pega sua calça e seu jaleco em cima da maca e sai da sala sem falar mais nada.

David fica um tempo, assim como eu, olhando fixamente para a porta por onde ela passou, sem falar nada.

— Isso não vai dar certo, Thomas.

— Não vejo por que não, doutor, além disso, ninguém pediu sua opinião no assunto.

Deixo-o sozinho, indo para o meu quarto e esperando encontrar a mulher que amo lá dentro, mas ela não está.

Merda!

Fico um tempo esperando-a, mas, depois que percebo que ela não vai voltar, entro no banheiro para tomar banho e bato minha cabeça na parede algumas vezes, admitindo o boçal que sou.

Eu disse tudo o que eu queria ao David, deixei bem claro qual era a minha relação com a Liz, mas penso que poderia ter ido com mais jeito, devagar, mas o filho da puta do médico me deixou puto com seus olhares e seus elogios cheios de segundas intenções para a Liz. Eu precisava apenas deixar claro para ele que ela não estava disponível, que era minha, mas acabei metendo os pés pelas mãos e talvez tenha sido direto demais.

Conhecendo um pouco a Liz como já conheço, ela deve estar brava comigo, com razão, porque eu também estou. Merda! Soco a parede com a mão livre enquanto a água cai sobre minha cabeça.

Saio do banheiro, arrumo-me e vou direto para a biblioteca, onde a doutora Lídia me espera. Eu não sei se o doutor Turnner comentou com ela sobre a nova situação – a Liz em minha vida –, mas esse é um assunto que não quero discutir em terapia.

O que acontece entre mim e minha fisioterapeuta não é da conta de ninguém, muito menos dos médicos. Não vou ficar dando satisfação da minha vida como um maldito garoto! Eu entendo a preocupação da Liz com relação ao

aspecto profissional e ético, mas já superamos isso, afinal, o que sentimos um pelo outro não tem mais volta.

Quando entro na biblioteca, a psiquiatra não está lá, mas sim o doutor Turnner, sentado taciturno na poltrona do meu pai, com os pés apoiados sobre a escrivaninha.

— Achei que era hora da minha terapia — comento, estranhando a presença do médico aqui.

— Eu pedi a Lídia que me desse um tempinho contigo aqui. — Levanto a sobrancelha, e ele se arruma na cadeira. — Thomas, quero conversar como seu médico. Não entenda como se eu estivesse me envolvendo em seus assuntos particulares, eu apenas quero alertar você sobre a confusão que você pode estar fazendo nessa história com a Liz.

Rio, irônico, sabendo que ele também tem interesse pessoal nesse caso, ou ele pensa que eu esqueci que demonstrou querer uma chance com ela? Só se eu estivesse louco, além de desmemoriado!

— Eu não acho que você esteja pronto para um relacionamento saudável ainda. Há muitas questões não resolvidas em sua cabeça, sua personalidade está afetada, há ainda o luto que você insiste em perdurar... Thomas, você tentou tirar a própria vida! Definitivamente não está em condições de assumir um relacio...

— Há algum dano neurológico ainda? — corto-o. David respira fundo e nega com a cabeça. — Então presumo que sua especialidade mudou? — Ele fica tenso. — Pelo que eu sei, um neurologista avalia as condições anatômicas, e não psíquicas. Isso não seria a especialidade da doutora Ferreira? — Dou mais uma risada sarcástica. — Qual é a sua, David? Achou que o caminho estava livre, e eu estou atrapalhando, não é?

— Thomas... — Percebo a ameaça em seus olhos, bem como suas mãos apertarem a borda da mesa.

— Vocês nunca tiveram a menor chance, doutor! Ela sempre foi minha! — David tenta falar algo, mas eu não permito. Já ouvi demais! — Quando sair, chame a doutora Ferreira para mim, ok? — Ele se levanta parecendo um touro bufando e passa por mim sem dizer nada. — Ah, David... — Ele para na porta, mas não se vira. — Não se meta em meus assuntos pessoais, não se meta com a Liz. Eu tomei as rédeas da minha vida de volta e ninguém mais vai dirigi-la, entendido?

Ele sai batendo o pé, e eu fico a esperar pela terapia do dia.

Almoço sozinho, depois de uma semana inteira almoçando com a Liz, e isso me incomoda, porque sei que ela não se juntou a mim porque está com raiva da minha reação na sala de fisioterapia, pelo que eu lhe dou razão, mas, como diz o ditado, não há como fazer omeletes sem quebrar alguns ovos. Ser direto e sincero com o David foi a melhor solução, mesmo que o jeito que eu tenha feito tenha sido um tanto abrupto.

— Você viu a Liz? — pergunto para a Rita quando ela vem recolher a louça depois do almoço.

— Eu a vi há pouco, indo para a sala de exercícios.

Sigo diretamente para lá e a encontro limpando e arrumando todo o material que usamos hoje de manhã.

— Desculpe pela cena mais cedo — digo assim que entro e, por sua reação nada surpresa, presumo que ela tenha ouvido o barulho da minha cadeira. — Eu me deixei levar pelos ciúmes e...

— Thomas, agora não! — avisa ainda sem me olhar, fazendo seu trabalho.

— Foi bom deixar as coisas às claras para ele, Liz. Reconheço que possa ter exagerado...

— Exagerado? — Olha-me por fim. — Você me constrangeu, Thomas! Não era assim que eu imaginava conversar com ele, afinal, eu o considero muito, pois me estendeu a mão quando eu mais precisava! Foi completamente...

— Boçal. — Ela rola os olhos e concorda. — Eu deixei o sangue quente pelo ciúme falar mais alto, reconheço. Mas o que importa é que não há mais nada a esconder, não temos que ficar com medo, vergonha ou qualquer outro sentimento que nos impeça de viver o que sentimos um pelo outro.

— Não tinha motivos para ficar enciumado. Eu tenho amigos homens, Thomas, amigos que me elogiam, que me abraçam, que brincam comigo. Por favor, não siga nessa linha "homem das cavernas", porque não vai dar certo.

— Eu lhe disse que ele queria mais do que amizade contigo...

— E daí? — Ela põe a mão na cintura. — Acha que eu não sei colocá-lo em seu lugar caso precise? Eu não preciso de um cavaleiro em armadura brilhante para me salvar, sei lidar com as situações sozinha! Você, agindo como agiu hoje de manhã, apenas me assusta, não me ajuda em nada.

Tenho vontade de retrucar, dizer que sinto vontade de, sim, protegê-la, cuidar dela, mas ela tem razão. Liz viveu muitos anos sozinha, é independente, é segura, não precisa de um homem que fale por ela, a não ser que peça para ele fazer isso.

— Mais um motivo para eu me desculpar. Realmente me excedi — confesso em meio a um sorriso sem graça e um olhar de desculpas. — Eu amo você, e esse sentimento dentro de mim é algo tão intenso que ainda tenho que

aprender a controlar. Eu tenho vontade de ter você só para mim, como se algo sempre estivesse ameaçando te tirar de mim. — Rio. — Sei que parece loucura, mas é como me sinto.

Ela relaxa pela primeira vez e anda em minha direção. Eu me sento direito na cadeira e abro os braços para que ela se sente em meu colo e a abraço apertado.

— Ninguém vai me tirar de você, só você mesmo pode fazer isso, entende? Não gostei da sua atitude e espero que, no futuro, quando tivermos que tomar alguma decisão que envolva os dois, possamos fazer depois de conversar e chegar a um acordo. — Eu concordo, vendo lógica nisso. — Por enquanto, esse período que estamos vivendo aqui, isolados, convivendo 24 horas por dia, faz com que nossas emoções estejam à flor da pele, mas depois que formos embora...

— O que vai acontecer, Liz? Você vai voltar para o Rio de Janeiro, e eu fico aqui? Ou volto para os Estados Unidos? Como vai ser?

Ela dá de ombros.

— Não sei, mas não vou abrir mão do que eu amo, Thomas. Nem de você, nem do meu trabalho. Sei que você tem uma carreira e...

— Encerrei essa fase. — Ela arregala os olhos. — Precisarei procurar outra ocupação, pois não voltarei a atuar.

— Thomas, você não acha que deve esperar até que...

— Não. Mesmo com o restabelecimento de minhas lembranças, isso é certo. Eu não quero mais essa vida. — Puxo-a para um beijo e a abraço. — Meu tratamento ainda vai demorar, não é?

Ela gargalha.

— Mais alguns meses, para entendermos até quanto seu corpo consegue se recuperar. Eu quero te ver andando sem muletas.

— Você vai, e aí, Analiz Castro, nós vamos ter aquela dança que você me prometeu.

Hoje pela manhã os médicos voltaram para o Rio, e eu pude curtir os momentos ao lado da Liz novamente, sem tê-la incomodada e cheia de dedos. Durante a estada deles na ilha, ela se recusou a dormir comigo na casa, constrangida pela possibilidade de eles a verem pela manhã.

Não gostei, mesmo sendo só uma noite, mas entendi o ponto de vista dela e passei uma noite de cão, tendo pesadelos novamente e acordando no meio da

madrugada.

Quando, por fim, o helicóptero deixou a ilha, eu a senti relaxar ao meu lado e fui completamente pego de surpresa quando, durante a tarde, ela invadiu a biblioteca onde eu estava lendo, sentado em uma poltrona, e sem nem mesmo trocar uma palavra comigo, ajoelhou-se entre minhas pernas e me deu um boquete fenomenal.

— Liz... — gemi ao sentir o seu desespero pela saudade.

Ela lambeu, sugou, brincou com meu pau enquanto sorria para mim, e eu enlouqueci. Puxei a alça de seu vestido para baixo e a fiz se levantar, e em um movimento, o tecido caiu aos pés dela, revelando-a completamente nua por baixo.

— Eu morri de saudades essa noite — confessou antes de se ajoelhar e voltar a me receber em sua boca.

Eu também!, pensei. Meu corpo deseja o dela a todo instante, minhas mãos procuram sentir o calor de sua pele, minha boca anseia seus beijos e até mesmo o seu íntimo sabor. O que sinto por ela é totalmente desmedido, é intenso, é visceral.

Segurei-a pelos ombros e a puxei para meu colo, enterrando-me nela, sentindo seu sexo quente e molhado recebendo o meu. Lembrei-me da proteção, mas ignorei-a por um instante, enquanto Liz rebolava em meu colo como uma deusa.

Saboreei cada pedaço de seu corpo com o olhar, sua pele morena, seus cabelos cacheados e escuros, soltos balançando em suas costas enquanto ela se inclinava para trás e se remexia em cima de mim.

Minha boca foi atraída pelo lindo par de seios, cheios, de mamilos escuros e completamente túrgidos. Ela gemeu quando alcancei o primeiro e suguei com força e o mordisquei antes de fazer o mesmo com o outro.

— Liz, é melhor parar... — avisei, segurando-me. — Nós estamos sem...

Ela concordou, mas, ao invés de sair, apenas se esticou para o lado, pegando uma embalagem de camisinha no assento ao lado do meu. Eu gargalhei ao perceber que ela pensara em tudo.

Quando a camisinha foi devidamente posta em seu lugar, ela fez menção de voltar a me cavalgar, mas eu tive outra ideia e pedi que ela se deitasse no sofá, entrando com meu pau no meio de suas coxas, por cima dela.

— Tem certeza de que está confortável para você?

Não respondi, estocando de uma só vez, mantendo meus movimentos o mais rápidos e precisos que conseguia nas minhas condições. E não foi ruim, pelo contrário, eu senti um prazer filho da puta por estar no comando novamente.

— Se toca enquanto meu pau está dentro de você — pedi a ela, já no limite de minha resistência. — Quero que você goze junto comigo.

Minha parceira não se fez de rogada, fechou os olhos e, enquanto eu metia sem parar, sentindo minhas pernas formigando, meu corpo inteiro suar, ela estimulava seu clitóris, e, quando eu a senti se retesando... deixei-me ir em um gozo foda!

Agora, um bom tempo depois do sexo maravilhoso, estamos deitados – ela nua, e eu apenas de bermuda arriada – no sofá, abraçados e nos tocando como se não conseguíssemos parar de fazê-lo.

— O Natal está chegando — ela comenta. — Você sabe se sua família virá para cá?

— Nenhuma notícia sobre isso. Falei com a Rebecca ontem, e ela me disse que ninguém resolveu nada sobre o Natal... — Respiro fundo. — Um ano, Liz, não é uma data que os Palmers queiram comemorar.

— Sim. — Recebo um abraço apertado. — Eu passo a véspera com minha família todo ano, na casa da minha mãe em Angra.

— Estou sentindo pintar um convite? — provoco-a.

— Se quiser ir comigo...

Rio e a beijo.

— Faço questão de ir! Antes, porém, quero conversar com o seu avô. Acho que preciso demonstrar a ele o que sinto por você e tentar manter uma relação harmoniosa.

— Eu não sei, Thomas.

— Liz, eu preciso disso. Sei o quanto ele é importante para você, me deixe fazer isso.

Ela concorda.

— Ele pode ser bem teimoso, sabe? — adverte-me. — Leve um vinho. — Franzo o cenho, não entendendo. — No jantar essa noite, na casa dele.

Hoje? Ai, caralho, não vou ter nem tempo para ensaiar um discurso convincente!

O clima está tenso, e eu tento relaxar, mesmo me sentindo bem estranho. Eu sei que fui eu quem insistiu em conversar com o avô de Liz e convencê-lo de que eu amo sua neta, mas confesso que está difícil aguentar o olhar desconfiado do senhor Paulo.

Eu nunca vim, desde que cheguei à ilha, à casa de nenhum dos funcionários. Então insisti com a Liz para falar com o seu avô, e ela me convidou para jantar com eles na casinha branca de telhado colonial, perto do mar.

Cheguei aqui constrangido, trazendo comigo uma garrafa de vinho branco – que a Liz escolheu –, porque ela iria cozinhar um peixe, a única coisa que sabe fazer. O caminho pavimentado me ajudou a não ter que pedir ajuda, e eu bati à

porta exatamente no horário em que ela marcou.

Fui atendido pelo senhor Paulo – o que me surpreendeu –, que me ajudou a entrar, pois não tem rampa na entrada e há um degrau, e me pediu para aguardar a Liz, que estava no banho. Desde então estou sentado na sala, olhando-o assistir ao noticiário local sem tirar os olhos da televisão e sem falar comigo.

Finalmente Liz aparece, linda, perfumada e com os cabelos molhadas. Recebo um enorme sorriso e, confirmando que o avô dela não está olhando, faço uma careta pedindo socorro e mostrando a garrafa de vinho em minhas mãos.

— Ah, Thomas, obrigada pelo vinho! — Ela vem até mim, pega a garrafa e me dá um beijinho. — Ei, vovô, olha só!

— Estou com a geladeira cheia de cerveja, Analiz.

Uau! Sinto vontade de rir da sua resposta à minha gentileza, mas não posso deixar essa passar.

— Liz, eu acho que uma cerveja geladinha acompanhando o que quer que cheire assim — aspiro bem fundo, sentindo o delicioso aroma — vai ser muito melhor que vinho!

O senhor Paulo me encara, sério, e depois volta a ver seu programa de TV.

— Eu agradeço, Thomas! — Ela passa pelo avô, indo em direção à cozinha, e cochicha algo para ele. Assim que ela desaparece no outro cômodo, ele resolve conversar comigo.

— Voltou a beber?

Franzo o cenho com a pergunta.

— Não. Estou tomando medicamentos, não posso tomar álcool. — Aproximo-me do sofá onde ele se encontra. — Senhor Paulo...

Ele ri um tanto amargurado e balança a cabeça.

— É engraçado te ouvir me chamando assim — comenta. — Geralmente era velhote ou caiçara!

Fecho os olhos, entendendo o motivo pelo qual ele não me suporta, percebendo que minha tarefa aqui será mais difícil do que eu pensei que seria.

— Eu peço desculpas por isso. — Ele dá de ombros. — Eu realmente fazia coisas das quais não tenho nenhum orgulho hoje e...

— Você sequer se lembra delas, meu rapaz! — Vira-se para mim. — Não há do que se arrepender se não há do que se lembrar.

— Mas as pessoas me contam, senhor Paulo. — É minha vez de dar uma risada amarga. — Acredite, eu preferiria continuar ignorando algumas coisas que descobri, mas entendo que saber delas me dá mais poder...

— Poder?

— Sim, para entender onde errei e não voltar a fazer mais. — Ele balança a cabeça, não acreditando. — Eu quero ser diferente, de verdade.

Ele respira ruidosamente e olha na direção do corredor por onde Liz foi.

— Sabe, rapaz, há um ditado muito certo, embora seja muito popular e você não entenda. Ele diz que garrafão que já levou gasolina nunca perde o cheiro — ouvir isso me dói. — Eu conheço você desde que era um garoto e, ao primeiro contato, soube que você era o problemático da família, a ovelha negra, como dizemos aqui. Eu achei que fosse uma fase, que iria melhorar, mas não, piorou. Você fez da vida de todos um inferno, principalmente da sua família, que nunca conseguiu passar sequer um verão na ilha, pois sempre tinham que antecipar a volta para casa por causa do seu comportamento.

Sinceramente não tenho o que falar. Imagino que eu tenha sido muito difícil, que tenha aprontado com todos – se o que fiz à minha própria família servir de parâmetro – e, além disso, tem ainda o que fiz com a Liz. Eu não abro a boca para rebater nenhuma das palavras do homem sentado à minha frente porque simplesmente não há nenhuma defesa.

— Agora vejo mais uma vez minha menina com olhos sonhadores e suspiros por sua causa, e isso me aflige. — Tento interrompê-lo para dizer que eu a amo, mas ele não permite: — Ela esteve longe daqui por 10 anos, embora nunca tenha me dito o motivo, mas sei que teve sua participação nisso e...

— A mesa está pronta! — Liz entra com um sorriso, mas o desfaz assim que nota o clima entre mim e seu avô. — Algum problema?

— Nenhum! — O senhor Paulo se levanta, alto e robusto, com sua barriga proeminente e seus cabelos cacheados e grisalhos. — Eu só estava conversando com ele, como você me pediu.

— Vovô! — ela ralha com o idoso, mas é ignorada. — Thomas...

— Tudo bem, Liz. — Dou de ombros, acionando minha cadeira até onde ela está. — Nenhuma novidade na reação dele.

— Ai! — Faz careta e, em seguida, senta-se no meu colo. — Me desculpa se ele foi grosseiro.

— Ele ama você e está preocupado, o que é bem natural. — Cheiro seu pescoço, à mostra porque ela prendeu os cabelos. — O que você cozinhou que cheira tão bem?

Ela ri.

— Moqueca de peixe! — Não faço ideia do que seja, mas, pelo aroma, posso dizer que é uma delícia, assim como ela. Dou uma lambida no lóbulo de sua orelha, e ela geme. — Eu estou faminto, Liz.

Ela se arrepia inteira com o que sussurrei em seu ouvido, entendendo do que é a minha fome: dela, somente dela.

O jantar foi tão tenso como a “sala” que o senhor Paulo foi obrigado a fazer quando cheguei. Liz tentou, várias vezes, começar uma conversa da qual todos pudessem participar – geralmente sobre o tempo, o mar e outras coisas da ilha –, mas nem assim o avô dela e eu conseguimos estabelecer uma conversação normal.

Por vezes eu sentia o olhar dele fixo em mim. Voltava-me para ele a fim de sustentar seu olhar inquiridor, mas ele logo o desviava, balançando a cabeça.

A refeição estava uma delícia, e Liz insistiu em dizer que não cozinhava bem, somente que a receita não tinha como dar errado, pois era da sua avó, já falecida, e levava basicamente peixe, temperos, condimentos e alguns legumes, além do leite de coco e do azeite. De qualquer maneira, sendo fácil ou difícil, estava muito saborosa, e eu a elogiei.

Agora estamos finalmente terminando a tensa refeição.

— Eu já vou me deitar. — O senhor Paulo levanta-se da mesa onde acabamos de comer e dá um beijo na testa da neta. — Boa noite. — Olha-me e apenas balança a cabeça, como fez a noite inteira.

Assim que ouvimos a porta do quarto ser fechada, Liz deita a cabeça sobre a mesa, arrancando-me algumas risadas, e bufa.

— Achei que seria melhor, que ele percebesse o quanto você está diferente...

— Vai demorar um tempo para ele se acostumar à ideia. É difícil tirar o cheiro de gasolina de um garrafão!

— Ai, meu Deus, ele falou esse ditado para você? — Ela tampa a cara. — Ainda bem que não foi o outro.

Eu gargalho, curioso, e pergunto a ela qual é o outro ditado.

— Pau que nasce torto nunca se endireita! — Eu assinto, entendendo o significado. — Me desculpa, Thomas.

— Não precisa se desculpar, não foi nada! Eu lhe disse que entendo a reação dele e confesso que teria a mesma se isso acontecesse com Rebecca.

Ela se levanta da mesa.

— Quer conhecer meu quarto?

A ideia é tentadora, mas é impossível ficar à vontade com o avô dela no quarto ao lado.

— Vamos para *o meu* quarto — aviso. Ela sorri, cheia de malícia. — Agora, de preferência.

— Eu fiquei sem dormir aqui muitos dias, e ontem à noite ele fez questão de se fingir de surpreso por eu estar aqui! — diz rindo de si mesma.

— Por mim você não dorme aqui nunca mais, Liz! — Ela fica séria. — Não quero ficar uma noite sequer sem você. Foi horrível, senti falta do seu cheiro, do seu calor e tive pesadelos...

— Com o Eric?

Dou de ombros.

— Não me lembro. Apenas acordei assustado e com a respiração pesada. — Pego a mão dela. — Você manda os monstros embora, minha princesa guerreira.

— Para de me adular para ir contigo! — Tenta parecer brava, mas, pelo sorriso estampado em seu rosto, já prevejo que ela irá me acompanhar.

Eu não vejo mais nada, apenas a escuridão, tudo está silencioso e parado. É como se o tempo se detivesse... Sinto-me congelar, quero me mover, mas não posso. Minha garganta dói, meu coração está em turbulência e sinto algo que não sei definir o que é.

— Ajuda! Ajuda! — a voz angustiada, fraca, corta a noite silenciosa, trazendo de volta o resto de consciência que me sobra. Eu tento abrir os olhos, mas não consigo, apenas sinto frio, muito frio, como se houvesse água gelada sendo despejada em minha cabeça, inundando todo o meu corpo.

— Ajuda... Thomas... ajuda! — a voz parece cada vez mais fraca, e eu não sinto muita coisa mais em meu próprio corpo, é como se eu estive flutuando sobre nuvens, variando entre a consciência e o total branco.

— Por favor... por favor...

— Por favor, por favor...

— Thomas! — Sinto-me ser sacudido. — Thomas, acorda!

Abro os olhos em completo desespero e encaro o rosto de Liz. Tento me lembrar do sonho por completo, porque agora eu sei, não é um sonho, não é!

— O acidente... — Ela arregala os olhos. — Eu sonhei com o acidente!

Liz fica sem reação, pálida, como se esperasse uma grande revelação ou mesmo um comportamento enlouquecido da minha parte, porém, tudo o que sinto é frustração. Não me lembro de quase nada, apenas de estar ouvindo o pedido de socorro de Eric.

Fecho os olhos, coloco as mãos sobre o rosto, abafando meu choro e sinto os braços dela me envolverem, enchendo-me de proteção e consolo.

— Thomas...

— Ele pedia ajuda, Liz! Ele implorava ajuda!

— Pode ter sido apenas um sonho!

Nego, apertando-a em meus braços. Sei que não foi, tenho certeza de que não foi um sonho! Eu podia sentir, saber que era real, que estava passando por aquilo tudo. Esse sonho, pelo menos a parte de que me lembro dele, foi diferente de todos os outros que já tive.

— Eu quero lembrar, mas, ao mesmo tempo, não quero! Eu acho que está chegando a hora, Liz, está chegando a hora de eu descobrir o que houve, e eu não sei se vou gostar, tenho certeza de que não!

— Eu estou aqui e sempre estarei ao seu lado. — Ela me segura pelo rosto, fazendo-me encará-la. — Eu sempre estarei aqui para você, independentemente do que você se lembrar. Eu te amo!

As palavras dela, carregadas de sentimento, abraçam-me e me confortam. Eu não sei o que houve naquele lugar, há quase um ano, mas sei que não foi como todos pensam, uma morte instantânea, porque eu podia ouvi-lo. Eric implorou por socorro antes de morrer.

Deito-me na cama, levando Liz comigo, agarrado a ela como a uma tábua de salvação, como um porto seguro. Eu não sei como irei reagir a partir do momento em que tomar consciência de todas as sombras do meu passado, pois até o momento temi as coisas que fiz, sem saber que houve tempo de ouvir meu irmão pedindo socorro.

Só de imaginar que eu possa tê-lo visto morrer sem poder fazer nada... meu peito fica pesado. É difícil respirar, e eu sinto as mãos de Liz me massageando, não com carinho apenas, mas com técnica. Aos poucos vou me acalmando, respirando mais devagar e continuamente, sentindo meu corpo relaxar.

A visão de um pôr do sol em uma praia me é familiar, assim como o casal que caminha junto, de mãos dadas.

Um futuro tranquilo em meio a um passado e um presente tão turbulentos.

Eu me sinto nervosa, apreensiva. Sei que não deveria, mas me sinto assim, torcendo as mãos, embora tenha de fingir que está tudo bem e colocar um sorriso confiante no rosto.

Thomas dá mais um passo usando as muletas pela primeira vez, e eu me sinto gelar com medo de que ele caia, com medo de que se frustre e desanime. Eu sei, já fiz esse tipo de readaptação algumas vezes e estou acostumada, afinal, sou profissional da área, mas é a primeira vez que o paciente em questão é também o homem que eu amo.

Ele cismou que queria começar a treinar com elas, dizendo que quer ter mais independência até o Natal, pois confirmei a nossa presença na ceia da minha mãe. Nem preciso dizer que dona Cláudia *pirou* quando soube que eu

estava namorando um Palmer, mas tentei relevar e pensar que ela teria reagido assim a qualquer outro que eu lhe apresentasse como namorado.

Namorado! Sim, Analiz Castro tem um namorado!

Thomas cambaleia, e eu quase saio correndo em seu socorro, mas ele balança a cabeça para mim, pedindo-me que não vá auxiliá-lo. O homem é teimoso, perfeccionista e muito focado em seus objetivos, que no momento é voltar a andar – de muletas, pelo menos – até o Natal, daqui a alguns dias.

Ficamos apenas uma semana utilizando o andador, e nunca ri tanto durante o tempo em que o estou tratando como o fiz naqueles momentos. Thomas andava e fazia piada a cada passo que dava, rindo de seu esforço, mas ao mesmo tempo tão feliz por poder ter alguma independência de ir e vir sem a utilização da cadeira que parecia um menino. Ele rejuvenesceu naqueles dias!

Depois de toda a tensão que vivemos com a visita de David e os pesadelos constantes, que voltaram a acometê-lo, aquela alegria foi como um presente para ele, como uma luz no fim do túnel de escuridão. A doutora Lídia continuou a vir duas vezes por semana; mesmo dizendo que tiraria uns dias de recesso de Natal, ela percebeu que Thomas não estava bem e continuou vindo.

As sessões o ajudaram a se manter mais calmo, mas ele passou a fazer uso frequente de remédios para ansiedade, pois dentro dele há uma mistura de receio de lembrar e, ao mesmo tempo, de frustração por não lembrar, o que o está deixando muito nervoso, sem conseguir dormir, agitado e sem paciência até nos treinos comigo.

O único momento em que eu o percebo relaxado e entregue é quando estamos juntos na cama. Aí Thomas deixa todas as suas preocupações de lado e me ama como se não houvesse amanhã. Ele é intenso, de longe o sexo mais profundo – física e emocionalmente – que já tive.

Eu consigo vê-lo perfeitamente, ver suas reações, seus sentimentos com uma transparência tamanha que me faz questionar o pouco tempo que estamos juntos para tamanho desejo e amor.

Não vou mentir e dizer que não tenho medo de que tudo isso esteja indo tão rápido por causa da situação psicológica, afinal, o não retorno de sua memória apenas mostra que ele ainda continua vivendo o trauma, que seu psicológico ainda não está pronto para enfrentar todas as lembranças que tem.

Às vezes acordo no meio da noite e fico muito tempo olhando-o dormindo e pensando se o que estamos vivendo é real, se realmente está acontecendo. Todavia, basta ficarmos juntos novamente e ele me olhar com adoração e amor para todos os fantasmas irem embora, e tenho de me convencer de que vai ficar tudo bem conosco depois que ele conseguir voltar a se lembrar.

Vai ficar tudo bem!

— Ei! — ouço-o me chamando. — Eu poderia ir andando até o continente que você nem ia ver! — Eu rio, concordando que estava distraída. — Posso voltar?

Concordo, e ele vagarosamente se vira, ainda utilizando a técnica de três apoios, treinada anteriormente com o andador, com descarga de peso média. Sei que ele está pensando em já passar à descarga total e usar apenas uma muleta na próxima semana.

Sorrio, gostando de vê-lo executar corretamente cada passada da marcha, feliz por ele já estar tão bem em seu desenvolvimento.

— Você está fazendo um belo trabalho, Thomas! — elogio-o.

— Tenho uma musa inspiradora que... — ele para antes de completar a frase, franzindo a testa, com seus olhos fixos em algum ponto, mas sem realmente focar nele.

— Tudo bem? — Ando rápido até onde ele está, preocupada que ele possa estar sentindo-se mal pelo esforço. — Thomas?

Ele me encara, balançando a cabeça, e fecha os olhos com força.

— Tive uma sensação estranha. — Noto as muletas tremerem um pouco. — A mesma sensação que sinto ao me lembrar de algo, mas, dessa vez, não lembrei, apenas senti.

Respiro fundo, preocupada com ele.

— Acho melhor encerrarmos por hoje e...

— Não! Não quero encerrar. Vou continuar o treino, e depois vamos fazer os exercícios de estabilização e os abdominais. — Tento argumentar, mas ele não me permite. — Liz, minha cabeça não vai me bloquear, não posso dar esse poder ao que quer que esteja me atrapalhando. Eu vou seguir minha meta até o final, adequando o meu corpo à nova vida, à nova oportunidade que recebi, e minha mente terá que se ajustar também.

Sorrio e lhe dou um beijo, concordando com o que ele diz, passando uma confiança que eu gostaria de estar sentindo, mas que não sinto por completo. Sei que não conseguimos controlar tudo nessa vida, mas preciso muito acreditar que, quando ele se lembrar, esteja pronto o suficiente para lidar com todas as emoções que sentirá.

Thomas termina de fazer todos os exercícios, e eu me deito com ele no colchão, lado a lado, de mãos dadas.

— Não sei o que comprar para sua mãe de presente de Natal. — Eu lhe digo que não precisa se preocupar. — Claro que preciso! Tenho que conquistar a sogra, e nada melhor do que lhe causando boa impressão.

Gargalho ao pensar que, somente por ser quem é, ele já a conquistou. Thomas é mais do que minha mãe sempre quis, afinal, é o filho de Bill Palmer, o

dono da ilha onde ela praticamente foi criada, e não importa para ela eu dizer que isso nunca esteve em questão, dona Cláudia já fantasiava com o conto de Cinderela, com a Gata Borralheira – no caso eu, neta de empregados – casando-se com o príncipe.

Thomas fala em causar-lhe boa impressão, mas confesso que *eu* estou preocupada com a impressão que minha mãe irá causar nele. Não quero ser julgada como interesseira, muito embora creia que isso irá acontecer, principalmente se nosso relacionamento evoluir. Sempre acontece em casos como o nosso, quando a mulher é de classe social diferente, e, o no meu caso com o Thomas, eu ainda corro o risco de ouvir que me aproveitei de sua fragilidade, por causa do trauma, para conquistá-lo e lhe dar um golpe.

Eu espero sinceramente que ele nunca dê ouvidos a esse tipo de rumores, porque posso, sim, aguentar olhares e cochichos dos outros – fodam-se todos eles –, mas não posso sequer imaginar Thomas se questionando sobre isso, aí seria o fim.

Eu senti alívio quando ele me informou que sua família não viria para cá no Natal, mesmo sabendo que em algum momento eles virão, e eu serei apresentada a eles como a namorada de Thomas e terei de enfrentar os julgamentos de Bill Palmer, Mari e talvez até o de Becca.

Contudo, se ele estiver ao meu lado, nada disso será problema. Eu enfrento o que for para ficarmos juntos, desde que ele enfrente comigo.

— Um dólar por seus pensamentos! — Ele toca a ponta do meu nariz.

— Não valem nenhum centavo! — Beijo-o. — Estava pensando na noite de Natal.

— Eu também pensei nisso e tive uma ideia. — Dá-me um sorriso lindo que dispara meu coração. — Você vai querer almoçar com sua família no dia seguinte, não vai? — Eu aquiesço. — Então não vamos voltar para a ilha.

— Não?! — Estranho, já com medo de que ele queira ficar na casa da minha mãe, sabendo que lá não tem lugar para nós dois.

— Não... — Sorri como se estivesse aprontando algo, aperta-me mais forte e fecha os olhos.

— Thomas James... o que você está pensando em fazer?

Ele dá de ombros.

— Surpresa!

Cutuco suas costelas com meu dedo, arrancando-lhe sorrisos, mas ele não se dobra à tortura.

— Confia em mim, você vai gostar!

Eu me sinto animada e apreensiva ao mesmo tempo, mas faço o que ele me pede, confiando nele. Levanto-me e o puxo para se levantar, e nos abraçamos de

pé. Estou ajudando-o a manter o equilíbrio.

— Vamos tomar banho? — sussurra, já excitado.

— Você não está cansado? — pergunto, pois hoje o esforço feito foi muito grande, e ele tirou esse tempinho deitado exatamente porque estava exausto.

Thomas ri e se aperta contra mim.

— Nunca estarei cansado o bastante para não querer sentir o sabor do seu corpo e ouvir seus gemidos de prazer. — Meu corpo inteiro reage, deixando-me arrepiada. — Você é o meu remédio, Liz, você cura toda a dor e a escuridão que me atacam, principalmente aqui. — Ele pega minha mão e a encosta em seu próprio coração.

Meus olhos enchem-se de lágrimas enquanto sinto, sob minha palma, as batidas fortes de seu coração, agradecendo aos Céus por ter tido a chance de viver esse amor dessa forma, com ele.

Eu nunca me senti tão inteira antes, tão satisfeita, como se houvesse, enfim, encontrado meu lugar. Claro que já tive outras alegrias, de conseguir me formar, de ser independente, e o que sinto agora não anula minhas outras conquistas, mas as completa, dá sentido a tudo o que eu vivi até hoje.

Eu nunca consegui me sentir pronta para um relacionamento ou mesmo me apaixonar por alguém, porque eu estava à espera dele e, de alguma forma, meu corpo e meu coração sabiam que esse momento ia acontecer.

— Eu amo você.

Nós nos beijamos intensamente, com desejo, mas acima de tudo com todo o sentimento que temos um pelo outro. Ficamos tão conectados no beijo que só nos separamos quando ouvimos um pigarrear bem alto.

— Desculpe interromper. — O doutor David parece constrangido, e eu rio nervosa, segurando Thomas, ajudando-o a se sentar na cadeira. — Eu trouxe alguns resultados de exames, Thomas. — Ele me olha sem jeito, e eu começo a guardar os materiais que usamos na sessão de hoje. — Essa é minha última visita do ano, então queria poder conversar com você sobre o tratamento a partir do ano que vem.

— Claro, David. — Thomas aciona sua cadeira. — Podemos fazer isso daqui a meia hora? Eu estava indo para o banho. — Não resisto e dou um sorrisinho, de costas para os dois, pensando no tempo que ele pediu para o banho.

— Certo! — David parece um tanto contrariado. — Como está a evolução dele, Liz?

Eu me viro para lhe responder.

— Ótima! Thomas começou o treino de marcha com muletas axilares. — Eu pego meus relatórios. — Você deseja discutir os relatórios...

— Depois de eu conversar com o Thomas. — Eu concordo. — Te encontro em meia hora na biblioteca — fala ao Thomas antes de sair.

Assim que o doutor some do nosso campo de visão, Thomas me chama para sentar em seu colo.

— Vamos correr, só temos meia hora!

Eu gargalho.

— Queria ter tomado banho na banheira — Thomas diz 40 minutos depois. — Mas quero me livrar do doutor o mais rápido possível, então...

— Thomas! — Eu jogo o travesseiro nele, rindo.

Ele se aproxima e me beija.

— Não saia dessa cama, pois, assim que despachá-lo, volto para cá.

Eu gemo e faço um beicinho.

— Não posso, tenho que mostrar meus relatórios a ele. — Thomas bufa, exasperado. — Mas ele não deve passar a noite aqui, o helicóptero não voltou. — Dou uma piscadinha safada. — Estou quase pegando uma carona para o Rio.

Ele arregala os olhos e cruza os braços, completamente contrariado.

— Meu mundo por uma pizza! — Deito-me na cama, suspirando. — Eu adoro peixe e carne, mas não como uma bela pizza há tanto tempo! E eu sou viciada!

— Vamos a Angra!

Olho para ele.

— Não sei... Já vamos para lá daqui a alguns dias, para o Natal. — Suspiro. — Tenho preguiça de sair daqui, sempre foi assim. Eu odiava ficar indo e voltando quando estudava e nas férias nem saía daqui!

— Hum... — Ele olha para seu relógio. — Preciso ir e conversar com o doutor Turnner, depois resolvemos sobre a pizza.

Gemo só de pensar no cheirinho de queijo derretido e manjericão.

— Acho que posso esperar até o Natal! Vamos um pouco mais cedo e passamos numa pizzaria.

— Certo, então!

Sinto-o beijando meu pé e rio. Ouço o barulho do motor da cadeira, o que indica que ele já está indo ao encontro do David e abraço seu travesseiro, sentindo seu perfume. Dormir com ele tem sido difícil por causa dos pesadelos – que acontecem mesmo com os remédios, embora com menos frequência –, mas ainda assim é maravilhoso.

Levanto-me, colocando minha roupa de volta, prendendo meus cabelos em um coque alto e indo de volta para a sala de fisioterapia para terminar de arrumar as coisas que deixei pela metade para ir ao banho com ele e colocar minhas anotações em ordem, inclusive imprimir alguns registros que fiz das condições dos músculos internos de Thomas, que estão ajudando-o, através dos exercícios, a sustentar e estabilizar sua coluna.

Os externos – que aparecem sob a pele – estão em ótimas condições, firmes e já definidos novamente, embora Thomas ainda esteja mais magro do que era antes. Ele foi abençoado com um belo abdômen e um bumbum de dar inveja. Bastou sessões intensas de exercícios, e eles já se mostram, gloriosos, fazendo-me ter uma ideia de como ficarão perfeitos com o tempo e com a disciplina que ele mostra ter.

Demoro quase uma hora executando todas as tarefas, limpando equipamentos, arrumando tudo para a sessão de amanhã e, somente quando David entra, é que percebo o tempo que passou e que a conversa com Thomas foi longa.

— Liz, é impressionante tudo o que você já conseguiu! — ele declara após ler meus relatórios médicos. — Você pode fazer uma bela publicação desse caso com o material que você tem.

Eu já havia pensado nessa possibilidade, mas ainda quero conversar com o Thomas sobre isso. Ter um estudo de caso publicado é ótimo para meu currículo, e eu sonho em fazer mestrado, e isso me ajudaria muito a conseguir alguma bolsa.

— Eu estou pensando nisso, mas ainda não resolvi.

Ele aquiesce.

— Eu quero conversar com você sobre quando esse tratamento terminar. — Meu coração dispara ao pensar nisso. — Eu ficaria contente em ter você na minha clínica. — Fico surpresa com o convite. — Eu estou tentando me cercar de profissionais que realmente façam diferença, e você com certeza tem o perfil que busco.

A proposta me parece um sonho, é tudo o que eu poderia sonhar e o que eu estava idealizando até pouco tempo, mas... eu ainda não pensei no que vai acontecer depois que meu contrato de trabalho aqui terminar. Não sei se Thomas vai regressar aos Estados Unidos, uma vez que me disse que não tem intenção de voltar a atuar, ou se vai ficar aqui no Brasil e, se caso fique, onde irá morar.

A Raj, embora seja de sua família, não é dele, e eu não sei se ele ficaria confortável morando aqui o ano inteiro. Morar em uma ilha, no verão, é uma delícia, mas o inverno aqui é monótono e triste.

Eu mesma nunca pensei em voltar a viver aqui permanentemente, pois, se

tivesse que sair do Rio, iria morar com a minha mãe, na cidade.

Rio! Eu ainda tenho que resolver se vou continuar ou não com o apartamento onde moro, agora que Olívia se casou. Talvez precise arranjar alguém para dividi-lo comigo – o que não me agrada de todo –, porque a despesa dele é alta e eu, sozinha, vou viver com a corda no pescoço para mantê-lo. Fisioterapeutas não ganham rios de dinheiro!

— Eu aprecio a oferta, doutor, e prometo pensar nela com carinho depois que tiver terminado aqui.

— Que bom, Liz! — Ele sorri. — Eu conversei com o Thomas agora e informei que irei diminuir a frequências das visitas, pois ele está quase recuperado e seus exames foram ótimos! Conversei com o senhor Palmer também, que ficou muito satisfeito, e, como eles irão passar o Ano Novo aqui, verão com seus próprios olhos a evolução...

— A família Palmer vem para cá no Ano Novo? — não consigo disfarçar minha surpresa.

— Thomas não lhe contou? Sim, eles vêm!

Sinto meu estômago se contorcer de nervosismo ao pensar que terei de os enfrentar em pouco mais de uma semana.

— Eu estava esperando que viessem no Natal — tento disfarçar. — Mas que bom que virão...

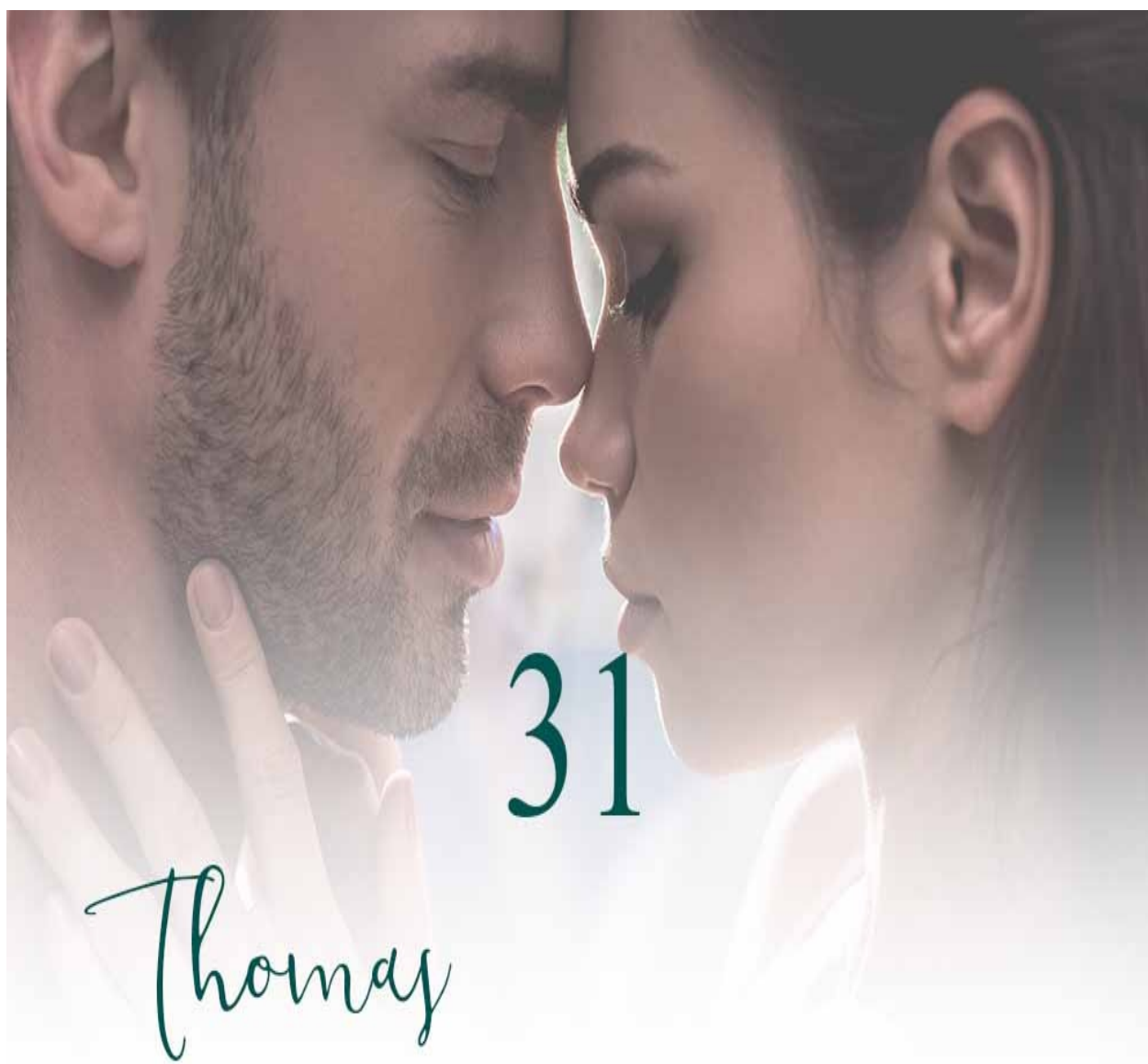
— Pelo que Bill deu a entender, eles pretendem convencer o Tom a acompanhá-los de volta aos Estados Unidos, e, se isso acontecer, quero que você tenha em mente que seu lugar na clínica já está garantido. — Ele pega minha mão. — Pode contar comigo para o que precisar!

Eu a retiro, sorrindo para ele a fim de disfarçar a repulsa pelo contato não consentido, e me afasto para não transparecer que o significado das palavras dele me afetaram.

Ele acha que Thomas irá voltar com a família para Nova Iorque e me deixar aqui. A verdade é que nós dois nunca falamos sobre o que vai ser quando o tratamento acabar, e eu não posso garantir que ele queira ficar no Brasil comigo, assim como não sei se quero ir com ele aos Estados Unidos, caso me ofereça.

Esse choque de realidade faz com que eu veja que o idílio que estamos vivendo é efêmero demais, embora nossos sentimentos pareçam sólidos. Estamos convivendo em uma situação completamente fora da normalidade de um relacionamento. Aqui nós não temos distrações, obrigações, rotina. Amanhecemos, passamos o dia e dormimos juntos, coisas que nem casais casados conseguem fazer, pois saem, têm compromissos de trabalho, amigos, família.

A conversa com David me fez perceber que talvez somente o que sentimos

não seja suficiente, pois estamos vivendo uma ilusão.

— Eu queria estar aí com você no Natal, mas papai marcou uma confraternização simples com o pessoal da empresa e não vai poder viajar — Becca lamenta ao telefone. — Mas estaremos juntos no Ano Novo. Estou tão ansiosa para te ver e para ir até a ilha! Faz anos desde a última vez que fui.

Sim, eu me lembro dos vídeos de minha irmã aqui com Eric, e isso me deixa tenso, pois não sei se será bom para ela estar aqui de volta sem ele.

Liguei para casa no dia seguinte à visita do doutor Thomas, pois ele me pegou de surpresa ao dizer que minha família tinha a intenção de passar o final de ano comigo aqui na ilha. Eu não sabia disso, mesmo porque falo tão pouco com eles que não é novidade eu não estar inteirado das atividades da família.

Entretanto, minha irmã confirmou a intenção da família de vir ficar uns dias

aqui comigo, e eu só consigo pensar na reação da Liz ao saber disso, porque não vou esconder nosso relacionamento de ninguém, muito menos dos Palmers. Eu sei que ela tem receio de como meu pai irá receber a notícia, mas, como já deixei bem claro, não estou ligando a mínima para a opinião alheia. Eu amo aquela mulher e ninguém vai se intrometer entre nós!

— Como estão as coisas aí, Becca?

Ela suspira e fica um tempo muda, o que me preocupa.

— Pouca coisa mudou por aqui, Tom. Papai está sempre na empresa, enquanto minha mãe está sempre fazendo suas atividades – academia, clube, compras – e vovó não tem saído muito de seu próprio apartamento. Se eu não vou até ela, fico sem a ver, mesmo morando no mesmo andar do prédio — a voz de Becca fica triste e baixinha. — Ela não consegue se conformar com a perda de Eric, mesmo agora, prestes a fazer um ano.

Fecho os olhos ao pensar que, enquanto eu vou acompanhar Liz em sua confraternização de Natal, rindo e conhecendo seus amigos e familiares, parte de mim estará em luto, lembrando que meu irmão faleceu naquela data.

— E como você está, pequena rebelde? — uso o apelido que ela me disse que eu sempre a chamava, e ela ri pela primeira vez ao telefone.

— Indo, Tom. A escola me distrai, minhas atividades extracurriculares preenchem meu dia, e à noite tento fazer alguma coisa para não enlouquecer, sabe? Esta casa é muito estranha, eu me sinto quase invisível dentro dela.

Ouvir isso aperta meu coração, principalmente por não estar com ela, apoiando-a, mostrando-lhe o quão importante ela é para mim.

— Você vai passar esses dias aqui comigo, e eu vou poder te acompanhar em algumas aventuras — falo baixinho, segredando. — Eu já estou andando de muletas.

Rebecca solta um gritinho de felicidade, o que me faz gargalhar também.

— Eles já sabem? — Nego. — Oh, meu Deus! Papai vai enlouquecer quando souber da sua recuperação! Fico tão feliz por você!

— Eu também estou, Becca, muito feliz.

Conversamos por mais alguns minutos, e, quando por fim encerro a ligação, penso no que irei fazer quando terminar o tratamento, pois, apesar de me sentir muito bem aqui no Brasil, ela precisa de mim lá em Nova Iorque. Penso em minha avó, tão idosa, mas tão lúcida e forte, que parece estar definhando de sofrimento por ter perdido seu neto mais velho.

Minha família precisa de mim, eu sei, mas nunca conversei com Liz sobre como será quando eu tiver alta. Sei que ela ama trabalhar e eu nunca lhe pediria para deixar de fazer o que ama, mas, se ela me acompanhasse até meu país, teria que se adaptar às normas locais para exercer sua profissão, ter seu diploma

reconhecido e depois ainda teria que conseguir um emprego na área. Claro que eu posso montar uma clínica para ela, mas, conhecendo a mulher que amo, acho que nunca iria se sentir bem com isso.

A minha ideia inicial nunca foi retornar aos Estados Unidos, mas sinto que preciso fazer isso, preciso estar ao lado da minha família, pois eles também estão sofrendo muito com o que aconteceu. Eu fiquei meses concentrado em meu próprio sofrimento e acabei não percebendo que havia mais pessoas sofrendo pelo mesmo motivo.

Meu pai – eu sei o quanto ele era apegado ao meu irmão – parece ser um homem forte, mas eu percebi seu olhar no dia em que veio me entregar a bússola que Eric deixou para mim; era um olhar de dor. Minha avó, minha irmã e, claro, a noiva de Eric – cujo perdão eu ainda não pedi –, todos devem sentir saudades e sofrer pela falta dele em suas vidas.

Respiro fundo ao lembrar da visita que Cassidy me fez há alguns meses e no que ela mesma me revelou sobre minha conduta. Enganei-a, passei-me por Eric para levá-la para a cama – como se ela fosse um brinquedo em uma disputa – e ainda a chantageei.

A chantagem parecia ser minha diversão, porque eu fazia isso com minha madrasta, com a Cassidy e talvez com mais uma infinidade de pessoas do convívio. Talvez eu me sentisse poderoso podendo manipular a vida das pessoas dessa forma, não sei, sinceramente não entendo minha motivação.

Levanto-me da cadeira e, concentrado, vou andando vagarosamente para fora do escritório, sabendo que, se minha fisioterapeuta durona me pegar já transitando pela casa antes de ela me liberar para fazê-lo, eu terei que sofrer as consequências.

Dou risada pensando em Liz estendida em minha cama após uma manhã de sexo preguiçoso. Eu não consigo me saciar daquela mulher, não consigo imaginar minhas mãos, meu corpo, longe do dela. Liz me tem em suas mãos, tem meu coração, minha alma e, confesso, isso é assustador.

Abro a porta do quarto e não a vejo, porém, escuto o som do chuveiro. Ando até a escrivaninha, móvel ainda remanescente do antigo escritório, e vejo as anotações que ela fez em um bloco, ontem à noite, ao conversar com a amiga. Sorrio ao ver a letra redonda e perfeita, contorno meu próprio nome com meu dedo, escrito dentro de um coração. Ao lado desse há também escrito o nome da amiga – Olívia –, bem como a palavra pizza, o que me arranca uma risada.

— Ei! — Ela põe as mãos na cintura, por cima da toalha na qual está enrolada. — Bisbilhotando minhas anotações?

Vou até ela – que não deixa de arregalar os olhos ao perceber que eu estava andando de muletas por aí – e lhe dou um beijo.

— Suponho que ali esteja escrito o que você mais ama neste mundo, não é? — Ela franze o cenho. — Pizza? Sério mesmo?

Liz gargalha, mas depois faz beicinho, concordando.

— Sei que amanhã vou poder comer, afinal, você prometeu ir comigo antes da ceia de Natal. — Concordo, mas já tendo outras ideias. — Mas a filha da mãe da Oli me ligou só para dizer que ontem foi até a pizzaria onde costumávamos ir juntas e que sentiu minha falta... aí lembrei da pizza!

— Nunca imaginei que você fosse tão gulosa assim... — Ela me dá um sorriso malicioso. — Retiro o que eu disse! Você tem me provado, todos os dias, o quão gulosa é.

Liz gargalha e me abraça, deixando cair a toalha no percurso.

— Ainda estou puta por você estar andando de muletas sem minha supervisão *e* liberação, mas por hora te perdoo. — Encosta sua boca em minha orelha. — Estou faminta de novo!

Solto uma das muletas e a agarro pela cintura, usando-a um pouco como apoio. Beijo-a cheio de tesão, imaginando que, se eu já tivesse controle total do meu equilíbrio, iria comê-la assim, de pé, encostada contra a parede do banheiro.

Todavia, nada me impede de amá-la, então a levo até a cama para mais algum tempo de exercícios. *Deliciosos exercícios!*

— Você entendeu o plano? — inquiro ao Márcio logo após o almoço, enquanto vejo Liz conversando com o avô ao longe.

— Não sei se consigo convencer...

— Amanhã é véspera de Natal! Nada mais justo ter uma confraternização entre os funcionários... — Márcio ri, sabendo muito bem qual é o meu verdadeiro motivo. — Posso contar com sua ajuda?

— Está em cima da hora para fazer isso tudo... — Ele olha para o relógio. — Mas pode, sim!

Eu lhe agradeço e, em seguida, vou conversar com Rita, na cozinha, adorando a liberdade de poder caminhar com minhas próprias pernas.

— Senhor Thomas, posso ajudá-lo?

— Sim. — Olho em volta. — Minha família virá passar o réveillon aqui conosco, então pensei que, em algum lugar desta casa, deve haver um local para guardar coisas usadas em festas e...

— Tem, sim! — Ela seca a mão em seu avental, pois eu interrompi seu trabalho de lavar louça. — O senhor pensou no quê?

Dou de ombros e a sigo, saindo da cozinha e indo para a área da piscina, onde ela abre a porta de um cômodo na construção onde ficam a churrasqueira e a outra cozinha. Assim que entro, vejo uma infinidade de louças, além de toalhas e artigos de decoração. Passo os olhos rapidamente por todos os itens, já anotando mentalmente o que eu irei precisar que o Márcio pegue para mim.

— Hum, eu não levo jeito para isso! — comento. Rita tenta não rir de mim. — Acho melhor vocês decidirem o que usar, mesmo assim obrigado por me mostrar.

A expressão dela é um tanto estranha, olhando-me como se tentasse descobrir algo, mas depois volta ao normal, apagando a luz do depósito e saindo logo atrás de mim. Na cozinha, encontramos Márcio conversando com a Marisa.

— Ah, Thomas, estou contando aqui que fomos presenteados com um jantar na cidade em comemoração ao Natal — ele avisa. Rita me olha. — Já comuniquei ao *seu* Paulo, a Liz e faltava somente falar com as senhoras.

— Muito obrigada, senhor Thomas! — Marisa me agradece com um enorme sorriso, e eu me sinto um pouco mal por não ter pensado nisso sem segundas intenções. — Nós duas vamos, não é, Rita?

— Claro!

Ótimo! Faço sinal para o Márcio, e ambos saímos da cozinha.

— No depósito tem caixas térmicas, toalhas e vi tochas, mas não sei se estão funcionando.

— Pode deixar, que eu vejo isso! Já ligou e combinou com o Gonçalo?

— Ele virá te buscar daqui a pouco. Eu preferi não pedir a ele para fazer o que te pedi, porque pode contar para o avô da Liz ou para a própria.

— Quanto tempo...

— Márcio, conto contigo para serem os últimos a saírem do local, okay?

Ele gargalha, mas concorda.

— Ei, vocês dois! — Liz se aproxima. — Que ideia ótima, Thomas! — Ela parece orgulhosa de mim, e eu quase desisto do plano. Quase! — Vamos a uma pizzaria, não vamos?

— Qual sua preferida?

Ela parece pensar um pouco.

— La Traviatta! Ficava no centro da cidade, mas não sei se ainda...

— Está lá! Eu como lá vez ou outra — Márcio a interrompe. — A massa é fininha e crocante e vem com muito recheio!

Liz quase baba, e seus olhos brilham.

— Então está decidido, Márcio! — Olho para meu enfermeiro, que segura o riso. — Pizza da La Traviatta! Muita pizza!

Liz ri.

— Lá tem rodízio, é melhor, porque assim podemos variar nos sabores! — Ela me beija. — Vou ajudar o vovô com uma coisa lá na casa dele. Obrigada!

Assim que ela se afasta, eu lamento.

— Não perguntei as preferidas dela!

— Trago de vários sabores, não se preocupe. Lá em cima tem uns bons vinhos, champanhe...

Terminamos de conversar e, quando Gonçalo chega, Márcio embarca em busca da minha encomenda.

— Não me sinto bem — digo a Liz, fingindo. — Mas pode ir sem mim, não quero que percam essa noite porque não estou legal.

— Que absurdo! Claro que não vou te deixar sozinho! — Ela retira as sandálias de salto e calça seus chinelos. — Vou avisar para irem, que eu vou ficar contigo.

— Mas e a pizza, Liz?

— Peço ao vovô para trazer uma! — Beija-me, abaixando-se na cama. — Já volto!

Tenho certeza de que ela irá me matar quando souber que menti sobre meu estado, mas espero também que ela me perdoe assim que entender o motivo. Coloco em cima do travesseiro o bilhete que escrevi mais cedo, pego as muletas e saio o mais rápido que consigo do quarto.

Tive de mentir sobre o horário da reserva para todos, pois, com o horário de verão, demora muito a escurecer, e o que eu planejei é para ser executado no total breu. Caminho até a praia e vejo, satisfeito, o trabalho do Márcio, meu alcoviteiro oficial, como ele mesmo se chamou.

Sento-me na enorme colcha estendida na areia e aguardo a Liz, nervoso. As sete tochas, com cabos de bambu, estão fixadas na areia, acesas em volta do local onde estou. Agradeci à boa sorte de a rota usada por Gonçalo ser pelo outro lado da ilha, assim os moradores desta, a caminho do restaurante, não podem ver minha surpresa.

Olho para o relógio, ansioso, esperando que Liz veja o bilhete que deixei, pedindo-lhe para me encontrar na praia. Não há nenhuma claridade a não ser a das tochas, pois a lua está na fase nova, além disso, o céu está carregado de nuvens, o que impossibilita a visão das estrelas, mas eu consigo ver minha namorada assim que aponta no final do caminho de areia batida.

Sorrio para Liz, que parece realmente surpresa, parada e de olhos

arregalados.

— Thomas, o que...

— Surpresa! — Eu me levanto e pego somente uma muleta para me apoiar, esperando-a chegar bem perto de mim. — Eu queria um momento só nosso.

Ela ri, ainda nervosa, e me beija, olhando para as caixas em cima da colcha.

— Eu espero que haja pizzas dentro dessas caixas térmicas!

— Seu desejo é uma ordem, madame! — digo ao seu ouvido.

— Você é louco, mas eu te amo! — Liz desliza as mãos pelo meu tórax. — Porém, neste momento meu desejo é outro.

Fecho os olhos quando ela passa a mão sobre a frente da minha bermuda, tocando meu pau por cima do tecido. Sua boca está molhada, sua língua procura a minha o tempo todo. Eu a seguro pelos cabelos, adorando a sensação de sua boca na minha, beijando-a em frenético desespero enquanto ela me toca.

Liz se afasta e começa a desabotoar minha camisa. Eu não consigo tirar os olhos de cima dela, de cada botão que solta com um sorriso nos lábios. Ela é linda, iluminada pelo fogo ao redor. Sua pele brilha, e seus cabelos ficam com um tom mais claro e levemente avermelhados por causa do fogo.

Gemo quando ela desliza sua língua molhada pelo meu peito, lambendo meus mamilos, descendo pelo abdômen, parando em meu umbigo enquanto desafivela o cinto da minha bermuda e libera minha excitação.

Eu anseio por sua boca em meu pau, mas, quando penso que finalmente ela irá abocanhá-lo, Liz se levanta e começa a se despir.

Sinto-me hipnotizado a cada pedaço de pele que ela desnuda, primeiro abrindo o fecho do vestido nas costas, depois descendo cada lado dele, mostrando seus ombros, seu colo, o sexy sutiã branco de renda e sem alças que cobre seus seios, sua barriga e, por fim, a calcinha fio-dental que ela faz questão de me mostrar, dando uma voltinha.

— Você estava com isso por baixo desse vestido recatado? — pergunto a ela enquanto me masturbo, excitado apenas com a visão de seu corpo.

— Seria uma surpresa para mais tarde. — Pisca para mim. — Mas a surpreendida fui eu. — Retira o sutiã. — Adoro te ver fazendo isso.

E então, a fim de me voltar ainda mais enlouquecido, ela desliza a mão sobre seu próprio corpo, gemendo, olhando-me nos olhos, estimulando seus seios, descendo em direção à minúscula peça branca rendada.

Trinco os dentes, tamanha a excitação ao vê-la se tocando por dentro da lingerie, mexendo sua mão, enquanto com a outra brinca com o mamilo esquerdo. Ao mesmo tempo em que eu quero pedir clemência, implorar para que ela pare e caminhe até onde estou para que eu mesmo possa tocá-la, estou vidrado nessa sedução.

Estamos os dois praticamente nus, um de frente para o outro, tocando nosso próprio corpo, encarando-nos e gemendo como pagãos. É fodidamente delicioso!

— Tira a calcinha, Liz — peço, mas ela nega. — Eu vou até aí tirar...

Ela para as carícias, mas ainda consigo ver o brilho malicioso em seus olhos, bem como o sorriso malvado em seu rosto.

— Vem...

Não me importo com mais nada, seguro firma na única muleta que estou usando e, lembrando o que ela me explicou sobre o ponto de apoio para as passadas, sigo até ela, quatro longos passos, mas que eu consigo vencer.

— Fica de joelhos — ela levanta a sobrancelha quando dou o comando. — Porra, Liz, fica de joelhos!

Gargalha, acho que vai retrucar, mas faz o que eu peço, e quando sinto a ponta de sua língua na cabeça do meu pau, chego a estremecer e tenho que reter o fôlego para segurar o gozo.

Ela brinca comigo fazendo círculos ou lambendo, segurando meu pau com força, movimentando-o como eu mesmo estava fazendo antes. Liz se abaixa mais e sua língua desliza desde minhas bolas até a cabeça novamente, embora novamente sem chupar.

Pego-a com a mão livre pelos cabelos e a forço contra meu pau latejante, dolorido, duro. Ela ri e mantém sua boca afastada.

— Chupa, Liz...

Não preciso pedir duas vezes, ela me abocanha, levando-me de uma só vez até o fundo de sua garganta, chupando com força e com movimentos rápidos, fazendo-me bufar, gemer alto e puxar seus cabelos, ajudando-a na movimentação.

As sensações são tão boas, tão perfeitas que eu fecho os olhos, curtindo o veludo molhado que parece ser sua boca no meu pau. Sinto o orgasmo se aproximando, mas tento controlá-lo, querendo antes estar dentro dela, querendo...

Liz me surpreende aumentando ainda mais o ritmo, e eu simplesmente deixo acontecer, sendo invadido por uma deliciosa sensação de prazer, derramando meu gozo em sua garganta.

— Como estão as coisas entre vocês? — meu avô me surpreende ao perguntar isso logo após o almoço. Eu o convidei a comer conosco, na casa principal, mas ele não quis ir, o que me deixou triste. Ainda não consigo acertar a convivência dos dois homens que mais amo neste mundo e já não sei mais o que fazer para que meu avô perceba a mudança que ocorreu em Thomas.

Amanhã iremos para a casa de minha mãe, em Angra, e eu não quero que o clima por lá fique estranho ou ruim. Eu convidei Thomas em um impulso, porque pensei nele aqui, sozinho, sofrendo por causa do que aconteceu há um ano e tive medo. Claro que eu gostaria que ele conhecesse minha mãe um dia, mas não pensei que seria tão cedo, ou mesmo em uma confraternização familiar.

A ceia de Natal da minha mãe sempre é repleta de pessoas, amigos dela,

além dos parentes do Gonçalo, que é vizinho e, além disso, divide a festa – e o quintal – com minha mãe. Somos quase uma família só, essa é a verdade! Quando minha mãe foi comprar o terreno, avisou ao Gonçalo, e ambos fecharam negócio e construíram as casas ao mesmo tempo. A dele é bem maior que a dela, pois, como é casado e tem filhos, precisava de mais espaço, mas o quintal continuou sem cerca. Dona Valesca e minha mãe são amigas inseparáveis e, quando necessário, é minha mãe quem fica com os gêmeos adolescentes para que o casal saia ou viaje.

Além da minha preocupação com a reação das pessoas ao me verem com Thomas, também tenho medo de que ele se sinta mal, pois será um evento simples, numa casa simples, coisa a que, com certeza, ele não está acostumado.

— Está tudo bem, vô — respondo ajudando-o a guardar os lençóis que eu lavei ontem. — Legal essa ideia dele de comemorar o final de ano com todos aqui, não é?

Ele dá de ombros, e rolo os olhos.

— Ainda o acho muito estranho, Liz. — Suspiro. — Tem certeza sobre levá-lo à nossa ceia amanhã?

— Isso incomoda o senhor?

— Não, mas lá não é o lugar dele, Liz. Imagina só! O homem nasceu em berço de ouro e, como se não bastasse, ganhou rios de dinheiro com os filmes... Imagine a vida a qual está acostumado! É completamente fora da nossa realidade.

— Eu sei. — Prometi a mim mesma que não voltaria a mentir para ele. — Me preocupo com isso também, mas estou lhe dando um crédito, vovô. Desde que decidi investir nesse relacionamento, estou acreditando em sua mudança, em seu amor. Sei que é difícil para o senhor entender, mas...

— Não, filha, não é difícil! Eu realmente gostaria de estar errado, mas não sei. — Ele pega minha mão. — Se fosse o Eric...

— Se fosse o Eric, vô, nós nunca teríamos esse tipo de problema! Nunca houve nenhum tipo de aproximação entre mim e...

— Ele gostava de você, filha — a informação me surpreende, mas logo relaxo, achando que ele está falando de simpatia por mim, não de outra coisa. — Gostava mesmo, Liz! — Arregalo os olhos. — O garoto só falava de você quando estava comigo, o que era desesperador, porque atrapalhava nossa pescaria. Eu ria, percebendo o quanto ele tentava disfarçar, mas não conseguia. Depois, quando se tornou um homem, eu fiquei preocupado com as intenções dele contigo, mas você só enxergava o outro.

Fico um tempo imóvel, sem saber o que fazer, tentando lembrar se, em algum momento, eu percebi algo.

— Nunca percebi nada disso!

— Claro que não, filha! — Ele ri. — Para você só existia um deles: o Thomas. Eu vi, com tristeza, Eric se afastar, porque percebia que você era interessada no irmão e não nele. Eu também nunca encorajaria algo entre vocês, pois o senhor Palmer nunca iria aceitar, mas me dava dó. Quando você se formou na faculdade, ele esteve aqui. Foi a última vez em que eu o vi, sabe? Falei do tanto que estava orgulhoso, mas que sentia saudades, pois desde a faculdade você não vinha aqui. Ele me parabenizou e me disse que acreditava em você, em seu empenho e força de vontade. — Meu avô parece emocionado. — Ele disse que você iria longe e que torcia para que fosse feliz.

Fecho os olhos sentindo um aperto no peito, tentando me lembrar do irmão mais velho, mas vendo apenas Thomas em minha mente. A menina que eu fui nunca teria notado o irmão mais sério e certinho, mas a mulher que sou hoje... Balanço a cabeça, tentando afastar a ideia da cabeça.

Eu amo o Thomas! Mesmo que todos digam que ele está agindo como o irmão, ainda assim é o homem que eu sempre amei.

— O Gonçalo disse que nos pegará às 19h:30 — informo ao meu avô antes de guardar a última peça de roupa de cama. — Tente dar uma chance ao Thomas, por mim.

— Faço tudo por você, minha filha, desde que esteja feliz.

— Eu estou, acredite!

Ele me abraça forte, e eu sinto que, embora tenha dito a ele que estou feliz, ele ainda não consegue acreditar na duração desse sentimento, como se soubesse que, mais cedo ou mais tarde, esse idílio que estou vivendo irá acabar.

Ajusto minha maquiagem, dando um toque final somente com um batom mais forte e confiro meu visual no espelho do banheiro. Como esta noite vai ser algo bem informal, eu quis ficar bonita, mas, ao mesmo tempo, descolada, então escolhi um vestido leve, sem mangas por causa do calor, mas ao mesmo tempo comportado. O decote em “v” é o único ponto mais ousado, deixando à mostra a junção dos meus seios.

Borrifo meu perfume, confiro meus cachos, volumosos e bem-definidos e saio para me encontrar com Thomas no quarto, mas estanco ao vê-lo deitado debaixo das cobertas.

— O que houve?

— Não me sinto bem — diz baixinho, de olhos fechados. — Mas pode ir

sem mim, não quero que percam esta noite porque não estou legal.

Arregalo os olhos e vou até a cama.

— Que absurdo! Claro que não vou te deixar sozinho! — Retiro meus saltos, calçando chinelos e lamentando pela perda do programa. — Vou avisar para irem, que eu vou ficar contigo.

— Mas e a pizza, Liz?

Sim, a pizza! Tenho vontade de gemer ao pensar no cheiro e no queijo derretido por cima e a massa fina e deliciosa do restaurante, mas não vou deixar o Thomas aqui passando mal e sozinho, não mesmo!

— Peço ao vovô para trazer uma! — Beijo-lhe a boca rapidamente e saio do quarto. — Já volto!

Corro até o píer, onde todos já estão reunidos à nossa espera. O sol se pôs, e cada vez mais a escuridão da noite toma conta da ilha, mas, por causa da iluminação, chego até eles sem problema.

— Pessoal, o Thomas não está bem! — anuncio, e Márcio entra na lancha rapidamente, provavelmente com medo de que eu lhe peça para ficar com *seu paciente*. — Podem ir, vou ficar com ele.

— Ah, mas era para ser uma confraternização com todos... — Marisa lamenta.

Rita, com o cenho franzido, olha na direção de Márcio e depois para mim.

— Não, não... Acho que o senhor Thomas quer que a gente aproveite esta noite, não é, Márcio?

O enfermeiro disfarça um sorriso, o que me intriga, porque percebo que está acontecendo algo de que não estou sabendo.

— Sim! Ele inclusive já deixou pago o restaurante, fui até lá hoje à tarde para isso. Vamos, pessoal!

Meu avô se aproxima de mim.

— Filha, você quer que eu fique? Se ele piorar e você estiver aqui sozinha e...

— Não, vovô, vá se divertir! — Vejo ao fundo a Rita e o Márcio cochichando. — Tenho certeza de que ele ficará bem!

— Qualquer coisa, ligue para um de nós!

Eu me despeço dele e espero a lancha se afastar antes de voltar para casa com certeza de que há alguma tramoia por trás daquele súbito mal-estar de Thomas. Márcio, eu sei, já o considera mais que um paciente, pois os dois conversam, riem e ficam de cochichos pela casa como dois bons amigos. Ele nunca deixaria o Thomas sozinho comigo se esse realmente estivesse doente.

Filho da mãe! O que será que ele está tramando a ponto de me fazer perder uma noite em um rodízio de pizzas?! Entro no quarto pronta para confrontá-lo,

mas não o vejo, o que me faz gargalhar. Ele me enganou! Aproximo-me da cama e pego o bilhete que deixou para mim.

Fui tomar ar na praia, aqui estava me sentindo muito sufocado, eu gostaria da sua companhia.

Eu nunca mais havia visto sua letra e sorrio ao pensar que ela melhorou muito desde o último bilhete que me mandou, há dez anos. Sento-me, pensando se devo compactuar com suas mentiras ou se fico na casa assistindo a um filme e o deixo lá na praia sozinho com seus ardis. Contudo, a curiosidade é maior, então eu me levanto e sigo até onde ele está. E não me arrependo!

Paro, com o coração disparado, a respiração suspensa e olhos arregalados ao ver a surpresa que ele armou para mim certamente com o apoio do Márcio. Há um caminho de tochas acesas que levam até onde ele está me esperando, sobre uma colcha enorme, com duas caixas térmicas em um canto, além de louças, talheres, guardanapos, flores, muitas almofadas e a sacolinha preta da joalheria.

A tal joia!

— Thomas, o que...

— Surpresa! — Ele se levanta com uma destreza impressionante e se apoia em uma só muleta. Eu penso em repreendê-lo, mas lembro que quem está aqui, neste momento, não é a fisioterapeuta, mas sim a mulher. — Eu queria um momento só nosso.

Rio, caminhando até onde ele está, pensando no quão maluco ele é e no quão derretida eu estou por sua maluquice. Um cheirinho delicioso chega a minhas narinas, e eu aponto para as caixas em cima da colcha.

— Eu espero que haja pizzas dentro dessas caixas térmicas!

— Seu desejo é uma ordem, madame! — ele sussurra no meu ouvido, fazendo meu corpo inteiro arrepiar e minha vontade de comer ser substituída pela vontade de ser comida.

— Você é louco, mas eu te amo! — Toco-o, sabendo o quanto ele gosta de minhas carícias e que isso o deixa imediatamente duro e excitado. — Porém, neste momento, meu desejo é outro.

Agradeço à boa sorte de ter colocado um conjunto muito sexy de calcinha e sutiã e começo a instigá-lo, tocando-o intimamente, tão excitada como ele mesmo se encontra.

Com certeza, a pizza pode esperar!

— Sério, se eu comer mais um pedaço, vou morrer! — anuncio, rendendo-me e me deitando na colcha, admirando a linda pulseira de ouro com um pingente de dois corações juntos, um de ouro branco e o outro de ouro amarelo.

Ele me deu a joia assim que nos sentamos na colcha, depois que o fiz gozar em minha boca. Disse que, se eu a rejeitasse dessa vez, ele a jogaria dentro do mar, e eu peguei a sacola, avisando-o que consideraria um presente de Natal adiantado, mas, pela cara que ele fez, eu sabia que não era.

Thomas gargalha, toma mais um pouco de água – ele trouxe um vinho delicioso, mas, como está usando medicação, não pode beber, então somente eu usufruí desse privilégio – e se deita ao meu lado.

— Você tinha razão sobre a pizza! — exclama, satisfeito. — Eu não me lembrava de que essa mistura de massa, queijo e essa coisa verde em cima era tão saborosa.

Eu rio ao lembrar que ele me perguntou mais de 10 vezes o que era a folhinha verde em cima da pizza, comendo-a como se fosse uma iguaria, uma grande descoberta do mundo.

— Manjericão, Thomas.

Ele suspira, fecha os olhos e me abraça.

— Ainda tem a sobremesa...

Eu o encaro, mas ele continua de olhos fechados e sorriso satisfeito.

— Mesmo?! — Olho para a caixa de onde ele retirou sua água gelada. — O que é? Sorvete?

Ele finalmente abre os olhos, franzindo a testa.

— Nunca iria supor que você fosse tão gulosa desse jeito!

— Sou muito agitada, meu metabolismo voa, por isso não engordo e sinto muita fome! — Dou um tapa em seu ombro. — Não me enrola, o que tem na caixa?

Ele se senta, ainda rindo de mim, e abre o recipiente, tirando de lá a minha sobremesa preferida no mundo todo.

— Mousse de chocolate da Petit Bonbons[12]! Como é que você sabia que...

Ele franze a cenho.

— Foi aleatório! Mas que bom que acertei!

Ele me passa uma taça repleta do doce, e eu gemo ao sentir o chocolate gelado e aerado se desfazendo em minha boca. Como mais uma colherada, de olhos fechados e completamente extasiada.

— Porra, Liz!

Abro os olhos ao ouvir o tom desesperado da voz dele e quase engasgo ao vê-lo segurando seu pau completamente ereto.

— Esses gemidos... me acordaram. — Ele ri. — Essa sobremesa é tão boa assim?

Lambo a colher, tirando cada restinho de doce nela.

— Quase tão bom quanto sexo — provoco.

Thomas olha para a sua taça, ainda intocada e, dispensando a colher, mete o dedo dentro do creme.

— Vou provar.

Ele se move de forma a ficar deitado de bruços sobre a colcha e se aproxima das minhas coxas, sujando-as de chocolate. Eu entendo o modo como ele pretende comer a sobremesa e me deito, abrindo as pernas para que ele tenha seu deleite.

Quando sinto o toque do doce gelado em meu sexo, sinto os pelos do meu corpo se eriçarem de tesão e expectativa. A língua macia e quente de Thomas vai lambendo cada bocado espalhado em minha virilha e, então, sem nenhum aviso, ele passa o doce sobre meu clitóris e depois o chupa com força.

Paro de comer e gemo alto, contorcendo meu corpo com a sucção interminável. Thomas abre ainda mais as minhas pernas e aproveita para lamber tudo, desde meu ânus até o clitóris, onde novamente demora um tempo sugando, só que, dessa vez, intercalando com lambidas.

— É realmente o melhor doce que já experimentei — rio ao ouvir sua voz abafada pelo meu sexo.

— É feio falar de boca cheia.

Ele ri com a reprimenda, e eu pressiono sua cabeça com meu pé para que continue o que está fazendo. Thomas consegue me levar à loucura com seus lábios, dedos e língua. Eu amo o quanto lhe dá prazer me degustar dessa forma, porque para ele isso não é somente uma preliminar, um passo na direção da penetração. Não, Thomas sente prazer ao me chupar, e isso me faz ficar ainda mais excitada.

Um dedo começa a brincar dentro de mim, entrando e saindo, enquanto sua língua estimula ainda mais meu clitóris.

— Se toca para mim, como você fez há pouco.

Eu encosto dois dedos exatamente sobre meu ponto mais sensível e começo a massageá-lo enquanto Thomas me fode com seus dedos.

— Eu sinto um tesão da porra ao te ver fazer isso, Liz. — Tira os dedos, chupa-os e volta a me penetrar com eles. — Você é como uma deusa do sexo...

Gargalho ao ouvir isso, mas depois volto a gemer, sentindo seus dedos

entrando e saindo de mim com força e velocidade.

— Isso, geme gostoso. — Ele aparece em cima de mim. — Quero saber se meu pau dentro de você é mais gostoso que sua sobremesa preferida.

Sinto-o entrar em mim devagarzinho, centímetro por centímetro, seu pênis duro e molhado de excitação atravessando minha própria carne e se fundindo a mim. Eu continuo a me masturbar enquanto ele me tortura indo cada vez mais devagar, ondulando lentamente dentro de mim, levando-me à loucura.

— Sente isso, Liz? — Ele geme, olhos fechados. — Você e eu combinamos perfeitamente, quentes, molhados...

Aumenta a velocidade e se abaixa mais para beijar meu pescoço. Eu paro de me tocar e o agarro, passando minhas pernas em volta de seu quadril, segurando-o pelos seus cabelos.

— Isso... se abre para mim...

Eu levanto meu quadril e passo a acompanhar seus movimentos. Thomas lambe e morde minha orelha, assaltando também minha boca, voltando para o meu pescoço.

É tudo tão perfeito! O local onde estamos, ao ar livre, ouvindo as ondas fracas do mar batendo na praia, sentindo o cheiro da maresia, iluminados por tochas. Sozinhos nesta ilha, como se só existíssemos ele e eu neste mundo.

Eu sinto o prazer inundar meu ventre, e um arrepio cruza minha coluna, fazendo todos os meus músculos retesarem. Pela primeira vez desde que começamos a ficar juntos, deixo minha liberação chegar sem nenhum tipo de barreira e grito, ouvindo meus sons se espalharem pela noite.

Thomas ri, mas não para de se movimentar. A fisioterapeuta em mim fica preocupada por ele estar se esforçando tanto nessa posição, mas a mulher, completamente extasiada de desejo, só quer que ele continue e continue.

Ele sai de mim, e o vejo se ajeitando melhor na colcha, mudando de posição, ficando sobre seus joelhos.

— Fica de quatro.

Eu rio, safada, e realizo seu desejo, fazendo a posição pela primeira vez. Eu estava ansiosa por ela, porque ele não sabe, mas é minha preferida.

Fico esperando que ele retorne para dentro de mim, mas não, antes Thomas decide usar a boca mais uma vez, concentrando-se agora no meio das minhas nádegas. Fico um tanto tensa, não sou fã de sexo anal, experimentei, mas não gostei e o evito como a morte, mas, neste momento, excitada como estou, sentindo a língua dele penetrando meu bumbum... eu o deixaria brincar ali a noite toda!

Entretanto, ele não prossegue e volta a se afundar em mim, sem demora dessa vez, segurando-me pela cintura para manter seu próprio equilíbrio, talvez,

e socando em mim com tanta força que sinto suas bolas balançando e me tocando.

Abaixo a cabeça, encostando-a na colcha e volto a me masturbar, adorando os sons que minha umidade produz a cada estocada que ele dá, mostrando o quanto estou encharcada, deixando-me com vontade de ficar ainda mais.

Sinto o exato momento em que o prazer tomou conta do corpo de Thomas, porque, de alguma forma, acelerou o meu próprio orgasmo, e eu mordo a colcha embaixo de mim enquanto uma lubrificação quente vai descendo pelas minhas coxas.

— Porra...! — Thomas grita antes de sair de mim e, segundo depois, os esguichos quentes de seu prazer caem sobre minhas costas. — Amo você, Liz! — Ele cai deitado ao meu lado, e eu me estico na colcha, sentindo minhas pernas trêmulas. — Você me deu um banho de gozo, eu quase me deixei ir dentro de você, mas...

Eu concordo com ele. Estamos sem camisinha, e eu não uso nenhum tipo de contraceptivo. O que fizemos já é loucura, não só por uma possível gravidez, mas também pelo tipo de vida que ele levava e de que não se lembra.

— Precisamos ter sempre camisinhas à mão. — Estou ofegante, e ele ri.

— Eu tinha aqui, só esqueci de usar. — Fica um tempo sério. — Se eu fizer exames, você consideraria tomar algum...

— Sim, com certeza!

Ele rola o corpo, ficando de lado, e me beija.

— Você é minha vida, Liz — meus olhos enchem-se de lágrimas ao ouvir isso. — Eu não quero nunca ter que ficar longe de você. Me prometa que, independentemente das coisas que forem reveladas do meu passado, você sempre vai me amar.

— Eu prometo, Thomas. Você foi e ainda é o único homem que amei na vida.

— Tem certeza de que quer mesmo ir até...

Ponho a mão sobre os seus lábios, impedindo-a de prosseguir. Desde que começamos a nos arrumar para a ceia de Natal da família dela, eu percebi que Liz ficou nervosa. Eu também estou, pois não tenho muito crédito com o avô dela, mas quero realmente fazer parte de sua vida e, nisso, sua família também está incluída.

— Tenho, fique calma! — Ela nega que está nervosa, mas pego sua mão gelada. — Eu vou me comportar!

— Meu medo é de que eles não se comportem!

Eu rio.

— Liz, eu amo você e isso inclui aprender a gostar das pessoas que são

importantes para você e que fazem parte da sua vida. Se eles puderem me aceitar, eu já me sentirei realizado.

— Thomas, minha família é diferente da sua e...

— Graças a Deus por isso, Liz! — Toco a ponta de seu nariz. — O que faz uma família feliz não é a condição financeira dessa, é o afeto, e isso falta, e muito, no lar dos Palmers.

Ela respira fundo e olha para o mar, esperando a lancha que virá nos buscar. Mal sabe que pedi ao Gonçalo que tirasse *Martha* da marina, depois de anos sem uso. O iate de 115 pés possui quatro suítes, sala e cozinha equipada, e, quando eu perguntei sobre um barco para passar a noite no mar, Gonçalo abriu um enorme sorriso e me falou do *Martha*, iate que leva o nome da minha mãe.

Ele é antigo, mas, segundo o barqueiro, está com a manutenção em dia e com todos os equipamentos – ar-condicionado, por exemplo – funcionando normalmente. Ele me contou que meu pai o pôs à venda, mas desistiu, e eu pensei que talvez fosse por levar o nome de minha mãe.

— Ah, meu Deus! — Liz parece surpresa, e eu foco no barco que ela olha e imediatamente congratulo o Gonçalo. — É o *Martha*?

Eu assinto, e ela põe a mão sobre a boca, completamente pasma.

— Não gostou?

— Eu sempre sonhei em conhecê-lo por dentro! — diz, maravilhada. — Thomas, você fazia altas festinhas nesse iate, e eu ficava aqui, na ilha, sonhando com o dia em que me convidaria para entrar nele.

Eu sorrio e a abraço.

— Hoje você não só vai entrar, como vamos passar a noite a bordo. — Ela arregala os olhos. — Gonçalo me indicou um amigo dele, que está precisando de grana e que topou passar a madrugada conosco em alto-mar.

— O quê?

— Vamos cear com sua família, depois, passar a noite na suíte principal do iate, que eu não sei como é, mas Gonçalo me garantiu que é ótima, e no outro dia, voltamos para Angra a fim de almoçarmos com todos.

Liz parece encantada com meu plano enquanto suspira pela ideia de passar uma noite no iate. Se eu soubesse antes desse sonho dela, já a teria levado para navegar comigo. Entretanto, até o Ano Novo, ainda temos tempo para usufruirmos de nossa paz sozinhos.

Minha família chegará aqui dois dias antes do Ano Novo, então temos mais alguns dias antes de eu ter que enfrentar meu pai, porque algo me diz que ele não irá aceitar esse relacionamento tranquilamente. Rio ao pensar nisso, pensar que ele talvez creia que possa controlar minha vida, dizer-me o que fazer apenas porque eu sofri o acidente e fiquei com sequelas. Ele não pode estar mais

enganado! Nada tem o poder de me fazer abrir mão de Analiz, nada!

O capitão se apresenta assim que atraca o iate, e nós dois entramos. É engraçado que tanto Liz quanto eu olhamos cada detalhe do barco com curiosidade, pois, muito embora eu já o tenha frequentado várias vezes, não tenho nenhuma lembrança dele.

— Vamos ver nossa suíte!

Solto uma das muletas e estendo a mão para ela. Liz brigou comigo hoje de manhã por eu estar dispensando uma das muletas sem sua autorização. Ela até usou um ditado comigo, que foi: “mal sabe andar, já quer correr.” E ela não poderia estar mais certa.

Quando comecei a descobrir todas as coisas que havia feito, pensei que me conformar com o fato de não andar seria bom para mim, como uma punição. Hoje percebo que não iria conseguir me manter assim por muito tempo, porque, sabendo que posso melhorar a cada dia, mais e mais tenho vontade de avançar. E ela... Sim, Liz tem muito crédito em toda a minha melhora, não só física, mas também mental e da alma.

Abro a porta da cabine e fico impressionado com o tamanho dela. Toda construída em madeira, com uma cama *queen size* bem no meio do quarto e uma parede inteira coberta com um espelho.

— É... — Liz não consegue completar a frase, abrindo uma das portas e dando de frente com um armário.

Caminho pelo quarto, indo até uma das escotilhas, que ficam um pouco acima da altura do mar, admirando a paisagem.

— Olha esse banheiro!

Vou até ela e entro em um banheiro, com decoração antiga, mas espaçoso e com uma banheira de hidromassagem. Os olhos dela brilham ao olhar para a hidro.

— Prometo que será nossa primeira parada! — digo.

— Vou cobrar!

Subimos para a sala de mãos dadas e nos sentamos em um dos oito lugares do enorme estofado que circunda o local. Olho a televisão antiga, bem como um barzinho bem fora de lugar e penso que este barco merece uma reforma.

Os minutos que nos separam do continente são vencidos, e nós desembarcamos no cais, indo diretamente para o carro que aluguei. Tomo assento junto a Liz no banco de trás, e ela diz o endereço da casa de sua mãe. Eu não posso deixar de notar a expressão assustada e curiosa do motorista.

A mão de Liz volta a estar gelada e trêmula, e eu a aperto com força, mostrando-lhe que, independentemente da forma como eu for recebido, estarei ao seu lado sempre.

— Minha mãe mora na periferia, na verdade, em um dos muitos morros da cidade, então...

— Liz, eu já te disse que isso não tem a mínima importância.

Ela assente, suspira e se vira para olhar a paisagem. Eu a deixo com seus pensamentos, sabendo ser inútil qualquer tipo de argumentação com ela. O tempo do percurso até a casa da mãe dela leva o dobro do tempo que levamos para ir da ilha até o centro da cidade, e sim, parece ser um local muito simples, mas, como eu disse a ela, não tem importância alguma. Tudo o que eu quero está ao meu lado.

Combino com o motorista de nos buscar às 2h da manhã, horário que Liz disse começar a abrandar a festa, então a seguro pela mão para, enfim, conhecer as pessoas da vida da mulher que amo.

— Pronta?

Ela faz careta, e eu rio.

Passamos pelo portão, e eu agradeço aos céus pelo piso todo cimentado, pois, se fosse de grama ou terra, eu poderia ter que ficar a noite inteira tomando conta de onde piso ou apoio a muleta. Passamos por um corredor entre duas casas, e eu sei que uma delas é de Gonçalo, porque, quando conversamos hoje de manhã, ele estava todo orgulhoso dizendo que eu passaria o Natal com a família dele.

Tudo parece quieto demais, mas eu nem bem termino esse pensamento, e o homem que vi há algum tempo a caminhar com Liz na ilha entra no nosso campo de visão. Primeiro parece que ele viu um fantasma, depois fica pálido ao notar minha mão entrelaçada à dela, depois a olha como se não entendesse nada.

— Ei, Higor! — Liz o chama animada. — Cadê a Mirian?

Ele aponta para longe, e eu vejo o restante do quintal, onde, no centro, há uma enorme mesa cheia de frutas e comidas.

— Deixe-me lhe apresentar ao Thomas. — Ela se vira para mim. — Esse aqui é o Higor. Ele e eu somos quase que irmãos.

Eu sorrio para o homem e estendo a mão, soltando a dela. Consigo sentir a resistência dele, mas, como se não tivesse opção, aperta a minha.

— Nós já nos conhecemos, Liz. — Ela começa a falar sobre a amnésia, mas ele a interrompe: — Sou filho do Gonçalo, seu barqueiro.

— Ah, sim. É um prazer conhecê-lo, seu pai me disse que você é um professor universitário, além de dono de academia.

Higor ergue a sobrancelha, talvez surpreso por saber que seu pai falou tanto dele para mim.

— Ah... chegaram! — Uma mulher muito bonita, um pouco mais morena que a Liz, mas detentora de cabelos tão lindos quanto os dela aparece, e eu fico

aliviado ao perceber seu sorriso de boas-vindas. — Analiz, minha filha!

Está explicado de onde vem a beleza da Liz!

— Oi, mãe, feliz Natal! — Ela entrega o presente que comprou, mas sua mãe olha para o bracelete no braço da filha. — Deixe-me apresentá-la ao Thomas!

— Ah, eu ainda me lembro dele! — Ela se aproxima e me abraça. — Seja bem-vindo e fique à vontade! Somos simples, mas...

— Olha lá o vovô! — Liz a interrompe e me puxa para continuar a caminhar com ela, indo na direção do local que concentra a festa.

— Liz, eu nem cumprimentei sua mãe! — Dou risadas.

— Creia-me, foi o melhor, senão iríamos sair daquele corredor com a data do casamento marcada!

Eu gargalho, já gostando da minha sogra. Eu gostaria de poder dizer a ela que não seria má ideia, mas ainda tenho muito a descobrir sobre mim mesmo para dar um passo tão importante assim, e Liz... bem, Liz ainda tem que descobrir se vale ou não a pena continuar me amando.

Sou apresentado a um número enorme de pessoas, amigos, vizinhos, além, claro, da família de Gonçalo. Dona Cláudia, a mãe da Liz, logo aparece com uma cadeira para mim, e eu, mesmo constrangido, agradeço-lhe pela consideração. Não vou mentir dizendo que não me sinto deslocado, porém, não é pela simplicidade da casa ou das pessoas, mas sim por não conhecer quase ninguém.

Liz, entretanto, brinca com um, beija outro, dá gargalhadas e dança lindamente, arrancando-me um enorme sorriso e despertando em mim uma enorme vontade de abraçá-la pela cintura e me embalar com ela no ritmo da música. No entanto, eu ainda não consigo fazer isso.

O jantar, pouco depois da meia-noite, estava delicioso, e Liz ficou sentada ao meu lado o tempo todo depois da ceia. Houve a troca de presentes, que aqui no Brasil acontece na virada, e não na manhã de Natal, como em meu país, e minha sogra adorou o presente que Liz comprou em meu nome, embora eu nem soubesse do que se tratava.

Quando o primeiro convidado se despede, quase às 2h da manhã, eu a chamo e digo a ela que é melhor voltarmos para o barco. Ela concorda, e eu ligo para o motorista vir nos buscar.

— Foi um prazer tê-lo aqui, fiquei muito feliz quando Analiz me contou

sobre vocês dois.

Eu agradeço à dona Cláudia o convite e elogio a festa antes de cumprimentar o senhor Paulo e me despedir da família de Gonçalo.

Dentro do carro, Liz me pergunta o tempo todo o que achei da festa, das pessoas, da mãe dela, e eu apenas rio.

— Não gostou, não foi?

— Adorei, Liz! Qualquer lugar onde você esteja, é o melhor lugar do mundo para mim.

Ela me beija, e eu agradeço aos céus por este momento, porque, desde que desembarcamos, ela não o fazia. Seguro-a mais perto de mim, provocando sua boca, mordendo seus lábios, gemendo de tesão, louco para tirar sua roupa e poder usar minha boca em todo seu corpo e...

Um pigarrear enche o carro, e nos separamos rindo, pois havíamos nos esquecido de onde estávamos, e o motorista, com certeza, sentiu-se constrangido com nossa interação dentro do carro.

— Daqui a pouco... — sussurro em seu ouvido.

— Feliz Natal! — Entro, pela manhã, na suíte do iate, acordando minha namorada.

— Hum, Papai Noel, me deixa dormir mais um... — Ela arregala os olhos e me encara para logo em seguida começar a gargalhar. — Sério, Thomas?

Dou de ombros com cara inocente, mas não resisto por muito tempo, começando a rir também. Tiro a touca vermelha com pompom branco da cabeça e a jogo nela, ficando apenas com a sunga vermelha.

— A tradição no meu país é de só trocar presentes na manhã de Natal. — Caminho até minha mala. — Ontem fiquei tentado a lhe entregar, principalmente quando chegamos aqui e você deu o meu. — Aponto para o livro em cima da mesinha de cabeceira.

— Eu não sabia o que te dar, então lembrei de te ver todos os dias com um livro nas mãos e pensei que você gostaria de ter esse.

— Eu adorei, principalmente o cartão! — Pisco para ela. Sento-me na cama ao seu lado. — Quando comprei a pulseira, a vendedora me mostrou algo que combinasse, mas, na época, fiquei com medo de você não aceitar uma joia – o que de fato ocorreu – então, não aceitei a sugestão. — Ele abre um estojo de veludo azul-marinho e nele aparece um cordão com o mesmo pingente da pulseira. — Eu pedi ao Márcio, ontem, quando estávamos planejando levar a

todos para fora da ilha...

— É lindo! — Ela passa a mão sobre o pingente de dois corações, um de ouro branco cravejado de diamantes e o outro de ouro amarelo.

Ela se vira e segura seus cabelos acima da cabeça, e eu coloco o cordão em seu pescoço. Beijo sua nuca, e ela geme, mas eu tenho outros planos ainda, então me afasto.

— Vamos lá para cima, tomar o desjejum. — Ela me olha intrigada, pois sabe que eu adoro sexo matinal. — Vem, Liz, depois apago seu fogo.

Ela gargalha, tenta me acertar com um travesseiro, e eu, por puro reflexo, desvio.

Lá em cima, uma mesa cheia de frutas, pães e bolos nos espera, além, é claro, da vista maravilhosa que temos.

— Estamos em Paraty? — Eu assinto, e ela vai para fora da sala sem nem mesmo notar a mesa. — Eu adoro este lugar! É um dos meus preferidos! — Vira-se para me beijar, mas, antes de o fazer, vê todas as guloseimas do café da manhã. — Oh, meu Deus!

Eu gargalho, sabendo que acertei na mosca com a comida. Talvez seja melhor até que a joia que lhe dei de presente.

— Acho melhor irmos embora! — Liz comenta, dando uma mordida em seu pastel. — Minha mãe deve estar tendo um chilique porque estamos atrasados, Tom.

Eu queria poder prestar atenção à conversa dela, mas, infelizmente, quando me falaram de Paraty, esqueceram de falar que a rua principal era feita de pedras. Resultado? Além de ter de usar as duas muletas, ainda tenho que ficar prestando atenção no caminho para não ir ao chão, mas valeu a pena a parada. Além de a cidade ser linda, com suas antigas construções, Liz pareceu adorar.

— Ei! — Ela me chama. — Vamos?

Eu concordo com ela, e seguimos rumo onde a pequena lancha nos espera para nos levar de volta ao iate.

— Thomas?!

Eu me viro em direção à voz que grita meu nome e vejo um homem correndo em nossa direção. Instantaneamente tenho medo de ter sido reconhecido, embora esteja de boné e óculos escuros, mas infelizmente é um risco que corri. Às vezes esqueço que meu rosto já esteve aparecendo em telões de cinema.

— Thomas Palmer! — ele exclama, e em seguida olha para Liz. — Analice?

Ela nega, franzindo o cenho, como se tentando lembrar de onde o conhece.

— Analiz. — Ela se aproxima dele. — Nos conhecemos de onde?

— Da Ilha Raj! — Ele se vira para Thomas. — Ei, sou eu, cara, Kim!

Ao dizer esse nome, parece que minha mente viaja, e várias imagens aparecem para mim, com ele em muitas delas, rindo, jogando vôlei ou mesmo dentro de um apartamento, ainda criança.

— Oh, meu Deus! — exclamo ao me lembrar. — Joaquim Valadares, certo?

O sorriso dele se expande, e Liz me olha assustada.

— Você se lembra dele?

— Sim, Liz! — Eu sinto meu coração disparado por isso. — O pai dele trabalhava com o meu quando morávamos aqui no Brasil!

— Isso mesmo! Nós erámos inseparáveis, Tom! — Ele olha para as minhas muletas. — Fiquei sabendo do acidente. Eu sinto muito pelo Eric, ele era um ótimo *brother!*

— Era, sim. — Tento não pensar que, há exato um ano, o corpo dele estava sendo enterrado, e eu estava lutando pela vida em um hospital. — Eu estou me tratando aqui, na Raj. — Ele sorri. — Se quiser aparecer para uma visita...

Ele olha para Liz e concorda com a cabeça.

— Claro! Como nos velhos tempos!

Uma mulher alta e morena o chama, e nos despedimos.

Liz faz o percurso até o iate completamente muda e totalmente diferente de como estava antes de nos encontrarmos com Kim.

— Ficou chateada por eu ter me lembrado dele? — pergunto assim que entramos na suíte.

— Não ligue para mim — sua voz parece embargada, e ela entra no banheiro.

Fico um tempo parado, sem entender nada, e bato à porta, trancada pela primeira vez desde que estamos juntos.

— Liz... o que foi?

Ela não responde, mas eu escuto seus soluços dentro da cabine. Meu coração aperta ao perceber que ela está chorando por algo que fiz.

— Liz, meu amor, abre aí! Fala comigo, Liz!

— Me dá um tempo, Tom, por favor!

Eu encosto a testa na porta, tentando entender o motivo dessa reação dela. Estava tudo muito bem, até a chegada de Kim. De repente ela abre a porta, parecendo bem composta, séria, sem nenhuma só lágrima.

— Você se lembrou dele. — Arregalo os olhos. — Eu também!

Sinto minha coluna gelar.

— O que quer dizer com isso? Ele fez algo com...

— Não, mas estava lá. — Ela suspira. — Estava lá quando você fez a *brincadeira* comigo. Provavelmente participou dela, assim como aquela ruiva que andava com você naquele ano.

Ah, meu Deus!

— Liz, me perdoa, eu não fazia ideia disso.

— Eu sei! — Ela sorri, triste. — E eu preciso parar de me importar tanto com isso. Já se passou uma década e não sou mais aquela...

Eu a abraço com meu braço livre, mas o faço tão apertado que ela soluça novamente e esconde o rosto em meu peito.

— Se ele for para a ilha, eu vou mandá-lo de volta...

— Não, Thomas! Ele era seu amigo, talvez seja bom vocês conversarem um pouco. — Eu assinto. — Eu evitei seu pai e sua madrasta quando eles estiveram lá na ilha também, mas dessa vez eu não vou. Tenho que deixar as lembranças ruins para trás e me concentrar nisso que estamos vivendo hoje.

— Eu nunca vou me cansar de te pedir perdão pelo que fiz. — Beijo-a. — Nunca vou me cansar de repetir o quanto te amo.

Ela me abraça tão apertado que sou eu quem tem um nó na garganta e sinto os olhos arderem dessa vez.

O almoço foi um pouco menos animado que a ceia da noite anterior, mas ainda assim foi muito bom ver Liz confraternizando com seus familiares e amigos.

Gonçalo senta-se ao meu lado após o término da refeição e puxa assunto comigo, perguntando o que achei do seu amigo que prestou serviço em seu lugar. Ficamos um bom tempo conversando, pelo que agradeço, pois todos aqui parecem me evitar, então seu filho mais velho, o tal de Higor, chama-o, e Liz se aproxima de mim, dizendo estar cansada e que gostaria de voltar para a ilha.

— Tem certeza? — Ela assente. — Vamos nos despedir, então.

Ela está mais triste, ou desanimada, não sei. Definitivamente, está diferente da noite de ontem e dessa manhã, antes de nosso encontro com o meu velho

amigo. Tento puxar assunto com ela na volta para a ilha, mas ela evita conversar, alegando dor de cabeça.

Chegamos a casa e, pela primeira vez desde muito tempo, Liz decide dormir na casa de seu avô, o que me deixa de coração apertado, mas respeito a decisão dela sem argumentar. Então, sozinho na enorme casa, sem sua companhia, seu calor, eu me sinto um pouco perdido e vago pelos cômodos do térreo, passando pela biblioteca, pensando em ler um livro e me lembrando do presente que ela me deu.

Eu não quero ler. Há uma inquietação dentro de mim, uma coisa estranha, provavelmente pelo que aconteceu mais cedo entre nós e por ela ter preferido ficar longe de mim, mesmo dizendo que quer esquecer o que lhe fiz no passado.

Olho para as escadas, ás quais nunca subi desde que retornei a esta casa, e começo a desbravá-la com a ajuda de uma muleta e a outra mão apoiada no corrimão de madeira, degrau por degrau, em um esforço enorme, pois, embora já tenha treinado subida em degraus e rampas com a Liz, nunca tive que subir tantos.

Sinto-me aliviado ao chegar ao primeiro andar intacto, apenas cansado. Fico um tempo parado, olhando para o hall cheio de objetos de decoração e quadros na parede e dois corredores enormes, um para o lado leste e o outro para o oeste da casa. Começo a andar em direção ao esquerdo, abrindo porta a porta dos cômodos, encontrando uma sala íntima, quartos de hóspedes com armários vazios e, no último deles, uma sala de televisão.

Faço o caminho pelo outro lado também, agindo da mesma forma, encontrando um quarto todo decorado de motivos florais e com muitas fotos de minha avó e meu avô em cima de uma robusta cômoda de madeira. Pego um dos porta-retratos e sorrio, lembrando-me do meu avô, Eric Palmer, vendo em minhas memórias cenas dele comigo, congratulando-me por algo, mostrando-me livros e, por último, vejo-o em um caixão.

Na porta seguinte encontro um quarto com papel de parede listrado de azul e creme, sem nenhuma fotografia, mas com uma bola de vôlei em um canto e, dentro do armário, muitos petrechos esportivos. Meu quarto! Eu olho em volta, mas nada me vem à memória, nada.

Fico um tempo no cômodo, tocando todas as coisas que encontro, esforçando-me ao máximo para trazer à mente qualquer lembrança que seja, mas nada, nenhuma faísca sequer de recordação surge.

Saio de volta ao corredor e olho para as outras três portas, pensando seriamente em desistir de continuar explorando o local, já sem esperança de um dia me lembrar de tudo.

Fico parado tencionando descer, mas ao mesmo tempo sentindo que algo

me impulsiona a prosseguir. Então abro uma das portas de uma só vez, sentindo as lágrimas queimarem meus olhos ao ver a foto em cima de um móvel: Eric sentado à frente de uma máquina de escrever, sorrindo.

Tudo dentro do quarto parece vivo, o clima do local é diferente, e eu penso em não entrar, mas, quando dou por mim, já estou com a foto na mão. Em minha cabeça consigo ouvir os sons daquela máquina, um *tec-tec* sem fim. Abro a primeira gaveta do móvel e tiro de lá um caderno com capa de couro, grosso e de páginas amareladas.

Sinto-me um invasor ao mexer nas coisas dele, mas isso não me refreia. Sorrio para uma letra quase infantil nas primeiras páginas e pelos poemas simples e geralmente falando da natureza. Já pelo meio do livro, sua letra já está mais firme, e seus poemas, mais profundos, falando de frustração, de dor e muitos deles sobre um homem invisível.

Eu me sento, estarrecido, ao ler o último poema, que cita uma musa, uma lua de pele morena e sorriso iluminado, cuja voz encantou as trevas, que se revoltaram por nunca poder se mostrar a ela, mas que, ao final do poema, conseguem ficar juntos durante uma semana do mês: na lua nova.

Sorrio ao pensar que ele conseguiu pegar o momento em que a sombra da terra encobre a lua e fazê-la parecer um encontro romântico. Contudo, não sei o porquê, só vejo a Liz ao ler o poema, como se ele o tivesse dedicado a ela. Viro a página procurando por mais, mas todas as demais folhas estão em branco.

Devolvo-o para o local onde estava e abro os armários, encontrando basicamente roupas de cama. Avanço para o banheiro da suíte, igual aos das demais, mas aqui também não há nada dele. Meu coração está apertado, e uma angústia enorme me consome quando saio do quarto e vou para outro, cor-de-rosa, com bonecas e uma enorme foto da Becca ainda bebê.

Na suíte principal, o dobro do tamanho das demais, vejo fotografias de meu pai e Mari, além, é claro, do aparador cheio de bebidas, exatamente como eu me lembrei. Eu não bebo há muito tempo, mas escolho uma das garrafas de uísque e a seguro firme comigo, pensando em levá-la para o meu quarto para que me faça companhia nesta noite.

Entro no banheiro e sinto uma tonteira imediata, precisando me segurar no lavatório, ouvindo gritos, sentindo dor física, como se estivesse machucado. Olho-me no espelho e viro a face, vendo uma pequena e quase imperceptível cicatriz no canto da minha boca, o local onde senti a dor, mesmo que nada tenha acontecido.

Tenho certeza de que algo ocorreu dentro deste quarto e eu fui machucado e estive aqui, neste banheiro, ferido e muito magoado.

A frustração de não entender as minhas lembranças, de elas virem a mim de

forma tão fragmentada, arrasa-me, então desço as escadas com o dobro de cuidado que tive ao subir, indo ao meu quarto ainda com a garrafa de uísque. Sento-me na cama, implorando a Deus que a escuridão na qual me encontro tenha fim e que eu consiga me lembrar de tudo.

— Já é hora! — grito, sozinho. — Eu estou pronto para seguir em frente!

Abro a garrafa e tomo um gole longo, mesmo sabendo que, provavelmente, me arrependerei do que estou fazendo.

O dia já está claro, e o sol, bem no centro do céu, o que me mostra que eu dormi até meio-dia, pelo menos. Confiro as horas no relógio e xingo, sentando-me na cama, pensando em Liz e se ela esteve aqui à minha procura ou ainda está magoada com as lembranças do passado.

Minha cabeça dói, e eu vejo a garrafa de uísque quase no fim na mesinha de cabeceira. Gemo, fechando os olhos, arrependido pela burrada que fiz, mesmo sabendo que eu me sentia tão mal ontem que não iria conseguir dormir sem o nocaute causado pela bebida.

Levanto-me, indo ao banheiro tomar banho para tirar um pouco do cheiro de álcool e tentar melhorar meu ânimo antes de ir ao encontro da mulher que amo e que é tão importante na minha vida.

Porém, a primeira pessoa que vejo, encarando-me com expressão séria, é Márcio.

— Boa tarde! — ele me saúda. Retorno o cumprimento apenas com a cabeça. — Eu deveria te passar um sermão pela bebedeira de ontem à noite, mas percebo que você já está pagando o preço.

Bufo irritado por ele ter entrado no meu quarto.

— Nós já conversamos sobre a minha privacidade!

— Ah, não... não invadi seu reduto, não. Foi a Liz. — Arregalo os olhos. — Foi ela quem me disse que você estava desmaiado de bêbado, roncando como um porco. — Fecho os olhos, colocando a mão na cabeça, pensando na bronca que ela irá me dar. — Tua sorte é que ela teve uma emergência e não está...

— O quê? — Fico alerta. — Que emergência?

Ele dá de ombros.

— Parece que a mãe dela caiu e machucou o pé. Liz foi até o continente, ao hospital com o senhor Paulo.

— Droga! — Sinto-me um idiota por ter enchido a cara ontem e não estar pronto para quando ela precisou de mim. — Merda, por que ninguém me

acordou?!

— Thomas, nem um furacão te acordava! — Ele ri. — Mas não fique preocupado, não, ela estará de volta ainda hoje. — Gargalha. — E acho que vem trazendo sua sogra junto!

Fico parado no corredor, olhando-o ir na direção da cozinha, sem saber o que falar. Se Liz trouxer a mãe para cá, provavelmente vai ter que ajudar a cuidar dela e, talvez, não queira mais dormir aqui na casa comigo. Tento ser racional e pensar que, se for o caso, tenho de entender e dar todo o suporte necessário para que a mãe dela fique bem, mas dentro de mim alguma coisa diz que tudo está mudando e que mudará ainda mais.

Um barulho de lancha chama a minha atenção, e eu vou até a janela para ver se já é Liz chegando. Márcio passa correndo em direção ao píer, o que me assusta, e eu vou o mais rápido possível até lá mesmo sem poder correr como o enfermeiro.

— Não estamos recebendo ninguém de fora da família e... — escuto a voz de Márcio e, quando avisto o visitante, sinto meu coração acelerar, sem saber o que fazer.

— Ei, Tom, estou dizendo ao seu segurança aqui que você me convidou! — Kim grita em minha direção, e Márcio me olha.

— Tudo bem, Márcio, ele está falando a verdade! Sei quem é ele, pode deixá-lo entrar.

O enfermeiro levanta as sobrancelhas e me olha, cauteloso.

— Senhor Palmer, da última vez...

Eu estranho o tratamento formal, pois há muito tempo nós deixamos de nos tratar dessa forma, mas entendo que ele faz isso por causa do visitante.

— Tudo bem, Márcio. Ele foi meu amigo de infância e nos encontramos ontem. — Faço que está tudo bem com a cabeça, e Márcio sai do caminho de Kim. — Boa tarde, Kim!

Ele sorri e me mostra uma garrafa de vinho, e imediatamente sinto minha cabeça doer.

— Fiquei muito feliz ao encontrá-lo em Paraty ontem! — Ele me abraça. — Surpreso, não minto, mas muito feliz!

Sinto a sinceridade de suas palavras e penso que, pelo menos, terei companhia enquanto Liz não volta.

— Já almoçou? — Ele nega. — Então venha, vamos fazer a refeição juntos e colocar os assuntos em dia. — Rio. — Embora devo lhe dizer que quase não tenho assuntos para conversar.

— Sem problemas, cara, só de voltar aqui — ele olha tudo em volta — e te reencontrar já é um enorme prazer!

Sentamo-nos à mesa da varanda dos fundos, de frente para a piscina, onde Marisa nos serve sua maravilhosa comida, que, por sinal, é peixe com banana da terra, arroz e salada. Eu dispenso o vinho que ele trouxe, alegando que, por causa da medicação, não estou bebendo, e ele o toma sozinho, enquanto eu bebo água com limão.

— Então, desde que ele se aposentou, comprou um sítio e mora no meio do mato — ele me conta sobre seu pai, que foi um dos braços direitos do meu quando ele estava à frente dos negócios da família aqui no Brasil. — Foi sorte ele já ter tempo de se aposentar quando sua família vendeu a siderúrgica para os chineses. Soubemos que eles reduziram muito o quadro de pessoal e começaram a cortar pelos diretores e gerentes.

— Eu não sabia que a empresa aqui havia sido vendida — digo com sinceridade. — Ou, pelo menos, não me lembro disso.

— Ah, cara, os chineses estão dominando o aço no mundo, essa é a verdade! Você se lembra da Jane, minha irmã mais velha? — Nego. — Ela trabalha em uma de suas empresas lá nos Estados Unidos.

— Não me lembro dela. — Dou de ombros.

— E da Sasha? — Franzo o cenho, pois o nome não me é estranho. — Uma ruiva bonitona que esteve aqui na ilha com você na última vez em que nos vimos. Ela era atriz!

— O nome não me é estranho, mas não, não lembro.

Ele fica um tempo me encarando, como se pensasse e avaliasse algo.

— Posso te perguntar algo... bem pessoal?

Eu rio.

— Temo que você saiba mais da minha vida pessoal do que eu mesmo neste momento, mas pode, sim!

— Você se lembrou da Analiz? — Aprumo-me na cadeira. — Porque era ela com você ontem, e eu percebi um clima...

— Estamos juntos, Kim. — Ele arregala os olhos. — Mas não, não me lembrei dela.

Joaquim cobre o rosto com as mãos e solta um palavrão que instantaneamente me deixa tenso.

— Cara... eu não sei se devo te contar isso, mas...

— Sobre o que fizemos com ela? — Ele assente, olhando-me curioso. — Eu já sei, ela me contou, e eu me lembrei de algumas partes.

— Ela te contou? — Eu assinto. — Ela perdoou você por aquilo? Porque, cara, aquilo fugiu do seu controle, e o que você tinha imaginado como sendo apenas mais uma humilhação para...

— Eu não entendo isso, Kim. Ela me disse que você estava aqui e que

provavelmente ajudou a arquitetar tudo, então me responda: por quê?

Ele parece sem graça.

— Eu sei que você pode achar que estou dizendo isso porque você não se lembra, mas, cara, eu nunca concordei com aquilo, e nós dois brigamos feio, e... — ele para e faz uma careta, sem me encarar. — Você me mandou embora, e eu só não fui naquele mesmo dia porque não consegui falar com o meu pai para me buscar em Angra.

— Você foi contra?

— Totalmente! — Ele ri, nervoso. — Eu nunca entendi bem por que vocês dois se estranhavam, mas usar uma moça inocente... nunca fez minha cabeça, além do mais, eu a achava legal e bonita, mesmo que você dissesse que era só mais uma puta querendo dar o golpe do baú para sair da pobreza.

Eu gemo ao ouvir isso, desprezando-me pelo modo como eu a tratava e pela forma como eu pensava sobre ela.

— Mas eu deveria sentir algum tipo de atração por ela...

Ele ri.

— Não! Naquele verão você estava louco pela Sasha, cara, entrou até para o teatro para poder ter mais proximidade com ela. Mesmo que a Liz te interessasse, o que não era o caso, a ruiva não te dava um minuto de trégua. — Gargalha. — Creia-me, eu mesmo fui testemunha que o fogo daquela mulher não estava somente na cor dos cabelos.

Isso me desconcerta, pois, se ela era assim, como foi que eu consegui marcar e ir ao encontro da Liz e fazer aquilo com ela? A não ser que ela fosse tão fria e cruel como eu mesmo era.

— Ela participou do plano?

— Sim, foi ela quem falsificou a carta. — Minha expressão confusa deve ter sido tão evidente que ele explica melhor: — A carta da Analiz. — Ainda não consigo entender. — Você escreveu um bilhete marcando o encontro. — Eu assinto, porque Liz me contou sobre isso. — A coitada da Analiz escreveu uma carta cheia de amor, respondendo ao encontro positivamente, e então você escreveu outra resposta, deu para Sasha copiar, porque ela não falava português, e a enviou ao Eric.

Eu gelo com a informação. Minha cabeça parece flutuar, e eu não consigo respirar direito. Imagens de Liz na porta da casa de barcos, a sensação dos beijos dela, a visão de seu corpo debaixo de um vestidinho florido, os sons do seu prazer, tudo isso me deixa tonto e enjoado, como se houvesse algo errado nessas lembranças.

Kim, percebendo que não estou bem, levanta-se e toca meu ombro.

— Ei, cara, acho melhor esquecermos esse assunto, porque...

— Não! — Eu me sinto trêmulo e o seguro pela mão. — Não, Kim, eu preciso saber de uma coisa. — Ele assente. — Não fui eu quem esteve com ela?

Ele arregala os olhos e nega.

Ponho as mãos na cabeça, em desespero, sentindo uma enorme dor, um zumbido constante nos ouvidos e uma imensa vontade de vomitar.

— Tom! Tom... você está bem?

Nego.

— Ela me disse que havia sido eu... Como você pode me dizer isso? Eu me lembro de...

— Ela ainda deve achar que foi você. — Eu o encaro mesmo sem fôlego, tentando me controlar para entender toda essa história. Eu preciso entender! — Você colocou a carta falsificada debaixo da porta do quarto do Eric, e nós saímos de barco. Quando voltamos, já era noite, e você quis conferir se seu irmão estava desconsolado por ter ido ao encontro da garota por quem era apaixonado havia anos só para ser rejeitado e saber que, na verdade, ela esperava por você.

Fecho os olhos, sentindo uma dor estranha no peito, uma que tenho certeza de já haver sentido antes.

— E eu o achei lá?

— Não. Era ela quem estava lá, sozinha, confusa, e você descobriu que, por algum motivo, os dois transaram. — Eu gemo mais uma vez, sentindo a dor dentro de mim aumentar, minha cabeça querendo explodir, sem saber o que está acontecendo. Essa história não pode ser verdade! — Você aproveitou a situação para humilhá-la e para jogar a última pá de cal no seu irmão. Depois disso, tudo que se seguiu foi surreal!

— Kim... — chamo-o com a voz embargada, com tanta dor que não consigo mais enxergar. Minha vista está desfocada, sinto que minha cabeça está em ebulição, e meus pensamentos, desconexos, acelerados. — Eu não estou bem.

Ouço-o gritar por Márcio, ao longe, e, antes mesmo de ver o enfermeiro, tudo fica escuro.

Liz está linda este ano! Eu fiquei um verão sem vir aqui na ilha, e ela ficou ainda mais bonita. A menina se transformou em uma linda mulher, e eu, que desde que a conheci, sou louco por ela, estou completamente apaixonado.

Tenho 21 anos e ela vai fazer 18. Agora a nossa diferença de idade não parece ser muita coisa, eu não me sinto mais um homem babando por uma garotinha. Este sentimento que tenho por ela sempre, sempre me deixou constrangido, pois nunca foi alimentado, pelo contrário, para ela é como se eu não existisse.

Só há um Palmer que a faz suspirar, meu irmão.

Eu a notei pela primeira vez quando ela estava com 14, prestes a fazer 15 anos. Eu tinha 18 na época, e isso foi o que me fez manter a distância, tentar

sufocar o que estava sentindo, pois ela era uma menina ainda, menor de idade, inclusive. Contudo, não posso deixar de perceber também que, mesmo se eu demonstrasse a ela o que sentia, provavelmente não iria fazer diferença, porque ela nunca escondeu de ninguém o quanto é louca pelo Thomas.

E Deus sabe o porquê, meu irmão jamais a olhou. Para ele, Liz é apenas a pobre caiçara, neta do caseiro, indigna até mesmo de um sorriso de sua parte. Ele não consegue perceber que o som da risada dela é delicioso e contagiante, muito menos que os cachos do cabelo dela são perfeitos, anelados, grandes e a deixam parecendo uma sereia. Não, ele não percebe isso, apenas eu.

Uma única vez ela se aproximou de mim, e nós conversamos, e eu lhe dei um livro de presente, mas aí Thomas jogou na minha cara que ela havia feito isso apenas para o enciumar, e eu tive que dar razão a ele, pois, quando me viu sozinho, sem ele por perto, eu pensei que ela ia passar por mim e fingir que não havia me visto. Isso doeu, e eu decidi nunca mais me aproximar.

Todavia, parece que um milagre ocorreu. Eu encontrei uma carta dela marcando um encontro comigo, dizendo que descobriu que é de mim que ela gosta e não do Thomas. Resisti, escrevi outra carta me desculpando com ela, dizendo que eu não poderia ir... mas aí meu coração apaixonado falou mais alto, e eu deixei a carta pela metade e agora estou indo ao seu encontro.

Estou nervoso, sem saber o que irei falar ou mesmo o que irei fazer. Quero ouvir de sua boca tudo aquilo que o bilhete diz e depois vou pensar em um modo de poder assumir nossa relação ao meu pai e em como mantê-la depois que eu retornar aos Estados Unidos. Caso tudo dê certo, assim que eu me formar e começar a trabalhar e a me sustentar sozinho, eu a buscarei.

Ando o caminho até a casa de barcos de cabeça baixa, tentando me preparar tanto para uma surpresa maravilhosa quanto para um mal-entendido. Então, vejo-a.

Liz usa um vestido florido lindo, que a faz parecer ainda mais bela, acentuando o bronzeado de sua pele. Seus lindos cabelos, cortados à altura dos ombros, estão soltos, embora ainda úmidos.

Aproximo-me dela, sentindo seu delicioso perfume.

— Você veio! — ela diz com um enorme sorriso.

— Eu quase não vim. — Rio sem jeito, achando loucura o que está acontecendo. Eu nunca poderia imaginar que isso um dia aconteceria. — Eu não sei como...

— Deixa que eu fale primeiro! — ela me interrompe e chega muito, muito perto. — Eu sou louca por você, sabe? Aquilo tudo... minha atenção com o outro é apenas por não saber como mostrar para você o que sinto.

Meu coração dispara, e eu tenho vontade de abraçá-la forte contra mim

para ter certeza de que tudo isso é real. A insegurança, o medo da ilusão ainda sussurram em meus ouvidos, e eu me contenho.

— Analiz... não fala isso!

— É verdade! — Ela me toca no peito, e é como se atingisse meu coração. Sinto o calor de sua mão sobre minha camisa, e meu corpo reage ao dela. — Eu sempre achei que você me via como uma menina desajeitada, mas eu não sou mais uma menina! Eu sou uma mulher e quero você...

Eu ainda nego, achando tudo isso uma loucura, afinal, ela ainda é uma menina! Porém, mesmo com minha negativa, ela se aproxima.

— Eu quero você, mais ninguém, só você, não leu isso na minha carta?

Sim, eu li, e a confirmação do que ela escreveu para mim me faz reagir, beijando-a tão desesperadamente como eu mesmo me sinto. Ela retribui o beijo, para meu regozijo, e nos agarramos como loucos, sem parar nem mesmo para respirar.

— Eu achei que ia morrer de ciúmes durante todo esse tempo, mas nunca pensei que... — revelo a ela, entre beijos. — Eu queria me manter longe, por isso meu distanciamento, mas...

Liz me agarra pelos cabelos, retribuindo a mais e mais beijos, e não é o que me move, mas a levo para dentro da pequena construção e a sento na bancada de trabalho do nosso barqueiro, em meio a ferramentas, motores abertos, peças e cheiro de graxa.

Minhas mãos exploram todas as partes do seu corpo, e eu me deleito a cada toque, cada beijo. Deslizo minha boca pelo seu pescoço e, sem nunca me sentir saciado, continuo avançando para dentro do decote dela. Ela abre os primeiros botões de seu vestido, parecendo tão ansiosa quanto eu, deixando-me com livre acesso aos seus seios nus, pois ela não usa nada por baixo da roupa.

Sugo cada um dos seus mamilos em meio a gemidos descontrolados que me deixam ainda mais excitado. Mordo, lambo e faço tudo o que sonhei fazer, mesmo achando errado. Eu me sinto febril, encantado, viciado no sabor de sua pele, querendo sentir mais e mais. Levo minha mão até sua calcinha, e ela se deita na bancada, liberando meu acesso.

Nossas bocas voltam a se encontrar, enquanto eu localizo e a toco sobre seu clitóris, deleitando-me com a resposta dela aos meus carinhos.

— Por favor! — ela implora, e eu me agarro ao fio de sanidade ainda existente em meu cérebro.

— Não! — nego, ofegante. — Não posso fazer isso...

— Eu quero! É quase meu aniversário, já! — Liz, com sua voz sexy, encosta a boca em minha orelha e murmura rindo: — É o meu presente especial!

Isso me desarma, e eu não posso mais me conter. Retiro sua calcinha o

mais rápido que consigo, desesperado para sentir o seu gosto, para lhe dar prazer e ouvi-la gemer meu nome. Eu me ajoelho no chão sujo do local, ficando com a cabeça no meio das pernas dela e, quando me aproximo, percebo que ela quer evitar meu toque, mas não lhe faço caso, beijando sua intimidade, sentindo o sabor de seu desejo e indo à loucura com a textura macia e a temperatura quente de seu sexo.

Beijo, sugo e faço todas as coisas que eu já percebi que as mulheres gostam, afinal, eu não sou inexperiente, já transei com algumas garotas na faculdade, mas nunca fiz amor, e é isso que eu sinto que estou fazendo com Liz.

É tão mágico! Quando ela grita, entregue ao orgasmo, sinto-me quase perdendo a cabeça, a ponto de gozar com ela também, mas então respiro fundo, concentrando-me e avanço sobre seu corpo, penetrando-a de uma só vez. O grito, dessa vez de dor, arrepia todo o meu corpo, e a percepção de que ela é virgem passa por minha consciência.

— Ah, não!

Congelo-me dentro dela, com medo de me mover e causar ainda mais sofrimento, sentindo-me um bruto, um idiota por não haver suposto que ela nunca havia feito sexo antes.

Fecho os olhos ao lembrar que ela é praticamente uma menina e que eu, um homem experiente e mais velho, machuquei-a.

— Você era virgem...

Não sei o que fazer e apenas começo a sair de dentro dela, com cuidado, para não lhe causar mais danos. Eu nunca estive com uma virgem antes, então estou tão perdido quanto ela.

Liz me segura pelos braços, como se não quisesse que eu parasse.

— Não pare... por favor!

Eu me surpreendo, pois, pelo som dolorido e desesperado que ela emitiu, achei que nunca mais iria querer que eu a tocasse novamente.

— Analiz, você tinha que ter me dito que era sua primeira vez e... — tento explicar, mas, ao mesmo tempo em que quero parar, não quero. Passo as mãos nos cabelos, completamente dividido pela dúvida. Então me lembro de algo ainda mais importante neste momento: — Eu estou sem proteção. Porra, onde estou com a cabeça?!

— Eu amo você, nada disso importa!

Droga! Eu me aproveitei de sua inocência e dos sentimentos dela e, como um bruto, arrebatei-lhe a virgindade e ainda a estou colocando em risco de uma gravidez não desejada. Viro-me de costas para ela, sentindo-me envergonhado.

— Thomas, eu amo você!

O quê?! Eu gemo ao me dar conta de como ela me chamou. Thomas?! Ela

acha que quem está aqui é o meu irmão?! Como isso é possível?! A carta estava em meu nome... debaixo da porta do meu quarto... um local que ela nunca teve permissão para estar!

— Eu não acredito nisso! — Rio, sarcástico, descobrindo que tudo isso é uma armação de Thomas. Desgraçado! — Não mesmo! Merda!

— Tom?

Liz parece confusa, e eu me sinto quebrar por dentro, constatando que tudo o que ela me disse, tudo o que fizemos... nunca foi para mim. Eu nunca fui aquele que ela queria, e isso era tão óbvio, mas eu, iludido pela minha vontade de ser visto e amado... fui partícipe de um plano nojento contra ela, contra mim mesmo!

Encaro-a, arrumando minhas roupas com pressa, sem saber o que falar para ela, pensando que, no momento em que ela souber que eu não sou Thomas, me odiará para sempre. Eu preciso de um tempo!

— Eu sinto muito, Analiz. Foi um erro... Eu não podia imaginar que... — Ela salta da mesa, negando o que eu lhe disse e faz menção de me tocar. — Não! — Ela para, assustada. — Mais tarde conversamos... eu preciso ir.

Saio correndo daqui como se estivesse sendo perseguido por mil demônios, olhos encharcados de lágrimas, sentindo a rejeição, a desilusão arregaçando meu coração.

Nunca foi por mim!

Sinto ganas de matar o Thomas, de bater-lhe tanto por causa desse plano nojento, asqueroso em que me meteu. Mais uma vez ele conseguiu me magoar, mais uma vez ele conseguiu esfregar na minha cara que eu nunca terei o que sempre quis, eu nunca serei amado por ela, nunca a terei.

Sua voz volta aos meus ouvidos, como disse há anos: "ela é minha e, como uma cadela obediente, eu apenas preciso estalar os dedos, e ela abre as pernas. Eu não a quero, não curto vira-latas, mas você também nunca a terá!"

Entro na casa como se estivesse pronto para fazer uma guerra, mas ele não está em canto algum da mansão. Irrompo no escritório do meu pai, e ele imediatamente percebe que algo não vai bem, mas eu não quero explicar, virando-lhe as costas e indo para a edícula da piscina à procura da cabeça do meu irmão em uma bandeja.

Mais uma vez não o encontro e, quando estou saindo, avisto a Liz correndo em direção ao grande muro de pedras que foi construído como contenção de um enorme penhasco na ilha.

Desespero-me, achando que ela vai cometer uma loucura e vou atrás, mas, antes de alcançá-la, vejo que há alguém com ela e ouço parte da conversa, principalmente a voz desesperada de Liz.

— Me leva embora, Higor. Eu não quero mais ficar aqui.

Dou um passo à frente para dizer-lhe que era eu naquele lugar com ela.

— Seu avô...

— Eu vou dizer a ele que aceito ir à sua casa para ajudar sua mãe com suas irmãs pequenas. Eu devia ter obedecido e ido quando ele me mandou.

Congelo no lugar, ouvindo o desespero de sua voz, pensando que, talvez, ela já saiba que não era Thomas, que era eu.

— Está de noite... — ouço Higor argumentar com ela, mas não adianta. Chorando, em desespero, ela pede:

— Mas você está indo para casa agora, por favor! Meu avô confia em você e no seu pai, me leva!

Volto para casa ainda mais quebrado, sentindo-me sangrando ao pensar que ela está indo embora porque percebeu que se entregou ao irmão errado, que seu desespero se deve ao fato de ter sido eu.

Assim que entro na sala, vejo Kim sentado em uma poltrona, parecendo preocupado.

— Filho da puta! — Agarro-o pelo colarinho da camisa. — Eu sei que você também está por trás disso!

— Eric, eu juro, cara, eu tentei dissuadi-lo, e ele me mandou embora. — Ele parece desesperado. — Você conhece seu irmão, cara, ele não escuta ninguém quando quer fazer algo. Mas eu, eu gosto de você e não tenho nada contra a garota!

— Cadê ele?

Kim indica com o olhar o andar superior, e eu, sem pensar em mais nada a não ser no sangue de Thomas em minhas mãos, subo correndo os degraus.

— Eric, vai com calma, Eric!

Não o escuto e escancaro a porta do quarto de Thomas, pegando-o rindo com a namorada na cama. Ela, parcialmente nua, cobre-se, de olhos arregalados, e ele apenas sorri, como se me esperasse.

— Eu vou te matar!

Thomas ri e fecha os olhos, colocando as mãos por trás da cabeça.

— Caramba, Eric, você deveria me agradecer pela foda grátis! A garota não é lá essas coisas, mas não deixa de ter uma boce...

Agarro-o pelos cabelos e o faço levantar, ignorando os gritos desesperados de Sasha.

— Ei, ei, irmãozinho... está me machucando. — Por fim, quando me olha e percebe que eu estou puto de verdade, para a brincadeira. — Me solta, Eric, agora!

— Não, seu grande filho da puta, não vou soltar. Não hoje! — Eu o

empurro no corredor, e ele bate as costas contra a parede. — Eu sempre relevei tudo o que você me fez, tudo! — Ele tenta voltar para o quarto, mas eu o empurro novamente. — Todas as piadas, as sacanagens, tudo! Mas agora você passou dos limites!

— Você é um babaca! Ela é só uma putinha que...

Desfiro o primeiro soco bem em cima de seu nariz, pegando-o completamente de surpresa. Thomas olha para a mão ensanguentada como se não acreditasse.

— Você sabe que eu gosto dela, porra! Sabe que eu nunca faria nada para magoá-la, nunca a usaria do modo como você me fez usá-la!

Ouço passos apressados e sei que meu pai está vindo.

— O que está acontecendo aqui?!

— O Eric desvirginou a neta do caseiro e...

Avanço contra ele novamente, só que Thomas já está preparado, e nós dois rolamos no chão entre socos e pontapés.

— Bill! — a voz estridente de Mari chega aos meus ouvidos, mas eu estou tão concentrado em esmurrar a cara do meu irmão que ignoro.

De repente, sinto-me sendo puxado e, mesmo me debatendo como um louco para me soltar, meu pai – que sempre foi grande e muito robusto – me prende contra seu corpo, enquanto Kim tenta conter Thomas.

— Os dois, no quarto, agora! — Bill vocifera, arrastando-me para lá. — Mari, você fica aqui com a Sasha e com a Becca. Kim, você deixa o Thomas lá e sai imediatamente.

Assim que ele abre a porta, empurra-me para dentro e em seguida puxa Thomas, que não quer entrar.

— Agora vocês dois expliquem-se!

Eu ainda estou tentando me controlar para não partir para cima de Thomas de novo, quando ele começa a explicar:

— Eric desvirginou...

Não me contenho e o lanço do outro lado do quarto com o soco que lhe dou bem dentro do olho. Em seguida sinto minha mandíbula sendo deslocada com o soco que ele me dá em seguida.

— Chega! — Meu pai grita. — Se não pararem com essa porra agora, eu vou bater tanto nos dois que amanhã ninguém irá ser reconhecido!

Thomas congela em cima de mim, ofegante, e, antes que ele me solte, dou-lhe uma joelhada no meio das pernas, fazendo-o gemer alto e rolar para o lado, tamanha a dor.

— Ele me enganou, como sempre fez! Mandou-me uma carta em nome da Liz, marcando um encontro. — A expressão do meu pai piora. — Eu fui até ela,

mas ela achava que eu era o Thomas... Esse babaca escroto filho de uma...

— Eric! — a voz dele reverbera pelo quarto. — Por que, em nome de Deus, você foi ao encontro dela?

Engulo o que resta do meu orgulho e admito em voz alta, pela primeira vez, o que sempre senti.

— Eu gosto dela.

Meu pai geme e balança a cabeça, e Thomas ri de puro deboche, ainda no chão.

— Você disse que ela não sabia que era você? — Confirmo para ele. — Ótimo! O Tom, esse desnaturado, pode levar a culpa sem problema, porque não tem nada a perder!

Eu, que sempre detestei o modo como ele falava do meu irmão, dessa vez quero rir, mas não posso, não quero isso.

— Não, pai! Não é certo isso, nem comigo, nem com ela. Eu vou procurá-la, conversar, expor o que sinto, e se ela...

— Ela sabe, seu idiota! — Thomas grita de repente. — Eu a encontrei lá, chorando, e, assim que me viu, veio correndo me abraçar, jurando amor eterno... se desculpando por ser virgem.

— Thomas, cala a boca! — meu pai grita com ele.

— Não! Seu filhinho perfeito não saiu ileso da merda que fez. Em momento algum eu planejei que você trepasse com ela! Não obriguei nenhum dos dois a isso! — Eu o encaro, sentindo a raiva tomar conta de mim novamente. — Ela sabe que foi você! Eu contei!

Isso me desarma, e ouço, com o coração completamente esmagado, Thomas detalhando o asco que ela sentiu ao saber da verdade, o nojo e, por fim, o dinheiro que ele lhe deu para que ela calasse a boca sobre o assunto.

— Então está tudo resolvido! — escuto meu pai dizer, mas nego. Não, não está! Eu ainda a amo, eu ainda a quero! — Vamos adiantar nossa volta. Vou ligar para o piloto trazer o helicóptero à primeira hora da manhã. Ficaremos um tempo no Rio e depois seguiremos para casa, e, vocês dois, assunto encerrado!

— Não! — protesto.

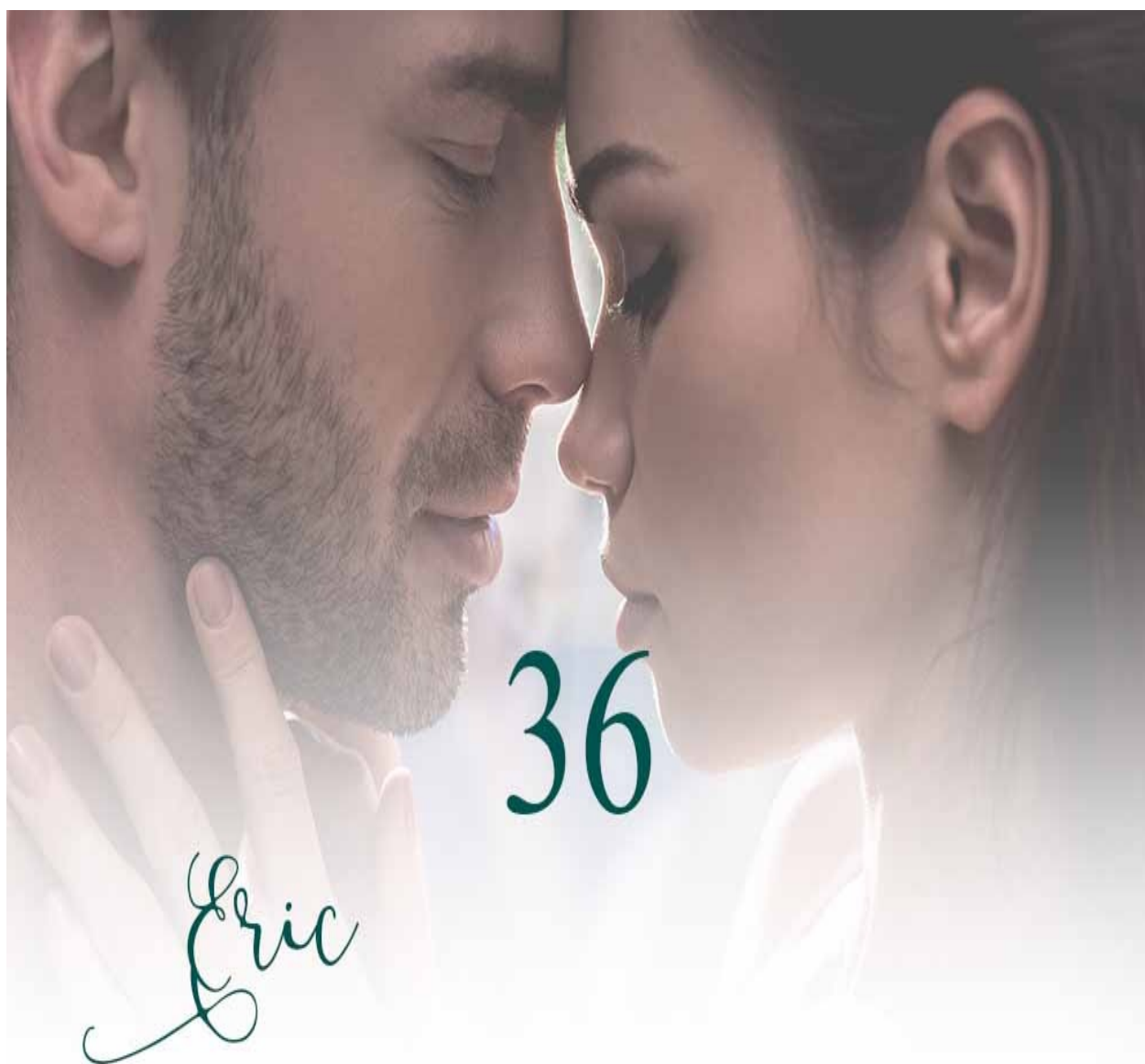
— Sim, Eric. Ainda que ela correspondesse ao que você sente, ainda que ela aceitasse o que houve hoje, eu nunca a aceitaria, não para você! — Pela primeira vez odeio ser o filho obediente. — Você merece mais, você será o orgulho dessa família, e ela, não, ela não está preparada para estar ao seu lado.

— Isso não importa! — Sinto as primeiras lágrimas rolarem. — Eu vou me formar, vou trabalhar, eu poderei mantê-la ao meu lado e...

— Hoje você não tem nada, Eric! Ela poderia até aceitar estar ao seu lado

por causa do dinheiro desta família, mas será que aceitará caso eu deserde você? — Thomas ri das duras palavras de nosso pai. — Quer pagar para ver?

— Nem com dinheiro ela o quer!

As palavras do meu irmão atingem o alvo. Não adianta eu me iludir mais, ela não me ama, nunca amou, nunca amará.

Olho para o teto do quarto onde estive o tempo todo me culpando e me recriminando pela morte de meu irmão, mas... não! Não pode ser!

Eu sou Thomas James Palmer!

Levanto-me da cama e despenco no chão, lembrando-me das muletas e de que ainda preciso delas para manter meu equilíbrio. Minha cabeça está uma confusão dos diabos, eu não sei mais uma vez quem sou ou o motivo pelo qual estou tendo lembranças como sendo Eric e não Thomas.

Fui eu quem esteve com a Liz há dez anos.

Fui eu!

A história que ela me contou e a que lembrei não batem. Thomas... *Deus, santo!* Thomas disse-me que havia contado a ela sobre a troca, sobre não ser ele

o homem que fez amor com ela.

Fui eu!

Consigo me levantar e pegar as muletas e, com a ajuda delas, caminho até o espelho. Olho-me o tempo todo, vendo lágrimas rolarem pelo meu rosto sem cessar. Eu não posso aceitar o que minha mente insiste em me provar, eu não posso ser ele, eu não *sou ele*!

Márcio aparece no quarto, e eu o vejo pelo espelho.

— Thomas, você...

— Sai daqui! — grito com ele. — Sai daqui!

O enfermeiro me olha assustado, mas faz o que eu peço.

Como eu vou lidar com tudo isso? Como eu vou dizer a todos?

Como eu vou dizer a Liz?

Vão me achar maluco, afinal, ainda não me lembro de tudo, apenas do que ocorreu aqui, nesta ilha, há anos. E, mesmo me lembrando desse fato, ainda há enormes lacunas a preencher, principalmente o fato de as versões não baterem.

Liz me contou como se fosse eu... quer dizer, como se fosse Thomas com ela, mas, de acordo com o que o próprio Thomas me revelou naquele mesmo dia, ela sabia que era eu, recebeu dinheiro para ir embora e esquecer o assunto!

De repente escuto a voz dele, fraca, ao longe, mas então, assim que a ouço com nitidez, as lembranças voltam com tudo.

— Eu sou um babaca, Eric. — Eu rio e concordo. — Mas eu sempre me senti à sua sombra... sempre me senti sobrando.

— Claro que não, Thomas! Você e eu somos parte de um todo, ninguém é maior ou menor aqui.

Ele ri.

— Não, para você é fácil falar isso, afinal, sempre foi o queridinho da família. — Abro a boca para negar, mas ele prossegue: — Eu tenho tanto ódio desse jeitinho de santo que você tem.

Sinto a verdade em suas palavras, e isso me fere, imaginar que meu irmão me odeia tanto.

— Eu amo você, Thomas. — Ele ri da minha declaração. — Posso não concordar com as coisas que faz, ficar puto, chateado, mas amo você.

— Para com esse papelzinho clichê, Eric! Estamos só nós dois aqui, pode ser sincero. — Eu dou de ombros e continuo quieto. — Você é ainda mais louco que eu, se o que diz sentir for verdade. — Gargalha. — Cara, eu só fodi sua

vida... Você nem tem noção...

— Fodeu nada! Você aprontou uma e outra, mas...

— Eu menti para você sobre ela. — Eu o olho, não entendendo do que ele está falando. — Não aconteceu do jeito que te contei... Eu apenas a usei para te atingir, e nada daquilo que te falei foi verdade...

— Thomas, não faça isso!

— O quê? Te contar a verdade? — Gargalha de novo. — Te dói saber que a única coisa que você realmente quis nunca teve realmente?

— Cala a boca, Thomas! Isso é passado!

— Cara, ela nunca soube que foi você! — Ri cheio de ironia. — A burra da Liz caiu direitinho, acreditando que eu tinha mandado uma carta para ela marcando um encontro de aniversário! Patético! — Ele se arruma no banco e puxa seu cinto de segurança. — Eu sabia, irmão, sabia o tempo todo que seus suspiros pelos cantos, sua vontade louca de ir para aquela maldita ilha e aquele seu livro de romance barato eram por causa da caiçara! E era tão bom ver o quanto ela lambia minhas bolas e te ignorava. O gêmeo predileto, o queridinho da família sendo desprezado por uma vira-latas como aquela.

Tento não reagir, mas não consigo e aperto minhas mãos no volante.

— Eu pensei seriamente e em ir lá e foder a mente dela naquela noite, mas meu pau não iria ajudar, nunca senti um só pingo de tesão por ela. Então tivemos a ideia de lhe fazer um favor, mas contamos com a sorte, né? E foi tudo perfeito! — Minha respiração se torna ruidosa de raiva, e eu noto o velocímetro do carro avançando sem parar. — Depois, quando você surtou atrás de mim pela ilha, eu fui ao encontro dela e a coloquei em seu devido lugar, empregadinha interesseira! Eu nunca disse a ela que foi você e nem dei a ela dinheiro algum... A idiota continua achando que era eu!

Meu corpo inteiro treme de raiva, e eu acelero o carro, querendo logo que esse inferno acabe, que eu cumpra minha parte nesse acordo idiota de levá-lo para Nova Iorque.

— Na cabeça dela, eu sou o primeiro, não você! Ah... aliás, eu sou o "primeiro" de sua noivinha recatada também! — Gargalha. — Conferi o material antes de você, querido irmão, e posso lhe dizer, embora ela não fosse virgem – pelo que agradeci –, ela era muito ruinzinha de cama, viu? — Eu o olho assustado, pensando em que tipo de monstro é esse a quem eu chamo de irmão. — Espero que você tenha... Porra, Eric, cuidado!!! — Thomas grita, e eu olho para frente e vejo um animal na pista. Piso no freio imediatamente, mas, com a pista escorregadia e a velocidade em que estou, o carro simplesmente não para.

Rodamos sem controle até que, ao bater em algo, o carro levanta no ar. Os

airbags são acionados, mas, antes de o meu se abrir por completo, minha porta destrava, e sou puxado para fora, rodando sem direção até sentir o impacto do meu corpo no solo e da minha cabeça em algo pontiagudo.

Eu não vejo mais nada, apenas a escuridão, tudo está silencioso e parado. É como se o tempo se detivesse... Sinto-me congelar, quero me mover, mas não posso. Minha garganta dói, meu coração está em turbulência e sinto algo que não sei definir o que é.

— Ajuda! Ajuda! — a voz angustiada, fraca, corta a noite silenciosa, trazendo de volta o resto de consciência que me sobra. Eu tento abrir os olhos, mas não consigo, apenas sinto frio, muito frio, como se houvesse água gelada sendo despejada em minha cabeça, inundando todo o meu corpo.

— Ajuda... Thomas... ajuda! — a voz parece cada vez mais fraca, e eu não sinto muita coisa mais em meu próprio corpo, é como se eu estive flutuando sobre nuvens, variando entre a consciência e o total branco.

— Por favor... por favor...

— Solta logo a porra do anel do vovô, Eric! — escuto uma voz mais forte e potente, parecendo apressada e nervosa. — Merda!

De repente um solavanco mais forte causa-me dor na mão.

— Thomas... — a voz fraca, que agora eu sei que é minha, parece se perder em meio ao silêncio. — Thomas...

Um grito ecoa dentro de mim, uma insatisfação pelo conhecimento da morte me rondando. Eu preciso pedir ajuda, talvez ele não esteja me escutando! Esforço-me, tentando me manter longe da inconsciência e com isso consigo sentir melhor o espaço à minha volta.

Estou deitado sobre uma relva molhada e congelante e, embora não consiga me mover, também não sinto dor, apenas uma languidez e muito, muito frio, o que me faz tremer loucamente.

Sinto-me como se estivesse sendo movido, embora não consiga entender como, mas percebo as nuances diferentes do relevo abaixo de mim e a pele dos meus braços sendo arranhada, mesmo sob a camisa.

Consigo abrir os olhos e a primeira coisa que vejo à minha frente, puxando-me pelo meu pé, é o meu irmão.

— Thomas... ajuda!

Ele me olha e balança a cabeça.

— A oportunidade é boa demais para ser desperdiçada, irmão. Você está todo arrebentado, foi lançado para longe, é carta fora do baralho! — Ouço-o rir. — Que azar! Sempre foi o certinho, mas justo hoje não recolocou o cinto de segurança.

Eu não consigo discernir tudo o que ele me fala, embora escute

perfeitamente. Minha cabeça parece estar flutuando. Noto-o sangrar também, sua face está coberta de líquido viscoso e vermelho, além de um leve claudicar, indicando que está ferido.

— Ajuda...

— Sinto muito, Eric. — Vejo-o soltar minha perna, embora eu não tenha sentido nada, o que me apavora. — Merda! A porra do casaco está dentro do carro, preciso pegá-lo antes de colocar o seu corpo lá dentro...

— Thomas... — chamo-o, assustado diante do que acabei de escutá-lo dizer, pensando não ser certo o que ele pretende! Não, ele apenas não me ouve! Ele não me ouve! Ele não pode estar me ouvindo!

Deus, ele não pode ter me ouvido!

O desespero toma conta do meu corpo, e eu começo a tremer tanto que me sinto batendo no solo. Luto bravamente pela minha vida, para me manter acordado e o procuro com os olhos, mas ele está fora do meu campo de visão. Em tormento, tento lembrar alguma prece que minha mãe tenha me ensinado, mas não consigo.

Eu estou vivo! Eu ainda estou vivo!

Sinto-me ficando cada vez mais leve e agarro a vegetação abaixo de mim com as duas mãos, segurando fortemente, mas não consigo parar de subir e temo que seja minha alma se desprendendo do corpo.

Quero gritar, mas o pouco de voz que tenho se esgotou, não há mais nada em mim, eu estou me perdendo.

Como um filme, começo a ver fatos importantes desfilarem à minha frente: minha mãe com seu sorriso doce; meu pai me dizendo que não posso desistir, que tenho muito a realizar para a família Palmer; meus avós maternos, ao lado de minha mãe, de mãos dadas; vovó Willie afagando meu cabelo; minha irmã e minha noiva rindo juntas depois de um dia de compras; e Liz...

Vejo um homem, um jovem homem com apenas 18 anos, com olhos vidrados em uma menina de 15 anos, cabelos cacheados, pele bronzeada e um enorme sorriso. A sensação de um amor tão puro, tão inocente, cheio de expectativas e de sonhos me preenche a alma, e todo o desespero se vai.

Nessa realidade, a menina retribui os olhares dele, sorri-lhe e pega em sua mão estendida. Uma praia, durante o pôr do sol, aparece, e os dois caminham juntos, de mãos dadas, como se pertencessem um ao outro.

Fecho os olhos, sabendo que meu cérebro me prega uma peça, pois isso nunca aconteceu e nunca acontecerá. Desde que me descobri apaixonado pela sereia da ilha, ela nunca me olhou como olhava ao meu irmão. Nunca!

Apenas uma vez, uma vez, achei que estava errado e que ela poderia me amar. Todavia, tudo não passou de uma brincadeira, uma piada de mau gosto. E

eu fui rejeitado, humilhado e tive meu coração partido em mil pedaços.

“Ela não sabia!”, sussurra uma voz pestilenta em meus ouvidos, em meio a gargalhadas. “Ela não sabe!”

Não há mais tempo. Não há mais chance para recomeçar.

— Porra, cadê esse maldito anel de noivado?! — Escuto Thomas esbravejando, ao longe. — Ah... aqui! Perfeito, Eric! — sua voz, cheia de loucura, faz o meu corpo gelar ainda mais. — A partir de agora eu sou Eric David Pal... — antes que ele termine de falar, escuto um barulho ensurdecedor, e logo em seguida o céu clareia, e meu corpo aquece... em chamas... em chamas...

A dor é tanta que eu apenas fecho os olhos.

Grito como um louco e só percebo que estou me lembrando do ocorrido e não o vivenciando quando sinto as mãos de Márcio me tirarem do chão – onde nem sequer me senti cair – e me levarem para a cama. Bruno já está aqui, por perto, esperando com uma enorme seringa em sua mão, e eu grito ainda mais, querendo que essa loucura acabe.

Eu não sou o Thomas! Eu não sou o Thomas!, quero lhes dizer, mas não consigo, completamente descontrolado pelo que o meu cérebro, o tempo todo, tentou me ocultar. Meu próprio irmão tencionou me matar e tomar o meu lugar, mas tudo deu errado e quem viveu sua vida fui eu.

Eu não sou Thomas! Eu sou Eric, eu sou Eric David Palmer!

— Eric... — sussurro, já sentindo os efeitos do tranquilizante. — Eric...

— Thomas! — ouço ao longe a voz de Liz e sinto seu perfume bem perto de mim. — Thomas, eu estou aqui. Eu amo você, eu estou aqui!

Eu não sou Thomas!

A verdade dessa descoberta clareia mais um fato que, até então, eu não havia conseguido enxergar.

Eu não sou Thomas, sou Eric, e Liz nunca me amou.

Tudo o que tenho vivido nesses dias com Thomas tem sido como um sonho. Não, tem sido mais do que eu já consegui sonhar em toda a minha vida, muito mais. O jeito como me sinto amada e protegida por ele, nossos momentos íntimos, perfeitos e intensos, o jeito como conversamos como amigos, tudo é mais do que sonhei, mesmo nos mais delirantes e fantasiosos sonhos adolescentes.

A verdade é que eu me sinto completa como há muito não me sentia em minha vida. Respiro fundo ao me lembrar de tudo o que vivi desde aquela fatídica noite em que nos encontramos na casa de barcos até agora.

Quis o destino que nós nos encontrássemos de novo para que, enfim,

pudéssemos acertar essa questão e seguir em frente juntos. É fato que ainda há muitas sombras que pairam sobre nós, afinal, Thomas ainda tem muito a conquistar, principalmente no aspecto psicológico. Contudo, eu tenho fé e esperança de que tudo termine bem entre nós.

Levanto-me da cama de solteiro na casa do vovô, na qual passei a noite depois de um momento tenso entre nós. O primeiro! Encontrar o amigo dele ressuscitou lembranças amargas de como Thomas me tratava, do modo como me desprezava, e isso abriu uma ferida dentro de mim que eu julgava já fechada.

Kim estava juntamente com a mulher colorida – branca, de cabelos ruivos e olhos verdes – naquele verão há 11 anos. Os três eram inseparáveis, e eu ficava olhando-os ao longe, em seus jogos, na praia ou na quadra de vôlei, em seus passeios de lancha e, principalmente, ficava observando Thomas junto a ela na rede, à noite.

É amargo perceber o quanto eu era obcecada por ele – mesmo não tendo sido dispensado um só olhar ou insinuação para mim –, o quanto eu era dependente e sem amor próprio. Se eu não tivesse tanta certeza do que sinto quando ele me toca, quando faz amor comigo, eu pensaria que Thomas só está a passar tempo comigo, porque a transformação entre a forma com que ele me tratava e a que me trata agora é gigantesca.

Se eu não soubesse ou não o reconhecesse, diria se tratar de uma pessoa completamente diferente. E nisso não estou incluindo o modo como ele mudou com as outras pessoas – que também é uma mudança enorme –, mas somente comigo.

Meu celular toca enquanto estou escovando os dentes após tomar um banho demorado, mas deixo que caia na caixa de mensagens, pois, se for importante, a pessoa me ligará novamente.

Visto uma roupa leve, um maiô e um short por cima, para tentar convencer Thomas a continuar com a fisioterapia mesmo nesse período de festas. Ele já evoluiu tanto usando as muletas agora apenas como ponto de apoio para manter seu equilíbrio que eu acredito que em janeiro já estará andando sem nenhum dispositivo auxiliar.

Entro no quarto para pegar o jaleco, e novamente meu celular toca. É minha mãe.

— Oi, mãe!

— Liz, oi! — a voz dela está um tanto tensa. — Filha, eu tive um pequeno acidente e estou no hospital. Estou ligando para você ao invés de para o seu avô para não o alarmar.

— O que houve? — A alarmada, com certeza, sou eu.

— Eu estava limpando o quintal e pisei em cima da tampa da caixa de

gordura, que quebrou. — Eu faço careta ao imaginar a dor. — Eu quebrei o tornozelo, pelo menos acho que foi isso. Estou esperando atendimento aqui no Pronto Socorro e...

— Mãe, eu vou chamar o vovô, e estamos indo para aí, ok?

Ela respira fundo, e eu sei, embora dona Cláudia não tenha dito nada, que ela se sente aliviada por irmos para junto dela.

— Obrigada, filha.

Desligo o telefone, troco de roupa e vou atrás do vovô, que está na área da piscina, cortando a grama.

— Ei, filha, bom dia! — ele me cumprimenta assim que me vê, e abro um sorriso para não o deixar muito preocupado.

— Vô, mamãe sofreu um pequeno contratempo e torceu o pé. Eu estava pensando em irmos encontrá-la. — Ele arregala os olhos, assustado, e eu o toco no ombro para acalmá-lo, querendo chutar minha bunda pela falta de sutileza. — Ela está bem, nos falamos agora ao telefone, mas eu queria acompanhar para saber o que houve direito.

— Claro, filha! — Ele desliga o cortador de grama e começa a recolher o fio para guardá-lo. — Eu vou tomar um banho, e já vamos.

Eu lhe dou um beijo no rosto e lhe aviso que vou falar com Thomas. Entro pela cozinha e vejo todos os funcionários reunidos, conversando sobre o Natal de cada um, sentados à mesa e tomando café, mas não vejo Thomas.

— Bom dia!

— Bom dia, Liz! — Márcio me cumprimenta. — Como foi seu Natal?

— Muito bom, obrigada! — Beijo Rita e Marisa. — Onde está Thomas?

Márcio franze o cenho, provavelmente se questionando o motivo pelo qual estou perguntando sobre um homem em cuja cama tenho dormido todos os dias.

— Ele deve estar dormindo, não apareceu para o café.

Eu me despeço e vou direto para o quarto dele, abrindo a porta devagar e me surpreendendo ao notar uma garrafa de uísque em cima do móvel de cabeceira e os roncos altos que Thomas emite.

Vou até bem perto da cama, percebendo que ele dormiu muito bêbado, imaginando onde conseguiu a bebida e, principalmente, o motivo pelo qual resolveu beber.

Decidida a não o acordar, deixo o quarto tão silenciosamente quanto entrei e me encontro com um dos enfermeiros no corredor.

— Ele bebeu a noite inteira, pelo visto — aviso. Márcio se assusta. — Está roncando e babando. — Rio. — Você por acaso trouxe alguma...

— Não, Liz! E nós fizemos a limpa no estoque clandestino de bebidas que ele tinha. — Ele olha para cima. — A não ser que ele tenha subido as escadas e

ido buscar lá na suíte principal.

— É, provavelmente foi isso! — Bufo exasperada. — Aquele maluco poderia ter quebrado o pescoço subindo as escadas sozinho! — Lembro-me do motivo pelo qual vim falar com Thomas e me apresso. — Márcio, quando ele acordar, lhe avise que minha mãe teve uma emergência e que fui ao hospital, ok?

— Algo grave? Posso ajudar?

— Não, obrigada. Ela machucou o pé, e vovô e eu vamos até lá para ver como ela está. — Ele assente. — Cuide dele para mim. Não sei o que o levou a beber, mas... Só fique de olho!

— Pode deixar, Liz! Eu o considero um grande amigo, já. Pode ir tranquila, que vou dar uma conversada com ele.

Eu sorrio, agradecendo, e sigo para encontrar meu avô.

Chego a Angra e vou correndo até o hospital, mas, mesmo depois de quase uma hora após a ligação de mamãe, ela ainda está deitada numa maca esperando atendimento. Há muitos anos que o hospital onde se encontra passa por dificuldades, e não é novidade alguma a espera.

O pé dela está roxo e muito inchado, mas, pelo menos, houve a limpeza e desinfecção do local machucado, afinal, ela enfiou o pé dentro de uma caixa de gordura cheia de restos de comida e outras coisinhas a mais. Ela já foi medicada também, por isso não está urrando de dor, mas dona Valesca – que a acompanhou até o PS – diz que ela veio gemendo e chorando o caminho todo até o hospital.

Mais de duas horas se passam, e o ortopedista aparece. O médico conversa com minha mãe, avalia o estado do tornozelo direito e a encaminha para a sala de raio X. Eu a acompanho em todos os momentos, pois sei que, embora ela diga repetidamente que é apenas uma luxação, sei que não é.

Quando enfim o exame fica pronto, o doutor avalia as três chapas, mas, antes que ele diga o que há de errado, eu já sei, pois já vi inúmeros pacientes, na época em que trabalhei no hospital, com fratura bimaleolar, ou seja, com os dois maléolos[13] – direito e esquerdo – quebrados. É, definitivamente, um caso cirúrgico e, por causa do inchaço e das escoriações, temo que ela tenha de ficar internada até o momento de ter condições de ser operada.

Droga! É nessas horas que eu sinto falta de ter um bom emprego que possa garantir um plano de saúde para ela e para o meu avô!

Ficamos tratando da transferência dela para um quarto particular – graças

ao tempo em que estou tratando Thomas, consegui economizar dinheiro para pagar –, em seguida converso com o médico sobre a cirurgia, e ele me diz que ela precisará, antes, ir para a enfermaria, dar entrada no SUS, para que o hospital não cobre pelos exames e a própria cirurgia – o que acontece com quem fica em quarto particular. Combino com ele essa transferência e converso sobre a fisioterapia, que deverá ser feita assim que as incisões estiverem cicatrizadas.

Passo o dia inteiro sem notícias de Thomas, ocupada em conseguir alguém para ficar com minha mãe, e decidimos que será assim: nessa noite meu avô ficará, na próxima, eu, e depois, Valesca.

Gonçalo me leva de volta para a Raj e, assim que piso na ilha, um arrepio cruza meu corpo dos pés à cabeça e meu coração dispara. Ouço gritos e reconheço a voz de Thomas.

Saio correndo como uma louca, em verdadeiro desespero, sentindo meu coração acelerar e minha cabeça cheia de imagens terríveis, desde de ele caído e todo quebrado de novo até de ele enlouquecendo por algo de que se lembrou.

Assim que chego à porta do quarto, vejo Márcio contendo-o na cama enquanto Thomas se sacode sem parar e Bruno aplica-lhe uma injeção, provavelmente um sedativo. Ele começa a gritar pelo nome do irmão, e isso quebra meu coração. Lágrimas começam a descer pelo meu rosto.

— Thomas! — Corro até onde ele está, já bem mais calmo, apenas balbuciando sob o efeito do calmante. Márcio me segura para que eu não o toque, mas continuo tentando falar com ele: — Thomas, eu estou aqui. Eu amo você, eu estou aqui!

Quando ele dorme, eu desabo, chorando como uma louca, sem entender nada, enquanto Márcio me abraça.

— Calma, Liz.

Eu soluço.

— O que houve?

— Vamos conversar lá na cozinha, sentados.

Ele me apoia até lá, pois não consigo parar de chorar. Ouvir o grito de desespero do Thomas, vê-lo sendo sedado e se debatendo, delirando e chamando pelo nome de Eric foi assustador.

— Ele recebeu uma visita na hora do almoço. — Márcio me conta. — Um amigo de infância, foi o que nos disse! — Ele balança a cabeça. — Eu devia tê-lo mandado de volta a nado para o lugar de onde veio, mas o Thomas...

— O Kim? — Ele assente. — Nós nos encontramos em Paraty ontem. Thomas o convidou a vir.

— Foi por isso que o deixei entrar. Porra, Liz, se eu soubesse...

— O que houve aqui? Pelo amor de Deus! O que o deixou tão transtornado?

Márcio dá de ombros.

— Eu não sei, Liz. Os dois almoçaram e estavam conversando quando, de repente, o cara começou a me gritar como um louco, segurando a cabeça de Thomas, pois ele havia desmaiado sentado à mesa. Fiquei louco, e ele também ficou muito preocupado, mas não sabia o que havia acontecido, pois me disse que não lhe revelou nada que ele já não soubesse.

Franzo o cenho.

— Ele ficou desmaiado até agora?

— Não sei, Liz. Até uma hora atrás, sim, ele estava dormindo. Acordou, mas não dizia coisa com coisa, e então eu lhe dei um calmante leve, apenas para ajudá-lo a dormir, pois sua pressão arterial estava altíssima, e ele nunca teve alteração de pressão.

— Não é melhor o levarmos até Angra, àquela clínica em que ele faz check-up?

Márcio concorda.

— Pensamos nisso, mas a viagem de barco pode ser perigosa. Se ele se descontrolar e tentar alguma coisa, como da última vez...

Fecho os olhos, não querendo nem mesmo imaginar Thomas tentando tirar sua vida novamente. Sim, ir de barco é arriscado demais.

— Vou ligar para a doutora Lídia — aviso-lhe, e Márcio me segue até a biblioteca.

Já é um novo dia, e, assim que David desce do helicóptero, eu o atendo. Ele olha para mim levemente assustado, provavelmente por causa das minhas olheiras, pois passei a noite inteira acordada, velando o sono de Thomas, com medo de que ele acordasse no meio da noite completamente transtornado.

Ontem eu liguei para o meu avô e expliquei a situação. Ele ficou preocupado comigo, principalmente com medo de que Thomas tenha recuperado a memória e todos os problemas do passado, mas eu me recuso a sentir medo do homem que amo. Eu prometi a ele que estaria ao seu lado!

Converso rapidamente com David, mas ele logo pede para ver seu paciente, e, graças a Deus, quando adentro no quarto, vejo-o ainda dormindo serenamente.

— Eu estou muito preocupada. E, quando não consegui localizar a doutora Lídia, fiquei sem saber o que fazer.

— Foi bom você ter me ligado, Liz. Eu só não consegui entender direito o que houve, quando você me ligou essa manhã.

Aspiro o ar profundamente e depois o solto devagar, tentando controlar minhas emoções ao reviver o que presenciei ontem.

— Eu não estava aqui. Minha mãe sofreu um acidente e fraturou o tornozelo direito, por isso eu estava com ela no hospital. Só quando retornei, à noitinha, é que soube que algo errado ocorreu. — Seguro a mão de Tom, querendo que ele saiba que estou aqui, ao seu lado. — Thomas desmaiou depois de receber a visita de um amigo de infância.

— Eu já tinha proibido...

— Ele o liberou. Eu estava ao seu lado quando eles se encontraram, e Thomas se lembrou dele instantaneamente. Achei que seria bom conversar com ele, talvez o ajudasse a...

— Recuperar a memória? — o doutor completa, e eu aquiesço, suspirando pela infeliz ideia. — E o que mais aconteceu para que Bruno o dopasse? Ele ficou violento?

— Eu não sei. — Começo a chorar, e David se aproxima, mas eu me aferro ainda mais à mão de Thomas. — Quando desembarquei, ouvi seus gritos... eram tão sofridos, desesperados. Corri até a casa, e os rapazes já estavam contendo-o na cama e aplicando o sedativo. Ele chamava pelo irmão o tempo todo. Foi angustiante.

— Liz, acho que você deveria ir ficar uns dias com sua mãe. — Eu não quero ficar longe de Thomas, não no momento em que ele mais precisa de mim! — Thomas pode ficar violento. Eu disse a você que, embora fisicamente ele esteja se recuperando bem, a mente dele ainda não está sã. O fato de ele não lembrar, mostra que ainda está em choque e que, seja o que seja, quando as lembranças vierem à tona, podem levá-lo à loucura.

Não, ele não está louco! Thomas apenas está sofrendo, só isso! Eu não posso sair de seu lado justamente quando deveria estar. Que amor é esse que alego sentir se o fizer? Não, definitivamente eu não vou sair daqui!

— Eu não vou, David. — Encaro-o, séria. — Eu prometi a ele que, independentemente do que se lembrasse, eu estaria aqui. Eu o amo de verdade, não vou deixá-lo no momento em que mais precisará do meu amor. — David tenta argumentar, mas eu não o deixo, balançando a cabeça negativamente e ficando ainda mais próxima de Thomas, deitado em sua cama.

O doutor sai do quarto, e eu olho para o homem que amei a vida toda e lhe dou um selinho na boca.

— Eu estou aqui, Thomas. Eu sempre estarei aqui para você.

Tantos meses no escuro, com pouquíssimas lembranças, e bastou uma noite dopado para que todas elas voltassem aos seus lugares.

Todas.

É como se meu cérebro tivesse segurado as mais pesadas, as que me fariam sofrer e, com isso, bloqueado as demais. Então, a partir do momento em que elas se revelaram a mim, as outras foram se restabelecendo, acomodando-se em cada lugar próprio em minha mente. Lembranças boas, ruins, dolorosas, empolgantes e comuns. Cada uma tomou seu espaço e me fez entender o homem que sou e o motivo pelo qual me era tão estranho viver a vida de Thomas. Tudo o que descobri sobre ele nesse período ainda continua aqui, em minha mente, causando-me agora ainda mais dor do que causavam antes.

Saber que ele foi capaz de tantas coisas às minhas costas, enquanto eu o amava e fazia de tudo para vivermos em harmonia me corrói por dentro como uma praga. Eu me sinto traído, esfaqueado e, principalmente, enojado com tudo que descobri.

Todavia, ainda assim eu o perdoaria caso ele quisesse. Por todas essas coisas, eu o perdoaria, mas nada supera, nada apaga, não há perdão para o que ele tentou fazer comigo após o acidente. E isso dói de uma maneira que me faz querer ficar anestesiado, querer parar de sentir, e entendo, agora, que foi isso que eu fiz durante esses meses todos. Bloqueei, anestesiei e parei de sentir, porque sabia a proporção da dor.

A confusão feita após o acidente foi mero acaso, mais uma piada do destino a mim direcionada. Thomas usava o anel que arrancou de minha mão e estava dentro do carro no lugar do motorista provavelmente com a joia de noivado de Cassie. Eu, queimado, inconsciente, sem me lembrar de nada, fui dado como morto e assumi a identidade dele. Foi um engano, ninguém teve culpa por me terem confundido com meu irmão, mas isso não alivia meu coração. Isso não resolve a situação que tenho em mãos agora.

Por quê?!, eu quero gritar essa questão a Deus. Minha vida foi poupada, mas agora tenho que pagar um preço que me é insuportável. Eu tive Liz, vivi com ela dias inesquecíveis, mas nada foi verdadeiro, nada foi por mim, ela ainda continua a amar o meu irmão.

Abro os olhos lentamente, não querendo chamar a atenção dos enfermeiros, pois, conhecendo-os como conheço, devem ter ativado as câmeras novamente, com medo de que eu surte e cometa uma loucura.

Eu deveria, até poderia, mas não vou fazer isso. Não vou, conscientemente, infligir mais sofrimento à minha família, à minha avó, que, desde que eu *morri*, não sai do seu apartamento, à minha irmã, que ficou sozinha naquela casa fria, a Liz... Sim, porque, independentemente de eu ser o Thomas ou Eric, ela irá sofrer, pois está envolvida emocionalmente.

Deus! Que loucura, isso!

Ouço passos no corredor e volto a fechar os olhos e a ficar imóvel como se estivesse dormindo. Ainda não estou pronto para enfrentar ninguém, para ouvir questionamentos que, por agora, não sei como responder.

— Eu estou muito preocupada. E, quando não consegui localizar a doutora Lídia, fiquei sem saber o que fazer — Liz está falando baixinho para não me acordar, mas ainda assim eu noto o tom de sua voz, desesperado.

— Foi bom você ter me ligado, Liz — doutor Turnner responde, e sinto todos os pelos do meu corpo se eriçarem. — Eu só não consegui entender direito o que houve, quando você me ligou essa manhã.

Ouço-a tomar fôlego.

— Eu não estava aqui. Minha mãe sofreu um acidente e fraturou o tornozelo direito, por isso eu estava com ela no hospital. Só quando retornei, à noitinha, é que soube que algo errado ocorreu. — Sinto a mão dela na minha. — Thomas desmaiou depois de receber a visita de um amigo de infância.

— Eu já tinha proibido...

— Ele o liberou. Eu estava ao seu lado quando eles se encontraram, e Thomas se lembrou dele instantaneamente. Achei que seria bom conversar com ele, talvez o ajudasse a...

— Recuperar a memória? — o doutor completa, e ela suspira. — E o que mais aconteceu para que Bruno o dopasse? Ele ficou violento?

— Eu não sei. — Liz chora. — Quando desembarquei, ouvi seus gritos... eram tão sofridos, desesperados. Corri até a casa, e os rapazes já estavam contendo-o na cama e aplicando o sedativo. Ele chamava pelo irmão o tempo todo. Foi angustiante.

Tenho de me conter para não a abraçar e dizer que está tudo bem, que ela não precisa chorar, pois eu não só a estarei enganando, como a mim mesmo.

— Liz, acho que você deveria ir ficar uns dias com sua mãe. — Ela aperta minha mão ainda mais forte, como se não quisesse ir para longe de mim. — Thomas pode ficar violento. Eu disse a você que, embora fisicamente ele esteja se recuperando bem, a mente dele ainda não está sã. O fato de ele não lembrar, mostra que ainda está em choque e que, seja o que seja, quando as lembranças vierem à tona, podem levá-lo à loucura.

Merda! Eu sabia que ele falaria isso! Meu cérebro dispara de medo, sabendo que, se de repente eu contar a todos que na verdade sou Eric, eles vão me declarar louco, e meu pai virá dos Estados Unidos para me internar. *Pensa, Eric!*

Por mais que eu me esforce para raciocinar, a única coisa que sinto é a presença de Liz ao meu lado, tocando-me, e tudo o que se passa em minha mente é: *se eu não contar, ninguém nunca saberá.* Então finalmente eu poderei tê-la comigo, amá-la, estar ao lado dela como sempre sonhei, mas... como Thomas. Liz é e sempre foi apaixonada pelo Thomas.

— Eu não vou, David — sua voz é firme ao dizer isso. — Eu prometi a ele que, independentemente do que se lembrasse, eu estaria aqui. Eu o amo de verdade, não vou deixá-lo no momento em que mais precisará do meu amor.

Isso dói! Ouvir essas palavras de Liz, sentir sua lealdade dói em mim, porque sei que, no momento em que eu lhe contar tudo, ela irá sofrer. Thomas está morto e nunca a amou. Por outro lado, eu, sim, mas ela, como ressaltou várias vezes, pouco teve contato comigo, mal me conhecia.

Liz deposita um beijo em minha boca, e, para não a assustar, eu seguro as lágrimas que estou contendo.

— Eu estou aqui, Thomas. Eu sempre estarei aqui para você.

O desespero me consome, e eu sinto meu coração se partindo lentamente, levando consigo todas as ilusões que criei.

— Ah, já acordou! — Márcio abre um sorriso assim que entra no meu quarto, no meio da tarde, e me vê sentado na cama.

— Já, embora minha cabeça esteja estourando. — Ele sorri com minha resposta. — Eu estou bem, Márcio.

O enfermeiro fica sério e se aproxima.

— Thomas, o que foi que aconteceu? O doutor não quer que conversemos contigo, ele me pediu para que o mantivesse sob efeito dos calmantes, mas, cara, não consegui fazer isso. — Sorrio para ele em agradecimento. — Sei que deve haver algo muito sério por trás do seu surto ontem.

— E houve. — Resolvo lhe contar, embora não tudo: — Eu recuperei minha memória. Totalmente.

Ele arregala os olhos.

— Você quer dizer que se lembra de tudo, tudo mesmo?

— Sim. A conversa com Kim ontem tocou em um ponto sensível e desencadeou as lembranças. Mas, Márcio, eu gostaria de lhe pedir um favor.

— Claro, amigo! Você sabe que eu te considero um chegado meu!

Sinto-me aliviado por ter um aliado.

— Eu quero que você diga a eles que me sedou de novo. — Ele arregala os olhos novamente, sem entender o que estou falando. — Eu preciso de tempo para processar algumas situações e, por hora, preciso que você desligue as câmeras por um momento.

— Tom... — ouvi-lo me chamar por esse nome me causa arrepios, mas tento me manter firme.

— Eu preciso ligar para Nova Iorque e falar com uma pessoa, mas não quero que ninguém saiba disso.

— Seu pai já foi avisado, e ele adiantou a vinda para cá.

Respiro fundo, pensando que terei de agir rápido.

— Prepare o sedativo, finja que o aplica em mim e desligue as câmeras. O doutor ainda está...?

— Está, sim, mas foi para o continente com a Liz. Foram conversar com

um psiquiatra.

Tenho pouco tempo! O desespero ameaça tomar o controle, mas não permito. Tudo o que não preciso agora é parecer louco e ratificar o que o doutor Turnner está tentando provar. Eu lutei contra a morte há alguns meses, conseguirei agora lutar contra uma possível internação em um sanatório.

— É urgente, Márcio, e precisa ser agora.

Ele concorda. Eu me deito, e Márcio faz a encenação, aplicando a injeção no colchão. As câmeras não captam sons, e ele me diz, antes de sair, para que eu espere pelo menos 10 minutos antes de fazer o que preciso.

Os minutos parecem horas, mas me levanto e dou de cara com o enfermeiro no quarto.

— Eu não posso te deixar sozinho, Thomas. Me desculpe, mas...

— Tudo bem, só tente não surtar, ok?

Márcio se surpreende com meu pedido, mas assente, enquanto eu me ergo com ajuda da muleta e pego meu celular, discando um número que nem está gravado na minha agenda e implorando para que ele atenda.

— Sanders — ouço a voz de Phill do outro lado da linha e preciso me controlar para não desabar. — Alô?

— Phillip, como vai?

A linha fica muda um instante, e eu tenho medo de que ele desligue.

— Thomas? Só pode ser, porque... a voz é igual à do...

— Eric, eu sei. — Tento me conter. — Está tudo bem com você?

Novamente silêncio.

— Tudo, sim. — Sua voz é desconfiada. — O que você quer, Tom? Com quem você conseguiu meu número?

Eu respiro fundo.

— Seu número está gravado em minha mente. Eu recobrei a memória. — Soluço, fazendo com que Márcio se aproxime de mim, provavelmente sem entender nada, pois falamos em inglês, e eu não sei do conhecimento do enfermeiro sobre a língua. — Phill, eu lembrei que continuo odiando pôquer e que odeio o Juiz Barnes mais do que tudo, desde que ele invalidou nossa...

— Porra, Thomas, para de brincadeira! — ele grita, e ao fundo ouço a voz da Gracie. — A Cassie já nos contou que você tem brincado de ser o Eric, e isso não tem a mínima graça!

— Você recebeu a caixa, Phill? — pergunto, ignorando seu rompante de raiva, agradecendo a Deus por não a ter jogado fora como quis há um ano e por tê-la incluído como legado do meu melhor amigo um tempo antes. — Ela foi para o seu apartamento logo após a abertura do testamento, como instruí o doutor Kendall. Estava em Rhode Island, não sei se já chegou até você, mas eu

escrevi na carta que ninguém deveria saber sobre a caixa e que você fizesse com ela o que eu deveria ter feito há muito tempo...

— Deus do Céu! — ele sussurra, mas ouço o desespero e a incredulidade em sua voz. — Que brincadeira é essa, Thomas?

— Na caixa... — Eu paro um momento, sem saber se ele a abriu. — Você já a abriu?

— Não. Não tive coragem...

Ótimo!

— Na caixa há um diário, alguns desenhos, uma... — sinto o coração se apertar ao me lembrar da única foto de Liz, ainda adolescente, que eu tenho, um presente do senhor Paulo, pois acho que meu amigo de pescarias sempre soube o que eu sentia por sua neta — ...fotografia de uma moça morena de cabelos cacheados e olhos castanho-claros. Há também o manuscrito que lhe falei na carta. É um romance, e eu lhe pedi para que fosse registrado em nome de Analiz Castro e que o levasse até aquele nosso amigo, agente literário, para que tentasse uma publicação...

— Eric, é você mesmo? — meu amigo está chorando e mal consegue falar.

— Sim, sou eu, Phill. — Não consigo mais conter as lágrimas, que escorrem pelo meu rosto. — Fui eu quem sobreviveu... Sou eu quem está aqui, sendo chamado de Thomas.

— Deus do Céu! Deus do Céu! — Escuto uma barulheira sem fim, indicando que ele está tentando abrir a caixa, cuja chave joguei fora há muito tempo. — Gracie... Gracie! Traga uma furadeira!

Eu começo a rir como um louco, em meio às lágrimas, ao ouvir seu tom apressado e mandão, como lhe é natural, sentindo falta dos meus melhores amigos. Olho para Márcio, que está mudo, branco como um papel e de olhos arregalados.

— Você entendeu a conversa? — inquiro, e ele apenas assente, olhando-me como se tivesse visto um fantasma. — Eu quero provar que não estou louco antes de contar a todo mundo.

— Eu acredito em você, Tho... — Ele respira fundo. — Eu acredito em você, Eric.

Eu lhe sorrio cheio de gratidão.

— Abri! Está tudo aqui... Deus! O diário, os desenhos, a foto... — Ele para de falar por um momento. — E o manuscrito. Deus do Céu! — Eu escuto o som de páginas sendo folheadas. — Eu me lembro de vê-lo sobre a máquina de escrever, durante toda a faculdade, escrevendo isso!

— Phill, o que vou lhe pedir agora é algo que pode atrapalhar...

— Eric, eu estou indo para o Brasil, preciso só consultar um voo com lugar

vazio. — Eu me sinto aliviado por nem ter de pedir a ele para que venha. — Gracie! — ele grita pela esposa novamente. — Eu vou precisar ir para o Brasil.

Escuto, ao longe, a voz de minha outra sócia. Primeiro ela chama Phill de louco para depois provavelmente tomar o telefone de sua mão.

— Tom Palmer, se você acha que...

— Ei, café ambulante! — Ela fica muda. — Me lembrei agora de que eu nunca te dei outra blusa desde aquele nosso esbarrão no Starbucks que te sujou toda de café, lembra? Você tinha uma audiência e, embora tenha limpado e colocado o blazer por cima, ficou com tanto cheiro de café que o juiz te olhava...

— Oh, meu Pai! — Gracie começa a respirar com dificuldade, e eu me lembro de que ela tem asma. — Eric? Mas... eu fui no enterro, nós reconhecemos o anel...

Essa é uma longa história que eu só poderei contar depois que eles chegarem aqui.

— Meu bem, por favor, se acalme! — Phill fala com a esposa. — Vai secar o leite...

Arregalo os olhos ao ouvir isso.

— Gracie está grávida? — Lembro que eles estavam tentando ter um bebê.

— Não, está amamentando. — Phill soluça. — Descobrimos o bebê assim que enterramos voc... depois do funeral. Ele nasceu em setembro, próximo ao dia do seu aniversário, e nós o chamamos de Eric.

Fico sem reação ante a homenagem recebida. Meus melhores amigos, os quais sempre considerei como irmãos, tiveram um filho, e eu não acompanhei esse momento importante em suas vidas.

Eu perdi um ano da minha própria vida!

— A Gracie não vai poder ir comigo por isso, Eric, mas está no computador pesquisando voos.

É claro que eu entendo, pois está com um bebê pequeno. E ele vir e acreditar em mim já é motivo suficiente para que eu me sinta o homem mais sortudo do mundo.

— Phill, traga a caixa, por favor. E obrigado, meu amigo, por acreditar em mim.

— Você é meu irmão, Eric! Eu senti o tempo todo que algo errado havia acontecido, que não era verdade que você tinha morrido. Meu coração sabia, irmão!

O meu também, embora eu não conseguisse entender o que ele me fazia sentir.

Despeço-me de Phill e fico uns momentos quieto, de olhos fechados, tentando controlar a emoção que senti ao falar com meus amigos novamente. Eu

espero que Phillip chegue a tempo com a caixa e com seu próprio testemunho para que eu possa conversar com minha família e com a Liz.

Sinto lágrimas escorrerem pelo meu rosto, mas sem nenhum desespero agora, apenas lágrimas de dor e aceitação. Eu nunca poderia me fazer passar pelo meu irmão, mesmo para manter Liz ao meu lado. Não, eu nunca faria isso.

Uma mensagem chega ao meu celular. É Phill, confirmando voo para o Rio de Janeiro ainda no dia de hoje, à noite, com uma escala.

Respiro fundo ao pensar que amanhã ele estará aqui. Assim, poucas horas me restam para tentar me manter longe da mulher que amo, porque, por mais que eu a queira em meus braços, por mais que deseje beijar sua boca, sentir seu corpo, eu não posso mentir para ela.

Eu não sou quem ela ama.

— Você tem certeza do que quer fazer? — Márcio me pergunta pela manhã, falando de costas para as câmeras, enquanto eu finjo ainda estar dormindo. — Ela está sofrendo muito, cara, com medo de você ter pirado de vez. — ele continua falando mesmo que saiba que eu não irei responder. — Pediu para pararmos a medicação. O doutor Turnner também quer ver como você irá acordar hoje.

Saber que Liz está sofrendo, mesmo tendo-a ouvido vir aqui durante a noite e falado comigo, sentido o seu toque em minha mão, é duro, mas eu tenho medo de não aguentar olhar para ela sem lhe dizer toda a verdade. Se eu o fizer sem as provas necessárias... o doutor Turnner já está pronto para me declarar louco, e isso seria apenas o motivo necessário.

Já que o corpo de Márcio, pelo ângulo em que ele está, esconde-me das câmeras, abro os olhos e encaro o enfermeiro, que balança a cabeça e sorri, demonstrando que tomei a decisão certa.

— Não posso me esconder para sempre. — Ele concorda. — É covardia para com Liz, mas, Márcio, como eu vou fazer quando ela me chamar de... — antes mesmo que eu complete a frase, Liz entra no quarto como um furacão. Ela estanca ao lado da cama, olhando-me com uma expressão ao mesmo tempo feliz e desconfiada.

— Oi, Liz! — cumprimento-a, e ela relaxa, terminando de vir até mim enquanto me sento na cama.

— Thomas, você me deu um susto de morte! — Ela se senta ao meu lado, seu perfume invadindo minhas narinas, seu corpo próximo ao meu. Deus! Como eu vou fazer para me manter longe dela? — Como você está se sentindo? Tem fome?

— Não, apenas me sinto um pouco perdido. — Dou de ombros. — Como você está?

Ela sorri e entrelaça sua mão na minha.

— Mais calma agora que você acordou e está bem. — Aproxima seu rosto do meu. — Mas eu sabia que você acordaria assim. Eu sabia!

— Me perdoe. — Ela me olha curiosa. — Pelo susto, por tudo o que se seguiu. Eu não consegui me controlar, mas agora eu vou.

— Thomas, eu...

— Liz — Márcio a chama. — Por que você não pede a Marisa que prepare o café da manhã dele? Enquanto isso vou aferir a pressão e ajudá-lo com outras coisas.

— Claro! — Ela se levanta animada porque vou comer algo. — Volto já!

Somente quando ela bate a porta, eu fecho os olhos e desmorono.

— Ela te ama! — Márcio declara. Eu nego. — É só olhar para ela para saber que ela realmente...

— Ela ama o meu irmão e, como pensa que sou ele... — Respiro fundo e me viro na cama, pondo meus pés no chão. — Quando eu lhe contar a verdade, Márcio, Liz vai sentir o coração partido. Ela vai se sentir como eu me senti ao recobrar a memória, sem rumo, apenas com uma dor profunda no peito, que não passa. — Olho-o. — Me prometa que estará ao lado dela nesse momento e que a ajudará no que for.

— É claro que eu prometo, ela é minha amiga também. — Ele me ajuda a ficar em pé e me entrega uma das muletas. — Você está pensando em ir embora, não é?

Não respondo, mas sinto meu coração apertado, esmagado, pois sei que, a

partir do momento em que eu contar tudo a Liz, ir embora não será apenas um pensamento ou uma opção. Ela vai querer que eu vá!

— Dê uma chance ao que vocês dois sentem... — ele para de falar, e eu interrompo meu caminho até o banheiro. — Ou você não sente mais nada por ela?

— Isso não importa, agora. — Dou de ombros. — Na verdade, o que sinto ou senti por ela nunca foi importante. O cerne da questão é o que ela sente e por quem.

— Você tem noção de que, suponhamos que ela ainda pense amar seu irmão, ele está morto?

Engulo em seco, lembrando-me do que aconteceu durante o tempo em que estive agonizando após o acidente, a tentativa de Thomas de trocar de lugar comigo e tudo o que se seguiu até este momento.

— Eu sei que ele está morto, Márcio, mas é a ele que ela ama, não a mim.

Entro no banho me sentindo destroçado. Só consigo chorar, imaginando como isso tudo que estou vivendo não me enlouqueceu, como não está me enlouquecendo. Ou será que está?

Seguro na barra do boxe, deixando a água cair sobre minha cabeça, esperando que ela possa lavar toda dor e tristeza que sinto. Liz é e sempre foi o meu primeiro amor, minha primeira paixão, a musa inspiradora dos meus romances, um amor que eu julgava superestimado por ter surgido em um momento da minha vida em que eu estava na transição menino/homem. Eu não poderia estar mais errado!

Esse tempo que passamos aqui me provou que, sim, ela é a única mulher a qual realmente amei de forma profunda. Um sentimento único que eu sei que nunca mais terei por ninguém, que sempre foi só dela. Entretanto, neste momento a força e a profundidade dos meus sentimentos me ferem, me rasgam, porque terei de encarar, mais uma vez, que tudo não passou de um sonho. Eric nunca foi notado, nunca foi querido nem mesmo como um amigo, e eu não posso esperar que, de repente, ela passe a me considerar algo em sua vida.

— Está tudo bem aí? — Márcio bate à porta.

Não! E eu não sei como consertar as coisas!, quero gritar. Não sei como remendar meu coração, não sei como Liz conseguirá remendar o dela, e isso me faz sofrer ainda mais.

— A Liz está aqui com seu café!

Eu soluço.

— Já estou indo, Márcio.

Respiro fundo, lavo meu rosto e forço um sorriso, saindo do boxe e me secando o mais rápido possível para evitar que ela tente entrar aqui para ver o que está me fazendo demorar, o que com certeza ela fará, pois a conheço muito bem.

A porta se abre um pouco, e eu me cubro quando ela enfia a cabeça pela fresta.

— Ei, tudo bem mesmo?! — Eu sorrio, mas devo ter feito apenas uma careta, porque ela franze a testa. — Está sentindo algo? — Liz entra no banheiro e se aproxima, mas eu me afasto. — Thomas?

— Está tudo bem. Eu só estou um pouco tonto por causa da medicação. — Ela assente. — Eu só vou terminar de me vestir...

— Quer que eu saia? — sua voz sentida me faz querer me ajoelhar aos seus pés e lhe implorar que não sofra, que me ame, mas eu sei que as coisas não são assim. Eu assinto, e ela se surpreende, concordando, para logo virar as costas e me deixar sozinho. Droga! Sinto vontade de me dar um soco!

Visto-me e saio o quanto antes do banheiro, encontrando-a no quarto arrumando umas anotações suas em cima da escrivaninha. Passo por ela sem que me olhe ou fale algo comigo e me sento à pequena mesa de café, de frente para a janela com vista para o mar.

— David virá vê-lo logo após seu desjejum. — Eu controlo os ciúmes ao ouvi-la chamar o médico apenas por seu primeiro nome. — Você já sabe que sua família adiantou a vinda para cá?

Assinto apenas, levando a xícara de café aos meus lábios. Um silêncio sepulcral cai sobre nós, e eu vou comendo como um autômato, sem sentir o gosto de nada apenas para ter um motivo para não precisar conversar, para não precisar implorar e piorar tudo.

Ouço seu suspiro de irritação, o que me faz saber que ela sente que há algo muito errado acontecendo conosco, mas que, talvez, por causa do surto que tive, tenha medo de dizer algo.

Sinto meus olhos queimarem com as lágrimas que estou segurando. A sensação de estar tão próximo a ela e, ao mesmo tempo, a milhas de distância é ainda mais dolorosa agora do que era quando eu apenas a observava de longe. Hoje eu conheço a forma como ela ama e se entrega, conheço a sensação do seu amor, do seu desejo, e é o que mais me machuca e tudo contra o que tenho de lutar. Nada foi para mim!

Liz senta-se na cadeira à minha frente e me encara, séria.

— Você se lembrou de tudo? — pergunta-me sem rodeios, e eu desmorono.

Ela arregala os olhos ao me ver soluçar a sua frente, completamente pega de surpresa, sem saber o que fazer. — Thomas, pelo amor de Deus! Me desculpe...

Ela se levanta e me abraça forte.

Meu choro sacode todo o meu corpo enquanto sinto-a em meus braços, apertando-a forte contra mim, querendo eternizar este momento. Aspiro profundamente, absorvendo seu perfume, memorizando a sensação do calor de sua pele, a textura de seus cabelos enquanto meus dedos deslizam pelos seus cachos.

— Eu me lembrei, Liz. — Sinto-a ficar tensa. — Me lembrei de tudo, cada detalhe e agora... queria nunca ter lembrado.

— Thomas... — Fecho os olhos, ouvindo-a me chamar pelo nome *dele*. — Você não é mais aquele homem, você mudou e, mesmo com a memória restabelecida, eu continuo vendo você. — Ela se afasta e me encara. — Você continua sendo o homem que eu amo.

Nego e me afasto, sentindo como se, de repente, a temperatura tivesse baixado drasticamente. Liz parece sentir esse frio estranho também e se abraça, ainda bem perto de onde estou sentado.

— Você não... — ela tem dificuldade de perguntar algo, mas, independentemente do que seja, eu serei completamente honesto, como sempre fui. — Você descobriu que não me ama?

Eu rio, triste, e nego novamente.

— Esse é o sentimento mais certo que tenho dentro de mim, Liz. Eu nunca poderia não amar você. — Ela sente meu tom desesperado e me olha temerosa. — É que...

Sou interrompido pelo doutor Turnner, que entra no quarto – sem bater – e estanca ao sentir o clima pesado entre nós.

— Tudo certo aí? — Intercala olhares entre mim e Liz. Eu bufo exasperado pela presença dele, por sua interrupção e, principalmente, por saber que ele está adorando a situação toda para ressaltar seu ponto sobre minha sanidade mental – ou a falta dela. — Thomas, como está se sentindo hoje?

— Bem, doutor. — Limpo minha boca com o guardanapo e os olhos com as mãos e me apoio na mesa para pegar a muleta e caminhar até o médico. — Tive um descontrole causado por algumas emoções, mas já estou me sentindo cem porcento.

Ele ri, sarcástico.

— Claro que está, Thomas.

Olho-o com a sobrancelha erguida e rosto fechado, e ele, que não é nem um pouco inocente, percebe que sua ironia não passou despercebida.

— Conseguiram algum laudo à distância com um psiquiatra na cidade? —

Liz me olha como se não me reconhecesse, e eu sei o porquê. Nunca usei esse tom – que geralmente uso em audiências ou quando tento acordos no tribunal – depois que despertei do coma. — Ou finalmente localizaram a doutora Ferreira?

David tenta se justificar:

— Thomas, nós só estamos preocupados...

— Claro que sim, doutor, eu entendo a sua preocupação. E não vou ficar dizendo a você que estou bem, porque isso é como se eu estivesse em negação, não é? — Rio, ainda o encarando. — Afinal, a primeira coisa que um criminoso faz é ficar alegando inocência, apelando sempre para a *resonable doubt*[14]! Eu não vou fazer esse papel. — Olho-o, sério. — Eu não preciso mais dos seus serviços, David.

Liz emite um som de surpresa, e o médico me encara, muito sério.

— Não acho que você esteja em condições...

— Você tem meia hora para deixar a ilha — continuo. — Caso não o faça, terei de pedir aos enfermeiros que o acompanhem até o píer. Vou ligar para o Gonçalo e pedir a ele que o espere lá.

— Thomas, eu fui contratado pelo seu pai...

— Meia hora, doutor! — alerto-o. — E eu disse que tinha tomado as rédeas da minha vida, não foi? A minha é a palavra final aqui. O restante do pessoal fica; eu assumirei os encargos de cada um até o final do contrato, mas, por favor, haja dignamente e saia por conta própria.

David encara Liz e, sem mais nenhum tipo de argumentação, sai do quarto batendo a porta ao passar por ela.

— Thomas? — eu sinto a voz de Liz trêmula e odeio isso. Odeio que ela esteja assustada, odeio que ela me chame de Thomas! — O que está acontecendo?

Respiro fundo, sem olhá-la.

— Apenas tentando colocar as coisas de volta em seus lugares.

— Isso significa o quê? — Ela caminha até ficar de frente para mim. — O que mudou?

— Tudo, Liz. — Ela arregala os olhos. — Tudo!

Saio do quarto sem mais nenhuma explicação. Detesto ter de ser tão frio com ela, mas eu preciso dessa distância para pensar, para entender o que farei. Não quero mentir para ela, e continuar de onde paramos, como se eu não soubesse quem sou, é uma baita mentira. Também não quero me iludir e pensar que, mesmo após contar a verdade a ela, Liz irá querer ficar comigo. Nunca passou pela sua cabeça ter qualquer envolvimento com Eric Palmer, mesmo porque ela nunca soube sobre meus sentimentos e, agora, quando enfim entender o que houve anos atrás, irá me odiar.

Olho para meu relógio, querendo saber a que horas Phillip irá chegar, quando escuto o barulho de hélices e caminho até a janela que dá vista para o heliponto. Mesmo que eu só consiga ver parcialmente o aparelho baixar lentamente, eu sei que é ele.

Márcio aparece ao meu lado.

— Enfim chegou? — Eu assinto. — O doutor Turnner está tentando falar com seu pai, nos Estados Unidos. Acha mesmo que o demitir foi boa ideia?

— Não preciso dele aqui falando para todos que eu enlouqueci e que minha versão é uma invenção. — Márcio concorda. — Todos já vão pensar isso, e eu não quero um médico piorando tudo.

Os motores do helicóptero desligam, e Márcio começa a se encaminhar até ele.

— Vou até lá recebê-lo. Ele não fala português, fala? — Nego, rindo. — É nessas horas que eu odeio ter sido um aluno mediano em inglês! — Faz careta. — Espero que eu me faça entender!

Ele sai, e sinto meu peito inchar com a expectativa de rever Phillip, mesmo sabendo que a presença dele aqui é apenas o começo do fim de uma ilusão. Caminho até a varanda principal da casa e, quando o avisto, ao longe, sinto as lágrimas descerem pelo meu rosto. Phillip parece emocionado também, arrastando uma mala pelo caminho de pedras e segurando uma bolsa com força em sua outra mão.

— Eric! — ele diz ao me alcançar, emocionado, trêmulo, mas com um enorme sorriso. E, pela primeira vez desde que descobri quem sou, sinto-me feliz. — Isso só pode ser um milagre!

Ele põe a mala no chão e me abraça apertado, e eu sinto os espasmos de seu peito enquanto ele dá vazão às lágrimas, assim como eu o faço.

— Phill...

Márcio acompanha a interação entre nós em silêncio, piscando com força para frear suas próprias emoções.

— Eu sabia que Deus não seria tão injusto! — Meu amigo sorri. — Meu Deus, como é bom saber que você ainda está aqui!

— Está tudo uma bagunça, mas eu também sou grato. — Aponto para a mala. — É o que te pedi? — Ele assente. — Obrigado e me desculpe por tê-lo feito vir...

— Nada poderia me segurar lá! — Ele olha tudo à sua volta. — As fotos que você me mostrou não fazem jus a este lugar, é incrivelmente lin... — ele para de falar, olhando fixamente para a porta da frente da casa. Eu acompanho seu olhar e vejo Liz parada, com seu jaleco e algumas pastas nas mãos. Phillip e ela se olham, curiosos, e depois seus olhares são desviados para mim.

— Liz, esse é Phillip, um grande amigo dos Estados Unidos — começo a apresentação, e ela se aproxima. — Phill — falo em inglês —, essa é Analiz Castro, a fisioterapeuta que me ajudou a estar de pé novamente.

— A garota da foto... — Meu amigo parece completamente pasmo ao olhá-la.

Liz franze o cenho e o encara.

— Foto? Que foto? — Eu sorrio quando ele se assusta ao notar que disse em voz alta e que ela entende sua língua.

— Uma foto antiga que vi... daqui. — Ele é péssimo com mentiras, e seu rosto e pescoço ficam vermelhos. — É um prazer conhecê-la.

— Igualmente... — Liz ainda parece muito desconfiada. — Veio para o réveillon? — Ele assente, mais uma vez completamente carmim. — Seja bem-vindo à Raj! — Ele lhe agradece, e ela se vira para mim novamente. — O doutor solicitou meus relatórios para seu prontuário e... pediu para que eu comece a organizar as coisas na fisioterapia... Ele acha que é melhor você retornar e continuar seu tratamento nos Estados Unidos...

— Ele não tem que achar nada — respondo, puto por David ainda querer interferir em minha vida.

— Certo. — Ela parece extremamente desconfortável. — Conversamos depois, eu vou precisar resolver isso e tenho que ir até Angra ver minha mãe. Conversei com o Márcio e...

— Eu estou bem, Liz, pode ir despreocupada.

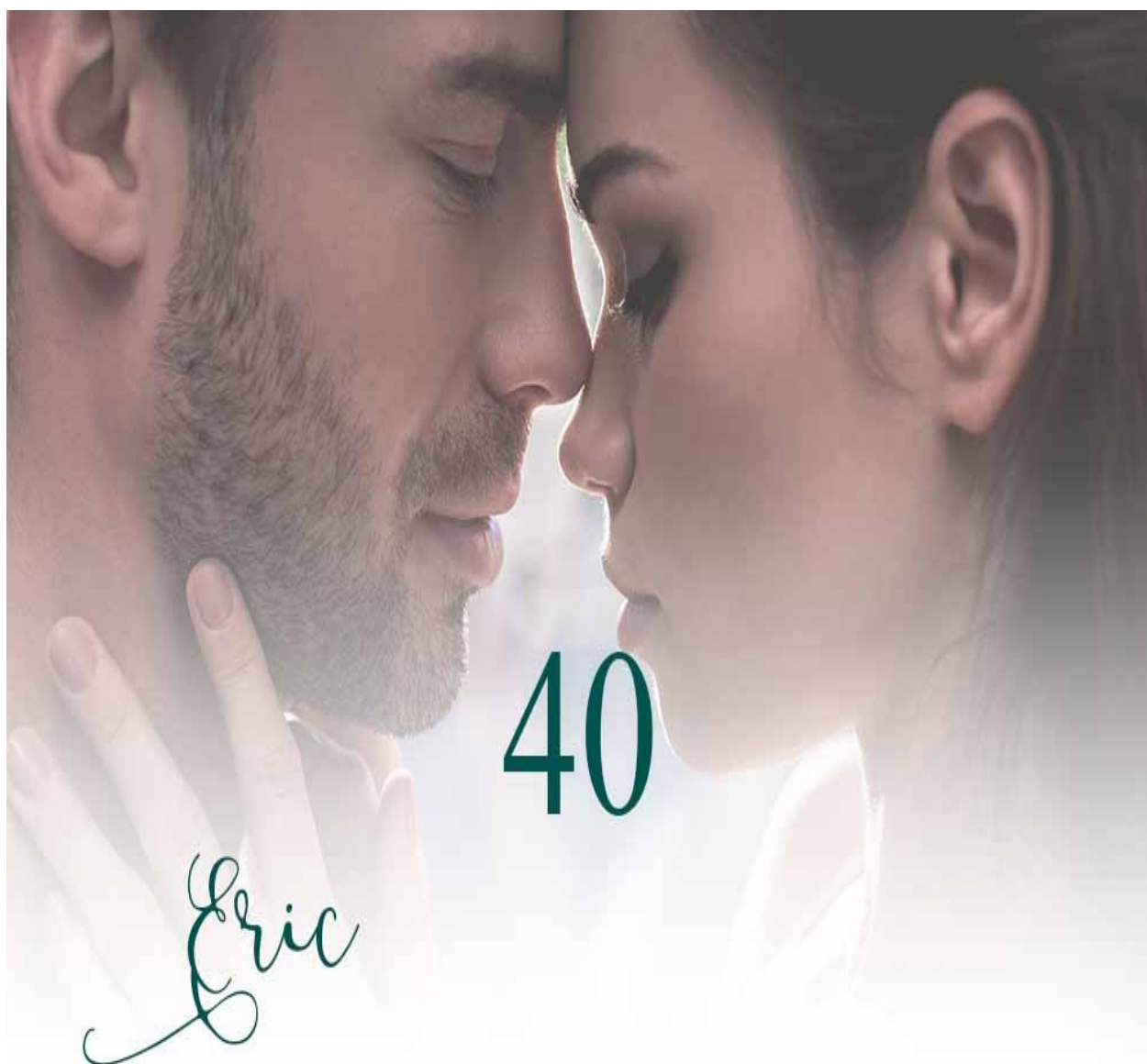
Ela não fala mais nada, mas seu olhar magoado me diz tudo. Ela sente que algo muito sério aconteceu e que isso está afetando a relação que tínhamos. Bufo, sem poder contar a raiva que sinto por mim mesmo e a vontade que tenho de poder dizer a ela que está tudo bem, que continuo amando-a, que nada mudou.

Ela se despede, e eu a acompanho com o olhar até vê-la indo na direção que leva à casa de seu avô.

— Eric... — Phill me chama baixinho — qual foi o estrago que essa confusão causou?

— O pior deles. Ela acha que sou ele, como todos. — Ele assente. — O problema é que Liz sempre foi apaixonada pelo meu irmão...

— E você por ela. — Concordo. — Puta que pariu!

Eu rio de sua expressão, que pode ser traduzida como “que grande merda do caralho!”.

A caixa que esteve em minhas mãos há um ano agora jaz em cima da minha escrivaninha. Depois que Phillip chegou, eu não quis abri-la, apenas passamos o dia conversando, lembrando-nos de coisas do passado. Toda vez que ele tocava no assunto desses meses que passei aqui, eu o desviava, pois não queria conversar com ninguém sobre isso, não sem falar com Liz primeiro.

Ela foi para Angra dos Reis sem falar comigo, sem se despedir, desde aquele momento tenso na varanda mais cedo. Eu queria ligar para ela, perguntar sobre sua mãe, saber se ela precisava de mim, se sentia minha falta como eu estou sentindo a dela. Todavia, qualquer coisa que eu faça ou que eu fale antes de lhe contar quem eu sou, será interpretada como sendo Thomas fazendo ou dizendo, e eu não quero mais isso.

Phillip e Márcio conversaram boa parte da tarde, eu percebi, e, sempre que eu me aproximava, mudavam de assunto. Provavelmente o enfermeiro o atualizou de todas as coisas que aconteceram por aqui durante minha recuperação.

Olho para os documentos em minha mão. Todos eles estão em nome de Thomas James Palmer, e penso nas implicações disso, afinal, eu estou em outro país usando o passaporte de outra pessoa, sendo que os meus, no mínimo, foram cancelados ao resolverem as coisas sobre meu testamento.

Deus! Que bagunça! Além de tudo o que eu vou passar tentando provar quem sou, tentando lidar com os meus sentimentos, ainda vou precisar responder ante às autoridades do meu país tanto pelo acidente como também para reaver todas as outras coisas da minha antiga vida.

Phillip vai me ajudar com isso tudo, obviamente, mas, ainda assim, é uma dor de cabeça enorme! Meu testamento foi aberto, meus bens, divididos, o escritório de advocacia passou a ser apenas dele e de Grace e... ainda há Cassie.

Tento ignorar todos esses pensamentos e me deito, pensando faltar pouco para que eu comece o caminho de tomar posse da minha vida, da minha história e, com isso, abrir mão da única mulher que amei de verdade.

Liguei essa tarde para o advogado da minha família, o doutor Amaro, que fez todos os contratos dos profissionais que me atendem aqui na ilha, inclusive com a clínica do doutor Turnner, e pedi a ele que finalizasse cada um deles.

Eu não sei como vai ser a reação da minha família e, muito menos, a de Liz ante o que irei revelar, então já quero deixar tudo pronto, inclusive com um bônus para cada um dos profissionais que estão aqui comigo, antes de retornarem às suas cidades e às suas vidas.

Sinto um aperto no peito ao pensar em Liz retornando ao Rio de Janeiro magoada, sozinha e sem emprego. Imaginar que ela possa sofrer me faz padecer, e a ideia de deixá-la ir, de não lutar por ela, por nós dois, vai esmorecendo dentro de mim.

Fecho os olhos, pedindo a Deus para que tudo se ajeite e para que eu consiga conversar com ela e lhe mostrar que, mesmo eu não sendo Thomas, eu a amo mais do que amaria qualquer outra mulher neste mundo.

O dia amanhece, e eu já estou de pé, de banho tomado, com a roupa posta e olhar fixo no mar, esperando ver a lancha trazendo Liz de volta para mim. Eu me comportei como um covarde durante esses dias, evitando-a, com medo de

magoá-la mais ao manter essa omissão sobre quem sou eu, mentindo para ela ao deixá-la pensar que nada mudou em mim.

Eu sinto sua falta tão dolorosamente que, essa noite, sonhei que Liz estava em meus braços mais uma vez e que nos amávamos, entregues, desesperados, e que ela dizia que amava a mim, Eric. Acordei frustrado por ter sido apenas um sonho, mas um fio de esperança nasceu, e isso me fez enxergar minha atitude até aqui como sendo a de um covarde, e isso eu não quero ser.

Já abri mão de muita coisa em minha vida e não vou mais seguir por esse caminho. Desisti de ser quem eu sou, de fazer o que amo apenas para seguir os planos traçados para mim, mas chega! Tudo o que vivi nesses meses acreditando ser meu irmão, descobrindo toda a podridão de sua vida, seu caráter, sofrendo com cada atitude do passado dele me fez ver que, embora eu tenha certeza de que ele nunca foi feliz ou realizado, Thomas tinha uma coisa que eu nunca tive: liberdade de escolha. Ele seguiu o caminho que escolheu trilhar, torto, errado e doente, mas uma escolha dele. É claro que sei que muito do que ele fazia era com o intuito de chocar, agredir e constranger nossa família, principalmente por não saber lidar com a falta de emoções dentro da nossa casa. Talvez, por ele ter sido tão carente e sensível, tenha sentido mais do que Becca e eu a frieza de tratamento no seio da família Palmer.

Contudo, isso não é, nem nunca foi desculpa para suas atitudes, principalmente para comigo, que fui – ou tentei ser – o elo caloroso dentro daquela família para ele e para Becca. Eu sei que eu tinha, sim, motivos para tê-lo afastado da minha vida, principalmente depois do que houve aqui com a Liz, mas sempre acreditei que, com carinho, compreensão e amor, ele iria mudar; sua atitude, entretanto, no acidente só me provou o quanto eu estava errado. Thomas era doente, essa é a verdade. Sua alma e seu caráter eram doentios a ponto de ele querer destruir tudo o que se aproximava dele com a tentativa de enternecê-lo. A falta de atenção dentro de casa não era o principal responsável pelo modo como sua personalidade foi moldada, afinal, eu também não tive e Becca ainda não tem, e nem por isso somos iguais a ele.

No entanto, uma coisa não posso negar: Thomas teve tudo o que eu sempre quis! Tinha liberdade de escolher o que fazer de sua vida, tanto que virou ator e celebridade; tinha a liberdade de escolher amar quem quisesse sem se importar com a opinião ou com a decepção de Bill Palmer; e, o mais importante, Thomas teve – e ainda tem – o amor da mulher que sempre amei. Esse é o único ponto em que eu o invejo com toda a minha alma, ter a mulher que amo.

Eu decidi, mesmo ainda pensando ser ele, retomar o controle da minha vida sem me importar com a vontade alheia, e é isso o que irei fazer. Gosto da minha profissão, mas ela não é minha paixão; gosto da minha noiva, mas ela não é a

mulher que eu amo; é natural, para mim, ser o filho obediente e que orgulha a família, pois sempre fui assim, mas hoje penso que, se tiver que ser à custa da minha própria felicidade e do meu orgulho, eu não quero mais seguir sendo esse filho.

Não sou homem de me revoltar, mesmo porque não preciso disso. Eu apenas irei comunicar as mudanças que farei e não irei ouvir argumentos ou ponderar qualquer decisão. Se eu quiser desistir da minha carreira no Direito e tentar realizar o sonho de ser um romancista, eu o farei. Porém, neste momento, a única certeza que tenho sobre minha vida é de que não irei desistir de Liz sem lutar. Se ela, por um milagre, me quiser, eu irei com ela, ou ela comigo para qualquer lugar deste mundo. Não vou abrir mão mais uma vez de ter uma chance real com a mulher que sempre esteve em minha mente e em meu coração.

Márcio me cumprimenta, vindo da praia e subindo na varanda.

— Bruno e você podem me encontrar na biblioteca daqui a alguns minutos? — Ele assente. — Você sabe a que horas a Liz volta?

Ele estranha minha pergunta, mas nega.

— Algum problema, Eric?

Eu sorrio para ele ao ouvir a naturalidade com que ele já aceitou quem eu sou.

— Não, apenas uma comunicação que farei a vocês.

Ele concorda e entra na casa provavelmente para informar ao seu companheiro de trabalho que quero vê-los.

— Eu entendo o fascínio que esta ilha tinha sobre você. — Phill se posta ao meu lado, assustando-me ao chegar tão silencioso. — Isto aqui parece um pedaço do paraíso! Gracie iria amar conhecê-la.

Concordo com ele, pois sei que sua esposa é apaixonada pela natureza.

— Meu pai colocou a ilha à venda, então não sei por quanto tempo ela estará na posse dos Palmers. — Dou de ombros.

— É uma pena, pois eu adoraria trazer Eric para cá um dia. — Sorrio ao lembrar do pequeno bebê cujas fotografias ele me mostrou ontem. — Mas eu sei que o que mais toca seu coração aqui nunca foram as belezas naturais da ilha. — Eu concordo. — O que você vai fazer com relação a ela? Eu quase tive um derrame ao reconhecê-la ontem, tamanho o susto.

— Ela mudou pouco desde aquela foto, por isso eu sabia que você a reconheceria. Quanto ao que vou fazer... lutar, eu acho, tentar fazer com que ela me enxergue e esqueça a ilusão que ela ama.

— Hum... é um bom plano, mas... — Phillip suspira. — E a Cassie? Eric, ela se desesperou sem você, ela te ama muito e, quando souber que...

— Eu não posso prosseguir de onde parei, Phill! Simplesmente não posso

fingir que esses meses aqui não existiram, que a Liz não existe! Eu nunca a esqueci, mesmo tendo me apaixonado por Cassie, mesmo quando decidi que era hora de me casar. — Olho-o. — Na minha quase festa de noivado, enquanto todos comemoravam, eu deixei minha noiva sozinha e peguei aquela mesma caixa que você me trouxe, prometendo jogá-la fora mesmo sabendo que eu nunca teria coragem de fazer isso. Aquelas coisas eram meu único elo com a Liz, e eu nunca me desfaria delas.

— Eu sei, meu amigo, eu me lembro bem de como você era louco pela tal brasileira, na época da faculdade. Me lembro também de todas as moças morenas e de cabelos cacheados com quem você saía, era quase um padrão. Por isso, quando você me apresentou a Cassie, eu realmente achei que você a tinha esquecido de vez.

— Se eu pudesse, eu teria, mas não pude e nem posso esquecê-la. — Phillip concorda. — Ela é a mulher da minha vida, Phill, eu soube disso ainda garoto.

— Então lute por ela. No entanto, tenha em mente que, a partir do momento em que ela se render, você deve esquecer qualquer coisa relacionada ao seu irmão, porque, senão, ele sempre será uma sombra sobre vocês dois.

Eu reflito sobre o que ele me diz, entendendo e concordando com suas palavras. Se eu conseguir que Liz me aceite, eu não poderei nunca duvidar de que ela me escolheu por mim mesmo, porque se, por acaso, eu deixar a dúvida entrar, ela será sempre um enorme abismo entre nós.

Eu conseguirei lidar com essa situação? Conseguirei não duvidar do que ela possa vir a sentir, sem pensar que ela está apenas vendo meu irmão em mim? Essas são mais algumas perguntas que devo colocar junto com as outras que ainda me faço.

Espero por Márcio e Bruno na biblioteca, tenso, nervoso, sabendo que terei de ter, em breve, uma conversa definitiva com Analiz, expondo a ela quem sou, dizendo a ela que, embora eu não seja Thomas, eu a amo.

Os enfermeiros batem à porta, e eu lhes explico que não precisarei mais de seus serviços a partir da virada do ano, indicando-lhes que procurem um dos nossos advogados aqui no Brasil para procederem ao término do contrato, bem como o recebimento de todas as verbas rescisórias por causa da interrupção da prestação de serviço.

Entrego um bônus aos dois, agradecendo-lhes pela dedicação, bem como a promessa de uma carta de recomendação para novos trabalhos.

— E a Liz? — Márcio me pergunta assim que Bruno sai. — Você só está esperando-a voltar...

— Não. Você sabe que, com ela, as coisas não são tão simples. — Dou um sorriso triste. — O contrato dela também já foi rescindido, eu já avisei ao escritório no Rio de Janeiro, mas...

— Boa sorte! Você sabe que, durante o tempo em que estivemos aqui, eu aprendi a gostar de você como um amigo.

Ele estende a mão direita para mim, que a aperto.

— Eu também, Márcio! Foi uma honra ter você cuidando de mim. Obrigado por tudo.

Ele sai, e eu caminho um pouco pela biblioteca, com tantas lembranças em minha mente, doces momentos com Liz durante a leitura de um livro ou mesmo momentos quentes de prazer, com ela ajoelhada nesse chão e me dando o boquete mais fenomenal...

— Então é isso! — assusto-me ao ouvir sua voz. — Esse é o motivo de tantos segredos e dessa distância estranha que venho sentindo entre nós!

Fecho os olhos, sentindo o impacto de suas palavras magoadas.

— Liz, eu ia conversar com você...

— Quando? — Eu me viro para encará-la. — Quando sua família voltasse para te buscar? — Ela engole em seco. — Eu só fiquei sabendo que toda a equipe foi dispensada ouvindo conversa alheia! Por que você não foi sincero comigo? Por que não me disse que tudo havia mudado? Por que mentiu para mim...?

— Eu não menti, Liz. É verdade que minhas lembranças mudaram muita coisa, mas eu nunca deixei ou irei deixar de te amar. Nunca!

Ela sorri, incrédula, e balança a cabeça.

— Eu prometi a mim mesma que não iria fazer esse papel, Thomas! Eu não vou me enganar, mesmo sofrendo, mesmo com o coração machucado. E eu tenho me sentido enganada, sobrando, sendo evitada e mantida à distância. Eu não vou insistir em uma relação que me faça sentir isso. — Ela se aproxima. — Se eu estou errada, se o que senti não foi verdade, se você não estava me evitando o tempo todo, me diz o que está acontecendo!

Eu não posso mentir para ela. Eu a evitei a ponto de me fingir de dopado, mantive distância, estive confuso sobre lutar ou não por ela e me arrependo de cada uma dessas minhas atitudes. Porém, não posso mentir para ela.

— Eu preciso conversar com você, mas ainda preciso de um tempo, ainda preciso resolver outras questões e...

Ela começa a rir e nega.

— Você rescindiu meu contrato sem falar nada! Nem a consideração que

você demonstrou ao Márcio e ao Bruno, como profissionais, você teve comigo. Eu não vou ficar esperando as coisas voltarem a ser como eram, porque eu creio que elas não voltarão, não é? — Eu não lhe respondo simplesmente por não saber a resposta. — Tudo mudou quando você recobrou sua memória, eu sei disso, eu senti isso e ainda o sinto.

— O mais importante ainda está aqui. — Aponto para meu peito. — Se você puder me ouvir, acreditar em mim e me amar...

— Thomas, quantas vezes eu já te disse que você é o único homem que amei e que, independentemente do que se lembrasse, eu continuaria a te amar?

Ouvir isso neste momento é como levar uma facada no peito. As esperanças que eu albergava vão murchando lentamente dentro de mim. Como eu poderei competir com tamanho sentimento? Eu amo a Liz talvez pelo mesmo tempo em que ela ama o Thomas e nunca pude esquecê-la, substituí-la. Embora eu tenha aprendido a amar de alguma forma a Cassie, o sentimento por Liz nunca esmoreceu.

Não, por mais que ela tente me amar, eu nunca serei páreo para competir com a sombra do meu irmão. Nunca saberei se o que ela sente realmente é por mim ou apenas um reflexo do que sente por ele.

— Eu só preciso que você tente entender que...

— Você está indo embora, não está? — sua voz é tão sentida que corta meu coração. Ela me encara, altiva, seus olhos claros fixos em mim, orgulhosa mesmo com o coração destroçado. Minha guerreira! — Eu percebi isso no momento em que aquele seu amigo chegou aqui. Eu percebi naquele momento que, por algum motivo, eu tinha te perdido.

— Liz, não é...

— Eu não preciso de carta de recomendação, como prometeu aos outros, pois já tenho proposta de trabalho. — Sinto meu coração falhar uma batida, vendo o sofrimento nos olhos dela. — Eu precisava apenas que você não me deixasse no escuro. Eu queria apenas não ter de ficar sabendo que fui dispensada sem nem mesmo uma palavra ou explicação. Eu achei que você me amasse...

— Eu amo, esse é o problema! — explodo.

— Problema?! — Eu bufo, tento consertar o que disse, mas ela não me deixa falar, levantando a mão para me impedir. — Você me amar agora é um problema para você? Ah... — Ela ri, sarcástica. — Como não entendi isso antes?! Suas lembranças voltaram, você já está pronto para começar a andar por aí sem precisar de ajuda, então... Tom Palmer estará de volta, não é? — Eu paraliso, vendo a mágoa tomar lugar ao desespero nos olhos dela. — Aquela conversa de ter desistido do cinema, de não querer mais aquela vida... mudou, não é? Agora não há mais espaço para uma garota tosca como eu.

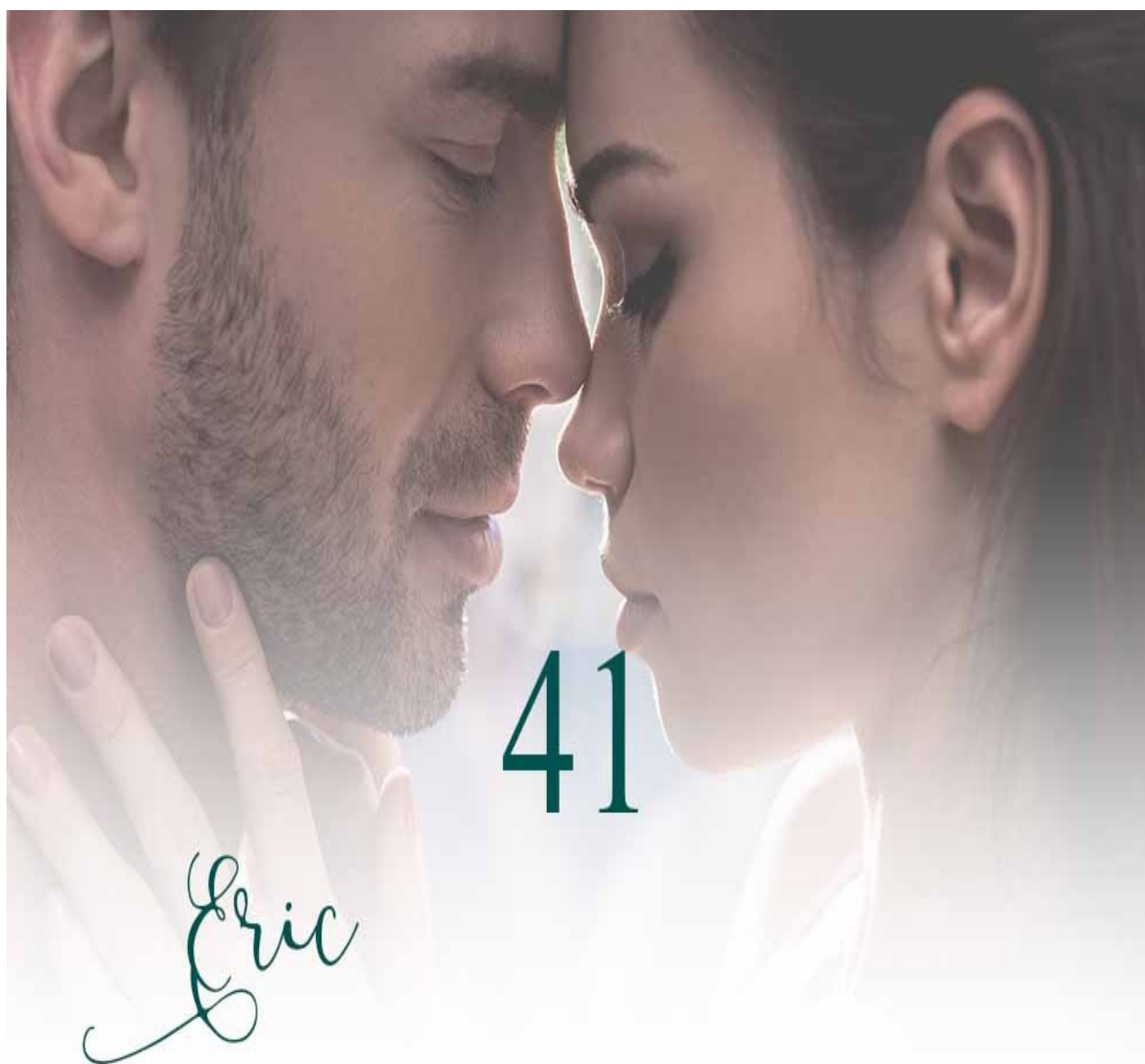
— Liz, não. — Eu tento tocá-la, mas sou afastado com força. — Me escuta, não tem nada a ver com...

— Por que você iria se prender a mim, quando pode ter quantas mulheres desejar? Você tem razão, sabe? Eu não fui feita mesmo para aquele seu mundo. O estilo de vida do grande Tom Palmer nunca...

— Eu não sou ele, Liz! — grito em desespero, não aguentando mais.

Ela ri.

— Thomas, não precisa mais querer me...

— Eu não sou o Thomas! — Ela para de falar, e seu sorriso morre. — Eu não sou o Thomas! — grito mais uma vez, vendo-a estremecer e me olhar assustada.

— Do que você está falando? — Liz me pergunta baixinho. — Thomas, você precisa de ajuda...

— Não. — Seguro-a pelos ombros, sentindo-a gelada. — Não era assim que eu gostaria de te contar isso, mas...

Phillip entra de supetão no cômodo, assustando-nos.

— Er... — ele se interrompe quando vê a Liz comigo. — Sua família acaba de chegar.

Droga! Meu coração dispara, e algo dentro de mim quer gritar que precisa de mais tempo, que quer ter a chance de mostrar a Liz o quanto a ama, que quer explicar, implorar e rogar por uma chance.

— Vieram de avião particular ao Brasil e de lancha desde Angra. Seu pai

disse ao senhor Paulo que no helicóptero não caberiam todos de uma vez e que por isso optaram...

— Vieram todos? — indago, sentindo minha cabeça dar voltas. Ele assente.

— Eu já vou... — Phillip sai, e eu volto a encarar a Liz, que ainda está com olhos assustados. — Eu preciso que você escute o que eu tenho a lhe dizer e que acredite em mim. — Ela nega. — Sim, por favor.

— Eu ainda não entendo o que você está me dizendo — sua voz é apenas um sussurro, e eu a puxo para os meus braços. — O que você quer dizer com...

A porta se abre, e Rebecca aparece rindo como uma louca, correndo em minha direção para um abraço apertado. Eu me afasto de Liz, mas não tiro os olhos de cima dela nem por um segundo. Quando finalmente minha irmã me solta, eu a olho, contente em revê-la.

— Becca! Como você cresceu! — Toco a ponta de seu nariz, e ela ofega, olhando-me assustada. — Você está linda!

Minha avó, bem mais magra e mais abatida do que eu me lembrava, vem em minha direção, e eu a cumprimento beijando sua mão, como sempre fazia, piscando um olho ao chamá-la de *madame*.

— Você está diferente... — ela diz ao me olhar nos olhos. — É quase como se eu visse o brilho dos olhos de... — Eu seguro o fôlego, pensando que ela possa ter, enfim, me reconhecido, mas ela apenas balança a cabeça, como que para afastar seus pensamentos. — Fico feliz que esteja andando novamente.

Meu pai, o grande e corpulento Bill Palmer, entra na biblioteca, e seu olhar se fixa em Liz, que conversa com Becca. Depois, como se ainda tentasse se lembrar de onde a conhece, vira-se para mim com sua voz potente:

— Thomas, o doutor Turnner me ligou ontem dizendo que você dispensou seus serviços. O que você está pretendendo, afinal? — Arregala os olhos quando nota que estou de pé e usando apenas uma muleta. — Sou informado de uma crise acontecendo aqui e, quando chego... — aponta para mim — você parece ótimo! Que merda está havendo? Eu tive que sair às pressas de casa para...

— Bill... — Mari o repreende, cumprimentando-o. — Você está ótimo, Thomas. Eu gostaria de parabenizar a Liz pelo ótimo trabalho que ela fez e...

— Quem?! — Meu pai se vira para a Liz e a encara visivelmente surpreso. — Aquela é a neta do...

— É, pai — corto-o antes que seja desagradável com ela. — Ela é uma ótima fisioterapeuta, como pode perceber!

Ele franze o cenho e depois me encara, sério, falando baixinho, mas sem tirar os olhos dela.

— É a mesma garota do problema ocorrido há...

— Pai, não, por favor.

Ele fica quieto

— O que ela faz aqui? Soube pelo doutor Amaro que você rescindiu os contratos dos profissionais que o acompanhavam e me encontrei com os dois enfermeiros lá fora, conversando sobre irem embora amanhã.

Eu respiro fundo, sabendo que não tenho mais como evitar essa conversa. Olho para a Liz, rodeada pelas mulheres de minha família, e penso que gostaria de fazer isso de outra maneira, mas não posso mais adiar.

— Eu gostaria de conversar com vocês — aviso-lhes em voz alta.

Todos param de falar e prestam atenção em mim. Minha avó toma assento em uma das poltronas, mas os outros permanecem parados, notando o tom sério de minha voz e meu semblante sombrio.

— Eu não queria ter essa conversa assim, dessa forma, mas não consigo mais postergar esse assunto, eu simplesmente não posso. — Respiro fundo e cambaleio um pouco, tendo que me encostar à mesa para ajudar a manter meu equilíbrio. — Há dois dias eu me lembrei de tudo. — Minha avó põe a mão sobre a boca. — Quando o doutor entrou em contato com vocês, eu estava contido e dopado, pois o peso dessas lembranças foi tão forte que... mudou tudo, e eu quase enlouqueci.

— Oh, meu Deus, Thomas!

— Deixe-o continuar, Mari! — Meu pai me olha seriamente, e eu volto a tomar fôlego, olhando para Liz, que, apesar de parecer desconfortável, também está muito interessada na história.

Por favor, acredite em mim!

Por favor, me dê uma chance de explicar!

Por favor, me ame!

Volto a prestar atenção à minha família e a tudo que ainda preciso contar.

— Eu encontrei o Joaquim Valadares no Natal. Ele é o filho de um ex-diretor da Palmer Steel aqui do Brasil. — Bill assente, juntamente com Mari. — Bem, ele veio me visitar, e a conversa que tivemos desencadeou a retomada das lembranças. — Olho para baixo, sem saber como dizer o que eu descobri. — Eu me lembrei do acidente.

Ouço minha vó soluçar, e isso me rompe o coração. Ela sofre por mim, mas sei que o fato de eu ter sobrevivido vai aliviar apenas parte dessa dor, porque um dos seus netos continuará morto.

— Você se lembra do que o causou?

Meu pai senta-se ao lado de minha avó, sem deixar de me olhar, e segura sua mão. Eu assinto.

— Estávamos discutindo. — Dessa vez é Becca quem chora, e eu sinto uma enorme vontade de abraçá-la, porém, não consigo me mover. Tento controlar

todos os meus sentimentos. Liz a consola, enquanto Mari se reúne com meu pai no sofá. — Havia começado a nevar, e a estrada estava muito escorregadia. Havia algo na estrada, eu não sei bem o que era, parecia um animal...

— A única coisa que encontraram na estrada foi um tronco de árvore, na verdade, um pinheiro de Natal abandonado ou que caiu de algum carro que o levava — esclarece meu pai.

— A visibilidade era baixa, estávamos em alta velocidade, e eu tentei me desviar, assustado com o grito do meu irmão e perdi o controle do carro. Quando ele bateu nessa coisa na estrada, capotou. — Meu pai e Mari têm a testa franzida, e eu imagino o porquê. Para eles, eu sou Thomas, e quem dirigia era o Eric. — Eu estava sem cinto, pois havíamos feito uma parada e eu não o havia recolocado. Durante o capotamento, a porta se abriu e fui lançado para longe.

— Oh, meu Deus, Thomas! — Becca geme, com Liz ainda abraçada a ela.

Encaro a mulher que amo, sentindo seu olhar de sofrimento pelo que eu passei, mas sabendo que o que eu irei dizer a seguir irá deixá-la no chão.

— Não sei quanto tempo fiquei inconsciente depois que caí, mas fui acordado por algo que forçava minha mão...

— Você acordou? Viu Eric? — minha avó me pergunta em desespero, mas eu ignoro sua pergunta, continuando a contar, tentando não titubear.

— Thomas tentava retirar o anel do vovô do meu dedo. — Todos arregalam os olhos e me olham como se eu estivesse louco. Meu coração bate como se eu estivesse correndo uma maratona, e o medo e a apreensão de que eles achem realmente que pirei me fazem tremer, o que deixa minha voz fraca e falha. — Eu pedia ajuda, mas estava fraco, não sabia direito o que havia ocorrido, não sentia meu corpo direito e estava muito gelado...

— Thomas, o que você está querendo dizer? — Meu pai me olha desconfiado.

Eu sinto o pranto tomar conta de mim, mas me contenho, sentindo novamente a dor da traição, a dor de saber que a pessoa que eu tanto amei – durante toda a minha vida –, minha outra metade, tentou se livrar de mim da maneira mais vil e cruel que possa existir.

Eu ainda estava vivo!

— Tudo ainda está muito confuso. Eu me lembro de ouvi-lo, de sua voz comemorando por ter conseguido pegar o anel e...

Bill se levanta como um furacão e me segura pela gola da camisa polo que uso, vermelho de raiva, seus olhos ejetados de indignação.

— Que porra de brincadeira é essa que você está tentando fazer conosco?! — ele grita enquanto nos encaramos. — Seu merda! Você mal recuperou a memória e já vai começar com seus joguinhos...

— Pai! — Becca grita, desesperada.

— Eu não sou o Thomas... — revelo, olhando-o nos olhos. — Pai, eu sou o Eric.

Ele grita e me sacode várias e várias vezes até que vejo Liz e Mari tentando tirá-lo de cima de mim.

— Você enlouqueceu, Thomas, e eu não vou mais passar a mão sobre sua cabeça! Você sai daqui direto para um manicômio e...

— William! — Minha avó grita e se levanta, caminhando até onde estou, ainda apoiado à mesa, com lágrimas embaçando minha visão. — Deixe-o explicar.

Meu pai tenta retrucar, mas ela o olha cortante, e ele se cala.

Eu me encho de esperança ao pensar que ela sente isso, ela sente que eu digo a verdade. A ligação entre nós sempre foi muito forte, pois foi ela quem cuidou de mim nos primeiros meses de minha vida, enquanto mamãe se via às voltas com os problemas de saúde do Thomas.

— Era eu quem dirigia, fui lançado para fora do lado do motorista e não do carona, como supuseram. Ao parar na estrada, enquanto Thomas passava mal, eu tirei meu paletó e o cobri, mas ele não o vestiu completamente. — Soluço e respiro fundo. — Quando o acidente aconteceu, o paletó que continha o anel de noivado de Cassie e minha carteira se perdeu dentro do carro, e Thomas...

— Seu mentiroso filho da puta! — meu pai berra, ainda contido por sua esposa e por Liz, que me olha, pálida e com lábios trêmulos.

— Eu gostaria que fosse mentira, você não crê?! — grito de volta. — Sabe o que senti ao lembrar que o irmão que eu sempre amei e sempre protegi tentou me matar e tomar meu lugar?! Sabe o que sinto?! — Minhas pernas estão tão trêmulas que eu não consigo me manter mais de pé, desabando de joelhos no chão, chorando sem parar. — Minha ligação com ele, vinda do útero, nunca se desfez, ele era a minha outra metade, eu o amava! — Minha avó me abraça, e eu sinto os espasmos de seu choro contra meu corpo. O abraço, o acolhimento dela, enchem-me de esperança e, de certa forma, acalmam-me. — Eu gostaria que tudo fosse um pesadelo, que nada disso tivesse ocorrido. Mas é a verdade! Thomas tentou me levar para o carro para me deixar morrer dentro dele, mas se lembrou do casaco com o anel e os documentos e voltou para buscá-lo...

— Foi quando o carro explodiu — minha avó completa, e eu assinto, chorando como quando era um menino em seus braços.

— Mãe, você não pode estar pensando em...

Eu tento me recompor, eu preciso estar na posse de todos as minhas faculdades mentais se quiser que eles acreditem em mim, que falo a verdade e que não enlouqueci. Lembro-me de um fato ocorrido um tempo depois de

voltarmos aos Estados Unidos, após o incidente envolvendo a Liz há 11 anos, e encaro meu pai.

— Pai, você se lembra de quando fomos jogar tênis com os Mathisons? — Bill Palmer estaca. — Thomas sempre foi melhor esportista que eu, mas estava viajando com a companhia de teatro a que havia se integrado, e por isso eu concordei em te acompanhar. Eu estava constrangido demais por ser razoável com as raquetes e tinha muito medo de fazer feio ante o seu investidor e o filho dele, te envergonhando, porém, você me disse algo dentro do carro ainda na porta do clube. — Os olhos do poderoso Bill Palmer se enchem de lágrimas. — Você me disse que eu precisava primeiramente confiar em mim mesmo, porque, se eu conseguisse acreditar em mim, faria com que os outros também acreditassem. Disse que a atitude, às vezes, conta mais do que o talento, e, durante o jogo, nós notamos que o Arthur Mathison era mais sofrível que eu no tênis...

— Então você resolveu perder todas as bolas para que ele achasse que era melhor. — Pela primeira vez em 32 anos de convivência vejo meu pai cair ajoelhado no chão, chorando. — Eric...

Eu assinto, desviando meus olhos dele para Liz, que, embora tenha a face molhada de lágrimas, parece em choque. Ela está imóvel, apenas respirando, enquanto suas lágrimas caem.

— Eu sempre soube que alguma coisa estava errada... — minha avó diz, emocionada. — Eu sempre soube!

Becca vem correndo até onde estamos e se une ao nosso abraço, mas, apesar de amar minha irmã, de adorar minha avó, eu só consigo olhar para Liz. Ela não me encara, seu olhar está distante e perdido, como se seu cérebro tentasse processar tudo o que eu disse.

— Eric! — Rebecca ri e chora. — Meu Deus, eu te amo tanto, meu irmão...

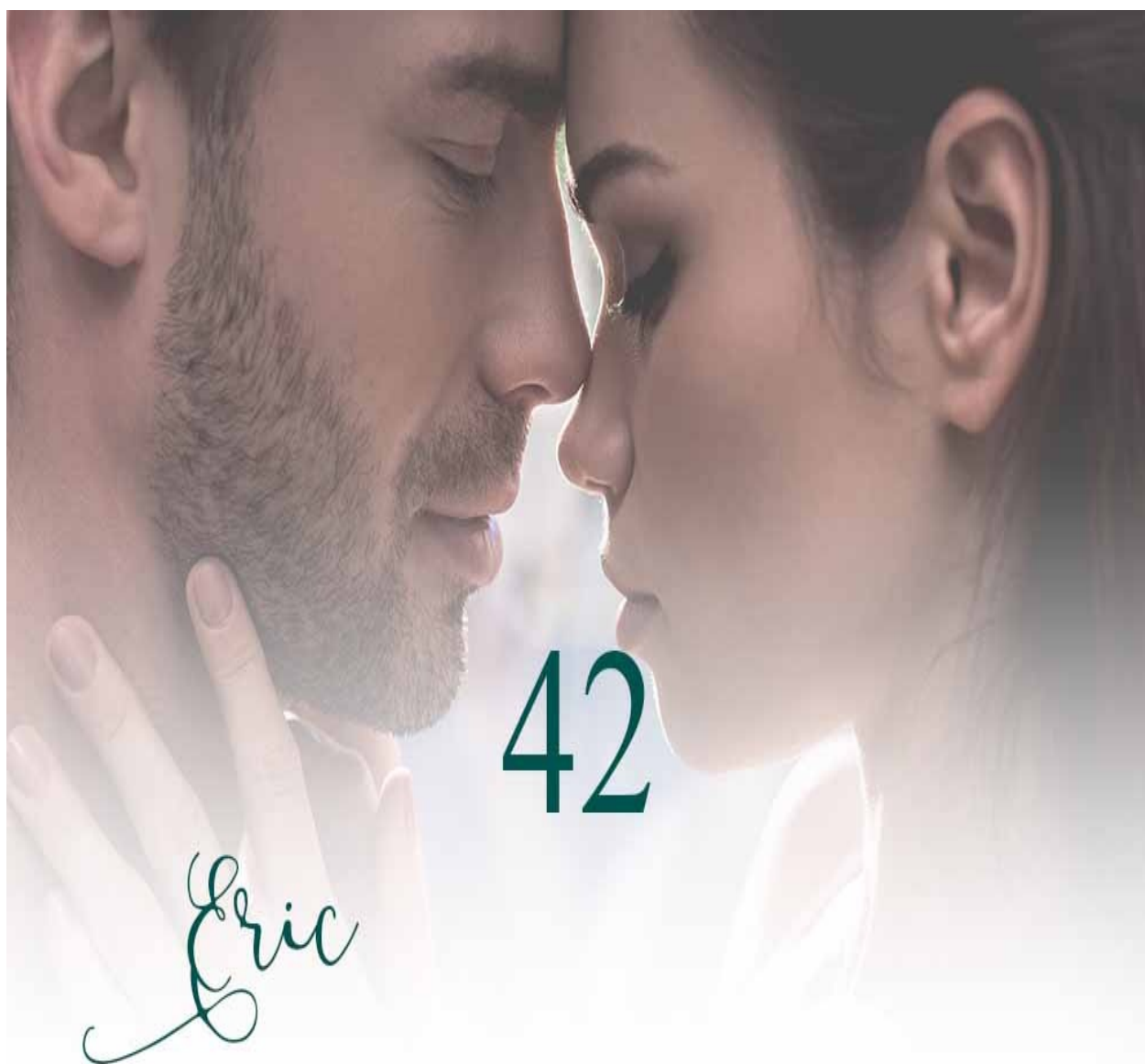
— Eu também, Becca. — Beijo a ponta de seu nariz. — Eu também.

Apesar da emoção à minha volta – meu pai ainda ajoelhado, chorando e abraçado a Mari, minha avó e minha irmã juntas comigo no chão de madeira da biblioteca –, eu só penso no que está se passando na cabeça de Liz. Separo-me das duas, respirando com dificuldade por tudo o que houve e me coloco de pé, segurando firme uma das muletas.

Caminho até a mulher que amo, minha sereia, minha leoa, minha Liz, mas, antes que eu a alcance, ela me encara, respira fundo e deixa a biblioteca, correndo sem olhar para trás. Todo o resto de esperança, todos os sonhos que tive de ela me aceitar mesmo eu sendo Eric se despedaçam. Uma dor tão forte e lancinante quanto a que senti quando percebi a morte à espreita, há um ano, faz-me gemer, e eu só não volto ao chão porque meu pai me abraça forte, mantendo-

me de pé.

— Meu filho querido! Meu orgulho! — Ele soluça ainda, apertando-me com tamanha força que sinto dificuldade para respirar. — Meu Eric!

Eu tento me regozijar com a aceitação de minha família, com a compreensão e a emoção de todos ao me terem de volta, mas não consigo. Tudo o que sinto é que estou perdendo-a depois de tê-la apenas por causa de um engano mais uma vez.

Os acontecimentos que se seguiram após a conversa com minha família foram emocionantes e tensos. A verdade sobre o que Thomas tentou fazer deixou a todos estarrecidos, pois jamais poderíamos ter pensado que ele fosse chegar a esse extremo. Nós o víamos apenas como um rebelde, um eterno garoto querendo chamar a atenção, mas, por causa desse último ato, entendemos que ele era doente.

Phillip apareceu, pegando os Palmers de surpresa com sua presença aqui na ilha, e eu expliquei à minha família que, assim que me lembrei de quem era, liguei para ele em Nova Iorque e lhe pedi que viesse.

Agora meu pai e Phill estão conversando sobre como agirão para solicitar o cancelamento do óbito e arrumar toda a bagunça que essa história causou, mas

eu não estou mais prestando atenção a eles, pois a única confusão que preciso resolver no momento toma todos os meus pensamentos.

Levanto-me e saio do escritório sem falar nada, mesmo sob os olhares curiosos de todos. Minha cabeça fervilha de pensamentos sobre como Liz está se sentindo, se ela ainda se encontra aqui na ilha e sobre o fato de que eu devo ir atrás dela, mesmo sabendo que precisa desse momento sozinha para digerir as coisas.

Entretanto, mesmo tendo consciência disso, mesmo entendendo, racionalmente, que é o melhor, sinto meu coração apertado e um gosto amargo na boca, uma sensação de perda e de arrependimento por não ter achado outra maneira de dizer a ela quem sou.

Entro no meu quarto e vejo a caixa em cima da escrivaninha, no mesmo local onde há uma folha de papel com anotações feitas com a verdadeira letra de Liz. Abro a pequena caixa de madeira, avariada por causa do arrombamento que Phill teve de fazer, e respiro fundo ao achar ali coisas que guardo há mais de uma década.

O primeiro objeto que pego é uma foto da Liz ainda na casa dos 17 anos, exatamente como eu me lembrava dela naquela noite na casa de barcos. Eu ganhei essa foto do senhor Paulo na última visita que fiz a essa ilha, há seis anos. Liz ia se formar na faculdade, era seu último ano de estudos, e o avô dela estava radiante de orgulho. Nós dois conversamos tanto sobre ela naquela ocasião que o senhor Paulo me deu a foto no dia em que retornei para Nova Iorque, saindo da ilha com a certeza de nunca mais voltar, de me desprender do passado e seguir em frente.

Terminei o livro que escrevia inspirado nela, para ela, e comecei outro, dando sequência à história que acabara de maneira tão dolorida e sofrida para o meu casal principal. O manuscrito continua inacabado, pois, antes de decidir se eu iria deixá-los ficarem juntos, eu conheci a Cassie e desisti, de vez, de prosseguir com a escrita.

Pego, então, o grosso maço de folhas preenchidas com tinta de máquina de escrever, passando a mão sobre o romance que escrevi, reescrevi, lapidei e amadureci ao longo de anos, sabendo que ele está pronto e exatamente como deve estar. Eu me lembro do final triste, da separação, de o protagonista vendo a heroína indo embora sem poder fazer nada que a convença a ficar. Eu escrevi essa cena há tantos anos, mas o sentimento e a dor ainda são os mesmos.

Devolvo o manuscrito à caixa e ignoro meu diário, pegando justamente a carta que recebi naquela fatídica tarde, marcando um encontro ao cair da noite, na casa de barcos da ilha, há 11 anos. Abro-a, sentindo-me trêmulo, e a releio. Já o fiz tantas e tantas vezes que as bordas do papel estão amareladas por causa do

contato dos meus dedos ao abrir e fechar a carta. Eu apenas a enterrei dentro da caixa, com as outras coisas, depois que assumi o relacionamento com a Cassie, porque esperava poder esquecer e seguir em frente.

Ouço um barulho na porta do meu quarto e levanto os olhos da carta apenas para ver uma Liz pálida e assustada, parada, sem saber se entra ou sai do recinto.

— Entra, Liz — eu a chamo. — Nós precisamos conversar.

Ela me encara sem se mover, mas com tantos sentimentos demonstrados em seus olhos que as palavras são completamente dispensáveis para mim. Dor, confusão, decepção, incredulidade... Eu respiro fundo.

— Por favor — suplico. — Você prometeu me dar a chance de explicar a você...

— Eu só vim buscar... — Aponta para a mesinha de cabeceira, e eu vejo seu celular. — Eu o deixei aqui antes de ouvir o Bruno e o Márcio conversando e ir... — sua voz falha, e ela engole com dificuldade. — Me diz que isso é mentira! — Chora, e eu gelo ao notar seu desespero.

— Não. — Enfatizo com a cabeça. — Não é. — Começo a ir em sua direção, mas ela recua instintivamente, e eu decido ficar onde estou, longe. — Eu gostaria que fosse, por você, por mim, mas não é.

— Eu não entendo... — Soluça. — Eu não entendo como isso — faz sinal entre nós — foi acontecer.

— É uma longa história. — Apoio-me na escrivaninha. — Eu sempre fui apaixonado por você, desde minha adolescência. — Vejo-a negar. — Sim, Liz, e isso não era segredo para ninguém. — Rio, triste. — Apenas para você.

— Eu nunca imaginei...

— Eu sei. Você sempre amou o Thomas, e isso também nunca foi segredo! — Ela assente, e eu sinto a primeira estocada em meu peito. — Era por isso que eu me mantinha longe de você, porque entendia que não havia chance de você me olhar como olhava para ele.

— Tudo isso... — Liz seca o rosto, tentando se acalmar. — Toda essa história é incrível demais para não chocar, você entende? Até uma hora atrás, eu estava com o homem com quem sempre sonhei em estar e agora... descubro que ele está morto! — Ela se senta na cama. — Eu saí daquela biblioteca achando que você havia enlouquecido e inventado a história. Mesmo depois de ver que o que você disse ao Bill o convenceu, convenceu a todos, eu ainda pensava que você estava mentindo.

— O que te fez mudar de ideia sobre isso?

Ela me encara, olhos dourados nos meus, queixo erguido mesmo sofrendo, aguentando a dor que sente com dignidade.

— Meu avô me convenceu. — Isso me surpreende. — No começo, ele

achava que você estava tentando imitar seu irmão... — Ela faz uma careta ao notar que a frase já não faz sentido. — Mas depois ele me disse que viu que havia algo errado com você, que era impossível você ser o Thomas. Ele reconheceu alguns gestos durante o jogo que vocês tiveram e ao te observar, mesmo quando não havia ninguém perto.

— Eu sempre gostei muito do seu avô, Liz. Às vezes ficava horas pescando com ele, conversando sobre tudo e nada, mas principalmente sobre você. — Ela assente. — Eu sinto sobre Thomas, Liz. — Lágrimas escorrem de seus olhos. — Sei que está confuso para você, mas quero deixar uma coisa bem clara aqui.

— O quê?

— Era eu quem estava com você o tempo todo. — Ela fecha os olhos. — Mesmo não me lembrando de quem era, mesmo achando ser outra pessoa, os sentimentos, os gestos, as coisas que te disse, eram reais. Não retiro nenhuma das minhas palavras, nenhuma das minhas promessas e não nego nenhuma ação. Eu, Eric, faria exatamente da forma como fiz achando ser meu irmão.

Liz tampa o rosto com ambas as mãos e geme.

— Você tem noção do quanto é... difícil para mim? — pergunta-me. — Eu olho para você e vejo Thomas, ainda que eu saiba que não é ele. Eu me sinto enganada, iludida como estive há 11 anos, sonhando com um homem que nunca esteve perto de mim.

Eu aperto a carta em minhas mãos.

— Eu quero te entregar uma coisa. — Vou até ela e lhe estendo o papel.

Liz a princípio parece não entender o motivo pelo qual lhe entreguei a carta, mas, à medida que ela a lê, vejo seus olhos se arregalarem e sua respiração ficar mais rápida e profunda.

— O que é isso? — Balança o papel, pasma. — Eu nunca escrevi isso para você!

Engulo todo o meu orgulho, mascaro a dor que sinto por ouvir dela essa verdade, mesmo já tendo conhecimento disso.

— Eu recebi essa carta nessa data que está aí no cabeçalho, na véspera do seu aniversário de 18 anos. Eu estava lendo na biblioteca e, quando subi ao meu quarto, a achei debaixo da porta e... você não sabe a alegria que senti ao ler cada uma dessas palavras!

— Não fui...

— Eu sei que não foi, Liz. Se eu tivesse raciocinado como fazia com todo o resto das minhas coisas, eu teria percebido o engodo, mas, em se tratando de você e do que eu sentia, eu era completamente cego pela emoção. Percebi tarde demais...

Ela lê a carta novamente, processando as informações contidas nela.

— Quem a escreveu?

— Sasha, a mando de Thomas. — Liz geme. — A carta que você escreveu em resposta à dele foi substituída por essa.

Vejo-a tremer, sem conseguir se conter. Seus olhos, fixos nesse maldito pedaço de papel, se enchem de lágrimas e mais lágrimas, mas ela se nega a derramá-las.

— Você se lembrou do meu beijo... — constata em um sussurro. — Você se lembrou da casa de barcos, do cheiro, do gosto do meu corpo... Deus!

Ela se desespera, e eu tento tocá-la para acalmá-la, mas Liz me impede, levantando-se rapidamente, negando com a cabeça o que acabou de descobrir, rejeitando meu toque.

— Era eu, Liz — admito, sentindo-me envergonhado por ter sido tão ingênuo, covarde por nunca ter contado a ela e fraco por não aguentar encará-la e suportar seu olhar horrorizado. — Foi um mal-entendido, e eu só soube que você não me esperava quando disse o nome dele.

— Oh, meu Deus!

Pelo canto do olho, ainda sem ter coragem de fitá-la abertamente, vejo-a desabar, sentando-se no chão toda encolhida, abraçando os joelhos, sem conseguir parar de soluçar. O sofrimento dela, além do medo da rejeição, do desprezo me fazem sofrer ainda mais.

— Eu me senti destruído, furioso e culpado. Mesmo não sabendo, mesmo não participando de nada, me senti culpado por ter feito aquilo contigo, te enganado. Fui atrás do Thomas, mas não o achei, então fui atrás de você. — Sento-me encostado à cama, de frente para ela. — Te ouvi conversando com o Higor, e, pelo seu desespero, pensei que você já havia descoberto a verdade.

— Foi o Thomas quem me disse aquelas coisas horríveis depois? — Eu assinto. — Meu Deus, por que ele me odiava tanto?

Novamente tenho vontade de ir até ela, abraçá-la forte contra o peito e lhe dizer que eu a amava, que eu a amo. Contudo, permaneço onde estou, dilacerado e congelado, temeroso de uma nova rejeição.

— Ele *me* odiava. — Ela me encara. — Você só foi mais uma forma que ele encontrou de me machucar, pois, como eu disse, não era segredo o que eu sentia.

— Por que você não me contou nada esse tempo todo? — a pergunta saiu em apenas um fio de voz.

— Ele me disse que havia te contado tudo. Que se encontrou contigo assim que eu saí e lhe contou que era eu e te deu dinheiro para abafar a história. — Ela para de chorar, aturdida pelo que lhe revelo. — Eu apenas achei que seria menos danoso enterrar essa história, mas eu quero que saiba que eu ainda tentei... mesmo sabendo que seus sentimentos eram completamente devotados ao

Thomas, eu quis conversar com você e te pedir para que... — titubeio, com medo — tentasse me amar.

Liz torna a fechar os olhos.

— Eu... essa história... tudo...

— Você sempre foi a mulher que eu amei, e nem mesmo o trauma, a falta de lembranças, a depressão, nada disso conseguiu conter esse sentimento que sempre esteve dentro de mim.

— Eu não consigo ver você como sendo Eric...

Isso me dói profundamente, mas eu entendo, é muito para ela processar em tão pouco tempo, como ela mesma ressaltou, mas eu preciso tentar uma última vez, eu preciso tentar.

— Olha para mim. — Ela demora, mas o faz. — Eu sou o mesmo que te amou aqui neste quarto tantas e tantas vezes. Eu sou o homem que disse que te amava todos esses dias. Foi meu corpo que você ajudou a curar, que você tocou e amou. Sou eu. — Liz não diz nada. — Nossa conversas, nossas risadas e brigas, tudo isso foi comigo, Liz, não com ele. — O silêncio dela me apavora, e começo a desistir de continuar tentando fazê-la enxergar as coisas, *me* enxergar. — O amor que você sente...

— Eu não consigo... — Sinto o impacto de suas palavras como se fosse um enorme murro no peito, roubando-me o fôlego por um momento. — Eu não conheço você, eu não sei nada da sua vida... eu...

Respiro fundo e me levanto devagar.

— Você pode olhar para mim e me ver, Liz? — Ela nega, sem me olhar. — Thomas está morto, e eu espero que você fique bem com isso. Eu não quero te ver sofrer.

— Você... você vai embora?

— Vou. — Ela assente e se levanta. — Eu tenho que resolver toda essa bagunça e...

— Há uma noiva, não há? Li algo sobre seu casamento em algum...

— Sim. — Tento me manter forte para não cair aos seus pés e implorar para que perceba que eu quero que ela me peça para ficar com ela. — Há Cassidy.

— Eu não consigo...

— Tudo bem — interrompo-a. — Eu entendo que ele foi e sempre será o homem que você ama, que não está em suas mãos sentir ou não sentir algo por mim. — Liz ergue a cabeça. — Eu não posso competir com ele, nunca pude.

— Eu estou muito confusa, Eric.

Ouvi-la dizer meu nome, mesmo nestas circunstâncias, é maravilhoso.

— Minha família decidiu voltar o quanto antes para casa, e eu vou com eles. — Ela assente. — Eu... desejo que você seja feliz.

— Eu também, Eric. Eu sinto muito por...

— Não, por favor.

Toco-a sobre os lábios, impedindo-a de continuar. O clima muda, sinto uma energia no ar, meu dedo sobre sua boca parece pegar fogo, e eu fico, mesmo com toda a angústia e sofrimento, excitado com esse pequeno contato.

Liz me olha, e eu noto que ela sente o mesmo. Nossos corpos se comunicam, a atração que sentimos é forte demais e não é lógica, muito menos entende que eu não sou o homem que Liz ama, apesar de ela me desejar.

Seguro-a pela nuca e a trago até minha boca sem nenhum tipo de resistência, e nos beijamos como duas pessoas sedentas buscando a última gota d'água. Ela geme contra meus lábios e me agarra com força, colando seu corpo ao meu, como sempre fazia. Eu entrelaço seus cabelos entre meus dedos, tocando toda sua boca com minha língua, sentindo seu sabor, sua excitação.

Uma batida à porta nos assusta, e ela se separa de mim, caminhando para longe e indo até a escrivaninha enquanto meu pai entra no quarto.

— Eric, eu já fechei o jatinho que nos levará hoje à noite para casa... — ele para de falar ao ver Liz. — Tudo bem por aqui? — Eu apenas concordo. — Liguei para a Cassie e... — Ele ri. — Sua noiva chorava como uma louca, e tive que pedir ao Donald que a mantivesse por lá, porque queria vir para cá hoje mesmo!

Droga!

Liz recolhe suas anotações, passa por mim e pega seu celular.

— Liz... — chamo-a, mesmo sentindo o olhar questionador de Bill sobre nós dois. — Liz...

Ela para, mas não se vira para nos olhar.

— Eu preciso ir — sua voz está rouca e baixa, sinal de que está contendo o choro. — Eu desejo uma boa viagem a vocês.

Ela caminha para fora do quarto, e eu vou o mais rápido possível atrás dela.

— Liz, não...

— Eric, nós precisamos ir também... — meu pai me chama. — Eric...

Ignoro seu chamado, entrando no corredor, vendo a mulher que eu amo, a única mulher que eu já amei verdadeiramente, afastando-se de mim para sempre.

— Adeus, Liz.

Pego mais uma colherada de sorvete e a enfio na boca, mas não me delicio como sempre fiz, mesmo sendo chocolate com menta. Olívia me olha e suspira, balançando a cabeça e voltando a prestar atenção ao filme a que assistimos.

— Mais um suspiro desses e eu juro, Oli, enfio esse pote de sorvete na sua cabeça!

Ela ri, desafiadora.

— Quem merece um pote desses nas fuças é você! — diz exasperada. — Nunca conheci uma pessoa tão teimosa em toda a minha vida!

Dessa vez quem ri sou eu.

— Ah, então nunca se olhou no espelho, não é? Para de tentar me arrolhar com esses sons e presta atenção ao filme!

— Arrolhar?! — Ela gargalha. — Mas que porra de expressão é essa?! E eu vou te falar o que está arrolhado aqui...

Rolo os olhos, pois não foi nesse sentido que disse a palavra.

— Oli... — Soluço. — Para!

Ela me abraça com força e passa as mãos nos meus cabelos.

— Isso, Liz... chora, amiga! Põe para fora.

— Ele nunca me amou, Oli. — Choro em desespero. — Mais uma vez eu me apaixonei pelo que eu inventei ser o Thomas. Ele nunca existiu...

Ela para de passar a mão nos meus cabelos e fica por um momento estática. Eu continuo agarrando-a, soluçando em seus braços, mas ela, então, sem nenhum aviso, dá-me um tapa na cabeça e me afasta, segurando meu rosto – perplexo – na altura do seu para olhar dentro dos meus olhos.

— Era um fantasma com você? — Eu fico pálida e com medo de que ela tenha ficado louca depois de me assistir a chorar por quase um mês inteiro. — Oh, meu Deus! Era o fantasma de Thomas James Palmer? — Eu a olho com medo e nego. — Ah... claro que não, porque nem o fantasma daquele porco teria sido tão maravilhoso, não é?

— Olívia! — repreendo-a, afinal, o homem está morto.

— O quê? Não é possível que o trauma dessa história bizarra tenha te deixado, além de cega, burra! — Ela se levanta da cama, puta. — Eu tenho tido paciência com você, Liz, juro que tenho, mas não dá mais! Há 30 dias eu fui buscar, na rodoviária, a minha melhor amiga em cacos. Diego e eu passamos a virada do ano inteirinha com você aqui, chorando sem parar. Ouvi sua história mil vezes, ficando apavorada em todas elas, achando que era coisa de filme, mas esperei, esperei que o susto e a surpresa passassem e você enxergasse as coisas, mas você parece que gosta de sofrer!

— Do que você está falando, Oli? Eu estou sofrendo de verdade!

Ela cruza os braços e rola os olhos para mim.

— Pelo motivo e o homem errados! — Eu me sento melhor na cama, incomodada com o que ela fala. — Eu tenho ouvido sobre como Thomas era maravilhoso, como vocês se amavam, as conversas, os sonhos, as risadas, o sexo... e depois ouço você chorar e lamentar que nada disso foi real!

— Não foi! Thomas está morto e...

— Nunca olhou sequer para você! — ela grita. — O homem nunca te quis, te desprezava, brincava com seus sentimentos, armou uma brincadeira de mau gosto e te usou! — eu ofego ao ouvir suas palavras duras. — Nem a porra da piada foi por sua causa! Ele só usou você para ferir quem ele realmente enxergava, quem ele odiava a ponto de deixar morrer para tomar seu lugar! Você consegue enxergar isso? — Faço que sim com a cabeça. — Deus, essa história

parece aquele poema do Drummond[15], sabe? Eric que amava Liz, que amava Thomas, que não amava ninguém! Você está se lamentando pelo quê, afinal? Por Thomas ter morrido? — Eu nego. — Ou pelo homem por quem você se apaixonou e que você *achava* que era o Thomas não ser ele?

Franzo o cenho ao ouvir a pergunta.

— Oli...

Ela ri.

— Quando você foi para a ilha, me garantiu que não sentia mais nada pelo Thomas, lembra? Você nunca tocou no nome dele nesses anos todos, nunca acompanhou sua carreira nem por curiosidade, mas então, de repente, eu vejo seus olhos brilharem e fico apavorada ao perceber que você está se apaixonando por ele novamente. Você lembra o que você me disse?

— Que ele havia mudado, que parecia outro, que se importava e me queria.

— Exato! Você se apaixonou pelo “novo Thomas”, que, na verdade, era o Eric. — Eu respiro fundo, tentando achar argumentos para negar. — O homem com quem você ria, conversava, tinha o melhor sexo da sua vida, era o Eric. Liz...

— Não, Oli, não diga isso, por favor!

Ela me olha como se eu fosse louca, bufa de raiva e sai do quarto. Eu desabo na cama, sentindo meu coração apertado e a respiração pesada. Um nó em minha garganta me impede de falar, de gritar e, principalmente, de continuar negando algo que eu já sabia desde que voltei para o Rio.

Começo a me lembrar daqueles últimos dias na ilha Raj. Eu sentia que Thomas estava distante de mim, evitando-me, mantendo uma distância que nós nunca havíamos tido. Desde que ele acordara do surto, nunca tinha feito um só movimento para me tocar. Eu tentava relevar dizendo a mim mesma que ele tinha muita coisa a processar em sua mente e que por isso não parecia mais o mesmo comigo.

Então, ao chegar de Angra, onde passei a noite com minha mãe, fui procurá-lo em seu quarto, mas ele não estava. Já ia tirar a roupa para tomar um banho e esperar por ele deitada na cama, cheirosa e nua, quando ouvi Bruno e Márcio conversando no corredor sobre a rescisão dos contratos, inclusive do meu.

Naquele momento pareceu que um véu que me impedia de enxergar nitidamente o que estava havendo foi retirado da minha face e eu me senti quebrar por inteiro. Não podia ser verdade que Thomas estava tramando se livrar de mim e voltar aos Estados Unidos sem me falar nada!

Fui até a biblioteca, furiosa, e discutimos. Quando ele disse que não era *ele*, eu juro que temi por sua sanidade, mas depois, à medida em que o ouvia contar

sua história para mim e sua família, achei que a pirada era eu.

Saí correndo de perto de todos eles e, ainda correndo e chorando, encontrei-me com meu avô, que, quando lhe contei tudo, não pareceu nem um pouco surpreso; pelo contrário, foi ele quem me fez perceber que o que *Thomas* estava dizendo, era verdade.

Ele era o Eric!

Tudo se despedaçou dentro de mim, senti-me vazia, perdida, fria. O homem que eu sempre amei estava morto, e eu estava com o irmão dele o tempo todo. Eu não conseguia entender meus sentimentos, pois, ao mesmo tempo em que queria gritar para o mundo que Thomas estava morto, minha cabeça e, principalmente, meu corpo insistiam que ele estava vivo.

Entretanto, não era ele!

Fiquei um tempo sem saber o que fazer, sentada na areia da praia, olhando o mar ao longe e me lembrando de todos os planos e sonhos, de todas as sensações vividas naquele lugar durante esses meses. Tudo não passou de ilusão!

Lembrei-me do que Thom... *Eric* disse na biblioteca antes de sua família chegar, sobre os sentimentos dele não terem mudado, apesar de as coisas, sim, o terem feito. Tudo mudou, tudo ruiu, essa é a verdade. Eu fechei os olhos e deixei as lágrimas rolarem ao pensar em Thomas morto, perdido para sempre.

Quis ligar para Oli e lembrei que, durante a surpresa de ter ouvido a conversa entre Márcio e Bruno, eu deixara meu celular no quarto de Eric. Temerosa, fui até lá e o encontrei. Meu coração disparou, minha boca secou, e eu tive ganas de agarrá-lo pelos ombros e pedir a ele que nunca me deixasse, que dissesse que nada mudara, que tudo era mentira. Meu corpo, meu coração, meus sentimentos não reconheceram a mudança da situação, pois eu só via à minha frente o homem que eu amava – que eu amo –, sem entender que, embora ele se parecesse com ele, não eram a mesma pessoa.

Foi sofrido falar com Eric, subjugar a vontade de senti-lo perto de mim. Eu consigo enxergar o quanto ele está magoado com tudo o que aconteceu, com essa confusão toda em que o destino nos meteu, como se brincasse com nossas vidas. Contudo, confesso que eu esperava que nada mais que ele dissesse me surpreendesse, mas estava enganada, redondamente enganada.

— Eu quero te entregar uma coisa — ele disse e me entregou uma folha de papel amarelada e com marcas profundas nas dobras, indicando o quanto fora manuseada.

Eu estranhei que ele quisesse, naquele momento, que eu lesse algo, mas, assim que meus olhos pousaram na carta, senti um arrepio que deixou os cabelinhos da minha nuca eriçados.

Ilha Raj, Angra dos Reis, 20 de janeiro de 2007.

Querido Eric,

Eu escolhi escrever esta carta porque achei mais fácil me expressar em palavras escritas, um modo que você também prefere e aprecia. Não é fácil me expor a você, principalmente porque nunca consegui decifrar quais são seus sentimentos em relação a mim, pois sempre está distante, porém, esse distanciamento não impediu que em mim nascesse um sentimento forte e verdadeiro. Eu sei que não parece, afinal, todos pensam que eu sou apaixonada pelo Thomas. Mas não, Eric, é a você que eu quero e, como parece que você não me enxerga, uso seu irmão para tentar lhe fazer ciúmes, lhe causar alguma reação. Acontece que não está dando certo, e eu estou sofrendo por isso. Amanhã é meu aniversário, faço 18 anos, e eu gostaria de um presente antecipado: você. Por favor, se sente o que eu sinto, se me deseja como eu o desejo, venha me encontrar na casa de barcos no lado oeste da ilha e, assim que me vir, diga tudo o que sente por mim, abra seu coração, pois o meu já estará aberto.

Tenho certeza, Eric, de que essa noite será inesquecível em nossas vidas!

Sua, Analiz.

— O que é isso? — Eu ainda não conseguia assimilar o significado daquela carta, apenas estava assustada demais com as possibilidades que passavam em minha mente. — Eu nunca escrevi isso para você!

Seus olhos verdes brilharam de uma forma que cortou meu coração, e eu o vi segurar o fôlego por um momento antes de responder:

— Eu recebi essa carta nessa data que está aí no cabeçalho, na véspera do seu aniversário de 18 anos. Eu estava lendo na biblioteca e, quando subi ao meu quarto, a achei debaixo da porta e... você não sabe a alegria que senti ao ler cada uma dessas palavras!

Oh, Deus, não pode ser verdade!

— Não fui... — tentei negar mais uma vez, tensa, meus pensamentos agitados e desconexos.

— Eu sei que não foi, Liz. Se eu tivesse raciocinado como fazia com todo o resto das minhas coisas, eu teria percebido o engodo, mas, em se tratando de você e do que eu sentia, eu era completamente cego pela emoção. Percebi tarde demais...

Eu li a carta novamente, tentando reconhecer a letra, tentando perceber se era algum tipo de brincadeira que Eric estava fazendo comigo, mas não, a

missiva parecia ter o tempo certo, não era nada montado recentemente. *Mas, droga, nem é a minha letra!*, pensei.

— Quem a escreveu?

— Sasha, a mando de Thomas. — *Não! A mulher colorida? Aquela mesma mulher que eu, com inveja e ciúme, via se pendurar no Thomas durante aquele maldito verão? Por quê?* — A carta que você escreveu em resposta à dele foi substituída por essa.

Thomas não faria isso! Ele não fez... A carta em minhas mãos comprovava que sim, que ele o fizera, e todos os momentos que eu vivera naquela cabana havia 11 anos e, principalmente, nos dias atuais desde o nosso primeiro beijo, voltaram com força dentro de mim, mas de forma diferente.

— Você se lembrou do meu beijo... — eu quase não consegui falar, estupefata. — Você se lembrou da casa de barcos, do cheiro, do gosto do meu corpo... Deus!

Um arrepio ruim atravessou minha espinha, e eu estremeci, pensando que, por 11 anos, eu sofrera e odiara, que eu me martirizara tentando entender o que fizera de errado para que Thomas tivesse aquela reação. Todavia, na verdade... na verdade nem era...

Eric tentou me tocar, mas eu me encolhi e me levantei da cama com intenção de ir para longe de tudo, de sair daquele pesadelo que estava se tornando minha vida. Eu só me sentia enganada, traída, usada como um brinquedo nas mãos dos dois irmãos.

— Era eu, Liz — escutei sua voz cheia de culpa, e o significado de suas palavras calaram fundo dentro de mim. — Foi um mal-entendido, e eu só soube que você não me esperava quando disse o nome dele.

— Oh, meu Deus!

Não! Thomas não poderia ter sido tão vil em planejar algo assim para nós dois! Com que objetivo? Eu chorei, sentindo os pedaços de minha alma se estilhaçando, sentando-me no chão por não poder me suportar de pé.

— Eu me senti destruído, furioso e culpado. Mesmo não sabendo, mesmo não participando de nada, me senti culpado por ter feito aquilo contigo, te enganado. Fui atrás do Thomas, mas não o achei, então fui atrás de você. Te ouvi conversando com o Higor, e, pelo seu desespero, pensei que você já havia descoberto a verdade.

— Foi o Thomas quem me disse aquelas coisas horríveis depois? — Eu o encarei, e ele apenas assentiu devagar. Eu não conseguia entender a motivação dele, pois nunca fizera nada para prejudicá-lo, apenas... apenas o idolatrara. — Meu Deus, por que ele me odiava tanto?

— Ele *me* odiava. — Eu o olhei novamente, surpresa pela sua resposta. —

Você só foi mais uma forma que ele encontrou de me machucar, pois, como eu disse, não era segredo o que eu sentia.

Apenas eu nunca notei! O homem à minha frente, que meu coração ainda insistia em amar contra todas as circunstâncias, era alguém em quem eu nunca prestara muita atenção, alguém que eu sabia que existia, mas que nunca me interessara, que eu nunca enxergara. O homem à minha frente naquele momento era tudo o que eu sonhara, tudo o que idealizara ser o Thomas.

A ironia era que, enquanto eu idealizava o irmão errado, o certo fora totalmente desprezado, mas, ainda assim, continuara me amando mesmo tendo escondido de mim a verdade durante anos e anos.

— Por que você não me contou nada esse tempo todo?

— Ele me disse que havia te contado tudo. Que se encontrou contigo assim que eu saí e lhe contou que era eu e te deu dinheiro para abafar a história. — a informação me pegou desprevenida, e senti a indignação gritar mais alto do que a dor. — Eu apenas achei que seria menos danoso enterrar essa história, mas eu quero que saiba que eu ainda tentei... mesmo sabendo que seus sentimentos eram completamente devotados ao Thomas, eu quis conversar com você e te pedir para que... — Eric parou um momento, antes de completar: — tentasse me amar.

Fechei os olhos diante da admissão, diante do tom de sua voz e, principalmente, diante do que senti quando ele disse isso. Amar Eric teria sido fácil, mas então... Eu me sentia tão confusa que, mesmo tentando, não conseguia coordenar as palavras.

— Eu... essa história... tudo...

— Você sempre foi a mulher que eu amei, e nem mesmo o trauma, a falta de lembranças, a depressão, nada disso conseguiu conter esse sentimento que sempre esteve dentro de mim.

Oh, meu Deus! Aquilo era tudo o que eu gostaria de ouvir, era tudo o que eu sonhara em ouvir, mas ainda não conseguia ter certeza de que entendia que aquelas palavras provinham de Eric e não de Thomas, afinal, até momentos antes, eu achava que estava totalmente apaixonada pelo outro irmão!

— Eu não consigo ver você como sendo Eric... — declarei, enfim, mesmo sem ter certeza de que não conseguiria. Eu precisava de um tempo, eu precisava entender o que sentia e por quem sentia.

— Olha para mim. — Eu relutei, pois olhá-lo não ajudava, não mesmo! — Eu sou o mesmo que te amou aqui neste quarto tantas e tantas vezes. — Meu corpo reagiu instantaneamente ante as lembranças evocadas por sua voz, por aquele cômodo. — Eu sou o homem que disse que te amava todos esses dias. Foi meu corpo que você ajudou a curar, que você tocou e amou. Sou eu. — *Eu sei! Eu sei! Mas ainda assim é tão difícil me desprender da ilusão, tão difícil!* —

Nossa conversas, nossas risadas e brigas, tudo isso foi comigo, Liz, não com ele. O amor que você sente...

É por quem?!, eu senti vontade de gritar a pergunta para ele. *Quem é o dono de todos esses sentimentos? Eu não sei!*

— Eu não consigo... — fui sincera com ele. Eu criara uma ilusão e a vivera durante muitos anos. Eu sabia, mesmo não querendo, tudo sobre o Thomas, mas, sobre o Eric... — Eu não conheço você, eu não sei nada da sua vida... eu...

Ele se levantou, embora ainda com dificuldade para se manter em pé sem a muleta.

— Você pode olhar para mim e me ver, Liz? — Neguei, confusa demais. Meus olhos enxergavam o homem que eu amava, mas quem era aquele homem? — Thomas está morto, e eu espero que você fique bem com isso. Eu não quero te ver sofrer.

O tom de despedida não passou desapercebido por mim, e eu me senti em desespero.

— Você... você vai embora?

— Vou. — Eu me pus de pé, achando óbvio que ele partiria, afinal, tinha muitos assuntos pendentes nos Estados Unidos, uma vida inteira – que eu quase não sabia de nada – que ficara suspensa por lá. — Eu tenho que resolver toda essa bagunça e...

— Há uma noiva, não há? Li algo sobre seu casamento em algum...

Senti-me agitada, cheia de ciúmes ao me lembrar de uma das poucas informações que tinha sobre ele. Eric estava de casamento marcado quando morrera... quer dizer, quando o acidente ocorrera.

— Sim. — Tentei não demonstrar o quanto aquilo me incomodava e, principalmente, o quanto eu queria me jogar em seus braços e pedir a ele que esquecesse tudo, que ficasse comigo e fingisse que nada mudara. — Há Cassidy.

O nome dela, da noiva, fez-me voltar à razão e encarar de vez que o homem que estava ali comigo era Eric, o certinho, quieto e estudioso Eric.

— Eu não consigo...

— Tudo bem. Eu entendo que Thomas foi e sempre será o homem que você ama e que não está em suas mãos sentir ou não sentir algo por mim. — Eu o encarei pronta para negar isso, mas outra parte de mim reconhecia a verdade em suas palavras. — Eu não posso competir com ele, nunca pude.

— Eu estou muito confusa, Eric.

— Minha família decidiu voltar o quanto antes para casa, e eu vou com eles. — Eu concordei, entendendo ser necessário, pelas coisas que ele tinha a resolver por lá, e também por mim, para que eu conseguisse entender toda aquela maluca situação. — Eu... desejo que você seja feliz.

Deus! A minha felicidade era estar com ele! Porém, não era justo que eu dissesse qualquer coisa que pudesse impedi-lo de rever as coisas que deixara para trás, sem antes ter certeza de que o que eu sentia não era um reflexo do que nutrira pelo Thomas.

Eric estava noivo, já tinha reconstruído sua vida e não pensava mais em mim e, da mesma forma com que eu me envolvera por achar que ele era o Thomas, talvez ele tivesse se apaixonado por mim por um motivo parecido. Nós dois estávamos iludidos, por isso era melhor que ficássemos um tempo longe um do outro para entender melhor o que se passava de verdade.

— Eu também, Eric. Eu sinto muito por...

— Não, por favor.

Ele tocou meus lábios para me calar, mas o toque de sua pele na minha despertou todo o meu corpo. Eu o desejava ainda, mais do que nunca. Não consegui ignorar seu olhar e, ao ver o desejo brilhando em suas íris verdes, eu simplesmente não pude resistir quando ele me beijou.

Não, eu não só não resisti, como também me agarrei a ele, gemendo de tesão, desesperada por seu toque, pelo prazer do contato com seu corpo, sedenta do seu amor. Todavia, a carícia foi providencialmente interrompida pelo pai de Eric, e eu voltei a pensar com racionalidade, ignorando o que meu corpo e coração gritavam.

Saí do quarto sem olhar para trás, andando rapidamente a princípio, para depois começar a correr pelo corredor, buscando refúgio na casa do meu avô, usar o celular para falar com Olívia e chorar. Contei-lhe tudo, detalhe por detalhe da história.

Diego e Olívia foram meu suporte aqui, sozinha, neste apartamento, enquanto eu apenas chorava e dormia.

Na segunda semana de janeiro, David Turnner me ligou para falar sobre a vaga em sua clínica, e, para tentar me motivar a continuar vivendo bem, eu voltei a trabalhar.

Na sexta-feira daquela mesma semana, eu fui até o escritório do advogado da família Palmer, o doutor Cristóvão Amaro, e recebi a indenização da rescisão do contrato, além de uma carta de recomendação, que rasguei em mil pedacinhos. Passei o final de semana em casa chorando e vendo filmes antigos, mesmo com Olívia a me ligar de minuto a minuto pedindo para eu acompanhá-la ao barracão da escola de samba na qual ela irá desfilar este ano.

Na semana passada, reencontrei o Fernando. Eu estava saindo da clínica do David, que fica no Leblon, e me encontrei com ele na porta do lugar. Fernando estava encostado em seu carro, todo de branco – o que demonstrava que havia acabado de sair de algum hospital – e, quando me viu, abriu um enorme sorriso

matador.

— Liz! — Ele se aproximou e me deu um beijo na face. — Eu senti saudades!

Meu coração se apertou ao pensar quão mais fácil seria se eu tivesse me apaixonado por ele. Fernando é um homem incrível e sempre me tratou muito bem. Éramos bons amigos, companheiros, o sexo com ele era muito bom, mas meu coração nunca se abriu para ele.

Conversamos durante alguns momentos, e ele me ofereceu uma carona para casa, à qual neguei, pois, mesmo querendo continuar nossa amizade, eu precisava não alimentar qualquer tipo de esperança dele de que poderíamos ter algo além disso. Eu não queria iludi-lo, pois ele não merecia isso, e eu definitivamente não estava pronta para pensar em outro relacionamento, não enquanto meu coração não tivesse certeza de quem era o dono dos seus sentimentos.

Desde esse dia ele vem me ligando e mandando mensagens. Eu me sinto protegida e querida pela atenção dele, mas sempre deixo claro que não sinto mais do que isso.

Eu pensei que estava mais forte, começando a viver minha vida normalmente durante essa semana, mas então li em uma banca de revistas sobre o caso da troca de identidade dos gêmeos Palmers e que fãs do mundo todo estavam de luto por Tom. Era concreto, Thomas estava morto.

Olívia, sentindo o quanto eu estava abalada, propôs uma noite de meninas, e alugamos um filme no pay-per-view da TV por assinatura, compramos pipoca e sorvete, e tudo ia bem até agora, até ela me jogar na cara o quão burra, idiota e *pamonha* eu sou.

O medo me fez ficar agarrada à ilusão sobre Thomas, mas em momento algum, nos dias em que passei sofrendo aqui, ao lado de Olívia, eu citei algo da época em que ele era vivo. Nada, afinal, ele nunca olhou para mim!

A lembrança que eu tenho dele é a da casa de barcos, humilhando-me depois de montar um plano tão sórdido e me usar para machucar uma pessoa que só lhe queria bem. Toda a ilusão sobre Thomas se desfez em minha mente, mas, por algum motivo, eu continuei sustentando-a baseada nos momentos que vivi recentemente na ilha.

Olívia tem razão. Eu me apaixonei pelo homem que estava lá comigo e que não parece em nada com o verdadeiro Thomas. Eu me apaixonei por um homem que erra, mas admite seu erro, um homem que pensa nas outras pessoas, que, mesmo tendo dinheiro e posição social, gosta também da simplicidade e não despreza ninguém só por ser economicamente inferior. O homem pelo qual me apaixonei gosta de ler, é sensível, sincero, carinhoso... é o Eric. A Liz

adolescente amou a ilusão do Thomas, mas a mulher que eu me tornei se apaixonou pelo Eric.

Levanto-me da cama e vou ao encontro da minha melhor amiga, minha irmã de coração e a abraço forte.

— Será que ele ainda me ama, Oli?

Ela ri.

— Nem a falta de lembranças o impediu de continuar amando você, sua boba! — Ela ri. — Eu tenho certeza de que, no momento em que você o procurar e reconhecer que foi uma idiota ao deixá-lo ir embora, Eric voltará para você.

Eu não tenho tanta certeza, afinal, ele tinha muito a resolver em casa, porém, não vou mais desistir do que quero por medo. Não vou mais viver iludida ou em dúvida.

— Eu preciso arranjar um jeito de falar com ele!

Olívia me incentiva:

— O doutor Turnner não foi até lá visitá-lo? — Eu assinto. — Quando ele voltar, peça o telefone, o endereço... qualquer coisa!

Sim! Quando David voltar, eu vou pedir a ele o contato dos Palmers e, nem que eu precise me afundar em dívidas e ir até lá, vou reconquistar o homem que amo.

Estou nervosa e a todo momento passo em frente à secretária do David, apenas para vê-la balançar a cabeça negativamente. Clarice me disse que o médico voltaria a trabalhar hoje, mas ele ainda não apareceu na clínica, o que me deixa ainda mais tensa e ansiosa.

Estou esperando o retorno de David há uma semana, e minha última esperança é de vê-lo hoje, pois, na semana que vem, voltaremos a trabalhar apenas na quarta-feira, por causa do Carnaval. Eu preciso entrar em contato com Eric o mais rápido possível, não posso esperar mais.

Tentei ver com meu avô se ele tinha o telefone da família Palmer nos Estados Unidos, mas ele me informou que trata tudo com o doutor Amaro, o advogado da família aqui no Rio. Fui novamente ao escritório dele, mas, infelizmente, ele disse que não poderia me fornecer nenhuma informação dos Palmers e, se eu precisasse, poderia resolver com ele ou mesmo indicar o endereço do seu escritório em algum documento. Comecei a rir como louca quando percebi que o doutor achava que eu ia processá-los e expliquei que não, que meu interesse era pessoal, mesmo assim não obtive sucesso.

Depois de sair de lá, desanimada, ainda tentei o número do celular que Eric usava na ilha, mas caía direto na caixa de mensagens. Obviamente ele não ia conservar um número do Brasil em outro país.

Então minha única esperança é David. Ele não só tem todos os contatos dos Palmers, mas também vem com notícias de lá, e minha ansiedade é causada tanto pela vontade de poder ligar para Eric, como pela curiosidade de saber como ele está.

Meu paciente chega, um senhor vítima de isquemia cerebral, e eu me concentro no tratamento, porém, atenta a qualquer tipo de movimentação estranha na clínica, pois, sempre que o *chefe* está, tudo fica mais acelerado.

O tempo que convivi com David na ilha não me preparou para trabalhar diariamente ao lado dele. O homem é um workaholic, além de um carrasco – no bom sentido – com todos os seus colaboradores. Ele exige qualidade máxima no atendimento, atenção especial aos pacientes e precisão nos tratamentos, o que justifica a fama da sua clínica em tão pouco tempo e o preço que é cobrado por cada especialidade. Aqui, voltei a me encontrar com a doutora Lídia Ferreira, mas sinto falta de Márcio e Bruno, pois os enfermeiros que auxiliavam na fisioterapia são secos, ótimos profissionais, mas completamente frios.

Somos três fisioterapeutas: Amarilis e eu cuidamos da parte neurológica, e Gustavo Andrade, um homem cujas aulas na internet ficaram famosas, é especializado em fisioterapia esportiva. O desfile de atletas dentro da clínica é absurdo, e eu inocentemente perguntei a ele por que não trabalhava em algum clube, e ele educadamente disse que não era da minha conta. A partir desse momento, percebi que, embora eu esteja em uma sala tão equipada quanto à do hospital em que trabalhava na Barra, a equipe é totalmente diferente, e comecei a sentir falta dos meus antigos companheiros.

Não posso ser ingrata e dizer que trabalhar aqui não é bom, principalmente pela questão salarial, mas também não é um local onde eu tenha prazer em estar e me sinta à vontade para fazer amigos. Meus outros dois companheiros de sala me olham desconfiados, às vezes questionando o motivo pelo qual fui contratada para trabalhar com eles – *no olimpo dos fisioterapeutas*, como eu apelidei com Diego –, pois sou formada por uma universidade particular e tenho uma pós-graduação particular, enquanto os dois já estão fazendo doutorado e estudaram em universidades públicas – um na Federal de Minas, e o outro na do Rio de Janeiro.

A situação só melhorou um pouco depois que David publicamente me elogiou pelo trabalho feito com Eric e divulgou os resultados do tratamento. Entretanto, independentemente disso, eu não abaixei a cabeça para ninguém ou me senti menosprezada, pois sei que uma boa formação é a base de uma carreira

de sucesso, mas não é tudo. Eu sou apaixonada pelo meu trabalho, estudo em casa, converso com outros fisioterapeutas e sou dedicada à minha profissão, o que também faz muita diferença.

Depois que o paciente vai embora, vou a pequena cafeteria e me sirvo de um chá cheio de açúcar – para tentar me acalmar –, soprando-o e bebericando-o enquanto penso em tudo o que aconteceu durante esse meu primeiro mês trabalhando na clínica, quando Clarice faz sinal para mim.

— Ele chegou, Liz! — Jogo o resto do chá fora e abro um enorme sorriso. — E perguntou de você!

Ela me dá um sorriso cúmplice, como se houvesse algo a mais entre mim e David, mas não perco tempo em negar, indo em direção à sala dele e batendo à porta com o coração aos tombos.

— Entra! — Abro a porta devagar, e David sorri ao me ver e me faz sinal para entrar. Ele está vestido com seus tradicionais terno e gravata e um jaleco branco por cima. — Ah, Liz, que bom que veio! — Levanta-se de sua cadeira e pega uma sacola em cima do aparador de fotos. — Eu trouxe uma lembrancinha da viagem para você!

Ele estende a sacola em minha direção, e eu me espanto, incomodada com o gesto.

— Não precisava! — digo completamente sem graça. — Eu não sei se...

— Pega, Liz! É só um presente pelo seu aniversário, que passou e eu não te presenteei. — Ainda sem jeito, pego a sacola, agradecendo-lhe. — Assim que cheguei, a Clarice disse que você queria falar comigo. O que houve?

Respiro fundo para não perder a coragem.

— Eu preciso de um favor pessoal. — David cruza os braços sobre o peito e sorri, curioso. — Eu preciso de um contato com Eric nos Estados Unidos.

O sorriso morre em sua face, e ele franze o cenho.

— Liz... para quê?

Sinto-me incomodada em falar do assunto com ele, mas, como sou eu quem está pedindo o favor, acho melhor ser sincera.

— Eu preciso saber se ele ainda me quer — não o olho ao dizer isso. — Eu preciso dizer a ele que errei ao...

— Liz. — Eu sinto David se aproximar, e logo em seguida ele toca meu rosto e o levanta para que eu o encare. — Ele não é o Thomas! — Assinto. — Eric é completamente diferente do irmão, não só na personalidade, mas também com relação à sua família. Ele não vai contrariar os planos grandiosos que seu pai sempre teve, Liz. Além disso, é um advogado de sucesso e...

— Nada disso importa se ele ainda me amar, David.

Ele ri e balança a cabeça.

— Não, Liz, não é assim que funciona. Eric estava confuso, achava que era o irmão e viveu intensamente o que ele achava que sentia por você. Mas a realidade dele é outra. — Eu tento falar, mas ele me impede: — Ele está reconstruindo sua vida de onde parou, Liz. Voltou para o escritório, para seu apartamento em um bairro chique de Nova Iorque e, o mais importante, voltou com a noiva, e os dois estão dando prosseguimento aos preparativos do casamento.

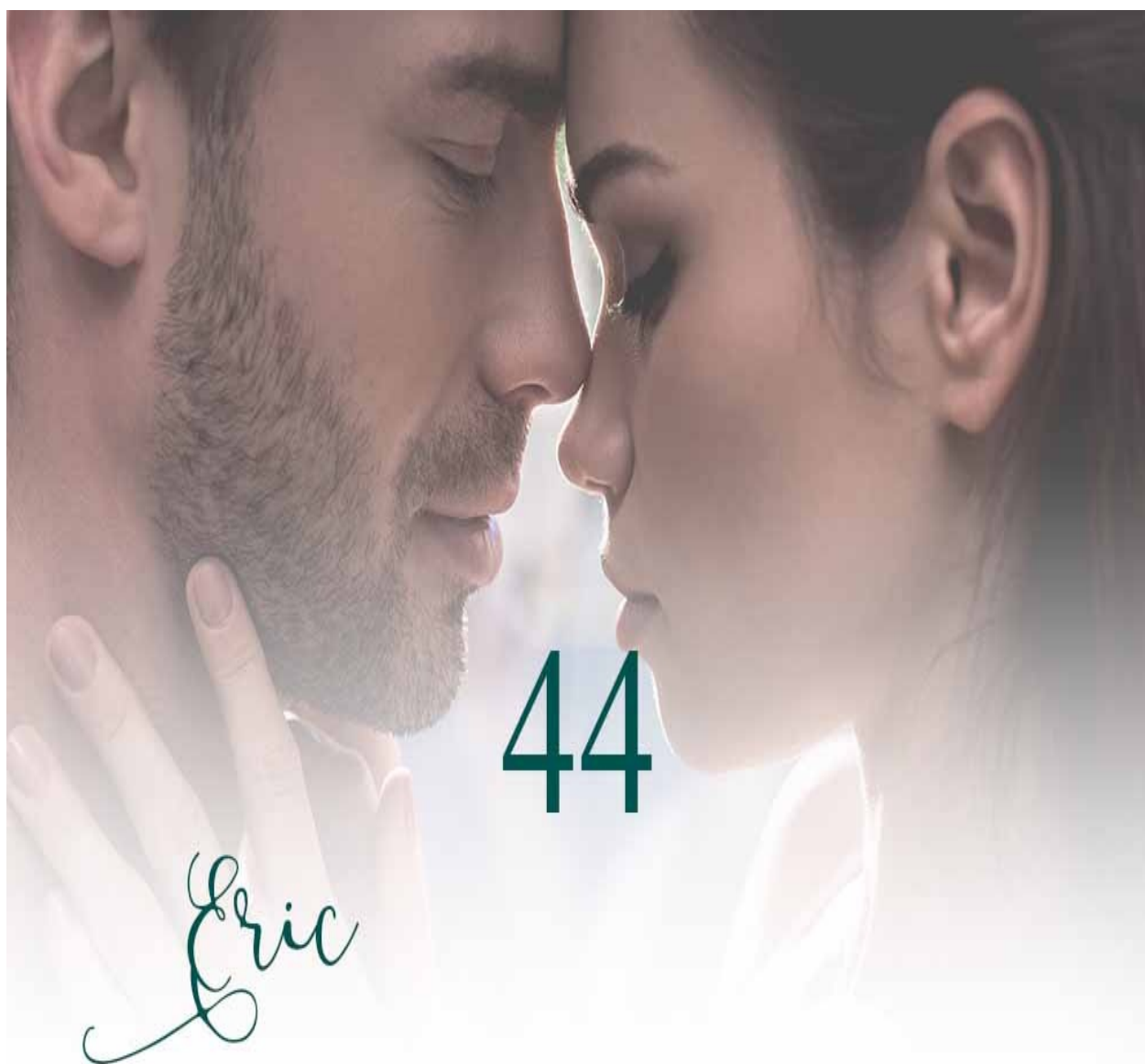
O choque que sinto ante essa notícia é evidente, pois David me abraça.

— Você tem certeza disso? — pergunto em um fio de voz.

— Tenho, Liz. Eu mesmo estive com os dois, Eric e Cassidy, no apartamento de Bill. Os dois parecem felizes, e ele... — David afaga meus cabelos e respira fundo — ele não perguntou de você em nenhum momento, mesmo quando eu toquei no seu nome. O casamento deve demorar um pouco ainda, por causa das situações jurídicas que ele está resolvendo, mas é certo que saia ainda esse ano.

Eu o perdi! A realidade é tão dura que eu choro no ombro de David, sentindo toda a esperança se despedaçar à minha frente. A culpa também me consome e fica em minha mente, martelando que fui eu quem o afastou, fui eu quem ficou negando o que sentia e por quem sentia. Talvez se eu tivesse... Não! Não adianta me martirizar, pois não há nada que eu possa fazer. Uma história entre nós dois nunca daria certo, somos de mundos completamente distintos, e David tem razão ao dizer que o que vivemos foi intenso por causa das circunstâncias, mas eu sempre tive dúvidas se funcionaria na normalidade do dia a dia.

Tento me consolar com esse pensamento, mas, nesse instante, não há nenhuma palavra ou negociação que eu possa fazer com minha mente e coração que afaste a dor que sinto.

Eu o perdi para sempre!

— Acabou, meu amigo! — Phillip comemora segurando uma taça de champanhe. — Finalmente acabou! Você agora é um homem completamente honesto de novo. — Ri. — Não deve nada à justiça, pode seguir com sua vida adiante!

Toco a minha taça na dele, sentindo-me aliviado pelo pesadelo ter terminado.

Quando retornei, há cinco meses, ainda como Thomas – pelo menos em toda a documentação que eu usava –, tive que primeiro provar quem eu era. Como Thomas e eu nunca tivemos nenhum problema com a polícia, não havia em seus bancos de dados nenhum arquivo com nossas impressões digitais. Também não havia como ser usado o exame de DNA, pois, mesmo com as

pequenas diferenças entre nós, não havia amostras anteriores para serem comparadas.

O que restou foi o meu testemunho e o das pessoas à minha volta, confirmando que eu era Eric. Phillip sugeriu um exame grafotécnico, pois a minha letra e de Thomas eram completamente diferentes, e essa foi a única prova técnica pericial que pudemos usar. Após provar que eu era quem dizia ser, vieram os trâmites mais difíceis.

Foi aberto um inquérito para apurar o acidente. Eu prestei meu depoimento, com algumas inverdades, o que surpreendeu a todos. Meu pai ficou inconformado por eu proteger o Thomas mesmo depois de tudo o que sofri por causa dele, mas eu lhe disse que fazia aquilo por todos nós. Ninguém precisa saber que ele tentou me matar!

Segundo o que relatei à polícia, nós estávamos conversando quando algo apareceu na pista, e eu, assustado, dei um golpe no volante e acabei rodando, batendo na tal árvore no meio da estrada e capotando. Contei como fui lançado ao ar e que, quando voltei à consciência, Thomas estava ao meu lado. Disse a eles que conversamos e que ele voltou para o carro a fim de pegar o celular e ligar para a emergência, e foi aí que o veículo explodiu.

Sobre o anel no dedo dele, aleguei que, na parada que fizemos na estrada, ele pediu para experimentar, e eu deixei, pois era uma joia de família, algo que fora do nosso avô. Phillip disse que eu me arrisquei ao contar essa versão, mas, depois de ter lido cada página da perícia feita na época, vi que isso era possível de ser dito e o fiz, mesmo mentindo.

A promessa que fiz à minha mãe ainda calava fundo dentro de mim, e eu não podia deixar que o nome dele ficasse manchado. Ele tentara me matar? Sim! Porém, a minha consciência em relação ao que prometera, ao que fizera por ele durante toda a vida, estava tranquila, e era isso que importava.

Não iria fazer diferença alguma para os outros saber a forma como tudo aconteceu. Eu sei, minha família e meu melhor amigo sabem, bem como Liz. Isso ainda me machuca e, às vezes, ainda tenho pesadelos com ele, mas minha promessa à minha mãe permaneceu até o fim.

Depois disso, veio a questão do testamento. A maioria dos meus bens ficou para a Becca, uma coisa ou outra foi distribuída entre meus familiares, e o escritório foi para Phillip e Grace. O testamento foi anulado, porém, com uma ressalva, o escritório.

Quando comuniquei a todos que não ia voltar a advogar, olharam para mim como se eu ainda estivesse ruim da cabeça. Meu pai gritou, argumentou e falou de tradição, etecetera e etecetera. Eu apenas ri, dei-lhe um tapinha nas costas e lhe comuniquei que não voltaria atrás em minha decisão.

Eu gosto de advogar, mas não amo, não é minha vocação. Prometi a Phillip que o ajudaria quando precisasse, mas que não queria ficar à frente do escritório, pois iria me dedicar ao que realmente sempre quis fazer: escrever.

O manuscrito tão antigo, abandonado no fundo de uma caixa foi parar nas mãos de um dos agentes literários mais famosos de Nova Iorque e, em menos de um mês, eu estava assinando contrato com uma editora.

Quando o livro saiu, há dois meses, esgotou na primeira semana, mas eu sei que isso se deu por causa do marketing e da minha história de sobrevivência e tudo o que se passou. *Invisível,* o título da história, se tornou best-seller em pouco tempo, e eu já estou providenciando a continuação dele.

De repente, de alguém à beira da morte, eu passei a ser alguém que realiza todos os desejos que sempre teve. Na realidade, eu acho que morri e renasci, porque apenas agora me sinto vivo de verdade. Exceto por...

Meus pensamentos são impedidos de ir até Liz assim que vejo Gracie, acompanhada de Cassie e do pequeno Eric, entrar na sala.

— Olha só como ele cresceu! — Cassie levanta o enorme bebê de oito meses nos braços. — Eu quase não consigo segurá-lo mais!

Phillip brinca com o filho, e eu sinto a alegria dentro desta casa. Meus amigos sempre foram felizes um com o outro, sempre se amaram muito, mas agora eu consigo *ver* o amor dos dois através desse pequeno menino. É como se tudo estivesse completo com a chegada dele.

— Ei, Eric, você já está fazendo sucesso com as moças por aí, não é? — Pisco para o bebê, que abre um enorme sorriso com apenas dois dentes a aparecerem. — Ouça os conselhos de seu tio aqui e seja gentil com as damas, viu? Já soube que você andou dando umas mordidas em algumas moças da creche, e, amigo, isso não é legal! — Eu me aproximo dele e falo ao seu ouvido: — A não ser que elas peçam, mas isso eu acho que ainda irá demorar a acontecer, ok?

Phillip gargalha, e as duas mulheres à minha frente me olham bravas, como se eu estivesse corrompendo o pequeno anjo desta sala.

— Vocês vão ficar para o jantar? — Grace nos indaga, pegando o filho do colo de Cassidy.

— Não — sou eu quem responde. — Eu agradeço o convite, Gracie, mas o dia hoje foi longo, e eu preciso começar a escrever.

Ela sorri para mim.

— Ah, como eu queria ser uma mosquinha para ler a continuação enquanto você a escreve! — Grace se vira para Cassidy. — Ele a deixa ler um pouco?

Ela fica sem jeito e nega.

— Ninguém tem acesso! — brinco. — Eu preciso realmente ir. Cassie?

— Também vou! — Abraça meus amigos. — Até outro dia! E não esqueça de mandar mais fotos dele! — Beija a cabeça careca de Eric. — Tchau, fofo!

Descemos juntos sem dizer uma só palavra e, desse mesmo modo, entramos no carro.

— Eu fico mexida ao tê-lo em meus braços! — Cassidy comenta. — Pelos meus planos, se tivéssemos nos casado como queríamos, eu já estaria com um bebê a caminho.

Continuo a dirigir, mudo, sem saber o que falar para ela.

No mesmo dia em que retornei para casa, assim que pisei no apartamento do meu pai, Cassidy estava à minha espera. Eu fiquei atônito ante sua reação, seu desespero ao se jogar em meus braços, inconsolável, tocando-me por toda parte, querendo ter certeza de que era realmente eu.

— Eu te amo tanto! — ela repetia vezes sem fim ao me abraçar, chorando de emoção. — Eu nunca consegui me conformar, nunca consegui seguir em frente e agora sei o porquê. — Ela me encarou com seus olhos azuis inchados de chorar, rosto vermelho, mas um sorriso caloroso. — Você está vivo.

Mari pediu a ela que me desse espaço para descansar da viagem, e eu agradeci pela intervenção da minha madrasta. Eu me sentia um caco depois de ter perdido a Liz. Estava destruído por dentro, dolorido e precisava limpar minhas feridas a sós, sem ter que conversar ou mesmo raciocinar sobre o que seria da minha vida dali em diante.

Cassidy me ligava todos os dias para saber como eu estava, e, finalmente, depois de um mês apenas resolvendo a minha situação jurídica com a polícia e com a justiça, eu a chamei para conversar.

Eu ainda estava hospedado com o meu pai, mas fazendo arranjos para minha mudança de volta para TriBeCa. Meu apartamento precisou passar por algumas modificações, afinal, apesar de eu não mais usar a cadeira de rodas, ainda precisava de apoio para me manter equilibrado.

Ela chegou na hora do almoço e nos acompanhou à mesa. Logo depois subimos para o meu quarto de solteiro, num clima estranho, e ela estava visivelmente tensa.

— Tenho tantas lembranças daqui, mas as que mais me marcaram são apenas três, a mais feliz e as mais dolorosas da minha vida — ela começou a comentar, tocando meus objetos pessoais. — A mais feliz foi quando você me pediu em casamento, lembra? Foi aqui, bem dentro deste quarto, no dia do seu aniversário. — Eu assinto, lembrando-me. — Viemos jantar com sua família, e do nada você me trouxe para cá e fez o pedido. Queríamos comprar o anel no dia seguinte, mas seu pai insistiu que o noivado não passasse em branco, e, como eu estava cheia de compromissos de trabalho, pensamos no Natal. Seria romântico e

seguiria a tradição da sua família.

— Sim, noivado no Natal, casamento no Dia dos Namorados — completei balançando a cabeça e pensando que, se eu não seguisse tão fielmente o traçado de minha família, já poderia estar casado com ela e ter evitado tudo o que se seguiu. — A tradição dos Palmers.

— Sim. — Ela suspirou. — O segundo momento que mais me lembro foi da recepção após o funeral. — Cassidy andou até a janela e olhou para as copas das árvores do Central Park. — Eu fiquei aqui dentro, sem querer falar com ninguém, sem querer receber condolências, pêsames ou mesmo consolo. Eu só queria que você estivesse aqui comigo. Eu não podia aceitar que havia te perdido. — Seu corpo treme com o pranto. — Eu não podia aceitar te enterrar, enterrar nosso amor, nossos planos.

— Eu sinto muito por isso, Cassie.

Ela se voltou para mim e assentiu.

— A última situação foi aquele pequeno escândalo que fiz com você, achando que era o Thomas. — Ela fecha os olhos. — Eu disse tantas coisas horríveis...

— Assim que te vi, me lembrei de você. — Ela arregalou os olhos, surpresa. — Passaram alguns flashes em minha mente, principalmente de momentos íntimos. Eu fiquei apavorado, afinal, pensava que você era a noiva do meu irmão.

— Então eu revelei aquela...

— Sim. — Levantei-me e peguei suas mãos geladas. — Eu sinto muito que ele tenha feito isso com você. De verdade, Cassie! — Ela sorriu em meio às lágrimas. — Thomas queria degradar tudo o que eu amava. Ele tinha um prazer perverso em saber que tinha me feito mal, mesmo que eu não soubesse.

— Eu quis morrer, Eric. Ele apareceu no meu apartamento falando como você, vestido como você. Levava uma garrafa do seu vinho favorito, e eu acreditei nele. Depois que tudo aconteceu, ele começou a rir como um louco e a dizer coisas absurdas para mim, a me humilhar. — Soluçou. — Disse que fazia o teste de qualidade por você e que eu não passei... Eu odiei pensar que vocês dois faziam aquilo juntos, mas então ele me disse que você não sabia e que, se eu quisesse continuar contigo, deveria ficar quieta.

— Por que você não me contou?

— Eu tinha medo de te perder, muito! Eu me apaixonei por você assim que te vi, você sabe. Durante a nossa primeira conversa, percebi que você era o homem pelo qual eu sonhava, o homem certo. Então, por causa de uma loucura do seu irmão, eu poderia te perder. — Eu neguei, mas ela não me fez caso. — Eu fiquei meses com medo de que ele te contasse algo.

— Você disse que era chantageada. Ele a fazia ir para a cama...

— Não! Não era esse tipo de chantagem. — Cassidy torceu as mãos, constrangida. — Quando eu relaxei, achando que ele havia esquecido, nós nos encontramos nos Hamptons, naquele dia em que ele me empurrou dentro do mar, lembra? Ele me tratou bem a princípio, mas eu queria muito sair de perto dele, mas, antes que eu conseguisse, ele me disse que iria contar tudo, pois sabia que eu não o havia feito. Eu implorei a ele, mas Thomas só ria de mim. Então, como um verdadeiro demônio, ele me ofereceu um acordo.

Isso me surpreendeu.

— Que tipo de acordo?

— Ele me pediu para... — Cassidy respirou fundo e abaixou a cabeça — te fazer parar de escrever.

Eu me afastei dela, sentindo meu corpo inteiro gelar, lembrando que, quando começamos a namorar, eu estava começando a fazer a continuação do romance que escrevi inspirado no triângulo amoroso da ilha no Brasil e que ela disse-me que aquilo a incomodava, que parecia que eu estava escrevendo para uma outra pessoa e começou a problematizar tanto a situação que eu parei.

— Thomas te pediu isso?

Ela assentiu.

Meu irmão sabia o quanto eu amava escrever, e era uma coisa que ele nunca havia conseguido tomar de mim. Desde adolescentes, ele me provocava, debochava, fazia piadas, mas eu nunca tinha parado de escrever. Então ele conseguira uma forma de, mais uma vez, tirar-me aquilo que eu amava.

— Me perdoa por não ter contado e por ter entrado no jogo dele. Eu só tinha medo, muito medo de te perder. — Cassidy chorou tanto que seu corpo inteiro se sacodia. — Eu ainda tenho, Eric. Ainda tenho medo de você não me amar mais.

Oh, Deus!

— Cassie, muita coisa aconteceu. — Ela assentiu, limpando o rosto. — Eu não posso mentir dizendo que tudo está como era antes, porque não é justo contigo.

— Eu sei...

— Eu não posso simplesmente continuar de onde parei, entende? Também não posso pedir a você que espere ou mesmo te prometer qualquer coisa nesse sentido.

— Por quê? Você já não sente nada por mim?

Eu ri, pensando que as coisas podiam ser simples assim.

— Não é isso. — Eu não queria magoá-la ainda mais dizendo que estava apaixonado por outra pessoa, mas não tinha outra forma de explicar. — Há

alguém...

— A garota do livro. — Eu me surpreendi com sua perspicácia. — Era naquela ilha que você estava, então, pensei que você pudesse ter voltado a encontrá-la por lá. — Eu concordei. — Nós sempre fomos amigos, Eric, e, quando eu vi o primeiro livro, você me contou sobre sua paixão adolescente e...

— Ela sempre amou meu irmão — disparei. — E ainda o ama.

— Ela pensou que você fosse o Thomas e, quando você se lembrou, ela... — Cassidy balançou a cabeça, como se não entendesse. — Você a ama?

— Sim.

— Ainda há alguma chance de vocês dois...

— Não. — Respirei fundo. — Eu não sou o Thomas, Cassie. Mas, ainda assim, eu não acho justo dar qualquer esperança a você, pois não sei se...

— Eu quero ser sua amiga, Eric. Estar com você, te apoiar, demonstrar meu amor. E, se um dia você estiver pronto para mim novamente...

— Isso não é justo, Cassie.

— É a minha escolha. Eu amo você, Eric, mais do que pensei amar alguém, e quero que seja feliz. Se for com ela, ótimo, mas se ela não te quer...

— Cassie... — Neguei, mas ela assentiu, insistindo:

— Eu não vou forçar nada, Eric. Apenas quero que você saiba que pode contar comigo, que estou aqui, ao seu lado.

Nós nos abraçamos, emocionados, e ficamos conversando por uns momentos mais. Quando ela decidiu ir embora, encontramos David Turnner na sala, conversando com meu pai. Ele nos cumprimentou, eu levei a Cassidy até o elevador e voltei o mais rápido que a muleta me permitia para saber notícias do Brasil.

Todavia, lembrando-me de como ele e eu nos despedimos, era óbvio demais que eu não teria uma fonte inesgotável de informações, principalmente de Liz. Em nenhum momento ele tocou no nome dela, nem mesmo quando meu pai elogiou o trabalho da fisioterapeuta e citou a coincidência de ela ter voltado à ilha para o meu tratamento.

Confesso ter agido como um *stalker*, acessando as suas redes sociais, mas infelizmente ela não postava nada desde o ano passado. Decidi então seguir minha vida, porque ela, com certeza, seguia a dela.

— Eric? — Cassidy me chama, trazendo-me de volta à realidade. — Sobre a proposta que sua editora recebeu...

Eu respiro fundo.

— O que tem ela?

— Você vai concordar? Eu sei que é algo maravilhoso ter seu livro em outros países, mas... ela vai saber que...

— Eu sei, já pensei nisso. — Paro o carro à porta do seu prédio e a encaro. — Eu já concordei com a venda dos direitos para a editora do Brasil, Cassie. — Ela não disfarça a surpresa. — Eu não tenho nada a esconder dela. Liz sabe o que senti por ela, sabe do que nos aconteceu no passado e...

— Você ainda sente? — ela me questiona com os olhos cheios de expectativa. — Ela nunca o procurou nesse tempo em que você voltou para cá e, pelo que você me contou, foi ela quem pediu um tempo para tentar entender as coisas. — Eu concordo. — Você ainda a ama?

— Sim — não posso negar a ela. — Nada mudou sobre isso.

Cassie respira fundo.

— Entendo. — Ela me dá um sorriso triste. — Então, você ter aceitado publicar no Brasil quer dizer que irá atrás dela.

— Sim. — Ante minha afirmação, ela suspira. — Não posso passar a vida inteira apaixonado e sem saber se ela consegue me amar. Preciso pôr um fim nessa história, Cassie, preciso sair desse hiato em que esse romance entrou.

— Você quer dizer que vai ter mesmo a continuação?

Eu assinto, e ela fica séria. Cassidy tem acompanhado minha carreira desde quando comecei, e ela sabe da pressão da editora e do meu agente para eu escrever uma continuação para o livro. No começo, fui terminantemente contra, pois não queria mais reviver aquela história, mas depois comecei a ponderar e, agora, sei que é o que preciso fazer.

A história dos meus personagens ficou indefinida, e eu preciso lhe dar o fim que os dois merecem, juntos ou separados.

— Não vou mais postergar isso. Preciso escrever a continuação e, com ela, espero terminar não só a história do livro, mas também fechar um ciclo em minha vida para sempre.

Faz sete meses que deixei a ilha, com o coração quebrado, sonhos destruídos e muitas recordações boas e ruins. Durante esses meses, eu primeiro precisei entender que o homem por quem me apaixonei é aquele que esteve comigo por lá, cujo corpo ajudei a recuperar a força e os movimentos e que me mostrou que é possível ser feliz de uma forma que nunca pensei experimentar.

O homem por quem me apaixonei é o Eric. Ele é tudo o que eu sonhei desde a adolescência e que fantasiava ser o Thomas. Eu inventei uma personalidade para o outro gêmeo a fim de fazê-lo caber em meus sonhos, sem perceber que Eric preenchia todos os requisitos sonhados sem nenhuma invenção de minha parte. Demorei demais a descobrir isso, 11 anos se passaram para eu perceber o erro que cometi e reconhecer que é ele quem eu sempre quis.

Tarde demais! Essas duas palavras martelam ainda em minha mente, mesmo depois desses meses todos. A cada novo dia, a cada novo pensamento, a cada recordação e sonhos com ele, essas duas palavras aparecem em minha mente como uma maldição. Eu ainda sinto a mesma dor que senti quando David me contou sobre o retorno de Eric com a noiva e seus planos de casamento.

Após aquela revelação, voltei a trabalhar em pedaços, achando que nada mais poderia me machucar, mas eu estava enganada. No mesmo dia liguei para a Olívia e lhe contei tudo, e qual não foi minha surpresa ao encontrá-la no meu apartamento balançando um papel com um número de telefone escrito nele?

— Eu cometi um pequeno perjúrio. — Ela gargalhou. — Na verdade, não fui eu, porque você sabe o quanto meu inglês é péssimo, mas uma amiga de trabalho. — Pôs o papel em minhas mãos. — Conseguimos descobrir o nome do escritório de advocacia dele e ligamos para lá a fim de saber se ele já está trabalhando.

— David disse que ele já...

— Sim. Ele tem ido ao escritório, mas ainda não retomou às causas, segundo a secretária que atendeu a Dani, minha amiga. — Olívia riu. — Você tinha que tê-la visto! Ela está perdendo uma boa grana fora da televisão como atriz... — Balançou a cabeça para voltar a se concentrar no outro assunto. — Ela disse que era do escritório do tal doutor Amaro aqui no Rio e que precisava falar com Eric urgente. Você está segurando o número do telefone dele!

Eu arregalei os olhos, não acreditando que iria conseguir, enfim, conversar com Eric, que poderia dizer-lhe o que sentia e, quem sabe assim, tê-lo de volta.

Não perdi tempo e fiz a ligação internacional para o celular dele. A cada toque do aparelho, meu coração acelerava, até que ouvi a caixa de mensagem ser acionada. Trêmula, esperei um momento – com Olívia tomando conta de mim o tempo todo, como se estivesse com medo de que eu desistisse – e liguei novamente. Daquela vez só chamou duas vezes, e o telefonema foi atendido:

— Alô? — uma voz feminina respondeu em inglês. Olhei para Olívia, pensando em desligar, mas ela fez uma cara de dar medo e negou com a cabeça.

Respirei fundo.

— Eu gostaria de falar com Eric Palmer — disse com a pronúncia do inglês mais horrorosa do mundo, tamanho meu nervosismo. — Ele está?

— Eric está no banho. — Ela pareceu andar por um momento, pois a ligação ficou muda, e eu somente ouvia sua respiração. — Quer deixar recado? Sou a noiva dele, Cassidy.

Eu gelei por inteiro, sentindo os últimos fios de esperança se esvaírem. Sem falar mais nada, desliguei o telefone, e Olívia – que ouvia tudo pelo viva voz, mesmo sem entender a língua, sabia quem tinha atendido – abriu os braços para

mim, e eu apenas me deixei ser abraçada e consolada por ela.

Então era mesmo tudo verdade! Eric retomara sua vida, sua carreira como advogado e seu noivado. *Tarde demais!*

Depois de uma noite inteira com Olívia a velar meu sono, eu acordei no outro dia e, sem jogar uma segunda olhada nos números escritos naquele papel, rasguei-os em pedacinhos, aceitando a dura realidade de ter de continuar vivendo sem ele. Continuei com minha rotina de trabalho, casa, trabalho e, com o tempo, voltei a sair na companhia dos meus amigos.

Fernando voltou a se reaproximar de mim, indo me encontrar no final do expediente na porta da clínica, convidando-me para jantar ou fazer outros programas. Diego e ele ficaram amigos depois que Fê foi seu padrinho de casamento, então era normal eu encontrá-lo quando todos nós saíamos para algum programa. Ele continuava sendo o cara incrível e charmoso que eu conhecia, mas não era o homem que eu amava. Demorou para eu convencê-lo de que não estava disposta a continuar de onde paramos, nem mesmo a ter sexo por diversão, e somente quando ele entendeu que eu realmente estava sofrendo pelo Eric é que parou de tentar voltar comigo e se tornou apenas meu amigo.

Eu deixei os dias seguirem, voltei a fazer cursinhos de reciclagem, aprendendo novas técnicas, conhecendo novas pessoas e profissionais e assim mantinha minha cabeça ocupada.

Fui para Angra algumas vezes durante esse tempo, mas sem ir até a ilha, ficando com minha mãe no continente. O pé dela já estava melhor e, aos poucos, ela foi voltando ao trabalho. Foi em uma dessas visitas que minha mãe finalmente falou do meu pai e me contou sua história, o motivo pelo qual eu nunca a vi namorar ninguém.

Imagina meu choque ao encontrá-la aos prantos, segurando um jornal, sentada à mesa da cozinha? Minha mãe não conseguia falar, apenas soluçava e tremia, gelada e descontrolada.

Eu havia chegado no dia anterior, nós duas tínhamos ido ao cinema e depois comido uma pizza. Estava tudo bem conosco, apesar de ela sempre estar tentando me animar, sufocando-me com sua animação e seus planos de fazermos uma viagem para que eu pudesse conhecer novas pessoas e, quem sabe, um novo amor.

Ela estava tão animada que encontrá-la daquele jeito, à mesa do café, foi estarrecedor, e eu sabia que alguma coisa de muito errado havia acontecido.

Quando por fim ela se acalmou e voltou para sua cama, alegando dor de cabeça, sem me explicar nada do que estava acontecendo, eu peguei o maldito periódico e li que o antigo patrão dela, o que era deputado, havia falecido depois de dois anos acamado por causa de um AVC.

Aquilo me deixou com uma sensação estranha, porque ela trabalhara na casa dele por muito anos e, de repente, saíra de lá, alegando que as filhas dele já estavam grandes, o que me arrancou gargalhadas na época, pois a mais nova já tinha completado 17 anos, e as outras duas tinham 25 e 21 anos, ou seja, o “crescimento” delas já tinha acontecido havia muito tempo.

Eu sempre achei que minha mãe nunca havia saído daquela casa porque era muito apegada às meninas, mais do que a mim mesma, sua própria filha, mas, depois de ver a notinha de pesar, algo dentro de mim dizia que a história era mais extensa do que ela havia me contado.

Na hora do almoço, quando ela se levantou para comer comigo, eu perguntei a ela:

— Por que você desmoronou daquele jeito hoje de manhã com a notícia da morte do deputado?

Ela respirou fundo.

— Eu trabalhei muitos anos para ele e...

— Mãe, eu sei que há algo mais. — Ela fechou os olhos, e eu tive a certeza disso. — Você... gostava dele?

Ela apenas balançou a cabeça, e um arrepio estranho deixou os pelos dos meus braços eriçados.

— Mãe... mãe! — Ela, enfim, encarou-me. — Você teve alguma coisa com ele?

— Arnaldo foi o único homem que eu amei, Liz.

Eu demorei um tempo para entender suas palavras e o que isso poderia implicar em minha vida.

— Ele era o meu pai?

— Não, Liz, não era. — Um misto de alívio e frustração se instalou em meu peito. — Seu pai foi um hóspede do hotel onde eu trabalhava. — Ela riu. — Ele era um garoto, filha, tinha acabado de fazer 18 anos, estava indo para a faculdade e veio passar férias com a família no hotel. Era lindo! Mas, depois que eu cedi a ele, nunca mais o vi. Foi uma aventura, e resultou em você. — Ela segurou minhas mãos. — Durante muitos anos não consegui te enxergar como o verdadeiro presente da minha vida, como meu amor, minha companheira, mas você é isso tudo para mim, filha. Eu só não tinha maturidade para...

Ela passou a chorar, e eu me levantei, indo abraçá-la.

— Eu amo você, mãe, e entendo tudo isso. De verdade! Eu só nunca entendi por que a senhora nunca voltou a namorar ninguém, a se casar.

— Eu me apaixonei pelo Arnaldo assim que pisei naquela casa, Liz. Era errado, ele era um homem casado com duas crianças pequenas, e eu, a moça que cuidava de suas filhas. Durante anos eu o amei calada, achando-o um deus, tão

elegante, tão poderoso. Quando a Carine nasceu e a esposa dele o afastou de vez, eu ficava tentando entender como aquela mulher poderia não o amar mais, como eu a ouvi dizer a ele durante as brigas que tinham. Eles só não se separaram por causa das crianças. — Eu assenti, entendendo, pois há casais que ainda vivem esse tipo de situação. — Aos olhos da sociedade, os dois eram um casal exemplar, mas, dentro de casa, eram estranhos, mal conversavam. A primeira vez em que fui para a cama com ele, Arnaldo estava bêbado, chateado, e eu achei que ele iria me mandar embora depois disso, mas não aconteceu.

— Mãe...

— Eu já não era uma menina, tinha 27 anos, sabia o que estava fazendo, sabia das consequências do meu erro. Mas, durante 15 anos, eu estive com ele, de maneira clandestina, mas com ele.

— Mãe, você cuidava das meninas na época, morava lá... como a mãe delas nunca percebeu isso?

— Acha que dona Rose não sabia? Liz, é claro que sabia! — Eu me assustei com a informação. — Arnaldo lhe contou, e ela quis me mandar embora, mas ele não permitiu. As meninas eram muito apegadas a mim, e eu, a elas, mas a situação era horrível, não minto. Quando ele teve o derrame, ela finalmente pôde me mandar embora.

Eu me sentei, estarrecida com a história, tentando entender como minha mãe pôde ter aceitado viver uma situação como aquela. Ser amante do patrão, cuidar de suas filhas e ainda com a esposa dele sabendo? Era loucura demais!

Lembrei-me de as três moças vindo visitá-la de tempos em tempos. Eu mesma me encontrara com a mais velha dentro da nossa casa, conversando animadamente com minha mãe havia algumas semanas. Era verdade que as meninas a adoravam, mas... balancei a cabeça, tentando não a julgar.

— Eu o perdi assim, Liz. O homem que eu amava estava confinado em cima de uma cama, sendo cuidado por enfermeiras, ao lado da mulher que não o amava. E eu... eu tive que aprender a viver sem ele.

— Eu sinto muito, mãe. — Ela apenas deu de ombros. — Sinto mesmo!

— É por isso que eu fico com tanto medo de você ficar sozinha, Liz. Isso não é bom. — Apontou para si mesma. — Não posso dizer que não tive momentos felizes, porque eu o amava, e ele também me amava. Mas nossa situação nunca permitiu que vivêssemos esse amor de verdade. E agora eu não tenho um companheiro. Eu não quero, filha, que isso aconteça com você. Não quero que, um dia, você se depare velha e sozinha.

— Mãe! A senhora não é velha! — briguei com ela, pois sempre tem essa mania. Eu tenho 29 anos, e ela, apenas 45, nós duas juntas parecemos irmãs! — Ainda pode encontrar alguém e ser feliz!

Balançou a cabeça.

— Acho, minha filha, que nesse quesito, você me puxou. — Olhei-a sem a entender. — Amamos apenas uma vez, apenas um homem, para sempre.

As palavras dela calaram fundo dentro de mim, principalmente quando eu me dei conta de que, sim, eu apenas amara um homem e o perdera. Não podia considerar o que sentia pelo Thomas como amor, porque era uma ilusão de uma menina que não sabia nada da vida. Poderia ter dado certo caso ele fosse diferente e o amor da adolescência estivesse vivo e forte até hoje, como acontece com alguns, mas não foi o caso. O que eu senti naquela época não se pode comparar ao que senti há poucos meses com Eric, ao que ainda sinto, vivo, dentro de mim. Os sentimentos são completamente diferentes!

Naquela mesma semana, depois de ter descoberto o segredo de dona Cláudia, saiu uma matéria sobre o Eric em um site, e eu vi, pela primeira vez, a sua noiva ao seu lado. Fiquei enciumada ao perceber o quanto ela é linda, loira, miúda e delicada, com enormes olhos azuis e um sorriso fantástico. É impossível Eric não a amar, principalmente depois de saber o quanto ela o ama e se desesperou ao pensar que ele estava morto.

A notícia dizia que ele havia conseguido resolver toda sua situação e que, enfim, poderia prosseguir com sua vida sendo quem realmente era. O testamento de Thomas foi aberto, e ele, surpreendentemente, deixou seus bens ao irmão mais velho, mas Eric doou tudo para instituições filantrópicas.

Depois de ler a notícia, eu pensei em como Thomas era uma contradição ambulante. Nomeara o irmão como seu herdeiro, mas odiava-o tanto que tentara trocar de lugar com ele, matando-o no percurso. Seria a cara dele receber seus próprios bens como herança, fingindo ser Eric, caso conseguisse seu intento. Thomas teria tudo, a vida de Eric, os bens de Eric e os seus próprios. Um plano perfeito caso não tivesse falhado! Senti meu corpo arrepiar só de pensar na possibilidade de ele ter logrado êxito.

Mais tarde, ainda naquele dia, quando Olívia chegou ao meu apartamento para que saíssemos, encontrou-me sentada na cama com o celular na mão, olhando para a foto de Eric – andando sem muletas – com sua noiva, Cassidy Evans, ao seu lado. Ela tomou o celular, deletou a foto e me fez trocar de roupa para irmos para a balada. Chegando à famosa boate da Barra chamada *Storm*, encontrei-me com o doutor David, e passamos a noite inteira conversando e dançando. Já com o dia amanhecendo, ele me ofereceu uma carona e me levou para casa.

— Liz — chamou-me assim que eu desci do carro em frente ao meu prédio. — Eu sei que você ainda está ligada *nele*, mas gostaria de te dizer que ele nunca a mereceu. Você é linda, incrível, não desperdice seu tempo e sua chance de ser

feliz remoendo o que ocorreu na ilha. Nada daquilo foi real.

A noite, que estava animada, tornou-se fria e sem graça depois do que ele me disse. Eu não consegui dormir, revirando-me na cama, remoendo as palavras do médico e pensando em minha mãe. Eric reconstruíra sua vida nos Estados Unidos, e eu tinha que ter forças para reconstruir a minha aqui.

Quando David me convidou para jantar, eu aceitei, pensando em seguir em frente. Ao marcarmos um encontro num domingo na praia, eu fui pensando em me dar uma nova chance. A cada vez que flores e bombons me eram entregues, eu aceitava pensando estar reconstruindo minha vida. Até que chegou o momento em que eu tive de parar de fingir estar seguindo adiante e encarar as coisas. É assim que me encontro agora, pensando em tudo isso e esperando David na saída da clínica, no final do expediente.

— Eu reservei essa semana de folga, Liz, e gostaria de levá-la comigo em uma viagem — David me avisa assim que entro no carro. — Eu gostaria de uma chance, Liz, para nos conhecermos melhor. — Ele pega minhas mãos. — Eu gosto de você, de verdade, e acho que está na hora de você tentar ser feliz sem *ele*.

Eu não estou pronta! Eu não estou pronta!, é o que meu coração grita, inconformado por ter de abrir mão de todo o sentimento, de todos os sonhos, agarrado à ideia e à ilusão de ter Eric de volta. Contudo, ele não vai voltar! Eu tentei dizer a ele como me sentia, mas ele preferiu seguir com sua vida de onde havia parado, retomando seus planos de antes do acidente e reconstruindo-a, como eu tenho que fazer. Talvez não seja com o David, mas eu preciso ao menos tentar! Eu preciso tentar! Eu não quero ficar como minha mãe!

— Eu aceito. — Tento parecer animada e forço um sorriso. — Mas nós precisamos ir devagar, David, eu ainda...

— Ah, Liz! — David segura-me pela nuca e me beija, tomando-me completamente de surpresa. — Você me fez um homem feliz agora! — Sorri. — Vou providenciar tudo para irmos e te prometo que serão dias felizes. Eu vou te fazer feliz!

Desço do carro e fico um tempo parada na calçada, analisando o beijo e todas as implicações dessa viagem, mas tudo o que penso é que ele não é o Eric. Seu beijo não fez meu corpo reagir, e a ideia de passar uma semana inteira com David em algum hotel não me é excitante, ou mesmo emocionante. Sofro com a ideia de estar com outro que não...

Chega, Liz! Você não pode ficar se escondendo a vida inteira como fazia antes! Não pode deixar que uma decepção amorosa te trave a ponto de se tornar amargurada e sozinha. Sei que no começo será difícil, mas David é um homem bom, e você precisa dar uma chance de o relacionamento dar certo. Eu preciso

me dar uma chance de ser feliz!

— Você sabe que está fazendo merda, não sabe? — Olívia me observa fazer as malas. — Esse médico me dá arrepios!

— Oli! Você sempre implica com todos os caras que conheço e depois, quando termino com eles, você parece ver que eram pessoas legais! — Ela faz careta. — Eu preciso tentar recomeçar, Oli. Eu preciso esquecê-lo!

Ela bufa e não retruca.

— Ainda acho que você deveria dar uma chance ao Fê! — Diego aparece, vindo da sala. — Sempre o achei bem mais simpático que o David.

— O que é isso? Um complô?

Ele entrega um copo de cerveja para a esposa.

— Não, nós só estamos de fora e enxergamos a merda que você está

fazendo! — Olívia exclama.

Eu rolo os olhos para ela e confiro as horas no meu celular, mas as muitas ligações perdidas da minha mãe me chamam a atenção. Preocupada, retorno.

— Liz!

— Mãe, algum problema?

— Não — ela parece tensa, mesmo negando. — É só que... eu queria te dar a notícia e...

— Mãe, o que houve? — Sento-me na cama, e Olívia se aproxima, preocupada, para ouvir a conversa, enquanto Diego retorna para a sala.

— Os Palmers venderam a ilha, filha. — Sinto uma dor tão forte como se meu coração houvesse se quebrado em mil pedacinhos. — Seu avô ainda não sabe se os novos donos vão continuar com os serviços dele e, embora já esteja aposentado, gosta muito de morar lá.

— Eu sei, mãe.

Meu avô morou a maior parte de sua vida naquela ilha. Minha mãe foi criada lá, e eu também, então, deixá-la é como abrir mão de parte da nossa história. Além disso, aquele pedaço de terra no meio do oceano é a única ligação que me resta com Eric. Acabou mesmo!

— Como ele está, mãe?

— Com medo, mas conformado. — Ela ri. — Ele diz que não sabe se consegue morar aqui, tão longe do mar, mas é a única solução.

— Sim... — Eu olho para as malas. — Eu ia viajar amanhã, mas posso ir até aí para...

— Não precisa, filha. Vá se divertir!

Converso com ela por mais alguns momentos e, quando desligo, Oli me olha desconsolada.

— Eles venderam a Raj — comento, e ela assente. — Ele não volta mais, não é? — Começo a chorar, e ela me abraça. — Acabou, Oli. Nunca mais vou vê-lo, nunca mais...

— Tudo bem, Liz, você vai ficar bem! — consola-me.

Fico abraçada à minha melhor amiga, sentindo uma dor insuportável no peito, lágrimas rolando sem parar e uma vontade enorme de desistir de tudo, de ficar em casa, enrolada no edredom e lambendo minhas feridas.

— Puta que pariu! — Diego grita na sala. — Liz! — berra. — Liz!

Olívia e eu saímos correndo em sua direção, e ele me estende uma revista de notícias.

— Leia isso!

Aponta para a página, e a primeira coisa que enxergo é Eric, sério, assinando alguns livros, sentado a uma mesa em frente ao banner de uma livraria

famosa. A reportagem diz que foi o lançamento do livro dele, *Invisível,* no Brasil e que arrastou uma verdadeira multidão para a sua noite de autógrafos em São Paulo.

— Ele está no Brasil, Liz! — Olívia comemora.

Leio a revista, que traz a sinopse do livro, bem como resume os acontecimentos da vida do autor, sua sobrevivência ao acidente, a troca de identidade e a sua recuperação. Meu coração dispara ao reconhecer cada palavra da história, das duas histórias, a fictícia e a real.

— Ele publicou um livro sobre nós! — digo estupefata.

— O quê? — Oli toma a revista da minha mão e arregala os olhos ao ler a matéria. — Meu Deus, Liz, você leu o resto?

Nego, ainda sem entender o que significa esse fato novo, pois David me disse que Eric havia voltado a advogar e que já estava refazendo os planos de casamento com a noiva, mas então, como ele está aqui, lançando um livro que já é best-seller nos Estados Unidos?

— Ele vai escrever a continuação, Liz. — Eu franzo o cenho, processando as informações. — Aqui diz que ele irá escrever a continuação aqui, no Brasil.

Eu a encaro.

— Mas e a noiva? E o escritório?

Olívia pega o celular e começa a digitar freneticamente.

— Oh, meu Deus! — Ela vira a tela para mim, e eu vejo uma resenha crítica sobre o livro dele. — É mesmo a história de vocês!

Eu assinto.

— Eu não entendo! Eu achei que ele tivesse me esquecido, que tivesse seguindo em frente ao lado da noiva. — Seco meu rosto. — Achei que tinha retomado sua vida.

— Ao que parece, ele não o fez, pelo menos não da forma que você pensou. — Oli sorri. — Nós precisamos arranjar um jeito de descobrir onde ele está!

— Como?

Sinto a esperança renascer dentro de mim; mesmo não querendo alimentá-la, eu a sinto crescer e se fortalecer. Eric está de volta ao Brasil, e, não importa onde, eu irei encontrá-lo.

Assim que fechamos a revista, começamos – os três – a procurar qualquer informação na internet sobre Eric e sua passagem pelo Brasil a fim de divulgar os livros e, para minha sorte, descobrimos que ele terá uma noite de autógrafos em uma livraria aqui no Rio nesse final de semana.

— Você precisa se preparar! — Olívia saltita pela sala. — Precisamos comprar uma roupa linda, sensual. E seus cabelos? — Ela começa a mexer em seu celular. — Já pensou em fazer umas mechas? — Eu nego. — Dar uma

iluminada, mudar um pouco.

— Olívia, meu amor, você está exagerando. — Diego vai até ela. — E está nos deixando assustados!

Ela para e chora.

— Ele voltou, Diego! Ele voltou, e eu vou ter a oportunidade de ver minha amiga feliz de novo! — Olha-me, emocionada. — Não posso deixar que ela faça merda dessa vez e o perca!

Seu marido gargalha, e eu rolo os olhos para ela, sentindo-me uma filha da mãe sortuda não só pela nova oportunidade, mas por ter grandes pessoas ao meu lado me apoiando neste momento.

Não sei qual vai ser a reação de Eric ao me rever, nem mesmo sei se ele vai me querer de volta, mas a única coisa de que tenho certeza dentro de mim é que dessa vez eu não vou deixar a oportunidade que a vida está me dando de ser feliz ao lado dele passar em branco. Não mesmo!

— E a viagem? — Diego me pergunta de repente.

Fecho os olhos, pensando no imbróglio em que me meti ao tentar seguir em frente com David, dando-lhe esperança de que poderíamos ser um casal. Vou ter que conversar com ele, cancelar minha ida até Fortaleza, os planos que ele fez para nós dois e, além disso, desculpar-me por não poder corresponder às suas expectativas. Mesmo que Eric não me queira de volta, eu não posso me forçar a sentir algo por alguém. Eu não posso!

— É claro que ela vai cancelar! — Olívia responde por mim. — Eu queria só ver a cara desse médico abusado! — Faço careta para ela. — Ele tem que te explicar, isso sim, que história foi aquela que contou a você!

— Oli, isso foi há meses, Eric deve ter reconsiderado e...

— Eu não engulo esse médico, Liz! — Ela olha para o marido. — Acho melhor estarmos aqui quando ela lhe comunicar que não irá amanhã. — Ela, de repente, sorri. — Melhor ainda! Ligue para ele e já cancele tudo!

Por telefone?! Por Deus! Eu dei esperanças a ele, eu disse que queria esquecer o Eric e concordei em passar uma semana inteira ao seu lado! Só de pensar na hipótese, meu corpo gela, e isso me dá a certeza de que, mesmo que Eric não tivesse voltado ao Brasil, eu não teria conseguido ir com David. No entanto, ainda assim não posso simplesmente ligar e dizer que mudei de ideia!

— Tenho que falar pessoalmente com ele, Oli. David comprou passagens, programou passeios... Ele não merece que eu seja tão insensível.

Ela rola os olhos e me mostra a língua.

— Tenho vontade de te matar, às vezes!

— Sério?! Você foi a primeira a me incentivar a sair com outros homens para esquecer...

— Não gosto dele. — Dá de ombros. — Você sabe como sou. Se não gosto de alguém à primeira vista, é que algo de ruim a pessoa tem. Além disso, você mesma não estava a fim do homem! Um único beijo em semanas de encontros?! Fala sério, Liz!

Eu não retruco, pois concordo com ela. Eu nunca deveria ter aceitado o passeio, mas achei que seria possível, que já era hora de parar de sofrer, de esquecer. A verdade é que eu estava enganando a mim mesma.

— A que horas vocês dois embarcariam amanhã?

— Depois do expediente, Oli. — Fecho os olhos. — Eu não sei como vou voltar a trabalhar para ele depois de desistir dessa viagem. Que merda que eu fiz!

Bufo, e Olívia ri, concordando.

Depois que meus amigos foram embora, eu tomei um banho demorado, deitei-me na cama, porém, antes mesmo de fechar os olhos para dormir, meu celular notificou o recebimento de uma mensagem. Era de David, dizendo que estava ansioso pelo dia seguinte.

Tive pesadelos durante a noite, sonhos tão estranhos e sinistros, desde Eric me rejeitando, até David me obrigando a ir com ele, e acordei dolorida, assustada e atrasada para o trabalho hoje.

Levantei-me correndo e tive que ir de Uber, pois nunca chegaria a tempo de ônibus, e eu tinha paciente no primeiro horário.

Mal cumprimentei os funcionários na entrada da clínica e muito menos os outros fisioterapeutas que trabalham comigo, indo direto até o prontuário do meu paciente, vestindo meu jaleco e começando o trabalho.

Foi tudo muito intenso até a metade do dia, atendendo um paciente atrás do outro, com minha agenda lotada por causa dos dias em que iria ficar fora com David. Na hora do almoço, em vez de seguir para o restaurante ao lado, onde costumo fazer minhas refeições, fui direto para a sala dele, mas não o encontrei. Perguntei a Clarice, sua secretária, e ela me informou que ele havia saído para almoçar com alguém. Decidi não comer e ficar de plantão na recepção à sua espera.

— Liz? — Abro os olhos rapidamente, percebendo que acabei cochilando sentada em uma das poltronas enquanto o aguardava. — Achei que você estivesse no seu horário de almoço!

David sorri para mim, e sinto minha consciência pesar.

— Preciso conversar com você, David.

Ele fica sério, notando meu tom de voz.

— Algum problema? — Franze o cenho. — Vamos até a minha sala.

Acompanho-o em silêncio, nervosa, torcendo as mãos e, assim que entramos, ele tenta me abraçar e beijar, mas eu o afasto.

— O que houve? — Ele parece bem nervoso. — Ele te procurou? — essa pergunta me pega de surpresa. Ele sabe que Eric está de volta? — Liz, me escuta! Você não vai conseguir se adaptar à vida dele, não importa o que ele tenha te dito. Eric agora pode ter mudado o discurso, querendo ficar aqui e brincar de casinha com você, mas ele sempre foi comandado pelo pai e vai continuar sendo e...

— Você esteve com ele?

David para de andar pela sala e me olha, lívido.

— Ele não te ligou, não foi? — Eu nego, e ele fecha os olhos. — Liz...

— David, o que você está me escondendo? — Ele anda em minha direção, e eu dou passos para trás, lembrando-me das sensações de Olívia. — Aquilo que você me disse, sobre ele ter voltado com a noiva e...

— Liz, entenda que eu sou louco por você desde que te conheci. Eu estava me divorciando, e você estava com o Fernando, por isso achei que nunca iria acontecer nada entre nós, mas... — Ele segura meus ombros e me pressiona contra a parede coberta de quadros. — Você é minha! Essa é a minha oportunidade de ter você, e ele não vai me tirar isso!

Eu fico pálida e momentaneamente sem reação, porém, quando o vejo se aproximar para me beijar, não penso duas vezes e levanto meu joelho com toda a força, acertando-o bem entre as pernas.

David geme e se enverga, e eu saio de perto dele.

— Você mentiu para mim esse tempo todo, não foi? — Começo a rir, sentindo-me a mulher mais trouxa deste mundo. — Eu achei que você fosse meu amigo, David!

— Liz...

Ele tenta me alcançar, mas eu abro a porta.

— Eu vim aqui apenas para cancelar a viagem. Para me desculpar com você por não poder ir. — Sinto meu coração disparado e uma raiva difícil de controlar. — Mas, depois disso tudo... aproveito para me demitir também. — Ele geme. — Adeus, doutor Turnner.

Saio pelo corredor da clínica, arranco meu jaleco e o deixo na recepção sob o olhar estupefato das recepcionistas. Pego minhas coisas na sala de convivência, onde temos de deixar pertences pessoais e celulares, e saio da clínica me sentindo livre por fim.

O salário é bom, mas eu não me sentia bem por estar ali, além disso, agora

enxergo que nunca foi realmente pela minha capacidade profissional que David me chamou para trabalhar com ele, e isso é, no mínimo, humilhante.

Ainda não sei se Eric irá me querer de volta, mas, independentemente do que for resolvido nesse final de semana, eu não poderei continuar trabalhando para David, mesmo ficando desempregada mais uma vez.

Sorrio, mesmo com toda a situação que enfrentei e ainda enfrentarei e faço uma ligação para voltar a ser a Liz que era antes: uma guerreira, uma mulher que não tem medo de desafios e que vai atrás do que quer.

E o que eu quero agora é ter Eric de volta!

O Uber para em frente ao shopping na Barra da Tijuca, e eu respiro fundo, esperando o *App* confirmar o pagamento da corrida para enfim sair do carro.

Passo pelos corredores do shopping sem nem mesmo conseguir olhar as vitrines, pois minha cabeça está a mil, tentando prever qual será a reação de Eric ao me ver. Avisto a enorme aglomeração de pessoas na porta da livraria, e meu corpo inteiro se arrepia ao imaginar que estou apenas há alguns passos dele.

— Você já leu o livro? — escuto uma moça conversando com outra. — É tão romântico! Mas confesso que vim aqui mais para ver o autor. — Ri. — Eu o acho ainda mais bonito do que o irmão que morreu!

Escuto suas risadas, elogiando Eric sem parar, e sorrio ao pensar em como ele está lidando com esse assédio, pois não parece ser algo que o agrade, mesmo porque, quando ele pensava ser Thomas, tinha verdadeiro pavor de ser reconhecido como artista.

Uma das organizadoras do evento fala conosco, explicando que o local está muito cheio e que somente quem tem a senha obtida no cadastramento no site vai poder autografar o livro. Eu entrego meu comprovante a ela, que confere em seu material, junto com os de outras mulheres que esperam comigo, e a acompanhamos loja a dentro.

Não vou negar que sinto minhas pernas tremerem vendo a multidão – a maioria de mulheres – transitando pela loja. Ao fundo, vejo um enorme outdoor e uma mesa com alguns exemplares do livro sobre ela.

— Tome aqui. — A funcionária da loja me entrega o meu exemplar. — Assim que ele chegar, vamos ter uma pequena apresentação, ele vai falar um pouco do livro e logo após vai começar a autografar.

Ela faz a mesma coisa com a outras que entraram comigo, dando as instruções, mas eu não a escuto, arrancando o plástico de proteção do livro e

indo diretamente à orelha desse a fim de ver a foto de Eric.

Meu coração dispara e meus olhos se enchem de lágrimas ao vê-lo, sorridente e lindo. Leio sua biografia, notando que não foi explorada no livro a história de seu acidente, embora a imprensa e até mesmo o marketing da editora o façam.

De repente, uma movimentação frenética chama a minha atenção, e eu vejo Eric no mezanino da loja, acenando – tímido – para as pessoas e descendo as escadas. Seu nome é anunciado, a mulherada aqui presente começa a gritar, e eu, bem, eu apenas fico estática.

Meu agente conversa com o pessoal do evento o tempo todo enquanto eu estou sentado no sofá da salinha onde espero para entrar na livraria, promover o livro e dar alguns autógrafos.

A verdade é que nem entrei, mas já não vejo a hora de sair. Essa é a parte de ser um escritor que eu não gosto muito. Embora curta saber o que os leitores acham da obra, goste de lhes responder, eu não aprecio muito esses grandes eventos, mas sei que são necessários.

Quando aceitei a publicação aqui no Brasil, sabia que, assim como fiz na Inglaterra no mês passado, teria de passar por algumas cidades para conhecer os leitores e ser visto por eles. Isso é importante, e é por esse motivo que eu o faço.

Entretanto, posso dizer que tenho sorte, porque os eventos daqui são bem

diferentes dos da Inglaterra, onde eu tive sessões de leitura e debate sobre o livro, além das noites de autógrafos. Quando fechamos os contratos aqui, apenas incluímos um dos eventos e, para a minha sorte, foi apenas as cerimônias com os autógrafos.

Cheguei ao Brasil há uma semana e quis logo cumprir com a agenda. Fiz o primeiro evento em São Paulo, depois fui para Curitiba e, por fim, chegamos ao Rio de Janeiro, o lugar em que eu queria estar desde que desembarquei no país. O motivo para minha ansiedade em estar aqui, bem como para esse evento terminar logo é apenas um: Liz.

Não vim apenas a trabalho para cá, não, eu apenas juntei o útil ao agradável, cumprindo minha agenda de compromissos e, ao mesmo tempo, resolvendo os assuntos que deixei inacabados por aqui.

Sorrio ao pensar na ilha Raj, em Angra, da qual eu sou o proprietário agora e onde pretendo passar boa parte do ano, escrevendo e, se tudo der certo, ao lado da mulher que sempre amei.

Não foi fácil convencer meu pai a vendê-la para mim, mas, enfim, o grande e poderoso Bill Palmer se rendeu.

— Você sabe que eu pensei que você fosse aquele que continuaria a trilhar o caminho dos grandes homens dessa família — ele me disse, sentado em seu escritório, um pouco antes de eu vir para cá. — Mas eu entendo que, depois de tudo o que você passou, queira tomar suas próprias decisões e fazer aquilo que ama. — Eu sorri, emocionado e surpreso, pois nunca esperara a compreensão dele. — Eu sou muito grato, meu filho, por ter tido a oportunidade de te ter de volta. Lamento que você não queira seguir com sua carreira de advogado, porque era um dos melhores, e que seu relacionamento com a Cassie não pôde ser retomado, mas entendo que não é ela quem você ama.

— Obrigado, pai — agradeci com sinceridade.

— Eu espero que ela seja digna do seu amor, Eric, e que vocês dois possam ser felizes.

— Eu também espero, pai. Eu a amei por toda a minha juventude e ainda a amo. Não sei se meu sentimento será correspondido, mas vou tentar essa última vez. Não posso ser covarde e desistir antes de tentar.

— Eu entendo, meu filho. — Ele se levantou, nós nos abraçamos e, para completar minha surpresa, ele declarou: — Estou orgulhoso de ser pai de um grande romancista.

Depois de todas as emoções que tive no escritório, ainda conversei com minha irmã e garanti a ela que não a deixaria nunca, que, sempre que ela quisesse, poderia ir se encontrar comigo no Brasil. Becca me desejou boa sorte e me cobrou, na maior cara de pau, a continuação do romance.

Meus amigos Phillip e Grace me acompanharam ao aeroporto e me deixaram ainda mais feliz ao anunciarem a espera de seu segundo filho. Phillip sempre foi meu melhor amigo, aquele que eu considerava um irmão, e ele estava visivelmente emocionado ao nos despedirmos, mesmo prometendo me visitar em breve.

Eu não via a Cassie desde que lhe contei que viria para o Brasil.

— Eric? — Jorge, um dos executivos da editora que comprou os direitos de reprodução dos meus livros, me chama. — Você não quer comer nada antes de descer?

Eu nego, ainda sentindo a indigestão do almoço causada pelo encontro inesperado que tive com David em um restaurante aqui na Barra. O médico ficou rubro como vinho tinto quando me viu e, como passou ao lado da minha mesa, parou para me cumprimentar. Eu, sinceramente, pensei em ignorá-lo, mas, como estava acompanhado por pessoas que sabiam que ele tinha sido meu médico durante minha recuperação, pus-me de pé e o saudei.

— David!

— Eric, como vai? — Ele me pareceu nervoso.

— Bem, obrigado.

Eu já ia me sentar novamente, quando um dos meus companheiros de refeição o convidou a se sentar conosco.

— Eu estou esperando uma pessoa... — Ele olhou em volta. — Mas acho que ele ainda não chegou. — E, contra tudo o que eu queria, sentou-se à mesa.

A conversa, a partir daí, girou em torno da área médica, principalmente sobre o meu tratamento, e os empresários – inclusive meu agente – o encheram de elogios pelo resultado.

— A fisioterapeuta que cuidou da reabilitação dele é ótima! — David comentou. — Eu sou suspeito por elogiá-la, porque, além de trabalhar para mim, Liz é minha namorada, mas...

— O quê?! — interrompi-o quase gritando.

Charles, o meu agente, colocou a mão sobre meu ombro, rindo sem graça, em um sinal para que eu me contivesse, porque estava óbvio para todos naquela mesa que a informação me pegara de surpresa e que não me agradara nem um pouco.

— Ah... — David se levantou sem me responder. — Meu companheiro de almoço chegou. Com licença!

Ele se levantou e foi ao encontro de um homem baixo e calvo, vestido de terno e gravata, que acenou para ele.

— O que foi aquilo, Eric? — Charles inquiriu baixinho para mim, mas eu não conseguia desviar os olhos do médico, sem poder acreditar no que ele havia

dito, com a mente fervilhando de possibilidades.

Não era possível que aquilo fosse verdade! Porém, e se fosse? E se Liz e ele estivessem se relacionando, qual diferença isso iria fazer? Eu não deixaria de tentar falar com ela por causa dele, disso eu tinha certeza. Eu corri esse risco ao deixar passar todos esses meses antes de voltar para conversar com ela, mas não me arrependo disso. Ela precisava desse espaço para poder analisar suas emoções e ter certeza do que sentia. Eu não quero ter a sombra de Thomas entre nós, e, se ela me quiser, terá de deixar bem claro que é só a mim que ama, somente a mim.

Penso na minha programação, no encontro com ela, que terei amanhã, pois já consegui seu endereço e irei até lá. Eu poderia ter entrado em contato por telefone, mas não quis, achando melhor olhar dentro dos seus olhos quando disser que ainda a amo e perguntar se poderei tê-la comigo para sempre.

— É agora! — Charles me chama, desviando meus pensamentos, e eu me ponho de pé, ensaiando um sorriso. — *Show time!*

Faço uma careta ante a expressão, pois vejo isso apenas como um conhecimento, um protocolo. Não me sinto um astro de nada, não me sinto um...

A gritaria quando eu apareço é infernal, e eu franzo as sobrancelhas, mesmo acenando e sorrindo. Deus do Céu, nunca pensei que isso seria assim! Em todo lugar por onde passei, a reação foi a mesma, gritaria, tumulto e muitos sorrisos para fotos. Charles sempre brinca comigo dizendo que minha aparência ajuda a vender livros, mas eu prefiro ignorar essa parte, continuando a pensar que os leitores estão aqui apenas pelo livro.

Chego à metade das escadas antes de passar pela área cercada que dá acesso à mesa de autógrafos, mas paro, sem chão, ao ver uma mulher em um vestido branco colado a um belíssimo corpo bronzeado, com cabelos cheios e cacheados, sozinha entre as mesas com livros, encarando-me.

Liz!

Não consigo me mexer. Mesmo escutando meu nome sendo chamado por Charles, não movo um só músculo. Na minha mente começam a passar inúmeras cenas, desde ela me dizendo que queria me ver até ela fazendo um escândalo por eu ter escrito sobre nossa história de adolescentes na ilha. No entanto, ela sorri para mim, e eu noto que está abraçando o livro contra o peito.

Nada mais faz sentido para mim aqui. Já não escuto o barulho, nem a gritaria, muito menos meu nome sendo anunciado pelos alto-falantes da loja. Termino de descer as escadas, mas, ao invés de seguir pelo corredor isolado, atravesso a fita que cerca o local, entrando no meio das pessoas que gritam sem parar.

Há um pandemônio à minha volta, sinto-me sendo agarrado, beijado, livros

são enfiados na minha cara, mas eu só tenho uma meta em minha cabeça: chegar até ela.

Rapidamente o pessoal que está ajudando a organizar as coisas – que, por sinal, deve estar achando que enlouqueci – me ajuda a sair do meio dos leitores, e eu vejo Liz parada, rindo como uma diaba, mas com o rosto molhado de lágrimas.

— Você se tornou uma celebridade! — ela diz assim que ficamos próximo um do outro. — Achei que eles iam te esmagar ali e...

— O que você veio fazer aqui, Liz? — disparo, com o coração na boca, torcendo para ouvir as palavras que nem em sonho imaginei que ela falaria.

— Você escreveu sobre mim. — Ela se aproxima mais, andando devagar. — Sobre nós. E eu queria dizer algo sobre isso. — Não me movo, deixando-a vencer o restante da distância que nos separa. — Não li o livro ainda, mas peguei um *spoiler* na internet.

Levanto uma sobrancelha e cruzo os braços sobre o peito.

— Eric? — Charles me chama. — Eric, o que está...

Ignoro meu agente, ainda mantendo contato visual com Liz.

— E o que esse *spoiler* dizia?

— Que ela o deixa por não saber se realmente o ama — sua voz fica trêmula. — Achei-a um tanto imatura e burra.

Eu rio, balançando a cabeça.

— Ele também não é reconhecido por ser um homem corajoso...

— Ah, mas ele é, sim! Veja bem, não li o livro ainda, mas tenho certeza de que ele é o homem mais corajoso que eu conheço, afinal, passou por toda aquela situação e não se entregou, não enlouqueceu e ainda teve forças para pedir a ela que o amasse de volta, como ele a amava.

— Mas ela não o amava, por isso foi embora.

Liz fica ainda mais perto de mim e, dessa vez, realmente há um silêncio assustador na livraria.

— Não, ela foi embora porque estava confusa e porque era uma medrosa. — Uma lágrima escorre em seu rosto. — Soube que terá uma continuação e já tenho *spoiler* dela também.

Eu rio, coração acelerado e uma vontade louca de tê-la em meus braços.

— Eu nem a escrevi ainda... — provoco.

— Ah, mas minha fonte é quente! Eu posso dividir a informação com você, mas, se for verdade, terá que confirmar. Temos um acordo? — Eu apenas concordo com a cabeça, controlando-me para não a agarrar antes que me diga o que quero tanto ouvir. — Ela vai perceber que o único homem que amou sempre foi ele. — Liz perde a expressão provocativa e soluça. — Ela vai procurá-lo,

mas vai achar que ele não a quer mais. — Eu franzo o cenho, sem entender essa parte. — Ela até vai pensar em esquecê-lo, mas vai perceber que não pode. Então... — Liz respira fundo. — Ela vai em um grande evento onde ele está com uma só esperança no coração.

Eu não me contenho mais e toco seu rosto, limpando uma lágrima em sua bochecha.

— Qual?

— Que ele ainda a ame. — Fecho os olhos, sem poder conter minhas lágrimas. — Que ele ainda a queira e a perdoe por ter sido uma idiota.

— Mas e ela? — pergunto baixinho. — O que ele mais quer saber é se ela o ama.

— Muito! — Liz chora. — Ela o ama muito e somente a ele, sem nenhuma sombra de dúvidas.

Beijo-a como gostaria de ter feito desde que a vi aqui, segurando-a pela nuca, meu corpo colado ao dela, minha língua saboreando a sua em um frenesi louco. Esqueço-me de onde estou e de que estamos cercados por pessoas com celulares com câmeras, registrando tudo o que acontece.

Quando separamos nossas bocas, rimos – mesmo em meio às lágrimas –, minha testa encostada na dela.

— Eu amo você, Liz — declaro-me. — Eu sempre amei você.

— Eu te amo, Eric — meu peito incha ao ouvir essa declaração com meu nome junto. — Eu tinha medo de que nunca pudesse dizer isso a você. — Ri. — É uma delícia dizer isso, enfim. Eu te amo! Eu te amo!

Volto a beijá-la, mas dessa vez sou interrompido por um pigarrear alto e um toque em meu ombro.

— Eric, há uma multidão à espera de...

Olhamos em volta, e Liz começa a rir, nervosa.

— Eu posso remarcar... — começo a dizer, mas ela me interrompe.

— Não, eu espero. Já demos um pequeno show aos seus leitores, agora dê atenção a eles. — Ela me beija. — Temos a vida inteira pela frente!

Eu entrelaço minha mão na dela, surpreendendo-a, e a levo comigo para a mesa de autógrafos.

Durante as duas horas em que fiquei na livraria, autografando, tirando fotos e conversando com leitores, Liz ficou ao meu lado. Muitos me perguntaram quem era ela, e eu fui sincero ao responder que ela era a minha musa

inspiradora, a mulher para quem eu escrevi cada uma das palavras daquele romance, cuja contracapa de cada cópia eu assinava.

Eu sei que, daqui por diante, essa será mais uma história explorada pelo pessoal do marketing e que muitos poderão desconfiar de que tudo foi arquitetado para promover o livro.

Contudo, sinceramente, não me importo com nenhum tipo de especulação sobre o que houve hoje. Nem mesmo em minha mente de escritor eu poderia imaginar que algo assim fosse acontecer, que a mulher que eu amei por toda a vida iria aparecer daquela forma para finalmente dizer que me ama.

Agora, após o evento, haverá um coquetel, mas todos entendem quando eu o declino e vou embora da livraria.

Liz fica surpresa quando percebe que eu irei dirigir, pois nunca tivemos essa experiência, e mais surpresa ainda quando nota que não estou indo para nenhum hotel, mas sim para um condomínio de casas aqui na Barra.

— Que lugar é esse? — pergunta-me assim que desce do carro, já dentro da garagem.

— Nossa casa, se você quiser. — Liz não consegue disfarçar o espanto. — Eu me mudei para cá de vez, Liz, embora precise confessar que não pretendo ficar muito por aqui.

Abro a porta da casa, e ela entra, notando que ainda falta o mobiliário, pois não comprei os móveis na esperança de que, se ela me aceitasse, me ajudasse a escolher cada um deles.

— Por que não? Você pretende morar nos Estados Unidos?

— Você aceitaria?

Ela ri.

— Eric, eu vou com você para onde quiser ir! — Abraça-me. — Eu nunca mais quero ficar longe de você, então, não importa o lugar, desde que você esteja lá, estará tudo bem para mim.

Levanto-a nos braços, como sempre sonhei em fazer, e ela solta um gritinho de espanto, mas depois começa a rir. Subo as escadas com ela no colo, mais devagar do que gostaria, porém, feliz por poder fazer isso.

Abro a porta do quarto que, diferentemente do restante da casa, já se encontra mobiliado com o item mais importante na minha opinião: uma cama *king size*.

Deposito-a sobre os lençóis novinhos, beijando-a sem parar enquanto minhas mãos deslizam pelo seu corpo, lembrando-me de cada curva, volume e temperatura. Liz começa a desabotoar minha camisa em verdadeiro desespero, arrancando alguns botões, deixando-me ainda mais excitado.

Separo-me dela e tiro a peça de roupa do meu corpo, bem como abro as

calças e as abaixo junto com a cueca, deixando-me totalmente exposto ao seu olhar apreciativo.

Fecho os olhos quando sinto seu toque em meu pau, gemendo quando ela o beija, arfando quando o afunda em sua boca quente e molhada. Eu estava morrendo de saudade do seu toque, louco de desejo por ela, que foi aumentado não só pela distância, mas também pelos sonhos que tive em todas as noites em que ficamos separados. A realidade é muito melhor! Sua boca deslizando pelo meu comprimento, sugando, lambendo, enquanto eu a seguro pelos cabelos, é melhor do que qualquer sonho.

Ergo-a e arranco seu vestido sem nenhuma delicadeza. Ajoelho-me aos seus pés, deslizando minha língua por suas pernas até encontrar a calcinha branca rendada já completamente molhada. Aspiro o cheiro delicioso de sua boceta excitada, deliciando-me com as lembranças de seu sabor, sem poder me conter mais. Começo lambendo-a sobre o tecido da calcinha, mas minha perversa mulher não quer nenhuma barreira, então enfia a mão entre suas pernas e afasta a peça para o lado, deixando-me com acesso irrestrito ao seu sexo.

— Eric! — escuto-a gemer quando minha língua brinca em sua entrada e segue caminho até encontrar seu clitóris duro e sensível. Brinco com ele um pouco, mas depois recebo-o em minha boca, sugando-o sem parar.

Liz bambeia, e eu aproveito sua perda de equilíbrio para deitá-la na cama, abrindo suas pernas ao máximo, fartando-me de olhar sua carne úmida e inchada.

— Eu amo o seu gosto, Liz! — Beijo sua boca. — É como um vício, e eu preciso de uma dose todos os dias.

Volto à sua deliciosa boceta, dessa vez sem nenhuma brincadeira ou delicadeza. Sugo seu clitóris enquanto meus dedos exploram dentro dela, entrando e saindo. Reconheço o momento em que ela começa a gozar. Suas pernas se apertam contra minha cabeça, seus gemidos ficam mais fortes, e ela se movimenta contra a minha boca, contorcendo-se como louca. Sua excitação inunda minha boca, e eu me deleito com cada gota de seu gozo.

Ela ainda está gozando quando eu a penetro. Gememos juntos, balançando nossos corpos na dança mais antiga da Terra. Suas pernas abraçam minha cintura, e eu aumento a velocidade e a força de cada estocada, sentindo-me no limite do controle.

Não posso me impedir de gozar dentro dela, sem nenhuma proteção, quando Liz chega ao orgasmo mais uma vez. Eu apenas a acompanho, sentindo-me novamente no paraíso.

— Eu comprei a Raj, Liz — informo-lhe assim que ela sai do banheiro, cheirosa e enrolada em uma toalha, nessa primeira manhã em que acordamos juntos. — É lá que pretendo ficar por um tempo, escrevendo.

Ela arregala os olhos, e eu fico tenso.

— Eu soube que a ilha havia sido vendida, mas...

— Se você não quiser ir, eu fico por aqui mesmo, sem problemas. — Ela nega. — Deve ser ruim para você ficar presa...

— Eu nasci e cresci lá, Eric, lembra?

— Mas e seu trabalho?

Ela suspira e se deita ao meu lado, nua.

— Pedi demissão ontem. — Isso me surpreende, pois, embora eu queira saber se o que David falou no restaurante é verdade, eu não perguntarei diretamente. — Eu estava trabalhando na clínica do doutor Turnner, mas não deu certo.

— Por quê?

— Ele mentiu para mim. — Ela me olha. — Eu pedi a ele o seu contato pouco tempo depois que você voltou para os Estados Unidos. — Novamente me sinto surpreso. — Mas ele me disse que você havia retomado sua vida de onde a parou, que havia voltado a advogar e... a preparar o casamento com sua noiva.

— Filho da puta! — Eu me sento, sentindo meu sangue ferver. — Ele esteve no apartamento do meu pai, e na oportunidade Cassie estava lá, mas nós nunca voltamos, Liz.

— Eu a vi em uma foto com você.

— Éramos amigos e...

— E ela atendeu seu telefone quando liguei.

Arregalo os olhos, pego desprevenido pela informação.

— Você me ligou? — Ela assente. — Cassie atendeu e te disse que voltamos?

— Ela disse que era sua noiva. — Dá de ombros. — Disse que você estava no banho e que eu podia deixar recado, pois era sua noiva.

Passo as mãos pelos meus cabelos, estarrecido pela atitude de Cassie. Ela sempre soube que eu esperava uma ligação, uma notícia sobre Liz e me escondeu isso por todos esses meses!

Pela primeira vez, sinto-me traído por ela. Não a julguei por aquela situação ocorrida com Thomas, porque ela não teve culpa, mesmo não me contando o que

houve. Não a julguei por ter feito um acordo com ele para me fazer parar de escrever, porque entendi seu desespero. Todavia, agora, depois de ouvir o que Liz me contou, sinto o gosto amargo da traição. Ela se dizia minha amiga, afirmava que queria minha felicidade, mas me impediu de ter por vários meses a mulher que eu amo!

— Eric? — Liz me chama, preocupada.

— Eu estou enojado pela atitude dela — admito. — Cassie sempre soube o que eu sentia por você, sempre soube que eu estava à espera de algum contato seu...

— Mas ela o queria também, por isso mentiu. — Ela suspira. — Assim como o David fez.

— Sim. Eu o encontrei hoje. — Ela faz que sim, e eu imagino que David tenha dito a ela. — Ele me disse que você era sua namorada.

Liz ri e faz careta.

— Quase. — Eu franzo as sobrancelhas. — Eu estava me conformando em ter te perdido, e ele esteve ao meu lado durante esse tempo todo como amigo, então... me convidou para viajar com ele.

— Você foi? — pergunto, mordido pelo ciúme.

— Não. — Ela também parece aliviada. — E acho que, mesmo se você não voltasse, eu não teria ido.

Eu a abraço.

— Nunca mais quero me separar de você, Liz.

— Nem eu, Eric. — Ela me beija. — Eu amo você tanto que dói meu coração em pensar em te perder de novo.

Esfrego meu nariz no dela.

— Eu quero que você fique comigo a partir de hoje.

Liz assente, mas eu ainda preciso que ela entenda a dimensão do que estou pedindo. Levanto-me, indo até minha mala e pegando o objeto que trouxe na esperança de que tudo desse certo.

Visto minha cueca e uma bermuda sob o olhar questionador dela e me aproximo.

— Analiz Castro... — Ela arregala os olhos ao ver a caixinha em minha mão. — Você aceita ser minha para sempre?

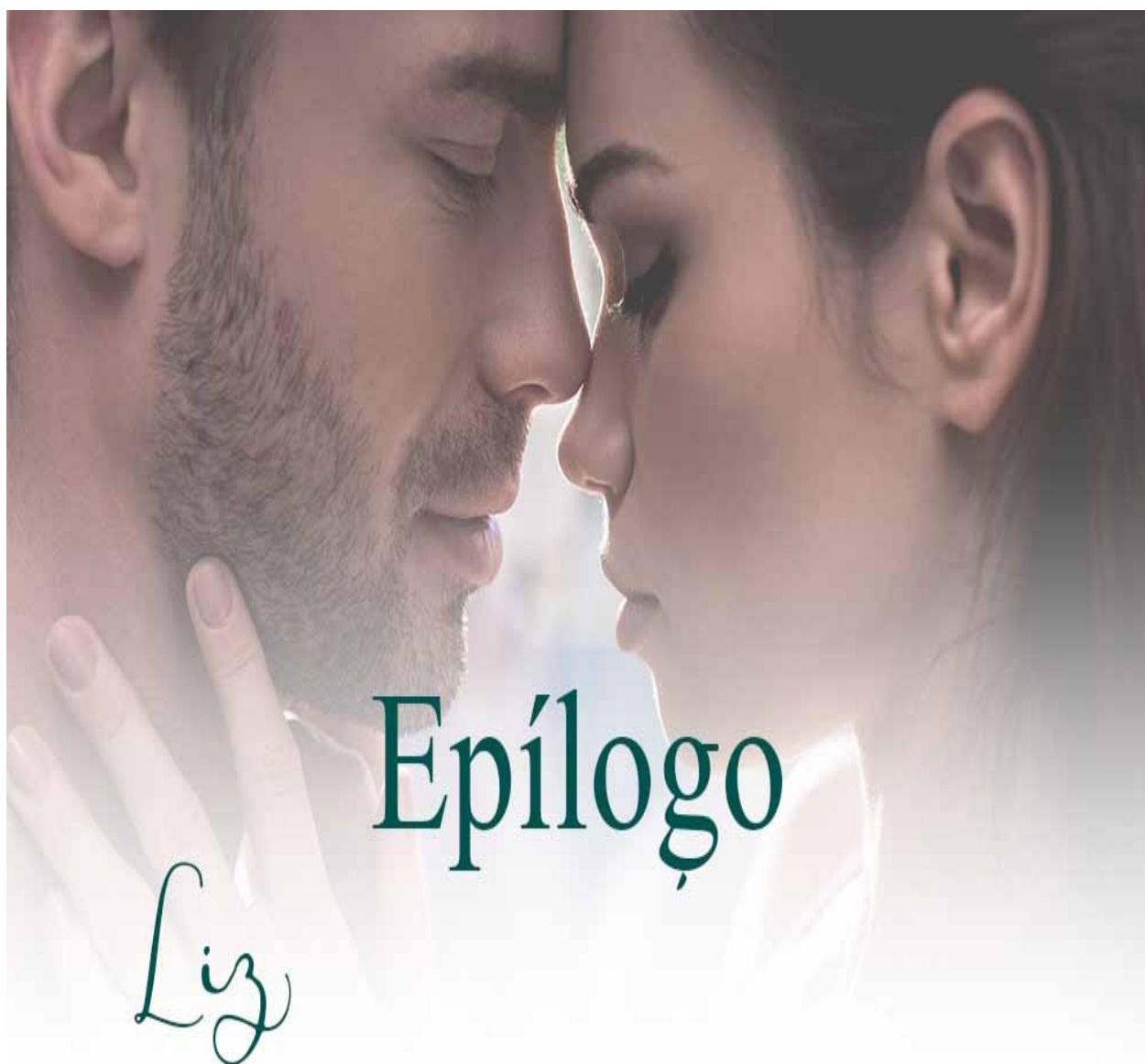
Seus olhos castanho-claros brilham com lágrimas, e ela assente sem dizer nada, apenas balançando a cabeça positivamente tantas e tantas vezes que eu temo pela saúde de seu pescoço. Assim que ponho a aliança em seu dedo, seguro seu rosto e a beijo.

Ela sorri olhando para a grossa aliança cravejada de diamantes em seu dedo anelar direito, como é o costume do Brasil, quando eu mostro a outra ainda

dentro da caixa.

— Li que aqui é costume o noivo também usar aliança. — Ela pega o aro simples, sem as pedras preciosas, e o coloca em meu dedo. — Eu sou seu, Liz, sempre fui.

— Eu também sou sua, Eric. — Puxa-me, deitando-me na cama com ela. — Para sempre.

— Para sempre! — repito antes de beijá-la.

Sinto borboletas no meu estômago.

É verdade, sinto mesmo, não é exagero. Faço a respiração que a Becca me ensinou há alguns instantes, olhando-me no espelho, tentando não suar. Mesmo com o ar-condicionado ligado, eu sinto o suor brotando nas minhas costas.

O cabelereiro desliga o secador – o que é um alívio –, e eu olho para as minhas madeixas mais controladas, embora ainda com cachos. A seda do roupão que uso está agarrada à minha pele, e minha perna não para de balançar.

— Ei, Liz, preciso que relaxe, senão vai acabar com a base de pele que já fiz — o maquiador, Jean, me repreende. — Com esse calor, não queremos uma noiva toda borrada, então... *take it easy*!

Respiro fundo mais vezes e fecho os olhos, deixando os dois profissionais

terminarem de me arrumar. Eu ainda tenho de colocar o vestido, receber as madrinhas, brindar, tirar fotos e aí, só então, eu vou poder ir com meu avô até onde Eric estará esperando por mim.

Sorrio ao pensar no meu futuro marido.

Eu nunca poderia sonhar ser tão feliz! Ele é tudo e muito mais do que eu mereço, é meu amigo, meu companheiro, meu amante, meu incentivador. Eu só tenho a agradecer a oportunidade que me foi dada de poder estar ao lado dele, de enxergá-lo, de amá-lo.

Há quatro meses Eric voltou ao Brasil e me deu a chance de consertar os meus erros, de deixar de bancar a medrosa e insegura e poder amá-lo da forma mais intensa e verdadeira. Há quatro meses eu entrei em uma livraria lotada de fãs enlouquecidas por ele, desejando tê-lo de volta.

Mal sabia eu que ele já havia decidido que eu seria dele e que até um anel de noivado já havia comprado. Rodo a joia no dedo, feliz em saber que, daqui a algumas horas, ela estará junto com a de casamento no meu dedo anelar esquerdo.

Eu serei a senhora Analiz Castro Palmer.

Meu estômago se agita novamente, e as lembranças desse tempo em que estamos juntos enchem minha mente.

No mesmo dia em que Eric me pediu em casamento, fomos para a Raj, não sem antes pegar minha mãe em Angra e levá-la a bordo do *Martha*, o iate que ele também adquiriu do pai.

Minha mãe chorava de felicidade e me abraçava – na verdade me espremia –, dizendo o quão feliz estava em saber que eu teria meu final feliz, que eu conseguiria ficar com o homem que eu amava, que eu seria amada e cuidada por ele para sempre.

Quando desembarcamos na ilha, encontramos o vovô saindo para pescar, com varas e uma caixa térmica na mão. Assim que ele me viu de mãos dadas com Eric, deixou cair tudo o que segurava e chorou. Eu fiquei estarrecida com a cena, pois nunca havia visto meu vô chorar, nunca.

Fui até ele preocupada e o abracei, perguntando se estava bem, mas ele estava tão emocionado que não conseguia falar. Foi o que bastou para mamãe voltar a chorar, e Eric e eu ficarmos olhando um para a cara do outro sem saber o que fazer. Então, seu Paulo foi até o homem da minha vida e o abraçou tão forte que Eric se uniu a ele no choro.

Eu sorri ao ver a cena, pois sempre soube do apreço do vovô por ele. Sinceramente, acho que meu avô sempre fez gosto de que nós dois ficássemos juntos, mas, como eu era uma idiota na época, nunca percebi o que ele já havia visto: o homem maravilhoso que Eric já era naquela época.

Entramos os quatro na casa principal, e Eric deu a notícia da compra da ilha, o que fez meu avô chorar novamente – eu nunca poderia imaginar que ele fosse tão emotivo – e, logo após, anunciou nosso casamento.

Enquanto meu avô e minha mãe me abraçavam e abençoavam a união, Eric tirou um champanhe de uma das sacolas que carregava, e nós brindamos a um novo tempo. Um tempo de felicidade, de harmonia e de amor.

— Sua história parece um conto de fadas, filha! — minha mãe comentou, e eu tive que concordar, porque Eric, com certeza, era um príncipe. O meu príncipe!

Ficamos na ilha por uma semana inteira, até o dia em que Eric me informou que teria de voltar para os Estados Unidos a fim de resolver alguns assuntos com a editora de lá. A minha surpresa foi que, dessa vez, eu iria com ele.

Eu nunca havia saído do país antes, não tinha nem passaporte! Voltamos para o Rio, e, depois de, em um tempo recorde, ele ter ajeitado minha documentação, inclusive a concessão do visto, eu já estava dentro de um enorme avião indo em direção a Nova Iorque.

O voo foi longo, fizemos conexão, e eu estava nervosa porque iria me encontrar com Bill, Mari e Becca, sem saber como seria a aceitação deles em relação a mim. Porém, assim que pisamos no JFK, quem estava nos esperando não era nenhum familiar de Eric, mas sim o mesmo amigo que eu vi na ilha havia meses.

— Liz. — Eric pegou minha mão. — Quero que conheça o Phillip, meu melhor amigo. — Eu tentei responder que já o havia conhecido, mas Eric prosseguiu, falando em inglês: — Phill, essa é minha noiva, Analiz.

O sorriso de felicidade na face do outro homem me fez relaxar e perceber que ele já esperava isso, pois provavelmente Eric lhe contara o que pretendia ao ir para o Brasil. Phillip me abraçou, desejando felicidades, e nos levou até o apartamento de Eric.

Eu só posso dizer o quanto fiquei encantada com tudo o que vi no trajeto, os prédios, as pessoas, todas seguindo num ritmo intenso e cada uma diferente da outra. Quando adentrei no apartamento, pude sentir a personalidade do meu noivo em todos os lugares, começando na sala, cheia de livros para todos os lados.

Em cima da mesa de centro vi uma porção de livros de viagens cheios de fotografias e informações sobre cada lugar. Em uma estante ao lado da escrivaninha, em frente para a porta dupla que levava até a sacada, mais umas dezenas de livros. Até mesmo na pequena cozinha eu achei um ou outro exemplar. E também notei a velha máquina de escrever.

Desempacotei minhas coisas, sabendo que ficaríamos na cidade durante

algumas semanas, adorando poder dividir o armário com ele, conhecendo suas roupas, seus objetos pessoais, estando verdadeiramente em seu espaço, e tudo o que vi só me fez ter certeza do homem que eu amo. Eric é a pessoa mais maravilhosa que eu conheço.

A primeira vez na casa de Bill e Mari Palmer foi cercada de insegurança e nervosismo, mas a madrasta dele me tratou muito bem, e o senhor Palmer foi um tanto frio no começo, mas depois conseguimos conversar normalmente, principalmente sobre a reabilitação do filho e o que eu imaginava fazer no futuro. Eu sei, eu entendi na época que ele me sondava para saber a possibilidade de irmos morar nos Estados Unidos de vez, mas eu sabia que Eric não queria.

Quando dona Willie chegou, eu senti a emoção no ar com o abraço apertado que a aparente senhora frágil me deu. Eu conhecia a senhora Willie desde a minha infância, e ela sempre me tratou muito bem, sempre foi muito educada e atenciosa. Conversamos animadamente sobre o casamento e, pela primeira vez, eu encarei que iria me casar com um homem de muito dinheiro e que os parentes dele esperavam uma festa grandiosa.

Becca estava viajando, por isso não me encontrei com ela naquela semana, mas, assim que voltou, foi nos visitar em casa e, mais uma vez, eu me senti aliviada por ser aceita pelo último membro restante da família Palmer com quem ainda não havia tido contato. Ela é uma menina doce, animada com a perspectiva de começar a universidade, mas ainda sem realmente saber o que gostaria de fazer.

Phillip e Grace ofereceram um jantar para nós dois no nosso primeiro final de semana em Nova Iorque, e enfim eu conheci o pequeno Eric. Foi incrível saber que os dois homenagearam o amigo que acharam que estivesse morto nomeando seu primeiro filho.

— O próximo, nós esperamos que seja uma menininha — Grace comentou à certa altura do jantar. — Vocês estão animados para ter alguns?

Eric me encarou com um sorriso e uma cara de safado que eu tive que apertar minhas coxas para não voar em cima dele e agarrá-lo na frente dos amigos.

— Ainda não conversamos sobre isso — ele esclareceu. — Porém, não é algo que estejamos evitando.

Somente depois que ele disse isso me lembrei de todas as vezes em que fizemos amor sem proteção e, como eu não tomava nenhum anticoncepcional, poderia realmente já ter acontecido.

Entretanto, não aconteceu. Estávamos havia duas semanas em Nova Iorque, e eu já tinha entendido a fama da cidade, pois saíamos à noite para nos divertir e nunca voltávamos para casa antes de o dia amanhecer. Frequentávamos

restaurantes, fomos à Broadway, boates, clubes, enfim, Eric sempre dizia que, como sabia que eu era festeira, queria que eu conhecesse o melhor do lugar. Na noite em que fomos a um clube de jazz onde eu, literalmente, fiquei de boca aberta com o talento musical da cantora, eu senti os primeiros sinais da menstruação. Confesso que fiquei triste, mas respirei fundo e pensei ainda ter uma vida inteira pela frente com Eric.

Conversamos sobre começar ou não um tratamento contraceptivo e decidimos que não, não íamos impedir; se acontecesse, seria a hora.

Voltamos ao Brasil e nos instalamos na casa da Barra da Tijuca. Entre decorar a casa, preparar o casamento e procurar emprego – eu não desisti da minha profissão –, os dias se passaram tão rapidamente que, quando me dei conta, faltava uma semana para esse dia tão especial.

Eu rio, lembrando-me da correria e da surpresa que entregarei ao meu noivo como presente de casamento.

Ouço um barulho altíssimo e olho para a porta da suíte, vendo Olívia e Gracie entrarem. As duas são minhas únicas madrinhas, pois eu e Eric decidimos que cada um teria apenas um casal ao seu lado, e claro, a escolha deles não poderia ter sido diferente.

— Hora de vestir a noiva! — Olívia anuncia, agitando uma garrafa de espumante.

Grace balança a cabeça, rindo.

— Vocês terão que beber sem mim — informa em inglês, passando a mão na barriga. Tenta falar em português: — *Eu não beber!*

Olívia gargalha da tentativa dela de se comunicar, pois minha amiga não fala nada em inglês, e Gracie pouco sabe o português.

O maquiador termina seu trabalho, desbloqueando minha visão do espelho, e eu arregalo os olhos, com um sorriso. Uau!

— Ai, amiga, você está linda! — Olívia exclama, limpando uma lágrima.

Eu concordo com ela, sentindo-me realmente bonita, amada, desejada, completa, mas não é por causa da maquiagem e dos cabelos.

Os profissionais nos deixam a sós, e Oli estoura o champanhe, fazendo festa com duas taças, uma para si mesma e outra para mim.

— Não vou beber, Oli — informo-lhe.

— O quê? Por que não?! — Ela faz cara de brava. — A gringa, eu entendo o motivo, mas você...

Olívia arregala os olhos, e eu confirmo.

Instantes depois, sou agarrada por duas mulheres em vestidos florais chorando e sorrindo ao mesmo tempo.

— Eric já sabe? — Grace me indaga em inglês.

— Ainda não contei para ele. — Viro-me para Olívia. — Eric ainda não sabe.

Ela assente, significando que já havia entendido em inglês.

— Há quanto tempo você sabe?

— Descobri na segunda-feira desta semana. — Sorrio ao me lembrar das minhas mãos trêmulas ao pegar o resultado quando completaram 10 dias de atraso do meu ciclo. — Na terça-feira fui ao obstetra, e está tudo bem, estou com cinco semanas.

Penso na ultrassonografia que tenho na suíte principal, que o cerimonial do casamento preparou para nossa primeira noite. Está lá uma pastinha com uma foto na qual não dá para ver nada, mas com informações importantes.

— Por que você não disse a ele? Quer fazer surpresa?

— Também é isso, mas...

Minha mãe entra como um furacão no quarto. Alguns fotógrafos a acompanham e começam uma sucessão de flashes registrando o brinde – que Olívia faz sozinha. Ela para ao me ver ainda de roupão.

— Liz, os convidados já estão todos aí fora! — Ela pega meu vestido de noiva, pendurado no closet. — Meninas, me ajudem a vesti-la.

Assim que mamãe abre a capa protetora, ouço o suspiro coletivo das três em cima do vestido de noiva. Sim, ele é lindo! Todo em renda chantilly, em estilo sereia, tomara que caia e com um decote em V nas costas.

— Espero que não caia mesmo! — Minha mãe exclama preocupada.

— Está bem justo, não vai cair! — acalmo-a, rindo.

Os fotógrafos nos deixam, e eu tiro o roupão, ouvindo outra exclamação.

Não, nada de lingerie virginal para mim! Estou usando uma minúscula calcinha de renda vermelha com um baita laço no bumbum e ligas de renda da mesma cor.

— É para combinar com os sapatos! — Aponto para os calçados vermelhos.

Depois que elas abrem o vestido botão a botão, eu entro nele e aguardo elas o fecharem.

— Minha filha... — a voz de mamãe está embargada. — Você está linda!

— Ah, mãe...

— Não! Nada de choro, Liz! — Olívia me repreende, e eu engulo as lágrimas. — Vamos só esperar o pessoal do... — ela nem bem termina de falar, e a cerimonialista aparece com meu avô a tiracolo.

— Está na hora!

Minha mãe sai da sala para encontrar-se com seu par de entrada, e eu sigo com meu avô.

— Eu nem posso falar o que estou sentindo, filha — a voz dele está mais

grave do que o normal. — Você parece uma princesa.

Sorrio e lhe dou um beijo na bochecha.

A cerimônia e a festa acontecerão no jardim lateral da casa, onde há uma bela vista do mar. Apesar de já ser fim de primavera, o tempo está limpo e firme e há um forte cheiro de flores no local, onde tendas de tecido nos esperam com nossos amigos mais íntimos e pessoas da família.

É uma festa pequena, para apenas 100 pessoas, mas estamos felizes por ter aqui quem é e foi importante em nossas vidas.

A música toca, a *Marcha Nupcial*, e, assim que eu vejo Eric em pé ao lado do juiz de paz, meu coração dispara. Meu noivo, meu futuro marido, o homem que eu amo mais do que poderia pensar amar alguém. Fecho os olhos, sorrindo, agradecendo a Deus a oportunidade de viver este momento, de viver este amor. Tudo o que ele passou foi trágico, mas possibilitou o nosso reencontro, possibilitou que nos apaixonássemos e fôssemos verdadeiramente felizes.

Foi aqui, há muitos anos, que uma menininha viu dois irmãos descerem do helicóptero e ficou encantada com a beleza deles. Foi neste lugar onde eu pensei ter me apaixonado por Thomas, mas foi aqui que eu realmente amei o Eric.

Encosto a mão na minha barriga disfarçadamente, pensando na reação dele ao saber da notícia, pois com certeza é algo que não esperávamos.

— Ainda não está cansada? — Eric pergunta baixinho ao meu ouvido.

— Não... Por mim, ficava aqui com você dançando até de manhã.

Ele ri e me aperta mais contra seu corpo.

— Sabe que eu tenho outros planos, não é? — Morde a pontinha da minha orelha, e eu gemo.

— Sei... — Encaro-o. — Lembra quando Oli casou e você me disse que queria dançar comigo? — Ele assente. — Eu sei que já dançamos várias vezes, mas hoje, neste lugar, neste momento, é especial.

— Eu amo você, Liz Palmer.

Beijo-o.

— Vamos para a suíte!

Ele imediatamente para a dança, pega-me pela mão e sai em disparada, desviando-se de alguns convidados remanescentes. São 3h da manhã, e a festa, que ocorreu na parte da tarde, ainda está resistindo bravamente, adentrando a madrugada.

Chegamos à suíte principal, que redecoramos com móveis novos para nossa

vida juntos, e eu suspiro ao ver as pétalas de rosas brancas pelo chão e dentro de peças de cristal com velas. Arranjos de rosas vermelhas estão espalhados pelo quarto, assim como uma mesa para dois com vários doces e frutas, e uma garrafa de champanhe aguarda no gelo, ao lado de duas taças de cristal.

Eric começa a tirar a roupa do casamento – ou o que restou dela –, começando pela camisa de linho branca e a calça cor de areia. Eu o admiro apenas de cueca, notando o quanto o corpo dele já está forte, lembrando-me de como ele malha pesado todos os dias.

Nossa rotina não pode ser mais maravilhosa, e eu amo vê-lo com suas facetas tão diferentes. O fitness, preocupado com a saúde e com o corpo, e o intelectual, de óculos de grau, escrevendo no computador a continuação da nossa história. Meu marido é uma caixinha de surpresas.

Vejo-o apenas de boxer branca caminhando até o champanhe, mas parando ao ver a pastinha envolvida em um laço azul e cor-de-rosa.

— Liz? — Ele a pega e lê o nome da clínica. — É o que eu...

— Nós vamos ser pais. — Ele abre um sorriso enorme e corre até onde estou para um abraço apertado. — Eric, mas não...

— Eu te amo, Liz! Você está me fazendo o homem mais completo e feliz deste mundo!

Ele soluça, abrindo a pasta. Eu fico tensa e o detenho.

— Antes, quero que saiba uma coisa.

Ele parece assustado.

— Algum problema?

Sorrio para acalmá-lo, mesmo me sentindo tensa.

— Não.

Solto a mão dele, e Eric abre a pasta, vendo a foto – na qual não dá para ver nada – e, em seguida, lendo o laudo. Primeiro ele franze a testa, parecendo não entender, mas depois me olha completamente estarrecido.

— Gêmeos?

Concordo, torcendo as mãos de nervosismo, pois sei que, neste momento, ele pensa em Thomas. Desde que a ultrassonografia mostrou dois sacos gestacionais, eu fiquei tensa, pensando na reação de Eric ao saber da notícia. Perguntei ao médico se já dava para saber se eram idênticos ou não, mas ele me explicou que ainda é muito cedo.

Questionei o fato de terem dois sacos amnióticos, porém, ele me esclareceu que, mesmo sendo gêmeos univitelinos – idênticos –, o mais comum é ter dois sacos, por isso ele ainda não podia afirmar nada.

— Eric? — eu o chamo depois de um tempo, quando ele ainda está vidrado no exame. — Amor, tudo bem?

— Gêmeos! — Eu assinto. — Deus, Liz...

— Ei, está tudo bem! — Pego-o pela mão. — Vocês dois foram um caso à parte. — Ele concorda. — A maioria é muito ligada e amiga.

— Eu estou feliz! — Sorri. — Estou mesmo, é só que a informação sobre serem dois me pegou de surpresa.

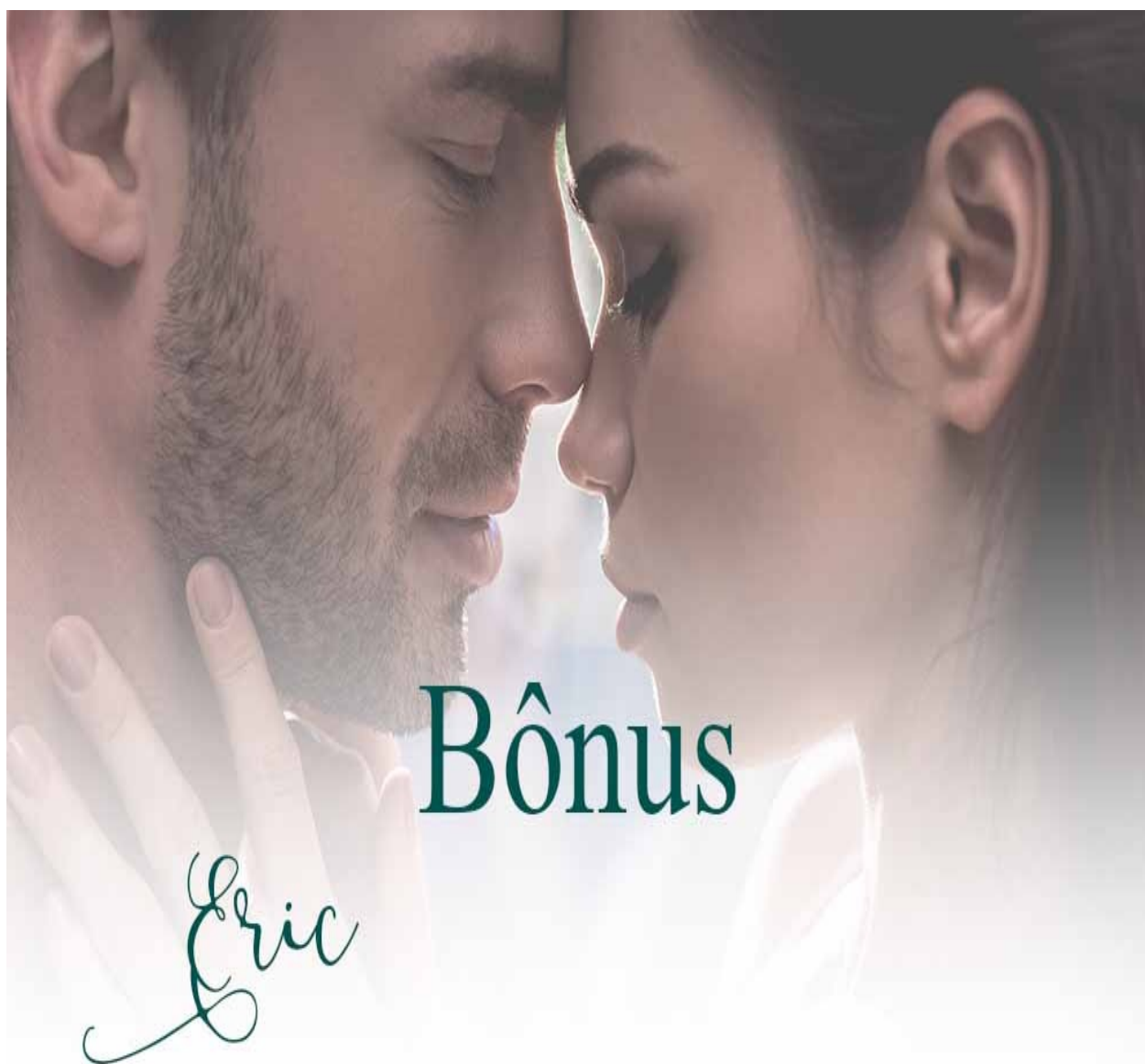
— Eu sei e já imaginava isso.

Ele fica um tempo me olhando.

— Você se sente bem? — Confirmo. — Deus! — Gargalha. — Dois de uma só vez!

Então, sem nenhum aviso, ergue-me nos braços e me leva para a cama.

— Eu amo você e prometo que farei de tudo para ser um ótimo pai e grande amigo de nossos bebês. — Meus olhos se enchem de lágrimas. — Eles ou elas serão amigos, companheiros, irão proteger um ao outro, defender e amar um ao outro. Eu prometo isso, Liz.

— Eu sei que eles irão, Eric. — Puxo-o para mim. — São seus filhos, não tem como ser diferente disso.

15 anos depois.

Eu me lembro de quando cheguei aqui pela primeira vez, há muitos anos. Respiro fundo, sentindo o cheiro do mar e ouvindo os sons dos pássaros atrás de mim e dos que estão sobrevoando a imensidão azul atrás de comida e me sinto inteiro de novo. Meu lar!

Sim, esta ilha, neste pedaço de mar calmo e cristalino dentro de uma das mais importantes baías do Brasil, é meu lar. É aqui que me sinto inteiro e confiante, é aqui que meus sonhos se realizaram e que eu encontrei o amor de todas as formas possíveis. O amor de uma mulher, de uma companheira e amante e, claro, o amor imenso que é ser pai.

Liz foi e continua sendo a única mulher que realmente amei. Descobri esse sentimento com ela. Mesmo não sendo correspondido, eu a amei, mesmo que ela não me enxergasse, eu a quis e durante muitos anos eu pensei que nunca poderia tê-la comigo. Eu achava que ela nunca me amaria como eu a amava.

Entretanto, mesmo para um homem que nunca acreditou muito no sobrenatural, eu sei que ela e eu nascemos para estarmos juntos. Tudo o que aconteceu ao longo da minha história, da nossa história, só me provou que Liz e eu erámos um só.

Nós somos um só!

Ouço uma barulheira desenfreada vinda da casa, recheada de muitos risos, e balanço a cabeça, repreensivo, mesmo com um enorme sorriso de satisfação.

É melhor eu retificar minha afirmação anterior para não levar nenhum de vocês a errar sobre nós.

Nós somos CINCO!

Sim, minha família é grande, barulhenta – o que pode parecer péssimo para alguém que precisa de silêncio para trabalhar –, mas eu não poderia ser feliz sem tê-la.

Há 15 anos eu estava aqui, nervoso e cheio de expectativa de tornar a menina da ilha, a minha morena de olhos dourados, minha sereia, em minha esposa. Minha Liz Palmer. O que eu não fazia ideia era de que, naquela tarde, eu não estava adicionando apenas mais uma pessoa à minha família torta, mas três pessoas!

Confesso ter ficado eufórico com a descoberta de que seria pai, porém, apavorado ao constatar que aquilo que foi uma maldição para mim a vida toda pudesse ocorrer com meus filhos. Ter um gêmeo poderia ser uma bênção ou uma maldição para a vida de um dos meus filhos, ou dos dois.

A gravidez da Liz foi incrivelmente tranquila. Mesmo tendo dois bebês dentro de si, ela continuou linda e cheia de disposição. Sabíamos que o parto poderia se adiantar, e ela, desde o começo, decidiu que iria deixar a natureza seguir seu curso e dar à luz de maneira natural. Foi uma correria, passamos vários meses aqui e, somente quando ela já beirava os sete meses de gravidez, nós nos instalamos de vez no Rio de Janeiro.

No dia do lançamento da sequência de “Invisível”, ela começou a sentir as dores do parto, e minhas duas meninas nasceram. Nós não tínhamos ideia do sexo, por opção, só sabíamos que eram idênticas, assim como Thomas e eu.

Não há no mundo palavras para descrever o que senti quando Phelippa e Rachel nasceram. Minhas meninas, fruto do grande amor que compartilho com a mulher que sempre quis. Eu, embora seja um escritor, fiquei sem palavras, sem ação e totalmente apaixonado por mais duas meninas.

Vocês não têm ideia de como o nascimento delas foi como um milagre para a família Palmer. Meu pai, quando as viu juntinhas, teve uma crise de choro tão forte que eu me assustei. O grandioso Bill Palmer se derreteu pelos dois seres pequenos e indefesos juntos, e o que ele me disse na ocasião foi mais alarmante do que sua reação.

— Elas me lembraram de vocês dois, Eric — confessou. — Quando Martha deu à luz dois meninos idênticos, eu me senti o homem mais feliz e realizado do mundo. Vocês dois eram minha maior riqueza, eram o que me fazia perceber o quanto todo o dinheiro da família era insignificante.

— Eu não fazia ideia de que o senhor se sentia assim...

— Eu me senti. — Suspirou. — Eu amava sua mãe; embora sempre tenha sido um homem reservado, eu a amava. Então, Thomas precisou ficar internado, e Martha esqueceu de tudo o mais.

— Se uma das minhas filhas precisasse da Liz, pai, eu teria prazer em ver minha esposa se dedicando e cuidando de nossa filha.

Ele concordou.

— Eu me doí pelo afastamento dela comigo, com você... — Nego. — Não entendi na época que Thomas precisava mais dela naquele momento. Talvez, se eu o tivesse feito, meu filho ainda estaria aqui e...

— Não vá por esse caminho, pai. Não vá.

Ele me abraçou forte.

— Seja um pai melhor do que eu fui, Eric. Elas duas merecem receber o mesmo amor e atenção de você. Eu prometo que tentarei ser um avô mais decente do que fui como pai.

— Você vai ser um grande avô, pai!

E ele foi, até o momento em que nos deixou, há dois anos. Papai lutou bravamente contra um câncer, recuperou-se, voltou a ser o homem forte que sempre conheci e nos surpreendeu quando resolveu se aposentar e viajar o mundo com a Mari. Naquela altura, minha irmã mais nova tinha acabado de se formar em Ciências Políticas e – pasmem – decidiu seguir o caminho traçado para ela pelo meu pai, porém, porque queria fazer a diferença. Hoje ela trabalha no Congresso e tenciona concorrer a uma vaga ao Senado daqui a alguns anos. Rebecca se tornou uma mulher forte, cheia de opinião, que luta pelo direito das mulheres com força ferrenha e que não aceita que tenha limites na política, embora a dos Estados Unidos seja muito conservadora. Pouco antes de papai falecer, ela ficou noiva de um dos senadores mais jovens já eleito, e ambos se casaram, apenas no civil, há alguns meses.

Mari voltou a morar aqui no Brasil e segue sua vida administrando algumas lojas que montou. A siderúrgica ficou sob o comando de um dos meus primos, e

nada poderia me deixar mais feliz do que não precisar ficar à frente dela, pois nunca foi o que eu quis.

Eu sou o que sempre quis ser, escritor, marido e pai.

— Ei! — ouço. Olho para o lado e vejo minha esposa, com seus cachos rebeldes e seu olhar alegre. — Já está anoitecendo, daqui a pouco os mosquitos vão fazer a festa em você.

Eu rio e a puxo para um abraço apertado.

Liz continua tão linda quanto no dia em que a reencontrei. Sua pele morena, seus cabelos, seu corpo, tudo é tão lindo como há 15 anos. Ela contesta isso, mas, para mim, ela é a mesma! Eu amo essa mulher, se possível, mais do que já a amava há 26 anos, quando tive que abrir mão dela para sempre e me senti despedaçado.

— Eu estava ouvindo o barulho das crianças lá dentro — comento. — Alguma chance de uma escapulida para a praia nessa madrugada?

Ela ri.

— Com todas essas crianças aqui? — Eu faço careta. — Mas podemos tentar!

Ah! Essa é minha sereia safada!

— Gracie e Phill chegam quando? — questiona. — Tomar conta de seis crianças é torturante.

Eu rio, sabendo que ela nunca vai conseguir enxergar nossos filhos e afilhados como adolescentes.

Eric, meu afilhado, é o mais velho, com pouco mais de 16 anos. Logo após vem Allegra, com 15 anos, a melhor amiga das minhas filhas gêmeas, ambas com 14 anos. Meus amigos ainda tiveram o Junior, que hoje tem 12 anos, e Liz e eu fomos surpreendidos com a chegada de William há sete anos. Esse é o mais novo e o mais deslocado do grupo, embora participe de todas as brincadeiras.

A ideia de virmos todos para cá a fim de passar o verão foi muito boa, porém, não contávamos que Phill ganhasse o cargo de juiz e que isso o deixasse completamente atolado de trabalho. Claro que, quando ele se candidatou, nós torcemos muito, porém, sabíamos o quão difícil seria concorrer em Nova Iorque, mas ele acabou sendo eleito. Por isso seus filhos vieram conosco, e eles chegarão na próxima semana apenas.

— Eles estão brigando muito?

— Não. — Ela ri. — Aqueles pestinhas são unidos demais, e é isso que me deixa de cabelos arrepiados! Um apronta e todos os outros encobrem. Você sabe como é... todos ficam de castigo para defender o meliante!

Eu gargalho do exagero dela.

— E seu informante? — pergunto, referindo-me a Will.

— Era inexperiente demais e foi pego. Agora, quando aprontam, deixam-no de fora ou o ameaçam... — Ri. — Acho que esses meninos poderiam ir para a CIA. Dariam ótimos espiões!

Sim, eu sei. Tenho uma série de livros de suspense e investigação cujas protagonistas foram inspiradas em Pippa e em Rachel. Minhas filhas com certeza são as mentoras de todas as aventuras do grupo, e Eric é o “homem da limpeza”.

Lembro-me de algo que aconteceu ontem e decido compartilhar minha preocupação com Liz.

— Ontem vi algo que não me agradou.

Ela suspira e me olha.

— O jogo de vôlei? — Franzo o cenho e concordo. — Fiquei pensando quanto tempo você levaria para digerir a situação, avaliar e vir conversar comigo. Demorou menos do que eu imaginava.

— Liz... você sabe que eu tenho medo de que...

— Eric, elas não são vocês. — Respiro fundo e olho para o mar, pensando na relação doentia que tive a vida toda com Thomas. — Confie no amor e educação que demos às nossas meninas.

— Eu confio! Mas, Liz... se realmente ela estiver...

— Ela está. — Ri. — Pippa é apaixonada pelo Eric há muito tempo.

Eu fico um tempo sem palavras, e Liz ri.

— Ela só tem 14 anos! — Recebo um olhar debochado e me lembro de que Liz tinha pouco mais do que isso quando eu, já universitário, apaixonei-me por ela. Ok, mas é minha filha! — Liz, Eric é o melhor amigo de Rachel. Os dois sempre foram muito mais ligados, enquanto Pippa sempre foi mais agarrada a Allegra.

— E? — Fecho os olhos e bufo. — Você não vê que isso pode criar uma competição e afastá-las? Por Deus, Liz!

Ela gargalha, e eu fico ainda mais puto! Imagens das minhas meninas crescendo, precisando de mim, passam a todo instante pela minha mente. Eu nunca pensei que, ao se tornarem adolescentes, eu deixaria de ser o herói delas, nunca pensei que elas pensariam em... homens! Deus! Estou ficando velho!

Liz começa a gargalhar ainda mais alto, e eu percebo que disse isso em voz alta. Agora elas pensam estar apaixonadas, daqui a pouco terão garotos batendo à minha porta, e depois... tremo só de imaginá-las nas mãos de cafajestes.

— Deus, Liz! Isso não é motivo para riso!

Ela me abraça forte e me beija.

— É claro que é! Nossas meninas são lindas, saudáveis e estão crescendo. É a ordem natural das coisas. Foi assim com Becca também, lembra?

Gemo ao me lembrar do primeiro namorado da minha irmã. Eu detestava o

homem e dei graças a Deus quando ela deu um pé na bunda dele.

— Eric, não seja ciumento, sim? — Ela desliza as mãos pelo meu corpo. — Senão você vai afastá-las, e aí, sim, será preocupante.

Eu concordo, mesmo não gostando.

— Eu tenho medo dessa situação com Eric, Liz. Não quero que a história se repita. Não quero que Pippa se sinta invisível enquanto vê Rachel e ele se dando tão bem. — Aperto-a contra mim. — Não quero que ela se sinta como me senti...

— Eric, eu amo você. — Eu beijo o topo da sua cabeça. — E entendo sua preocupação e seus medos, mas volto a repetir, nossas filhas não são vocês dois. — Ela se afasta e me puxa pela mão. — Vem, vamos entrar. O esquadrão tortura já deve estar aprontando alguma lá dentro com os empregados, e amanhã eu prometi ao vovô que iria levá-lo ao continente.

— Ele já dormiu? — indago esperançoso.

— Sim, ele continua dormindo cedo. Mas mamãe ainda estava acordada quando vim para cá atrás de você.

— Eu vejo seu avô e sinto falta da vovó Willie. Já vai fazer dez anos que ela se foi, mas eu ainda sinto muito a falta dela.

— Sua avó era uma das mulheres mais sábias que eu conheci, Eric. — Ela olha-me com um brilho diferente. — Você tem muito dela, e isso sempre me orgulhou.

— Eu te amo, minha leoa.

Ela ri e emite um rugido baixinho, e meu corpo inteiro responde ao seu sex appeal.

— Fugida para a praia de madrugada? — inquiro, esperançoso.

— Com certeza!

Eu a ergo nos braços e a levo para dentro.

— Ei, Rach!

Vejo Eric chamar minha filha e ela sair correndo em sua direção. Involuntariamente meus olhos buscam por Pippa, e a vejo sentada em uma das *chaises* do entorno da piscina, observando Rachel pular na água para brincar com Eric.

Suspiro, ainda preocupado com elas, com essa situação que está se desenrolando novamente.

Liz saiu de lancha logo pela manhã, levando sua mãe e seu avô para o continente, e eu fiquei encarregado do esquadrão bagunça. Todos resolveram ir

para a piscina – o que eu agradeci, porque ontem à noite Liz conseguiu perder a calcinha na praia, e eu estava preocupado de algum deles achar a peça rasgada na areia –, e apoiei um dia na água doce para variar.

Junior e Will estão jogando na casa da piscina, enquanto os outros ou estão na água, ou tomando sol. Eu, como sempre, vim até aqui para ficar de olho neles, esperando aprontarem a qualquer momento.

Entendam bem, eles não são maus, mas sabem aqueles filmes americanos com um monte de crianças aprontando várias juntos, levando os pais à loucura? Eu vivo num filme desses quando esses seis estão juntos, então é bom manter os olhos atentos.

Sobre meus joelhos está mais um manuscrito que voltou da revisão e que preciso entregar para o meu editor com a aprovação do que foi feito na obra. Eu gosto do trabalho do revisor e do copidesque, e eles se esmeraram nesse livro.

Além disso, sobre minha escrivaninha há o último contrato da venda dos direitos de meus livros de ação, que serão produzidos para o cinema em breve, já avaliado e aprovado pela Gracie, que detém a minha conta.

15 anos envolvido no ramo literário, e me sinto um vencedor. Minhas obras foram publicadas em mais de 100 países, já recebi inúmeros prêmios, e três livros foram produzidos entre filmes e séries. Não sou tão rico quanto minha família era, nem mesmo como Thomas era, mas existe algo mais importante para mim, a felicidade.

Eu sou um homem feliz!

Novamente olho de relance para Pippa, vendo-a com olhar perdido, enquanto Allegra está ao celular, provavelmente publicando em seu blog. Eric está falando algo no ouvido de Rachel, e isso me deixa alerta, pois, até onde sei, os dois são apenas amigos, mas, como sempre, sou o último a saber sobre o que se passa na cabeça desses adolescentes.

Eu me preparo para intervir na situação, quando, de repente, os dois saem da água. Eric vai em direção à casa, e Rachel corre até a irmã. Ela senta-se ao lado de Pippa e diz algo em seu ouvido que faz minha mais velha sorrir de orelha a orelha. Elas se olham, sem palavras, e de repente se abraçam apertado.

A cena me comove. Vejo a alegria das duas e, por algum motivo, sei que o que quer que Eric tenha dito para Rachel, ela transmitiu o recado à irmã.

Bem, eu faço uma anotação mental de manter meus olhos em cima de Pippa e de ter uma conversa “homem para homem” com meu afilhado, mas não posso dizer que desgosto da possibilidade de Eric ser meu genro, daqui uns dez anos, no mínimo. Ficará estranho, não nego, o pai e o namorado de minha menina com o mesmo nome, mas acontece!

Entretanto, toda a minha preocupação com esses adolescentes e seus

hormônios perde a força ao constatar que, o tempo todo, minha esposa estava com a razão. Minhas filhas são completamente unidas e amigas, a história não se repetiu e, tenho certeza, se ocorresse um fato parecido com o que me ocorreu, elas saberiam resolver.

Volto a me concentrar no manuscrito – claro que conferindo, de tempos em tempos, se as duas permanecem sob minhas vistas – e nem vejo o tempo passar. Logo sinto alguém se deitando ao meu lado e encaro minha esposa amada.

— Voltou! Finalmente...

— Larga de fazer drama, que você nem sabe que horas são! — Ela tira meus óculos de sol. — Aposto que estava tão entretido aí na leitura que nem viu que já entardeceu.

Rio, admitindo, porque ela me conhece bem demais. Distraí-me tanto que nem percebi que nenhum dos meninos se encontra mais aqui.

— Onde estão as "crianças"? — questiono.

— Vovô passou aqui quando chegamos, há quase uma hora, e os levou para pescar. — Ela me dá um sorriso malicioso. — Estamos sozinhos, o que...

Nem espero ela completar a frase e me levanto, arrastando-a comigo, pegando-a no colo e entrando correndo na casa. Há um local especial onde quero fazer amor com ela.

Abro a porta da sala de exercícios – onde ela e eu ficamos meses fazendo fisioterapia. Hoje é uma academia toda bem-montada, com equipamentos modernos para musculação, mas a piscina ainda continua lá.

Retiro seu vestido, beijando-a como sei que ela gosta, profundamente, minha língua brincando com a dela o tempo todo, e me afasto para contemplar seu corpo lindo.

— Você é linda, Liz. — Ela faz que não, e eu reafirmo. — Linda e gostosa!

Ela gargalha e puxa meu short para baixo, abaixando-se também.

Fecho os olhos ao vê-la de joelhos aos meus pés, avançando sobre mim para beijar meu pau e me levar à loucura com sua boca esfomeada. Eu nunca me canso de ser chupado por ela, nunca!

O boquete dura o suficiente para me levar à borda do gozo, então minha leoa se levanta, tira o biquíni que usa e se senta na borda da piscina. Eu não penso duas vezes e pulo de ponta, emergindo entre as pernas dela, abrindo-as devagar para retribuir as carícias na mesma proporção. Eu sou viciado no gosto da minha esposa, na maciez da sua boceta, na resposta de seu clitóris à minha língua. Sinto-me poderoso quando a faço gozar seguidamente apenas com a boca, levando-a a me implorar para parar.

Passo os dedos pelos lábios macios, encontrando-a molhada e pronta para mim. Liz me sorri, safada como sempre, e arreganha mais as pernas, facilitando

meu acesso. Seu sabor é como o paraíso. Ela mexe o quadril contra meus lábios, gemendo baixinho, agarrando-me pelos cabelos.

— Quero você, Eric.

— Como? — pergunto rapidamente, voltando a sugar seu clitóris.

— Dentro de mim. Com força. Fundo. — Geme, e eu sei que ela está prestes a gozar. — Me fodendo.

Liz arqueia o corpo para trás e geme alto, suas pernas apertam minha cabeça, sua boceta inunda minha boca, e eu bebo cada gota do seu prazer, deixando-me ainda mais duro, a ponto de doer.

Puxo-a para dentro d'água, já me encaixando entre suas pernas, metendo o mais fundo possível, como ela gosta. Liz me abraça com as pernas, e eu apoio uma das minhas mãos na base de sua coluna, fazendo-a me cavalgar de pé.

É torturante, cansativo e delicioso. Tesão, prazer e desespero nos deixando à borda da loucura, do gozo juntos.

Mordo seu ombro, e ela arranha minhas costas, enquanto nosso ritmo aumenta sem parar.

— Eu te amo, Liz! — revelo assumindo as estocadas rítmicas e fortes, segurando-a pelos cabelos. — Eu amo te foder.

Ela me aperta, e sinto seu orgasmo chegando mais uma vez. Beijo-a e me deixo acompanhá-la, gemendo como um bicho, boca com boca.

— Somos doidos! — ela exclama, rindo, exausta, ainda pendurada em mim. — Nem fechamos a porta! E se...

Ponho um dedo em sua boca, impedindo-a de falar.

— Eu nunca quero perder essa loucura com você. Nunca! Amanhã faremos 15 anos de casados, e quero que você saiba que meu amor mudou muito de lá para cá. — Ela franze a testa. — Cresceu, se fortaleceu e se eternizou.

— Ah... meu poeta! — Ela me beija com os olhos brilhando. — Eu sou a mulher mais sortuda do mundo por ter seu amor.

— É, sim. — Ela fica séria e levanta uma sobrancelha. — Mas eu estou aqui graças ao seu amor. Eu te vi, Liz, quando estava entre a vida e a morte. Eu nos vi juntos, de mãos dadas, aqui nesta ilha.

— Ah, Eric...

— Na época eu achei que era um delírio, porque nunca pensei que aconteceria. Mas, no dia seguinte ao nosso casamento, caminhamos ao pôr do sol assim, lembra? — Ela aquiesce. — Oli tirou uma foto nossa, e, quando a vi, tive certeza de que, por algum motivo, vi o futuro. A imagem era a mesma.

— Você nunca me contou isso...

— Na verdade, eu estraguei uma surpresa. — Ri, sem graça. — Amanhã, quando a Oli e o Diego chegarem com a moldura, finja surpresa, ok?

Liz gargalha, e eu a abraço.

— Vamos ter mais dois integrantes no esquadrão bagunça — ela informa e treme. — Meus afilhados são lindos, mas ajudam a botar fogo nos outros.

— O bom é que Will vai ter a companhia do Pedro, já que são da mesma idade. E o Junior vai se juntar com o Gustavo, então, tudo certo. — Ajudo-a a sair da piscina. — Hoje vi uma cena que me fez te dar razão.

— Sobre o quê?

— As meninas. Eric disse algo ao ouvido de Rachel, e ela contou a Pippa, e as duas se abraçaram muito felizes.

— Ah... então finalmente ele se declarou!

Eu arregalo os olhos e a encaro. Porra! Sou o último a saber?! Não é possível!

— A qual?! — pergunto irritado, e ela balança a cabeça.

— Eric e Rachel são os melhores amigos, mas ele sempre gostou da Phelippa.

Deus! Eu sou mesmo o último a saber!

— Temos que ficar de olho e...

— Ei! Acalme-se! Ela conversou comigo e disse que, embora goste dele, ainda não se sente pronta para...

Tapo os ouvidos e balanço a cabeça, recusando-me a ouvir mais. Minha menina é quase um bebê! Não posso nem sequer imaginá-la beijando ou... Tremo inteiro. Não posso imaginar, definitivamente.

— Liz...

— Confie nas suas filhas, Eric. — Eu balanço a cabeça afirmativamente. — Confie também no seu afilhado, ok? Eles não fariam nada que você não faria na idade deles e...

— Porra, Liz!

Ela gargalha e sai correndo da sala, molhada e vestindo apenas o vestido.

Eu fico um tempo parado, pensando, e então começo a rir. Eu comecei a gostar de Liz muito cedo, mas sempre respeitei sua idade e sempre respeitei seu avô. Eu conheço meu afilhado e sei que ele é bem parecido comigo em alguns aspectos, não só no nome.

Contudo, isso não quer dizer que eu não ficarei de olho.

Ah, não mesmo!

Fim

J. Marquesi é uma faz-tudo de 33 anos que começou a escrever na adolescência, em cadernos pautados. Acha-se uma metamorfose ambulante, pois já quis ser cantora, atriz, artesã, locutora de rádio, musicista, escritora e chef de cozinha. Atualmente é advogada, mãe e esposa, mas nunca deixou para trás seu sonho de um dia poder mostrar suas histórias a alguém. Já lançou cinco livros no site *Amazon*, a série Família Villazza, com quatro livros e um *spinoff*, série que está para ser lançada em formato físico.

Outras obras

NEGÓCIO FECHADO

Família Villazza, livro 1

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

Marina, com apenas 24 anos, carrega marcas profundas causadas pela perda dos pais e pela saudade. Sozinha, sem formação e experiência, ela vê a oportunidade de reconstruir sua vida trabalhando como camareira num luxuoso hotel do Rio de Janeiro.

Porém, a chegada de um misterioso hóspede e a atração irresistível entre eles desperta nela sentimentos nunca antes conhecidos.

Antonio é um italiano que mora no Brasil desde criança e já se considera um brasileiro. Ela carrega dentro de si um sofrimento que esconde de todos, embora essa dor norteie a sua vida, e nem todo o dinheiro que tem é capaz de amenizá-la.

Poderiam pessoas de mundos tão distantes viverem uma grande paixão?

LEGALMENTE ATRAÍDO

Família Villazza, livro 2

Disponível em e-Book
Compre aqui!

SINOPSE

Frank Villazza é conhecido como CEO playboy. Satisfeito com a vida que leva, charmoso, rico e bem-sucedido, ele não quer compromisso, e seus casos costumam não passar de uma noite. As únicas coisas que lhe importam são sua família, sua guitarra e suas amadas motos... e todas as mulheres gostosas que, como ele, queiram apenas diversão. Só que o destino traz uma advogada sexy e temperamental para trabalhar em sua empresa, deixando-o louco pelo desafio de torná-la mais uma em sua cama. O que o playboy não sabe é que ninguém pode controlar o destino (ou o coração).

Isabella Romanza sempre batalhou para se tornar a melhor advogada em sua área. É vista como uma mulher independente, capaz e determinada, mas por trás disso se esconde uma garota que foi magoada por um segredo que envolve a sua família e pela rejeição do homem que amava. Quando conhece Frank "Galinha" Villazza, teme que venha a se apaixonar e se dar mal novamente, portanto resolve não entregar seu coração, apenas seu corpo, ao sedutor cafajeste. Terá ela sucesso na empreitada de curtir sem se apaixonar?

SEGREDO OBSCURO

PARTE 1
Família Villazza, livro 3

Disponível em e-Book
Compre aqui!

SINOPSE

Ele não fazia parte dos planos dela.

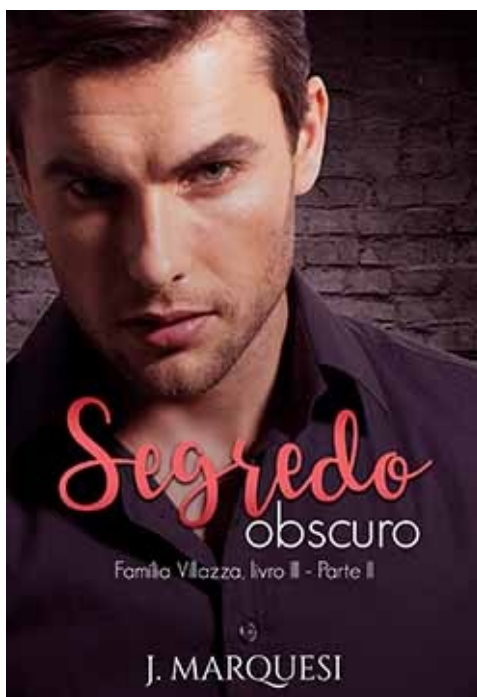
Ele poderia pôr tudo a perder.

Mas como resistir a uma atração tão intensa?

Giovanna Villazza desistiu de tudo para perseguir uma meta, e ela iria até o fim! Rica, mimada, herdeira de uma das maiores redes hoteleiras do mundo, ela carrega um segredo capaz de mudar sua vida para sempre. Decidida a ir atrás do que quer, ela pede demissão do cargo de diretora da empresa de sua família, na Itália, e muda-se para São Paulo, para trabalhar numa empresa de publicidade. Sua família pensa que ela quer independência, fazer o próprio nome, mas o que não sabem é que ela apenas está tecendo uma teia para alcançar seu objetivo.

Nicholas Smythe-Fox é um engenheiro premiado, com obras em vários países e fama internacional. Há 50 anos, seu avô fundou a Novak Engenharia, que se tornou a maior holding do Brasil, e, por causa da pretensão política de seu

pai, ele assume o cargo de CEO da empresa, um trabalho que ele não gosta tanto quanto o de projetar e acompanhar construções, mas que é parte do seu legado.

Giovanna e Nicholas não esperavam que a atração que sentiam um pelo outro fosse tão intensa. Esse sentimento se aprofunda, mas um segredo obscuro permeia o relacionamento dos dois, o que pode pôr em xeque todos os sonhos que ambos construíram.

SEGREDO OBSCURO

PARTE 2

Família Villazza, livro 3

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

Com a revelação do segredo obscuro de Giovanna Villazza, Nicholas Smythe-Fox não consegue perdoá-la por suas mentiras e, três anos após o término do relacionamento, ele se sente mexido com a volta da mulher que encheu seu coração de alegria, mas também de dor.

Giovanna não queria voltar ao Brasil nunca mais, porém, como seu irmão mais velho não poderá passar o Natal com sua família na Itália, ela decide passar um tempo com ele em São Paulo, onde ele mora atualmente. Mesmo depois de três anos, ela ainda conserva todos os sentimentos intactos por Nicholas. Entretanto, mais um segredo a faz querer estar longe dele.

Uma tragédia ocorre, tirando a paz dos Villazzas, trazendo os Novaks de Toledo de volta à convivência dessa família, reaproximando Giovanna e Nicholas, que precisarão unir esforços para se defender de um homem disposto a ir até às últimas consequências para ter o que quer: vingança.

Muitos segredos serão revelados, muitas máscaras cairão nesse último

livro da série Família Villazza.

ENCONTRO NÃO MARCADO

Spin-off da série Família Villazza

Disponível em e-Book
Compre aqui!

SINOPSE

Mel Boldani desistiu do amor!

Depois de passar anos amando em silêncio seu amigo de infância, ela o vê se apaixonar por outra. Desiludida e cansada de relacionamentos malsucedidos, ela decide focar apenas em sua carreira e no seu projeto de ter uma família através de uma produção independente.

Arquiteta de sucesso, Mel coleciona prêmios e fama no Brasil e no exterior, até seu mais recente projeto – uma filial brasileira da empresa americana de publicidade Parker – lhe causar muitas dores de cabeça. O motivo: o diretor da empresa no Brasil, Adam Carter, que vê defeito em todos os seus projetos, a ponto de deixá-la tão enraivecida que ela decide fazê-lo engolir cada questionamento sobre sua competência profissional.

Porém, o que ela não podia esperar, era que, ao invés de encontrar um americano frio, ela se viu de frente a alguém que já tinha lhe provado o quão quente podia ser... um homem sensual, ardente, demandante e com um charme de arrasar corações!

ATENÇÃO: CONTÉM SPOILERS DOS LIVROS ANTERIORES DA SÉRIE FAMÍLIA VILLAZZA!

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

Facebook | Fanpage | Instagram

Wattpad | Grupo do Facebook

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na Amazon indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

Notas

[← 1]

Nota da autora: Villard, Henry S. e James Nagel. *Hemingway no Amor e na Guerra*, 1989.

[←2]

Nota da autora: a unidade de medida usada para temperatura nos Estados Unidos é o fahrenheit. 1^{o} Celsius (utilizado no Brasil) equivalem 33,8^{o} Fahrenheit, ou seja, a temperatura em Los Angeles seria de 19^{o} Celsius.

[←3]

Nota da autora: Antoinette Perry Awards for Excellence in Theatre, ou mais comumente Tony Award, é o maior e mais prestigioso prêmio do teatro dos Estados Unidos, equivalente ao Oscar no cinema.

[←4]

Nota da autora: milhas (miles) é a unidade de medida usada nos Estados Unidos e equivale a 1,60934 Km, ou seja, eles já percorreram 281,635 Km dos 289,682 Km.

[←5]

Nota da autora: equivalem a 2º Celsius.

[←6]

Nota da autora: aeroporto T. F. Green, em Warwick, RI.

[← 7]

Nota da autora: Avalição Eletromiográficas são estudos ou métodos para o registro gráfico ou sonoro das correntes elétricas geradas num músculo ativo.

[←8]

Nota da autora: Tomografia Computadorizada.

[←9]
Nota da autora: Vila do Abraão é um bairro no Município de Angra dos Reis, situado na Ilha Grande.

[←10]

Nota da autora: frase do livro Sonho de Uma Noite de Verão, de William Shakespeare.

[←11]

Nota da autora: *La petite mort* em francês, também conhecida como “a pequena morte”, refere-se ao período refratário que ocorre depois do orgasmo.

[←12]
Nota da autora: loja de doces.

[←13]

Nota da autora: são as duas proeminências ósseas arredondadas que ficam de ambos os lados da articulação do tornozelo.

[←14]

Nota da autora: Dúvida Razoável (tradução literal), que, se comparado ao direito brasileiro, é semelhante ao *in dubio pro reu, ou seja, "na dúvida a inocência prevalece"*.

[←15]

Nota da autora: Olívia faz referência ao poema QUADRILHA, de Carlos Drummond de Andrade, que segue essa estrutura, embora os nomes originais não sejam esses.